A dramatic movie poster for 'The Perfect Storm'. The scene is set in a turbulent, blue sea with white-capped waves. A helicopter is being lowered into the water by a man who is hanging from a rope. The helicopter is positioned in the upper half of the frame, and the man is in the lower half. The overall color palette is dominated by shades of blue and white, with a bright light source creating a strong contrast. The text 'CLIVE CUSSLER' is at the top, and 'CHOQUE MORTAL' is at the bottom.

CLIVE CUSSLER

CHOQUE MORTAL

CLIVE CUSSLER



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Clive Cussler

CHOQUE MORTAL

Tradução: Luís Araújo



2013

Com profundo afeto a Dr. Nicholas Nicholas

Dr. Jeffrey Taffet & Robert Fleming

Capa

Rosto

Copy right

Dedicatória

Índice

A JANGADA DO GLADIATOR

RETORNO DA MORTE

A HERANÇA

Mapa Rota do Polar Queen

PARTE I

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

PARTE II

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

PARTE III

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

Mapa da Ilha Gladiator

Parte IV

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

PARTE V

58

59

A JANGADA DO GLADIATOR

17 de janeiro de 1856

Mar da Tasmânia

Dos quatro clíperes construídos em Aberdeen, na Escócia, em 1854, um se destacou dos demais. Foi o enorme Gladiator, com suas mil, duzentas e cinquenta e seis toneladas, seus cento e noventa e oito pés de comprimento e trinta e seis de boca, com três altíssimos mastros que se erguiam no céu com toda a elegância. Embora fosse um dos barcos mais velozes que já haviam singrado os mares, não deixava de oferecer perigo em águas agitadas, por causa de suas linhas demasiado finas. Com capacidade de navegar à mais leve brisa, foi aclamado como "fantasma". De fato, o Gladiator jamais se deixou paralisar por uma calmaria.

Desgraçada e imprevisivelmente, estava destinado ao esquecimento.

Seus proprietários adaptaram-no ao comércio australiano e aos negócios da emigração, e ele era um dos poucos clíperes projetados igualmente para o transporte de passageiros e de carga. Entretanto, como em breve se constatou, não eram muitos os colonos em condições de pagar o elevado preço da passagem, de modo que a primeira e a segunda classes costumavam ficar vazias. Acabou se tornando muito mais lucrativo obter contratos do governo para o traslado de presidiários ao continente australiano, o qual, naquela época, servia como o maior presídio do mundo.

O Gladiator ficou sob o comando de um dos mais tarimbados capitães de clíperes, Charles "Durão" Scaggs, que fazia jus ao apelido. Embora não costumasse açoitiar os tripulantes preguiçosos ou indisciplinados, era impiedoso na condução de seus homens e do barco nas rapidíssimas viagens entre a Inglaterra e a Austrália. Seus métodos agressivos deram resultado. Em sua terceira viagem, o Gladiator estabeleceu um recorde de sessenta e três dias, até hoje não superado por outro veleiro.

Scaggs competiu com os mais lendários capitães e barcos de seu tempo, como John Kendricks, do veloz Hercules, e Wilson Asher, do famoso Júpiter. Nunca perdeu. Invariavelmente, os comandantes rivais, que zarpavam de Londres horas antes do Gladiator, encontravam-no já comodamente ancorado ao chegar ao porto de Sidney.

As viagens rápidas eram encaradas como uma bênção pelos presidiários, para os quais as terríveis travessias, que nos navios mercantes mais lentos chegavam a durar três meses e meio, representavam um verdadeiro tormento.

Trancafados nos porões, os condenados eram tratados como gado. Alguns não passavam de criminosos inveterados; outros, dissidentes políticos; a maioria, uns pobres-diabos presos pelo roubo de uma peça de roupa ou de algumas migalhas com que matar a fome. Os homens eram mandados à colônia penal por todo tipo de delito, do homicídio ao mero furto de carteira. As mulheres, separadas deles por uma grossa anteparo, eram, em sua maior parte, condenadas por pequenos furtos em lojas. Não havia conforto algum. Estreitíssimos beliches, precárias condições de higiene e alimento pobre em nutrientes lhes eram oferecidos nos

meses de viagem. O único luxo eram as rações de açúcar, vinagre e suco de lima, para evitar o escorbuto, e meia dose de vinho do porto, para levantar o moral à noite. Faziam a travessia sob a vigilância de um pequeno destacamento de dez homens do Regimento de Infantaria de Nova Gales do Sul, sob o comando do tenente Silas Sheppard.

A ventilação era praticamente inexistente; o único ar vinha das escotilhas com grossas grades, que se mantinham bem fechadas e trancadas. Quando se encontravam nos trópicos, a atmosfera se tornava sufocante com o férvido calor. Sofriam ainda mais nos dias chuvosos, à mercê do frio e da umidade, jogados de um lado a outro pelas vagas que arremetiam contra o casco, vivendo praticamente na escuridão.

Os médicos eram convocados a prestar serviço nos navios de presidiários, e o Glndiator não constituía exceção. O cirurgião-superintendente Otis Gorman fora encarregado do estado geral de saúde dos presos e, quando o tempo permitia, providenciava para que fossem levados à cobertura em pequenos grupos, para respirar ar fresco e fazer ginástica. Era motivo de orgulho dos médicos jactar-se, ao chegar ao porto de Sidnei, de não haver perdido um só prisioneiro. Gorman, um homem compassivo, cuidava de seus tutelados, aplicando-lhes sangria quando necessário, lancetando abscessos, fazendo curativos em cortes e bolhas, e inclusive supervisionando a desinfecção das latrinas, da roupa lavada e dos baldes de urina com cloreto de cálcio. Quase sempre recebia uma carta de agradecimento dos condenados ao desembarcar.

Durão Scaggs não costumava fazer caso dos infelizes trancafiados nos porões. A única coisa que o preocupava era a navegação rápida. Sua disciplina férrea e sua agressividade rendiam bons lucros aos felizes armadores, ao mesmo tempo em que os tornaram imortais, a ele e à embarcação, nas lendas dos cliperes.

Nessa viagem, ele estava farejando um novo recorde e não dava atenção a mais nada. Havia cinqüenta e dois dias saíra de Londres, no rumo de Sidnei, com uma carga de mercadorias e cento e noventa e dois presidiários, entre os quais vinte e quatro mulheres; levou o Gladiador a seus limites extremos, raramente recolhendo velas durante as fortes ventanias. Sua perseverança foi recompensada: em vinte e quatro horas percorreu incríveis quatrocentas e trinta e nove milhas.

E então, a boa sorte o abandonou. O desastre assomou no horizonte, à popa.

Um dia após a segura passagem do Gladiador pelo estreito de Bass, entre a Tasmânia e o extremo sul da Austrália, o céu do entardecer cobriu-se de ominosas nuvens negras, as estrelas sumiram e o mar se encapelou. Scaggs ignorava que um tufão, vindo do sudoeste, além do mar da Tasmânia, estava a ponto de se abater sobre o navio. Por ágeis e resistentes que fossem, os cliperes nada podiam contra a fúria do Pacífico.

A tempestade revelou-se o mais violento e devastador tufão na memória dos ilhéus dos mares do Sul. O vento adquiria velocidade a cada instante. O oceano transformou-se numa sucessão de convulsionadas montanhas que, vindas da escuridão, arremetiam contra o flanco do Gladiador. Scaggs demorou demais a ordenar que se rizassem as velas. Uma lufada feroz atingiu a lona exposta, espedaçando-a, mas antes partiu os mastros como se fossem palitos de fósforo, e arremessou na cobertura os ovéns e as vergas. A seguir, como que numa tentativa de limpar aquela desordem, as ondas impetuosas despejaram no mar o que restava dos mastros. Uma vaga de nove metros explodiu na popa e rolou por cima da embarcação, esmagando o camarote do capitão e destruindo o timão. Varridos foram os botes, o leme, o camarim de governo e a plataforma. As

escotilhas se romperam, e a água passou a entrar livremente nos porões.

Essa onda gigantesca e mortal converteu subitamente o outrora gracioso clíper numa impotente e mutilada nau sem rumo. Jogado de um a outro lado, como um pedaço de pau, ele se tornou ingovernável no mar encolerizado. Não restou à desgraçada tripulação e à carga de prisioneiros incapazes de combater a tormenta senão encarar a morte enquanto esperavam, aterrorizados, que a embarcação desse o seu der- radeiro mergulho nas inquietas profundezas.

Passados quinze dias sem que o Gladiador chegasse ao porto, enviaram-se navios para retrazar as conhecidas passagens do clíper pelo estreito de Bass e o mar da Tasmânia, porém não encontraram vestígio de sobreviventes, cadáveres nem destroços flutuantes. Seus proprietários o deram por perdido, o seguro foi cobrado, os parentes dos tripulantes e dos presidiários choraram sua morte e a lembrança da embarcação começou a se apagar.

Alguns navios tinham reputação de esquifes flutuantes ou naus do inferno, porém os capitães rivais, que conheciam Scaggs e o Gladiador, limitaram-se a sacudir a cabeça e considerar o gracioso clíper desaparecido vítima de seus delicados atributos e do modo agressivo como Scaggs o tratava. Dois homens que nele tinham navegado sugeriram que o Gladiador devia ter sido bruscamente atingido por uma rajada de vento e, ao mesmo tempo, por uma onda que rebentou na proa, sendo que as duas forças combinadas o empurraram abaixo da superfície, enviando-o como chumbo ao fundo do mar.

Na sede do Lloyd's de Londres, a famosa companhia de seguros marítimos, a perda do Gladiador ficou registrada, no livro de derrota, entre o naufrágio de um vapor rebocador americano e o de um pesqueiro norueguês.

Passar-se-iam quase três anos até que o misterioso desaparecimento fosse esclarecido.

Inacreditavelmente, sem que o mundo marítimo tomasse conhecimento, o Gladiador continuou flutuando após a passagem do terrível tufão. Apesar de tudo, o castigado clíper sobrevivera. Todavia, o mar estava entrando pelos rombos do casco a uma velocidade alarmante. No começo da tarde seguinte, havia quase dois metros de água nos porões, e as bombas travavam uma batalha perdida.

A obstinada paciência do capitão Durão Scaggs não cedeu. Os tripulantes juravam que ele havia impedido o naufrágio por pura teimosia. Dava ordens séria e calmamente, recrutando os presidiários que não haviam sofrido ferimentos graves, jogados de um lado para outro pela violência do mar, para manejar as bombas enquanto a tripulação se concentrava no reparo do casco.

O resto do dia e a noite foram dedicados à tentativa de aliviar o peso da embarcação, jogando-se ao mar toda a carga, todos os utensílios e ferramentas que não fossem indispensáveis. Não adiantou. Perdeu-se muito tempo, e o esforço de pouco serviu. Na manhã seguinte, a água subira mais meio metro.

A tarde, o exausto Scaggs reconheceu a derrota. Nada do que ele ou quem quer que fosse pudesse fazer salvaria o Gladiador. E, sem botes salva-vidas, tratava-se apenas de procurar desesperadamente salvar as criaturas a bordo. Ele ordenou ao tenente Sheppard que soltasse os prisioneiros e os agrupasse na coberta, ante os olhos vigilantes do destacamento armado de soldados. Somente os que estavam ocupados com as bombas e os membros da tripulação que tentavam febrilmente vedar as aberturas do casco continuaram trabalhando.

Durão Scaggs não precisava do látego nem de pistola para manter O controle absoluto do navio. Aos trinta e nove anos, era um gigante com físico de pedreiro. Com um metro e oitenta e cinco de altura, tinha olhos verdes, cabelo negro, áspero, e uma vistosa barba lhe emoldurava o rosto curtido pelo mar e pelo sol, a

qual entranchava em ocasiões especiais. Sua voz grave e vibrante lhe reforçava a autoridade.

Olhando para os prisioneiros, ficou admirado com o número de feridos, com as contusões, as fraturas e as cabeças envoltas em ataduras manchadas de sangue. O medo e a preocupação se estampavam em cada rosto. Um horroroso grupo de homens e mulheres nos quais ele nunca pusera os olhos. Eram quase sem exceção baixos, magros e pálidos, certamente devido a toda uma existência de carência alimentar. Cínicos, impermeáveis à palavra de Deus, constituíam a escória da sociedade britânica, sem esperança de tornar a ver a terra natal, sem esperança de uma vida fecunda.

Ao deparar com os danos terríveis na coberta, os tocos dos mastros, a amurada espedaçada, os botes perdidos, aquela gente miserável se deixou dominar pelo desespero. As mulheres se puseram a gritar, apavoradas — todas, exceto uma, notou Scaggs, que se mantinha apartada do resto.

Ele teve brevemente o olhar na presidiária, mais alta do que a maioria dos homens. As pernas, que pareciam abaixo da saia, eram longas e macias; a cintura fina era toldada por um busto caprichosamente modelado, que se projetava sob a blusa. Vestia-se com asseio, e, em contraste com suas desgredhadas companheiras, o cabelo loiro, que lhe chegava até a cintura, brilhava com se tivesse sido escovado. Mantendo-se firme e altiva, mascarou o medo com um ar de desafio ao pousar em Scaggs os olhos azuis como os lagos alpinos.

Era a primeira vez que o capitão a notava, e ele se perguntou vagamente por que não tinha sido mais atento. Mas, voltando a concentrar o pensamento na emergência, dirigiu-se aos criminosos:

— Nossa situação não é promissora. Com toda franqueza, tenho de comunicar que o navio está condenado, e, com a destruição dos botes salva-vidas, não podemos abandoná-lo.

Suas palavras foram recebidas com diferentes reações. Os infantes do tenente Sheppard permaneceram imóveis e em silêncio, ao passo que muitos presidiários puseram-se a gemer e a lamentar-se tristemente. Na expectativa de ver o navio despedaçar-se em poucos segundos, diversos prisioneiros caíram de joelhos e imploraram salvação aos céus.

Fazendo-se surdo aos gritos aflitos, Scaggs prosseguiu:

— Com a ajuda de Deus misericordioso, vou tentar salvar todos os que se encontram no navio. Pretendo construir uma jangada grande o bastante para transportar todos até sermos salvos por alguma embarcação ou chegarmos ao continente australiano. Carregaremos amplas provisões de água e alimento, o suficiente para vinte dias.

— Se me perdoa a dúvida, capitão, em quando tempo acredita que seremos resgatados?

A pergunta foi feita por um homem corpulento, de expressão desdenhosa, cujos ombros e a cabeça ficavam acima dos demais. A diferença deles, estava bem-vestido e sem um fio de cabelo fora do lugar.

Antes de responder, Scaggs se voltou para o tenente Sheppard.

— Quem é esse dândi?

— Chama-se Jess Dorsett. Scaggs ergueu as sobranceiras.

— Jess Dorsett, o salteador? O tenente fez que sim.

— Exatamente. Acumulou uma fortuna antes de ser preso pelos homens da rainha. É o único de sua quadrilha que sabe ler e escrever.

Scaggs compreendeu imediatamente que o salteador podia ser útil se a situação

na jangada se tornasse ameaçadora. A possibilidade de um motim era muito concreta.

— Só lhes posso oferecer uma chance de sobrevivência, senhor Dorsett. Fora isso, nada posso prometer.

— Neste caso, que espera de mim e de meus degenerados amigos?

— Espero que todos os homens fisicamente capazes ajudem na construção da jangada. Quem se recusar ou fizer corpo mole será abandonado no navio.

— Ouviram, rapazes? — gritou Dorsett aos prisioneiros.

— É trabalhar ou morrer. — Voltou-se para Scaggs novamente. — Nenhum de nós é marinheiro. O senhor tem de nos ensinar o trabalho.

Scaggs fez um gesto na direção do imediato.

— Encarreguei o senhor Ramsey de desenhar a planta da jangada. Uma equipe de trabalho constituída pelos membros da tripulação que não estão ocupados em nos manter na superfície vai dirigir a construção.

Com um metro e noventa, Jess Dorsett parecia um gigante perto dos outros prisioneiros. Seus ombros cobertos por um caro paletó de veludo eram largos e fortes. O longo cabelo cor de cobre caía-lhe desleixadamente na gola do paletó. Tinha nariz grande, pômulos e queixo salientes. Apesar dos dois meses de sofrimento nos porões do navio, dava a impressão de estar saindo de um clube londrino.

Antes de se afastar, Dorsett e Scaggs entreolharam-se rapidamente. O imediato Ramsey notou a expressão intensa de ambos. O tigre e o leão, pensou. E perguntou-se qual deles sobreviveria à provação. Felizmente, o mar se acalmara; a jangada teria de ser construída na água, onde começariam por jogar o material. A estrutura básica foi montada com os restos dos mastros, unidos por uma corda resistente. Os barris de vinho e os toneis de farinha que se destinavam às tavernas e mercearias de Sídney foram esvaziados e atados no interior do estrado, para aumentar a flutuabilidade. Construiu-se, então, uma cobertura com grossas tábuas pregadas por cima dessa base, e cercaram-na com uma a murada que chegava à altura da cintura. Na proa e na popa ergueram-se dois mastaréis de reserva providos de velas e esteios. Quando concluída, a jangada tinha vinte e quatro metros de comprimento por doze de largura e, embora parecesse muito grande, quando se carregaram as provisões, sobrou pouco espaço para cento e noventa e dois presidiários, onze soldados e a tripulação, que era de vinte e oito marujos, inclusive Durão Scaggs, num total de duzentas e trinta e uma pessoas. No que se considerava a popa, prenderam um leme rudimentar a uma cana improvisada.

Levaram a bordo barriletes de madeira contendo água, suco de lima, carne de vaca e de porco salgadas, assim como queijo e várias panelas de arroz e ervilha preparadas na cozinha do navio; tudo foi colocado entre os mastros e amarrado sob uma enorme peça de lona, esticada sobre dois terços da embarcação como um toldo contra os raios ardentes do sol.

A partida foi abençoada por um céu límpido e um mar sereno. Os soldados, com seus mosquetes e sabres, foram os primeiros a embarcar. Depois, vieram os condenados, que se mostravam felizes por não com- partilhar o destino do navio, agora com a proa perigosamente afundada. A escada do navio não os sustentava a todos, de modo que a maioria desceu por cordas que pendiam do costado. Muitos saltaram ou caíram na água e foram recolhidos pelos soldados. Os feridos foram baixados por lingas. Surpreendentemente, o êxodo ocorreu sem incidentes. Em duas horas, as duzentas e três pessoas estavam a salvo na jangada, nos lugares designados por Scaggs.

A seguir, veio a tripulação. O capitão foi o último a abandonar a embarcação, já

muito inclinada. Jogou nos braços do imediato uma caixa contendo duas pistolas, o diário de bordo, um cronômetro, uma bússola e um sextante. Tinha calculado sua posição antes de descer, e não contara a ninguém, nem mesmo a Ramsey, que a tormenta havia desviado o Gladiador para bem longe das rotas normais de navegação. Estavam à deriva numa região morta do mar da Tasmânia, a mais de quinhentos e cinquenta quilômetros da praia australiana mais próxima, e, o que era pior, a corrente os arrastava para mais longe, para os mares vazios onde ninguém navegava. Consultou os mapas e constatou que a única esperança era aproveitar a corrente adversa e os ventos, e aproar para a Nova Zelândia.

Pouco depois de embarcar, cada um em seu lugar na lotadíssima coberta, os passageiros da jangada descobriram, com desânimo, que não havia espaço para que mais de quarenta pessoas se deitassem ao mesmo tempo. Era óbvio para os marinheiros que sua vida estava em grande perigo; a coberta da jangada ficava apenas dez centímetros acima da água. Face a um mar bravio, a embarcação e seus desafortunados passageiros submergiriam.

Scaggs pendurou a bússola no mastro diante da cana do leme.

— Fazer-se à vela, senhor Ramsey. Rumar a um grau e quinze a leste-sudeste.

— Ai, capitão, quer dizer então que não vamos tentar chegar à Austrália?

— Nossas melhores esperanças estão na costa ocidental da Nova Zelândia.

— A que distância o senhor calcula?

— Pouco mais de mil quilômetros — respondeu Scaggs, como se estivesse vendo uma linda praia no horizonte. Franzindo a testa, Ramsey olhou ao redor. Deteve-se num grupo de presidiários que conversava animadamente. Depois falou, num tom carregado e sombrio:

— Duvido que nós, tementes a Deus, sejamos salvos enquanto estivermos em companhia dessa escória.

O mar permaneceu calmo nos cinco dias seguintes. Os passageiros entraram numa rotina de disciplinado racionamento. O sol implacável transformava a embarcação num inferno. As pessoas desejavam desesperadamente saltar à água e refrescar o corpo, mas os tubarões já se aglomeravam, antecipando um fácil manjar. Os marujos jogavam baldes de água do mar no toldo de lona, coisa que não fazia senão aumentar a umidade sob ele.

O clima, na balsa, já começava a passar da melancolia à revolta. Aqueles homens, que tinham suportado dois meses de confinamento no escuro porão do Gladiador, foram se tornando indóceis sem a segurança do casco do navio, cercados pelo nada. E começaram a resmungar o a endereçar olhares ferozes a marinheiros e soldados, coisa que não passou despercebida a Scaggs. Ele ordenou ao tenente Sheppard que mantivesse os mosquetes carregados e permanentemente preparados.

Jess Dorsett estudou a mulher alta de cabelo dourado. Estava sentada junto ao mastro dianteiro, sozinha. Havia nela uma aura de valente passividade, um modo de desdenhar o sofrimento sem expectativas. Alheia às demais presidiárias, raramente conversava e preferia ficar apartada e em silêncio. Era, concluiu Dorsett, uma mulher de coragem.

Ele foi se aproximando furtivamente, entre os corpos aglomerados à bordo da jangada, até ser detido pelo olhar duro de um soldado que, com o mosquete, lhe fez sinal para que recuasse. O saltador, paciente, esperou a troca da guarda. A nova sentinela se pôs logo a contemplar com volúpia as presidiárias, que não tardaram a insultá-lo e dele escarnecer. Dorsett se aproveitou da distração para avançar até a linha imaginária que separava os homens das mulheres. A loira não o notou; seus olhos azuis estavam, fitos em alguma coisa que só ela podia ver

na distância.

— Procurando pela Inglaterra? — perguntou ele com um sorriso.

Ela se voltou e o encarou durante algum tempo, como que a decidir se devia ou não agraciá-lo com uma resposta.

— Por uma aldeiazinha na Cornualha.

— Você foi presa lá?

— Não, em Falmouth.

— Por tentar assassinar a rainha Vitória? Ela riu, e seus olhos brilharam.

— Pelo roubo de um cobertor.

— Você devia estar com frio. A moça ficou séria.

— Era para meu pai. Estava morrendo da doença do pulmão.

— Lamento.

— Você é o salteador.

— Era. Meu cavalo teve a perna quebrada e os homens da rainha me pegaram.

— E seu nome é Jess Dorsett.

Satisfeito por ver que a mulher sabia quem ele era, Dorsett indagou-se se ela não havia feito perguntas a seu respeito.

— E você é...

— Betsy Fletcher.

— Betsy — disse Dorsett com voz doce —, considere-me seu protetor.

— Não preciso de nenhum salteador de meia-tigela —

retrucou ela rudemente. — Sei me defender sozinha.

Ele fez um gesto na direção da horda que se acotovelava na jangada.

— Você pode precisar de um braço forte antes que tornemos a ver terra firme.

— Por que eu haveria de confiar num homem que nunca souou a camisa?

Dorsett a fitou nos olhos.

— Eu posso ter assaltado algumas carruagens, mas, além do bom capitão Scaggs, sou o único aqui que não se aproveitaria de uma mulher.

Betsy Fletcher se voltou e apontou para as nuvens sombrias que se acercavam rapidamente, acompanhadas de uma brisa fresca.

— Diga-me, senhor Dorsett, como vai me proteger daquilo?

— Não temos saída, capitão — disse Ramsey. — Acho melhor arriar velas.

Com uma careta, Scaggs fez que sim.

— Corte pedaços curtos da corda de reserva e distribua-as. Mande esses pobres-diabos amarrar-se à jangada para resistir à turbulência.

O mar começou a se agitar. A jangada passou a jogar e a girar quando as ondas se puseram a arremeter contra a massa de corpos aglomerados. Cada passageiro agarrava-se a seu pedaço de corda para preservar a vida; os mais espertos amarraram-se nas tábuas.

A tempestade foi muito mais amena do que o tufão que destruiu o Gladiador, mas, mesmo assim, em breve tornou-se impossível saber onde começava a jangada e onde terminava o mar. As vagas eram cada vez mais altas, a branca espuma a ferver na crista. Alguns tentavam se levantar, para manter a cabeça fora da água, mas a embarcação continuava a girar.

Dorsett usou tanto as mãos quanto a corda de Betsy para firmá-la ao mastaréu. Depois, envolveu-se no cordame da vela e, com o corpo, tratou de escudá-la contra o ímpeto das ondas. Como se não bastasse, a chuva os açoitava com a força de pedras atiradas por demônios. O mar destemperado investia em todas as direções.

O único som que se sobrepunha à fúria da tormenta era o das pragas veementes de Scaggs, que ordenava aos berros à tripulação que amarrasse com mais cordas

as provisões. Os marinheiros se puseram a lutar para prender os barriletes e engradados, porém uma onda gigantesca rugiu naquele momento e se precipitou na jangada, empurrando-a para o fundo. Durante quase um minuto, não houve ninguém naquela patética embarcação que acreditasse que ia sair vivo dali. Scaggs conteve a respiração, fechou os olhos e, sem abrir a boca, continuou xingando. O peso da água parecia querer espremer a vida dentro dele. Durante o que pareceu uma eternidade, a embarcação foi subindo lentamente na agitada massa de espuma, até reencontrar o vento. Os que não tinham sido jogados no mar respiraram profundamente e vomitaram a água salgada.

Olhando em volta, o capitão ficou aterrorizado. Todas as provisões haviam sido varridas; desapareceram como se nunca tivessem existido. O mais horrível era que o volume de caixas e barris tinha aberto uma avenida na massa de condenados, mutilando-os e jogando-os para fora com a força de uma avalanche. Seus patéticos pedidos de socorro ficaram sem resposta. O mar bravo tornava impossíveis as tentativas de salvamento, e os mais felizes não podiam senão lamentar o triste fim dos companheiros.

A jangada e seus desafortunados passageiros suportaram a tempestade a noite inteira, triturados pela agitação das ondas que se abatiam constantemente sobre eles. Na manhã seguinte o mar começou a serenar, e o vento se reduziu a uma leve brisa vinda do sul. Mas eles continuaram atentos às vagas ocasionais e traiçoeiras, que davam a impressão de desaparecer antes de rebentar na embarcação, tomando de surpresa os sobreviventes já quase afogados.

Ao ver-se finalmente em condições de ficar em pé e avaliar as dimensões do estrago, Scaggs constatou, chocado, que nenhum barril de água potável, nenhum engradado de alimento, fora poupado pela violência do mar. Outro desastre. As velas estavam reduzidas a alguns trapos de lona. Ele ordenou a Ramsey e a Sheppard que fizessem a contagem dos desaparecidos. O número se elevava a vinte e sete. Sheppard sacudiu tristemente a cabeça ao olhar para os sobreviventes.

— Pobres coitados, parecem ratos afogados.

— Mande a tripulação esticar o que resta da lona e recolher o máximo de água possível antes que pare de chover — ordenou Scaggs a Ramsey.

— Não temos onde armazená-la — disse ele solenemente. — E que vamos usar como velas?

— Depois que todos tiverem bebido o que puderem, vamos tentar consertar a lona e continuar nossa rota leste-sudeste.

Quando a vida renasceu a bordo, Dorsett desatou-se e segurou os ombros de Betsy.

— Está ferida?

Ela o mirou através das longas mechas coladas no rosto.

— Molhada como estou, eu não iria a nenhum baile na corte. Nem acredito que estou viva!

— Foi uma noite ruim — disse ele, com uma careta —, e acho que não foi a última.

Enquanto Dorsett a confortava, o sol retornou, como para vingar-se. Com o toldo destruído pela cólera da ventania e das ondas, não havia proteção contra o calor do dia. Não tardou a seguir-se o tormento da sede e da fome. Cada resto de comida encontrado entre as tábuas foi rapidamente devorado. A pouca água de chuva recolhida nos farrapos da lona acabou depressa. Quando os precários restos das velas foram içados novamente, tiveram efeito mínimo e mostraram-se quase inúteis para colocar a jangada em movimento. Com vento de popa, a

embarcação se deixava governar, mas as tentativas de lhe alterar o rumo acabavam deixando-a numa posição incontrolável, atravessada, com o lado para o vento. A impossibilidade de dar direção à jangada aumentou a frustração de Scaggs. Tendo salvo seus preciosos instrumentos de navegação, apertando-os ao peito durante a pior parte do dilúvio, tratou de determinar a posição em que se encontravam.

— Um pouco mais perto da terra, capitão? — perguntou Ramsey.

— Acho que não — disse Scaggs com ar grave. — A tormenta nos empurrou para o norte e para o oeste. Estamos mais longe da Nova Zelândia do que há dois dias.

— Não vamos durar muito no Hemisfério Sul, em pleno verão, sem água potável.

Scaggs apontou para as barbatanas que cortavam a água a uns quinze metros da balsa.

— Se não avistarmos um barco em quatro dias, senhor Ramsey, os tubarões terão um banquete suntuoso.

Os tubarões não precisaram esperar muito. No segundo dia, os corpos dos que sucumbiram aos ferimentos recebidos durante a tempestade foram jogados ao mar e desapareceram rapidamente numa agitação sangrenta. Um monstro parecia particularmente faminto. Scaggs o identificou como um grande tubarão-branco, temido como a mais voraz máquina mortífera dos mares. Calculou-lhe o comprimento entre seis e sete metros.

O terror eslava apenas começando. Dorsett foi o primeiro a prever as atrocidades que aguardavam os infelizes a bordo.

— Eles vão fazer alguma coisa — disse a Betsy. — Não gosto do jeito como estão olhando para as mulheres.

— De quem você está falando? — perguntou ela, os lábios ressecados. Tinha coberto o rosto com um lenço rasgado, mas seus braços nus e a perna abaixo da saia já estavam queimados, cobertos de bolhas.

— Esse bando vil de delinquentes na popa, liderados por Jake Huggins, o galês sanguinário. Ele é capaz de cortar a sua garganta com a mesma facilidade com que lhe diria que horas são. Aposto que estão planejando um motim.

Betsy olhou vagamente para os corpos estendidos na jangada.

— Por que queríamos tomar o comando disto?

— Vou descobrir.

Dorsett se afastou, passando por cima dos prisioneiros que se espalhavam na úmida coberta, esquecidos de tudo quanto os rodeava, entregues ao tormento da sede. Ele caminhou com dificuldade, aborrecido com as articulações endurecidas pela falta de outro exercício que não agarrar-se às cordas. Um dos poucos a ousar aproximar-se dos conspiradores, foi ter com a quadrilha de Huggins. Sem fazer caso dele, os bandidos continuaram murmurando entre si, deitando olhares ferozes em Sheppard e nos soldados.

— Que veio bisbilhotar aqui, Dorsett? — resmungou Huggins.

O marginal era baixo e gordo feito uma barrica, tinha longos cabelos cinzentos e cerdosos, nariz achatado e uma boca enorme; os poucos dentes podres que lhe restavam davam-lhe um aspecto medonho.

— Acho que você pode precisar de um bom homem para ajudá-lo a dominar a jangada.

— Está querendo participar da pilhagem e viver um pouco mais, não?

— Não vejo butim capaz de prolongar o nosso sofrimento — disse Dorsett com indiferença.

Huggins gargalhou, exibindo os dentes pretos.

— As mulheres, seu idiota.

— Mesmo morrendo de sede neste sol maldito, vocês conseguem pensar em sexo?

— Para um salteador famoso, você não passa de um bocó — retrucou Huggins, irritado. — Ninguém está querendo trepar. A idéia é cortar essas bonecas em pedaços e comer sua carne macia. Podemos guardar Durão Scaggs, os marinheiros e os soldados para quando ficarmos com fome de verdade.

A primeira coisa que ocorreu ao salteador foi que se tratava de uma piada de mau gosto, mas a inspirada maldade que brilhava nos olhos de Huggins, assim como seu sorriso horrendo, demonstrava claramente que ele não estava brincando. A idéia o encheu de repugnância. No entanto, consumado ator que era, Dorsett se limitou a dar de ombros.

— Para que tanta pressa? Pode ser que nos salvem amanhã.

— Tão cedo não vai aparecer nenhum navio, nenhuma ilha no horizonte. — Huggins fez uma pausa; depois contorceu o feio rosto numa expressão depravada. — Você está do nosso lado, salteador?

— Não tenho nada a perder se me juntar a vocês, Jake — respondeu Dorsett com um sorriso tenso. — Mas a loira alta é minha. Com as outras, podem fazer o que quiserem.

— Já vi que você gostou dela, mas meus rapazes e eu também gostamos. Vou deixá-lo ser o primeiro. Depois disso, ela será de todos.

— Fechado. Quando vamos começar?

— Uma hora depois do anoitecer. A um sinal meu, atacamos os soldados e pegamos os mosquetes. Uma vez armados, não teremos o menor problema com Scaggs e a tripulação.

— Como já estou instalado junto ao mastro da proa, eu me encarrego do soldado que está vigiando as mulheres.

— Está querendo ser o primeiro na fila do jantar, não?

— Só de ouvi-lo falar nisso, fico com fome.

Dorsett retornou para junto de Betsy, porém nada disse sobre o terror que estava prestes a ser desencadeado pelos presidiários. Sabia que Huggins e seus comparsas lhe estavam observando cada movimento, temerosos de que fosse alertar furtivamente a tripulação e os soldados. Sua única chance viria com a noite. Tinha de agir antes que Huggins desse o sinal para o início da revolta. Deitou-se tão perto de Betsy quanto consentia a sentinela e, arrastando-se até o lugar onde se encontrava o imediato, chamou-o com um abafado sussurro.

— Ramsey, não se mova, não mostre que está me ouvindo.

— O que é? — cochichou o outro, com mau humor. — Que você quer?

— Escute. Dentro de uma hora, os presos liderados por Huggins vão atacar os soldados. Se conseguirem matá-los, vão usar suas armas contra você e a tripulação.

— Por que hei de acreditar num criminoso como você?

— Se não o fizer, vão morrer todos.

— Vou falar com o capitão — resmungou Ramsey com desprezo.

— Não se esqueça de dizer que fui eu quem avisou. Dorsett voltou para junto de Betsy. Tirando a bota esquerda, torceu a sola e o salto, e dela extraiu uma faca com uma lâmina de dez centímetros. Depois sentou-se e ficou esperando.

Um quarto crescente começava a subir no horizonte, dando aparência fantasmagórica aos miseráveis passageiros da balsa; alguns deles se levantaram de súbito e avançaram para a área proibida no centro.

— Matem os porcos! — gritou Huggins, saltando à frente e assumindo a liderança do ataque aos soldados.

Meio enlouquecidos de sede e dando rédeas soltas a seu ódio pela autoridade, os prisioneiros, vindos de todos os lados, avançaram para o centro da embarcação. Uma descarga de mosquetes abriu rombos em suas fileiras; a inesperada reação os atordoou momentaneamente.

Ramsey tinha transmitido o aviso de Dorsett a Scaggs e Sheppard. Com os mosquetes carregados e as baionetas caladas, os soldados ficaram aguardando, ao lado do capitão e da tripulação, que se armaram com os sabres dos militares, além de martelos, machadinhas e todas as coisas à mão.

— Não lhes dêem tempo para recarregar, rapazes! — rugiu Huggins. — Ataquem!

A massa amotinada investiu novamente, e dessa vez foi recebida a golpes de baionetas e sabres. Mas nada era capaz de conter sua cólera. Precipitavam-se sobre o frio metal, muitos chegavam a agarrar com as mãos nuas as afiadas lâminas. Desesperados, todos se entregaram à carnificina no negrume do oceano e à sinistra luz do luar.

Os soldados e os marinheiros lutaram furiosamente. Cada centímetro da jangada foi tomado por homens ocupados em matar. Os cadáveres iam se empilhando, enroscando-se nos pés dos combatentes. O sangue banhou as tábuas da coberta, tornando difícil a todos manter-se em pé e quase impossível levantar-se após uma queda. Na escuridão, agora esquecidos da fome e da sede, eles pelejavam e se aniquilavam às cegas. Só se ouviam os gritos dos feridos e os gemidos dos moribundos.

Os tubarões, como que antecipando o festim, passaram a circular cada vez mais próximos da embarcação. A pontiaguda barbatana do Carrasco, o nome que os marinheiros tinham dado ao enorme tubarão-branco, sulcava a água a menos de cinco metros da jangada. Nenhum dos infelizes que caíam no mar tornava a subir a bordo.

Com cinco profundas feridas de sabre, Huggins se aproximou cambaleando de Dorsett. Tinha um pedaço de tábua lascada na mão erguida.

— Traidor filho da puta! — rosnou.

Dorsett se curvou para a frente, estendendo o braço que empunhava a faca.

— Mais um passo e você está morto — disse com calma.

Enfurecido, Huggins retrucou:

— É você quem vai servir de jantar aos tubarões, salteador!

E, baixando a cabeça, arremeteu, brandindo feito uma foice o pedaço de pau.

No instante em que foi atacado, o salteador se jogou de quatro no chão. Incapaz de se deter, o enraivecido gales nele tropeçou e foi cair pesadamente mais adiante. Sem lhe dar tempo para se levantar, Dorsett saltou sobre suas costas gordas e, num movimento ágil, cortou-lhe a garganta.

— Você não vai comer mulher nenhuma esta noite — disse ao sentir o corpo de Huggins contrair-se antes de amolecer e tombar sem vida.

Dorsett matou outros três homens naquela noite fatal. Durante a batalha, foi atacado por um pequeno grupo de comparsas de Huggins, que estavam agredindo as mulheres. Liquidou-os um a um.

Betsy combateu a seu lado, gritando sem parar e cravando as unhas nos inimigos, como uma pantera. O único ferimento de Dorsett foi infligido por um homem que, com um grito de guerra, mordeu-lhe ferozmente o ombro.

A sangrenta batalha prosseguiu por mais duas horas. Scaggs e seus marujos, Sheppard e seus soldados lutaram desesperadamente, repelindo cada assalto e

contra-atacando. Muitas e muitas vezes, a massa ensandecida foi empurrada pelas fileiras cada vez mais escassas dos defensores, que a qualquer preço procuravam manter-se no centro da jangada. Sheppard tombou, apunhalado por dois criminosos. Ramsey sofreu graves ferimentos, e Scaggs teve duas costelas quebradas. Infelizmente, durante o conflito, os amotinados conseguiram matar e jogar no mar duas mulheres. Por fim, abatidos pelas terríveis baixas, um a um, ou aos pares, começaram a recuar para o perímetro da embarcação.

Ao amanhecer, viam-se mortos espalhados por toda parte. Estava pronto o cenário para o segundo ato daquele drama macabro. Ante os olhos incrédulos dos soldados e dos marinheiros, os presidiários começaram a cortar e devorar os antigos companheiros. Foi uma cena de pesadelo.

Fazendo uma grosseira contagem dos sobreviventes, Ramsey constatou com assombro que somente setenta e oito dos duzentos e trinta e um continuavam vivos. Num combate absurdo, pereceram cento e nove condenados. Cinco dos soldados de Sheppard tinham sumido no mar, e Ramsey contou doze mortos ou desaparecidos na tripulação do *Gladiator*. Era incrível que tão poucos tivessem vencido a tantos, mas os presos não estavam preparados para o combate como os soldados de Sheppard, nem eram tão endurecidos pelo pesado trabalho no mar como a tripulação de Scaggs.

A jangada passou a navegar bem mais levemente agora que a lista de passageiros tinha se reduzido a qualquer coisa em torno de cento e vinte e seis. Os restos dos cadáveres não devorados pela turba faminta foram jogados aos tubarões. Impotente para impedi-los, Scaggs reprimiu a náusea e tratou de olhar para outro lado quando a própria tripulação, igualmente alucinada pela agonia da fome, se pôs a cortar a carne de três dos mortos.

Dorsett, Betsy e a maior parte das mulheres, embora debilitados pelo tormento do estômago vazio, não foram capazes de se alimentar dos outros. Um aguaceiro que caiu na tarde lhes aplacou a sede; a fome, porém, não lhes dava trégua.

Ramsey se acercou de Dorsett.

— O capitão quer falar com você.

O salteador acompanhou o imediato ao lugar onde Scaggs estava deitado, com as costas apoiadas ao mastro da popa. O cirurgião-superintendente Gorman lhe bandava a caixa torácica com uma camisa rasgada. Antes que os cadáveres fossem jogados ao mar, o médico os despira e agora utilizava as roupas como ataduras. Com o rosto tenso de dor, Scaggs olhou para o salteador.

— Quero agradecer-lhe, senhor Dorsett, por nos haver alertado a tempo. Reconheço que as pessoas honestas que continuam vivas nesta embarcação infernal devem a vida ao senhor.

— Eu levo uma vida ruim, capitão, mas não me misturo com essa gentinha podre.

— Quando chegarmos a Nova Gales do Sul, farei o possível para convencer o governador a comutar sua pena.

— Fico agradecido, capitão. Estou a suas ordens. Scaggs olhou para a faca na cinta de Dorsett.

— Essa é a sua única arma?

— Sim, senhor. Funcionou admiravelmente ontem.

— Dê a ele um sabre — ordenou a Ramsey. — Ainda não estamos livres desses cães.

— Concordo — disse o salteador. — Eles não terão a mesma fúria sem a liderança de Jake Huggins, mas estão muito transtornados pela sede para desistir. Tentarão novamente quando escurecer.

Suas palavras foram proféticas. Por motivos conhecidos apenas pelos homens perturbados pela falta de alimento e água, os presidiários atacaram duas horas depois do pôr-do-sol. O assalto não foi impetuoso como o da noite anterior. Aqueles vultos espectrais se engalinharam, esbordoando-se e talhando-se; os corpos dos criminosos, dos marinheiros e dos soldados misturavam-se à medida que iam caindo.

A determinação dos condenados tinha sido abalada por mais um dia sem comer nem beber. Sua resistência diminuiu e rompeu-se repentinamente quando os defensores contra-atacaram. Debilitados, eles recuaram tropeçadamente. Scaggs e seus leais marujos os golpeavam no centro, enquanto Dorsett e o que restava dos soldados de Sheppard arremetiam pelo flanco. Em vinte minutos tudo estava acabado. Cinquenta e dois pereceram. Ao amanhecer, restavam apenas vinte e cinco homens e três mulheres dos setenta e oito da noite anterior: dezesseis presidiários, inclusive Jess Dorsett, Betsy Fletcher e duas outras moças; dois soldados e dez tripulantes do Gladiador, inclusive o capitão Scaggs. O imediato Ramsey estava entre os mortos. O cirurgião-superintendente Gorman foi mortalmente ferido e faleceu naquela tarde. Dorsett recebeu uma profunda cutilada na coxa direita, e Scaggs teve de acrescentar às costelas quebradas uma fratura na clavícula. Curiosamente, Betsy se saiu apenas com pequenas contusões e cortes.

Os condenados estavam totalmente vencidos; nenhum escapara sem um ferimento grave. A louca batalha pelo controle da jangada estava encerrada.

No décimo dia daquele horrível transe, outros seis tinham morrido. Dois rapazes: um taifeiro com menos de doze anos e um soldado de dezesseis preferiram buscar a morte, arrojando-se no mar. Os outros quatro eram presos que sucumbiram aos ferimentos. Foi como se o número cada vez mais reduzido de sobreviventes estivesse diante de um delírio terrível. O abrasivo tormento do sol retornou como uma lebre ardente, acompanhada de delírios.

No décimo segundo dia, restavam apenas dezoito. Os que ainda conseguiam andar estavam andrajosos, com o corpo coberto de feridas, o rosto desfigurado pelas queimaduras, a pele coberta de escoriações provocadas pelas tábuas soltas e as imersões em água salgada. Encontravam-se muito além da desesperança, e seus olhos fundos começaram a ter visões. Dois marinheiros, jurando estar vendo o Gladiador, atiraram-se ao mar e nadaram na direção do navio imaginário até afogar-se ou ser capturados pelo indefectível Carrasco e seus companheiros.

As alucinações conjuravam imagens de mesas de banquete repletas de comida e bebida e de populosas cidades ou residências que ninguém visitava desde a infância. Scaggs imaginou-se sentado diante de uma lareira, com a esposa e os filhos, num chalé com vista para Aberdeen.

Posando em Dorsett um olhar súbito e estranho, disse:

— Nada precisamos temer. Mandeí uma mensagem para o almirantado. Vão nos enviar socorro.

Tão atordoada quanto o capitão, Betsy lhe perguntou:

— Que pombo o senhor usou para mandar a mensagem, o preto ou o cinzento?

Os lábios ressecados e gretados de Dorsett se torceram num doloroso sorriso. Surpreendentemente, havia conservado o juízo e ajudara os poucos marinheiros que ainda conseguiam trabalhar a reparar os danos na jangada. Tendo encontrado alguns farrapos de lona, ergueu um pequeno toldo sobre Scaggs. Betsy passou a tratar das feridas do capitão, devotando-lhe o mais delicado zelo. O capitão, o saltador de estradas e a ladra se tornaram amigos no lento decorrer das horas.

Como havia perdido os instrumentos de navegação durante a luta, Scaggs não tinha idéia de onde se encontrava. Mandou os homens pescar com barbante e improvisar anzóis com agulhas. A isca era carne humana. Os peixes menores não fizeram caso da oferta de comida. Curiosamente, nem mesmo os tubarões se interessaram por ela.

Dorsett amarrou uma corda no punho de um sabre e o arremessou no dorso de um tubarão-negro que estava perto da embarcação. Sem forças para lutar com o monstro das profundezas, amarrou no mastro a outra extremidade da corda. E esperou que o animal morresse para, então, tentar içá-lo a bordo. Não obteve por recompensa senão uma lâmina vazia, dobrada num ângulo de noventa graus. Dois marinheiros ataram as baionetas a pedaços de pau, improvisando arpões. Atingiram vários tubarões que, no entanto, sequer se mostravam incomodados pelas feridas.

Haviam desistido de conseguir alimento quando, no final daquela tarde, um enorme cardume de tainhas passou por baixo da jangada. Tendo entre trinta centímetros e um metro, podiam ser arpoadas e puxadas a bordo bem mais facilmente do que os tubarões. Quando o cardume se foi, sete corpos em forma de charuto e com a cauda bifurcada debatiam-se nas tábuas encharcadas da balsa.

— Deus não nos desamparou — murmurou Scaggs, olhando para os peixes prateados. — As tainhas geralmente habitam as águas rasas. Nunca as vi em alto-mar.

— É como se Ele as tivesse mandado diretamente para nós — disse Betsy, com os olhos arregalados diante de sua primeira refeição em quase duas semanas.

A fome era tal, e tão poucos os peixes, que tiveram de adicionar ao repasto a carne de uma mulher horas antes falecida. Era a primeira vez que Scaggs, Dorsett e Betsy provavam carne humana. Por estranho que fosse, o canibalismo parecia de certo modo justificado quando misturado com o consumo de peixe. E, como estava parcialmente dissimulado, o sabor resultou menos repulso.

Outra bênção foi um novo aguaceiro, que durou uma hora, e os abasteceu com cerca de oito litros de água. Embora tivessem recuperado temporariamente as forças, o desespero ainda se estampava em seus rostos. As feridas e as contusões, irritadas pela água salgada, causavam uma agonia sem fim. E o sol continuava a atormentá-los. O ar era abafado e o calor, intolerável. A noite trazia certo alívio com as temperaturas mais baixas. Alguns passageiros, porém, não suportaram mais um dia de miséria. Cinco deles, quatro condenados e o último soldado, lançaram-se silenciosamente ao mar e morreram depressa.

No décimo quinto dia, só Scaggs, Dorsett, Betsy Fletcher, três marinheiros e quatro presidiários, entre eles uma mulher, continuavam vivos. Já não se preocupavam. A morte parecia inevitável. A chama da autopreservação se apagara. As tainhas haviam se acabado fazia tempo e, embora os mortos tivessem sustentado os vivos, a falta de água e o tórrido calor tornavam impossível sobreviver outras quarenta e oito horas.

Então, algo se passou que lhes desviou a atenção dos indizíveis horrores dos últimos quinze dias. Um enorme pássaro marrom-esverdeado surgiu repentinamente no céu, voou três vezes ao redor da jangada e, depois, ficou a planar a cerca de meio metro do mastro da proa. Com os olhos amarelos, de negras pupilas, examinou os patéticos seres humanos na embarcação, vestindo trapos, com os membros e o rosto cobertos das cicatrizes dos combates e dos impiedosos raios do sol. A idéia de capturar e devorar a ave ocorreu instantaneamente a todos.

— Que pássaro estranho é aquele? — perguntou Betsy. Tinha a língua tão inchada que sua voz não era mais do que um sussurro.

— Um papagaio — murmurou Scaggs. — Um de meus antigos oficiais tinha um parecido.

— Eles voam em alto-mar como as gaivotas? — quis saber Dorsett.

— Não. Esses papagaios vivem na Nova Zelândia e nas ilhas próximas. Nunca ouvi dizer que chegassem tão longe, a menos que... — Scaggs fez uma pausa. — A menos que se trate de outra mensagem do Todo-Poderoso. — E, levantando-se com dificuldade, escreveu o horizonte. — Terra! — exclamou com alegria. — Terra! A oeste!

Em sua letárgica apatia, os naufragos não se haviam dado conta de que a jangada estava sendo arrastada pelas ondas na direção de um par de colinas que se erguiam no mar a cerca de vinte quilômetros. Todos voltaram os olhos para oeste e viram uma ilha grande, com dois morros baixos, um em cada extremidade, e uma floresta verdejante entre eles. Ficaram um bom tempo emudecidos, entregues à expectativa e ao temor de que as correntes os arrastassem ao largo da salvação. Quase todos os esqueléticos sobreviventes se colocaram de joelhos, rogando que fossem levados à praia.

Uma hora mais tarde, Scaggs constatou que a ilha estava se tornando maior.

— Esta corrente está nos empurrando para lá — anunciou com alegria. — E um milagre. Nenhum mapa registra uma ilha nesta parte do oceano.

— Deve ser desabitada — arriscou Dorsett.

— Que linda! — murmurou Betsy, olhando para a exuberante floresta que separava os dois montes. — Espero encontrar lagos com muita água fresca.

A inesperada promessa de sobrevivência reavivou as forças que lhes restavam, inspirando-os a agir. O desejo de capturar o papagaio desapareceu rapidamente. A ave mensageira foi considerada de bom agouro. Scaggs e seus poucos marinheiros improvisaram uma vela com o esfarrapado toldo, enquanto Dorsett e os presidiários restantes tratavam de arrancar as tábuas da cobertura e com elas remavam febrilmente. Então, como que a guiá-los, o papagaio bateu asas e tomou o rumo da ilha.

A massa de terra se elevava e se espalhava no horizonte ocidental, atraindo-os como um imã. Eles continuavam remando com energia, decididos a pôr fim ao sofrimento. Uma brisa soprou a suas costas, empurrando-os mais depressa ao santuário, aumentando-lhes o delírio da esperança. Já não teriam de aguardar, resignados, a morte. A salvação se encontrava a menos de seis quilômetros.

Com suas últimas forças, um dos marujos trepou no mastro e, toldando a vista, olhou para o mar.

— Que está vendo? — perguntou Scaggs.

— Parece que estamos indo para um recife de coral ao redor de uma lagoa.

O capitão se voltou para Dorsett e Fletcher.

— Se não conseguirmos entrar por um canal, as ondas nos arrojarão no recife.

Trinta minutos mais tarde, o marinheiro gritou do mastro:

— Estou vendo uma passagem no recife a duzentos metros a estibordo!

— Remem! — ordenou Scaggs ao que restava da tripulação. — Depressa!

Um medo terrível os possuiu face o rebentar das ondas na parte mais externa do recife. O mar se precipitava numa explosão de espuma. O ruído da água em colisão com os corais lembrava os tiros de um canhão. As vagas se elevaram a grandes alturas quando elas se aproximaram. O pavor substituiu o desânimo quando os ocupantes da jangada compreenderam a destruição que ocorreria se, jogados pela força esmagadora das ondas, se chocassem com o recife.

Scaggs prendeu debaixo do braço a improvisada cana do leme e dirigiu rumo ao canal, enquanto os marinheiros trabalhavam na esfarrapada vela. Com aparência de velhos espantalhos, os condenados remavam inutilmente. Seus débeis esforços de pouco serviam para impulsionar a embarcação. Somente quando todos passaram a remar ao mesmo tempo e do mesmo lado, como ordenou o capitão, prestaram ajuda efetiva.

A jangada foi capturada por uma muralha de agitada espuma que a arrastou numa velocidade terrível. Durante um brevíssimo momento, foi erguida na crista, para a seguir precipitar-se no abismo. Dois presidiários foram tragados pela turbulência verde-azulada e não tornaram a ser vistos. A castigada embarcação estava se desfazendo. Desgastadas pelos incessantes movimentos do mar, as cordas começaram a se esgarçar e partir-se. O estrado de mastros que sustentava as tábuas da cobertura rachou. A jangada gemeu, inundada pela vaga seguinte. Para Dorsett, o imóvel recife de coral parecia ao alcance da mão.

E então foram arrastados pelo canal entre as bordas denteadas do recife. A onda os carregou, a jangada a girar, seus pedaços a brilhar ao sol. Quando o estrado principal finalmente se desintegrou, os sobreviventes foram jogados na água.

Uma vez ultrapassada a barreira do recife, o mar azul se fez tão sereno quanto um lago montanhês, ganhando um tom profundo de turquesa. Dorsett subiu à superfície em busca de ar. Segurava firmemente a cintura de Betsy.

— Você sabe nadar?

Ela sacudiu violentamente a cabeça, vomitando a água que tinha engolido.

— Não sou capaz de dar uma braçada.

Nadando na direção de um dos mastros da jangada, que flutuava a menos de três metros, ele a arrastou consigo. Assim que o alcançou, ajudou-a a segurar-se na superfície curva. Colocou-se a seu lado, tentando recuperar o fôlego e acalmar o coração disparado. Estava muito debilitado pelos últimos esforços. Um ou dois minutos depois, olhou a sua volta para avaliar os escombros.

Ainda vivos, Scaggs e dois marinheiros se encontravam a pouca distância, subindo numa pequena parte da cobertura ainda milagrosamente intacta. Não tardaram a arrancar as tábuas para usá-las como remos. Dos condenados, dois homens e a mulher flutuavam, agarrados ao que restava da jangada do Gladiador. Dorsett se voltou e olhou para a ilha. Uma bela praia de areia branca se abria a menos de quinhentos metros.

— Agüente-se aí com Betsy! — gritava-lhe Scaggs. — Vamos recolhê-los, e aos outros. Depois remaremos à praia.

O saltador respondeu com um aceno e beijou Betsy na testa.

— Trate de não me abandonar agora, garota. Daqui a meia hora estaremos pisando terra firme e seca... Interrompeu-se com súbito pavor. A alegria durara pouco. A alta barbatana de um tubarão-branco circulava ao redor dos escombros, em busca de uma presa. O Carrasco os havia seguido.

Não era justo, pensou Dorsett. Haver padecido tanto, para ser apanhado pela morte quando faltava tão pouco para alcançar a salvação. Pouca gente era tão desgraçada. Apertando Betsy fortemente nos braços, viu com mórbido terror quando o tubarão, cessando de nadar em círculos, veio em sua direção e, lentamente, imergiu. Com o sangue congelado nas veias, esperou impotente que os afiados dentes se cravassem em seu corpo.

Então, repentinamente, deu-se um novo milagre.

As águas calmas transformaram-se num caldeirão fervente. Um jato subiu no ar, seguido do tubarão-branco. A fera assassina debatia-se furiosamente, tentando abocanhar, como um cachorro, uma gigantesca serpente do mar que

nele estava enrolada. Agarrados aos destroços, os náufragos assistiram abismados à luta mortal dos dois monstros das profundezas.

De seu lugar nos restos da jangada, Scaggs podia observar comodamente a batalha. Segundo seus cálculos, o enorme corpo da criatura em forma de enguia media de dezoito a vinte metros e tinha o diâmetro de um grande barril de farinha. Sua boca se abria e se fechava espasmodicamente, exibindo fileiras de presas curtas e agudas. A pele aparentemente lisa era marrom-escura no dorso, quase preta, ao passo que o ventre apresentava a cor do marfim. Scaggs ouvira muitos casos de navios que tinham avistado serpentes marinhas, porém jamais os considerara mais do que visões provocadas pelo excesso de rum. Tomado de pavor, mal podia acreditar que estava vendo o temível Carrasco debater-se violentamente no inútil esforço de se livrar do feroz atacante.

O corpo compacto e cartilaginoso do tubarão o impedia de virar suficientemente a cabeça para trás, a fim de morder a serpente. Apesar de sua força tremenda e de suas frenéticas convulsões, não conseguia escapar. Descrevendo velozes círculos no azul do mar, o peixe e a serpente desapareceram sob a superfície, para logo ressurgir numa explosão que voltou a converter a água em espuma.

A serpente começou então a morder a abertura da guelra do tubarão, poucos minutos depois, o titânico combate perdeu o ímpeto, a luta agônica do tubarão cessou, e os dois monstros desceram lentamente às profundezas. O caçador se tornara caça de outro caçador.

Após a épica batalha, Scaggs não tardou a içar os presidiários ao pequeno pedaço da jangada que ainda flutuava. Assombrados com o que acabavam de presenciar, os pobres sobreviventes finalmente chegaram à praia e desceram cambaleantes na branca areia, deixando aquele mundo de pesadelo para entrar num Éden ainda desconhecido dos navegantes europeus.

Logo acharam um curso de água cristalina que descia do monte vulcânico da extremidade sul da ilha. Na região da floresta, nasciam cinco variedades de frutas tropicais, e a lagoa estava repleta de peixes. Passado o perigo, somente oito dos duzentos e trinta e um que buscaram refúgio na jangada do Gladiator viveram para contar os horrores dos quinze dias à deriva nas abrasivas solidões do mar.

Seis meses depois da trágica perda do Gladiator, a lembrança foi efemeramente reavivada quando um pescador, chegando à praia para reparar um rombo em seu bote, avistou, emergindo na areia, uma mão que empunhava uma espada. Ao desenterrar o objeto, ficou surpreso: tratava-se da imagem de um antigo guerreiro em tamanho natural. Levou a escultura de madeira a Auckland, a cinqüenta quilômetros dali, na Nova Zelândia, onde a identificaram como a figura de proa do cliper perdido.

Depois de restaurado, o guerreiro foi levado a um pequeno museu marítimo, onde os visitantes o examinavam cheios de curiosidade pelo mistério do desaparecimento do navio.

O enigma do cliper Gladiator foi finalmente esclarecido, em julho de 1858, por um artigo publicado no Sydney Morning Herald.



RETORNO DA MORTE

Os mares da Austrália já testemunharam muitas visões insólitas, porém nenhuma comparável ao súbito retorno do capitão Charles "Durão" Scaggs, dado como desaparecido quando seu clíper *Gladiator*, de propriedade de Carlisle & Dunhill, de Inverness, desapareceu no mar da Tasmânia durante o terrível tufão de janeiro de 1856, a apenas quinhentos quilômetros ao sul de Sidney.

O capitão Scaggs assombrou a todos ao entrar no porto de Sidney num minúsculo barco que ele e os poucos sobreviventes da tripulação construíram durante sua estada numa ilha que não consta nos mapas. A figura de proa do navio, encontrada na costa ocidental da Nova Zelândia havia um ano e meio, confirmou a perda do navio. Até o miraculoso retorno do capitão Scaggs, não se sabia como a embarcação se havia perdido nem que destino tiveram os cento e noventa e dois presidiários que estavam sendo levados à colônia penal, assim como os onze soldados e os vinte e oito tripulantes.

Segundo o capitão, somente ele e outros dois chegaram à ilha desabitada, onde sofreram muito durante dois anos, até conseguir construir um pequeno veleiro com as ferramentas e o material retirados dos escombros de outro navio naufragado, que foi jogado na praia um ano depois, com a morte de toda a tripulação. Construíram o casco da embarcação com a madeira das árvores que na ilha encontraram.

O capitão Scaggs e seu tripulante Thomas Cochran, o carpinteiro do navio, mostraram-se em ótimas condições apesar do que passaram, e se declararam ansiosos para embarcar no próximo navio com destino à Inglaterra. Expressaram profundo pesar pela trágica morte dos passageiros do *Gladiator* e de seus companheiros, os quais pereceram quando o clíper afundou durante o tufão. Inacreditavelmente, Scaggs e Cochran conseguiram agarrar-se a um pedaço de madeira e flutuaram vários dias, até que uma corrente os arrastou, mais mortos do que vivos, ao litoral da ilha deserta.

O pequeno pedaço de terra onde os dois homens sobreviveram durante mais de dois anos não pôde ser localizado, pois Scaggs perdeu no naufrágio todos os instrumentos de navegação. Seus cálculos situam a ilha a aproximadamente seiscentos e cinquenta quilômetros a leste-sudeste de Sidney, numa região que outros navegadores afirmam ser totalmente desprovida de terra.

O tenente Silas Sheppard, cujos pais residem em Hornsby, e seu destacamento de dez homens do Regimento de Infantaria de Nova Gales do Sul, que estavam custodiando os prisioneiros, foram também dados como mortos.



17 de setembro de 1876

Aberdeen, Escócia Depois de retornar à Inglaterra, onde passou um curto período com a esposa e os filhos, Scaggs foi convidado pela Carlisle & Dunhill a comandar o mais novo e sofisticado cliper da companhia, o Culloden. Depois de outras seis exaustivas viagens comerciais à China, nas quais estabeleceu dois recordes, Durão Scaggs, esgotado na idade precoce de quarenta e sete anos, aposentou-se e fixou-se definitivamente em Aberdeen. Os capitães de clíperes envelheciam antes do tempo. O comando dos navios mais velozes do mundo exigia muito do corpo e do espírito. A maioria morria ainda jovem. Boa parte deles ia para o fundo do mar com seus veleiros. Formavam a elite dos célebres homens de aço, que governavam barcos de madeira a velocidades espantosas, na época mais romântica da navegação. Desciam ao túmulo, debaixo da terra ou sob as ondas, sabendo que tinham dirigido os maiores veleiros construídos pelo homem.

Duro como as vigas das embarcações, Scaggs estava partindo em sua derradeira viagem aos cinquenta e nove anos. Tendo ganhado muito dinheiro, investindo em ações da companhia em suas últimas quatro viagens, deixaria aos filhos uma considerável fortuna. Sozinho após a morte de sua querida esposa Lucy, os filhos adultos e com suas próprias famílias, ele conservou o amor pelo mar, navegando entre as ilhotas da Escócia num pequeno veleiro que construiu com as próprias mãos. Foi depois de uma breve viagem no frio intenso, para visitar o filho e os netos em Peterhead, que adoeceu.

Poucos dias antes de morrer, mandou chamar seu velho amigo e antigo empregador, Abner Carlisle. Respeitável armador, que acumulara uma enorme fortuna com o sócio, Alexander Dunhill, Carlisle era um dos mais notáveis habitantes de Aberdeen. Além da companhia de navegação, possuía empresas mercantis e um banco. Caridoso, dedicava muita atenção à biblioteca local e a um hospital. Era magro, seco e completamente calvo. Tinha olhos doces e coxeava bastante, devido a uma queda do cavalo quando jovem. Foi recebido pela filha do capitão, Jenny, a quem conhecia desde o berço. Ela o abraçou, depois lhe segurou a mão.

— Que bom que veio, Abner. Ele pergunta por você a cada meia hora.

— Como vai o velho lobo-do-mar?

— Acho que não vai durar muito — respondeu a moça com tristeza.

Carlisle olhou a sua volta. A casa confortável estava repleta de mobília náutica; nas paredes, havia cartas de navegação assinaladas com as jornadas diárias das viagens recordes de Scaggs.

— Vou ter saudade desta casa.

— Meus irmãos acham melhor vendê-la.

Jenny o levou ao andar superior; entraram num quarto com uma ampla janela com vista para o porto de Aberdeen.

— Papai, Abner Carlisle chegou.

— Já era tempo — resmungou Scaggs, mal-humorado. Ela endereçou a Carlisle uma piscadela.

— Vou preparar um chá para você.

Um velho assolado por três décadas de vida dura no mar jazia imóvel na cama. Por pior que fosse o estado de Scaggs, Carlisle ficou maravilhado com a chama que ainda ardia em seus olhos verdes.

— Estou com um barco novo para você, Durão.

— Com mil diabos! — disse o capitão, com voz rouca. — De que cordame?

— Nenhum. É um vapor.

Scaggs ficou vermelho e ergueu a cabeça.

— Maldição! Deviam proibir essas porcarias que só servem para sujar o mar!

Foi a resposta que Carlisle esperava. Durão Scaggs podia estar com o pé na cova, porém morreria com a firmeza com que vivera.

— Os tempos mudaram, meu velho. O Cutty Sark e o Thermopylae são os únicos cliques que continuam trabalhando no mar.

— Não tenho tempo para conversa fiada. Pedi-lhe que viesse para que ouvisse minha confissão de moribundo e me fizesse um favor.

Olhando para o velho marujo, Carlisle disse com sarcasmo:

— Você espancou um mendigo ou andou dormindo com uma chinesinha num bordel de Xangai?

— Estou me referindo ao Gladiator — murmurou Scaggs. — Eu menti.

— Ele naufragou num tufão. Que mentira você poderia ter contado?

— Naufragou num tufão, é verdade, mas os passageiros e a tripulação não foram para o fundo com ele.

Carlisle ficou vários minutos em silêncio. Depois, falou com cautela:

— Charles Durão Scaggs, você é o homem mais sincero que conheço. Iim meio século, nunca o vi faltar à verdade. Tem certeza de que não é a doença que o está fazendo dizer tolices?

— Acredite em mim quando digo que vivi uma mentira durante vinte anos. Para pagar uma dívida.

Carlisle o encarou, intrigado.

— Que está querendo me contar?

— Uma história que não contei a ninguém. — Scaggs reclinou a cabeça no travesseiro e olhou para o vazio, para alguma coisa que só ele conseguia ver na distância. — A história da jangada do Gladiator.

Jenny voltou meia hora depois com o chá. Como estivesse escurecendo, acendeu os lampiões.

— Papai, você precisa comer um pouco. Preparei sua sopa de peixe predileta.

— Estou sem apetite, filha.

— Abner deve estar morrendo de fome. Passou a tarde inteira com você. Aposto como aceita jantar.

— Espere mais uma hora — ordenou o capitão. — Depois comeremos o que você quiser.

Assim que a filha saiu, ele continuou a saga da jangada.

— Quando finalmente chegamos à praia, éramos oito. Da tripulação do Gladiator, só sobrevivemos eu, Thomas Cochran, o carpinteiro do navio, e Alfred Reed, um guarda-marinha. Entre os presos estavam Jess Dorsett, Betsy Fletcher, Marion Adams, George Pryor e John Winkleman. Oito das duzentas e trinta e uma almas que embarcaram na Inglaterra.

— Vai me perdoar, meu bom amigo — disse Carlisle —, mas não consigo acreditar. Homens a se matar numa jangada perdida no oceano, sobreviventes alimentando-se de carne humana e, depois, escapando de ser devorados por um tubarão graças à intervenção miraculosa de uma serpente marinha, que o mata. É uma história no mínimo incrível.

— Você não está ouvindo o delírio de um moribundo — assegurou Scaggs debilmente. — O relato é verdadeiro, palavra por palavra.

Não querendo contrariá-lo inutilmente, o rico armador deu umas palmadinhas no braço do capitão que muito tinha contribuído para a construção do império Carlisle & Dunhill.

— Vá em frente. Estou ansioso por saber o fim da história. Que aconteceu depois que os oito desembarcaram na ilha?

Durante os trinta minutos seguintes, Scaggs lhe contou que, num regato, beberam à saciedade a deliciosa água doce que vinha de um dos pequenos montes vulcânicos; descreveu as enormes tartarugas que foram capturadas na lagoa, viradas de ponta-cabeça e mortas com a faca de Dorsett, único utensílio de que dispunham; depois, com a ajuda de uma pedra encontrada à margem da lagoa e utilizando a faca como pederneira, fizeram fogo e cozinharam a carne da tartaruga. Na floresta, foram colhidos cinco tipos diferentes de frutas que Scaggs nunca tinha visto. A vegetação era bem diferente da que estava acostumado a ver na Austrália. Contou que os sobreviventes passaram os dias subseqüentes comendo até recuperar as forças.

— Uma vez restabelecidos, começamos a explorar a ilha — prosseguiu. — Tinha a forma de um gancho, com oito quilômetros de comprimento e um e meio de largura. Duas maciças montanhas vulcânicas, com cerca de trinta ou quarenta metros de altura, erguiam-se nas extremidades. A lagoa tinha pouco mais de um quilômetro de comprimento e, do lado do mar, era protegida por um enorme banco de areia. O resto da ilha era cheio de colinas altas.

— E estava deserta?

— Não vimos vivaíma, sequer animais. Só aves. Encontramos vestígios de aborígenes que a tinham habitado muito tempo antes.

— Destroços de navios?

— Não quando chegamos.

— Depois da calamidade na jangada, aquilo devia ser um paraíso — disse Carlisle.

— A ilha mais linda que vi em todos os meus anos de marujo. Uma esmeralda magnífica num mar de safira.

— Scaggs hesitou, como que a ver a jóia emergindo do Pacífico. — Em breve estávamos levando uma vida idílica. Encarreguei os sobreviventes de alguns serviços e determinei horários para a pesca, a construção e o reparo dos abrigos, a coleta de frutas e outros alimentos, a constante manutenção de uma fogueira para cozinhar e para chamar a atenção dos navios que porventura passassem. Desse modo, vivemos muitos meses em paz.

— Aposto que os problemas surgiram entre as mulheres — arriscou Carlisle.

Scaggs sacudiu lentamente a cabeça.

— Entre os homens: por causa das mulheres.

— Quer dizer que você se viu nas mesmas circunstâncias que os amotinados do Bounty na ilha Pitcairn.

— Exatamente. Eu sabia que haveria problemas e estabeleci um programa para que as mulheres fossem igualmente divididas entre os homens. A idéia não agradou a todos, é claro, muito menos às mulheres.

Mas não havia outro meio de evitar derramamento de sangue.

— Naquela situação, eu teria de concordar com você.

— Tudo o que consegui foi acelerar o inevitável. O presidiário John Winkelman assassinou o marinheiro Reed por causa de Marion Adams, e Jess Dorsett se recusou a dividir Betsy Fletcher com os demais. Quando George Pryor tentou

estuprá-la, Dorsett lhe partiu a cabeça com uma pedra.

— E vocês passaram a ser seis. Scaggs confirmou com um gesto.

— A tranquilidade finalmente reinou na ilha quando John Winkelman se casou com Marion Adams e Jess com Betsy.

— Casaram-se? — rosnou Carlisle com indignação. — Como assim?

— Esqueceu, Abner? Como capitão, eu estava investido de autoridade para celebrar a cerimônia.

— Mas já não se encontravam a bordo. Acho que você forçou um pouco a coisa.

— Não me arrependo. Vivemos em harmonia até minha partida com Thomas Cochran.

— Você e Cochran não desejavam as mulheres?

O riso de Scaggs se transformou numa tosse. Carlisle lhe deu um copo de água. Recuperando-se, ele respondeu:

— Sempre que me vinham essas idéias, eu pensava em minha doce Lucy. Tinha jurado que retornaria da viagem tão casto quanto na partida.

— E o carpinteiro?

— Por fatalidade, Cochran preferia a companhia dos homens.

Dessa vez foi Carlisle quem riu.

— Que gente esquisita você arranjou para acompanhá-lo em suas aventuras!

— Não tardou para que construíssemos confortáveis abrigos de pedras e vencêssemos o tédio mediante engenhosos artifícios, que tornavam a existência mais agradável. A habilidade de carpinteiro de Cochran foi muito útil quando encontramos as ferramentas apropriadas.

— Como foi isso?

— Pouco mais de um ano depois, um forte temporal jogou um veleiro francês nos rochedos da extremidade sul da ilha. Apesar de nossos esforços para salvá-los, toda a tripulação pereceu quando a fúria das ondas destruiu o navio. Dois dias depois, o mar se acalmou; recolhemos catorze cadáveres e os enterramos ao lado de George Pryor e Alfred Reed. Depois, Dorsett e eu, que éramos os melhores nadadores, iniciamos uma operação de mergulho, a fim de recuperar nos destroços tudo o que nos pudesse ser útil. Em três semanas, havíamos resgatado uma pequena montanha de bens, material e ferramentas. Cochran e eu conseguimos todo o necessário para construir um barco robusto que nos levasse à Austrália.

— E as mulheres? Que aconteceu com Betsy e Marion?

— indagou Carlisle. Scaggs se entristeceu.

— Pobre Marion, era boa e sincera, uma modesta empregada presa por ter roubado comida da despensa do patrão. Morreu ao dar à luz uma filha. John Winkelman ficou desesperado. Enlouqueceu e tentou matar o bebê. Tivemos de deixá-lo quatro dias amarrado a uma árvore, até que finalmente recuperasse o juízo. Mas nunca voltou a ser o mesmo.

Desde então e até o momento em que deixei a ilha, raramente pronunciava uma palavra.

— E Betsy?

— Essa era de outra cepa. Forte como um mineiro. Capaz de virar a cabeça de qualquer homem. Teve dois filhos e adotou a filha de Marion. Dorsett e Betsy se adoravam.

— Por que não vieram com você?

— Acharam melhor ficar na ilha. Eu estava disposto a solicitar ao governador que os indultasse, mas eles não quiseram arriscar. Fizeram bem. Assim que tivessem desembarcado na Austrália, a administração penal lhes tomaria as

crianças e as declararia órfãs. O destino de Betsy seria provavelmente tornar-se fiandeira na imunda fábrica de mulheres de Parramatta, ao passo que Jess seria mandado ao quartel de prisioneiros de Sidnei. Dificilmente voltariam a encontrar-se ou a ver os filhos.

- Prometi-lhes que, enquanto eu vivesse, eles permaneceriam esquecidos, do mesmo modo que as almas perdidas do Gladiador.

— E Winkleman?

— Ele se mudou para uma gruta na montanha do extremo norte da ilha e passou a morar sozinho.

Carlisle ficou calado, refletindo sobre a história que acabava de ouvir.

— E você nunca revelou nada?

— Descobri mais tarde que, se tivesse quebrado a minha promessa, o bastardo do governador de Nova Gales do Sul mandaria um navio buscá-los. Ele era capaz de ir ao inferno para recapturar um presidiário foragido. — Scaggs moveu levemente a cabeça e olhou, pela janela, os navios no porto. — Depois que voltei para cá, não vi motivos para contar a história da jangada do Gladiador.

— Não tornou a vê-los? Scaggs sacudiu a cabeça.

— Foi uma despedida triste, Betsy e Jess na praia, com os meninos e a filha de Marion, olhando para o mar como pai e mãe felizes. Conseguiram uma vida que não teria sido possível no mundo... "civilizado".

— E Cochran? Como foi possível impedi-lo de falar? Os olhos de Scaggs brilharam ligeiramente.

— Como eu disse, ele também tinha um segredo que não queria que fosse revelado, mesmo porque pretendia voltar ao mar. Naufragou com o Zanzibar no mar da China em 1867.

— Você nunca quis saber o que foi feito deles?

— Eu sei o que aconteceu — replicou o moribundo. Carlisle ergueu as sobrancelhas.

— Como assim?

— Quatro anos após a minha partida, um baleeiro americano avistou a ilha e mandou alguns homens para lá a fim de encher os barris de água. Jess e Betsy entraram em contato com a tripulação, trocaram frutas e peixe fresco por panelas e roupa. Apresentaram-se ao capitão como missionários que haviam conseguido chegar à ilha após um naufrágio. Não muito tempo depois, outros baleeiros começaram a se abastecer de água e alimento na ilha. Um dos navios ofereceu sementes em troca dos chapéus que Betsy fazia com folhas de palmeira, e ela e Jess passaram a cultivar vários hectares de legumes e verduras.

— Como sabe disso tudo?

— Eles começaram a mandar cartas pelos baleeiros.

— Ainda estão vivos? — perguntou Carlisle com interesse.

Os olhos de Scaggs se entristeceram.

— Jess morreu há seis anos, quando estava pescando. Uma súbita rajada de vento virou seu bote. Betsy disse que deve ter batido a cabeça e se afogado. A última correspondência, acompanhada de um pacote, chegou há apenas dois dias. Está na gaveta de minha escrivaninha. Ela escreveu que estava morrendo de uma doença do estômago.

Carlisle se levantou, atravessou o quarto e se aproximou da velha escrivaninha que Scaggs tinha usado em todas as suas viagens depois do naufrágio do Gladiador. Tirou da gaveta um pequeno embrulho de oleado e o abriu. Lá dentro, encontrou uma bolsa de couro e uma carta dobrada. Voltando à cadeira, colocou os óculos de leitura e passou os olhos pelas palavras.

— Para uma moça condenada por roubo, ela escreve muito bem.

— As primeiras cartas continham muitos erros, mas Jess era um homem educado, e, sob sua tutela, a gramática de Betsy fez muitos progressos.

Carlisle começou a ler em voz alta.

Meu caro capitão Scaggs, Espero que esta o encontre bem de saúde. É a minha última carta, já que estou sofrendo de uma grave moléstia do estômago, como diz o médico do Ainie & Casou. Em breve vou me reunir ao meu Jess.

Tenho um último pedido a lhe fazer. Na primeira semana de abril deste ano, meus dois filhos e Mary, a filha de Marion, deixaram a ilha a bordo de um baleeiro, cujo capitão estava rumando para Auckland, a fim de reparar os estragos que uma colisão com um recife provocou no casco. Lá, os meninos devem embarcar para a Inglaterra e, aí chegando, vão procurá-lo em Aberdeen. Escrevo-lhe, querido amigo, para lhe pedir que os acolha e faça com que sejam educados nas melhores escolas da Inglaterra. Ficarei eternamente grata e tenho certeza de que Jess também.

Segue com esta a minha herança, com a qual desejo retribuir os seus préstimos e custear todas as despesas da educação dos meninos. São muito inteligentes e hão de se dedicar aos estudos.

Com profundo respeito, deixo aqui o meu adeus. Betsy Dorsett Uma última coisa: a serpente manda lembranças.

Carlisle o olhou por cima dos óculos.

"

— A serpente manda lembranças." Que absurdo é este?

— A serpente marinha que nos salvou do tubarão- branco — respondeu Scaggs.

— Resultou que vivia na lagoa. Durante minha permanência na ilha, eu a vi com meus próprios olhos em pelo menos quatro ocasiões.

O armador encarou o velho amigo como a um bêbado, e preferiu mudar de assunto.

— Ela está mandando essas crianças sozinhas numa longa viagem da Nova Zelândia à Inglaterra?

— Não são tão crianças — explicou Scaggs. — O mais velho já deve estar com dezenove anos.

— Se partiram no começo de abril, podem aparecer a sua porta a qualquer momento.

— Isso se não esperaram muito em Auckland para encontrar um bom navio.

— Santo Deus, que situação!

— O que você está querendo dizer é: como pode um homem à beira da morte realizar o último desejo de uma velha amiga?

— Você não está à beira da morte — disse Carlisle, fitando-o nos olhos.

— Estou sim. Você é um homem prático e objetivo, Abner. Ninguém sabe disso melhor do que eu. Foi por isso que mandei chamá-lo antes de partir em minha última viagem.

— Quer que eu me encarregue dos filhos de Betsy?

— Eles podem ficar morando em minha casa até matricular-se nos melhores estabelecimentos de ensino que o dinheiro pode pagar.

— As pobres economias que Betsy há de ter feito, vendendo chapéus o comida aos baleeiros que passavam por lá, não cobrirão as despesas de vários anos numa escola cara. E eles vão precisar de roupa adequada e de preceptores que os orientem nos estudos. Espero que você não esteja pedindo que eu sustente essa gente, que me é totalmente estranha. Scaggs apontou para a bolsa de couro. Carlisle a apanhou.

— Foi isto que Betsy lhe mandou para a educação dos filhos?

O capitão fez que sim.

— Abra-a.

O amigo soltou o cordão e tomou na mão o conteúdo da bolsa. Hrgueu os olhos para Scaggs com incredulidade.

— Você está brincando? São pedras comuns!

— Acredite em mim, Abner. Não são comuns.

Carlisle levou à altura dos olhos uma delas, do tamanho de uma ameixa seca, e a examinou. A superfície era lisa e a forma, octaédrica.

— Não passa de um tipo de cristal. Não tem valor.

— Leve-as a Levi Strouser.

— O joalheiro judeu?

— Mostre-lhe as pedras.

— Preciosas elas não são — disse Carlisle com firmeza.

— Por favor... — pediu Scaggs já sem fôlego; a longa conversa o havia cansado.

— Como quiser, meu velho. — O armador consultou seu relógio de bolso. — A primeira coisa que vou fazer amanhã cedo é visitar Strouser. Depois virei aqui com a avaliação.

— Obrigado — murmurou o enfermo. — O resto simplesmente acontecerá.

Carlisle foi caminhando na garoa da manhã rumo ao antigo bairro comercial de Castlegate. Certificou-se do endereço, subiu a escada de uma das muitas discretas casas cinzentas, construídas com granito local, que davam à cidade de Aberdeen aparência sólida, ainda que insípida. Uma placa de latão, com letras miúdas, dizia simplesmente: "Strouser & Filhos". Tocou a campainha; um funcionário o conduziu a um escritório de mobília espartana. Ofereceu-lhe uma cadeira e uma xícara de chá.

Passaram-se poucos e lentos minutos. Um homenzinho com um casaco comprido e barba grisalha até o peito entrou por uma porta lateral. Sorrindo gentilmente, estendeu-lhe a mão.

— Sou Levi Strouser. Em que posso servi-lo?

— Meu nome é Abner Carlisle. Quem me mandou aqui foi um amigo, o capitão Charles Scaggs.

— O capitão Scaggs enviou um mensageiro anunciando a sua vinda. E uma honra receber o mais célebre comerciante de Aberdeen em meu humilde escritório.

— Já nos conhecemos?

— Não frequentamos exatamente o mesmo círculo social, e o senhor não costuma comprar jóias.

— Minha esposa morreu jovem e não voltei a me casar. Portanto, não tenho motivos para comprar bugigangas caras.

— Eu também perdi cedo a minha esposa, mas tive a sorte de encontrar uma mulher adorável, que me deu quatro filhos e duas filhas.

Carlisle fizera muitos negócios com mercadores judeus, mas nunca lidara com gemas. Estava pisando em terreno desconhecido e não se sentia à vontade diante de Strouser. Colocou a bolsa de couro na escrivaninha.

— O capitão Scaggs solicita que o senhor avalie essas pedras.

Strouser estendeu uma folha de papel branco no tampo da mesa e nela espalhou o conteúdo da bolsa. Contou as pedras. Eram dezoito. Sem pressa, examinou cuidadosamente cada uma com a ajuda de uma lupa. Por fim, tomou nas mãos a maior e a menor delas.

— Senhor Carlisle, se tiver um pouco de paciência, eu gostaria de submeter estas

duas pedras a alguns testes. Vou pedir a meu filho que lhe sirva outra xícara de chá.

— Sim, obrigado. Eu posso esperar.

Passou-se quase uma hora até que Strouser voltasse com as pedras. Carlisle era um homem extremamente observador, coisa que o ajudara a fazer milhares de bons negócios desde que adquirira seu primeiro barco, aos vinte e dois anos. Notou que Levi Strouser estava nervoso. Não havia sinais evidentes, suas mãos não estavam trêmulas, ele não apresentava pequenos tiques na boca nem gotas de suor. Eram seus olhos. O joalheiro parecia ter acabado de ver Deus.

— Posso saber de onde vêm estas pedras? — indagou.

— Não sei a origem exata — respondeu o armador com franqueza.

— As minas da Índia estão esgotadas, e do Brasil nunca chegou nada assim. Seriam das novas escavações da África do Sul?

— Eu não sei. Por quê? Essas pedras têm algum valor?

— Não sabe o que é isto? — perguntou Strouser com espanto.

— Não sou especialista em minérios. Meu negócio é a navegação.

Como um antigo feiticeiro, Strouser ergueu as mãos sobre as pedras.

— Senhor Carlisle, são diamantes! As mais belas pedras não lapidadas que já vi.

O velho escocês procurou dissimular o assombro.

— Não duvido de sua idoneidade, senhor Strouser, mas não consigo acreditar que esteja falando sério.

— Minha família lida com pedras preciosas há cinco gerações, senhor Carlisle. Acredite, há uma fortuna nesta mesa. Elas não só parecem ter transparência e clareza perfeitas, como também possuem uma magnífica e extraordinária coloração rosada, quase violácea. Devido à beleza e à raridade, são muito mais valiosas do que as mais perfeitas pedras incolores. Carlisle tratou de abreviar a conversa.

— Quanto valem?

— É quase impossível determinar o valor de pedras brutas, pois suas verdadeiras qualidades só aparecem depois de facetadas e polidas, para realçar o máximo efeito óptico. A menor delas tem sessenta quilates em bruto. — Calou-se e apanhou a maior. — Esta deve ter uns novecentos e oitenta, o que a torna o maior diamante não lapidado conhecido no mundo.

— Imagino que seja um bom investimento mandar lapidá-las antes de vendê-las.

— Ou, se o senhor preferir, posso lhe oferecer um bom preço em bruto.

Carlisle começou a guardar as pedras na bolsa.

— Não, obrigado. Eu represento os interesses de um amigo que está à morte. Tenho o dever de obter o maior lucro possível.

Strouser percebeu logo que o astuto escocês não se deixaria convencer a negociar as gemas brutas. A oportunidade de comprar os diamantes, lapidá-los e depois vendê-los com um lucro fabuloso, no mercado londrino, não estava à mão. Melhor fazer um bom negócio do que nenhum, decidiu ele com sensatez.

— Não precisa sair daqui, senhor Carlisle. Tenho dois filhos que aprenderam nas melhores lapidarias de Antuérpia. São tão bons quanto os lapidários de Londres, se não melhores. Quando as pedras estiverem facetadas e polidas, posso ser seu agente, caso o senhor queira vendê-las.

— Por que não posso vendê-las eu mesmo?

— Pela mesma razão pela qual eu o procuraria para enviar mercadorias à Austrália em vez de comprar um navio e me encarregar do transporte. Sou membro do London Diamond Exchange, o senhor não. Posso exigir e obter o dobro do preço que o senhor conseguiria.

Carlisle era perspicaz o bastante para avaliar uma possibilidade de bom negócio. Levantando-se, apertou a mão do joalheiro.

— Deixo as pedras em suas mãos, senhor Strouser. Creio que será bom para o senhor e para as pessoas que represento.

— Pode apostar nisso, senhor Carlisle.

Quando ia sair do escritório, o magnata da navegação se voltou novamente para o judeu.

— Quando seus filhos tiverem terminado, quanto acredita que valerão as gemas? Strouser olhou para as pedras aparentemente comuns.

— Se essas pedras forem de um veio ilimitado e que possa ser explorado com facilidade, os proprietários hão de estabelecer um império de extraordinária riqueza.

— Perdoe-me, mas o senhor não está exagerando? Strouser o encarou e sorriu.

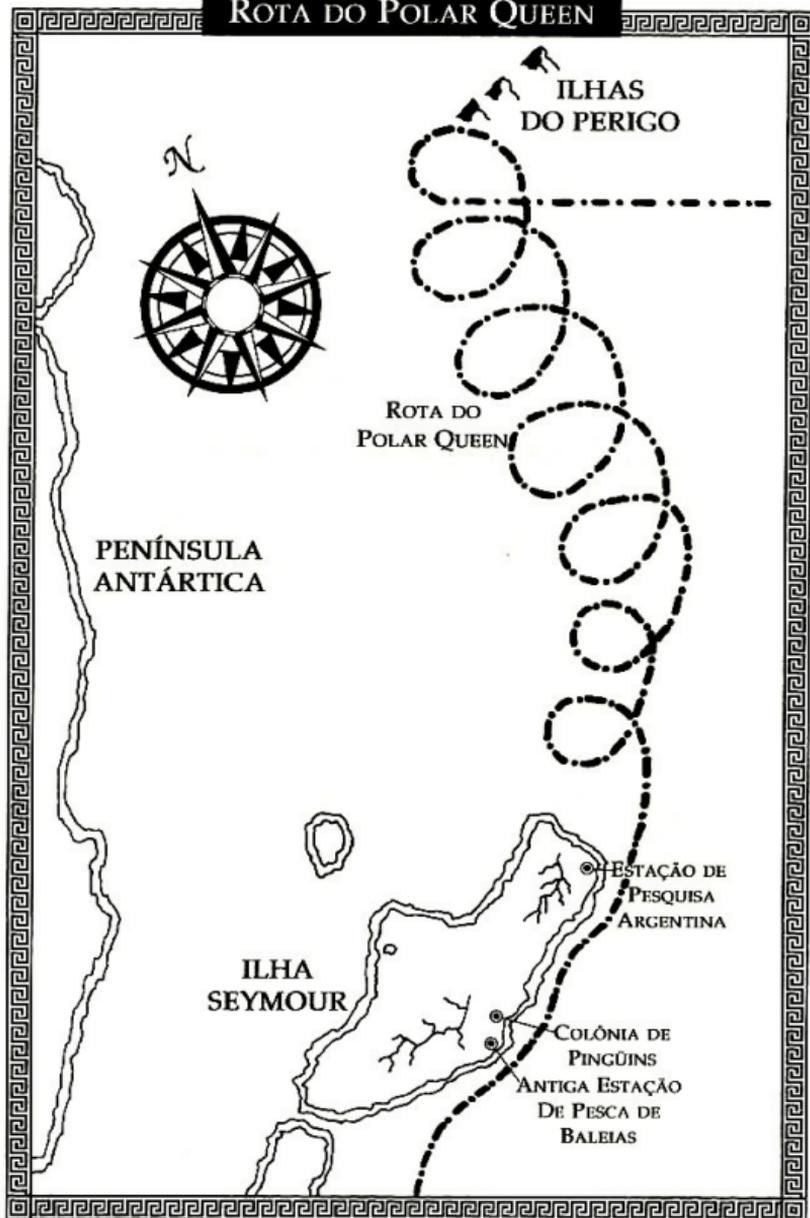
— Pode crer que, quando estiverem lapidadas e polidas, estas pedras poderão ser vendidas por algo em torno de um milhão de libras.

— Santo Deus! — exclamou Carlisle. — Tudo isso? Strouser segurou entre os dedos e ergueu à luz a enorme gema de novecentos e oitenta quilates. Falou com profunda reverência.

— Talvez mais, muito mais.



ROTA DO POLAR QUEEN



A MORTE VINDA DE LUGAR NENHUM

14 de janeiro de 2000

Ilha Seymour, Península Antártica

Pairava uma maldição na ilha. Uma maldição confirmada pelos túmulos dos homens que haviam posto os pés naquelas praias proibidas para nunca mais voltar. Não havia beleza ali, decerto nada parecido com os majestosos picos cobertos de gelo, os glaciares quase tão altos quanto as Colinas Brancas, de Dover, ou os icebergs a flutuar serenamente, feito castelos de cristal, que se esperava ver ao redor da grande massa de terra da Antártida e de suas ilhas.

A ilha Seymour compreendia a maior superfície sem gelo do continente ou das proximidades. A poeira vulcânica lá depositada ao longo dos milênios apressava o derretimento da neve, deixando vales secos e montanhas sem vestígio de cor, praticamente nuas. Era um lugar singularmente feio, habitado apenas por umas poucas variedades de líquen e uma colônia de pingüins, que lá encontrava uma fonte abundante de pedrinhas com que construíam os ninhos.

Em sua maior parte, os mortos sepultados nas covas rasas que se elevavam nas rochas eram de uma expedição norueguesa, cujo navio fora esmagado pelo gelo em 1859. Sobreviveram dois invernos, até que a reserva de alimento se esgotasse; depois, morreram de fome um a um. Perdidos durante mais de uma década, foram encontrados ainda conservados, em 1870, pelos ingleses que estavam construindo uma estação de pesca de baleias.

Outros pereceram e foram sepultados sob as rochas da ilha Seymour. Alguns sucumbiram a doenças; outros, a acidentes ocorridos durante a temporada de pesca de baleias. Alguns perderam a vida quando se afastaram da estação, surpreendidos por uma tempestade ou congelados pela ventania. Curiosamente, seus túmulos estavam bem demarcados.

As tripulações dos baleeiros, aprisionadas no gelo, passavam o inverno, até que a primavera trouxesse o degelo, gravando inscrições em enormes pedras que, depois, assentavam nas sepulturas. Quando os ingleses fecharam a estação, em 1933, jaziam sessenta corpos naquela horrível paisagem.

As almas penadas de exploradores e marinheiros que vagavam naqueles ermos nunca imaginaram que um dia seus jazigos estariam fervilhando de contadores, advogados, encanadores, donas de casa e idosos cidadãos aposentados, que chegavam em luxuosos navios turísticos, a fim de examinar, apalermados, as

inscrições nas pedras e sorrir com ternura para os engraçados pingüins que habitavam as praias. Talvez a ilha lançasse a sua maldição também sobre aqueles intrusos. Talvez.

Os impacientes passageiros a bordo do cruzeiro nada viram de ominoso na ilha Seymour. A salvo no conforto de seu palácio flutuante, avistaram apenas uma terra distante, inexplorada e misteriosa, que se erguia no mar azul qual uma iridescente pena de pavão. Sentiam-se simplesmente entusiasmados com a nova experiência, sobretudo porque faziam parte da primeira leva de turistas que pisava na ilha. Aquela era a terceira das cinco paradas programadas nas ilhas da península, decerto não a mais atraente, porém uma das mais interessantes, segundo a literatura turística.

Muitos tinham percorrido a Europa e o Pacífico, admirado os habituais lugares exóticos a que afluíam os viajantes. Agora queriam algo mais, algo diferente; uma visita a um recanto que poucos tinham visto, um sítio remoto do qual depois poderiam vangloriar-se perante amigos e vizinhos.

Estavam aglomerados no convés, perto da prancha de embarque, antecipando alegremente a excursão em terra firme, ajustando as teleobjetivas nos pingüins. Maeve Fletcher caminhava entre eles, examinando os impermeáveis alaranjados que a tripulação distribuirá juntamente com os coletes salva-vidas para a curta viagem entre o navio e a praia.

Energica e em constante movimento, levava de um lado para outro a concentrada vivacidade de seu corpo ágil. Era mais alta do que as outras mulheres e a maioria dos homens. Seu cabelo, preso em duas franças, era claro como o ouro. Tinha olhos azuis e um rosto expressivo, com altos pómulos. Seus lábios pareciam sempre entreabertos num cálido sorriso, a exibir uma separação ligeiramente maior entre os dentes centrais superiores. A pele bronzeada lhe dava uma aparência exuberante e saudável.

Maeve tinha vinte e sete anos e um diploma em zoologia. Depois de formar-se, tirou três anos de licença para adquirir experiência, estudando a vida animal das regiões polares. Tendo retornado a seu país, a Austrália, estava em meio à dissertação de doutorado, na Universidade de Melbourne, quando lhe ofereceram um emprego temporário, como naturalista e guia de turistas, na Ruppert & Saunders, uma linha de cruzeiros especializada em viagens de aventura, com sede em Adelaide. Face à oportunidade de ganhar dinheiro para concluir a dissertação, ela não hesitou em largar tudo e embarcar no Polar Queen rumo ao grande continente branco.

Nessa viagem, havia noventa e um turistas a bordo. Maeve era uma das quatro naturalistas que dirigiriam as excursões em terra. Por causa da colônia de pingüins, dos edifícios ainda remanescentes das operações de pesca à baleia, do cemitério e do acampamento onde perderam a vida os exploradores noruegueses, a ilha Seymour era considerada um local histórico, de meio ambiente vulnerável. Para reduzir o impacto da afluência de turistas, estes eram levados à praia em grupos separados e a intervalos de duas horas.

Também precisavam seguir um código de comportamento. Não deviam pisar no líquen nem no musgo nem se aproximar a menos de cinco metros de qualquer forma de vida animal. Tampouco podiam colher suvenires, sequer as pedrinhas que lá abundavam. Eram quase todos australianos, com exceção de alguns neozelandeses.

Maeve fora escalada para acompanhar o primeiro grupo de vinte e dois visitantes. Conferiu a lista de nomes quando os excitados turistas começaram a embarcar no Zodiac, a versátil balsa de borracha projetada por Jacques

Cousteau. Ela ia seguir o último passageiro, mas Trevor Haynes, o imediato, a deteve junto à prancha de embarque. Tranquilo e muito bonito aos olhos da moça, ele não se sentia bem entre os viajantes e raramente aparecia no convés.

— Avise a sua turma que não se assuste se o barco se afastar — disse.

Ela o encarou.

— Aonde vocês vão?

— Está se formando uma tempestade a cerca de duzentos quilômetros daqui. O capitão não quer arriscar expor os passageiros a águas turbulentas. Também não quer decepcioná-los, cancelando as excursões na praia. Pretende avançar vinte quilômetros pela costa e deixar outro grupo na colônia de focas. Depois voltará aqui, para recolhê-los, e repetirá o processo lá.

— Vocês vão colocar o dobro de pessoas em terra na metade do tempo.

— É a idéia. Assim, podemos zarpar e estar nas águas relativamente calmas do estreito de Branfield antes que a tempestade chegue.

— Eu estava me perguntando por que vocês não tinham lançado âncora. — Maeve gostava de Haynes. Era o único oficial do navio que não tentava continuamente atraí-la a seu camarote após os drinques da noite. — Espero-os em duas horas — disse com um aceno.

— Se tiver algum problema, comunique-se pelo rádio portátil.

Ela colocou a mão no pequeno aparelho que levava ao cinto.

— Você será o primeiro a saber.

— Lembranças aos pingüins.

— Pode deixar.

Quando o Zodiak flutuou na água clara e lisa como um espelho, Maeve contou ao pequeno grupo de intrépidos turistas a história do lugar.

— A ilha Seymour foi vista pela primeira vez por James Clark Ross, em 1842. Quarenta exploradores noruegueses, perdidos quando o navio foi esmagado pelo gelo, pereceram aqui em 1859. Vamos visitar o lugar onde moraram e, depois, fazer uma pequena caminhada ao terreno onde estão enterrados.

— Era naqueles prédios que eles moravam? — perguntou uma senhora não muito distante dos oitenta anos, apontando para várias estruturas numa pequena baía.

— Não — respondeu Maeve. — O que a senhora está vendo são os restos de uma estação inglesa de pesca de baleia. Está abandonada. Vamos visitá-la depois de dar um passeio naquele ponto rochoso que estamos vendo ao sul, onde fica a colônia de pingüins.

— Mora alguém aqui? — quis saber a mesma mulher.

— Os argentinos têm uma estação de pesquisa na extremidade norte da ilha.

— Fica longe?

Maeve sorriu com condescendência.

— A uns trinta quilômetros.

Em todo grupo há alguém com a curiosidade de uma criança de quatro anos, pensou.

Agora, podiam ver claramente o fundo de rocha nua, sem nenhum tipo de vegetação. Sua sombra os acompanhou cerca de duas braças mais abaixo, quando atravessaram a baía. Não havia ondas quebrando na orla; o mar se estendia, liso, até o litoral, a lamber a rocha exposta com a mansidão das pequenas lagoas. O piloto desligou o motor de popa quando a proa do Zodiak se acercou da praia. A única coisa viva ora um branquíssimo petrel, que planava no céu qual um enorme floco de neve.

Só depois de haver ajudado todos os turistas a desembarcar e, com as altas botas

de borracha fornecidas pelo navio, vadear até a praia de seixos, foi que Maeve se voltou e olhou para a embarcação, que se afastava para o norte.

O Polar Queen era pequeno para os padrões dos navios de passageiros. Contava apenas setenta e dois metros de comprimento, com tonelagem bruta de duzentos e cinquenta. Fora construído em Bergen, na Noruega, especialmente para cruzeiros em águas polares. Tinha a robustez de um quebra-gelo, função que era capaz de enfrentar, se necessário. Sua superestrutura e a larga faixa horizontal abaixo da co-berda inferior tinham sido pintadas de um branco glacial. O resto do casco era amarelo-claro. Graças à forma da proa e da popa, conseguia driblar as banquisas e os icebergs com a agilidade de uma lebre. As confortáveis cabinas eram mobiliadas no estilo dos chalés de esqui, com janelas panorâmicas para o mar. Outras amenidades incluíam um salão e um restaurante luxuosos, comandado por um chef capaz de formidáveis proezas culinárias; uma academia de ginástica; uma biblioteca repleta de livros e informações sobre as regiões polares. A tripulação era bem treinada e superava em vinte o número de passageiros. Inexplicavelmente, Maeve sentiu uma ponta de tristeza quando o Polar Queen diminuiu na distância. Durante um breve momento, experimentou a apreensão que os exploradores noruegueses deviam ter provado ao ver desaparecer seu único meio de sobrevivência. Tratou logo de afastar o mal-estar e se pôs a conduzir o grupo na cinzenta paisagem lunar do cemitério.

Concedeu-lhes vinte minutos para vagar entre as tumbas, tirando rolos inteiros de fotografias das inscrições. Depois, levou-os a uma gigantesca pilha de ossos de baleia, perto da antiga estação, ao mesmo tempo em que explicava o método com que os pescadores processavam os cetáceos.

— Passados o perigo e a excitação da caçada e do abate — contou —, vinha o detestável serviço de esfolar as baleias e transformar a gordura em óleo. "Cortar e arrancar", como diziam os antigos.

A seguir, vieram as antigas cabanas e o prédio onde se derretia a gordura. A estação, mantida e monitorada anualmente pelos ingleses, era considerada um museu. A mobília, os utensílios de cozinha, do mesmo modo que antigos livros e revistas usadas, permaneciam no lugar onde os pescadores os deixaram ao partir.

— Por favor, não mexam em nada — pediu Maeve. De acordo com uma lei internacional, nada pode ser retirado daqui. Agora, vou levá-los às cavernas cavadas pelos pescadores. Lá, o óleo era armazenado em gigantescos barris, que depois seguiam para a Inglaterra.

Retirou lanternas de uma caixa deixada no local pelos guias das expedições anteriores e as distribuiu entre os turistas.

— Alguém sofre de claustrofobia?

Uma mulher que aparentava mais de setenta anos ergueu a mão.

— Acho que não quero entrar aí.

— Mais alguém?

A senhora que fazia perguntas se adiantou.

— Não suporto lugares frios e escuros.

— Muito bem — disse Maeve. — Vocês duas esperem aqui. Vou levar os outros ao setor de armazenamento de óleo de baleia. É logo ali. Não demoraremos mais de quinze minutos.

Conduziu o ruidoso grupo por um longo túnel curvo, aberto pelos pescadores de baleia, que dava numa grande caverna cheia de barris enormes, abandonados. Deteve-se e apontou para uma rocha maciça à entrada.

— Esta pedra foi recortada no interior da caverna. Funcionava como barreira contra o frio e impedia que os baleeiros rivais roubassem o óleo excedente

quando a estação fechava, durante o inverno. Embora tenha o peso de um tanque blindado, qualquer criança é capaz de deslocá-la se conhecer seu segredo. — Aproximando-se, colocou a mão num determinado lugar da parte superior da rocha e, com toda a facilidade, empurrou-a, fechando a entrada. — Um truque sutil da engenharia. A pedra fica delicadamente equilibrada numa haste que passa por seu centro. Se a empurrarmos no lugar errado, não se move.

Todos fizeram piadas sobre a escuridão quando Maeve se aproximou de um enorme barril de madeira. Estava ainda quase cheio. Colocando um frasco sob a torneira, ela recolheu uma pequena quantidade de óleo. Passou o vidro entre os turistas, que esfregaram algumas gotas entre os dedos.

— O frio impediu que o óleo estragasse nesses quase cento e trinta anos. Continua fresco como no dia em que saiu do caldeirão e foi colocado no barril.

— Parece ser um lubrificante extraordinário — disse um senhor grisalho, com nariz vermelho de beberão.

— Não conte isso às empresas de petróleo — sorriu Maeve —, do contrário as baleias estarão extintas antes do Natal.

Uma mulher pegou o frasco e o cheirou.

— Pode ser usado como óleo de cozinha?

— Pode, sim — respondeu Maeve. — Os japoneses apreciam muito o óleo de baleia. Aliás, os antigos pescadores costumavam molhar bolachas em salmoura e depois fritá-las nessa gordura. Experimentei uma vez e achei que tinha um gosto interessante, se bem que levemente...

Foi interrompida pelo grito de uma senhora idosa, que segurava a própria cabeça. Seis outras pessoas a imitaram, as mulheres a gritar, os homens a gemer. Maeve dirigiu-se a eles, impressionada com a ex-pressão de dor intensa.

— Que aconteceu? Estão precisando de alguma coisa? Mas logo chegou a sua vez. Ela sentiu uma dor aguda na cabeça, e seu coração começou a bater alucinado.

Instintivamente, levou as mãos às têmporas. Olhou estonteada para os membros da excursão. Em meio no efeito hipnótico da agonia e do pavor, todos os olhos pareciam querer saltar das órbitas. Depois, ela sentiu uma onda de tontura rapidamente seguida por uma terrível náusea. Sobreveio-lhe uma necessidade urgente de vomitar antes de perder o equilíbrio e cair. Ninguém conseguia entender o que estava acontecendo. O ar se tornou pesado e difícil de respirar. A luz das lanternas assumiu um sobrenatural brilho azulado. Não havia vibrações, nenhum abalo sísmico, mas, mesmo assim, a poeira começou a remoinhar no interior da caverna. Só se ouviam os gritos atormentados dos turistas.

Todos começaram a vacilar e cair. Com horrorizada incredulidade, Maeve se sentiu desorientada, tomada por um enlouquecido pesadelo em que seu corpo parecia estar virando-se ao avesso.

Num momento, todos se viram diante da morte, vinda de um lugar desconhecido. Um instante depois, inexplicavelmente, a insuportável agonia e a vertigem começaram a desaparecer. Tão rapidamente como começaram, amenizaram-se e desapareceram.

Maeve sentiu uma grande exaustão. Fechando os olhos, encostou no barril de óleo de baleia, aliviada por já não estar sentindo dor.

Ninguém conseguiu falar durante uns dois minutos. Por fim, um homem, que estava com a estonteada esposa nos braços, olhou para Maeve.

— Pelo amor de Deus, o que é isso? Ela sacudiu a cabeça lentamente.

— Não sei...

Com muito esforço, fez a contagem dos presentes e ficou contente ao constatar

que todos estavam vivos e em plena recuperação. Por sorte, nenhum dos mais idosos sofrerá danos permanentes nem ataques cardíacos.

— Por favor, esperem aqui e descansem enquanto vou ver como estão as duas senhoras à entrada e me comunico com o navio.

Era um bom grupo, pensou. Ninguém a culpava pelo acontecimento inexplicável. Passaram a se ocupar imediatamente uns dos outros, os mais jovens a ajudar e confortar os velhos. Viram-na empurrar a pesada porta e afastar-se, até que a luz de sua lanterna desaparecesse numa curva do túnel.

Assim que chegou à luz do dia, Maeve se perguntou se não tinha sido uma alucinação. O mar continuava calmo e azul. O sol estava um pouco mais alto no céu sem nuvens. E as duas senhoras que tinham preferido ficar ao ar livre se achavam estendidas, de bruços, agarradas às rochas como que para não ser arrancadas por uma força invisível.

Agachando-se, ela tentou acordá-las. Mas parou, horrorizada, ao ver-lhes os olhos vidrados e as bocas abertas. Ambas tinham vomitado. Estavam mortas. A pele já começava a adquirir um tom arroxeadado.

Maeve correu ao Zodiac, que continuava no mesmo lugar, com a proa na praia. O piloto que os havia levado a terra também estava sem vida, a mesma expressão aterrorizada no rosto, a mesma coloração na pele. Atordoada pelo choque, ela pegou o rádio portátil e começou a transmitir.

— Polar Queen, é a excursão número um. É uma emergência. Por favor, responda imediatamente. Câmbio.

Não houve resposta.

Tentou várias outras vezes entrar em contato com o navio. Só obteve silêncio. Era como se o Polar Queen, sua tripulação e seus passageiros nunca tivessem existido.



Janeiro era época de pleno verão na Antártida. Os longos dias tinham apenas uma ou duas horas de penumbra. As temperaturas, que na península podiam se elevar a quinze graus, caíra a zero após o desembarque do grupo de turistas. No horário programado para o retorno do Polar Queen, não se viu sinal dele. Até as onze da noite, Maeve seguiu com as várias tentativas de entrar em contato a cada meia hora. Quando o sol polar começou a se pôr, cessou de chamar o canal do navio. Preferiu conservar as baterias do transmissor. O alcance dos rádios portáteis limitava-se a dez quilômetros, e, num raio de quinhentos, não havia embarcação ou aeronave que pudesse captar seus pedidos de socorro. E, a menos que condições atmosféricas anormais estendessem o alcance de seus sinais, tampouco os receberia a estação de pesquisa argentina na outra extremidade da ilha. Frustrada, ela desistiu. Pretendia voltar a tentar mais tarde. Onde estariam o navio e a tripulação?, perguntava-se constantemente. Teriam sido atingidos pelo mesmo fenômeno mortal? Haveriam sofrido danos? Não queria se deixar levar pelo pessimismo. Por enquanto, ela e o grupo estavam em segurança. Contudo, sem comida nem abrigo contra o frio, não teriam como agüentar muito tempo. Alguns dias, no máximo. A idade média dos turistas era avançada. O casal mais jovem devia ter quase setenta anos, ao passo que os outros já se aproximavam dos oitenta, sem contar a mais velha de todos, uma senhora de oitenta e três, que queria provar um pouco de aventura antes de se recolher à um asilo. Com uma sensação de desamparo, Maeve olhou para as nuvens negras que começavam a se acumular a oeste, certamente a frente da tempestade de que Trevor Haynes tinha falado. Ela conhecia muito o clima do Pólo Sul para saber que as tempestades litorâneas vinham acompanhadas de fortes ventanias e terríveis precipitações de granizo. Pouca ou nenhuma neve cairia. O perigo principal residia na friagem trazida pelo vento. Abandonando finalmente a esperança de avistar tão cedo o navio, tratou de se preparar para o pior e tomar providências para que os membros da excursão pudessem se abrigar nas dez horas seguintes. As cabanas ainda existentes, assim como os barracões onde se derretia a gordura, estavam demasiado expostos aos caprichos da natureza. Os telhados tinham desabado havia muito tempo, e as ventanias haviam destruído portas e janelas. Maeve concluiu que o grupo dispunha de melhores chances de sobreviver ao frio intenso e ao vento ameaçador se permanecesse na caverna. Uma fogueira, com a antiga madeira da estação de pesca, era uma possibilidade, mas teria de ser acesa perto da entrada. Do contrário, a fumaça poderia causar asfixia.

Quatro dos homens mais moços ajudaram-na a colocar num barracão os corpos das duas mulheres e do piloto.

Também puxaram o Zodiac à praia e o amarraram, para evitar que fosse levado pelo vento cada vez mais forte. No dia seguinte vedaram o túnel com rochas, deixando apenas uma pequena abertura, a fim de minimizar as gélidas lufadas. Ela preferiu deixar aberta a porta de pedra, pois não queria que ficassem completamente isolados do exterior. Depois, reuniu todos a seu redor e ordenou que permanecessem muito juntos para se aquecer.

Nada mais havia a fazer. As horas à espera de resgate pareciam uma eternidade. Eles tentaram dormir, mas foi impossível. O frio entorpecente começou a lhes penetrar a roupa, e, lá fora, o vento uivava enlouquecido pela abertura que haviam deixado na barreira de pedras à entrada do túnel.

Só um ou dois se queixaram. A maioria suportou estoicamente a provação. Alguns estavam entusiasmados com a aventura. Dois australianos, grandalhões, que fizeram fortuna como sócios numa construtora, provocavam suas esposas e faziam piadas sarcásticas para animar os demais. Mostravam-se despreocupados, como se estivessem à espera de um avião no aeroporto. Eram boas pessoas no crepúsculo da vida, pensou Maeve. Seria, mais do que um crime, uma vergonha permitir que morressem naquele inferno de gelo.

Dando asas à fantasia, ela os imaginou enterrados sob as rochas, com os exploradores noruegueses e os pescadores britânicos. Que tolice, censurou-se depois. Apesar da violenta hostilidade de seu pai e de seus irmãos, ela não podia acreditar que lhe negassem um sepultamento decente no túmulo da família, onde repousavam seus antepassados. Contudo, sabia quanto era real a possibilidade de que já não a considerassem filha e irmã após o nascimento de seus gêmeos.

Ali deitada, contemplando a névoa que a respiração concentrada ia formando na caverna, tentou imaginar os filhos de apenas seis anos na casa de amigos, enquanto ela, naquele cruzeiro, tratava de ganhar o dinheiro de que tanto precisava. Que seria deles se morresse ali? Rogava que seu pai jamais pusesse as mãos nos meninos. A compaixão nunca entrava em suas considerações. A vida alheia pouco importava para ele. Tampouco era o dinheiro que lhe interessava. Este não passava de um instrumento. Sua paixão era o poder de manipular. As duas irmãs de Maeve compartilhavam com o pai a indiferença pelos demais. Felizmente, ela saíra à mãe, uma mulher delicada, que fora conduzida ao suicídio pelo frio e brutal marido quando Maeve tinha doze anos.

Depois da tragédia, ela não voltara a se considerar parte da família. Nenhum deles a perdoava por ter abandonado o núcleo apenas com a roupa do corpo e passado a viver por conta própria, sob nova identidade. Decisão da qual ela nunca se arrependera.

Despertou com um barulho, ou melhor, com a ausência dele. O vento já não estava uivando lá fora. A tempestade continuava, porém a glacial ventania tinha cessado. Ela voltou e acordou os dois construtores.

— Preciso que me acompanhem até a colônia de pingüins — disse. — E fácil capturá-los. Estou violando a lei, mas, se quisermos sobreviver até o retorno do navio, temos de nos alimentar.

— Que acha, compadre? — perguntou um deles.

— Nunca recusei uma passarinhada — respondeu o outro.

— O pingüim não chega a ser um manjar — sorriu Maeve. — Sua carne é muito oleosa, mas alimenta. Antes de sair, incitou os outros a se levantar e ir roubar madeira da estação de pesca de baleia.

— Presa por um tostão, presa por um milhão. Se me puserem na cadeia pela

morte dos pinguins e por destruir edificações históricas, prefiro fazer o serviço completo.

Tomaram o caminho da colônia, que ficava a uns dois quilômetros, além do ponto que contornava a parte norte da baía. Embora o vento tivesse cessado, o granizo era um tormento. Mal conseguiam ver três metros à frente. Era como se estivessem olhando através de uma lâmina de água. A visão se tornava ainda mais difícil sem óculos de proteção.

Estavam apenas com os escuros, e o granizo penetrava pelas bordas das lentes, endurecendo-lhes as pestanas. Tiveram de avançar junto à orla para não perder o senso de direção. Desse modo, acrescentaram vinte minutos à caminhada, mas os desvios evitaram que se perdessem.

O vento começou a soprar novamente, açoitando-lhes o rosto exposto. Maeve chegou a pensar em fazer a penosa viagem à estação de pesquisa argentina. Porém logo abandonou a idéia. Poucos sobreviveriam à jornada de trinta quilômetros na tempestade. Mais da metade dos idosos pereceria no caminho. Era preciso avaliar todas as perspectivas, as possíveis e as impraticáveis. Jovem e forte, ela conseguiria chegar. Todavia, não tinha coragem de abandonar aquela gente. Enviar os dois australianos grandalhões que marchavam a seu lado não deixava de ser uma possibilidade. O problema era: que encontrariam ao chegar? E se os cientistas argentinos tivessem morrido nas mesmas misteriosas circunstâncias dos membros do grupo? Se tivesse acontecido o pior, a única vantagem de chegar à estação de pesquisa seria utilizar seu poderoso equipamento de comunicação. A decisão era uma tortura. Devia arriscar a vida dos dois australianos na perigosa viagem ou mantê-los por perto, a fim de auxiliá-los no cuidado dos velhos e fracos? Decidiu não mandar ninguém à estação de pesquisa. Não fora contratada para pôr em perigo a vida dos passageiros da Ruppert & Saunders. Era inconcebível que tivessem sido abandonados. Não havia alternativa senão aguardar socorro, viesse de onde viesse, e tratar de sobreviver na medida do possível.

A chuva de granizo amainara, e a visibilidade aumentara para quase cinquenta metros. O sol apareceu feito uma laranja turva, com um halo de cores variadas, um verdadeiro prisma arredondado. Contornaram a rochosa saliência que cingia a baía e trataram de voltar à orla onde ficava a colônia. Maeve não aceitava a idéia de sacrificar os pinguins mesmo que para conservar a própria vida. Eram criaturinhas mansas e meigas.

Os pinguins *Pygoscelis adeliae* representavam uma das dezessete espécies existentes. Com o dorso e a cabeça cobertos de penas negras e o peito muito branco, tinham olhinhos espertos, que pareciam as contas de um rosário. Como sugeriam os fósseis encontrados na ilha Seymour, seus ancestrais, havia mais de quarenta milhões de anos, tinham a altura de um homem. Atraída por seus padrões de comportamento social quase humanos, Maeve tinha passado todo um verão a observar e estudar uma colônia, e se apaixonara por aqueles simpáticos pássaros.

Em contraste com os grandes pinguins-imperadores, os *Pygoscelis adeliae* chegavam a se deslocar a cinco quilômetros por hora e até mais, deslizando de peito no gelo. Bastava um chapéu-coco e uma bengala, pensava ela com frequência, para que se transformassem em perfeitas imitações de Charlie Chaplin.

— Acho que a maldita chuva de granizo está passando — disse um dos homens. Vestia um blusão de couro e fumava um cigarro.

— Ainda bem — murmurou o outro, que estava com o cachecol enrolado na

cabeca, como um turbante. — Estou ensopado.

Conseguiram ver claramente uns quinhentos metros de mar. A superfície, antes lisa como uma vidraça, era, agora, um tumulto de ondas encapeladas pelo vento. Maeve voltou a atenção para a colônia. Devia haver mais de cinco mil pingüins. Ao se acercar com os australianos, estranhou não ver nenhum dos animaizinhos de pé, as pequenas asas abertas como que para não perder o equilíbrio. Estavam todos espa- lhados, estendidos de costas, como se houvessem tombado.

— Esquisito — disse —, nenhum deles está em pé.

— Não são bobos — respondeu o homem de turbante.

— Ficar em pé com esse grunizo...

Maeve se adiantou, correndo, e olhou para os animais mais próximos. Ficou assombrada com a ausência de ruídos. Nenhum deles se movia nem mostrava interesse por sua chegada. Ajoelhando-se, examinou um. Estava estendido no chão, os olhos parados e cegos. Com expressão de horror, ela olhou para os milhares de pássaros, que não davam sinal de vida. Viu duas focas-leopardo, os predadores naturais dos pingüins, cujos corpos balançavam ao sabor das ondas que chegavam à pequena praia rochosa.

— Estão mortos! — murmurou, chocada.

— Com os diabos! — gemeu o homem de blusão de couro. — Ela tem razão. Nenhum deles está respirando.

Não pode ser verdade, pensou Maeve com desespero. Levantou-se calada. Não conseguia compreender o que causara aquela morte em massa, mas pressentia-o. Entrou-lhe de súbito a idéia maluca de que a vida, no mundo, fora extinta por uma misteriosa enfermidade. Será possível que somos os únicos sobreviventes num planeta morto?, perguntou-se apavorada.

O homem com o cachecol apanhou um pingüim.

— Pelo menos não teremos de matá-los.

— Largue isso! — gritou Maeve.

— Como assim? Precisamos comer, não?

— Não sabemos de que morreram. Pode ter sido uma epidemia.

O homem do blusão de couro fez que sim.

— A moça sabe o que está dizendo. A doença que matou os pingüins pode nos matar também. Não quero ser o responsável pela morte de minha esposa.

— Mas não foi uma doença — argumentou o outro. — O que matou as duas velhas e o marinheiro deve ter sido uma espécie de fenômeno natural.

Maeve se manteve firme.

— Eu me recuso a pôr em risco vidas humanas. O Polar Queen vai voltar. Eles não nos esqueceram.

— Se o que o capitão estava querendo era nos assustar, já consegui.

— Deve ter tido uma boa razão para não retornar.

— Seja qual for ela, é bom que a empresa tenha um excelente seguro, porque nós não vamos lhe dar sossego quando voltarmos à civilização.

Maeve não estava com vontade de discutir. Dando meia-volta, pôs-se a caminhar rumo à caverna. Os dois homens a seguiram, os olhos a escrutar o oceano ameaçador, em busca de algo que não se encontrava lá.



Acordar depois de haver passado três dias numa caverna, numa ilha estéril, em meio a uma tormenta polar e sabendo-se responsável por três mortes e pela vida de nove homens e onze mulheres não foi uma experiência agradável. Sem sinal da esperada chegada do Polar Queen, a alegre excursão ao extraordinário isolamento da Antártida tinha se convertido num pesadelo de abandono e aflição. E, para aumentar o desespero de Maeve, as baterias do rádio portátil estavam finalmente descarregadas.

Ela sabia que, a partir de agora, podia esperar que os membros mais idosos do grupo sucumbissem a qualquer momento à dura situação no interior da caverna. Tinham passado a vida nas quentes regiões tropicais e não estavam acostumados àqueles rigores glaciais. Organismos mais jovens e resistentes poderiam talvez agüentar até que chegasse socorro, porém aquela gente carecia do vigor dos vinte ou trinta anos. Sua saúde era geralmente débil e vulnerável.

No começo, gracejavam e contavam anedotas, enfrentando aquela provação como uma simples aventura adicional. Cantavam Waltzing Matilda e se ocupavam com jogos de palavras. Mas não tardou para que a letargia se instalasse e eles fossem se tornando calados e tristes. Em todo caso, suportavam o sofrimento com estoicismo e sem protestar.

Agora, a fome era mais forte do que o medo do alimento contaminado. A fim de evitar um motim, Maeve acabou cedendo e mandando os homens buscarem os pinguins mortos. Não havia problema de decomposição, posto que as aves haviam congelado logo depois de morrer. Um dos turistas era caçador. Com seu canivete suíço, limpou e cortou habilmente os animais. Com o estômago cheio de proteínas e gordura, todos teriam combustível para manter o calor do corpo.

Maeve encontrou numa das cabanas de pescador um pouco de chá de mais de setenta anos. Apossou-se também de uma velha panela e uma frigideira. A seguir, conseguiu extrair cerca de um litro de óleo de baleia dos barris, colocou-o na frigideira e o acendeu. Quando a chama azul surgiu, todos aplaudiram a habilidade com que improvisara o fogareiro.

Depois de lavar a antiga panela, ela a encheu de neve e preparou o chá. Os espíritos se animaram, embora por pouco tempo. A depressão logo tornou a lançar sua pesada rede sobre a caverna. A vontade de sobreviver era solapada pela frígida temperatura. Todos começaram a acreditar que o fim era inevitável. O navio não voltaria mais, e as esperanças de serem salvos por outra embarcação não passava de fantasia.

Pouco importava que expirassem devido à enfermidade desconhecida que exterminara os pinguins. Ninguém estava agasalhado para resistir durante muito

tempo a temperaturas abaixo de zero. O perigo da asfíxia os impedia de fazer uma fogueira maior com o óleo de baleia. A pequena quantidade na frigideira produzia um calor escasso, insuficiente para prolongar a vida. Não demoraria muito e os tentáculos fatais do frio os cercariam.

Lá fora, a tempestade piorou e começou a nevar, fenômeno raro na península durante o verão. A esperança de ser encontrados por acaso foi desaparecendo à proporção que a tempestade se intensificava. Quatro dos mais velhos estavam praticamente agonizando, e Maeve se viu tomada de desânimo ao compreender que o controle lhe escapava entre os dedos congelados. Culpando-se pela morte das três primeiras vítimas, sentia-se terrivelmente afetada.

Os vivos a encaravam como a única esperança. Até mesmo os homens respeitavam sua autoridade e executavam suas ordens sem questionar.

— Deus os proteja — sussurrava ela, sozinha. — Eles não podem saber que chegamos ao fim da linha. Estremeceu com uma opressiva sensação de desamparo. Uma estranha letargia a invadiu. Sabia que estava fadada a acompanhar aquele sofrimento até seu desfecho, mas não se acreditava capaz de continuar carregando nos ombros vinte existências. Exausta, já não queria lutar. Em meio à apatia, ouviu um ruído estranho, quase apagado, diferente do sibilar do vento.

Lembrava uma coisa a vibrar no ar. Logo desapareceu. Devia ser imaginação, pensou. Apenas o vento mudando de direção e fazendo um barulho diferente pelo respiradouro na entrada do túnel.

Depois, tornou a ouvir o ruído que, no entanto, desapareceu. Levantando-se com dificuldade, entrou tropeçadamente pelo túnel. A neve mg acumulara junto à barreira contra o vento, quase tapando a pequena abertura. Foi preciso remover várias pedras para ampliar a passagem e sair àquele mundo gelado, agitado pela nevasca. O vento se mantinha a constantes vinte nós, erguendo espirais de neve que lembravam um tornado. Repentinamente, Maeve ficou tensa e se pôs a escutar a branca turbulência.

Algo parecia estar se movendo a distância, uma vaga forma sem substância e, contudo, mais escura do que o véu opaco que caía do céu.

Dando um passo à frente, ela tropeçou e caiu de bruços. Teve vontade de ficar ali mesmo e adormecer. A disposição a desistir era poderosa demais. Todavia, a fagulha da vida recusava-se a diminuir e apagar-se. Colocando-se de joelhos, tentou enxergar através da luz oscilante. Notou que algo avançava em sua direção. Logo, porém, uma rajada o encobriu. Reapareceu momentos depois, e estava mais próximo. Foi quando seu coração disparou.

Era o vulto de um homem coberto de gelo e neve. Acenando, excitada, ela o chamou. O homem parou como que a escutar, depois se voltou e começou a se afastar.

Dessa vez ela berrou, um grito estridente de que só as mulheres são capazes. O vulto se virou e olhou em sua direção em meio à neve incessante. Maeve agitou freneticamente os braços. Ele também acenou e correu em sua direção.

— Oh, tomara que não seja uma miragem ou uma ilusão — rogou ela aos céus.

E então o estranho se ajoelhou na neve a seu lado, envolvendo-lhe os ombros nus braços que pareciam os mais fortes do mundo.

— Graças a Deus! Eu não tinha perdido a esperança de que você chegasse.

Era um homem alto, com um blusão turquesa, máscara de esqui e óculos de proteção. No lado esquerdo do peito, trazia a inscrição ANPS. Tirando os óculos, ele a mirou com uns olhos incrivelmente verdes, que denotavam um misto de surpresa e curiosidade. Seu rosto muito bronzeado parecia estranhamente fora de

lugar na Antártida.

— Que diabos você está fazendo aqui? — perguntou com voz rouca o preocupado.

— Estou com outras vinte pessoas ali na caverna. Participávamos de uma excursão. Nosso barco se afastou e não voltou mais.

Ele a encarou com incredulidade.

— Foram abandonados?

Maeve fez que sim e olhou temerosa para a tempestade.

— Houve alguma catástrofe mundial? O homem se mostrou intrigado.

— Que eu saiba, não. Por que está perguntando?

— Três membros de meu grupo morreram em circunstâncias misteriosas. E, ao norte da baía, toda uma colônia de pingüins foi exterminada.

O desconhecido não manifestou surpresa face à trágica notícia. Ajudou-a a levantar-se.

— Acho melhor sair deste temporal.

— Você é americano — disse ela, tremendo de frio.

— E você é australiana.

— É tão evidente?

— Sua pronúncia é típica.

Maeve estendeu a mão enluvada.

— Não imagina o meu prazer em conhecê-lo, senhor...?

— Dirk Pitt.

— Maeve Fletcher.

Alheio a suas objeções, ele a tomou nos braços e, carregando-a, seguiu as pegadas ainda impressas na neve até a entrada do túnel.

— Proponho que continuemos nossa conversa lá dentro. Você disse que há outros vinte?

— Ainda vivos.

No túnel, Pitt a colocou no chão e tirou a máscara de esqui. Seu cabelo era farto e muito preto. Um par de grossas sobrancelhas lhe toldava os olhos verdes. O rosto curtido pelo sol era de uma beleza áspera, e um sorriso constante brincava em seus lábios. Era o tipo do homem que fazia qualquer mulher se sentir segura, pensou Maeve.

Um minuto depois, Pitt estava sendo recebido pelos turistas como um famoso craque de futebol que acabasse de levar o time local a uma grande vitória. Ver um estranho surgir de súbito teve o impacto de um prêmio milionário na loteria. Ele ficou admirado por encontrá-los relativamente em forma, apesar do terrível ordálio por que estavam passando. As mulheres fizeram questão de abraçá-lo e beijá-lo como a um filho, ao passo que os homens exprimiram sua alegria com tantas palmadas que as costas do estranho chegaram a doer. Todos falavam e gritavam perguntas ao mesmo tempo. Maeve o apresentou e lhes contou como se haviam encontrado em meio à tempestade.

— De onde você veio, amigo? — todos queriam saber.

— De um barco de pesquisa da Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas. Estamos numa expedição, tentando descobrir por que as focas e os golfinhos vêm desaparecendo nestas águas a uma velocidade assombrosa. Estávamos sobrevoando a ilha Seymour, de helicóptero, quando a neve nos pegou. Acharmos melhor aterrissar até que passe.

— Está acompanhado?

— Do piloto e de um biólogo que ficaram a bordo. Avistei o que parecia ser parte de um Zodiak meio enterrado na neve. Sem saber o que podia estar fazendo esse

tipo de embarcação numa região desabitada, vim dar uma olhadela. Foi quando ouvi a senhorita Fletcher me chamar.

— Que bom que você resolveu sair — disse a Maeve a senhora de oitenta e três anos.

— Tive a impressão de estar ouvindo um barulho esquisito lá fora. Agora sei que era o helicóptero aterrissando.

— Foi muita sorte termos nos encontrado em meio a esse granizo - sorriu Pitt. — Não acreditei que estivesse ouvindo um grito de mulher. Pensei que fosse o vento. Depois eu a vi acenar.

— Onde está o seu navio? — quis saber Maeve.

— A uns quarenta quilômetros a nordeste daqui.

— Acaso passaram pelo nosso barco, o Polar Queen?

Pitt sacudiu a cabeça.

— Há mais de uma semana não vemos outra embarcação.

— Nenhum contato por rádio? Um SOS, quem sabe?

— Comunicamo-nos com uma embarcação que estava levando apoio logístico ao posto britânico de Halley Bay, mas nada soubemos de um navio de passageiros. Desvendaremos o mistério assim que tivermos transportado todos vocês ao nosso barco de pesquisa. Não é luxuoso como o Polar Queen, mas temos camarotes confortáveis, um bom médico e um cozinheiro que toma conta de uma adega com ótimos vinhos.

— Prefiro ir para o inferno a passar mais um minuto nesta geladeira - disse um neozelandês magro.

— No helicóptero, só poderei levar cinco ou seis de cada vez, de modo que teremos de fazer várias viagens — explicou Pitt. — Como estamos a uns trezentos metros daqui, vou voltar e trazer o aparelho para perto da entrada da caverna. Assim vocês não terão o desconforto de marchar na neve.

— Nada melhor do que um serviço de entrega em domicílio — agradeceu Maeve, sentindo-se como se tivesse nascido novamente. — Posso ir com você?

— Acha que consegue? Ela fez que sim.

— Tenho certeza de que todos ficarão contentes se passarem algum tempo livres de mim e de minhas ordens.

Al Giordino estava fazendo palavras cruzadas no banco do piloto do helicóptero azul-turquesa da ANPS. Embora fosse baixo, tinha o corpo sólido e atarracado. De vez em quando, olhava pelo pára-brisa do cockpit e, como não visse sinal de Pitt, voltava a se concentrar na charada. De cabelo crespo e olhos muito pretos, tinha rosto redondo e uma perpétua expressão de sarcasmo, que sugeria ceticismo em relação ao mundo e a tudo o que nele existia. O nariz reto denunciava-lhe a origem romana.

Amigos de infância, ele e Pitt tornaram-se inseparáveis quando prestaram o serviço militar na Força Aérea; depois, apresentaram-se como voluntários para lançar a Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas, um compromisso "temporário" que já durava quase catorze anos.

— Diga uma palavra de oito letras, que significa mamífero desdentado da família dos bradipodídeos, arborícola, de pelagem muito densa e longa, na qual vivem carrapatos e microlepidópteros ou traças — pediu ao homem que se encontrava sentado atrás dele, no compartimento de carga do aparelho equipado com um laboratório.

O biólogo da ANPS desviou a vista de um espécime colhido pouco antes e ergueu as sobrancelhas com desconfiança.

— Isso não existe.

— Tem certeza? Está escrito aqui.

Roy Van Fleet sabia quando Giordino estava brincando. Depois de três meses juntos no mar, já não caía nas peças que o italiano gostava de pregar.

— Pensando bem, é um animal dos trópicos. Veja se "preguiça" serve.

Terminando as palavras cruzadas, Giordino voltou a olhar para a neve que continuava caindo.

— Dirk já devia ter voltado.

— Quanto tempo faz que saiu? — perguntou Van Fleet.

— Uns quarenta e cinco minutos.

Giordino inclinou-se para a frente ao ver dois vultos tomando forma na distância.

— Acho que está voltando agora... Vocês devem ter colocado alguma coisa no meu sanduíche de queijo — acrescentou. — Sou capaz de jurar que vem acompanhado de outra pessoa.

— Impossível. Não há ninguém num raio de trinta quilômetros.

— Venha ver.

Quando Van Fleet terminou de fechar o frasco com o espécime e guardá-lo numa caixa de madeira, Pitt acabava de abrir a porta e estava ajudando Maeve Fletcher a entrar.

Ela tirou o capuz do blusão alaranjado, sacudiu os cabelos dourados e sorriu alegremente.

— Olá, cavalheiros. Não imaginam como estou contente por vê-los.

Van Fleet parecia ver um fantasma. Seu rosto demonstrava total incompreensão.

Giordino, por sua vez, limitou-se a suspirar, resignado.

— Só mesmo Dirk Pitt — disse ele sem se dirigir a ninguém em particular — é capaz de ir passear numa ilha deserta na Antártida, debaixo de uma tempestade de neve, e voltar com uma linda garota!



Menos de uma hora depois de Pitt ter alertado o Ice Hunter, o navio de pesquisa da ANPS, o capitão Paul Dempsey, enfrentando uma brisa gelada, ficou observando Giordino pousar no heliponto da embarcação. Com exceção do cozinheiro, ocupado no preparo de uma refeição quente, e do engenheiro-chefe, que ficou lá embaixo, toda a tripulação, inclusive os técnicos de laboratório e os cientistas, tinha saído para cumprimentar o primeiro grupo de turistas famintos e congelados trazidos da ilha Seymour.

O capitão fora criado num rancho das montanhas Beartooth, na divisa entre Wyoming e Montana. Fugiu para o mar ao concluir o segundo grau e trabalhou em pesqueiros de Kodiak, no Alasca. Apaixonado pelos mares do Círculo Polar Ártico, finalmente submeteu-se ao exame e foi aprovado como capitão de um quebra-gelos rebocado de salvamento. Por mais bravios que fossem os mares e fortes os ventos, Dempsey jamais vacilou em lançar-se nas piores tormentas do golfo do Alasca quando recebia o chamado de um navio em perigo. Em quinze anos, suas ousadas operações de salvamento de inúmeros pesqueiros, seis cargueiros de cabotagem, dois petroleiros e um destróier da marinha de guerra criaram uma lenda, que resultou numa estátua de bronze junto às docas, em Seward, fonte de grande constrangimento para ele. Obrigado a aposentar-se quando a empresa de salvamento faliu, aceitou o convite do almirante James Sandecker, diretor-geral da ANPS, para que assumisse o comando do navio de pesquisa polar Ice Hunter.

O cachimbo de roseira, sua marca registrada, lhe pendia do canto da boca fina e bem-humorada. Era um marujo típico, de ombros largos e ventre volumoso, que costumava postar-se com as pernas abertas; mesmo assim tinha uma bela aparência. Grisalho e sem barba, não lhe faltavam boas histórias do mar para contar. Dempsey podia ser tomado por um alegre capitão de navio de passageiros.

Deu um passo à frente quando as rodas do helicóptero tocaram a coberta. A seu lado, encontrava-se o dr. Mose Greenberg, médico de bordo. Alto e magro, levava o cabelo castanho preso num rabo-de-cavalo. Seus olhos azuis brilhavam, e ele tinha um ar que inspirava confiança, coisa que acontece com todos os médicos conscienciosos e dedicados do mundo. Acompanhado de quatro tripulantes que levavam maças para os passageiros que achassem difícil caminhar, o dr. Greenberg inclinou o corpo sob as pás da hélice ainda em movimento e abriu a porta traseira do compartimento de carga. Aproximando-se do cockpit, Dempsey fez um sinal para que Giordino abrisse a janela lateral. O atarracado italiano obedeceu.

— Pitt está com você? — perguntou o capitão em voz alta.

Giordino sacudiu a cabeça.

— Ficou lá com Van Fleet para examinar os pingüins mortos.

— Quantos passageiros do navio conseguiram trazer?

— Seis das mulheres mais velhas e que mais sofreram. Temos de fazer mais quatro viagens. Três para transportar os turistas e uma para trazer Pitt, Van Fleet, a guia e os três cadáveres que eles deixaram num antigo barracão dos pescadores de baleias.

Dempsey apontou para a miserável mistura de neve e granizo.

— Não vai se perder nessa sopa?

— Pretendo ficar em contato com o transmissor portátil de Pitt.

— Em que estado se encontra essa gente?

— Melhor do que se podia esperar de um grupo de idosos que passou três dias e três noites numa caverna gelada. Pitt pediu que avisasse o dr. Greenberg que fique atento à pneumonia. O frio intenso acabou com a energia desses velhos e, debilitados como se encontram, estão com a resistência muito baixa.

— Eles não têm idéia do que aconteceu com o navio? —

indagou Dempsey.

— Antes que desembarcassem, o imediato disse à guia de turistas que o navio subiria vinte quilômetros pela costa, para deixar outro grupo. É o que ela sabe. Não tornaram a entrar em contato depois que partiram. Dempsey estendeu a mão e deu uma palmada no braço de Giordino.

— Volte logo e cuidado para não molhar os pés.

A seguir, aproximou-se da porta do compartimento de carga e se apresentou aos esgotados passageiros do Polar Queen, que começavam a descer do aparelho. Cobriu com uma manta a mulher de oitenta e três anos, que era levada numa maca.

— Bem-vinda a bordo — sorriu. — Há sopa quente, café e uma cama macia a sua espera nos camarotes dos oficiais.

— Se não se importa — disse ela —, eu prefiro chá.

— Seu desejo é uma ordem para mim, cara senhora — respondeu Dempsey com delicadeza. — Que venha o chá.

— Deus o abençoe, capitão — agradeceu ela, acariciando-lhe a mão.

Assim que o último passageiro deixou o heliponto, Dempsey fez um sinal a Giordino, que imediatamente levantou vôo. O capitão ficou observando até que o aparelho azul desaparecesse na branca cortina de granizo. Voltou a acender o indefectível cachimbo e se demorou ali até bem depois que os demais tinham se refugiado da friagem no conforto da superestrutura do navio. Não esperava de modo algum uma missão de salvamento daquele tipo. Podia entender um navio em perigo nas águas revoltas do mar. Porém não conseguia imaginar um capitão que abandonasse seus passageiros numa ilha deserta, nas piores condições possíveis.

O Polar Queen se afastara mais de vinte e cinco quilômetros do lugar da antiga estação de pesca de baleias. Ele tinha certeza. O radar do Ice Hunter alcançava mais de cento e vinte quilômetros, e não localizara nada sequer remotamente parecido com um navio de passageiros.

A ventania tinha diminuído consideravelmente quando Pitt, em companhia de Maeve Fletcher e Van Fleet, chegou à colônia de pingüins. A zoóloga australiana e o biólogo americano se tornaram amigos quase de imediato. Pitt os seguia em silêncio, ouvindo-os comparar universidades e mencionar colegas. Maeve crivou Van Fleet de perguntas de interesse para sua dissertação, ao passo que ele fazia

indagações sobre a rápida observação do extermínio em massa dos pássaros mais queridos do mundo.

A tormenta tinha arrastado ao mar as carcaças dos que estavam mais perto da orla. Contudo, pelos cálculos de Pitt, quase quarenta mil aves mortas continuavam espalhadas entre as pedras menores e as rochas. Com o cessar da ventania e do granizo, a visibilidade chegava a quase um quilômetro.

Os petréis gigantes, verdadeiros abutres do mar, começaram a chegar e a devorar os pingüins mortos. Embora majestosos quando planavam graciosamente no ar, eram implacáveis comedores de carniça. Ante os olhares enojados de Pitt e dos outros, as enormes aves estripavam rapidamente as presas sem vida, mergulhando os bicos nas carcaças dos pingüins até ficarem com a cabeça e o pescoço vermelhos das vísceras.

— Não é um espetáculo de que quero me lembrar — disse Pitt.

Assombrado, Van Fleet se voltou para Maeve.

— Agora que estou vendo a tragédia com meus próprios olhos, acho difícil admitir que tantas pobres criaturas tenham morrido, ao mesmo tempo, num espaço tão concentrado.

— Seja qual for o fenômeno — respondeu Maeve —, tenho certeza de que também causou a morte de meus dois passageiros e do marinheiro que nos trouxe.

Van Fleet ajoelhou-se para examinar um dos pingüins.

— Nenhum ferimento, nenhum sinal visível de doença ou envenenamento. Estava gordo e sadio.

Maeve se inclinou.

— A única anormalidade que encontrei foi a leve protuberância dos olhos.

— Sim, compreendo o que está dizendo. Os globos oculares estão muito dilatados. Pitt a fitou, pensativo.

— Quando eu a estava levando à caverna, você me disse que as três pessoas morreram em circunstâncias misteriosas.

Ela fez que sim.

— Uma força estranha nos atacou os sentidos. Era invisível e não parecia física. Não tenho idéia do que foi. Mas posso dizer que, durante pelo menos cinco minutos, era como se nossos cérebros fossem explodir. Uma dor insuportável.

— Pela coloração azulada dos cadáveres que você me mostrou no barracão — interveio Van Fleet —, a causa das mortes parece ter sido parada cardíaca.

Pitt olhou para o cenário de devastação.

— Não é possível que três seres humanos, milhares de pingüins e quarenta ou mais focas tenham morrido juntos de ataque cardíaco.

— Deve existir uma causa comum — ponderou Maeve.

— Algum vínculo com o enorme cardume de golfinhos que encontramos no mar de Weddell ou com as focas jogadas do outro lado do canal, na ilha Vega, todos mortos como madeira petrificada? — perguntou Pitt a Van Fleet.

O biólogo deu de ombros.

— É cedo para dizer. E preciso pesquisar mais. Em todo caso, parece existir um vínculo.

— Você os examinou no laboratório do navio? — quis saber Maeve.

— Dissequei duas focas e três golfinhos e nada encontrei que autorize uma teoria respeitável. A evidência primária é de hemorragia interna.

— Golfinhos, focas, pássaros e seres humanos — disse Pitt em voz baixa. — Todos vulneráveis a esse flagelo. Van Fleet concordou solenemente.

— Para não falar no grande número de lulas e tartarugas marinhas que foram jogadas na praia ao longo do Pacífico e nos milhões de peixes mortos que apareceram flutuando na costa do Peru e do Equador nos últimos dois meses.

— Se isso continuar, não há como prever quantas formas de vida se extinguirão no ar e no mar. — Pitt ergueu os olhos ao céu ao ouvir o ruído distante do helicóptero. — E que sabemos a não ser que essa praga misteriosa está matando indiscriminadamente tudo quanto vive na água ou no ar?

— Em questão de minutos — acrescentou Maeve. Van Fleet se levantou. Parecia abalado.

— Se não descobriremos logo a causa, seja ela um distúrbio natural ou alguma intervenção humana, em breve estaremos olhando para oceanos desprovidos de vida.

— Não só oceanos. Você está esquecendo que essa coisa também mata em terra

— observou Maeve.

— Nem quero pensar nesse horror.

Passou um bom tempo sem que ninguém dissesse uma palavra. Cada um deles tentava compreender a catástrofe potencial que residia em alguma parte além do mar. Por fim, Pitt quebrou o silêncio.

— Parece — disse com olhar pensativo — que esse é um trabalho sob medida para nós.



Pitt estava estudando um monitor enorme, que exibia uma imagem de satélite, ampliada pelo computador, mostrando a península da Antártida e as ilhas adjacentes. Inclinou-se para trás, descansou a vista um momento e, então, olhou pelo vidro da ponte de navegação do Ice Hunter, tingido pelo sol que varava as nuvens.

Os passageiros do Polar Queen tinha sido alimentados e alojados nos confortáveis camarotes prontamente oferecidos pela tripulação e os cientistas. O dr. Greenberg examinou um a um e não encontrou danos permanentes ou traumatismos. Ficou também aliviado por verificar apenas alguns casos de resfriado, mas nenhum de pneumonia. No laboratório do navio, dois andares acima do hospital, Van Fleet, assistido por Maeve Fletcher, realizava a necropsia dos pingüins e focas que tinham sido trazidos de helicóptero da ilha Seymour. Os corpos dos três mortos foram conservados em gelo até ser entregues a um patologista.

Pitt passou os olhos pela gigantesca proa dupla do Ice Hunter. Era um navio de pesquisa muito especial, a primeira embarcação científica totalmente projetada por computadores pelos engenheiros da marinha, com programas e dados fornecidos por oceanógrafos. Navegava em cascos paralelos, que continham seus gigantes motores e a maquinaria auxiliar. Sua superestrutura redonda lembrava a era espacial; abundava em sofisticações técnicas e inovações futuristas. As cabines da tripulação e dos cientistas rivalizavam com os camarotes dos mais luxuosos navios de passageiros. Muito esguio, tinha uma aparência quase frágil que enganava. Era robusto e seguro, construído para singrar tranqüilamente as águas encapeladas dos mares mais perigosos. Seus cascos radicalmente triangulares eram capazes de atravessar e esmagar um glaciar de quatro metros de espessura.

O almirante James Sandecker, o enérgico diretor da Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas, acompanhou a construção, do primeiro design computadorizado até a viagem inaugural ao redor da Groenlândia. Orgulhava-se muito de cada centímetro da superestrutura branca e dos cascos azul-turquesas. Sandecker era mestre em obter verbas do novo e tacanho Congresso, e não se havia economizado na construção do Ice Hunter nem em seu fantástico equipamento. Ele era, sem dúvida, o melhor navio de pesquisa polar já construído.

Pitt voltou novamente a atenção para a imagem transmitida pelo satélite.

Quase não se sentia cansado. O dia tinha sido árduo, mas pleno de emoções, alegrias e satisfação por haver salvado a vida de mais de vinte pessoas. A parte

triste ficava por conta das numerosas criaturas mortas, espalhadas até onde a vista podia alcançar. Tratava-se de uma catástrofe incompreensível. Alguma coisa sinistra e ameaçadora os espreitava. Uma furtiva presença a desafiar a lógica.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de Giordino e do capitão Dempsey, que acabavam de sair do elevador que descia da ala de observação, acima da ponte de navegação, até as entranhas da casa das máquinas, quinze andares mais abaixo.

— Algum sinal do Polar Queen pelas câmeras do satélite? — indagou Dempsey.

— Nada que eu tenha podido identificar positivamente — respondeu Pitt. — A neve está embaçando todas as imagens.

— Contato por rádio? Pitt sacudiu a cabeça.

— É como se o navio tivesse sido levado por seres de outro planeta. A sala de comunicação não consegue obter nenhuma resposta. Aliás, o rádio da estação argentina também está mudo.

— Seja qual for o desastre que atingiu o navio e o estação — disse Dempsey —, deve ter acontecido tão depressa que os coitados não tiveram tempo de pedir socorro.

— Van Fleet e Fletcher descobriram alguma coisa sobre as mortes? — quis saber Pitt.

— Os exames preliminares mostraram rupturas nas artérias da base do crânio dos animais, com hemorragia. Fora isso, nada posso dizer.

— Parece que estamos seguindo um fio que leva de um mistério a um enigma a um dilema e a um quebra-cabeça sem solução à vista — filosofou Pitt.

— Se o Polar Queen não estiver flutuando aqui perto nem no fundo do mar de Weddell — disse Giordino —, podemos estar às voltas com um seqüestro.

Pitt sorriu e trocou um olhar com o velho amigo.

— Como o Lady Flamborough?

— A idéia me passou pela cabeça.

Dempsey olhou para a coberta, lembrando-se do incidente.

— O navio de passageiros que foi capturado por terroristas no porto de Punta dei Este anos atrás? Giordino fez que sim.

— Estava transportando chefes de Estado para uma conferência econômica. Os terroristas atravessaram com ele o estreito de Magalhães e entraram num fiorde chileno, onde atracaram sob uma geleira. Foi Dirk quem os localizou.

— Considerando que a velocidade de um cruzeiro pode chegar a dezoito nós — calculou Dempsey —, os terroristas já poderiam estar a meio caminho de Buenos Aires.

— Não faz sentido — disse Pitt, sem alterar a voz. — Por que motivo um grupo de terroristas seqüestraria um navio de passageiros na Antártida?

— Então, que acha?

— Acredito que esteja à deriva ou navegando em círculos a uns duzentos quilômetros daqui — afirmou Pitt com tanta convicção que não deixou margem para dúvidas.

Dempsey o fitou.

— Você conta com algum prognóstico que não seja do nosso conhecimento?

— Aposto que o mesmo fenômeno que atingiu os turistas e o marinheiro, na ilha, matou todos os que estavam a bordo desse navio.

— É triste — disse Giordino —, mas explicaria por que ele não voltou para buscar os turistas.

— E não nos esqueçamos do segundo grupo, que devia desembarcar a vinte

quilômetros dali — lembrou Dempsey.

— Essa coisa está ficando cada vez mais atrapalhada — resmungou Giordino.

— Al e eu vamos procurar o segundo grupo por ar — anunciou Pitt, contemplando a imagem no monitor. — Se não virmos sinal deles, seguiremos em frente e verificaremos o que aconteceu com a equipe da estação de pesquisa argentina. Também podem estar mortos.

— Mas que diabo provocou tal calamidade? — perguntou Dempsey. Pitt fez um gesto vago.

— As causas conhecidas de extinção da vida no mar e em suas imediações não resolvem esta charada. Aqui não se aplicam os problemas naturais geralmente responsáveis por enormes mortandades de peixes no mundo, como as variações de temperatura da superfície da água ou a florescência das algas, como as marés vermelhas. Não estão ocorrendo.

— Resta a poluição.

— Uma possibilidade que também parece remota — argumentou Pitt. — Não há fontes de poluição industrial a milhares de quilômetros daqui. E nenhum lixo radioativo ou químico podia ter matado tantos pingüins em tão pouco tempo, muito menos os que estavam em terra, claramente fora da água. Meu temor é que estejamos diante de uma ameaça desconhecida. Giordino tirou um maço charuto do bolso do blusão. Era do estoque particular do almirante Sandecker, fabricado especialmente para o seu deleite. E também para o de Giordino, pois nunca se soube como ele havia conseguido ter acesso ao estoque particular do almirante, durante mais de dez anos, sem nunca haver sido pilhado. Ele acendeu o grosso rolo de folhas de tabaco e soltou uma bafada azul do aromático fumo.

— Certo — disse, saboreando-o. — Que vamos fazer? Dempsey torceu o nariz ante o cheiro forte.

— Entrei em contato com a Ruppert & Saunders, a linha proprietária do Polar Queen, e os intirei da situação. Eles já iniciaram uma grande busca aérea. Pediram que levemos os sobreviventes à ilha Rei George, onde a estação científica britânica tem um campo de pouso. De lá, vão providenciar para levá-los de volta à Austrália.

— Antes ou depois de procurarmos o Polar Queen? — perguntou Giordino.

— Primeiro os vivos — respondeu Dempsey com ar sério. Como capitão do navio, a decisão era dele. — Vocês dois explorem a linha da costa com o helicóptero enquanto eu aprôo o Hunter no rumo da ilha Rei George. Depois que os passageiros tiverem desembarcado em segurança, vamos iniciar as buscas do Queen.

Giordino fez uma careta.

— Até lá, o mar de Weddell estará formigando de navios de salvamento.

— Não é problema nosso — retrucou Dempsey. — A ANPS não se ocupa do resgate de navios.

Pitt tinha se afastado para uma mesa onde estava estendida um enorme carta náutica do mar de Weddell. Preferia trabalhar racionalmente, com o cérebro, não com o coração. Tentou imaginar-se a bordo do Polar Queen no momento em que foi atingido pelo flagelo mortal. Giordino e Dempsey silenciaram e o observaram, cheios de expectativa.

Passado um minuto, ele os fitou e sorriu.

— Se programarmos os dados relevantes, o computador pode fornecer uma localização bastante precisa, com uma boa chance de sucesso.

— E que vai enfiar na telinha pensante? — perguntou Dempsey, empregando a expressão com que sempre designava as peças relacionadas ao sistema de computadores.

— Cada fragmento de dados sobre os ventos e as correntes dos últimos três dias e meio, e seus efeitos sobre um volume do tamanho do Polar Queen. Uma vez que tenhamos calculado o padrão de deriva, podemos equacionar o problema de ele ter continuado a se deslocar com a tripulação morta a bordo, e em que direção.

— Suponha que, em vez de navegar em círculos, como você sugeriu, ele esteja com o leme bloqueado, num curso em linha reta.

— Neste caso, pode estar a mil e quinhentos quilômetros daqui, em algum lugar do Atlântico Sul e fora do alcance do satélite.

Giordino olhou para Pitt.

— Mas você não acredita nisso.

— Não — respondeu Pitt calmamente. — A julgar pelo gelo e a neve que cobriram este navio depois da tormenta, o Polar Queen deve estar com a superestrutura tão encoberta que é praticamente invisível para o satélite.

— Estaria camuflado como um iceberg? — perguntou Dempsey.

— Digamos que como um monte coberto de neve. O capitão se mostrou inseguro.

— Você me confundiu.

— Aposto minha aposentadoria — disse Pitt com férrea convicção — como vamos achar o Polar Queen encalhado na orla da península ou numa das ilhas mais distantes.



Pitt e Giordino partiram às quatro horas da manhã, quando a maior parte da tripulação do Ice Hunter ainda dormia. O tempo tinha melhorado; as temperaturas eram amenas, o mar estava calmo, o céu, de um azul cristalino; um vento leve, de cinco nós, soprava do sudoeste. Com Pitt no controle, voaram rumo à antiga estação de pesca de baleia antes de desviar para o norte, em busca do segundo grupo de excursionistas do Polar Queen.

Pitt não pôde evitar uma profunda tristeza quando sobrevoaram o terreno onde ocorrera o extermínio da colônia. Até o horizonte, a praia estava atapetada de corpos sem vida. Aqueles pingüins eram bastante territoriais, e os das outras colônias não costumavam migrar para aquela zona. Os poucos sobreviventes que acaso tivessem escapado à catástrofe precisariam de vinte anos ou mais para recompor a antes numerosa população da ilha Seymour. Felizmente, a enorme perda não chegava a ameaçar a espécie.

Quando a última das aves mortas desapareceu sob o helicóptero, Pitt buscou uma altitude de cinquenta metros e passou a sobrevoar a orla, procurando vestígios do lugar de desembarque dos turistas. Olhando pela janela lateral, Giordino examinava os blocos de gelo, na esperança de avistar o Polar Queen; ocasionalmente, rabiscava a carta de navegação que levava dobrada no colo.

— Se eu ganhasse dez centavos por iceberg do mar de Weddell, teria dinheiro para comprar a General Motors. Pitt olhou na mesma direção, a estibordo, para um grande labirinto de massas geladas desprendidas da geleira de Larsen e levadas para noroeste pelo vento e a corrente. Atingindo águas mais quentes, rachavam-se e fragmentavam-se em milhares de icebergs menores. Três delas eram do tamanho de um país pequeno. Algumas alcançavam trezentos metros de espessura e se erguiam, na superfície, à altura de um prédio de três andares. Todas eram deslumbrantemente brancas, com matizes azuis ou esverdeados. O gelo dessas montanhas itinerantes se havia formado a partir da neve compactada no mais remoto passado; depois de se desprender, foi abrindo caminho no mar, durante séculos, em seu lento mas inevitável derretimento.

— Acho que dava para ficar também com a Ford e a Chrysler.

— Se tiver colidido com um desses milhares de montanhas de gelo, o Polar Queen deve ter ido para o fundo num piscar de olhos.

— Nem quero pensar nisso.

— Alguma coisa do seu lado? — perguntou Giordino.

— Só rochas cinzentas no meio da neve. Não há como descrever essa monotonia estéril.

Giordino fez outra marca na carta e verificou a velocidade do ar.

— Estamos a vinte quilômetros da estação de pesca, e nenhum sinal dos passageiros do navio.

Pitt concordou com um gesto.

— Nada que pareça humano.

— Maeve Fletcher disse que eles pretendiam desembarcar o segundo grupo de turistas na colônia de focas.

— As focas estão lá — disse Pitt, apontando para baixo.

— Devem ser mais de oitocentas, todas mortas. Giordino se levantou no banco e olhou pela janela de bombordo, enquanto Pitt inclinava o helicóptero numa suave curva descendente, a fim de lhe oferecer melhor visão. Os corpos marrom-amarelados dos enormes elefantes-marinhos cobriam cerca de um quilômetro da orla. A cinquenta metros de distância, davam a impressão de estar dormindo. Um olhar mais atento, porém, revelava que nenhum deles se movia.

— Tudo indica que o segundo grupo nem chegou a desembarcar — observou Giordino.

Não se via senão mar, de modo que Pitt tomou o caminho de volta, sobrevoando a linha da rebentação.

— Vamos dar uma olhadela no posto argentino.

— Ficará visível a qualquer momento.

— Nem quero imaginar o que vamos encontrar.

— Seja otimista — sorriu Giordino, sem dissimular a tensão. — Vai ver que mandaram tudo para o inferno, arrumaram as malas e voltaram para casa.

— Você está sonhando. O posto é importantíssimo por causa do trabalho em ciências atmosféricas. É uma das cinco estações de vigilância permanentemente ocupadas, que medem o comportamento e as flutuações do buraco na camada de ozônio da Antártida.

— Por falar nisso, como vai a camada de ozônio?

— Cada vez pior, tanto no hemisfério norte quanto no sul. Desde que se dilatou, a enorme cavidade do Pólo Sul gira em sentido horário devido aos ventos. Passou pelo Chile, pela Argentina e chegou ao paralelo quarenta e cinco. Passou também pela ilha do sul, na Nova Zelândia, e chegou a Christchurch. As plantas e os animais dessa região receberam a mais prejudicial dose de raios ultravioleta já registrada.

— O que significa que teremos de nadar com filtro solar — ironizou Giordino.

— Isso é o de menos. A radiação ultravioleta prejudica todos os produtos agrícolas, das batatas aos pêssegos. Se os índices de ozônio caírem mais alguns pontos percentuais, haverá perdas desastrosas nas colheitas do mundo inteiro.

— Que quadro horrível você está pintando!

— E só o pano de fundo — prosseguiu Pitt. — Combine isso com o aumento da temperatura do planeta e a crescente atividade vulcânica, e a humanidade se verá diante de uma elevação do nível do mar de trinta a noventa metros nos próximos duzentos anos. O problema é que alteramos a Terra de um modo terrível, que ainda não conseguimos entender...

— Lá! — atalhou Giordino abruptamente, apontando para baixo. Estavam passando por uma saliência rochosa inclinada para o mar. — Mais parece uma cidadezinha fronteiriça do que um posto científico.

A estação argentina de pesquisa e vigilância era um complexo de dez edifícios construídos com sólidas estruturas metálicas, que sustentavam telhados abobadados. As paredes ocas foram densamente preenchidas com material isolante contra o frio glacial. O arranjo de antenas que captavam os dados científicos na atmosfera grinaldavam as cúpulas como os ramos nus das árvores

no inverno.

— Silencioso como a campainha da casa de um eremita — observou Giordino ao tirar o fone do ouvido.

— Nenhum comitê de boas-vindas.

Sem mais dizer, Pitt pousou o helicóptero bem perto do maior dos prédios; as pás da hélice açoitavam a neve, transformando-a numa chuva de cristais de gelo. Alguns veículos e um trator estavam abandonados e semicobertos de neve. Não se via uma só pegada, nenhuma fumaça nos respiradouros. A ausência de fumaça ou de vapor branco significava a inexistência de habitantes, ao menos de habitantes vivos. O lugar parecia misteriosamente ermo. O lençol de neve lhe dava um aspecto fantasmagórico, pensou Pitt.

— Acho melhor pegar as pás — disse. — Pelo jeito, teremos de cavar para entrar.

Não era preciso muita imaginação para temer o pior. Desceram do helicóptero e, com a neve a lhes chegar às coxas, dirigiram-se com dificuldade à entrada do prédio principal. Tardaram vinte minutos para remover a neve ali acumulada e poder empurrar a porta.

Com um gesto cavalheiresco, Giordino se inclinou e sorriu:

— Você primeiro.

Pitt não duvidava da coragem do amigo, que sempre se mostrara destemido. Aquela situação era rotineira para eles. Entrou à frente, enquanto o italiano lhe dava cobertura contra qualquer movimento suspeito nos flancos ou na retaguarda. Avançaram por um pequeno túnel até a segunda porta, que funcionava como barreira adicional contra o frio. Passando por ela, continuaram por um longo corredor, que dava numa sala ao mesmo tempo de jantar e de recreação. Giordino se aproximou de um termômetro pendurado na parede.

— Está abaixo de zero aqui — murmurou.

— Ninguém está cuidando da temperatura — concluiu Pitt.

Não demoraram a descobrir o primeiro habitante. O curioso era que não parecia morto. Ajoelhado no chão e agarrado a uma mesa, parecia olhar fixamente para Pitt e Giordino, sem piscar, como se estivesse à espera deles. Havia alguma coisa não natural e agourenta em sua imobilidade. Era um homem alto, calvo e, como quase todos os cientistas que passavam meses e às vezes anos em postos distantes e isolados, abandonara o ritual diário de barbear-se, como evidenciava a barba elegantemente escovada que lhe descia ao peito. Infelizmente, estava suja de vômito.

O assustador, o que provocou um arrepio na nuca de Pitt, era a expressão de pavor e agonia estampada no rosto, que o frio congelara numa máscara de branco mármore. Era indescritivelmente medonho. Os olhos lhe saltavam das órbitas; a boca estava torcida e aberta como que num derradeiro grito. Era óbvio que tivera uma morte extremamente dolorosa e cheia de terror. As unhas, cravadas no tampo da mesa, estavam quebradas e rachadas. Três delas haviam deixado pequenas gotas de sangue cristalizado em gelo. Pitt não era médico e nunca sonhara com essa carreira, mas mesmo assim pôde constatar que não era o rigor mortis que peticificara aquele homem; ele estava congelado.

Contornando um aparador, Giordino entrou na cozinha. Trinta segundos depois estava de volta.

— Há outros dois aqui.

— Nossos piores temores estão confirmados — disse Pitt sombriamente.

Houvesse um único sobrevivente, ele teria conservado em funcionamento os motores auxiliares que fazem funcionar os geradores de eletricidade e a

calefação. Giordino olhou para os corredores que davam nos outros edifícios.

— Não estou com ânimo para continuar aqui dentro. Acho melhor dar o fora desse túmulo gelado e entrar em contato com o Ice Hunter do helicóptero.

Pitt o encarou.

— O que você está propondo é que larguemos a batata quente nas mãos do capitão Dempsey. Ele que se encarregue do "agradável" trabalho de notificar as autoridades argentinas de que toda a elite de cientistas de sua principal estação de pesquisa polar partiu misteriosamente desta para melhor.

Giordino deu de ombros com ar inocente.

— Parece o mais sensato.

— Você não suportaria conviver com sua própria consciência se desse o fora daqui sem ter certeza absoluta de que não resta um só sobrevivente.

— Eu tenho culpa se me sinto melhor entre pessoas que respiram?

— Procure a sala do gerador, abasteça os motores auxiliares, coloque-os em funcionamento e ligue a eletricidade. Depois, vá ao centro de comunicações e entre em contato com Dempsey, enquanto verifico o resto da estação.

Pitt encontrou os demais no lugar onde tinham morrido, a mesma expressão de extremo tormento gravada nos rostos. Muitos haviam tombado no centro laboratorial e instrumental, três se achavam agrupados ao redor de um espectrofotômetro utilizado para medir o ozônio. Pitt contou dezesseis cadáveres espalhados nos diferentes compartimentos da estação. Quatro eram de mulheres. Todos se encontravam com os olhos saltados e a boca aberta, todos tinham vomitado. Morreram com medo e muita dor, congelaram durante a agonia. Lembravam os mortos de Pompéia.

Os corpos estavam como que petrificados em posições estranhas e nada naturais. Nenhum deles estendia-se no chão, como se simplesmente tivesse tombado. Quase todos pareciam ter perdido subitamente o equilíbrio e haver-se agarrado desesperadamente a alguma coisa para não cair. Alguns haviam abraçado o tapete; um ou dois estavam segurando fortemente a cabeça.

Intrigado com as posturas esquisitas, Pitt tentou afastar as mãos agarradas aos crânios, em busca de algum sinal de ferida ou doença. Porém percebeu que estavam rígidas como se tivessem sido soldadas à pele das têmporas e das orelhas.

O vômito parecia indicar óbitos com origem numa terrível intoxicação alimentar. Contudo, não se conhecia nenhum envenenamento desse tipo capaz de matar em tão poucos minutos. Dirigindo-se pensativo à sala de comunicações, começou a elaborar mentalmente uma teoria. O pensamento foi interrompido quando, ao entrar, deparou com um ca- dáver trepado numa escrivaninha, como uma estátua de cerâmica.

— De que modo ele veio parar aqui? — perguntou calmamente.

— Eu o coloquei aí — respondeu Giordino, sem tirar os olhos do rádio. O cara estava sentado na única cadeira da sala, e achei que precisava mais dela do que ele.

— Com este, são dezessete.

— Por enquanto.

— Conseguiu comunicar-se com Dempsey?

— Estou em contato. Quer falar com ele?

Pitt se aproximou do telefone via satélite, capaz de colocá-lo em contato com quase todos os lugares do mundo.

— Aqui é Pitt. Está me ouvindo, capitão?

— Vá em frente, Dirk. Estou ouvindo.

— Al já lhe contou o que achamos aqui?

— Já. Assim que você me confirmar que não há sobreviventes, vou avisar as autoridades argentinas.

— Está confirmado. A menos que haja alguém dentro de algum armário ou debaixo da cama. Conte dezessete mortos.

— Dezessete — repetiu Dempsey. — Compreendido. Conseguiu determinar a causa da morte?

— Negativo. Os sintomas visíveis não constam dos manuais de medicina. Precisamos esperar o laudo de um patologista.

— Talvez lhe interesse saber que a senhorita Fletcher e Van Fleet eliminaram qualquer possibilidade de virose ou contaminação química no caso dos pinguins e focas.

— Todos aqui vomitaram antes de morrer. Peça-lhes que expliquem isso.

— Vou anotar. Algum vestígio do segundo grupo de turistas?

— Nada. Devem ter ficado a bordo do navio.

— Muito esquisito.

— E agora?

— Agora, estamos diante de um grande quebra-cabeça. E faltam muitas peças.

— No caminho, passamos por uma grande colônia de focas, completamente exterminada. Conseguiu determinar a extensão da catástrofe?

— A base britânica, duzentos quilômetros ao sul de onde vocês se encontram, na península de Jason, e um cruzeiro norte-americano ancorado na baía de Hope não registram nada anormal nem sinal de destruição em massa da vida animal. Incluindo a região do mar de Weddell, onde encontramos o cardume de golfinhos mortos, calculo que o círculo da morte tem um diâmetro de noventa quilômetros, sendo a ilha Seymour o seu centro.

— Vamos partir agora — notificou Pitt — em busca do Polar Queen.

— Veja se tem reserva de gasolina para retornar ao navio.

— Não se preocupe. Não estou com vontade de nadar em água gelada.

Giordino desligou os aparelhos de comunicação da estação de pesquisa, e, sem demora, quase correndo, ambos foram para a entrada. Nem um nem outro queria passar mais um minuto naquele lugar. Quando levantavam vôo, o italiano examinou a carta da península Antártica.

— Para onde?

— O mais correto é procurar na região selecionada pelo computador do Ice Hunter.

Giordino o encarou, desconfiado.

— Você notou que o processador de dados da nossa embarcação discorda de sua tese de que o navio de passageiros tenha afundado na península ou perto da ilha?

— Notei, e sei muito bem que a caixinha pensante de Dempsey coloca o Polar Queen navegando em círculos bem longe do mar de Weddell.

— Estou vendo sinais de conflito?

— Digamos que o computador só é capaz de oferecer uma opinião eletrônica a partir dos dados programados.

— Aonde vamos, então?

— Vamos dar uma olhadela nas ilhas ao norte daqui, até Moody Point, na extremidade da península. Depois, faremos uma curva para o leste e rumaremos para o mar até convergir com o Ice Hunter.

Giordino sabia muito bem que estava diante de uma isca oferecida pelo maior vigarista do mares polares. Mesmo assim, mordeu-a.

— Acho que você não está seguindo os conselhos do computador.

— Não muito.

O italiano se sentiu fisgado.

— Pode me dar uma dica do que está se passando em sua mente diabólica?

— Não achamos nenhum corpo humano na colônia de focas. Logo, sabemos que o navio não se aproximou dela. Está entendendo?

— Por enquanto.

— Imagine o barco navegando para o norte da estação de pesca. O flagelo, a praga ou o que for, ocorreu antes que a tripulação tenha podido levar os passageiros à terra. Nestas águas, com banquisas e icebergs flutuando em toda parte como cubos de gelo numa poncheira, o capitão não confiaria o navio ao controle automático. O risco de colisão é muito grande. Ele teria pegado o timão pessoalmente, e trataria de governá-lo de um dos painéis eletrônicos da ponte de estibordo.

— Até aqui tudo bem — concordou Giordino. — E daí?

— O navio estava navegando ao longo da costa da ilha Seymour quando a tripulação foi atingida — explicou Pitt. — Agora, pegue a carta e trace uma linha de duzentos quilômetros levemente a nordeste e cruze-a com um arco de trinta quilômetros. Depois, diga-me onde você está e que ilhas se interpõem nessa rota. Antes de terminar, Giordino olhou fixamente para Pitt.

— Por que o computador não chegou à mesma conclusão?

— Porque, como capitão de navio, Dempsey estava mais preocupado com os ventos e as correntes. Também partiu do princípio, correto para um mestre da navegação, de que o último ato de um capitão agonizante seria tentar salvar o navio. O que significava afastar o Polar Queen do perigo de encalhar numa praia rochosa e tratar de aproá-lo no rumo das águas relativamente mais seguras do mar aberto, mesmo sob o risco de se chocar com um iceberg.

— Mas você não acredita que isso tenha acontecido.

— Não. Depois de ver os cadáveres na estação de pesquisa, não. Os coitados mal tiveram tempo de reagir, muito menos de tomar e executar uma decisão. O capitão do Polar Queen morreu em seu próprio vômito quando o navio estava em curso paralelo à praia. Com o resto da tripulação atingida, a embarcação continuou navegando. Se não encalhou numa ilha nem se chocou com um iceberg e afundou, deve ter seguido pelo Atlântico Sul até que os motores parassem por falta de combustível e o barco ficasse à deriva, longe das rotas marítimas conhecidas.

Sem ter como reagir às suposições de Pitt, Giordino limitou-se a perguntar:

— Você nunca pensou em ganhar a vida como quiromante?

— Estou pensando.

Deixando escapar um suspiro, o italiano traçou na carta o rumo que Pitt pedira. A seguir, colocou-o no painel de instrumentos, para que ele o pudesse ver.

— Se a sua intuição mística estiver correta, a única possibilidade de o Polar Queen ter encalhado, daqui até o Atlântico Sul, é numa dessas três ilhotas que são pouco mais do que picos de rocha nua.

— Como se chamam?

— Ilhas Perigo.

— O nome lembra um romance de piratas para adolescentes.

Giordino folheou um manual de referências litorâneas.

— Aconselham os navios a desviar-se delas — disse. — Altas paliçadas de basalto assomando nas águas agitadas. Depois, vem a lista dos navios que afundaram ali. — Ergueu os olhos para Pitt. — Não é bem um lugar para adolescentes.



Da ilha Seymour até o continente, o oceano era liso e transparente como um espelho. As montanhas rochosas erguiam-se, majestosas. A oeste das ilhas, o mar era acalmado por uma vasta legião de icebergs desgarrados, que se alçavam no azul-escuro da água como antigos veleiros congelados. Nenhum barco era visível, nenhuma obra humana perturbava a incrível beleza da paisagem marinha.

Contornaram a ilha Dundee, não muito distante do extremo da península. Mais à frente, o Moody Point se retorcia na direção das ilhas Perigo como se fosse o dedo nodoso da caveira, com a foice a apontar a próxima vítima. As águas calmas terminavam ali. Como que saindo do conforto de uma sala aquecida para a tempestade lá fora, eles deram com um mar subitamente transformado numa massa ininterrupta de ondas encrespadas, que vinham do estreito de Drake. A violência do vento fez o helicóptero oscilar como um brinquedo.

Surgiram os picos das três ilhas Perigo. As escarpas rochosas subiam do mar que se agitava em sua base. Eram de tal modo alcantiladas que nem mesmo as aves marinhas encontravam onde pousar naquelas paredes perpendiculares. Elas se elevavam impetuosamente, desprezando as ondas que, em rápidas explosões de jorro e espuma, arremetiam contra as pedras. Tão sólida era a formação de basalto que um milhão de anos de violentos ataques do mar enlouquecido pouco desgaste produzira. As paredes polidas alteavam em picos verticais, sem oferecer espaços planos maiores do que uma mesinha de centro.

— Nenhum barco duraria muito nessa confusão.

— Não há raso ao redor desses pináculos — observou Giordino. — A água parece aprofundar-se centenas de braças a poucos metros das escarpas.

— Segundo as cartas de navegação, chega a mais de mil metros em menos de três quilômetros.

Contornaram a primeira ilha, uma árida e feia massa rochosa em meio à feroz turbulência. Não viram sinal de destroços no mar atormentado. Examinando a agitação das vagas, atravessaram o canal que a separava da ilha seguinte. Nenhum capitão seria maluco a ponto de passar a uma distância menor do que a de um tiro de canhão daquele lugar.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Pitt, enquanto lutava para manter o helicóptero estável ante os ventos imprevisíveis que pareciam querer arremessá-lo de encontro às altíssimas colinas.

— Só uma massa de água fervente, nada mais.

Pitt completou a circunferência e rumou para a terceira e última ilha. Esta tinha aspecto sombrio e maligno; não era preciso muita imaginação para ver que a

forma do cume lembrava a de uma cabeça virada. Mais precisamente, a da cabeça do diabo, com os olhinhos puxados, duas saliências no lugar dos chifres e uma barbicha pontuda sob os lábios sarcásticos.

— Caramba, como isso é feio! — disse Pitt. — Que nome terá?

— Não há nenhum nome individual na carta náutica —

respondeu Giordino.

Um momento depois, Pitt tomou um curso paralelo às paliçadas açoitadas pelas ondas e começou a rodear a ilha. De repente, Giordino ficou tenso e olhou com muita concentração pelo pára-brisa.

— Está vendo?

Desviando a vista da espetacular colisão da água com a pedra, Pitt olhou para a frente.

— Não estou vendo nenhum fragmento de naufrágio.

— Esqueça isso. Olhe por cima desse cume aí adiante. Pitt estudou a estranha formação rochosa que se destacava da massa principal, estendendo-se até a água feito um quebra-mar construído pelo homem.

— A mancha de neve além da colina?

— Não é nenhuma mancha de neve — disse Giordino com firmeza.

Pitt se deu conta repentinamente do que se tratava.

— Agora eu entendi! — exclamou com crescente entusiasmo. Era liso, branco e tinha a forma de um triângulo, com um dos ângulos cortado. A borda superior era negra e ostentava uma espécie de emblema pintado a um lado. — Uma chaminé de navio! E lá está o mastro do radar, uns quarenta metros mais à frente. Você acertou, rapaz!

— Se for o Polar Queen, deve ter colidido com as rochas do outro lado dessa ponta.

Ao sobrevoar o molhe natural que entrava pelo mar, tiveram a impressão de que o navio de passageiros flutuava, intacto, a uns quinhentos metros da ilha. Por incrível que fosse, não apresentava um arranhão.

— Ainda está inteiro! — gritou Giordino.

— Não por muito tempo — retrucou Pitt, compreendendo a situação terrível.

O Polar Queen descrevia amplos círculos, o leme de algum modo virado a estibordo. Eles tinham chegado menos de trinta minutos antes que o arco o levasse à colisão com a rocha íngreme, partindo-lhe o casco e mandando todos a bordo ao fundo do mar gelado.

— Há corpos na coberta — disse Giordino com calma. Viam-se alguns espalhados na coberta de bombordo. Vários estavam caídos no convés, perto da popa. Um Zodiac ainda preso ao passadiço arrastava-se nas ondas, e dois cadáveres jaziam dentro dele. Que estavam mortos era evidente, pela fina camada de neve e gelo que os cobria.

— Duas voltas mais e ele vai bater nas pedras —

calculou o italiano.

— Temos de descer e dar um jeito de mudar seu curso.

— Com este vento? — alarmou-se Giordino. — O único espaço aberto é o telhado das cabines da plataforma. Uma aterrissagem de acrobata que eu não gostaria de arriscar. No pouso, vamos ter menos controle do que uma folha seca. Uma lufada para baixo é suficiente para que a gente vá parar no meio daquela turbulência. Pitt soltou o cinto de segurança.

— Neste caso, você pilota e eu desço pelo guindaste.

— O hospício está cheio de gente mais sensata do que você. Quer ser varrido feito um ioiô?

— Existe outra maneira de descer a bordo?

— Só uma. Mas não é aprovada pela Liga das Senhoras Católicas.

— A abordagem do couraçado no caso Vixen — lembrou-se Pitt.

— Você teve muita sorte daquela vez.

Pitt não tinha dúvida de que o navio ia se chocar com as rochas. E, uma vez fendido o casco, ele afundaria como um tijolo. Existia sempre a possibilidade de que um ou outro houvesse sobrevivido ao mal desconhecido, como ocorrera a Maeve e aos turistas encerrados na caverna. A dura realidade impunha que os corpos fossem examinados, na esperança de encontrar as causas da morte. Se houvesse uma chance de salvar o Polar Queen, por mínima que fosse, era preciso arriscar.

Pitt olhou para o amigo e sorriu.

— Chegou a vez do trapezista.

Pitt já estava com roupa de baixo térmica, feita de pesada lã de náilon, que retinha o calor do corpo e o protegia das friidas temperaturas. Sobre ela, levava um macacão impermeável de mergulhador, especialmente isolado para as águas polares. Esse macacão tinha dois objetivos. O primeiro era protegê-lo do vento, quando estivesse pendurado no ar, com o helicóptero em movimento. O segundo, caso caísse ao mar, era mantê-lo vivo na água gelada a tempo de ser resgatado. Instalando-se na rede do guindaste, ele ajustou no queixo a alça do capacete equipado com rádio. Olhou para o compartimento onde ficava o laboratório de Van Fleet, e depois para o cockpit.

— Está me ouvindo bem? — perguntou a Giordino pelo minúsculo microfone que tinha diante dos lábios.

— Está chiando um pouco, mas isso deve passar quando você estiver longe da interferência do motor. E você? Está me ouvindo?

— Sua voz soa alta como o repicar de um sino.

— Como a superestrutura está cheia de chaminés, mastros e uma série de equipamentos eletrônicos de navegação, não posso deixá-lo no centro do barco. Terei de colocá-lo na proa ou na popa.

— Procure deixar-me no convés, perto da popa. A proa tem muita maquinaria.

— Vou de estibordo a bombordo assim que o navio virar e o vento vier de través — informou o italiano. — Irei do mar e tentarei aproveitar as condições mais calmas do lado do penhasco que fica oposto ao vento.

— Entendido.

— Pronto?

Pitt arrumou a máscara do capacete e calçou as luvas. Pegou o controle remoto do guindaste e, com a outra mão, abriu a escotilha lateral. Não fossem as roupas especiais, a abrupta baforada de friagem polar o teria congelado em poucos segundos. Da porta, olhou para baixo. O Polar Queen continuava circulando, cada vez mais próximo do fim. Naquela velocidade, estava a apenas cinquenta metros da destruição. A muralha rochosa da mais distante das ilhas Perigo parecia acenar para ele. Era como uma descuidada mariposa a voar para os braços da arangejeira, pensou Pitt. Não dispunha de muito tempo. A embarcação estava iniciando o derradeiro circuito que a levaria a colidir com a rocha. Isso devia ter acontecido mais cedo; porém, em seu recuo, as ondas que arremetiam contra as escarpas adiavam o desastre.

— Reduzindo — disse Giordino, anunciando o início da aproximação.

— Descendo agora — informou o outro, e apertou o botão que desenrolava o cabo. Assim que obteve linha suficiente para sair, lançou-se no espaço.

A violência do vento o atingiu em cheio, atirando-o contra a barriga do helicóptero. O rotor trepidava acima dele, o barulho da turbina lhe atravessava o capacete e os fones. Rodopiando no ar gelado, Pitt experimentou a sensação de um bungee jumper após o primeiro recuo. Tratou de concentrar a atenção no navio, que parecia um barquinho de brinquedo a flutuar no azul, a pouca distância.

Sua superestrutura foi crescendo rapidamente, até ocupar a maior parte da visão de Pitt.

— Estou chegando — anunciou o italiano pelo rádio. — Cuidado para não bater na amurada e virar picadinho. Muito embora tivesse falado com a calma de quem está estacionando na garagem de casa, ele não escondia a tensão, traída na voz. Ia lutando para manter estável o aparelho, agora em baixa velocidade, em meio à fúria desencontrada dos ventos.

— Cuidado para não entrar de fuça nas rochas — replicou Pitt.

Foram as últimas palavras que trocaram. Dali por diante, era questão de visão e instinto. Pitt desceu até ficar quase quinze metros abaixo e atrás do helicóptero. Estendendo os braços como as asas de um avião, tratava de combater o impulso e a velocidade que o faziam girar. Sentiu que estava caindo alguns metros quando o italiano reduziu a velocidade.

O Polar Queen parecia singrar displicentemente as águas tropicais, numa excursão recreativa. Giordano diminuiu a velocidade tanto quanto possível. Um pouco mais, e os ventos assumiriam o controle de tudo. Estava pilotando com cada fragmento de experiência que acumulara em milhares de horas de vôo, se é que podia considerar um vôo ser jogado de um lado para outro pelas correntes de ar. Apesar da impetuosidade do vento, se conseguisse manter o curso poderia deixar Pitt no centro do convés. Mais tarde, ele juraria ter sido jogado aleatoriamente por lufadas vindas de seis diferentes direções. Em sua posição na extremidade do cabo do guindaste, Pitt estava admirado com a habilidade de Giordano em manter o aparelho em linha reta.

Ominosas e ameaçadoras, as negras colinas se alçavam além do navio. Aquele cenário capaz de acovardar o mais destemido capitão certamente atemorizou o piloto. Não era difícil que acabasse mergulhando de cabeça na rocha nua; do mesmo modo, era bem possível que Pitt, num erro de cálculo, trombasse com o flanco do navio, partindo todos os ossos do corpo.

Voavam servindo-se da ilha como anteparo. Mesmo assim, a força do vento pouco diminuía. Mas esse pouco era o bastante para que o italiano se sentisse uma vez mais no firme controle do helicóptero e de seu destino. Num momento, o navio estava a sua frente; no seguinte, a superestrutura branca e o casco amarelo desapareceram sob ele. Então, só pôde ver a rocha coberta de geada. Não lhe restava senão esperar que Pitt já estivesse a salvo quando lançou o aparelho numa abrupta ascensão vertical. Umedecidos pelo assédio das ondas, os penhascos pareciam atraí-lo como um ímã.

Acima dos cumes gelados, foi atingido por toda a força do vento, que atingiu a cauda do aparelho, empurrando as pás da hélice a uma posição perpendicular. Alheio a quaisquer sutilezas, Giordano fez girar o helicóptero, invertendo-lhe o curso, e tornou a sobrevoar o barco, ao mesmo tempo em que tentava enxergar o amigo lá embaixo. Não sabia que Pitt, soltando a rede, tinha executado um salto perfeito, de uma altura de apenas três metros, diretamente no centro da piscina do convés. Mesmo daquela altura, ela dava a impressão de não ser maior do que um cartão-postal. Mas era encantadora como um fofinho monte de feno. Pitt

flexionou os joelhos e abriu os braços a fim de diminuir a velocidade. A piscina tinha apenas dois metros em sua parte mais funda, e ele caiu com um tremendo ruído, espalhando muita água. Suas botas de mergulhador bateram fortemente no fundo.

Cada vez mais aflito, Giordino se pôs a rodear a superestrutura do navio, à procura do amigo. Sem conseguir avistá-lo, gritou ao microfone:

— Você chegou bem? Entre em contato, meu velho. Acenando, Pitt respondeu:

— Aqui na piscina!

O italiano ficou assombrado.

— Você caiu na piscina?

— E estou com vontade de continuar aqui — disse o outro alegremente. — O aquecimento continua funcionando, e a água está quentinha.

— Acho melhor ir logo para a plataforma de comando — advertiu Giordino. — O barco está se aproximando cada vez mais depressa. Não dou oito minutos para que ouça uma explosão.

Pitt não precisou de outro estímulo. Saindo rapidamente da piscina, pôs-se a correr na coberta, rumo à escada de tombadilho dianteira. A plataforma ficava um andar acima. Subiu os degraus de quatro em quatro, abriu a porta da casa do leme e entrou precipitadamente. Um oficial do navio jazia morto ali, os braços a cingir a base da mesa de cartas. Apressado, Pitt examinou o painel do sistema automático de navegação. Perdeu valiosos segundos procurando o monitor digital de rota. A lâmpada amarela indicava que o controle eletrônico estava na posição manual. Sem pestanejar, ele saiu à ala de estibordo da plataforma. Estava vazia. Voltando-se, retornou pela casa do leme e foi para a ala de bombordo. Dois outros tripulantes estavam estendidos na coberta, os corpos contraídos, brancos e frios. Um terceiro cadáver coberto de gelo se encontrava de joelhos sobre o painel de controle exterior. Estava com um blusão impermeável sem divisas, porém o quepe bordado de ouro denunciava-o com o capitão.

— Não consegue lançar âncora? — perguntou Giordino.

— Falar é fácil — retrucou Pitt com irritação. — Além disso, o fundo não é plano. Os flancos da ilha provavelmente descem num ângulo de quase noventa graus durante pelo menos mil braças. E a rocha é muito lisa para que a âncora se prenda.

Num piscar de olhos, Pitt compreendeu por que o navio mantivera um curso direto durante quase duzentos quilômetros antes de iniciar o movimento circular a bombordo. Uma medalha de ouro, pendurada numa corrente, caíra fora da gola do pesado blusão do capitão e tinha ficado suspensa sobre o painel de controle. As rajadas a empurravam de um a outro lado e, ao fim de cada oscilação pendular, ela batia numa das alavancas em forma de trambelho, que controlavam os movimentos do navio, parte de um sistema eletrônico que quase todos os comandantes modernos usavam ao aportar. Por fim, a medalha em-purrara a alavanca direcional a uma posição de semi-bombordo, fazendo com que o Polar Queen navegasse, em espirais, cada vez mais próximas das ilhas Perigo. Pitt pegou a medalha. Examinou a efígie e a inscrição gravadas numa das faces. Era São Francisco de Paula, o padroeiro dos marujos e navegadores, reverenciado pelo milagre de salvar de naufrágios os marinheiros. Pena que não tivesse protegido o capitão, pensou Pitt. Mas ainda havia uma chance de lhe resgatar o navio.

O simplíssimo fato de uma peça de metal bater numa pequena alavanca evitava que uma embarcação de duzentas e cinquenta toneladas brutas, além dos passageiros e da tripulação, vivos ou mortos, se esmagalhasse numa rocha e

afundasse num mar frio e indiferente.

— É melhor se apressar — disse a voz ansiosa de Giordino, nos fones.

Deixando escapar uma praga, Pitt olhou rapidamente para a sinistra muralha que parecia estender-se até as mais altas camadas da atmosfera. Achatada e lisa sob a ação das ondas, sua superfície dava a impressão de haver sido polida pelas mãos de um gigante. As vagas em torno às rochas nuas rugiam a apenas duzentos metros de distância. A medida que o Polar Queen se aproximava, a turbulência do mar parecia empurrá-lo mais depressa para o desastre. Pitt estimou que a proa a estibordo colidiria dentro de quatro minutos. Completamente livres, as ondas implacáveis vinham dos confins do oceano e se precipitavam nos penhascos como explosões de enormes bombas. O branco mar ebulia num gigantesco caldeirão de bruxa, repleto de água azul e espuma branca. Erguia-se rumo ao pico da denteada ilha rochosa, demorava-se um momento no alto e então tornava a cair, criando outras ondas em sentido contrário. Esse recuo impediu tem- porariamente o Polar Queen de ser arrastado contra as pedras ao passar por ali.

Pitt tentou afastar o corpo do capitão do painel de controle, mas ele não se movia. As mãos crispadas na base se recusavam a ceder. Agarrando o cadáver pelas axilas, puxou-o com toda força. Ouvia-se um horrendo estalo, que Pitt identificou como o partir-se da pele congelada aderida ao metal. O capitão se soltou repentinamente. Pitt o jogou a um lado, achou a alavanca de cromo que controlava o leme e a empurrou rapidamente para a posição que dizia BOMBORDO, a fim de aumentar o ângulo de desvio da calamidade. Durante uns trinta segundos foi como se nada tivesse acontecido; depois, com agônico vagar, a proa começou a se afastar da exaltada rebentação. A velocidade era quase insuficiente. Um navio não podia virar no mesmo raio de um grande trailer. Precisava de quase um quilômetro para parar totalmente. Jamais conseguiria executar um rápido giro.

Pitt chegou a pensar em reverter o movimento da hélice de bombordo para que a embarcação rodasse sobre seu próprio eixo, mas precisava de cada nó da velocidade para progredir no mar encapelado. E ainda havia o perigo de a popa girar demais a estibordo e acabar batendo no penhasco.

— Não vai dar — avisou Giordino. — O barco está sendo levado pelas ondas. É melhor você saltar enquanto for possível.

Pitt não respondeu. Examinando o desconhecido painel de controle, viu as alavancas dos thrusters de popa e de proa. Havia também um pedal que ligava o painel de controle aos motores. Retendo a respiração, colocou as alavancas na posição de bombordo e pisou com força no pedal. A resposta foi quase instantânea. No fundo dos porões, como que impulsionada por mãos invisíveis, a rotação do motor aumentou. Uma sensação de alívio o invadiu quando ele sentiu o maquinário em funcionamento. Agora, só restava esperar que desse certo.

Acima do barco, Giordino a tudo assistia com o coração na mão. De seu ponto de observação, o navio não parecia estar virando. Ele não via possibilidade de salvação para o amigo, se fosse arrastado para a ilha. Mergulhar na agitação da água significava apenas um esforço inútil face ao incrível poder do mar colérico, uma situação absolutamente sem saída.

— Vou buscá-lo — informou.

— Calma — ordenou Pitt. — Você pode não sentir daí, mas, a esta distância do precipício, a turbulência do ar é fatal.

— E suicídio esperar mais. Se você pular agora, posso recolhê-lo.

— Com os diabos... — Pitt se interrompeu, apavorado, quando o Polar Queen foi

colhido em cheio por uma vaga gigantesca, que se precipitou sobre ele como uma avalanche.

Por intermináveis momentos, pareceu estar sendo puxado na direção do penhasco, para junto do frenético tumulto ao redor da rocha. Logo voltou a se deslocar para a frente, a proa de quebra-gelo a mergulhar nas ondas, cujas cristas se alçavam até a plataforma. O navio desceu ainda mais, como se pretendesse seguir viagem diretamente ao fundo do mar.



A torrente veio com um rumor de trovoadas, lançando Pitt no tombadilho. Ele releve instintivamente a respiração quando a água gelada o encobriu. E se agarrou desesperadamente à base do painel de controle para não ser varrido por cima da amurada e cair no furioso remoinho. Era como se estivesse se precipitando do alto de uma cachoeira. Tudo o que conseguia ver através da máscara de proteção era uma enorme massa de bolhas e espuma. Apesar da roupa impermeável aos rigores polares, sentiu na pele um milhão de finas agulhas. Agarrado como estava, para não perder a vida, teve a impressão de que seus braços estavam sendo arrancados.

O Polar Queen voltou a subir com esforço, irrompendo no recuo da onda; sua proa avançou outros metros a bombordo. Lutando contra o mar, recusava-se a morrer. Quando a água escoou em rios da plataforma, Pitt conseguiu respirar novamente. Enchendo de ar os pulmões, tentou ver através da enxurrada que vinha das rochas negras. Caramba, estavam tão próximas que ele quase podia alcançá-las com as mãos! Tão próximas que a espuma lançada para o alto pela tremenda colisão da água com a pedra ricocheteava na embarcação. Em meio ao caos, o navio se apoiou no thruster da popa. O thruster da proa cortou as águas, avançando no dilúvio ao mesmo tempo em que os hélices da proa agitavam o mar em espuma, impelindo a embarcação num ângulo que a afastava da face vertical do penhasco. Imperceptivelmente, começou a aproar rumo ao alto-mar.

— Está conseguindo! — gritou Giordino. — Ele está saindo!

— Mas ainda não saiu.

Pela primeira vez depois da inundação, Pitt se dava ao luxo de responder. Olhou com preocupação para a nova série de ondas que se aproximava.

O oceano ainda não se dera por vencido. Pitt inclinou-se quando um gigantesco lençol de água se abateu sobre o tombadilho. A vaga seguinte o atingiu como um trem expresso antes de colidir com o recuo da que a precedera. Comprimida entre os dois impactos, a embarcação foi jogada para o alto, e o casco se tornou visível quase até a quilha. Os dois hélices gêmeos espalharam no ar jorros de água branca, que, reverberando o sol, pareciam fogos de artifício. O navio ficou suspenso durante um terrível momento, para então mergulhar numa profunda depressão e ser atingido pela vaga seguinte. A proa virou a estibordo, porém o thruster corrigiu-lhe a posição.

Muitas e muitas vezes o barco adernou com o impacto do marulho no costado. Já não havia como detê-lo. Tinha passado pelo pior e, agora, sacudia as infinitas ondas como um cachorro sacode a água do pêlo. O mar voraz que tratasse de engoli-lo em outra ocasião; o mais provável, no entanto, era que a embarcação

se aposentasse dali a trinta anos ou mais.

— Você conseguiu! Conseguiu tirá-lo de lá! — gritou Giordino, sem acreditar nos próprios olhos.

Encostando-se no parapeito, Pitt sentiu-se cansado. Foi então que tomou consciência da dor no quadril direito. Lembrou-se de se haver chocado com um poste de iluminação noturna ao ser encoberto pela vaga gigantesca. Embora não pudesse vê-la sob o macacão impermeável, sabia que sua pele estava formando um hematoma.

Só depois de haver colocado os controles de navegação num curso direto para o sul, rumo o mar de Weddell, ele se voltou e olhou para o rochedo que se alteava no mar qual negra coluna recortada. Havia nele algo feroz, como se estivesse enfurecido por haver deixado escapar uma vítima. A ilha estéril não tardou a se perder na distância, recuando na esteira do Polar Queen.

Pitt olhou para o helicóptero que pairava acima da casa do leme.

— Como está de combustível? — perguntou ao italiano.

— Dá e sobra para voltar ao Ice Hunter.

— Então volte.

— Você já parou para pensar que quem aborda e leva um navio abandonado até o porto mais próximo pode ganhar alguns milhões de dólares do seguro?

Pitt riu.

— E você acredita que o almirante Sandecker e o governo americano permitiriam, sem chiar, que um pobre mas honesto burocrata abocanhasse essa grana?

— De jeito nenhum. Precisa de alguma coisa?

— Dê minha posição a Dempsey e diga-lhe que vou encontrá-lo onde ele quiser.

— Até mais tarde — despediu-se Giordino.

Teve vontade de fazer um comentário jocoso sobre o fato de Pitt ter um navio de passageiros inteirinho para si, mas a realidade da situação não o permitia. Não era engraçado ser o único vivo num barco da morte. Fazendo uma ampla curva, para colocar o aparelho no rumo do Ice Hunter, concluiu que não tinha a menor inveja do amigo.

Pitt tirou o capacete e ficou olhando para o helicóptero turquesa, que se afastava voando baixo sobre o mar azul e frio. Observou-o até que se tornasse uma mancha dourada no horizonte. Uma sensação de solidão o invadiu quando ele correu os olhos pela embarcação vazia. Nunca se lembraria de quanto tempo passou olhando para o convés sem vida. Ficou simplesmente ali, como que paralisado, sem pensar. Esperava ouvir algo além do bater das ondas no casco e o ruído constante dos motores. Talvez esperasse um barulho que indicasse a presença de seres humanos, vozes ou risos. Talvez estivesse aguardando algum sinal de movimento de outra coisa que não as flâmulas agitadas pela brisa. Sobretudo dominava-o o pressentimento do que certamente encontraria. A cena da estação argentina de pesquisa se repetiria uma vez mais. Os passageiros e tripulantes mortos espalhados no convés superior eram apenas uma amostra do que o esperava lá embaixo, no interior do navio, nos camarotes.

Por fim, tomou coragem e entrou na casa do leme. Colocou os motores em velocidade média e calculou uma rota aproximada rumo a um ponto de interseção com o Ice Hunter. Depois, programou as coordenadas no computador de navegação e ligou o sistema de controle automático, conectando-o com o radar, para que o navio desviasse dos eventuais icebergs. Ciente de que a embarcação estava fora de perigo, saiu da casa do leme.

Vários dos cadáveres nos conveses eram de tripulantes colhidos pela morte no

trabalho de manutenção do navio. Dois estavam pintando o costado, outros se ocupavam dos botes salva-vidas. Os corpos de oito passageiros sugeriam que estavam contemplando o litoral ao ser atingidos. Pitt desceu um passageiro e examinou o hospital do navio. Estava vazio. Desceu a escada carpetada até o deque onde ficavam as seis suítes. Estavam vazias, com exceção de uma. Nesta, uma senhora idosa parecia dormir. Ele encostou os dedos em seu pescoço. Estava fria como gelo. Pitt seguiu até o convés do salão.

Começou a sentir-se como o antigo marinheiro do navio-fantasma. Só lhe faltava o albatroz ao lado do pescoço. Os geradores ainda forneciam eletricidade e calor, tudo estava em ordem, tudo no lugar. O aquecimento interior parecia ainda mais agradável após a inundação de água gelada no tombadilho. Com surpresa, ele notou que se tornara indiferente aos cadáveres. Já não o repugnava examiná-los detidamente em busca de um sinal de vida. Sabia da trágica verdade.

Ainda que mentalmente preparado, continuava achando difícil acreditar que ninguém estivesse vivo a bordo. A morte que varrera o navio feito uma lufada de vento era diferente de tudo quanto conhecia. E como era desagradável intrometer-se na vida de uma embarcação que decerto guardava melhores lembranças... Perguntou-se o que pensariam os futuros passageiros e tripulantes que nela viajassem. Acaso ninguém mais voltaria a subir a bordo daquele barco marcado pela má sorte? Ou quem sabe os mais excêntricos haveriam de se sentir particularmente atraídos pela idéia de um cruzeiro cheio de aventuras misturadas com morbidez?

De repente, Pitt se deteve e se pôs a escutar com mais atenção. Em algum lugar ouviam-se os acordes de um piano. Era o antigo jazz Sweet Lorraine. Logo, tão subitamente como começara, a música cessou.

Ele começou a suar no macacão de mergulhador. Parado durante alguns minutos, tratou de despi-lo. Os mortos não se incomodariam se andasse por ali só com a roupa de baixo, pensou com humor negro. E seguiu em frente.

Entrou na cozinha. A área ao redor dos fogões e dos balcões estava cheia de cadáveres: um amontoado de cozinheiros, ajudantes e garçons. Um frio horror pairava ali. Parecia um matadouro, embora não se visse sangue. Unicamente formas indefinidas e sem vida congeladas no derradeiro ato de se agarrar a alguma coisa tangível, como se uma força invisível as quisesse arrastar. Enjoado, ele deu meia-volta e subiu de elevador ao salão de jantar.

As mesas estavam postas. Espalhados pelos bruscos movimentos do navio, os talheres de prata ainda se encontravam sobre as imaculadas toalhas de mesa. A morte chegara antes do almoço. Pitt apanhou o cardápio e estudou as entradas. Perca marinha, peixe antártico, posta gigante; vitela para os que não gostavam de peixe. Deixou o cardápio e já estava saindo quando notou algo fora do lugar. Passando por cima do corpo de um garçom, acercou-se de uma mesa junto a uma das janelas panorâmicas.

Alguém tinha comido ali. Pitt olhou para os pratos ainda com restos de comida. Havia uma sopeira quase vazia com o que parecia ser sopa de marisco, e torradas quebradas e amanteigadas, um copo de chá gelado. Era como se tivessem acabado de almoçar e ido dar uma volta no convés. Teriam aberto o salão mais cedo para um dos passageiros? cogitou, preferindo rejeitar a idéia de que algum sobrevivente tivesse se alimentado após o extermínio dos demais.

Tentou elaborar uma dúzia de soluções lógicas para a intrigante descoberta. Inconscientemente, porém, o medo o assaltou. Sem pensar, começou a olhar com frequência para trás. Saindo do salão, passou pela loja de souvenirs e seguiu para a sala de lazer. Viu um enorme piano Steinway junto a uma pequena pista

de dança. As mesas e as cadeiras estavam dispostas em ferradura. Junto à garçonete que caíra quando levava uma bandeja de drinques, havia um grupo de oito homens e mulheres, todos septuagenários, que deviam estar sentados a uma mesa grande, mas agora se encontravam em grotescas posições no tapete. Observando os maridos e esposas, alguns deles presos num último abraço, senti tristeza e angústia. Dominado por uma sensação de impotência, amaldiçoou a causa desconhecida daquela terrível tragédia.

Foi quando reparou em outro cadáver. Era uma mulher sentada no tapete, a um canto da sala. Estava com o queixo nos joelhos, a cabeça aninhada nos braços. Vestindo um elegante casaco de couro de mangas curtas e calça comprida de lã, não se encontrava numa posição contorcida nem parecia ter vomitado, como os outros.

Pitt sentiu um frio na espinha. Seu coração se acelerou. Controlando o choque inicial, atravessou lentamente a sala, aproximou-se e ficou olhando para ela. Tocou-lhe a face com a ponta do dedo. Uma onda de alívio o percorreu ao sentir-lhe o calor. Sacudiu-lhe delicadamente os ombros e viu-a abrir as pálpebras.

No primeiro momento, ela o encarou, atordoada e confusa; logo, arregalando os olhos, abraçou-o e deixou escapar um gemido.

— Você está vivo!

— E muito contente por ver que você também está — sorriu Pitt com doçura.

Ela se afastou bruscamente.

— Não, não... Não pode ser. Vocês estão todos mortos.

— Não precisa ter medo de mim.

Ela pôs nele os olhos castanhos e inchados de chorar. Um olhar triste e enigmático. Tinha rosto liso, pálido e um tanto magro. Seu cabelo era da cor do cobre. Os pômulos altos e os lábios grossos, bem desenhados, lembravam uma modelo. Entrelharam-se durante algum tempo; depois ele baixou ligeiramente a vista. Mesmo encolhida, a mulher dava a impressão de ter também corpo de modelo. Os braços nus eram um tanto musculosos. Só ao notar que ela estava olhando para o seu corpo foi que Pitt se sentiu constrangido por se achar apenas de camiseta e ceroula diante de uma dama.

— Por que você está sem roupa? — murmurou ela enfim.

Era uma pergunta inconseqüente, vinda do medo e do trauma, não da curiosidade. Pitt não se deu ao trabalho de responder.

— Conte-me quem é você e por que está viva, se os outros morreram.

Ela pareceu a ponto de tombar; Pitt se abaixou, tomou-a pela cintura e a colocou numa cadeira de couro junto à mesa. Foi até o bar. Esperava encontrar o cadáver do barman atrás do balcão e não se decepcionou. Pegou uma garrafa de uísque e serviu uma dose.

— Tome isto — disse, aproximando o copo dos lábios da moça.

— Eu não bebo — protestou ela vagamente.

— Faz de conta que é remédio. Só um gole.

Ela conseguiu engolir o conteúdo do copo sem tossir, mas seu rosto se contorceu numa expressão de azedume quando a bebida, suave como um beijo para o connoisseur, lhe irritou as narinas. Depois de respirar e tomar fôlego, ela o fitou e sentiu-lhe a compaixão.

— Meu nome é Deirdre Dorsett.

— Continue — pediu Pitt. — Já é um começo. Você é passageira?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Eu canto e toco piano no salão.

— Era você que estava tocando Sweet Lorraine?

— Digamos que foi uma reação ao choque. Choque de ver todo mundo morto, choque de pensar que eu seria a próxima. Não consigo acreditar que estou viva.

— Onde estava quando ocorreu a tragédia?

Ela olhou com mórbido fascínio para os quatro casais que jaziam ali perto.

— A senhora de vestido vermelho e o senhor grisalho estavam comemorando as bodas de ouro com uns amigos que os acompanhavam na viagem. Na noite anterior à festa, a equipe da cozinha esculpiu um coração e um cupido em gelo, que ficaria no centro da poncheira. Quando Fred, o barman, abria a garrafa de champanhe, e Martha, a garçonete, vinha da cozinha com a poncheira de cristal, eu me ofereci para ir buscar a escultura de gelo no freezer.

— Você estava no freezer?

Ela fez que sim.

— Lembra-se de ter fechado a porta?

— Ela se fecha automaticamente.

— Ia trazer a escultura sozinha?

— Não era muito grande. Do tamanho de um pequeno vaso.

— Que fez então?

A mulher fechou os olhos, cobriu-os com as mãos e sussurrou:

— Fiquei só alguns minutos lá dentro. Quando saí, descobri que todo mundo tinha morrido.

— Quantos minutos exatamente? — perguntou Pitt em voz baixa.

Ela balançou a cabeça para a frente e para trás. Depois falou, com a boca encoberta pelas mãos:

— Por que está fazendo tantas perguntas?

— Não estou querendo parecer um promotor público, mas, por favor, é importante.

A moça baixou lentamente as mãos e pousou os olhos vidrados na superfície da mesa.

— Sei lá! Como vou saber quanto tempo passei lá dentro? Só lembro que demorei um pouco para embrulhar a escultura de gelo numas toalhas, a fim de carregá-la sem congelar os dedos.

— Você teve muita sorte. Foi o clássico estar no lugar certo na hora certa. Se tivesse saído do freezer dois minutos antes, poderia estar morta, como os demais. E também teve sorte porque eu cheguei na hora certa.

— Você é da tripulação? Não me lembro de tê-lo visto. Evidentemente, ela não sabia que o Polar Queen estivera a ponto de se chocar com as ilhas Perigo.

— Desculpe, eu devia ter me apresentado. Meu nome é Dirk Pitt. Estou com uma expedição científica. Encontramos um grupo de turistas abandonado na ilha Seymour e saímos em busca do navio, já que não conseguíamos entrar em contato por rádio.

— Deve ter sido o grupo de Maeve Fletcher — disse ela tranquilamente. — Devem ter morrido todos também.

— Dois passageiros e o tripulante que os levou à praia, sim. A senhorita Fletcher e os outros estão vivos e passando bem.

Durante um brevíssimo instante, Deirdre assumiu uma série de expressões das quais uma atriz da Broadway só poderia orgulhar-se. A de choque seguiu-se à de raiva, culminando com a de felicidade. Seus olhos brilharam e ela relaxou visivelmente.

— Graças a Deus que Maeve está bem.

Entrando pela janela do salão, a luz do sol brilhou em seu cabelo solto, que lhe caía nos ombros. Pitt sentiu- lhe o perfume. Sentiu também uma estranha mudança nela. Era uma mulher confiante de trinta e poucos anos, com forte personalidade. Sentiu, além disso, um desconcertante desejo por ela, coisa que o irritou. Aquele não era o momento, pensou, nem aquelas as circunstâncias. Tratou de desviar o olhar.

— Por quê...? — perguntou a moça com um gesto atordoado. — Por que morreram todos?

Pitt olhou para os oito amigos que estavam comemorando uma ocasião especial quando a vida lhes foi cruelmente arrebatada.

— Não tenho certeza — respondeu com a voz afetada pela raiva e a compaixão - , mas acho que tenho uma idéia.



Pitt estava combatendo a fadiga quando o Ice Hunter sumiu da tela do radar e apareceu a estibordo. Depois de revistar o Polar Queen em busca de mais sobreviventes, uma causa perdida, como constatou, ele só se permitira uma breve soneca, enquanto Deirdre Dorsett vigiava, pronta para despertá-lo caso o navio ameaçasse colidir com algum pobre pescueiro em busca de bacalhau de água gelada. Havia os que se sentiam animados após um curto repouso. Não era o caso de Pitt. Vinte minutos no país dos sonhos não bastavam para lhe reconstituir a mente e o corpo depois de vinte horas de estresse. Ele se sentia pior do que quando fora se deitar. Estava ficando velho para saltar de helicópteros e enfrentar mares bravios, pensou. Aos vinte anos, era capaz de saltar por cima de altos edifícios; aos trinta, conseguia pular algumas casas de dois andares. Mas quando fora isso? A julgar por seus músculos e articulações doloridos, devia ter sido oitenta ou noventa anos atrás.

Fazia tempo que trabalhava para a Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas e para o almirante Sandecker. Estava na hora de mudar de profissão, alguma coisa menos rigorosa, com jornadas de trabalho mais curtas. Talvez fazer chapéus de palha em alguma praia do Taiti, ou quem sabe algo mais estimulante, como vender pílulas anticoncepcionais de porta em porta. Sacudindo esses tolos pensamentos, provocados pela exaustão, ele colocou o controle automático em PARADA TOTAL.

Numa rápida transmissão de rádio ao Ice Hunter, informou a Dempsey que estava desligando os motores e solicitou que uma equipe assumisse o controle do navio; depois, entrou em contato com o almirante Sandecker, via satélite, para inteirá-lo da situação.

No quartel-general da ANPS, a recepcionista o conectou diretamente com o telefone particular de Sandecker. Embora se encontrassem a meio mundo de distância, o fuso horário de Pitt, na Antártida, contava só uma hora a mais do que o de seu chefe em Washington.

— Boa noite, almirante.

— Já devia ter me telefonado.

— Andei meio ocupado.

— Fiquei sabendo por Dempsey que você e Giordino localizaram e salvaram o navio de passageiros.

— Terei prazer em lhe fornecer os detalhes.

— Já encontrou o Ice Hunter? — Sandecker não era de muitos rodeios.

— Sim, senhor. O capitão Dempsey está a apenas algumas centenas de metros a estibordo. Vai mandar um barco para colocar uma equipe a bordo e cuidar da

única sobrevivente.

— Quantas baixas?

— Após uma busca preliminar no navio — respondeu Pitt —, contei cinco da tripulação. Com a ajuda da lista de passageiros do comissário de bordo e do rol de tripulantes do imediato, ficamos com vinte passageiros e dois tripulantes vivos, de um total de duzentos e dois.

— Uns cento e oitenta mortos.

— É o que calculo.

— Como o navio é deles, o governo australiano está iniciando uma grande investigação. Há uma estação de pesquisa britânica a sudoeste, na baía Duse, não muito longe de sua posição. Eles têm um campo de pouso. Mandeí o capitão Dempsey rumar para lá e desembarcar os sobreviventes. A Ruppert & Saunders, proprietária do navio, fretou um jato para levá-los a Sídney.

— E os cadáveres?

— Serão acondicionados em gelo, na estação de pesquisa, e transportados à Austrália num avião militar. Assim que chegarem, os investigadores farão um inquérito formal da tragédia e os patologistas se encarregarão das autópsias.

— Quanto ao Polar Queen... — começou Pitt, e forneceu ao almirante os detalhes da descoberta da embarcação, bem como da iminência do desastre nas ondas furiosas junto às ilhas Perigo. — Que vamos fazer com ele?

— A Ruppert & Saunders está mandando uma tripulação que o levará de volta a Adelaide. Uma equipe de investigadores do governo vai examiná-lo, das chaminés à quilha.

— O senhor devia exigir um contrato aberto do seguro. A ANPS pode receber uns vinte milhões por ter salvado o navio de um naufrágio certo.

— Com ou sem direito, não vamos pedir um centavo pelo salvamento. — Pitt notou o aveludado tom de satisfação na voz de Sandecker.

— Vou receber o dobro disso em forma de apoio e cooperação do governo australiano em projetos de pesquisa em suas águas e nas adjacentes.

Não se podia acusar o almirante de senilidade.

— Maquiavel teria aprendido muita coisa com o senhor — suspirou Pitt.

— Talvez lhe interesse saber que diminuí o número de mortes de animais em sua região. Os pescadores e os barcos de apoio logístico das estações de pesquisa não registraram mortes anormais de peixes nem mamíferos nas últimas quarenta e oito horas. O exterminador, seja lá o que for, parece ter mudado de lugar. Agora, estamos começando a ouvir falar em grandes quantidades de peixes e um número extraordinário de tartarugas sendo jogadas nas praias das ilhas Fiji.

— Esquisito. E como se a praga tivesse vida própria.

— Não fica no mesmo lugar — disse Sandecker de mau humor. — A coisa é séria. Se os cientistas não conseguirem eliminar sistematicamente as possíveis causas e localizar depressa o responsável, vamos presenciar uma perda de vida marinha que não será reposta no espaço de uma geração.

— Pelo menos é um consolo saber que não se trata da repetição da explosiva reprodução da maré vermelha de poluição química do rio Níger.

— Claro que não. Afinal, nós fechamos a fábrica perigosa de Máli - retrucou Sandecker. — Nossos monitores, ao longo do rio, não voltaram a mostrar indícios do aminoácido sintético alterado nem do cobalto que estavam causando o problema.

— Nossos gênios de laboratório têm alguma suspeita?

— Não — respondeu o almirante. — Esperamos que os biólogos a bordo do Ice Hunter tenham descoberto alguma coisa.

— Se descobriram, não me contaram.

— Você tem algum palpite? — indagou Sandecker em tom cauteloso.

— Alguma dica suculenta que eu possa jogar para as hordas de jornalistas postados em nosso saguão? Devem ser uns duzentos.

Um leve sorriso passou pelos lábios de Pitt. Havia entre eles um pacto tácito de jamais discutir assuntos importantes via satélite. As chamadas que atravessavam a atmosfera eram vulneráveis, podiam ser facilmente grampeadas. A mera menção da imprensa significava que Pitt devia esquivar-se da questão.

— Estão babando por uma boa matéria, não?

— A imprensa marrom já inventou um navio-fantasma a errar no triângulo da Antártida.

— Está falando sério?

— Se quiser, eu lhe mando por fax as reportagens.

— Acho que eles vão ficar decepcionados com a minha hipótese.

— Posso saber qual é? Houve um silêncio.

— Creio que pode ser um vírus desconhecido transportado pelas correntes de ar.

— Um vírus — repetiu Sandecker automaticamente. — Não é muito original.

— Sei que é meio ridículo — disse Pitt. — Tão lógico quanto ficar contando os buracos do teto acústico quando a gente está na cadeira do dentista.

Se ficou intrigado com as palavras absurdas de Pitt, o almirante não deixou transparecer. Limitou-se a suspirar, resignado, como de costume.

— É melhor deixar as investigações para os cientistas. Acho que estão compreendendo a situação melhor do que você.

— Desculpe, almirante, estou meio atordoado.

— É, parece estar perdido na neblina. Assim que Dempsey mandar uma equipe a bordo, vá para o Ice Hunter e trate de dormir um pouco.

— Obrigado por ser tão compreensivo.

— E só uma questão de saber apreciar a situação. Conversaremos mais tarde.

O almirante Sandecker desligou.

Deirdre Dorsett saiu ao convés superior e acenou animadamente ao ver Maeve Fletcher debruçada na amurada do Ice Hunter. Subitamente livre do tormento de ser a única pessoa viva numa embarcação atulhada de cadáveres, começou a rir de pura alegria. Sua voz atravessou o pequeno espaço entre os barcos:

— Maeve!

Maeve percorreu com os olhos os conveses do navio de passageiros, em busca da voz de mulher que gritara seu nome. Finalmente avistou a figura que lhe acenava. Ficou uns trinta segundos fitando-a, confusa.

Então reconheceu Deirdre, e assumiu a expressão de uma pessoa que, encontrando-se num cemitério de madrugada, sente uma repentina palmada no ombro.

— Deirdre? — gritou, incrédula.

— É assim que se recebe uma pessoa próxima que retornou da morte?

— Você... aqui... viva?

— Oh, Maeve, não imagina como estou feliz por encontrá-la a salvo!

— Também estou chocada — disse Maeve, recuperando lentamente o controle.

— Você se machucou em terra? — perguntou Deirdre com preocupação.

— Só um leve congelamento, nada mais. — Maeve apontou para os tripulantes do Ice Hunter, que desciam uma lancha. — Vou pegar uma carona e esperá-la na prancha de embarque.

— Combinado.

Sorrindo, Deirdre voltou para a casa do leme, onde Pitt falava com Dempsey

pelo rádio. Ele sorriu ao vê-la e desligou.

— O capitão me contou que Maeve vem vindo para cá. A moça fez que sim.

— Ela ficou surpresa ao me ver.

— Uma coincidência feliz — disse Pitt, notando pela primeira vez que Deirdre tinha quase a mesma altura que ele. — Duas amigas que são as únicas sobreviventes.

Deirdre deu de ombros.

— Não somos o que você chama de amigas.

Ele fitou com curiosidade aqueles olhos castanhos que refletiam os raios do sol.

— Vocês não se dão bem?

— E uma questão de sangue ruim, senhor Pitt — disse ela calmamente. — Sabe, apesar dos sobrenomes diferentes, Maeve Fletcher e eu somos irmãs.



O mar estava sereno quando o Ice Hunter, seguido do Polar Queen, se deixou engolfar pelos braços protetores da baía Duse e lançou âncora a pouca distância da estação britânica de pesquisa. Da ponte de comando, Dempsey instruiu a pequena tripulação do Queen para que o colocasse a uma distância conveniente, evitando assim que os dois barcos corresse perigo pelo efeito das marés.

Ainda acordado e mal se mantendo de pé, Pitt não obedecera à ordem que lhe dera Sandecker de dormir um bom período. Tinha muito que fazer depois de entregar o Polar Queen à equipe de Dempsey. Primeiro, colocou Deirdre na lancha com Maeve e as mandou ao Ice Hunter. Depois, passou boa parte da noite ensolarada revistando o navio em busca dos mortos que não vira em sua rápida vistoria anterior. Desligou o sistema de calefação, a fim de preservar os cadáveres para os exames posteriores, e, só quando o Polar Queen estava firmemente ancorado na calma baía, passou o comando e voltou para o barco de pesquisa da ANPS. Na casa do leme, Giordino e Dempsey esperavam para cumprimentá-lo e dar-lhe os parabéns. Notando quanto ele estava exausto, o italiano lhe serviu uma caneca de café. Pitt aceitou, agradecido, e, quando estava bebendo, notou uma pequena lancha motorizada que se acercava do navio. Mal a âncora do Ice Hunter tocara o fundo, os representantes da Ruppert & Saunders embarcaram num Zodiac. Em poucos minutos estavam na ponte de comando onde Pitt, Dempsey e Giordino os aguardavam. Um homem subiu de três em três os degraus e se colocou diante deles. Alto e corado, exibiu um largo sorriso.

— Capitão Dempsey? — perguntou.

Dempsey deu um passo à frente e lhe apertou a mão.

— Sou eu.

— Capitão Ian Ryan, chefe de operações da Ruppert & Saunders.

— Bem-vindo a bordo, capitão. Ryan parecia apreensivo.

— Meus oficiais e eu estamos aqui para assumir o comando do Polar Queen.

— E todo seu, capitão — disse Dempsey tranqüilamente.

— Se puder me fazer o favor, mande de volta a minha equipe em sua lancha quando estiver a bordo.

O alívio se estampou no rosto curtido de Ryan. Podia ter sido uma situação delicada. Legalmente, Dempsey adquirira direitos ao salvar a embarcação. O comando, que antes pertencia ao capitão morto e aos proprietários, transferira-se a ele.

— Devo compreender que o senhor está renunciando o comando em favor da

Ruppert & Saunders?

— A ANPS não está no ramo de salvamento, capitão. Não temos nenhuma exigência em relação ao Polar Queen.

— Os diretores da empresa me pediram que expressasse nosso profundo agradecimento e lhe desse os parabéns pelo esforço de salvar nosso navio. Dempsey se voltou para Pitt e Giordino, e os apresentou.

— Foram estes senhores que encontraram os sobreviventes na ilha Seymour e evitaram que o barco colidisse com as ilhas Perigo.

Ryan lhes apertou vigorosamente a mão.

— Um trabalho admirável, realmente admirável. Garanto-lhe que a Ruppert & Saunders saberá recompensá-los.

Pitt sacudiu a cabeça.

— Recebemos instruções de nosso chefe, o almirante James Sandecker, para não aceitar recompensa ou remuneração.

Ryan ficou desconcertado.

— Nada? Absolutamente nada?

— Nem um centavo — respondeu Pitt, lutando para manter abertos os olhos cansados.

— Muito decente de sua parte — murmurou Ryan. — Coisa inusitada nos anais do salvamento marinho. Tenho certeza de que os diretores da companhia de seguros brincarão a sua saúde todo ano, no aniversário da tragédia.

Dempsey apontou para o passadiço que levava a sua câmara.

— Falando em brindar, capitão Ryan, posso lhe oferecer um drinque em minha cabine?

Ryan fez um gesto na direção de seus oficiais, agrupados atrás dele.

— O convite se estende a meus tripulantes?

— Claro que sim — respondeu Dempsey com um sorriso receptivo.

— O senhor salva o nosso navio, resgata nossos passageiros e ainda nos oferece um aperitivo! — disse Ryan com voz embargada. — Desculpe dizê-lo, capitão, mas vocês ianques são mesmo esquisitos.

— Nem tanto — interveio Pitt, com os olhos semicerrados de fadiga.

— Somos apenas grandes oportunistas.

Foi com movimentos canhestros que Pitt tomou banho e fez a barba pela primeira vez desde que partira com Giordino em busca do Polar Queen. Faltou pouco para que caísse de joelhos e adormecesse sob a deliciosa água quente do chuveiro. Sem sequer enxugar o cabelo, enrolou uma toalha na cintura e foi tropeçadamente para sua cama queen-size - nada de beliche estreito naquele navio —, deitou-se, puxou a coberta, repousou a cabeça no travesseiro e dormiu. Não ouviu quando bateram à porta da cabine. Normalmente alerta ao mais leve ruído, não despertou quando bateram pela segunda vez. Tão longe estava do mundo exterior que sequer mudou o ritmo da respiração. E suas pálpebras continuaram imóveis quando Maeve abriu lentamente a porta, olhou hesitante para a pequena ante-sala e o chamou em voz baixa:

— Senhor Pitt?

Ela teve vontade de desistir, mas a curiosidade foi mais forte. Com dois cálices de haste curta e uma garrafa de conhaque Rémy Martin XO cedida por Giordino, avançou cautelosamente. O pretexto daquela invasão era agradecer Pitt por lhe haver salvado a vida. Sobressaltada, deparou com sua própria imagem no espelho da parede, acima da escrivaninha. Estava corada como uma adolescente à espera do primeiro encontro com o primeiro namorado. Situação que raramente experimentara. Irritada consigo mesma, desviou a vista. Não

podia acreditar que estivesse entrando nos aposentos de um homem sem ser convidada. Mal conhecia Pitt. Ele era pouco menos que um desconhecido. Maeve, porém, estava acostumada a tomar a iniciativa.

Seu pai, o rico proprietário de uma empresa internacional de mineração, as tinha criado, a ela e a suas irmãs, como se fossem garotos. Nada de bonecas, vestidos na moda ou bailes de debutantes. Sua falecida esposa lhe dera três filhas em vez de filhos que se encarregassem do império financeiro da família, de modo que ele simplesmente desprezou o destino e tratou de treiná-las como duronas. Quando estava com dezoito anos, Maeve era capaz de chutar uma bola de futebol como poucos rapazes de sua classe e, certa vez, fez uma viagem a pé pelo interior da Austrália, de Camberra a Perth, acompanhada unicamente de um cachorro, um dingo domesticado, proeza que seu pai recompensou tirando-a da faculdade e empregando-a nas minas da família, ao lado de rudes operários.

Ela se rebelou. Aquilo não era vida para uma mulher com outros desejos. Fugiu para Melbourne, matriculou-se na faculdade de zoologia. O pai não fez a menor tentativa de trazê-la de volta ao seio da família. Simplesmente deserdou-a e fingiu que ela nunca tinha existido ao saber que havia dado à luz um par de gêmeos, fruto de um romance de cerca de um ano e meio com um colega da universidade, filho de um criador de carneiros, de pele bronzeada, corpo sólido e sensíveis olhos claros. Riam, amavam-se e brigavam constantemente. Quando chegou a inevitável separação, ela não lhe contou que estava grávida. Maeve colocou os copos e a garrafa na escrivaninha e ficou olhando para os objetos pessoais jogados ao acaso entre pilhas de papel e cartas náuticas. Vasculhou furtivamente uma carteira de couro cru recheada de cartões de crédito, de banco e de clube. Havia também dois cheques pessoais em branco e cento e vinte e três dólares em dinheiro. Esquisito, pensou ela, nenhuma fotografia. Recolocou a carteira na escrivaninha e examinou os outros objetos. Havia ainda um velho relógio Doxa de mergulho, com mostrador alaranjado e pulseira de aço inoxidável, e um molho com chaves de carro e de casa. Nada mais. Pouco para lhe dar uma idéia de quem era Pitt, pensou. Outros homens tinham entrado e saído de sua vida, alguns a pedido dela, uns poucos por iniciativa própria. Mas todos lhe tinham deixado algo. Já Pitt parecia ser um solitário, que nada deixava ao partir.

Entrou no quarto. O espelho do banheiro contíguo ainda estava embaçado pelo vapor, sinal de que seu ocupante se havia banhado pouco antes. Um leve cheiro de loção pós-barba lhe provocou um esquisito frio no estômago.

— Senhor Pitt — chamou novamente, ainda em voz baixa. — O senhor está aqui? Foi quando viu o corpo estendido na cama, os braços ligeiramente cruzados sobre o peito, como que num caixão de defunto. Deixou escapar um suspiro de alívio ao ver que as virilhas do marujo estavam cobertas com uma toalha de banho.

— Desculpe — sussurrou. — Não queria incomodá-lo. Pitt continuou dormindo. Maeve o percorreu com os olhos da cabeça aos pés. Seu cabelo preto e encaracolado ainda estava molhado e desfeito. Tinha sobrancelhas grossas, que quase se encontravam acima do nariz reto. Ela imaginou que devia ter uns quarenta anos, embora as feições ásperas, a pele bronzeada e curtida e o contorno firme do queixo o fizessem aparentar mais. As pequenas rugas no canto dos olhos e a comissura dos lábios ligeiramente voltada para cima davam á impressão de que ele sorria perpetuamente. Era um rosto marcante, do tipo que atraía as mulheres. Parecia ser forte e decidido, um homem que conhecia o melhor e o pior da vida, mas nunca recuara ante o que quer que fosse.

O corpo era firme e macio, com exceção do tufo escuro de pêlos no peito. Tinha

ombros largos, barriga plana e quadris estreitos. Os músculos dos braços e das pernas eram bem definidos. Magro e longilíneo, ele demonstrava uma certa tensão, que sugeria uma mola prestes a saltar. E havia também as cicatrizes. Maeve não conseguia imaginar onde as tinha obtido.

Pitt não parecia talhado na mesma madeira que os outros homens que ela conhecia. Na verdade, não tinha amado verdadeiramente nenhum, dormira com eles mais por curiosidade ou rebeldia do que por desejo apaixonado. Mesmo quando ficou grávida, recusou-se ao aborto a fim de provocar o pai, e teve os gêmeos. Agora, olhando para o homem adormecido na cama, provava uma estranha sensação de prazer e poder por lhe estar observando de perto a nudez. Ergueu a borda da toalha, sorriu com malícia e a deixou cair novamente. Achava-o muito atraente e o desejava, febril e descaradamente.

— Gosta do que está vendo, maninha? — disse uma voz rouca e tranqüila a suas costas.

Vexada, Maeve deu meia-volta e deparou com Deirdre, que, encostada na soleira da porta, fumava despreocupadamente.

— Que está fazendo aqui? — cochichou.

— Tentando impedi-la de morder mais do que é capaz de mastigar.

— Muito engraçado. — Num gesto maternal, Maeve cobriu o corpo de Pitt e prendeu o cobertor sob o colchão. Depois, voltando-se, empurrou literalmente a irmã para a ante-sala e fechou a porta com cuidado. — Por que está me seguindo? Por que não voltou à Austrália com os passageiros?

— Gostaria de lhe fazer a mesma pergunta, maninha querida.

— Os cientistas do navio me pediram que ficasse a bordo e fizesse um relatório sobre minha experiência com a praga.

— E eu fiquei porque achei que podíamos trocar um beijo e fazer as pazes — disse Deirdre, dando uma tragada no cigarro.

— Já se foi o tempo em que eu acreditava em você.

— Reconheço que havia outras considerações.

— Como consegui esconder-se de mim durante semanas, no mar?

— Acredita se eu disser que estava em meu camarote, com enjôo?

— Dificilmente — replicou Maeve. — Você tem a constituição de um cavalo. Nunca ficou doente.

Deirdre olhou a sua volta à procura de um cinzeiro. Como não encontrasse nenhum, abriu a porta da cabine e jogou o cigarro no mar.

— Não ficou admirada com o fato de eu ter sobrevivido milagrosamente?

Confusa e insegura, Maeve a fitou nos olhos.

— Você disse a todos que estava no freezer.

— Exatamente na hora certa, reparou?

— Muita sorte a sua.

— Não foi sorte — contrapôs Deirdre. — E você? Já pensou na coincidência de estar na caverna de uma estação de pesca de baleia exatamente no momento em que aconteceu?

— Que está querendo dizer?

— Eu não compreendo, e você? — disse Deirdre, como que a censurar uma criança travessa. — Achou que papai ia perdoá-la e esquecer que, quando você partiu, bateu a porta do escritório e jurou nunca mais olhar para nenhum de nós? Ele quase enlouqueceu ao saber que você tinha mudado de nome legalmente, assumindo o de sua tetravó, Fletcher. A partir daquele momento, ele a tem observado, desde que entrou na universidade até a ocasião em que passou a trabalhar para a Ruppert & Saunders.

Maeve a encarou com uma raiva e uma incredulidade que, no entanto, diminuíram quando alguma coisa começou a se sedimentar em sua mente.

— Estava com medo que eu desse com a língua nos dentes sobre seus negócios sujos?

— Quaisquer meios heterodoxos a que papai tenha recorrido para aumentar o império da família foi para o seu bem, do mesmo modo que para o de Boudicca e o meu.

— Boudicca — disse Maeve com asco. — O diabo em pessoa.

— Pense o que quiser de nossa irmã — retrucou Deirdre, impassível. — Ela sempre se preocupou com você.

— Se acredita nisso, você é mais otária do que eu imaginava.

— Foi Boudicca quem convenceu papai a lhe poupar a vida, insistindo para que eu participasse da viagem.

— Poupar-me a vida? — Maeve ficou desorientada. — Que absurdo é esse?

— Quem você acha que arranjou para que o capitão a mandasse à terra com a primeira excursão?

— Você?

— Eu.

— Era a minha vez de ir à terra. Os guias se alternam. Deirdre sacudiu a cabeça.

— Se dependesse da programação, você seria encarregada do segundo grupo, que não desembarcou.

— E daí?

— Uma questão de timing — disse Deirdre, tornando-se subitamente fria. — Os homens de papai calcularam que o fenômeno ocorreria quando o primeiro grupo de turistas se encontrasse em segurança no interior da caverna da estação de pesca.

Empalidecendo, Maeve sentiu faltar-lhe o chão.

— Você não podia ter previsto um desastre tão terrível!

— balbuciou.

— Papai é muito inteligente — afirmou a outra calmamente, como se estivesse tagarelando com uma amiga ao telefone. — Se não fosse por seus planos antecipados, como acha que eu poderia saber quando devia esconder-me no freezer do navio?

— Como ele pode ter sabido quando e onde a calamidade ocorreria?

— Papai não é tolo — respondeu Deirdre com um sorriso maligno.

A raiva percorreu o corpo de Maeve.

— Se ele suspeitasse de alguma coisa, teria avisado a tempo e evitado todas essas mortes.

— Nosso pai tem coisas mais importantes a fazer do que se preocupar com um barco cheio de turistas inúteis.

— Juro que farei o que puder para que vocês todos paguem pelo que fizeram.

— Você trairia a família? — Deirdre deu de ombros com sarcasmo, e depois respondeu à própria pergunta. — Sim, acho que sim.

— Pode apostar.

Mas não vai trai-la, a menos que não queira voltar a ver seus lindos filhinhos.

— Papai jamais saberá onde estão Sean e Michael.

— Não foi muito inteligente esconder os gêmeos na casa daquele professor em Perth.

— Você está jogando verde para colher maduro.

— Sua irmã Boudicca não teve muito trabalho para convencer o professor e sua esposa, os Hollender, se não me engano, de que a deixassem levar os garotos a

um piquenique.

Maeve estremeceu ante a terrível revelação.

— Vocês estão com eles?

— Com os meninos? Claro.

— Se ela tiver tocado num fio de cabelo dos Hollender...

— Que tolice.

— Que fizeram com Sean e Michael?

— Papai está cuidando bem deles em nossa ilha particular. Está até lhes ensinando o comércio de diamantes. Não se preocupe. A única coisa que pode acontecer é um acidente. Você bem sabe como é perigoso, para as crianças, correr e brincar perto das minas. Por outro lado, se ficar do lado da família, seus filhos um dia serão incrivelmente ricos e poderosos.

— Como papai? — gritou Maeve, ofendida e apavorada.

— Prefiro que morram!

Reprimindo o desejo de matar a irmã, ela se deixou cair pesadamente numa cadeira. Estava vencida.

Exultando face à impotência de Maeve, Deirdre prosseguiu:

— Podia ser pior. Passe alguns dias com seus amigos da ANPS e trate de manter a boca fechada quanto ao que acabo de lhe contar. Depois, voltaremos para casa de avião. — Foi até a porta e se voltou. — Creio que vai achar papai mais generoso, desde que peça perdão e demonstre lealdade para com a família.

E, saindo ao convés, desapareceu.



DE ONDE VÊM OS SONHOS

O almirante Sandecker raramente usava a sala de reuniões. Reservava-a para visitas de parlamentares e cientistas famosos, americanos ou estrangeiros. Os assuntos internos da ANPS, preferia tratá-los num pequeno gabinete contíguo a seu escritório. Era um cômodo bastante confortável, exclusivamente dele, uma espécie de valhacouto onde costumava ter reuniões confidenciais com o alto escalão da agência. Gostava também de usá-lo como sala de jantar. Ali, com seus diretores, relaxava nas macias cadeiras de couro ao redor de uma mesa de reuniões de três metros, construída com a madeira do casco de uma escuna retirada do fundo do lago Erie e solidamente assentada num grosso tapete azul-turquesa, diante de uma lareira com escarpa vitoriana.

A diferença do moderníssimo design dos outros escritórios do quartel-general da ANPS, todos com altas paredes de vidro fumê esverdeado, aquela sala parecia a de um antigo clube londrino. As quatro paredes e o teto eram revestidos de teca acetinada e ornamentados com pinturas de cenas navais americanas.

Havia belos e detalhados quadros representando a épica batalha entre John Paul Jones, no precariamente armado Bonhomme Richard, e o Serapis, a então moderna fragata britânica de cinqüenta canhões. A seu lado, a venerável fragata americana Constitution desmastreava a inglesa Java. Na parede oposta, o couraçado Monitor, da Guerra Civil, oferecia combate ao Virginia, mais conhecido como Merrimac. O Comodoro Dewey destruindo a armada espanhola na baía de Manila, e uma esquadrilha de bombardeiros a decolar do porta-aviões Enterprise, para aniquilar a frota japonesa durante a Batalha de Midway, ficavam lado a lado. Só o quadro acima da lareira não representava uma batalha naval. Era um retrato de Sandecker fardado, pouco antes de ser promovido e jogado na praia. Mais abaixo, num estojó de vidro, via-se um modelo tio último navio que ele comandara, o cruzador de mísseis Tucson.

Quando o almirante passou para a reforma, um ex-presidente dos Estados Unidos designou-o para organizar e estabelecer uma recém-inaugurada agência governamental dedicada à pesquisa do mar. Tendo começado num armazém alugado, com uma equipe de menos de uma dúzia de pessoas, inclusive Pitt e Giordino, Sandecker transformou a ANPS numa gigantesca organização que, com dois mil funcionários e um vultoso orçamento raramente questionado e quase sempre aprovado pelo Congresso, provocava a inveja das instituições oceanográficas do mundo inteiro. Sandecker combatia apaixonadamente a velhice. Agora, com pouco mais de sessenta anos, era um atleta amador que corria, levantava peso e se entregava a todo tipo de atividade que o fizesse suar ou lhe aumentasse os batimentos cardíacos. Os resultados da árdua ginástica e da

rigorosa dieta eram bem visíveis em sua robusta e bem-cuidada constituição física. Com pouco menos do que se considerava uma altura mediana, ele mantinha bem curto e repartido a navalha o ainda exuberante cabelo ruivo. Em seu rosto tenso e alongado, destacavam-se penetrantes olhos castanhos e uma barba pontuda, exatamente da cor do cabelo. Seu único vício eram os charutos. Fumava dez por dia, dos grandes, especialmente selecionados e enrolados para o seu gosto pessoal.

Ele entrou na sala de reuniões em meio a uma nuvem de fumaça, como se fosse um mágico surgindo num palco coberto de neblina. Dirigiu-se à cabeceira da mesa e endereçou um sorriso benevolente aos dois homens sentados à esquerda e à direita.

— Lamento retê-los até agora, cavalheiros, mas eu não lhes pediria que fizessem horas extras se não fosse de suma importância.

Hiram Yaeger, o chefe da rede de computadores da ANPS e superintendente do maior banco de dados de ciências marinhas do mundo, inclinou a cadeira para trás, apoiando-a em duas pernas, e dirigiu ao almirante um gesto afirmativo. Sempre que havia um problema a resolver, Sandecker começava por ele. Imperturbável, com seu eterno avental e o rabo-de-cavalo, Yaeger morava com a esposa e as filhas num bairro elegante da capital e tinha um BMW fora de série.

Era uma questão de atender sua convocação ou levar minha mulher ao balé.

De qualquer modo você sairia perdendo — riu Rudi Gunn, o diretor executivo da ANPS e segundo no comando.

Se Dirk Pitt era o principal "apagador de incêndios" de Sandecker, Gunn passava por seu mago organizacional. Franzino, de ombros e quadris estreitos, brilhante e dono de um fantástico senso de humor, olhava, através das lentes grossas dos óculos de aro de chifre, com um par de olhos que lembravam os de uma coruja à espera de que um roedor passasse por baixo de sua árvore.

Sandecker se acomodou na cadeira de couro, deixou cair a cinza do charuto num cinzeiro de concha de molusco e estendeu na mesa uma carta náutica do mar de Weddell e da península Antártica. Bateu o dedo num círculo, em cujo interior via-se uma série de cruzes vermelhas numeradas.

— Amigos, vocês estão a par da trágica situação do mar de Weddell, local de um dos últimos de uma série de extermínios. O número um corresponde ao lugar onde o Ice Hunter encontrou os golfinhos mortos. O dois situa as focas mortas na ilha Orkney do Sul. O três é a ilha Seymour, lugar da morte de homens, mulheres, pinguins e focas. E, número quatro, a posição aproximada do Polar Queen quando ocorreu a catástrofe.

Yaeger examinou o perímetro do círculo.

— São uns noventa quilômetros de diâmetro.

— Não está me cheirando bem — disse Gunn com uma ruga profunda a lhe vincar a testa. — E o dobro do tamanho da última região de extermínio, perto da ilha Chirikof e das Aleútas.

— O saldo desse desastre: mais de três mil leões- marinhos e cinco pescadores — lamentou Sandecker. Pegando um pequeno controle remoto, apontou-o para a parede oposta e apertou um botão. Uma enorme tela desceu lentamente do teto. Ele apertou outro botão, fazendo aparecer, em hologramas tridimensionais, um mapa do oceano Pacífico gerado por computador. Es- palhados em diferentes partes dele, surgiram vários globos que davam a impressão de ser de néon e de estar sendo projetados de fora da tela. Todos apresentavam animações de peixes e mamíferos. O globo sobre a ilha Seymour, em frente à península Antártica,

assim como um outro, perto do Alasca, incluía figuras humanas.

— Até há três dias — prosseguiu o almirante —, todas as regiões de extermínio de que tínhamos notícia ficavam no Pacífico. Agora, com o mar das imediações da ilha Seymour, contamos com mais uma no Atlântico Sul.

— O que significa oito incidências da praga desconhecida em quatro meses — observou Gunn. — Parece que as ocorrências estão se intensificando. Sandecker examinou o charuto.

— E nenhuma delas permitiu-nos descobrir a origem da tragédia.

— A frustração é toda minha — disse Yaeger com um gesto de impotência. — Experimentei cem diferentes projeções computadorizadas. Nenhuma foi capaz de decifrar o enigma. Não se conhecem doenças ou contaminações químicas capazes de viajar milhares de quilômetros, irromper no azul do mar, matar tudo quanto vive numa determinada região e, então, desaparecer sem deixar vestígios.

— Estou com trinta cientistas ocupados no problema — acrescentou Gunn —, e eles continuam tateando no escuro, sem achar a mais remota pista.

— Que disseram os patologistas que examinaram os cinco pescadores encontrados mortos pela Guarda Costeira, na ilha Chirikof? — quis saber Sandecker.

— Preliminarmente, a necropsia não detectou nenhum sinal de envenenamento por inalação ou ingestão, nem de enfermidade conhecida pela medicina. Assim que tiver terminado seu relatório, o coronel Hunt, do Centro Médico Militar Walter Reed, vai telefonar para o senhor.

— Porra! — explodiu Sandecker. — Alguma coisa os matou. O capitão do navio morreu na casa do leme, agarrado ao timão, e a tripulação pereceu no convés quando estava puxando a rede. Ninguém cai morto sem causa, muito menos homens fortes de vinte ou trinta anos.

Yaeger concordou com um gesto de cabeça.

— Talvez estejamos procurando no lugar errado. Só pode ser alguma coisa que ainda não levamos em consideração.

Sandecker ficou olhando distraidamente para o charuto, cuja fumaça subia ao teto em espirais. Raramente punha todas as cartas na mesa; preferia virá-las lentamente, uma a uma.

— Conversei com Dirk há pouco.

— Alguma novidade? — indagou Gunn.

— Dos biólogos a bordo do Ice Hunter não, mas Dirk tem uma teoria, li um tanto inverossímil, ele mesmo reconhece, mas ninguém tinha pensado nisso.

- Gostaria muito de saber — disse Yaeger.

Ele está pensando numa espécie de poluição. Gunn olhou com ceticismo para Sandecker.

Que tipo de poluição pode existir que não tenhamos cogitado?

Sandecker sorriu.

— Barulho.

— Barulho? — repetiu Gunn. — Como assim?

— Ele acredita que podem existir ondas sonoras mortais, que viajam centenas, talvez milhares de quilômetros na água. Depois sobem à superfície e matam tudo quanto existe num determinado raio.

Sandecker ficou observando a reação de seus subordinados. Embora nada tivesse de cínico, Yaeger baixou a cabeça e riu.

— Será que o velho Pitt não andou tomando uma tequila a mais?

Gunn, ao contrário, não mostrou a menor dúvida. Ficou alguns momentos olhando fixamente para o mapa do oceano Pacífico antes de dizer:

— Dirk pode estar na pista certa. Yaeger ficou intrigado.

— Você acha?

— Acho — respondeu Gunn. — Pode ser que estejamos às voltas com ondas acústicas submarinas.

— Alegria-me ouvir outra opinião — sorriu Sandecker. — Quando Dirk me veio com essa história, confesso que achei que ele estava delirando de cansaço. Depois, pensando melhor, passei a acreditar na possibilidade dessa teoria.

— Que coisa! — exclamou Yaeger — Ele salvou o Polar Queen sozinho.

— É verdade — concordou Gunn. — Al o "desovou" no navio, e ele conseguiu livrá-lo da destruição certa.

— Voltemos aos pescadores mortos — interveio Sandecker, devolvendo à reunião uma nota sombria. — Quando teremos de entregar os cadáveres às autoridades locais do Alasca?

— Assim que souberem que estão conosco — respondeu Gunn. — A tripulação da lancha da Guarda Costeira, que encontrou o barco à deriva no golfo do Alasca, decerto há de dar com a língua nos dentes quando desembarcar na base de Kodiak.

— Mas o capitão não os mandou calar a boca?

— Não estamos em guerra, almirante. A Guarda Costeira tem muito prestígio nas águas do norte. Não vão querer abafar a morte dos homens cuja vida eles têm a obrigação de proteger. Bastará uns aperitivos no Yukon Saloon para que comecem a espalhar a notícia a quem quiser ouvir.

Sandecker suspirou.

— É, você tem razão. O comandante MacIntyre não gostou nada da idéia de fazer segredo. Foi preciso que recebesse ordem expressa do secretário da Defesa para que se calasse e entregasse os cadáveres aos cientistas da ANPS.

Yaeger endereçou a Sandecker um olhar significativo.

— Quem será que conseguiu falar com o secretário da Defesa?

O almirante sorriu com malícia.

— Quando eu lhe expliquei a gravidade da situação, ele demonstrou boa vontade.

— Vai ser um deus-nos-acuda — profetizou Yaeger — quando o sindicato local e as famílias das vítimas descobrirem que os corpos foram encontrados e autopsiados uma semana antes de que eles fossem notificados.

E Gunn acrescentou:

— Principalmente quando souberem que mandamos os cadáveres a Washington para a necropsia.

— Fomos obrigados a nos adiantar à imprensa, para que não se espalhassem histórias malucas sobre a morte misteriosa de toda a tripulação de um pescador, mais o papagaio. Nem era preciso que ocorresse outro fenômeno letal e inexplicável para que soubéssemos que estávamos tateando no escuro.

Gunn deu de ombros.

— Mas agora o bicho está solto. Não há como ocultar o desastre do Polar Queen. Amanhã será a principal reportagem dos jornais e dos noticiários da televisão. No mundo inteiro.

Sandecker fez que sim, voltando-se para Yaeger.

— Hiram, quero que você vasculhe a biblioteca e extraia quantos ciados houver sobre a acústica submarina. Procure todas as experiências comerciais ou militares que envolvam ondas sonoras de alta potência na água, suas causas e seus efeitos nos seres humanos e nos mamíferos aquáticos.

— Vou começar já.

Gunn e Yaeger se levantaram e saíram. Sandecker permaneceu afunilado na

cadeira, a soltar baforadas. Seu olhar viajava de batalha naval a batalha naval, demorando-se em cada quadro antes de passar para o seguinte. Depois, ele fechou os olhos e apertou muito as pálpebras, tratando de organizar as idéias.

Era a incerteza do dilema que lhe nublava a mente. Depois de algum tempo, abriu os olhos e ficou olhando para a carta do oceano Pacífico.

— Onde essa coisa atacará outra vez? — disse em voz alta. — Quem vai morrer agora?

O coronel Leigh Hunt estava em seu gabinete no subsolo — não gostava dos escritórios mais formais dos andares superiores do Walter Reed — contemplando uma garrafa de Cutty Sark Lá fora, a escuridão já se espalhara no distrito de Colúmbia, a iluminação pública estava acesa e o tráfego do final da tarde começava a diminuir. A autópsia dos cinco pescadores retirados das frias águas do noroeste tinha terminado, e ele estava prestes a voltar para casa e para seu gato. Restava decidir se tomaria um drinque ou daria um último telefonema antes de sair. Resolveu fazer as duas coisas.

Digitou os números ao mesmo tempo em que, com a outra mão, se servia de uísque numa xícara de café. O telefone tocou duas vezes, e uma voz gutural atendeu:

— Coronel Hunt, tomara que seja você.

— Sou eu — respondeu Hunt. — Como sabia?

— Imaginava que fosse me telefonar agora.

— E sempre um prazer conversar com a Marinha — disse o coronel com afabilidade.

— Que tem para me contar?

— Antes de mais nada, você tem certeza de que esses cadáveres foram encontrados num pesqueiro em alto-mar?

— Foram.

— E também os dois golfinhos e as quatro focas que mandou para cá?

— De onde você queria que eu os tirasse?

— Eu nunca tinha feito a necropsia de animais aquáticos.

— Tanto os seres humanos quanto os golfinhos e as focas são mamíferos.

— Meu caro almirante, você está com um caso intrigante nas mãos.

— De que morreram?

Hunt fez uma pausa para, de um trago, esvaziar meia xícara.

— Clinicamente, a morte foi causada pela ruptura da cadeia ossicular do ouvido médio, constituída pelo martelo, a bigorna e o estribo, como você deve se lembrar das aulas de fisiologia no ginásio. A placa da base do músculo estapédio também se rompeu. Isso provoca vertigem e um terrível zumbido, um verdadeiro rugido no ouvido, que culmina numa ruptura da artéria cerebelar inferior anterior e em hemorragia; o sangue penetra nas fossas anterior e média da base do crânio.

— Pode traduzir para a linguagem das pessoas normais?

— Você conhece o termo "infartação"? — perguntou Hunt.

— Para mim, é gíria.

- Trata-se de uma área de células necrosadas, em órgãos ou tecidos, resultante de uma oclusão como, por exemplo, a de uma bolha de ar que obstrui a circulação do sangue.

— Onde ocorreu isso? — quis saber Sandecker.

— Havia dilatação do cerebelo, com a conseqüente compressão da base do cérebro. Encontrei a mesma coisa no labirinto vestibular...

— No quê?

— No vestibulo. E uma cavidade situada no labirinto ósseo de cada ouvido interno.

— Sei.

— O labirinto vestibular parece ter sido afetado por um violento deslocamento. Coisa semelhante ao que ocorre a grandes profundidades. A compressão hidráulica do ar perfura o tímpano quando a água força o canal externo.

— Como chegou a essa conclusão?

— Usei imagens de ressonância magnética e tomografia computadorizada, uma técnica de diagnóstico que se serve de fotografias em raios X, as quais eliminam as sombras das estruturas à frente e atrás do setor a ser examinado. A avaliação incluiu também estudos hematológicos e serológicos, além de punctura lombar.

— Quais foram os sintomas no começo do distúrbio?

— Não posso falar dos golfinhos nem das focas — explicou Hunt. — Mas os padrões entre os seres humanos eram consistentes. Vertigem súbita e intensa, perda dramática do equilíbrio, vômito, extrema e paroxística dor craniana e uma repentina convulsão, que deve ter durado menos de cinco minutos. O resultado foi perda da consciência e morte. Algo comparável a um impacto de proporções monstruosas.

— Você é capaz de me dizer o que causou esse trauma?

Hunt hesitou.

— Não com um mínimo de precisão. Sandecker não se deu por vencido.

— Chute um palpite.

— Já que você está me colocando na parede, eu arriscaria dizer que os pescadores, os golfinhos e as focas morreram devido a uma exposição extrema a som de altíssima intensidade.



22 de janeiro de 2000

Proximidades da ilha Howland, Pacífico Sul

Para a tripulação alinhada na amurada do Mentawai, um cargueiro indonésio que zarpara de Honolulu rumo ao porto de Jayapura, na Nova Guiné, foi surpreendente avistar em pleno oceano aquela estranha embarcação. No entanto, o junco chinês de estilo Ningpo singrava tranqüilamente as vagas de mais de um metro de altura que vinham quebrar em sua proa. Tinha aspecto imponente; o sol dourado do amanhecer intensificava as cores vivas das velas infladas pela brisa de sudoeste e punha muito brilho em sua madeira envernizada. Na proa, estavam pintados os dois olhos enormes que, segundo a crença tradicional, podiam ver através de nevoeiros e tormentas.

O Tzu-hsi, batizado com o nome da última imperatriz viúva chinesa, era a segunda residência do ator Garret Converse, que, mesmo sem ter sido laureado com o Oscar, era um grande herói dos filmes de ação. O junco tinha vinte e quatro metros de comprimento, com boca de seis, e era inteiramente feito de cedro e teca. Converse havia instalado acomodações confortáveis para a tripulação e sofisticadíssima tecnologia de navegação. Não poupava despesas. Poucos iates eram tão luxuosos. Mestre da aventura, nos moldes de Errol Flynn, partira de Newport Beach, numa viagem ao redor do mundo e, agora, estava percorrendo o trecho final do Pacífico, a cinquenta quilômetros da ilha Howland, a caminho da qual Amélia Earhart desaparecera em 1937.

Quando os dois barcos cruzaram-se, em cursos opostos, o ator de Hollywood entrou em contato por rádio com o cargueiro.

— Saudações do Tzu-hsi. Quem são vocês? O radioperador do navio respondeu:

— O cargueiro Mentawai, de Honolulu. Qual é o seu destino?

— A ilha do Natal e, depois, a Califórnia.

— Boa viagem.

— A vocês também — respondeu Converse.

Da popa, o capitão do Mentawai ficou observando o Tzu-hsi afastar-se.

— Nunca imaginei que fosse ver um junco em alto-mar no Pacífico — comentou.

O imediato, que era descendente de chineses, sacudiu a cabeça em sinal de desaprovação.

— Eu fiz parte da tripulação de um junco quando jovem. Eles estão correndo um grave perigo nesta região de tufões. Esses barcos não são construídos para as águas agitadas do alto-mar. Navegam na superfície e tendem a virar. As ondas encapeladas podem lhe quebrar o leme com facilidade.

— Ou são muito corajosos ou muito loucos para desafiar assim a fatalidade — disse o capitão, dando as costas para o junco, que sumia na distância. — Eu me sinto bem melhor num casco de aço e ouvindo o barulho dos motores no porão.

Dezoito minutos após o encontro do Mentawai com a exótica embarcação, o cargueiro de contêineres americano Rio Grande, que levava tratores e equipamento agrícola a Sidnei, na Austrália, recebeu um pedido de socorro. A sala do rádio ficava em frente ao espaçoso convés de navegação; o operador só precisou se voltar para falar com o segundo oficial, que estava cobrindo o turno da manhã.

— Senhor, acabo de receber um SOS do cargueiro indonésio Mentawai. O oficial pegou imediatamente o telefone, digitou um número e ficou aguardando que atendessem.

— Capitão, acabamos de receber um pedido de socorro. O capitão Jason Kelsey ia dar a primeira garfada em seus ovos com bacon.

— Está bem, senhor Hudson. Já subo. Tente determinar a posição deles.

Devorou rapidamente a primeira refeição do dia, engoliu meia xícara de café e foi correndo para a sala do rádio.

O operador olhou para ele com ar intrigado.

— Um sinal esquisito, capitão — disse, entregando-lhe um bloco de anotações.

— Tem certeza de que foi isto que transmitiram?

— Sim, senhor. A mensagem era clara. Kelsey a leu em voz alta:

— "A todos os navios, venham depressa. Cargueiro Mentawai quarenta quilômetros sudoeste da ilha Howland. Depressa. Todos morrendo." — Ergueu os olhos. — Só isso? Nenhuma coordenada?

O operador sacudiu a cabeça.

— Perdi o contato e não consegui restabelecê-lo.

— Então não podemos usar o sistema de localização por rádio. — Kelsey se voltou para o segundo oficial. — Senhor Hudson, estabeleça o curso do Mentawai a partir da última posição registrada a sudoeste da ilha Howland. Não se pode fazer muita coisa sem as coordenadas exatas. Mas, se não conseguirmos contato visual, teremos de confiar no radar para localizá-los.

Podia tê-lo mandado procurar os dados no computador de navegação, mas preferia os métodos antigos.

O oficial se pôs a trabalhar à mesa de cartas, com as régua paralelas e outros instrumentos; o capitão avisou ao engenheiro-chefe de que queria velocidade máxima.

O primeiro oficial, Hank Sherman, apareceu no convés. Vinha bocejando e abotoando a camisa.

— Estamos atendendo a um pedido de socorro? — perguntou a Kelsey.

Com um sorriso, o capitão lhe mostrou o bloco de notas.

— As notícias se espalham depressa neste barco. Hudson anunciou:

— Calculo a distância do Mentawai em aproximadamente sessenta e cinco quilômetros, a cento e trinta e dois graus.

Kelsey se aproximou do painel de navegação e digitou as coordenadas. Quase imediatamente, o Rio Grande iniciou uma lenta curva a estibordo, obedecendo ao sistema eletrônico computadorizado, que o colocou no novo curso.

— Algum outro navio respondendo? — perguntou ao operador de rádio.

— Não. Somos os únicos que tentaram responder, senhor.

Kelsey olhou para o convés.

— Talvez consigamos alcançá-lo em menos de duas horas.

Sherman continuava lendo e relendo, assombrado, a mensagem.

— Sc não for uma brincadeira, é bem possível que só encontremos cadáveres.

Deram com o Mentawai pouco depois das oito da manhã. Ao contrário do Polar Queen, que continuou com os motores ligados, o cargueiro indonésio parecia ir à deriva. Saía fumaça de suas finas chaminés, mas não se via ninguém no convés. Os insistentes chamados do Rio Grande, pelo megafone, não obtiveram resposta.

— Parece um túmulo — disse Sherman com ar sombrio.

— Santo Deus! — murmurou Kelsey. — Está cercado de um mar de peixes mortos!

— Não estou gostando disso.

— É melhor reunir uma equipe de abordagem e ir verificar — ordenou o capitão.

— Sim, senhor. Agora mesmo.

O segundo oficial Hudson estava escutando o horizonte com o binóculo.

— Há outro barco a uns dez quilômetros da proa, a bombordo.

— Vem vindo? — quis saber Kelsey.

— Não, senhor. Dá a impressão de estar se afastando.

— Esquisito. Por que não faria caso de um navio em perigo? Pode descrevê-lo?

— Parece um iate de luxo, grande, com linhas caprichosas. O design é Mônaco ou Hong Kong.

Kelsey foi até a porta da sala do rádio e disse:

— Veja se consegue contatar aquele barco ao longe. Dois minutos depois, o operador sacudiu a cabeça.

— Nenhum sinal. Ou desligaram ou não querem responder.

O Rio Grande diminuiu a velocidade e, nas ondas mansas, foi se aproximando devagar do cargueiro. Chegaram bem perto. Da ponte de comando, o capitão Kelsey podia ver perfeitamente o convés. Distinguiu duas formas imóveis e o que parecia ser um cachorrinho. Tentou falar com a casa do leme novamente, mas só o silêncio respondeu.

A lancha com a equipe de Sherman desceu à água e foi para lá. Poucos minutos depois de içar uma escada, o primeiro oficial estava a bordo, debruçado sobre os cadáveres. Logo entrou por uma escotilha e desapareceu.

Quatro marinheiros o acompanhavam; os dois que ficaram na lancha afastaram-se um pouco do casco, à espera de um sinal para ir buscá-los. Mesmo depois de se certificar de que os homens estendidos no convés estavam mortos, Sherman não perdeu a esperança de encontrar vivos alguns membros da tripulação. Ao entrar, seguiu por um corredor até a coberta e ficou assombrado. Todos tinham morrido, do capitão ao ajudante de cozinha. Os corpos espalhados estavam exatamente no lugar onde tombaram. O operador de rádio foi encontrado com os olhos saltados e as mãos crispadas no equipamento, como o que com medo de cair. Passaram vinte minutos antes de Sherman colocar o morto no chão e comunicar-se com o Rio Grande.

— Capitão Kelsey!

— Diga, senhor Sherman. O que encontrou?

— Todos mortos, senhor, todos, inclusive dois periquitos na cabine do engenheiro-chefe e um cachorro, um beagle com os dentes à mostra.

— Alguma idéia da causa?

— O mais provável é que tenha sido intoxicação alimentar. Acho que todos vomitaram antes de morrer.

— Tenha cuidado. Pode ser gás venenoso.

— Vou ficar de narinas abertas.

Kelsey se calou um momento, avaliando a inesperada situação. Depois disse:

— Mande a lancha de volta. Vou designar mais cinco homens para ajudá-lo a pôr o barco em movimento. O porto mais próximo é o de Apia, nas ilhas Samoa. Entregaremos o navio às autoridades.

— E os cadáveres? Não podemos deixá-los jogados onde estão, principalmente neste calor tropical.

O capitão respondeu sem hesitar:

— Coloque-os no freezer. Precisamos conservá-los para que sejam examinados pelos...

Foi abruptamente interrompido por uma explosão nas entranhas do Mentawai, que lhe sacudiu o casco. As escolilhas superiores foram lançadas para o alto ao mesmo tempo em que subiam chamas e fumaça. O próprio cargueiro deu a impressão de saltar acima da superfície, para logo cair com estrondo e inclinar-se a estibordo. O telhado da casa do leme desabou. Uma nova trepidação em seu interior foi acompanhada de um barulho estridente de metal partido.

Kelsey viu horrorizado o Mentawai tombar a estibordo.

— Está naufragando! — gritou pelo rádio. — Saiam daí antes que afunde!

Sherman estava caído no convés, atordoado com o choque da explosão. Olhou a sua volta quando o chão começou a se inclinar. Arrastando-se até o canto do compartimento do rádio, ficou ali sentado, zozno, enquanto a água irrompia pela porta aberta da ponte. Era uma imagem irreal, que não tinha sentido em sua mente confusa. Respirou fundo — e foi a última vez — tentando debilmente colocar-se de pé, mas era tarde demais. Foi logo encoberto pela água verde e quente do mar.

Paralisados, Kelsey e a tripulação do Rio Grande viram o Mentawai virar, mostrando o casco fora da água como uma gigantesca e enferrujada tartaruga de metal. Com exceção dos dois homens na lancha, que foram esmagados pelo cargueiro, toda a equipe de abordagem estava lá dentro quando ocorreu a explosão. Nenhum deles teve tempo de saltar a amurada e mergulhar. Com um tremendo rugido de água a entrar e ar sendo expelido, o navio desapareceu, como que ansioso por se tornar mais um enigma indeslindável do mar.

Ninguém a bordo do Rio Grande era capaz de imaginar que o cargueiro pudesse naufragar tão depressa. Olharam todos com pavor para os escombros misturados com tufos de fumaça a espiralar sobre a aquática cripta, incapazes de acreditar que os colegas estavam aprisionados num fêretro de aço, descendo à eterna escuridão do fundo do oceano.

Kelsey passou um minuto ali parado, a dor e a indignação estampadas no rosto. Um pensamento lhe emergiu lentamente em meio ao choque. E desviando o olhar daquele remoinho da morte, pegou o binóculo e, pelas janelas dianteiras, olhou para o iate que sumia na distância, agora um mero ponto entre o azul do céu e o azul do mar, afastando-se em grande velocidade. E se deu conta de que a misteriosa embarcação não fechara simplesmente os olhos ao pedido de socorro. Estava fugindo intencionalmente do desastre.

— Malditos — rosnou, com ódio. — Sejam quem for, vocês são uns malditos!

Trinta e um dias depois, Ramini Tantoa, natural da ilha de Cooper, no atol de Palmira, despertou e, fiel a sua rotina matinal, foi nadar na lagoa Leste. Saindo de sua pequena cabana de solteiro, não tinha dado dois passos na areia quando viu

com espanto um enorme junco chinês, que lograra passar pelo canal entre os recifes durante a noite e, agora, eslava encalhado na praia.

Tantoa gritou, mas ninguém apareceu no convés nem respondeu. A embarcação parecia deserta. Todas as velas estavam içadas e tremulavam à leve brisa, e a bandeira na popa era a dos Estados Unidos. A teca envernizada do costado ainda brilhava; não devia ter passado muito tempo ao sol. Andando ao redor do casco semi-enterrado, Tantoa teve a impressão de que os olhos pintados na proa o seguiam. Por fim, reuniu coragem para subir pelo gigantesco leme e saltar ao tombadilho. O convés principal estava vazio de ponta a ponta. Tudo parecia em ordem, as cordas enroladas no lugar, o cordame bem preso e esticado.

Tantoa desceu pela escotilha e avançou com cautela no interior do junco, temendo achar cadáveres. Por sorte, não encontrou sinais de morte ou desordem. Não havia uma alma a bordo.

Nenhuma embarcação podia ter vindo da China sem tripulação, atravessando metade do oceano Pacífico, pensou o rapaz. Dando rédeas à imaginação, temeu fantasmas. Um barco tripulado por almas do outro mundo. Assustado, subiu a escada correndo e, chegando ao convés, saltou a amurada e foi cair na areia quente. Precisava comunicar a descoberta à administração da pequena aldeia da ilha de Cooper. Só quando se encontrava a uma boa distância, atreveu-se a olhar por cima do ombro para ver se algum espectro medonho o estava seguindo.

A praia permanecia deserta. Somente os grandes olhos, na proa, continuavam grudados nele, malévolos. Tantoa apertou o passo na direção do povoado e não tornou a olhar para trás.



A atmosfera da sala de jantar do Ice Hunter estava impregnada de uma alegria contida. Era a festa de despedida que a tripulação e os cientistas estavam oferecendo aos sobreviventes da tragédia do Polar Queen. Fazia três dias que Roy Van Fleet e Maeve vinham trabalhando noite e dia no exame dos restos dos pingüins, focas e golfinhos colhidos para o estudo, e enchendo cadernos e cadernos de observações. Embora gostasse muito dela, Van Fleet procurava evitar demonstrações de afeto; a lembrança de sua linda esposa e dos três filhos raramente o abandonava. Era uma pena que já não pudessem continuar trabalhando juntos. Os outros cientistas os consideravam uma dupla formidável.

O chef do Ice Hunter caprichou num jantar incrível: filé de bacalhau de águas profundas com cogumelos au vin. O capitão Dempsey preferia olhar para o outro lado quando serviam vinho. Os oficiais encarregados das operações do navio tinham de passá-lo a seco, pelo menos até que terminasse o plantão e chegasse a sua vez de festejar.

Eternamente bem-humorado, o dr. Mose Greenberg perpetrou um longo discurso salpicado de trocadilhos banais sobre todos a bordo. E só não se estendeu por mais uma hora porque Dempsey fez um sinal para que o chef trouxesse o bolo especialmente preparado para a ocasião. Tinha a forma da Austrália, com uma cobertura que assinalava os pontos mais notáveis do continente, tais como Ayers Rock e o porto de Sídney. Comovidas lágrimas umedeceram os olhos de Maeve. Deirdre, ao contrário, mostrava-se enfadada com tudo. Na qualidade de capitão, Dempsey sentou-se à cabeceira da mesa mais comprida, e as mulheres se acomodaram a ambos os lados. Como chefe do setor de projetos especiais da ANPS, Pitt teve o privilégio de ocupar a extremidade oposta. Distraindo-se da conversa animada ao redor, pôs-se a observar as duas irmãs. Eram tão diferentes, pensou, que não pareciam ter sido geradas no mesmo ventre. Maeve era uma criatura afetuosa e espontânea, uma chama a arder de vida. Ele a imaginava de short e camiseta, a lavar um carro, exibindo alegremente a cintura fina e as pernas esculpturais. E quanto mudara desde o primeiro encontro que tiveram! Falava e gesticulava com vivacidade e despretenhosa exuberância. Contudo, havia nela alguma coisa de forçado, como se seu pensamento andasse viajando, como se estivesse misteriosamente estressada.

Seu vestido de noite, muito curto, dava a impressão de haver sido costurado no corpo. Pitt chegou a pensar que ela o tomara emprestado de uma das cientistas a bordo, de menor talhe, mas logo se lembrou de tê-la visto na companhia de Deirdre, voltando do Polar Queen na lancha do Ice Hunter, a bagagem empilhada na proa. Estava com brincos de coral amarelo, que combinavam com

o colar. Houve um momento em que ela se voltou em meio à conversa, e seu olhar encontrou o de Pitt, mas só por um instante. Estava descrevendo o dingó de estimação que tinha na Austrália e logo tornou a olhar para os interlocutores, como se não o tivesse reconhecido.

Deirdre, por sua vez, exalava sensualidade e sofisticação, características que não escapavam a nenhum dos homens presentes. Era fácil imaginá-la estendida numa cama forrada com lençóis de seda. A única incongruência eram seus modos autoritários. Mostrara-se amedrontada e vulnerável quando ele a encontrara no Polar Queen, mas também se havia transformado, numa mulher fria e distante, numa mulher dura. Trajando um vestido marrom que lhe chegava discretamente aos joelhos, tinha a postura emproada e soberba. O lenço no pescoço lhe realçava os olhos castanhos e os cabelos arruivados, presos num severo coque. Como que adivinhando que Pitt a observava, voltou-se lentamente e o fitou sem expressão; depois, seu olhar se tornou glacial e calculador.

Pitt se viu envolvido num jogo de vontades. Ela não piscava, embora continuasse conversando com Dempsey. Seus olhos pareciam trespassá-lo e, nada encontrando de interessante, seguir através dele até o quadro na parede. Eram uns olhos castanhos, de tons esverdeados, que não vacilavam. Aquela mulher, evidentemente, não se deixava abalar pelos homens, pensou Pitt. E devagar, muito devagar, começou a desviar a vista. O encanto se quebrou, Deirdre perdeu a concentração e, erguendo o queixo num gesto de desdém, dispensou-o como a um palhaço, voltando a atenção para a conversa à mesa.

Embora sentisse desejo por ela, Pitt se sentia atraído por Maeve. Talvez fosse seu sorriso franco, com os dentes ligeiramente separados, ou a opulência dos cabelos incrivelmente loiros, que lhe caíam em cascata sobre os ombros. Ele pensou em sua mudança de atitude depois daquele primeiro encontro sob o granizo da ilha Seymour. O sorriso constante e o riso fácil já não estavam presentes. Era como se estivesse sujeita ao sutil controle de Deirdre. Também era óbvio para ele, se não para os demais, que não havia sombra de afeto entre as duas irmãs.

Pitt refletiu sobre a ancestral escolha enfrentada pelos sexos. As mulheres ficavam freqüentemente divididas entre o bom moço, o rapaz certinho, que acabava se tornando o pai dos filhos dela, e o desmandado cafajeste, que representava o romance extravagante e a aventura. Os homens, por sua vez, eram ocasionalmente forçados a escolher entre a moça direita do bairro, que em geral acabava se tornando a mãe dos filhos dele, e a selvagem máquina sexual que não lhes dava sossego ao corpo.

Mas Pitt não teria de fazer a difícil escolha. Na noite seguinte, o navio fundearia no porto chileno de Punta Arenas, na Terra do Fogo, onde Maeve e Deirdre embarcariam de avião a Santiago. De lá, seguiriam diretamente para a Austrália. Era perda de tempo dar rédeas à imaginação. Tolice ter esperança de tocar em alguma delas.

Por baixo da mesa, apalpou o fax que levava dobrado no bolso da calça. Dominado pela curiosidade, tinha se comunicado com Julien Perlmutter, um amigo da família, cuja biblioteca acumulava o maior número de informações do mundo em matéria de naufrágios. Conhecido gourmand, famoso por suas grandes festas, Perlmutter tinha excelentes contatos nos círculos de Washington e sabia onde estavam escondidos quase todos os esqueletos. Pitt lhe telefonara pedindo a ficha corrida da família das moças. Menos de uma hora depois, Perlmutter lhe mandou por fax um breve relatório, prometendo informações mais precisas dois dias depois. Não eram mulheres comuns. Se os solteiros e mesmo alguns casados soubessem que Arthur Dorsett, o pai de Maeve e Deirdre,

era o sexto homem mais rico do mundo, dono de um império de diamantes unicamente superado pelo de De Beers, decerto teriam caído de joelhos para lhes pedir a mão.

A parte do relatório que lhe pareceu mais esquisita foi uma reprodução do logotipo das empresas de Dorsett. Em vez do óbvio diamante sobre um fundo qualquer, havia uma serpente a ondular na água.

O oficial de plantão se aproximou e lhe disse em voz baixa:

— O almirante Sandecker quer falar com o senhor ao telefone.

— Obrigado, vou atender em meu camarote.

Pitt empurrou, discretamente a cadeira, levantou-se e saiu da sala sem ser notado por ninguém, com exceção de Giordino.

Respirando fundo, tirou os sapatos e se deixou cair em sua poltrona de couro.

— Almirante, aqui é Dirk

— Que demora! Quase tive tempo para escrever o discurso que vou fazer perante a comissão de orçamento do Congresso.

— Desculpe, senhor, é que eu estava numa festa. Houve uma pausa.

— Uma festa num navio da ANPS, que devia dedicar-se exclusivamente à pesquisa científica?

— É a despedida das moças que resgatamos do Polar Queen.

— Acho bom não abusarem. — Embora aberto e receptivo, Sandecker não admitia em sua frota nada que não se relacionasse à pesquisa científica.

Pitt adorava provocá-lo.

— Está falando de abuso sexual, senhor?

— O que for! Cuide para que a tripulação se mantenha na linha. Não quero saber de escândalos.

— Posso saber o motivo deste telefonema, almirante?

Sandecker nunca usava o telefone simplesmente para bater papo.

— Preciso de você e de Giordino aqui, em Washington, o mais depressa possível. Quando pode voar do Ice Hunter a Punta Arenas?

— Estamos próximos agora — respondeu Pitt. — Podemos decolar dentro de uma hora.

— Há um jato militar a sua espera no aeroporto. Sandecker não dormia no ponto, pensou Pitt.

— Então estaremos aí amanhã à tarde.

— Temos muito a conversar.

— Novidades?

— Acharam um cargueiro indonésio perto da ilha Howland. A tripulação estava morta.

— Os cadáveres apresentavam os mesmos sintomas que os do Polar Queen?

— Nunca saberemos. O navio explodiu e afundou com a equipe de abordagem que estava investigando, matando-a também.

— Esquisito.

— E, para aumentar o mistério — prosseguiu o almirante —, um juncos chinês transformado em iate de luxo, de propriedade do ator Garret Converse, desapareceu na mesma região.

— Os fãs não vão gostar de saber que ele morreu devido a causas desconhecidas.

— Sua morte terá mais cobertura na mídia do que todos os mortos do navio de passageiros.

— Que efeito teve minha teoria das ondas sonoras?

— Yaeger já está pesquisando nos computadores. Com um pouco de sorte, terá colhido um bocadinho de dados quando você e Al chegarem. Mas posso adiantar

que ele e Rudi Gunn acham que você está na pista certa.

— Até breve, almirante — disse Pitt, e desligou. Passou um bom tempo imóvel, olhando para o telefone, pedindo a Deus que estivessem mesmo na pista certa. Os pratos tinham sido recolhidos, e a festa na sala de jantar tornara-se ruidosa com as gargalhadas. Todos competiam, tentando contar as mais engraçadas histórias sobre cachorros. Como no caso de Pitt, ninguém tinha notado que Giordino saíra. O capitão Dempsey se ajustou ao humor da noite, contando uma piada antiqüíssima sobre um rico fazendeiro que manda à universidade o filho vagabundo e o obriga a levar o cachorro da família. O rapaz usa o vira-lata para tomar dinheiro do pai, dizendo que precisa de mil dólares, pois seus professores garantem que conseguem ensinar o animal a ler, escrever e falar. Quando ele chegou ao fim, todos riram — menos pela graça da anedota do que pelo alívio de que tivesse terminado.

O telefone tocou, e o primeiro oficial atendeu. Sem dizer uma palavra, fez um gesto para Dempsey. O capitão se aproximou e pegou o fone. Ouviu um momento, desligou e saiu pelo corredor que levava ao convés da popa.

— Não se lembra de mais nenhuma piada? — gritou-lhe Van Fleet.

— Preciso acompanhar a decolagem do helicóptero.

— Qual é a missão?

— Nenhuma. Pitt e Giordino receberam ordens urgentes de voltar a Washington. Do almirante. Vão para o continente, onde os espera um avião militar.

Ouvindo-os, Maeve agarrou o braço do capitão.

— Quando vão partir? Surpreso, ele se voltou.

— Vão decolar agora.

Deirdre se aproximou da irmã.

— Parece que o seu galã não faz questão de se despedir.

Maeve sentiu o coração partido. Tomada de angústia, saiu precipitadamente ao convés. O helicóptero de Pitt já estava a três metros de altura quando ela chegou correndo, a tempo de ver os dois homens pelas enormes janelas do aparelho. Giordino olhou para baixo, viu-a e acenou. Com ambas as mãos ocupadas, Pitt só pôde responder com um sorriso e um movimento da cabeça. Esperava vê-la sorrir e acenar também, mas sua expressão era de medo. Levando as mãos à boca, ela gritou alguma coisa, porém o ruído das turbinas e das hélices lhe encobriu as palavras. Ele só pôde responder com a cabeça e um dar de ombros. Maeve tornou a gritar, desta vez com as mãos caídas, como se quisesse que seu pensamento lhe penetrasse a mente. Tarde demais. O helicóptero subiu verticalmente e se afastou sobre o flanco do navio. Ela caiu de joelhos no convés, o rosto nas mãos, soluçando, enquanto o helicóptero azul-turquesa se afastava por cima do infinito movimento das ondas. Giordino olhou para trás e chegou a vê-la encolhida; e a Dempsey, que se aproximou para acudi-la.

— Essa eu não entendi — disse com curiosidade.

— O quê?

— Maeve... parecia uma viúva grega no enterro do marido.

Concentrado no controle do aparelho, Pitt não tinha visto a inesperada atitude da moça.

— Talvez ela não goste de despedidas — arriscou, sentindo uma onda de remorso.

— Estava tentando nos dizer alguma coisa — murmurou vagamente o italiano, tratando de esquecer a cena.

Pitt não olhou para trás. Estava arrependido por não se haver despedido. Tinha sido grosseiro ao negar a Maeve a cortesia de um abraço e algumas palavras.

Sentira-se verdadeiramente atraído. Aquela moça despertara emoções que havia anos ele não provava, desde que perdera um ente muito querido no mar, ao norte do Havai. Chamava-se Summer, e Pitt não tinha passado um único dia sem recordar seu lindo rosto e seu perfume.

Ele não tinha como saber se a atração era mútua. Havia uma infinidade de expressões nos olhos de Maeve, mas nenhuma indicava desejo. Tampouco suas palavras o conduziram a acreditar que fossem mais do que duas pessoas que se haviam conhecido rapidamente antes de seguir, cada uma, o seu caminho.

Tentou manter-se distante, convencer-se de que aquela relação não podia ter futuro. Viviam em lados opostos do mundo. Era melhor deixar que ela se apagasse numa agradável lembrança do que podia haver acontecido se a lua e as estrelas tivessem sido mais favoráveis.

— Esquisito — disse Giordino, olhando para o mar inquieto e para as ilhas ao norte do cabo Horn, que cresciam lentamente no horizonte.

— Esquisito?

— O que Maeve gritou quando estávamos levantando vôo.

— Como você pode ter ouvido com o barulho do helicóptero?

— Eu não ouvi. Foi só o modo como ela formou as palavras na boca.

Pitt riu.

— Desde quando você sabe ler os lábios?

— Não estou brincando, meu chapa — disse o italiano com ar muito sério. — Sei qual a mensagem que ela estava tentando nos transmitir.

Após tantos anos de convivência e amizade, Pitt sabia que Giordino, quando se tornava profundo, estava pisando o perigoso terreno das essências. Não se podia entrar e sair impunemente de seu círculo. Preferiu ficar do lado de fora e observar.

— Desembuche. Que disse ela?

Lentamente, Giordino se voltou e pôs no amigo uns olhos ao mesmo tempo pensativos e sombrios.

— Sou capaz de jurar que ela estava pedindo socorro.



O Buccaneer bimotor a jato pousou suavemente e taxiou até chegar a um canto tranqüilo da Base Aérea Andrews, a sudeste de Washington. Equipado com todas as comodidades dignas dos oficiais de alta patente da Força Aérea, era quase tão rápido quanto os modernos aviões de combate.

Enquanto o comissário de bordo, com farda de sargento da Aeronáutica, levava a bagagem a um carro com motorista que os esperava, Pitt se admirou da influência do almirante Sandecker na capital norte- americana. Que general ele teria convencido a emprestar um avião à ANPS? A que meios de persuasão teria recorrido?

Durante a viagem, enquanto Giordino cochilava, Pitt ficou olhando os edifícios baixos da cidade. O tráfego do final da tarde era intenso, as ruas e pontes que levavam aos subúrbios estavam congestionadas. Por sorte, o automóvel ia no sentido contrário.

Ele praguejou contra a tolice que cometera de não retornar ao Ice Hunter pouco antes de partir. Se Giordino tinha interpretado corretamente a mensagem, Maeve se achava em dificuldade. A idéia de havê-la abandonado quando precisava dele pesava-lhe na consciência.

O longo braço de Sandecker se estendeu até sua melancolia, cobrindo-lhe a preocupação com um manto de culpa. Em todos os anos de trabalho na ANPS, Pitt nunca havia colocado os problemas pessoais acima do trabalho da agência. Durante o voo a Punta Arenas, Giordino dera o toque final:

— Tesão tem hora, meu chapa, e a hora não é esta. Estão morrendo pessoas e animais às pencas lá no mar. Quanto mais cedo detivermos essa praga, mais cidadãos serão poupados para pagar impostos. Deixe essa mulher de lado por enquanto. Uma vez resolvido o problema, você pode tirar um ano de férias e ir até o inferno atrás dela.

Giordino jamais seria contratado para dar aulas de retórica em Oxford, mas certamente era capaz de escrever um compêndio de bom senso. Pitt cedeu e, sem muito sucesso, procurou tirar Maeve da cabeça. A lembrança permaneceu como um retrato que se tornava mais encantador com o passar do tempo.

Seus pensamentos foram interrompidos quando o carro chegou ao edifício alto e envidraçado do quartel-general da ANPS. O estacionamento dos visitantes estava lotado de caminhões e peruas da televisão.

— Vamos para a garagem subterrânea — anunciou o motorista. — Os abutres estão esperando a chegada de vocês.

— Tem certeza de que não é um esquitejador que está rondando o prédio? —

perguntou Giordino.

— Não. A recepção é mesmo para vocês. Os jornalistas estão loucos por detalhes do massacre no navio de passageiros. Os australianos até que tentaram abafar a coisa, mas, ao chegar ao Chile, os sobreviventes puseram a boca no mundo. Contaram que vocês dois não só os salvaram como impediram que o barco se chocasse contra as rochas. E o fato de duas filhas do rei do diamante estarem entre os passageiros excitou ainda mais a imprensa.

— Quer dizer que agora estão chamando a coisa de massacre — suspirou Pitt.

— Pelo menos desta vez, os índios não poderão se queixar. Não foi contra eles — disse Giordino.

O automóvel parou diante de um pequeno saguão muito vigiado, que levava a um elevador particular. Depois de assinar um formulário de entrada, eles subiram ao décimo andar. Quando as portas se abriram, entraram num amplo salão, o feudo eletrônico de onde Hiram Yaeger dirigia a vasta rede de sistemas de dados da ANPS.

Sentado a uma enorme escrivaninha em forma de ferradura, no centro da sala, Yaeger ergueu os olhos e sorriu. Em vez do indefectível guarda-pó, estava com um desbotadíssimo blusão jeans. Levantando-se, apertou calorosamente a mão de Pitt e a de Giordino.

— Que bom que os dois vigaristas voltaram. Isto aqui ficou pior do que um parque de diversões abandonado depois que vocês foram para a Antártida.

— É sempre uma delícia voltar a pisar num chão que não balança sob os nossos pés.

Yaeger riu para Giordino.

— Você está mais horroroso do que quando partiu.

— É que ainda estou meio congelado — replicou o italiano, em seu costumeiro tom burlesco.

Pitt olhou para a sala cheia de aparelhos eletrônicos e técnicos em atividade.

— O almirante Rudi Gunn já chegou?

— Está esperando na sala de reuniões particular — respondeu Yaeger. — Achemos que vocês fossem primeiro para lá.

— Queríamos falar com você antes.

— Por quê?

— Gostaríamos de dar uma olhadela em seus dados sobre serpentes marinhas.

Yaeger ergueu uma sobrancelha.

— Serpentes marinhas? Pitt fez que sim.

— Elas me intrigam. Não sei dizer por quê.

— Pois saiba que material sobre serpentes e monstros é o que não falta aqui.

— Não estou me referindo aos monstros lendários dos lagos. O que me interessa são as variedades marinhas. Yaeger deu de ombros.

— Como a maior parte das ocorrências são justamente as dos lagos, a pesquisa fica reduzida em oitenta por cento. Mando-lhe tudo o que encontrar amanhã cedo, certo?

— Obrigado, Hiram. Fico muito agradecido.

Giordino consultou o relógio.

— É melhor subir antes que o almirante mande nos enforcar.

Yaeger apontou para uma porta.

— Vamos pela escada.

Quando Pitt e os outros entraram na sala de reuniões, Sandecker e Gunn estavam estudando, na carta holográfica, a região onde ocorrera o último caso de mortes inexplicáveis. Ambos foram cumprimentá-los. Passaram alguns minutos

agrupados, discutindo os acontecimentos. Ansioso, Gunn pediu detalhes a Pitt e ao italiano, porém os dois estavam exaustos e trataram de condensar ao máximo a terrível série de incidentes. Sandecker sabia que era tolice pressioná-los. Podiam apresentar relatórios completos mais tarde. Apontou para as cadeiras vazias.

— Sentem-se. Vamos trabalhar.

Gunn apontou para um dos globos azuis que pareciam flutuar numa extremidade da mesa.

— A última zona de mortes — disse. — Um cargueiro indonésio chamado Mentawai, dezoito tripulantes.

Pitt se voltou para ele.

— A embarcação que explodiu quando uma equipe de outro navio estava a bordo?

— Exatamente. Como lhe contei, a tripulação de um petroleiro, que ficou ileso, viu o luxuoso juncó do ator Garret Converse navegando na região. O juncó e todos a bordo desapareceram.

— Nada no satélite?

— Há muitas nuvens, e as câmeras infravermelhas não são capazes de detectar uma embarcação tão pequena.

— Mais uma coisa a considerar — disse Gunn. — O capitão do cargueiro americano que encontrou o Mentawai avistou um iate de luxo afastando-se rapidamente do local. Embora não possa jurá-lo diante de um tribunal, diz ter certeza de que o iate havia se aproximado do Mentawai quando eles chegaram para socorrê-lo. E acredita que a tripulação do iate é pelo menos parcialmente responsável pelos explosivos que aniquilaram sua equipe de abordagem.

— Esse capitão parece ter muita imaginação — observou Yaeger.

— O capitão Jason Kelsey é um homem experiente, com uma sólida história. Um marujo íntegro e responsável.

— Ele descreveu o iate?

— Quando Kelsey concentrou a atenção nele, o iate estava muito longe para ser identificado. Contudo, seu segundo oficial o havia observado antes, com o binóculo. Por sorte é um artista amador, gosta de desenhar navios.

— E desenhou o barco?

— O rapaz reconhece que se permitiu algumas licenças. O iate estava se afastando, e só deu para ver o quarto de popa. Mesmo assim, conseguiu nos dar uma idéia bastante aproximada do design.

Sandecker acendeu um charuto e fitou Giordino.

— Al, por que você não assume a chefia dessa investigação?

O italiano tirou do bolso um charuto exatamente igual e rolou-o devagar entre o polegar e o indicador enquanto aquecia uma das extremidades com um fósforo de madeira.

- Assim que eu tiver tomado banho e trocado de roupa.

Como Giordino conseguia roubar-lhe o estoque particular de charutos era um mistério que intrigava Sandecker. O jogo de gato e rato já durava anos; embora incapaz de desvendar o segredo, o almirante era orgulhoso demais para cobrar uma explicação do italiano. O surpreendente era que, por mais que contasse e recontasse, ele nunca dava falta dos charutos.

Pitt, que estava tomando notas num bloco de papel, falou com Yaeger, sem erguer a vista:

— Diga uma coisa, Hiram. Minha idéia das ondas sonoras assassinas vale alguma coisa?

— Parece que sim, e muito. Os especialistas em acústica ainda estão elaborando uma teoria detalhada, mas tudo indica que estamos atrás de um assassino que viaja na água e consiste em diversos elementos. I lá muitos aspectos a examinar. O primeiro é uma fonte geradora de intensa energia. O segundo, a propagação, isto é, como a energia viaja pelo mar. Terceiro, o alvo ou a estrutura que recebe a energia acústica. É quarto, o efeito fisiológico nos tecidos humanos e animais.

— Está falando em ondas acústicas de alta intensidade que matam?

Yaeger sacudiu os ombros.

— Estamos pisando terreno movediço, mas é a melhor pista que temos até agora. O único problema é que ondas sonoras intensas o suficiente para matar não podem sair de uma fonte acústica normal. E mesmo uma fonte intensa não poderia matar a uma grande distância, a menos que o som fosse dirigido.

— É difícil acreditar que, depois de percorrer enormes distâncias na água, uma combinação de sons de alta intensidade, com excessiva energia de ressonância, possa emergir e matar todos os seres vivos num raio de trinta quilômetros ou mais.

— Alguma idéia da origem desses raios sonoros? — quis saber Sandecker.

— Sim, uma idéia nós temos.

— E uma fonte de sons pode realmente provocar tantas mortes?

— Não, e esse é o X do problema. Para provocar mortes em tal magnitude, na terra e no mar, temos de procurar várias fontes diferentes em lados opostos do oceano.

— Yaeger folheou seus papéis até encontrar o que queria; a seguir, pegou um controle remoto e digitou uma série de códigos. Quatro luzes verdes se acenderam em cantos opostos da carta holográfica. — Com o auxílio do sistema de monitorização global de hidrofones que a Marinha colocou nos oceanos, para localizar submarinos soviéticos durante a Guerra Fria, conseguimos seguir as fontes de ondas sonoras destrutivas em quatro pontos diferentes do oceano Pacífico. — Interrompeu-se para passar a cada um dos presentes cópias impressas da carta. — Número um, de longe a mais forte, parece emanar da ilha Gladiador, o cume exposto de uma profunda cadeia de montanhas vulcânicas oceânicas, que fica entre a Tasmânia e a ilha do Sul, na Nova Zelândia. Número dois, fica em linha quase reta na direção das ilhas Komandorskie, diante da península Kamchatka, no mar de Bering.

— É bem mais ao norte — observou Sandecker.

— Não consigo imaginar o que os russos têm a ganhar com isso — murmurou Gunn.

— Depois, a leste, do outro lado do oceano, vem, em terceiro lugar, a ilha Kunghit, em frente à Colúmbia Britânica, no Canadá — prosseguiu Yaeger. — A última fonte rastreada pelos hidrofones fica na ilha de Páscoa.

— Forma um trapézio — comentou Gunn. Giordino endireitou o corpo.

— Forma o quê?

— Um trapézio, um quadrilátero sem lados paralelos.

Pitt se levantou e se aproximou da carta tridimensional do oceano.

— Estranho que todas as ondas sonoras tenham ilhas como pontos de partida. — Voltou-se para Yaeger. — Tem certeza desses dados? Não há erros? As informações do sistema de hidrofones foram processadas corretamente pelos aparelhos eletrônicos? Yaeger olhou para ele como se tivesse sido agredido.

— Nossas análises estatísticas levam em conta as recepções da rede acústica e os cursos alternativos devidos às variações oceânicas.

Pitt fez uma reverência, como a pedir desculpas. Depois perguntou:

— As ilhas são habitadas?

Yaeger lhe entregou uma pequena pasta.

— Examinamos a enciclopédia normal de dados sobre as ilhas. Geologia, fauna, habitantes. A Gladiator é de propriedade particular. As outras três são concessões de governos estrangeiros para a exploração de minérios. Devem ser consideradas zonas proibidas.

— Como o som pode se propagar a distâncias tão grandes sob a água? — indagou Giordino.

— As ondas de alta frequência são rapidamente absorvidas pelos sais da água do mar. Porém, as de baixa frequência passam pela estrutura molecular dos sais, e seus sinais já foram detectados a milhares de quilômetros de distância. A parte seguinte do cenário é bem mais nebulosa. De um modo que ainda não conseguimos compreender, os raios de alta intensidade e baixa frequência, que irradiam de vários pontos, dirigem-se ao que é conhecido como "zona de convergência", li um fenômeno que os cientistas denominam "cáustica".

— Como a soda cáustica? — perguntou Giordino.

— Não, como um invólucro formado quando os raios acústicos se encontram e convergem.

Sandecker ergueu contra a luz os óculos de leitura, verificando se havia manchas nas lentes.

— E se estivéssemos no convés de um navio que se encontrasse no centro de uma zona de convergência?

— Se atingidos por uma única fonte sonora — explicou Yaeger —, ouviríamos um leve zumbido e talvez ficássemos com um pouco de dor de cabeça. Mas, se as quatro ondas convergissem na mesma região, ao mesmo tempo, com intensidade multiplicada, a estrutura do navio chegaria a vibrar, e a energia sonora causaria, em nossos órgãos internos, danos suficientemente graves para que morrêssemos em questão de minutos.

— A julgar pelos lugares tão diferentes dos desastres — disse Giordino —, essa coisa pode andar a esmo e atingir qualquer parte do mar.

— Ou do litoral — acrescentou Pitt.

— Estamos tentando prever onde convergem as trajetórias dos raios - continuou Yaeger —, mas é difícil elaborar uma fórmula. Por enquanto, o máximo que podemos fazer é mapear as marés, as correntes, as profundidades do mar e a temperatura da água. Tudo isso pode alterar significativamente a trajetória dos raios acústicos.

— Já que temos uma vaga noção do objeto com que estamos lidando — concluiu Sandecker —, podemos estabelecer um plano de intervenção.

— Resta saber o que essas ilhas têm em comum além das empresas de mineração — disse Pitt.

Giordino examinou o charuto.

— Testes clandestinos de armas nucleares ou convencionais?

— Nada disso — respondeu Yaeger.

— Então o quê? — perguntou Sandecker.

— Diamantes.

O almirante olhou intrigado para ele.

— Diamantes?

— Sim, senhor. — Yaeger estudou suas fichas. — Nas quatro ilhas, as atividades são dirigidas pela Dorsett Consolidated Mining Limited, de Sídney, Austrália, o maior produtor de diamantes do mundo, superado apenas pela De Beers.

Pitt sentiu como que um soco no estômago.

— Acontece que Arthur Dorsett — disse em voz baixa —, o presidente da Dorsett Consolidated Mining, é o pai das duas mulheres que Al e eu salvamos na Antártida.

— Claro! — disse Gunn, dando-se conta disso subitamente. — Deirdre Dorsett! Mas... E a outra moça, Maeve Fletcher?

— É irmã de Deirdre. Resolveu adotar o nome de uma antepassada.

Só Giordino achou graça.

— Eu gostaria muito de saber o que dirá um dos maiores negociantes de diamantes do mundo ao saber que suas escavações por pouco não matam suas queridas filhinhas.

— Se as atividades de Dorsett forem as responsáveis pela praga acústica mortífera — disse Gunn —, Dirk e Al são as pessoas mais indicadas para procurá-lo e interrogá-lo. O homem tem todos os motivos para se comportar como um pai agradecido.

— Pelo que sei, Arthur Dorsett vive mais recluso do que uma monja — informou Sandecker. — Como a De Beers, as propriedades de Dorsett são muito bem guardadas contra roubo e contrabando. Ele nunca foi visto em público e jamais concedeu uma entrevista. É praticamente inacessível. Duvido muito que o fato de haverem salvado suas filhas seja capaz de abrir uma brecha. O homem é inflexível.

Yaeger se aproximou dos globos azuis na carta holográfica.

— Há muita gente morrendo. Decerto ele ouvirá a voz da razão se suas atividades forem de algum modo responsáveis.

— Arthur Dorsett é um cidadão estrangeiro com enorme poder — Sandecker falou lentamente. — Somos obrigados a considerá-lo inocente de tudo até prova em contrário. Por enquanto, temos de considerar a calamidade mero produto da natureza. E precisamos agir pelos canais oficiais. Este é o meu território. Vou dar o chute inicial junto ao Departamento de Estado e ao embaixador australiano. Eles podem iniciar um diálogo com Arthur Dorsett e solicitar sua colaboração com a investigação.

— Mas isso vai demorar semanas — contrapôs Yaeger.

— Por que não ganhar tempo? — perguntou Giordino. — Podemos ir verificar se sua tecnologia de mineração tem algo a ver com as mortes em massa.

— Você poderia bater à porta da mina de diamante mais próxima e pedir para dar uma olhadela nas atividades de escavação — sugeriu Pitt com sarcasmo.

— Se Dorsett é esse paranóico que você acaba de descrever — disse o italiano a Sandecker —, é melhor não brincar com ele.

— É verdade — concordou Yaeger. — Para deter as mortes o mais depressa possível, não podemos esperar os trâmites diplomáticos. Teremos de atuar clandestinamente.

— Não é fácil espionar minas de diamante. São extremamente vigiadas contra ladrões e intrusos. Seu esquema de segurança é rigorosíssimo. Vamos precisar de profissionais muito bem treinados para passar pelos sofisticados sistemas eletrônicos.

— Um comando das Forças Especiais? — propôs Yaeger.

Sandecker sacudiu a cabeça.

— Só com autorização do presidente.

— E o presidente? — quis saber Giordino.

— É cedo para procurá-lo — respondeu o almirante. — Só quando pudermos apresentar provas indiscutíveis de uma genuína ameaça à segurança nacional.

Pitt falou pausadamente, contemplando a carta:

— A mina da ilha Kunghit parece ser a mais conveniente das quatro, já que fica na Colúmbia Britânica, praticamente ali na esquina. Não vejo por que não fazer uma pequena exploração por conta própria.

Sandecker o encarou.

— Você não espera que os nossos vizinhos do norte se disponham a fechar os olhos para uma invasão dessa, não é?

— Por que não? Levando em conta que a ANPS localizou uma lucrativa jazida de petróleo para eles há alguns anos, imagino que possam muito bem autorizar-nos a fazer uma viagem de canoa, nas proximidades de Kunghit, para fotografar a paisagem.

— Você acha?

Pitt olhou para o almirante, cheio de expectativa.

— Posso ter exagerado um pouco, mas é o que eu acho. Pensativo, Sandecker deu uma baforada no charuto.

— Está bem — suspirou enfim. — Pode ir. Mas lembre-se, se for capturado pela segurança de Dorsett, nem pense em ligar para cá. Ninguém vai atender o telefone.



Um Rolls-Royce parou silenciosamente diante de um hangar que ficava num campo coberto de mato, no extremo perímetro do Aeroporto Internacional de Washington. Qual elegante velhota em visita de caridade no lugar errado, o majestoso e antigo automóvel parecia deslocado naquela estrada de terra deserta e à noite. A única luz, proporcionada pela fraca e amarelada lâmpada de um poste, mal refletia na pintura prateada e verde-metálica do carro, um modelo conhecido como Silver Dawn. O chassi saíra da fábrica em 1955, a carroceria era obra dos famosos fabricantes Hoopers & Company. Os pára-lamas dianteiros se estendiam até a traseira, desaparecendo graciosamente no corpo do veículo. O motor especial levava-o pelas estradas com o tranqüilo tiquetaquear de um relógio elétrico. A velocidade, no caso dos Rolls-Royce, jamais era mencionada. Quando indagada sobre a potência do motor, a fábrica se limitava a afirmar que era a adequada.

O motorista de Julien Perlmutter, um sujeito taciturno que atendia pelo nome de Hugo Mulholand, puxou o freio de mão, desligou o motor e se voltou para o patrão, que ocupava quase todo o banco traseiro.

— Não gosto de trazê-lo aqui — disse com sua voz grave e cavernosa, que combinava perfeitamente com seus olhos de cão fila. Olhou para o telhado ondulado, enferrujado, e para as paredes que havia quarenta anos não recebiam uma gota de tinta. — Não entendo como alguém pode querer morar num pardieiro imundo como esse.

Perlmutter pesava compactos cento e oitenta e um quilos; estranhamente, porém, seu corpo nada tinha de flácido. Era notavelmente sólido para um homem tão gordo. Ele ergueu a empunhadura de ouro da bengala oca, que também servia de garrafa de conhaque, e bateu na mesinha de nogueira que se articulava com o respaldo do banco dianteiro — Acontece que esse pardieiro imundo, como você diz, abriga uma coleção de carros e aviões antigos que vale milhões de dólares. As chances de ser assaltado são remotas. Os ladrões não costumam perambular nos aeroportos na calada da noite, e o sistema de segurança rivaliza com o dos maiores bancos. — Apontou com a bengala para uma minúscula luz vermelha apenas visível. — Enquanto conversamos, estamos sendo monitorados por uma câmera de vídeo. Mulholand suspirou, contornou o automóvel e foi abrir a porta para o patrão.

— Devo esperar?

— Não, vou jantar aqui. Faça o que quiser durante algumas horas. Venha me buscar às onze e meia. Mulholand ajudou-o a descer e o acompanhou até a entrada do hangar. Coberta de poeira, a desbotada porta era uma camuflagem

perfeita: quem passasse casualmente por ali imaginaria que se tratava apenas de um prédio abandonado à espera da demolição. Perlmutter bateu com a bengala. Segundos depois, ouviu-se um clique, e, como que puxada pela mão de um fantasma, a porta se abriu.

— Bom apetite — disse Mulholland, entregando ao patrão um embrulho cilíndrico e uma pasta de documentos. E retornou ao Rolls-Royce.

Perlmutter penetrou num outro mundo, no qual não se achava o menor vestígio de pó, sujeira ou teias de aranha, um mundo bem iluminado, refinadamente decorado, com uma imaculada atmosfera de pintura e cromo. Ali havia quase quatro dúzias de automóveis clássicos, dois aviões e um vagão de trem da virada do século, tudo a luzir seu restaurado esplendor num piso de concreto polido. A porta se fechou silenciosamente quando ele se aproximou da incrível exposição de má-quinhas exóticas.

Pitt se encontrava na varanda de um apartamento, a qual atravessava uma extremidade do hangar uns dez metros acima do chão de concreto. Apontando para o embrulho cilíndrico debaixo do braço de Perlmutter, disse com um sorriso:

— Presente de grego, hein?

Com uma careta, o gordo olhou para cima.

— Eu não sou grego, e isto aqui é uma garrafa de champanhe francês Dom Pérignon — resmungou, erguendo o embrulho —, safra de 1983, para comemorar sua volta à civilização. Duvido que haja coisa melhor em sua adega. Pitt riu.

— Está bem, vamos compará-lo com o meu vinho espumante Gruet seco, sem safra, de Albuquerque, Novo México.

— Você só pode estar brincando. Albuquerque? Gruet?

— Bateram os melhores vinhos espumantes da Califórnia num concurso.

— Esta conversa sobre vinhos já está fazendo o meu estômago roncar. Mande o elevador. — Pitt mandou para baixo um ascensor de carga de ferro batido. Perlmutter entrou imediatamente. — Será que esta coisa agüenta o meu peso?

— Eu o instalei para trazer os móveis para cima. Mas vai ser um emocionante teste de capacidade.

— Que idéia reconfortante!

O elevador o levou facilmente ao apartamento. Os dois se cumprimentaram como os velhos amigos que eram.

— Estava com saudades de você, Julien.

— Gosto muito de jantar com o meu décimo filho — disse o outro, num recorrente gracejo. Era um velho e inveterado solteirão, ao passo que Pitt era o filho único do senador George Pitt, da Califórnia.

— Você tem outros nove como eu?

Perlmutter deu uma palmada no volumoso ventre.

— Você não imagina quantas donzelas sucumbiram aos meus delicados encantos e à minha língua de mel antes que esta pança se interpusesse no caminho. — Calou-se e farejou o ar. — É de arenque o cheiro que estou sentido?

Pitt fez que sim.

— Hoje você vai provar a cozinha típica alemã. Carne em conserva com arenque defumado e chucrute, precedidos de sopa de lentilha com molho de fígado de porco.

— Eu devia ter trazido cerveja de Munique em vez de champanhe.

— Ora, viva a transgressão. Para que observar as regras?

— Tem toda razão — disse o gordo. — Deve estar ótimo. Você ainda vai fazer

uma mulher feliz com esse talento culinário.

— Duvido que a arte culinária seja capaz de compensar os meus defeitos.

— Falando em mulher, tem notícias da deputada Smith?

— Loren voltou ao Colorado, está em campanha eleitoral. Faz quase dois meses que não a vejo.

— Chega de conversa fiada. Vamos abrir o champanhe e trabalhar.

Pitt providenciou um balde de gelo. Tomaram o Dom Pérignon antes da entrada principal e terminaram a refeição com o Gruet seco à sobremesa. Perlmutter ficou impressionado com o vinho espumante do Novo México.

— E bonzinho, bem seco e encorpado — disse com maliciosa ironia. — Onde posso comprar uma caixa?

— Se é apenas "bonzinho", para que comprar uma caixa? — riu-se Pitt. — Você é um velho charlatão.

O outro deu de ombros.

— A você eu nunca consegui enganar.

Assim que Pitt tirou a mesa, Perlmutter foi para a sala de estar, abriu a pasta, colocou um grosso maço de papéis na mesa de centro e ficou examinando as folhas, a conferir suas anotações.

Pitt se instalou num sofá de couro junto a uma estante com uma pequena frota de modelos de navios, réplicas das embarcações que ele linha descoberto em vários anos.

— E então, que levantou sobre a famosa família Dorsett?

— Fique sabendo que isto aqui não passa de um arranhão na superfície — disse Perlmutter, segurando um grosso volume de mais de mil páginas. — Pelo que pesquisei, a história dos Dorsett é como a de uma dinastia de romance épico.

— É o atual chefe da família, Arthur Dorsett?

— Extremamente fechado. Raramente aparece em público. Obstinado, preconceituoso e sem escrúpulos. Universalmente detestado pelos que tiveram o mais remoto contato com ele.

— Mas podre de rico.

— Podre — respondeu Perlmutter com a expressão de quem acabava de engolir uma aranha. — A Dorsett Consolidated Mining Limited e a Casa Dorsett, de comércio a varejo, são de inteira propriedade da família. Os diretores, os acionistas, os sócios. Também controlam uma empresa irmã chamada Pacific Gladiator, que concentra a mineração de gemas coloridas.

— Como ele começou?

— A história remonta a cento e quarenta e quatro anos.

— Perlmutter levantou o cálice, e Pitt o encheu. — Começa com uma aventura no mar, que foi registrada pelo capitão de um cliper e publicada postumamente por sua filha. Numa viagem, em janeiro de 1856, em que estava transportando presidiários, inclusive mulheres, à colônia penal australiana de Botany Bay, a pouca distância da atual cidade de Sidnei, seu barco foi colhido por um violento tufão no mar da Tasmânia. O navio se chamava Gladiator e era comandado por um dos mais famosos capitães de clíperes da época, Charles "Durão" Scaggs.

— Homens de ferro e navios de madeira — murmurou Pitt.

— Exatamente. Seja como for, Scaggs e a tripulação devem ter lutado como demônios para salvar o barco de uma das piores tormentas do século. Mas, quando a ventania cessou e o mar serenou, o Gladiator era pouco mais do que um destroço. Seus masts tinham sido varridos, a superestrutura fora destruída e o casco estava fazendo água. Os botes salva-vidas tinham se perdido ou foram esmagados, e o capitão Scaggs compreendeu que seu navio não duraria mais do

que algumas horas. De modo que deu ordens para que a tripulação e os presidiários com habilidade manual desmantelassem o que restava do navio e construísssem uma jangada.

— Provavelmente era a única opção.

— Dois dos presos eram ancestrais de Arthur Dorsett — prosseguiu Perlmutter.

— Seu trisavô, Jess Dorsett, um salteador condenado, e sua trisavô, Betsy Fletcher, sentenciada a vinte anos de reclusão pelo furto de um cobertor.

Pitt examinou as bolhas em seu cálice.

— Decididamente, o crime não compensava naquele tempo.

— Poucos americanos sabem que, até a Guerra de Independência, as nossas colônias também foram depósito de criminosos ingleses. Muitas famílias ficariam surpresas ao descobrir que seus ancestrais vieram parar aqui como presidiários.

— Os sobreviventes do navio se salvaram? Perlmutter sacudiu a cabeça.

— Os quinze dias seguintes foram uma saga de horror e morte. As tempestades, a sede, a fome e uma batalha maluca entre marinheiros, soldados e condenados dizimaram as pessoas refugiadas na balsa. Quando a embarcação finalmente derivou entre os recifes de uma ilha não mapeada, espedaçando-se, diz a lenda que os sobreviventes, que estavam tentando chegar à praia a nado, foram salvos de um enorme tubarão-branco por uma serpente marinha.

— O que explica o logotipo de Dorsett. A alucinação daquela gente quase morta.

— Eu não me surpreenderia. Só oito dos duzentos e trinta e um pobres-diabos que abandonaram o navio conseguiram chegar à ilha: seis homens e duas mulheres. Estavam mais mortos do que vivos.

Pitt o fitou.

— São duzentos e vinte e três mortos. Um número assustador.

— Dos oito, um marujo e um presidiário se mataram disputando as mulheres.

— Uma reprise do motim do Bounty.

— Quase. Dois anos depois, o capitão Scaggs e o único marinheiro que lhe restou, por sorte justamente o carpinteiro do *Gladiator*, construíram um barco com os restos de um veleiro francês que se chocara contra as rochas, durante uma tempestade. Deixando os presidiários na ilha, os dois atravessaram o mar da Tasmânia e conseguiram chegar à Austrália.

— Scaggs abandonou Dorsett e Fletcher?

— Com razão. Eles preferiam os encantos de uma bela ilha aos horrores da colônia penal de Botany Bay. E como Scaggs achava que devia a vida a Dorsett, resolveu declarar às autoridades que todos os presos tinham perecido.

— Então eles começaram vida nova e se multiplicaram.

— Exatamente. O próprio Scaggs casou Jess e Betsy, que tiveram dois filhos. Os outros dois condenados tiveram uma filha. Com o tempo, eles construíram uma pequena comunidade familiar e passaram a comerciar alimento com os baleeiros que, aos poucos, transformaram a ilha *Gladiator*, como veio a se chamar mais tarde, num entreposto regular em suas longas viagens.

— E que foi feito de Scaggs?

— Voltou ao mar, comandando o novo cliper de uma companhia de navegação chamada Carlisle & Dunhill. Depois de muitas viagens no Pacífico, aposentou-se. Morreu vinte anos mais tarde, em 1876.

— E onde os diamantes entram na história?

— Calma — disse Perlmutter, com ares de mestre-escola. — Vamos devagar para compreender melhor a história. Para começar, o diamante, que instigou mais crimes, corrupção e romance do que qualquer outro mineral, não passa de

carbono cristalizado. Do ponto de vista químico, é parente do grafite e do carvão. Calcula-se que os diamantes se formaram há uns três bilhões de anos, a qualquer coisa entre cento e vinte e duzentos quilômetros de profundidade no manto superior da Terra. Sob o efeito do calor e da pressão, o carbono puro, assim como os gases e a rocha líquida, subiram à superfície por canais vulcânicos comumente denominados chaminés. Quando essa mistura explodiu e subiu, o carbono se resfriou e cristalizou, transformando-se em pedras transparentes e extremamente duras. O diamante é um dos poucos elementos da crosta terrestre que vieram das mais remotas profundezas. Pitt olhou para o chão, tentando imaginar o processo natural de formação do diamante.

— Penso que um corte longitudinal do solo mostraria um rastro de diamantes subindo em espiral num canal circular que vai se alargando, na superfície, como um funil.

— Ou como uma cenoura — disse Perlmutter. — Ao contrário da lava pura, que subiu muito, formando o pico dos vulcões ao chegar à superfície, a mistura de diamante e rocha líquida, conhecida como chaminés de kimberlito, a partir do nome da cidade sul-africana de Kimberly, resfriou-se rapidamente e se solidificou, formando enormes plataformas. Algumas se desgastaram pela erosão natural, espalhando o diamante e dando origem ao que se conhece por depósitos aluvianos. Algumas chaminés erodidas chegaram a formar lagos. As maiores ocorrências de pedras cristalizadas, no entanto, permaneceram nas chaminés ou nos canais subterrâneos.

— Deixe-me adivinhar. Os Dorsett acharam, na ilha, uma dessas chaminés cheias de diamante.

— Você continua se adiantando demais — resmungou Perlmutter com impaciência.

— Desculpe.

— Os presidiários naufragos acharam, sem o saber, não uma, mas duas chaminés espantosamente ricas nas montanhas vulcânicas do outro lado da ilha Gladiator. As pedras encontradas, que muitos séculos de chuva e vento haviam separado da rocha, eram simplesmente consideradas "coisinhas bonitas", como diz Betsy Fletcher numa carta a Scaggs. Na verdade, os diamantes brutos são pedras opacas, quase sem brilho. As vezes parecem pedaços de sabão, com formato estranho. Só em 1866, depois da Guerra Civil Americana, um barco da Marinha dos Estados Unidos, numa viagem de exploração em busca de possíveis portos de águas profundas ao longo do Pacífico, deteve-se na ilha para se abastecer de água. A bordo, ia um geólogo que por acaso viu os filhos dos Dorsett brincando com uma pedra na praia. Curioso, ele a examinou e ficou assombrado ao identificá-la como um diamante de pelo menos vinte quilates. Quando interrogado pelo geólogo sobre a origem da pedra, o esperto Jess Dorsett respondeu que a havia trazido da Inglaterra.

— E este foi o começo da Dorsett Consolidated Mining.

— Ainda não — disse Perlmutter. — Após a morte de Jess, Betsy mandou à Inglaterra seus dois filhos, Jess Júnior e Charles, sem dúvida assim batizado em homenagem a Scaggs, e também Mary Winkelman, a filha dos outros dois condenados. Queria que fossem educados lá. Escreveu a Scaggs, pedindo-lhe ajuda, e incluiu um punhado de diamantes brutos para pagar o sustento das crianças. O capitão entregou as pedras a seu amigo e antigo patrão, Abner Carlisle, que, trabalhando no interesse do moribundo Scaggs, mandou lapidar e polir os diamantes e, depois, vendeu-os em Londres por aproximadamente um

milhão de libras, o que correspondia a uns sete milhões de dólares ao câmbio da época.

— Muito dinheiro para aquele tempo — refletiu Pitt. — Os garotos devem ter levado uma vida de rei.

Perlmutter sacudiu a cabeça.

— Ai é que você se engana. Viveram frugalmente em Cambridge. Mary frequentou uma boa escola de moças, na periferia de Londres, e se casou com Charles logo depois de se formar. Juntos, retornaram à ilha, onde passaram a dirigir as operações de mineração nos vulcões extintos. Jess Júnior permaneceu na Inglaterra e abriu a Casa Dorsett em sociedade com um comerciante de diamantes, um judeu de Aberdeen chamado Levy Strouser. A loja de Londres, que se ocupava da lapidação e do comércio do diamante, tinha luxuosas salas de exposição para a venda a varejo, elegantes escritórios nos andares superiores para o comércio por atacado e grandes oficinas no subsolo, onde se lapidavam as pedras da ilha Gladiador. A dinastia prosperou, mesmo porque os diamantes que vinham das chaminés da ilha eram de uma rara cor-laranja rosa-violácea e de altíssima qualidade.

— As minas não se esgotaram?

— Ainda não. Os Dorsett tiveram a astúcia de reter boa parte de sua produção, em cooperação com o cartel, a fim de manter os preços elevados.

— E os descendentes?

— Charles e Mary tiveram um filho, Anson. Jess Júnior não se casou.

— Anson era o avô de Arthur? — quis saber Pitt.

— Era. Dirigiu a empresa durante mais de quarenta anos. Provavelmente foi o mais decente e honesto da família. Contentou-se com dirigir e manter um pequeno e lucrativo império. Sem se deixar levar pela ambição, como seus descendentes, doou muito dinheiro a obras de caridade. Fundou inúmeros hospitais e bibliotecas em toda a Austrália e na Nova Zelândia. Ao morrer, em 1910, deixou a empresa a um filho, Flenry, e a uma filha, Mildred, que morreu ainda jovem, num acidente de barco. Caiu no mar durante um passeio de iate e foi devorada pelos tubarões. Circularam boatos, segundo os quais teria sido assassinada por Henry, mas não houve investigações. O dinheiro de Henry comprou a polícia. Sob seu comando, a família inaugurou o reinado da ambição, da inveja, da crueldade e do poder voraz que prossegue até hoje.

— Lembro-me de ter lido um artigo no Los Angeles Times — disse Pitt. — Comparavam Sir Henry Dorsett a Sir Oppenheimer, da De Beers.

— Nenhum dos dois era santo. Oppenheimer superou toda sorte de obstáculos para construir um império que se estende a todos os continentes e tem uma diversificada participação em fábricas de automóveis, papel e explosivos, cervejarias, assim como na exploração do ouro, do urânio, da platina e do cobre. No entanto, a grande força da De Beers repousa sobre o diamante e o cartel que regula o mercado de Londres a Nova York e a Tóquio. A Dorsett Consolidated Mining, por outro lado, continuou exclusivamente concentrada no diamante. E, fora a participação em algumas minas de gemas coloridas, o rubi em Burma, a esmeralda na Colômbia, a safira no Ceilão, a família nunca diversificou de fato seus investimentos. Todos os lucros foram reinvestidos na empresa.

— De onde vem o nome De Beers?

— De Beers era o fazendeiro sul-africano que, sem o saber, vendeu suas terras riquíssimas em diamantes, por uma bagatela, a Cecil Rhodes, que escavou uma fortuna e inaugurou o cartel.

— E Henry Dorsett se uniu ao cartel de Oppenheimer e De Beers?

— Embora tenha participado do controle de preços do mercado, Henry se tornou o único grande proprietário de minas a vender independentemente. Enquanto oitenta e cinco por cento da produção mundial passava pela Organização Central de Vendas, controlada pela De Beers, Dorsett contornava os grandes comerciantes de diamante de Londres, Antuérpia, Telavive e Nova York, e vendia uma produção limitada de pedras finas diretamente ao público, por meio da Casa Dorsett, que atualmente tem mais de quinhentas filiais.

— A De Beers não desencadeou nenhuma guerra contra ele?

Perlmutter sacudiu a cabeça.

— Oppenheimer formou o cartel para garantir um mercado estável e altos preços. Sir Ernest não se sentiria ameaçado enquanto Dorsett não tentasse um dumping de seu fornecimento de pedras ao mercado.

— Dorsett deve ter um verdadeiro exército para sustentar uma operação desse porte.

— Mais de mil empregados e três lapidações, com diferentes oficinas e departamentos. Têm ainda um prédio de trinta andares em Sídeii, com uma legião de artesãos que criam as inigualáveis jóias da Casa Dorsett. Enquanto a maioria dos comerciantes empregam judeus para lapidar as pedras, Dorsett contrata principalmente chineses.

— Henry Dorsett morreu no fim dos anos 70, não? Perlmutter sorriu.

— A história se repetiu. Aos sessenta e oito anos, caiu de seu iate, em Mônaco, e se afogou. Segundo os boatos, foi Arthur quem o embebedou e o empurrou.

— E a história de Arthur?

Perlmutter examinou seus papéis, e depois olhou por cima dos óculos de leitura.

— Se o público que compra diamantes tiver uma vaga noção das operações sujas que Arthur Dorsett vem dirigindo nos últimos trinta e tantos anos, não voltará a adquirir uma só pedra enquanto ele estiver vivo.

— Ele não chega a ser um franciscano, certo?

— Alguns homens têm duas caras, certo? Pois Arthur deve ter umas cinco. Nascido na ilha Gladiador em 1941, filho único de Henry e Charlotte Dorsett, foi educado pela mãe e só passou a frequentar uma escola aos dezoito anos, quando ingressou na Escola de Minas de Ouro, no Colorado. Embora fosse um grandalhão, muito mais alto do que os colegas, nunca se interessou por esporte. Preferia perambular nas minas fantasmas espalhadas nas montanhas Rochosas. Depois de graduado engenheiro de minas, trabalhou cinco anos nas escavações da De Beers, na África do Sul; só então voltou para a Austrália, onde se encarregou da superintendência das minas da família na ilha. Durante suas frequentes viagens ao quartel-general da Dorsett, em Sídeii, conheceu e se casou com uma moça adorável, Irene Calvert, filha de um professor de biologia da Universidade de Melbourne. Ela lhe deu três filhas.

— Maeve, Deirdre e...

— Boudicca.

— Duas deusas celtas e uma lendária rainha britânica.

— Uma tríade feminina.

— Maeve e Deirdre têm, respectivamente, vinte e sete e trinta e um anos. Boudicca está com trinta e oito.

— Fale mais da mãe — pediu Pitt.

— Não há muito que contar. Irene morreu há quinze anos, também em circunstâncias misteriosas, e foi sepultada na ilha Gladiador. Só um ano depois um repórter de um jornal de Sídeii descobriu sua morte. Publicou um obituário antes que Arthur tivesse tempo de subornar o diretor do jornal, para que abafasse a

notícia. Do contrário, ninguém teria sabido que ela estava morta.

— O almirante Sandecker conhece alguma coisa sobre Arthur Dorsett e diz que é impossível ter acesso a ele — comentou Pitt.

— É verdade. Nunca foi visto em público, não tem vida social nem amigos. Dedicou todo o seu tempo aos negócios. Tem até um túnel secreto por onde entra e sai, sem ser visto, do prédio do quartel-general, em Sidnei. Isolou completamente a ilha Gladiador do mundo exterior. Em sua opinião, quanto menos se souber das operações da Dorsett Mining, melhor.

— E a empresa? Ele não pode ocultar para sempre as transações de um negócio tão vultoso.

— Lamento discordar — disse Perlmutter. — Uma grande empresa particular pode se servir do homicídio. Mesmo o governo sob o qual ele atua tem enorme dificuldade para avaliar-lhe o patrimônio, com objetivos fiscais. Arthur Dorsett pode ser considerado a reencarnação de Ebenezer Scrooge, mas nunca poupou dinheiro para comprar a lealdade. Se achar que vale a pena tornar milionário um funcionário do governo da noite para o dia, a fim de obter vantagens e poder, ele não hesitará em fazê-lo.

— Suas filhas trabalham na empresa?

— Duas delas sim. A outra...

— Maeve? — arriscou Pitt.

— Exatamente. Maeve abandonou a família, matriculou-se na universidade e se tornou zoóloga marinha. Deve ter herdado alguma coisa da mãe de seu pai.

— E quanto a Deirdre e Boudicca?

— Os fofosqueiros juram que as duas são a encarnação do diabo, piores do que o velho. Deirdre é o Maquiavel da família, desonesta, malévola, calculista. Boudicca tem fama de implacável, fria e dura como o gelo do fundo de um glaciar. Parece que não se interessam por homens nem fazem questão de luxo.

Um olhar distante refletiu nos olhos de Pitt.

— Que há de tão irresistível no diamante? Por que as pessoas se matam por ele? Por que tantos governos e nações ascenderam e decaíram por ele?

— Além da beleza, depois de lapidados e polidos, os diamantes têm qualidades inigualáveis. São a substância mais dura que existe no mundo. Basta esfregá-los na seda para que produzam uma carga eletrostática positiva. Exponha-os ao sol poente, e brilharão no escuro com uma fosforescência sobrenatural. Não, meu jovem amigo, o diamante é muito mais do que um mito. E o mais perfeito criador de ilusões. — Perlmutter se calou e tirou a garrafa de champanhe do balde de gelo. Com expressão quase triste, serviu-se das últimas gotas e ergueu o cálice. — Com os diabos, acho que não tenho mais o que beber.



Ao sair do prédio da ANPS, Giordino solicitou um dos carros azul-turquesas da agência e foi para o seu recém-comprado apartamento, em Alexandria, à beira do rio Potomac. Os cômodos eram o pesadelo de qualquer decorador. Nenhuma peça da mobília combinava com a outra, nada se conformava com as regras mais elementares do bom gosto ou do estilo. Cada uma das sucessivas namoradas que ali se instalou e partiu deixou a sua marca, e nenhuma redecorava o apartamento de acordo com os critérios da companheira seguinte. Felizmente, o italiano continuava amigo de todas, e elas gostavam de sua companhia, muito embora nenhuma tivesse a menor intenção de se casar com ele.

Giordino nada tinha de negligente e, ademais, era um grande cozinheiro, mas raramente ficava em casa. Quando não estava percorrendo o mundo com Pitt, metido em projetos submarinos, organizava expedições em busca de qualquer coisa perdida, fossem navios, aviões ou pessoas. Adorava procurar. Era incapaz de se sentar na sala para assistir à televisão à noite ou de ler um livro. Sua mente viajava o tempo todo, e seus pensamentos raramente se prendiam à dama a seu lado, coisa que frustrava infinitamente o belo sexo. Jogou a roupa suja na máquina de lavar e tomou um banho rápido. Depois de fazer a mala para uma noite, foi para o Dulles International, onde tomou o vôo noturno para Miami. Ao chegar, alugou um carro, dirigiu-se à zona portuária e se hospedou num hotel junto ao cais. A seguir, procurou a lista de arquitetos navais nas Páginas Amarelas, copiando os nomes, endereços e números de telefone dos especialistas em iates. E começou a telefonar.

Os quatro primeiros, que já tinham voltado para casa, deixaram acionadas as secretárias eletrônicas, mas o quinto atendeu pessoalmente. Giordino não se surpreendeu. Esperava que um deles ficasse até tarde no trabalho, criando os planos de construção da residência flutuante de algum ricoço.

— Senhor Wes Wilbanks? — perguntou.

— Sim, sou eu. Que deseja a esta hora da noite? — A voz tinha um suave sotaque sulista.

— Eu me chamo Albert Giordino. Trabalho na Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas. Preciso de sua ajuda para identificar o fabricante de um barco.

— Está atracado aqui em Miami?

— Não, senhor. Pode estar em qualquer lugar do mundo.

— Quanto mistério!

— Mais do que o senhor imagina.

— Estarei no escritório amanhã a partir das dez.

— O assunto é urgente — disse Giordino com serena autoridade.

— Certo, vou encerrar o expediente dentro de uma hora. Por que não passa por aqui? Tem o endereço?

— Tenho. Mas eu não sou de Miami.

Wilbanks o orientou. O escritório do arquiteto ficava somente a algumas quadras do hotel, de modo que Giordino comeu um sanduíche numa lanchonete cubana e foi a pé, seguindo as instruções que recebera por telefone.

O homem que abriu a porta tinha pouco mais de trinta anos, era bem alto, estava de bermuda e com uma camisa florida. Como mal lhe chegasse aos ombros, Giordino tinha de olhar para cima. O belo rosto era emoldurado por uma abundante cabeleira negra, puxada para trás, que começava a encanecer nas têmporas. O homem tinha, definitivamente, a aparência de quem pertencia ao mundo do iatismo.

— Senhor Giordino, Wes Wilbanks. Prazer em conhecê-lo.

— Obrigado por me receber.

— Entre. Quer um café? Foi feito de manhã, mas a chicória o mantém saboroso.

— Por favor.

Wilbanks o levou a um escritório com piso de madeira de lei, uma estante que cobria toda a parede, repleta de livros sobre o design de iates e barcos de pequeno porte. A outra parede estava cheia de modelos que Giordino imaginou construídos a partir das plantas de Wilbanks. No centro da sala ficava uma grande e antiga mesa de desenho. Diante de uma janela panorâmica, que dava para o porto, havia uma bancada com um computador.

Giordino aceitou a xícara de café e colocou na mesa os esboços do segundo oficial do cargueiro Rio Grande.

— Sei que não é muita coisa para começar, mas tenho esperança de que você possa me orientar quanto ao possível fabricante.

Wilbanks estudou os desenhos, inclinando a cabeça ora para um lado, ora para outro. Passado um bom minuto, coçou o queixo e olhou para Giordino.

— A primeira vista, parece o design básico de uma centena de fabricantes. Mas creio que quem observou o barco e fez o desenho se atrapalhou com o ângulo do qual o estava vendo. Na verdade, acredito que haja dois cascos, não um, que lhe dá uma aparência futurística, da era espacial. Sempre desejei criar uma coisa assim, mas me falta um cliente que queira afastar-se do design convencional.

— Você parece estar falando de uma nave para ir à Lua.

— Quase. — Wilbanks se sentou diante do computador e o ligou.

— Vou lhe mostrar, com os gráficos do computador, o que estou querendo dizer.

— Tirou um disquete de uma gaveta e o inseriu na CPU.

— Eis um conceito que criei unicamente para me divertir e pela frustração de saber que nunca me pagarão para construir isto.

A imagem de um barco esporte muito esguio, sem linhas agudas ou arestas, encheu o monitor. A tradicional proa angular desaparecera. Todo o casco e o casulo, que cobriam a cabine, eram suavemente arredondados. A embarcação nada tinha de conservadora. Parecia datar de cinqüenta anos no futuro. Giordino ficou impressionado. Com o auxílio da computação gráfica, Wilbanks lhe ofereceu uma visita ao interior do barco, concentrando-se no design pouco convencional e estranho do equipamento e dos móveis. Sem dúvida, tratava-se de uma obra da imaginação e da inovação.

— Você visualiza tudo isso a partir de alguns esboços?

— perguntou o assombrado italiano.

— Espere e verá — respondeu Wilbanks.

Passou os desenhos pelo scanner eletrônico, que transferiu as imagens ao monitor. A seguir, sobrepôs as imagens a suas próprias plantas e as comparou. A não ser por uma ou outra diferença mínima no design e nas dimensões, eram muito semelhantes.

— Veja só! — murmurou Giordino.

— Estou morrendo de inveja do colega que chegou primeiro — disse Wilbanks.

— Eu venderia meus filhos por um contrato para projetar esta gracinha.

— Pode me dar uma idéia do tamanho e da potência?

— Do meu ou do seu?

— Do barco dos desenhos.

— Eu diria que o comprimento é de uns trinta metros. A boca, de pouco menos de dez metros. Quanto aos motores, eu teria especificado um par de Blitzen Seastorm turbodiesel. Provavelmente dois BAD 98, que, combinados, poderiam produzir mais de dois mil e quinhentos HP. Estimativamente, com esses motores, um barco desse tamanho poderia alcançar a velocidade de setenta nós ou mais em águas calmas. Talvez bem mais, dependendo da eficiência dos cascos gêmeos.

— Quem tem a possibilidade de construir um barco desse?

Wilbanks se inclinou para trás e refletiu um momento.

— Um barco desse tamanho e com essa configuração exige moldagem radical em fibra de vidro. A Glastec Boats, em San Diego, seria capaz de fazer o serviço, assim como a Heinklemann Specially Boat Builders, em Kiel, na Alemanha.

— E os japoneses?

— Eles não são muito versados na indústria de iates. Hong Kong tem alguns pequenos fabricantes, mas trabalham basicamente com madeira. A maior parte dos construtores de barcos de fibra de vidro se além a conceitos já provados e consagrados.

— Então, na sua opinião, é a Glastec ou a Heinklemann — disse Giordino.

— São os dois que eu chamaria para executar o meu projeto.

— E o arquiteto?

— Acho que posso citar, de memória, uns vinte especializados em design radical. Giordino sorriu.

— Tive sorte de tropeçar no vigésimo primeiro.

— Onde você está hospedado?

— No hotel Seaside.

— Parece que a ANPS não é de esbanjar dinheiro, é?

— Você precisa conhecer meu chefe, o almirante James Sandecker. É irmão gêmeo de Shylock. Wilbanks riu.

— Quer saber de uma coisa? Apareça aqui amanhã às dez. Vou ver se consigo uma coisa para você.

— Agradeço muito a sua ajuda.

Giordino apertou a mão de Wilbanks, então fez um longo passeio à beira do mar antes de voltar para o quarto de hotel, onde leu um romance policial e finalmente pegou no sono.

As dez horas em ponto, Giordino entrou no escritório de Wilbanks. O arquiteto estava examinando uma série de plantas. Ergueu-as e sorriu.

— Depois que você foi embora, ontem — disse —, eu aperfeiçoei os desenhos que me entregou e os refiz em escala. A seguir, reduzi o tamanho, mandei um fax para San Diego e outro para a Alemanha. Devido ao fuso horário, Heinklemann respondeu antes que eu chegasse, esta manhã. A Glastec entrou em contato comigo há uns vinte minutos.

- Eles conhecem o barco? — perguntou Giordino com impaciência.
- Infelizmente não. Nem projetaram nem construíram o barco.
- Então voltamos ao ponto de partida.
- Calma. Acontece que um engenheiro da Heinklemann viu e examinou o seu barco quando estava ancorado em Mônaco, há uns nove meses. Mandou dizer que o fabricante é uma firma francesa nova no ramo, que eu não conhecia. Juserand Marine, de Cherbourg.
- Neste caso, podemos mandar-lhes nossas plantas por fax — disse Giordino com renovadas esperanças.
- Não é preciso. Embora você não tenha dito nada, imagino que o verdadeiro motivo por que está procurando o fabricante da embarcação é identificar o proprietário.
- Confesso que sim.
- O engenheiro da Heinklemann, que viu o barco em Mônaco, teve a gentileza de também incluir o nome do proprietário no fax. Disse que só resolveu verificá-lo ao notar que os membros da tripulação mais pareciam pistoleiros da Máfia do que marinheiros de um iate de luxo.
- Pistoleiros da Máfia?
- Ele diz que todos estavam armados.
- E o nome do proprietário?
- Proprietária. Uma ricaça australiana. Sua família fez fortuna com a exploração de diamante. Chama-se Boudicca Dorsett.



Pitt estava a caminho de Ottawa, no Canadá, quando Giordino telefonou para seu avião e o informou sobre o misterioso iate.

— Tem certeza?

— Tenho — respondeu o italiano. — E quase absolutamente certo que o barco que estava se afastando do lugar das mortes pertencia à família Dorsett.

— A coisa está se complicando.

— Talvez também lhe interesse saber que o almirante solicitou à Marinha uma busca por satélite na região central e oriental do oceano Pacífico. O iate foi descoberto e seguido. Parou rapidamente no Havaí e seguiu na direção do seu objetivo.

— A ilha Kunghit? Então eu posso matar duas cajadas com um só coelho!

— Você hoje está de morrer de rir.

— Como é o iate?

— Diferente de tudo o que você conhece. O típico design da era espacial.

— Vou ficar de olho.

— Sei que estou desperdiçando saliva dizendo isto, mas procure não se meter em encrenca.

— Se precisar de dinheiro, eu telefono — riu Pitt ao desligar, agradecido por contar com um amigo como Albert Cassius Giordino.

Depois de aterrissar e alugar um carro, atravessou a ponte sobre o rio Rideau, para entrar em Ottawa, a capital do Canadá. Fazia mais frio do que dentro de uma geladeira, e a paisagem de árvores desfolhadas era feia e estéril. O único oásis de cores, que saltava na espessa camada de neve a cobrir o solo, eram os aglomerados esparsos de verdes pinheiros. Ele olhou para o rio lá embaixo, que desaguava no rio Ottawa e depois no majestoso São Lourenço e que, agora, corria sob uma capa de gelo. O Canadá era um país incrivelmente belo, pensou, mas seu rigoroso inverno devia ser mandado para o norte e nunca mais voltar.

Ao atravessar a ponte do rio Ottawa e entrar na cidadezinha de Hull, ele consultou o mapa e tratou de guardar na memória as ruas que levavam a um grupo de três altos edifícios que abrigavam diversas repartições públicas. Estava à procura do Departamento do Meio Ambiente do Canadá.

Um segurança, ao portão, orientou-o e fez sinal para que passasse. Pitt deixou o carro numa vaga do estacionamento de visitantes e entrou no prédio. Em pouco tempo estava no elevador, subindo ao departamento canadense do Meio Ambiente.

Uma recepcionista em vésperas de aposentar-se olhou para ele e, com um sorriso forçado, perguntou:

— Que deseja?

— Meu nome é Pitt. Tenho uma entrevista com o senhor Edward Posey.

— Um momento. — Ela discou um número, anunciou sua chegada e depois fez um gesto afirmativo. — Por favor, vá por aquele corredor. É a última porta.

Pitt agradeceu e fez o que ela disse. Uma bonita secretária ruiva o recebeu e conduziu ao escritório de Posey.

O homenzinho barbudo e de óculos se levantou e, debruçando-se na escrivaninha, apertou-lhe a mão estendida.

— É um prazer revê-lo, Dirk. Há quanto tempo foi?

— Há onze anos, na primavera de 1989.

— Pois é, o projeto Doodlebug. Nós nos conhecemos na reunião em que você apresentou o relatório de sua descoberta de uma jazida de petróleo perto da ilha Baffin.

— Estou precisando de um favor, Ed. Posey indicou uma cadeira.

— Sente-se. De que se trata?

— Queria autorização para investigar as atividades de mineração na ilha Kunghit.

— Está falando nas operações da Dorsett Consolidated? Pitt fez que sim.

— Exatamente. A ANPS tem motivos para acreditar que sua tecnologia de escavação tem efeitos devastadores na vida marinha de lugares distantes como a Antártida. Posey pousou nele um olhar pensativo.

— Tem alguma coisa a ver com a morte dos passageiros do navio australiano?

— Toda e qualquer relação é puramente circunstancial no momento.

— Mas vocês têm suspeitas?

— Temos.

— O mais indicado seria entrar em contato com o departamento de Recursos Naturais.

— Duvido. Se o seu governo explora alguma coisa como minas, seria necessário um ato do Parlamento para autorizar uma investigação num lugar que é uma concessão legal a uma empresa de mineração. Mesmo assim, Arthur Dorsett é poderoso demais para deixar que isso aconteça.

— Acho que você se meteu num beco sem saída.

— Há uma saída — sorriu Pitt —, se você colaborar. Posey não ocultou seu desconforto.

— Não posso autorizá-lo a espionar a mina de Dorsett, a menos que tenha provas concretas de agressão ilegal ao meio ambiente.

— Talvez, mas nada o impede de me contratar para observar os hábitos de desova dos salmões-couve-flor.

— A época da desova já está no fim. Por outro lado, nunca ouvi falar em salmões-couve-flor.

— Nem eu.

— Você não conseguirá passar pelo esquema de segurança da mina. Dorsett contrata os melhores do ramo, ex-comandos britânicos e veteranos das Forças Especiais americanas.

— Não terei de pular a cerca da propriedade — explicou Pitt. — Posso detectar tudo o que preciso mediante instrumentos, enquanto estiver navegando nas passagens e nas baías da ilha Kunghit.

— Num bote salva-vidas?

— Eu tinha pensado numa canoa, com as cores locais e tudo.

— Seria suicídio. As águas ao redor da Kunghit são traiçoeiras. As ondas que chegam do Pacífico arremetem contra as rochas como você não imagina.

— Você está quase me convencendo de que é perigoso.

— Se o mar não acabar com você — disse Posey gravemente —, os capangas de Dorsett acabam.

— Então, vou usar um barco maior e levar um arpão — disse Pitt com cinismo.

— Por que você simplesmente não vai até lá com uma equipe de engenheiros ambientais canadenses e dá parte se encontrar alguma atividade nociva?

Pitt sacudiu a cabeça.

— Perda de tempo. O capataz de Dorsett paralisaria a mina até que fôssemos embora. É melhor investigar quando eles estiverem desprevenidos.

Posey ficou alguns instantes olhando pela janela. Depois deu de ombros.

— Está bem, vou dar um jeito para que o Meio Ambiente o contrate para investigar a floresta de algas ao redor da ilha Kunghit. Você vai estudar os possíveis danos provocados pelos produtos químicos das atividades de mineração que vão para o mar. Que tal?

— Obrigado — disse Pitt com sinceridade. — Quanto vou ganhar?

Posey compreendeu a piada.

— Sinto muito, você não está no orçamento. Mas eu posso me deixar persuadir a lhe pagar um hambúrguer na lanchonete da esquina.

— Combinado.

— Mais uma coisa. Você vai sozinho?

— Um chama menos a atenção do que dois.

— Não neste caso — disse Posey, rindo. — Aconselho-o a levar um índio da região, um guia. Isso lhe dará uma aparência mais oficial. O Departamento do Meio Ambiente trabalha em estreita colaboração com as tribos na prevenção da poluição e na proteção das áreas de florestas. Um pesquisador e um pescador local, trabalhando num projeto do governo, afastariam todas as dúvidas da segurança de Dorsett.

— Conhece alguém? — perguntou Pitt.

— Mason Broadmoor. Um cara muito competente. Já o contratei em vários projetos ambientais.

— Um índio com esse nome?

— Ele é membro dos haidas, que vivem nas ilhas Rainha Charlotte, na Colúmbia Britânica. Quase todos adotaram nomes britânicos há muitas gerações. São excelentes pescadores e conhecem bem as águas ao redor da ilha Kunghit.

— Esse Broadmoor é pescador?

— Na verdade não. Mas é muito criativo.

— Criativo em quê?

Posey hesitou um instante, alinhou alguns papéis na escrivaninha; depois olhou para Pitt com certo constrangimento e disse:

— Mason Broadmoor esculpe totens.



Arthur Dorsett saiu do elevador particular e, como todas as manhãs, precisamente às sete horas, entrou em sua suíte de cobertura feito um touro a invadir uma arena de Sevilha, grandalhão, ameaçador, invencível. Era um homem gigantesco, e seus ombros fortes resvalaram nos batentes quando ele se curvou para passar pela porta. Tinha a constituição musculosa e peluda de um profissional de luta-livre. O cabelo claro, áspero e duro lhe cobria a cabeça como um denso espinheiro. Seu rosto avermelhado era tão feroz quanto os olhos negros, toldados por sobrancelhas espessas e cerdas. Caminhava com estranhos movimentos pendulares e mecânicos. Sua pele grosseira era curtida por longos dias ao sol, a trabalhar nas minas abertas, a orientar os garimpeiros a aumentar a produção. Um bigode enorme e recurvado para baixo lhe emoldurava os lábios sempre entreabertos, que expunham os dentes amarelecidos pelo cachimbo. Irradiando desprezo e uma suprema arrogância, Arthur Dorsett era um império em si mesmo, que não observava senão as suas próprias leis. Evitava a todo custo as luzes da ribalta, uma proeza e tanto para o dono de uma incrível riqueza e do prédio de quatrocentos milhões de dólares que construía em Sídney. Paga sem empréstimos bancários, com o dinheiro de seus próprios cofres, a majestosa torre ao estilo de Trump abrigava os escritórios dos corretores, comerciantes e mercadores de diamante, assim como os laboratórios e as oficinas de lapidação e polimento. Conhecido como um dos grandes entre os produtores de diamante, Arthur Dorsett também desempenhava um papel altamente secreto nos bastidores do mercado de gemas coloridas. Entrando na vasta ante-sala, passou por quatro secretárias sem tomar conhecimento de sua presença e foi para o escritório que ficava no centro do edifício, sem janelas que oferecessem vista panorâmica da moderna Sídney e seu porto. Eram muitos os homens que, tendo feito transações com Dorsett, teriam grande prazer em contratar um sicário que o removesse do caminho. Ele entrou por uma porta de aço no escritório, que era simples, espartano até, com paredes de dois metros de espessura. Naquela verdadeira caixa-forte de dimensões gigantescas, Dorsett dirigia os arriscados investimentos de mineração da família, bem como colecionava, e agora exibia, as maiores e mais opulentas pedras extraídas de suas minas, lapidadas em suas oficinas. Eram centenas de maravilhosas jóias expostas nas vitrines com base de veludo preto. Segundo se estimava, somente naquela sala havia diamantes no valor de um bilhão e duzentos milhões de dólares. Dorsett não precisava de régua para medir uma pedra, nem de balança para pesá-la ou de lupa para nela detectar defeitos ou escuras manchas de carvão. Não existiam olhos mais treinados no ramo. Entre todos os incríveis diamantes ali

reunidos para sua satisfação pessoal, ele sempre se aproximava e se punha a contemplar a maior e talvez mais valiosa gema do mundo. Era de grau D, sem falhas, com um brilho tremendo, transparência perfeita, forte refração e uma ardente dispersão da luz. Uma lâmpada no teto excitava um brote de fogo radiante na encantadora disposição da cor rosa-violácea da pedra. Descoberto por um trabalhador chinês em Gladiator, em 1908, era o maior diamante encontrado na ilha. Em estado bruto, pesara mil cento e trinta quilates. A lapidação o reduzira a seiscentos e vinte. Tinha um brilho esplendoroso. O Dorsett Rose, como Arthur denominou modestamente o diamante, incendiava a imaginação com idéias de romance e aventura. Seu valor era inestimável. Poucos tinham conhecimento de sua existência. E Dorsett sabia perfeitamente que no mundo existiam uns cinquenta homens dispostos a assassiná-lo a qualquer preço para se tornar proprietários da pedra.

Afastando-se da jóia com relutância, ele foi sentar-se à escrivaninha, uma gigantesca monstruosidade feita de rocha de lava e com gavetas de mogno. Apertou um botão para alertar a chefe das secretárias quanto a sua presença no escritório. Ela se fez ouvir quase imediatamente ao interfone:

— Suas filhas o estão esperando há quase uma hora. Indiferente, Dorsett respondeu com uma voz dura como os diamantes que colecionava:

— Mande as queridinhas entrar.

E, sempre divertido com as diferenças físicas e pessoais das filhas, reclinou-se na poltrona para assistir ao desfile.

Boudicca, uma gigante estatuária, entrou com passadas largas, exalando a segurança de uma tigresa a deambular num povoado desprotegido. Vinha com um casaco de tricô de malha grossa, que combinava perfeitamente com a blusa, o fuseau listrado e as botas de montaria de fino cromo. Bem mais alta do que as irmãs, raramente encontrava um homem de seu tamanho. A visão de sua beleza de amazona quase sempre inspirava expressões de assombro. Apenas ligeiramente mais baixa do que o pai, herdara-lhe os olhos negros, se bem os dela fossem mais ominosos e dissimulados do que propriamente ferozes. Não se maquiava; com os abundantes cabelos ruivos soltos, que lhe chegavam à cintura, e a bem proporcionada corpulência, com o ar de desprezo e malignidade, dominava a todos, exceto, naturalmente, o pai.

Dorsett via nela o filho que perdera. Com os anos, acabou aceitando, ainda que com resistência, o secreto estilo de vida de Boudicca, pois o que realmente lhe importava era o fato de ela ser tão determinada e inflexível quanto ele próprio.

Deirdre deu a impressão de flutuar na sala, serena e indiferente, trajando um costume vinho com jaqueta transpassada na frente, simples mas elegante. Inegavelmente charmosa, nada tinha de artificial. Sabia exatamente o que era capaz de fazer. Não havia dissimulação em seus modos. Apesar do rosto delicado e do corpo flexível, contava definitivamente com subjacentes qualidades masculinas. Como Boudicca, sentou-se numa das três cadeiras diante da escrivaninha de Dorsett.

Maeve seguiu as irmãs, caminhando com a graça do junco ao sabor da brisa leve; vestia saia azul e um blusão de zíper, da mesma cor, por cima da blusa branca de gola rulê. Seus longos cabelos loiros eram sedosos e brilhantes, sua pele estava corada e seus olhos azuis fuzilavam de raiva. Colocando-se entre as outras duas, ergueu o queixo e fitou o pai diretamente nos olhos, que refletiam intriga e corrupção.

— Quero os meus filhos! — disse. Não era um pedido, mas uma exigência.

— Sente-se, menina — ordenou Dorsett, apanhando um cachimbo de raiz de

roseira e apontando-o como se fosse uma arma.

— Não! — gritou ela. — Você seqüestrou meus filhos, e eu os quero de volta. Do contrário eu os entregarei à polícia, a você e a estas cadelas convinentes, mas não sem antes expô-los aos noticiários e aos jornais!

Ele a encarou com firmeza, avaliando calmamente o desafio. Depois, comunicou-se com a secretária.

— Ligue para Jack Ferguson. — Sorriu para Maeve. — Você se lembra de Jack não?

— Aquele gorila sádico que você denomina superintendente de minas. Que tem ele?

— Talvez lhe interesse saber. Ele está bancando a babá dos gêmeos.

O ódio que incendiava o rosto de Maeve foi substituído pelo susto.

— Não, Ferguson não!

— Um pouco de disciplina sempre faz bem a garotos nessa idade.

Ela ia dizer alguma coisa, mas o interfone tocou e Dorsett ergueu a mão, pedindo silêncio. Falou pelo telefone viva-voz.

— Jack?

Ouviu-se um ruído de equipamento pesado no fundo quando Ferguson respondeu pelo celular.

— Sou eu.

— Os meninos estão por perto?

— Sim, senhor. Estão recolhendo o esterco que caiu das carroças.

— Quero que você providencie um acidente...

— Não! — gritou Maeve. — Meu Deus, eles têm apenas seis anos! Você não pode matar seus próprios netos!

— Estava horrorizada com a expressão de absoluta indiferença de Deirdre e a frieza glacial de Boudicca.

— Não considero esses bastardos meus netos — rosnou Dorsett.

Maeve foi dominada pelo medo. Tratava-se de uma batalha impossível de vencer. Seus filhos estavam em perigo mortal, e era evidente que sua única esperança de poupá-los consistia em sujeitar-se à vontade do pai. Tinha plena e dolorosa consciência de seu desamparo. Só lhe restava tentar ganhar tempo enquanto elaborava um plano para salvar os meninos. Nada mais importava. Se ao menos tivesse conseguido explicar sua situação aflitiva ao homem da ANPS, ele poderia ter imaginado um modo de ajudá-la. Mas agora encontrava-se a milhares de quilômetros de distância. Ela se deixou cair na cadeira vazia, derrotada mas ainda desafiadora, uma tormenta de emoções a sacudi-la.

— Que quer de mim?

O pai relaxou e apertou um botão, encerrando o telefonema. As rugas profundas no canto de seus olhos se alargaram.

— Eu devia ter batido em você quando menina.

— Você bateu, querido pai. Muitas vezes, aliás.

— Agora chega de bobagem — grunhiu ele. — Quero que volte aos Estados Unidos e trabalhe na Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas. Vigie-os com cuidado. Observe seus métodos para tentar descobrir a causa das mortes inexplicáveis. Se começarem a se aproximar da resposta, faça o que puder para detê-los. Sabotagem ou assassinato, o que for preciso. Se fracassar, esses moleques sujos que você pariu no esgoto morrem. Trabalhe direito, e eles viverão bem.

— Você é louco — balbuciou ela, assombrada com o que acabava de ouvir. — É capaz de matar o sangue do seu sangue como se nada significasse...

— Ai é que você se engana, querida irmãzinha —
atalhou Boudicca.

— Vinte bilhões de dólares são muito mais do que nada.

— Que trama maluca vocês estão urdindo?

— Se não tivesse fugido, você saberia — respondeu Deirdre.

— Papai vai derrubar o mercado mundial do diamante — revelou Boudicca com
a calma de quem estivesse descrevendo um novo par de sapatos.

Maeve o mirou.

— É impossível. A De Beers e o resto do cartel jamais permitirão uma queda
drástica do preço do diamante. Dorsett pareceu crescer ainda mais atrás da
escrivadinha.

— Apesar de sua costumeira manipulação da lei de oferta e procura, dentro de
trinta dias o colapso será uma realidade. Uma onda de pedras vai invadir o
mercado a preços que qualquer criança será capaz de pagar com a mesada.

— Nem mesmo você é capaz de comandar o mercado do diamante.

— Ledo engano, minha filha — disse Dorsett em tom conspirativo.

— O preço excessivo do diamante sempre dependeu da escassez fabricada. Para
explorar o mito da raridade do diamante, a De Beers manteve os preços
elevados, comprando e armazenando a produção das novas minas do Canadá, da
Austrália e da África. Quando a Rússia abriu suas jazidas da Sibéria e encheu um
prédio de cinco andares com milhares de pedras, a De Beers não tinha como
impedi-la de inundar o mercado. Por isso eles entraram num acordo. A De Beers
concedeu um empréstimo de bilhões de dólares ao novo Estado russo e foi paga
em diamante, o que lhe permitiu manter os preços no interesse dos produtores e
dos comerciantes. São muitas as minas que o cartel comprou e em seguida
fechou, a fim de manter a produção baixa. As jazidas americanas no Estado de
Arkansas são um bom exemplo. Se exploradas, têm potencial para se tornar um
dos maiores produtores de diamante do mundo. Mas a De Beers adquiriu a
propriedade e a entregou ao Serviço de Parques americano, que só permite que
os turistas arranhem a superfície em troca de uma pequena taxa.

— Usaram o mesmo método com os proprietários de empresas de mineração,
da Tanzânia ao Brasil — acrescentou Deirdre. — Você nos ensinou muita coisa,
papai. Nós três sabemos bem como são as intrigas de bastidores do cartel do
diamante.

— Eu não — contestou Maeve. — Não sei e não quero saber. Nunca estive
interessada no comércio do diamante.

— Pena que tenha feito ouvidos moucos às lições de papai — disse Boudicca. —
Teria sido melhor para você prestar mais atenção.

— Mas, afinal, para que provocar um colapso no mercado? — perguntou Maeve.

— A queda de preços também prejudicaria a Dorsett Consolidated Mining. Que
vão lucrar com esse desastre?

— E melhor que você não saiba por enquanto — disse Dorsett, mordendo o
cachimbo vazio. — Ao contrário de Boudicca e Deirdre, você não é confiável.
Não guardaria segredo.

— Trinta dias? E esse o seu cronograma?

Dorsett encostou-se no respaldo da cadeira, cruzou as mãos enormes no peito e
fez um gesto afirmativo.

— Estou há dez anos com as equipes trabalhando em três turnos, vinte e quatro
horas por dia. Dentro de um mês, terei acumulado um estoque de mais de dois
bilhões em pedras. Com a crise econômica mundial, as vendas de diamante ao
consumidor estagnaram temporariamente. As somas fabulosas que o cartel

gastou em publicidade de nada serviram. Se minha intuição for correta, o mercado chegará ao fundo do poço trinta dias antes de voltar a subir. Eu pretendo atacar quando estiver em baixa.

— Que você anda fazendo nas minas que tem causado tanta morte nos oceanos? — quis saber Maeve.

— Há mais ou menos um ano, meus engenheiros desenvolveram uma escavadeira revolucionária, usando o ultra-som de alta energia para escavar o barro azul, que contém os maiores depósitos de diamante. Aparentemente, as rochas subterrâneas, sob as ilhas que exploramos, criam ressonâncias que se propagam nas águas próximas. Num acontecimento raro, elas convergem ocasionalmente com as ressonâncias de nossas outras minas perto da Sibéria, no Chile e no Canadá. A energia se intensifica a um nível capaz de matar animais e seres humanos. Por lamentável que seja, eu não posso permitir que esses aberrantes efeitos colaterais venham a atrapalhar meu cronograma.

— Mas você não entende? — perguntou Maeve em tom suplicante.

— Não se importa com os animais marinhos e as centenas de pessoas que tanta ambição já matou? Quantos mais terão de morrer até que a sua loucura se dê por satisfeita?

— Só vou parar depois de haver destruído o mercado do diamante - disse Dorsett friamente. Voltou-se para Boudicca. — Onde está o seu iate?

— Mandei-o à ilha Kunghit depois de desembarcar em Honolulu e voltar para cá. Meu chefe de segurança, lá, informou que a Polícia Montada canadense está ficando desconfiada. Andaram sobrevoando a ilha, tirando fotografias e fazendo perguntas aos habitantes da região. Com sua autorização, eu gostaria de ir para lá. Os seus geofísicos estão prevenindo uma nova convergência a aproximadamente quinhentos quilômetros a leste de Seattle. Preciso estar por perto a fim de remover os possíveis destroços e, assim, frustrar as investigações da Guarda Costeira norte-americana.

— Pegue o jatinho da empresa e vá para lá o mais depressa possível.

— Vocês sabem onde ocorrerão as próximas mortes? — perguntou Maeve, escandalizada. — Deviam alertar os navios, para que fiquem longe da região afetada!

— Não é muito prática a idéia de deixar que o mundo descubra o nosso segredo

— respondeu Boudicca. — Por outro lado, os cientistas de papai só podem fornecer estimativas grosseiras de onde e quando as ondas acústicas vão incidir.

Com os lábios levemente apertados, Maeve olhou para as irmãs.

— Você tiveram uma excelente idéia ao colocar Deirdre no Polar Queen para me salvar a vida.

Boudicca deu uma gargalhada.

— Você acredita nisso?

— Foi o que ela me disse.

— Eu menti para evitar que você informasse o pessoal da ANPS — disse Deirdre. — Desculpe, maninha, os engenheiros de papai cometeram um pequeno erro de cálculo quanto ao tempo. A praga acústica devia ter atingido o navio três horas antes.

— Três horas antes... — murmurou Maeve ao compreender a terrível verdade.

— Eu estaria no navio!

— E teria morrido com os outros — acrescentou Deirdre com ar decepcionado.

— Vocês queriam que eu morresse! — gemeu Maeve com uma expressão de desprezo e horror.

O pai a fitou como se estivesse examinando uma pedra retirada da mina.

— Você deu as costas a suas irmãs e a mim. Para nós, já não existia. E continua não existindo.



Um hidroavião vermelho, com as palavras Transporte de Cargas Chinook pintadas em letras maiúsculas, balançava suavemente na água, junto a uma doca de reabastecimento, nas proximidades do aeroporto Shearwater, na Colúmbia Britânica. Um homem baixo, de cabelo castanho e cara fechada, trajando um antiquado macacão de vó de couro, segurava a mangueira de gasolina num dos tanques da asa. Olhando para baixo, examinou o homem que vinha caminhando calmamente no cais, uma mochila às costas e uma enorme mala preta na mão. Vestia jeans, blusão de esquiador e trazia na cabeça um chapéu de caubói. Quando o desconhecido parou junto ao avião e olhou para cima, o piloto fez um gesto na direção do chapéu de aba larga.

— É um Stetson?

— Não. Foi fabricado pela Manny Gammage, de Austin, Texas.

O estranho examinou o hidroavião e constatou que devia ter sido construído antes de 1970.

— Um De Flavilland, não? O piloto fez que sim.

— De Havilland Beaver, um dos melhores aviões rurais já projetados.

— Velho mas muito bom.

— Fabricação canadense, 1967. Levanta mais de quatro toneladas em cem metros de água. Reverenciado como o burro de carga do norte. Há mais de cem ainda em atividade.

— Já não se vêem grandes motores radiais.

— Você é amigo de Ed Posey? — perguntou o piloto.

— Sou — respondeu Pitt sem se apresentar.

— Está ventando um pouco hoje.

— A uns vinte nós, eu diria.

— Você também pilota?

— Tenho algumas horas de vôo.

— Malcolm Stokes.

— Dirk Pitt.

— Quer dizer que está querendo ir para a baía de Black Water?

Pitt fez um gesto afirmativo.

— Ed Posey me disse que lá eu encontraria um escultor de totens chamado Mason Broadmoor.

— Eu o conheço. Sua aldeia fica na parte mais baixo da ilha Moresby, do outro lado do canal Houston Stewart para quem vem da ilha Kunghit.

— Quanto tempo de vôo?

— Uma hora e meia sobre o estreito de Hecade. Dá para chegar na hora do

almoço.

— Nada mau — sorriu Pitt.

Stokes apontou para a mala preta.

— Que está levando aí, um trombone?

— Um hidrofone. Serve para medir os sons debaixo da água.

Sem mais discussão, Stokes tapou o tanque de gasolina e voltou a enganchar a mangueira na bomba, enquanto Pitt levava seu equipamento a bordo. Depois de soltar as amarras e afastar o avião da doca, empurrando-o com o pé, Stokes entrou na cabina.

— Importa-se de viajar na frente? — perguntou.

Pitt sorriu consigo mesmo. Não havia assentos para passageiros no compartimento de carga.

— Não, tudo bem.

Pitt apertou o cinto de segurança no banco do co-piloto, enquanto Stokes ligava e aquecia o único e grande motor radial, ao mesmo tempo em que examinava os mostradores do painel. A maré vazante já tinha arrastado o aparelho a três metros da doca. Depois de verificar se não havia outros aviões ou barcos no canal, puxou o manche e decolou, inclinando o Beaver sobre a ilha Campbell e rumando para oeste. Ao subir, Pitt recordou o relatório que recebera de Hiram Yaeger ao partir de Washington.

As ilhas Rainha Charlotte eram compostas de cerca de cento e cinquenta ilhotas que se estendiam a cento e sessenta quilômetros, para o leste, paralelamente ao Canadá continental. A área total do arquipélago chegava a nove mil quinhentos e oitenta e quatro quilômetros quadrados. A população, de cinco mil, oitocentos e noventa habitantes, era constituída, em sua maior parte, de índios haidas, que invadiram as ilhas no século 18. Os haidas usavam os abundantes cedros-vermelhos para construir enormes canoas escavadas e habitações lacustres multi-familiares, sustentadas por maciças palafitas, e para esculpir maravilhosos totems, assim como máscaras, estojos e pratos. A economia se baseava na serraria, na pesca e na mineração do cobre, do carvão e do ferro. Em 1977, os pesquisadores a serviço da Dorsett Consolidated Mining Ltd. descobriram uma chaminé de kimberlito na ilha Kunghit, situada no extremo sul do arquipélago Rainha Charlotte. Ao perfurar uma escavação-teste, encontraram noventa e oito diamantes numa amostra de cinquenta e dois quilos. Embora a ilha Kunghit fizesse parte do Parque da Reserva Nacional Moresby do Sul, o governo outorgou à Dorsett Consolidated uma concessão de exploração da ilha. Dorsett desencadeou, então, uma extensiva operação de escavação e fechou a ilha a todos os visitantes e turistas. Os corretores C. Dirgo & Co., de Nova York, estimaram que a mina podia produzir uns dois bilhões de dólares em diamante.

Os pensamentos de Pitt foram interrompidos por Stokes.

— Agora que estamos longe de olhares curiosos, como posso saber se você é mesmo Dirk Pitt, da Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas?

— Você tem autoridade para perguntar?

Stokes tirou do bolso uma carteira de couro e a abriu. Pitt leu: "Real Polícia Montada do Canadá, Diretoria de Inteligência Criminal".

— Quer dizer que estou falando com o inspetor Stokes?

— Acertou.

— Que quer que eu mostre, cartões de crédito, a licença de motorista, o crachá da ANPS ou meu cartão de doador de sangue?

— Basta que responda a uma pergunta sobre um navio naufragado.

— Que navio?

— O Empress of Ireland.

Pitt afundou no banco e riu.

— Era um transatlântico da Canadian & Pacific que afundou após uma colisão com um cargueiro de carvão, no rio São Lourenço, a alguns quilômetros do povoado de Rimouski, em 1914. Morreram mais de mil pessoas, muitas delas de um contingente do Exército da Salvação que estava a caminho da Inglaterra para uma convenção. O navio encontra-se a uns cinquenta metros de profundidade. A ANPS o localizou em maio de 1989.

— Muito bem. Você deve ser quem diz que é.

— A Polícia Montada? — quis saber Pitt. — Por quê? Posey não me falou em nenhuma investigação criminal.

— A culpa não é dele. Sua solicitação para bisbilhotar a ilha Kunghit foi parar na minha mesa. Questão de rotina. Faço parte de uma equipe de cinco homens que há nove meses está de olho na mina de diamante Dorsett.

— Algum motivo particular?

— Imigração ilegal. Desconfiamos que a Dorsett leva chineses clandestinamente à ilha para trabalhar na mina.

— Por que chineses? Não podem contratar cidadãos canadenses?

— Acreditamos que a Dorsett compra mão-de-obra dos sindicatos do crime e as emprega em regime de trabalho escravo. Imagine quanto não economiza em impostos, seguro, previdência e taxas sindicais.

— Você é representante da lei canadense. Que o impede de entrar lá e examinar os documentos dos operários?

— A Dorsett subornou um monte de burocratas e parlamentares para que protegessem suas atividades. Toda vez que tentamos investigar, topamos com uma bateria de advogados caríssimos, que criam os maiores empecilhos legais. Sem provas documentais, a DIC está com as mãos amarradas.

— De onde você tirou essa idéia maluca de me usar?

— Sua chegada foi muito oportuna, senhor Pitt. Para a Polícia Montada, ao menos.

— Deixe-me adivinhar. Vocês querem que eu vá onde a Polícia Montada não se atreve a ir, certo?

— Bem, você é americano. Se for pego invadindo uma propriedade, o máximo que lhe pode acontecer é ser expulso do país. Conosco, seria um problema dos diabos. Minha equipe e eu temos de pensar em nossa aposentadoria, é claro.

— Claro — disse Pitt com sarcasmo.

— Terei muito prazer em satisfazê-lo se mudar de idéia e me mandar voltar ao aeroporto de Shearwater.

— Por mais que eu prefira trocar meu destino por uma boa pesca num rio cheio de salmões, muita gente está morrendo no mar. Vim para cá a fim de descobrir de que ponto as atividades da Dorsett Consolidated são responsáveis por isso.

— Ouvi falar no navio atingido por uma praga acústica desconhecida — disse Stokes. — Parece que estamos atrás da mesma caça por diferentes motivos.

— O importante é "cravar" Dorsett antes que morram mais inocentes.

— Posso saber qual é o seu plano?

— Nada complicado — respondeu Pitt. — Quero me infiltrar na mina, contratando Mason Broadmoor como guia. Se ele estiver de acordo.

— Se eu o conheço bem, Mason não vai deixar escapar a oportunidade. O irmão dele estava pescando perto da ilha há um ano. Uma das lanchas da segurança da Dorsett Consolidated o mandou embora. Como a família pesca nessas águas há gerações, ele se recusou a obedecer. Os caras o espancaram e incendiaram seu

barco. Quando fomos investigar, a segurança da Dorsett alegou que o barco de Broadmoor explodira e eles o haviam salvado.

— Era a palavra dele contra a de vinte.

— Eram só oito, mas foi o que aconteceu.

— Agora é a minha vez — disse Pitt com um sorriso. — Como vocês esperam que eu os ajude?

Stokes apontou pela janela para uma ilha coberta de florestas, com uma enorme cicatriz no centro.

— A ilha Kunghit. Eles abriram uma pista de pouso para o transporte de homens e material. Vou fingir que estou com uma pane no motor, e nós aterrissamos. Enquanto eu conserto o aparelho, você distrai os vigilantes com suas histórias e aventuras submarinas.

Pitt olhou para Stokes com incredulidade.

— Que acha que vai conseguir além de irritar os seguranças da Dorsett?

— Tenho bons motivos para querer pousar lá. O primeiro é permitir que as câmeras embutidas nos flutuadores tirem fotografias de perto durante a aterrissagem e a decolagem.

— Pois me parece que eles detestam visitantes inesperados. Que garantia você tem de que não vamos levar um tiro?

— Segundo — disse Stokes —, meus superiores estão justamente esperando um acontecimento desses. Então, eles poderão entrar aqui e trancafiar aqueles bastardos.

— Naturalmente.

— Terceiro: temos um agente trabalhando na mina. Talvez ele consiga nos passar informações enquanto estivermos lá.

— Você é cheio de planos diabólicos, não?

— Na pior das hipóteses, se a coisa ficar mesmo preta, informarei o pessoal da segurança que sou da Polícia Montada antes que eles nos ofereçam um cigarro e ponham venda em nossos olhos. Não são idiotas a ponto de arriscar sofrer a invasão de um pequeno exército de tiras, que vai revistar tudo em busca do cadáver de um de seus melhores homens.

— Por acaso você notificou seus superiores que vamos descer aqui?

Stokes se mostrou ofendido.

— Qualquer desaparecimento sairá nos jornais vespertinos. Para que você não se preocupe, saiba que os executivos da Dorsett têm horror à publicidade negativa.

— E quando é que vamos executar o maravilhoso plano da Polícia Montada?

Stokes apontou novamente para a ilha.

— Vou começar a descer dentro de cinco minutos.

A Pitt não restava senão acomodar-se no banco e apreciar a paisagem. Lá embaixo, avistou o enorme cone vulcânico, com sua chaminé central de terra azul, que continha o diamante bruto. Uma espécie de gigantesca ponte de vigas de aço estendia-se sobre a abertura central, com uma infinidade de cabos que erguiam e faziam descer o entulho escavado. Ao chegar ao topo, os baldes se deslocavam horizontalmente, como teleféricos, por cima das galerias, até os prédios onde os diamantes eram extraídos da escória, a qual, então, era jogada em um monte enorme, que cercava as escavações. Tal monte funcionava também como barreira artificial para dissuadir as pessoas de tentar entrar ou sair, uma realidade que a Pitt pareceu óbvia, a julgar pela total inexistência de entradas. Só havia uma, um túnel aberto para uma estrada que conduzia a um molhe numa pequena baía. Graças ao mapa, ele constatou que a baía se chamava Porto Rose. Naquele momento, um rebocador, arrastando uma

barcaça vazia, afastava-se do cais rumo ao continente.

Uma série de edifícios pré-fabricados agrupados entre o monte e a galeria pareciam ser usados como escritórios e alojamento dos mineiros. O cercado, de uns dois quilômetros de diâmetro, acomodava também uma estreita pista de pouso com um hangar. Vista do ar, a mina parecia uma gigantesca cicatriz na paisagem.

— É uma ferida enorme — comentou Pitt.

— É nessa ferida, como você diz, que nascem os sonhos.

Stokes retirou a aceleração, privando o motor de combustível, até que o enorme Pratt & Whitney R-985, de quatrocentos e cinqüenta HP, começasse a falhar e a tossir. Não tardou para que se ouvisse uma voz, pelo rádio, instando-o a afastar-se da propriedade. Ele não lhe fez caso.

— Estou com um bloqueio na injeção de combustível e preciso tomar emprestada a sua pista para um pouso de emergência. Desculpe o incômodo, mas não tenho outra saída. — E desligou o rádio.

— Você não acha horrível aparecer sem ter sido convidado? — perguntou Pitt.

Concentrado na aterrissagem, com o motor falhando, Stokes não respondeu. Baixou um par de pequenas rodas no eixo dianteiro dos dois grandes flutuadores e se alinhou com a pista. Um vento lateral colheu o avião, obrigando-o a corrigir a rota. Pitt ficou um pouco tenso ao notar que Stokes não tinha pleno controle do aparelho. O policial era razoavelmente competente, mas de modo algum um piloto habilidoso. O pouso foi brusco, cheio de solavancos.

Antes mesmo que parasse diante do hangar, o avião foi cercado por uns dez homens com fardas azuis de campanha e armados de fuzis de assalto M-16, modelo Bushmaster. Um sujeito alto e magro de trinta e poucos anos e com capacete de combate subiu num dos flutuadores e abriu a porta. Entrou no avião e foi diretamente para a cabine. Pitt notou que estava com a mão na pistola automática nove milímetros que levava no coldre.

— Você estão invadindo propriedade privada — disse com voz amigável.

— Desculpe — respondeu Stokes. — Mas o filtro de combustível entupiu. É a segunda vez este mês. E essa porcaria que andam vendendo como gasolina hoje em dia.

— Quanto tempo vai demorar para consertar isso e dar o fora?

— Vinte minutos no máximo.

— Depressa, por favor — disse o segurança. — Vocês terão de permanecer no avião.

— Posso usar o banheiro? — perguntou Pitt educadamente.

O guarda o estudou um momento, depois fez que sim.

— Fica ali no hangar. Um dos meus homens vai acompanhá-lo.

— Não imagina quanto estou agradecido — disse Pitt com expressão de alívio.

Saltou do avião e, seguido de perto por um guarda, tomou o caminho do hangar. Uma vez no interior da estrutura de metal, voltou-se, como se estivesse esperando ansiosamente que o vigilante lhe mostrasse a porta do banheiro. Era um truque; ele já imaginava qual era a porta correta, mas aquilo lhe dava um breve instante para examinar o avião ali guardado. Um Gulfstream V, a mais moderna versão dos jatinhos comerciais, um aparelho imponente. Ao contrário do antigo e cobiçado Learjet, cujo interior mal tinha espaço para que as pessoas se virassem, o G V era espaçoso, oferecia aos passageiros cômodos movimentos e altura suficiente para um grandalhão ficar em pé. Capaz de uma velocidade de novecentos e vinte e quatro quilômetros por hora a uma altitude de pouco menos de onze mil metros, com autonomia de vôo de seis mil e trezentas milhas

náuticas, a aeronave era impulsionada por um par de turbofans construído pela BMW e pela Rolls-Royce.

Dorsett não economizava em sua frota de transporte, pensou Pitt. Um avião daqueles custava mais de trinta e três milhões de dólares.

Estacionados em frente à porta principal do hangar, ameaçadores e sinistros com sua pintura azul e preta, encontravam-se dois helicópteros aparentemente robustos. Pitt os reconheceu como McDonnell Douglas 530 MD Defenders, um aparelho militar projetado para vôos silenciosos e alta estabilidade em manobras extraordinárias. Sob a fuselagem estavam instaladas duas metralhadoras 7.62 milímetros. Havia uma variedade de equipamentos de localização na parte de baixo da cabina, modelos blindados especialmente modificados para detectar contrabandistas de diamante ou quaisquer outros intrusos indesejáveis no terreno. Ao sair do banheiro, foi levado a um escritório pelo guarda. O homem de terno, à escrivania, era baixo, magro, suave, frio e absolutamente satânico. Desviando a vista do monitor de um computador, examinou Pitt com impenetráveis olhos cinzentos. Este o achou antipático e repulsivo.

— Sou John Merchant, chefe da segurança desta mina — disse com acentuado sotaque australiano. — Pode fazer o favor de me mostrar um documento?

Calado, Pitt lhe entregou a credencial da ANPS e ficou esperando.

— Dirk Pitt — disse Merchant, mastigando as palavras.

— Dirk Pitt... — repetiu. — Você não é o cara que encontrou o esconderijo de um imenso tesouro inca no deserto de Sonora há alguns anos?

— Eu era um dos membros da equipe.

— Por que veio a Kunghit?

— É melhor perguntar ao piloto. Foi ele quem aterrissou em sua preciosa mina. Eu sou apenas o passageiro.

— Malcolm Stokes é inspetor da Real Polícia Montada do Canadá. Também é membro da Diretoria de Investigação Criminal. — Merchant apontou para o computador. — A ficha dele eu já tenho. É você que me interessa.

— Você está muito bem informado — disse Pitt. — Levando em conta os seus contatos tão íntimos com o governo canadense, provavelmente já sabe que estou aqui para estudar os efeitos da poluição química na floresta de algas local e nas populações de peixes. Quer dar uma olhadela nos meus documentos?

— Já tenho cópias.

Pitt se sentiu tentado a acreditar em Merchant, mas conhecia Posey o suficiente para confiar em sua discrição. Decidiu que o homenzinho antipático estava mentindo. Era um velho truque da Gestapo fazer a vítima pensar que o inquisidor sabia tudo quanto havia para saber.

— Então para que se dá ao trabalho de me interrogar?

— Para ver se você tem o hábito de fazer afirmações inexatas.

— Sou suspeito de algum crime?

— Meu trabalho consiste em detectar e prender os contrabandistas de diamantes antes que eles vendam as pedras na Europa ou no Oriente Médio. Como você apareceu aqui sem ser convidado, preciso avaliar os seus motivos.

Pitt observou o reflexo do guarda na vidraça de um armário de vidro. Estava atrás dele, à direita, a arma automática diante do peito.

— Se você sabe quem sou e afirma ter uma documentação confiável sobre os motivos que me trouxeram às ilhas Rainha Charlotte, não é possível que me tome por um contrabandista de diamantes. — Pitt se levantou. — Gostei muito do bate-papo, mas não vejo por que continuar aqui.

— Lamento, mas você ficará temporariamente detido —

disse Merchant bruscamente.

— Você não tem autoridade para me prender.

— Como você invadiu propriedade particular sob falso pretexto, tenho o direito de cidadão de lhe dar voz de prisão.

Que droga, pensou Pitt. Se Merchant cavasse mais fundo e o vinculasse às irmãs Dorsett e ao Polar Queen, mentira alguma, por criativa que fosse, seria capaz de explicar sua presença ali.

— É Stokes? Já que você sabe que é da polícia, por que não me entrega a ele?

— Prefiro entregá-lo aos superiores dele — disse Merchant com um sorriso quase alegre. — Mas só depois de ter investigado melhor o caso.

Pitt já tinha certeza de que dificilmente sairia vivo da mina.

— Stokes tem liberdade para ir embora?

— Assim que terminar o desnecessário concerto do avião. Eu me divirto observando suas tentativas primitivas de nos espiar.

— Não preciso dizer que ele vai dar parte de minha prisão.

— Uma conclusão óbvia — disse Merchant secamente. Fora do hangar, ouviu-se o barulho de um motor de avião. Stokes estava sendo forçado a partir sem o passageiro. Pitt calculou que tinha menos de trinta segundos para agir. Vendo um cinzeiro na escrivaninha, com várias pontas de cigarro, concluiu que Merchant era fumante. E abriu os braços, num gesto de resignação.

— Já que vou ficar detido contra a minha vontade, posso ao menos fumar um cigarrinho?

— Claro que sim — disse Merchant, empurrando o cinzeiro. — Sou até capaz de acompanhá-lo.

Havia anos que Pitt deixara de fumar. Mesmo assim, fez um lento movimento, como que para tirar um maço de cigarros do bolso aberto da camisa. Cerrou o punho direito e o segurou com a mão esquerda. Então, com a rapidez de um raio, usando o impulso dos dois braços para aumentar a força do golpe, deu uma tremenda cotovelada no estômago do guarda. Ouviu-se um explosivo gemido de agonia, e o homem se dobrou.

A reação de Merchant foi admiravelmente rápida. Sacou uma pequena pistola automática nove milímetros da cinta e, com um movimento bem treinado, empurrou a trava de segurança. Porém, antes que pudesse erguer e apontar a arma, deu com o cano do fuzil automático do guarda, agora nas mãos de Pitt, assestado para o seu nariz. Era como se estivesse olhando para um túnel sem luz no fim.

Devagar, colocou a pistola na mesa.

— Isso só vai servir para piorar a sua situação — murmurou com ódio.

Pitt apanhou a pistola e a guardou no bolso do blusão.

— Desculpe não ficar para o jantar. Não quero perder o avião.

E, saindo do escritório, atravessou correndo o hangar, jogou o fuzil numa lata de lixo, passou pela porta e, diminuindo a velocidade, passou trotando pelo grupo de guardas armados. Estes fitaram-no com desconfiança, mas imaginaram que o chefe o havia autorizado a sair. Nada fizeram para detê-lo quando Stokes apertou o acelerador, e o hidroavião começou a ganhar velocidade na pista. Pitt saltou sobre um flutuador, abriu a porta apesar da pressão do vento provocado pela hélice e se jogou no compartimento de carga. Stokes ficou atônito ao vê-lo entrar na cabine e sentar-se no banco do co-piloto.

— Santo Deus! De onde você saiu? Pitt tomou fôlego.

— O trânsito estava péssimo a caminho do aeroporto.

- Eles me obrigaram a decolar sem você.
- Que aconteceu a seu agente infiltrado?
- Não apareceu. A vigilância ao redor do avião era muito rigorosa.
- Você não vai gostar de saber que o chefe da segurança da Dorsett, um baixinho nojento chamado John Merchant, tem a sua ficha completa como policial e membro da DIC.
- Lá se vai o meu disfarce de piloto — murmurou Stokes, recolocando o manche na posição normal.
- Pitt empurrou a janela lateral, pôs a cabeça para fora e olhou para trás. Os guardas corriam de um lado para outro, como formigas enlouquecidas. Depois viu algo mais, que lhe provocou um nó no estômago.
- Acho que eles ficaram zangados.
- Você disse alguma coisa que não agradou? Pitt fechou a janela.
- Não. Bati num guarda e roubei a pistola do chefe da segurança.
- Bem-feito!
- É, mas eles vêm vindo atrás de nós com um daqueles helicópteros armados.
- Eu os conheço — disse Stokes, alarmado. — São uns quarenta nós mais velozes do que esta lata velha. Vão nos alcançar muito antes que consigamos nos aproximar de Shearwater.
- Não são loucos de nos abater diante de testemunhas — disse Pitt. — A que distância fica a comunidade habitada mais próxima na ilha Moresby?
- É a aldeia de Mason Broadmoor. Fica na baía de Black Water, uns sessenta quilômetros ao norte daqui. Se conseguirmos chegar, posso pousar na água, no meio da frota de pesca do povoado.
- Sentindo uma descarga de adrenalina, Pitt pousou em Stokes um olhar fuzilante.
- Então vamos logo!



Pitt e Stokes não tardaram a compreender que, desde o começo, encontravam-se num beco sem saída. Não lhes restava senão decolar no rumo sul para, depois, descrevendo uma ampla curva de cento e oitenta graus, voltar para a ilha Moresby, no norte. O helicóptero McDonnell Douglas Defender, por sua vez, tripulado pelos seguranças da Dorsett, só precisou levantar vôo verticalmente diante do hangar e virar para o norte para já estar nos calcanhares do lento hidroavião. O velocímetro do Havilland Beaver estava marcando os cento e sessenta nós, porém Stokes sentiu-se a pilotar um planador quando cruzaram o estreito canal que separava as duas ilhas.

— Onde eles estão? — perguntou, sem tirar os olhos de uma série de colinas baixas, cobertas de cedros e pinheirais, bem à sua frente, e da água apenas cem metros abaixo.

— A quinhentos metros de nossa cauda e aproximando-se rapidamente — respondeu Pitt.

— Só um?

— Provavelmente acham tão fácil derrubar-nos que preferiram deixar o outro helicóptero lá mesmo.

— É verdade. Com o peso extra dos flutuadores e a resistência do ar, não vamos muito longe.

— Há alguma arma neste calhambeque? — quis saber Pitt.

— É contra o regulamento.

— Pena que não tenha trazido armas escondidas nos flutuadores.

— Ao contrário dos seus emissários da paz americanos, que não vêem problema em levar um arsenal na bagagem, nós não costumamos brandir armas por aí, a menos que haja uma ameaça real.

Pitt olhou para ele com incredulidade.

— E que nome você dá a esta situação?

— Uma dificuldade imprevista — respondeu Stokes com estoicismo.

— Neste caso, contra duas metralhadoras pesadas, só contamos com a pistola nove milímetros que eu roubei. Sabe que derrubei um helicóptero, há alguns anos, jogando uma balsa salva-vidas na hélice?

Stokes se voltou para mirá-lo, incapaz de acreditar em tanta calma.

— Lamento, mas só temos coletes salva-vidas no compartimento de carga.

— Eles estão se colocando a nosso estibordo para nos alvejar mais facilmente. Olhe, quando eu mandar, baixe completamente os flaps e desacelere.

— Você está querendo que eu pare a esta altitude? Nunca mais vamos sair daqui!

— Uma aterrissagem forçada nas copas das árvores é melhor do que um tiro na

cabeca e o avião explodindo em chamas.

— Eu não tinha pensado nisso.

Pitt observou atentamente quando o helicóptero azul e preto colocou-se paralelamente ao hidroavião e ali ficou, planando feito um gavião na caça de uma pombinha. Estava tão próximo que ele podia distinguir claramente a expressão do rosto do piloto e do co-piloto. Ambos sorriam. Pitt abriu a janela lateral, porém manteve a pistola escondida um pouco abaixo da borda inferior.

— Nenhuma advertência pelo rádio? — perguntou Stokes. — Não vão exigir que retornemos à mina?

— Esses caras jogam pesado. Não se atreveriam a matar um policial, a menos que tenham recebido ordens expressas de algum figurão da Dorsett Consolidated.

— Será que eles acreditam que vão escapar impunemente?

— Pois tenha certeza de que vão tentar — disse Pitt com calma, os olhos fitos no artilheiro. — Prepare-se.

Não estava otimista. Sua única vantagem, que não chegava a ser propriamente uma vantagem, era que o 530 MD Defender prestava-se mais a ataques em terra do que a combates aéreos.

Prendendo a coluna de controle entre os joelhos, Stokes segurou a alavanca dos flaps e, com a outra mão, a do acelerador. Chegou a se perguntar por que estava depositando tanta confiança naquele homem, que conhecia havia menos de duas horas. A resposta era simples. Em muitos anos de experiência na Polícia Montada, poucas vezes tinha visto alguém manter controle absoluto numa situação tão desesperadora.

— Agora! — gritou Pitt, erguendo a pistola e começando a disparar.

O policial deslocou os flaps até a posição mais baixa e retirou toda a aceleração. Sem o impulso do motor e retido pela resistência do ar contra os enormes flutuadores, o velho Beaver diminuiu subitamente a velocidade, como se tivesse mergulhado numa nuvem de goma-ará-bica. Quase no mesmo instante, ouviram-se as rajadas de uma metralhadora e o impacto das balas numa das asas. Ouviram-se também os estampidos secos da pistola automática de Pitt. Não era um combate, pensou Stokes, tentando freneticamente manter no ar o avião quase parado, era um atacante colegial a enfrentar toda a linha de defesa do time de futebol Phoenix Cardinal. Então, de repente, por algum motivo inexplicável, o tiroteio cessou. Como o nariz do avião estivesse descendo, ele empurrou o acelerador novamente para a frente, a fim de obter um mínimo controle. Olhou de relance para os lados ao nivelar a aeronave e ganhar velocidade. O helicóptero tinha mudado de rumo. Seu co-piloto estava caído para o lado no assento, atrás de vários buracos de bala na bolha plástica da cabina. Stokes se surpreendeu ao descobrir que o Beaver continuava obedecendo os comandos. O que o surpreendeu ainda mais foi a expressão de Pitt. Era de pura decepção.

— Droga! — resmungou. — Eu errei!

— De que está falando? Você atingiu o co-piloto. Com raiva de si mesmo, Pitt o encarou.

— Eu tinha apontado para o rotor.

— O seu timing foi perfeito! Como soube do instante exato para me dar o sinal e disparar?

— Foi quando o piloto parou de sorrir.

Stokes preferiu calar-se. Não podiam se considerar a salvo. A aldeia de Broadmoor ainda estava a trinta quilômetros de distância.

— Estão voltando — avisou Pitt.

— É tolice tentar o mesmo truque.

— Sem dúvida. O piloto já está contando com isso. Desta vez, você puxa a coluna de controle e eu trato de fazer o Immelmann.

— Que é isso?

Pitt olhou para ele.

— Não sabe? Pelo amor de Deus, há quanto tempo você pilota?

— Tenho vinte e uma horas de voo. É pegar ou largar.

— Oh, que fantástico! — rosnou Pitt. — Pois trate de subir, como se fosse fazer meia acrobacia aérea, compreende? Meia cambalhota. Depois, quando estiver lá em cima, dê uma pirueta de modo a acabar no sentido oposto.

— Não sei se vou conseguir.

— Diga uma coisa, a Polícia Montada não tem pilotos profissionais qualificados?

— Nenhum estava disponível para esta tarefa —

respondeu Stokes com expressão tensa. — Acha que pode atingir alguma parte vital do helicóptero desta vez?

— Só se a sorte me ajudar muito. Restam-me apenas três balas.

Não houve hesitação de parte do piloto do Defender, que se colocou em posição de ataque frontal, por cima e pelo flanco de sua desamparada presa. Uma arremetida bem planejada, que deixava a Stokes pouquíssima margem de manobra.

— Agora! — gritou Pitt. — Baixe o nariz para ganhar velocidade, depois suba e execute a acrobacia.

A inexperiência de Stokes o fez hesitar. Mal chegara ao ponto mais alto da cambalhota, para girar sobre seu próprio eixo, quando os projéteis de 7.65 milímetros começaram a perfurar a fina pele de alumínio do hidroavião. O pára-brisa se esmigalhou em mil fragmentos quando as balas atingiram o painel de controle. O piloto do helicóptero alterou seu alvo, desviando o fogo da cabina para a fuselagem. Um erro que manteve o Beaver no ar. Ele devia ter-lhe destruído o motor.

Pitt disparou os três tiros que lhe restavam e, inclinando-se para a frente, tratou de agachar-se, na esperança de se tornar um alvo menor.

Ainda que tarde, Stokes conseguiu realizar a incrível proeza de completar o Immelmann, afastando-se do helicóptero bem antes que o piloto conseguisse dar o giro de cento e oitenta graus. Pitt sacudiu a cabeça com assombro e se pôs a apalpar o corpo em busca de feridas. Fora os arranhões e os pequenos cortes provocados pelos cacos do pára-brisa, estava ileso. O hidroavião voava em linha reta, e o motor radial continuava funcionando perfeitamente, em potência máxima. Era a única parte do aparelho que não fora atingida pelas balas. Ele olhou para o canadense.

— Você está bem?

Stokes se voltou lentamente, pousando nele uns olhos vidrados.

— Acho que os filhos da puta arruinaram a minha aposentadoria — murmurou. Começou a tossir, seus lábios se tingiram do sangue, que lhe escorreu pelo queixo e foi gotejar em seu peito. E ele tombou, inconsciente.

Pitt tomou imediatamente o manche do co-piloto e descreveu uma nova curva de cento e oitenta graus, retomando o curso do povoado de Mason Broadmoor. A manobra colheu de surpresa o piloto do helicóptero, e uma chuva de balas se perdeu no ar, atrás da cauda do hidroavião. Pitt limpou o sangue que lhe escorria do supercílio e procurou avaliar os danos. A aeronave contava mais de cem perfurações, mas o sistema de controle permanecia intacto. O enorme motor 450 Wasp seguia funcionando plenamente. Que fazer agora?

O primeiro plano que lhe ocorreu foi o de tentar arremeter contra o helicóptero.

A velha tática de morrer mas levá-los junto, pensou. Contudo, não passaria de uma tentativa. O Defender era muito mais ágil no ar do que o trôpego Beaver e seus pesados flutuadores. Tratava-se de uma reprodução da luta ancestral entre o mangusto e a naja, uma guerra que o mangusto nunca deixava de vencer contra a serpente mais lenta. Só a cascavel o derrotava.

A idéia maluca que lhe passou pela mente transformou-se numa inspiração divina quando avistou uma baixa cadeia de rochedos cerca de quinhentos metros à frente, um pouco à direita. Havia uma passagem entre as rochas, em meio a uma floresta de abetos-do-canadá. Roçando as asas na ponta dos galhos mais altos, ele mergulhou entre as árvores. Qualquer um veria naquilo um ato de loucura suicida. E, de fato, o gambito desorientou o piloto do Defender, que interrompeu o terceiro ataque, limitando-se a seguir o hidroavião de cima e por trás, aguardando para assistir ao que parecia ser um desastre inevitável.

Mantendo a aceleração máxima e segurando o manche com ambas as mãos, Pitt olhou fixamente para a muralha de rochas a sua frente. Com a forte corrente de ar entrando pelo pára-brisa quebrado, foi obrigado a virar o rosto de lado para enxergar. Felizmente, o vento secou o sangue que lhe escorria do supercílio e as lágrimas que embaciavam seus olhos semicerrados. Continuou passando entre as árvores. Não podia falhar agora, não podia cometer o menor erro de cálculo. Tinha de fazer a coisa certa no momento certo. Um décimo de segundo a mais ou a menos significaria a morte.

Como que empurradas por trás, as rochas avançavam rapidamente ao encontro do avião. Pitt as podia ver claramente agora, enormes, denteadas e cinzentas com estrias pretas. Não precisou olhar para a agulha do altímetro, que marcava o zero, nem para o tacômetro já no vermelho. A velha aeronave estava se precipitando rumo à destruição a toda velocidade.

— Mais baixo! — gritou contra o vento que entrava com violência pela abertura do pára-brisa. — A dois metros! Mal teve tempo de compensar no momento em que os penhascos iam esmagá-lo. Deu um calculado puxão no manche, apenas o suficiente para erguer o nariz do avião, só o bastante para que as pontas da hélice não roçassem o topo dos rochedos. Uma questão de centímetros. Ouvia o súbito ruído do metal rasgado quando os flutuadores de alumínio se chocaram contra as pedras, desprendendo-se da fuselagem. O Beaver riscou o ar com a graça de um falcão a planar livre das correntes que o prendiam. Aliviado do peso dos volumosos flutuadores, que ficaram esmagados nas rochas, e com a resistência do ar reduzida quase à metade, o antigo aparelho se tornou mais manobrável e rápido, com uns trinta nós suplementares de velocidade. E obedeceu instantaneamente os comandos de Pitt, sem dar sinais de avaria ao devorar o ar em busca de altitude.

Agora, pensou ele com um riso satânico nos lábios, eu vou lhes mostrar o que é um Immelmann. E, levando o avião a meia acrobacia, deu meia pirueta, investindo diretamente contra o helicóptero.

— Qual é o seu último desejo, garotão? — gritou contra a ventania e o barulho do motor. — Lá vai o Barão Vermelho!

O piloto do Defender compreendeu tarde demais a intenção de Pitt. Não havia como esquivar-se, não tinha onde esconder-se. A última coisa que podia esperar era um ataque do maltratado hidroavião. Mas lá estava ele, em rota de colisão, a quase duzentos nós! Avançava, rugindo, a uma velocidade simplesmente inacreditável. Chegou a recorrer a uma série de violentas manobras, porém o piloto do velho Beaver antecipou-lhe os movimentos e continuou arremetendo. Ele voltou o nariz do helicóptero para o adversário, na furiosa tentativa de

derrubá-lo a tiros antes do choque iminente.

Pitt viu o Defender colocar-se de frente, viu o brilho dos disparos, ouviu o impacto dos projéteis no gigantesco motor radial. O óleo começou a jorrar subitamente do capô, escorrendo pelos exaustores e provocando uma densa esteira de fumaça azul atrás do avião. Ergueu a mão para se escudar do óleo quente com que o vento lhe borrifava o rosto.

A imagem que reteve na memória um milésimo de segundo antes do impacto foi a do riso de resignação estampado na face do piloto do helicóptero.

A hélice e o motor do hidroavião choçaíam-se com a cauda do helicóptero, bem atrás da cabina, numa explosão de metal e escombros que lhe destroçou o rotor traseiro. Privado de sua compensação de torque, o corpo do Defender foi violentamente jogado para o lado e se pôs a girar descontroladamente, para logo precipitar-se feito uma pedra nos quinhentos metros que o separavam do solo. A diferença dos efeitos especiais das quedas em filmes de ação, ele não se incendiou imediatamente ao se transformar numa irreconhecível massa de escombros fundidos. Passaram-se quase dois minutos até que as chamas o envolvessem e engolissem.

Os pedaços da hélice estilhaçada do Beaver se espalharam no ar como fogo de artifício. Arrojado do avião, o capô foi cair na floresta como um pássaro ferido. O motor parou, como se Pitt o tivesse desligado. Limpando o óleo dos olhos, tudo o que ele pôde ver por cima dos cabeçotes expostos foi o tapete das copas das árvores. Perdendo velocidade, o avião quase parou quando Pitt se encolheu, à espera do impacto. Como os controles ainda estivessem funcionando, tentou planar sobre os ramos mais altos. Quase conseguiu.

Mas a extremidade da asa direita colidiu com um cedro-vermelho de setenta metros, impondo à aeronave uma abrupta guinada de noventa graus. Totalmente fora de controle, o hidroavião mergulhou na massa compacta de árvores. Sua asa esquerda enroscou em outro altíssimo cedro e se partiu. Os verdes pinheiros se fecharam sobre ele, ocultando-o totalmente de quem olhasse do ar. Surgiu a sua frente o tronco de um abeto de meio metro de largura. O eixo da hélice colidiu de frente com a árvore, atravessando-a. O motor do avião foi arrancado quando a metade superior do tronco tombou sobre o aparelho, destroçando-lhe parte da cauda. O que restava do aparelho mergulhou no húmus úmido do chão da floresta e finalmente parou.

Nos minutos seguintes, o silêncio foi completo. Pitt continuou sentado, atordoado demais para se mover. Depois, olhou estonteado pela abertura que outrora fora o pára-brisa. Notou que o motor desaparecera e se perguntou vagamente onde tinha ido parar. Por fim, voltando a si, estendeu a mão para examinar Stokes. Este estremeceu num acesso de tosse, depois sacudiu debilmente a cabeça e começou a recuperar a consciência. Olhou, estonteado, por cima do painel, para os galhos de pinheiro que entravam na cabine.

— Como foi que descemos na floresta? — balbuciu.

— Você dormiu durante a melhor parte — murmurou Pitt, massageando-lhe delicadamente as escoriações.

Não precisava ter estudado oito anos de medicina para saber que Stokes morreria se não fosse levado a um hospital. Abrindo rapidamente o zíper do velho macacão de vôo, rasgou a camisa do policial e procurou o ferimento. Achou-o à esquerda do esterno, abaixo do ombro. Havia pouco sangue e o orifício era tão pequeno que foi difícil localizá-lo. Não era uma perfuração de bala. Apalpando-a com cuidado, Pitt sentiu um pontiagudo pedaço de metal. Intrigado, olhou para a moldura que antes prendia o pára-brisa. Estava irreconhecivelmente retorcida. O

impacto de um projétil lançara um estilhaço de alumínio no peito de Stokes, trespassando-lhe o pulmão esquerdo. Por um centímetro não lhe atingiu o coração.

Stokes voltou a tossir e cuspiu o sangue.

— Engraçado — murmurou —, sempre imaginei que levaria um tiro numa estrada ou num beco escuro.

— Não teve essa sorte.

— É muito grave?

— Você está com um fragmento de metal no pulmão. Dói muito?

— Está latejando um pouco.

Pitt se levantou com dificuldade e se colocou atrás do canadense.

— Agüente firme, vou tirá-lo daí.

Dez minutos depois, tinha arrombado a pontapés a amassada porta de entrada e arrastado cuidadosamente o peso morto de Stokes para fora, onde o deitou com delicadeza no solo macio. Custou-lhe muito esforço, e ele estava ofegante quando se sentou ao lado do policial para tomar fôlego. O rosto deste se contraiu várias vezes de dor, mas ele não se queixou; só deixava escapar um ou outro gemido. Já prestes a perder a consciência, fechou os olhos.

Pitt o sacudiu.

— Não vá desmaiar, compadre. Você precisa mostrar-me o caminho da aldeia de Mason Broadmoor.

Stokes abriu lentamente os olhos e fitou Pitt com curiosidade, como se estivesse lembrando alguma coisa.

— O helicóptero da Dorsett... — disse, tossindo. — Que aconteceu com os filhos da puta que estavam atirando em nós?

Pitt olhou para a fumaça que subia ao longe na floresta e sorriu.

— Viraram carne assada.



Pitt tinha imaginado que fosse chapinhar na neve de janeiro na ilha Kunghit, mas encontrou poucas manchas brancas no chão. A da última precipitação já tinha derretido. Ia arrastando Stokes num travois, uma espécie de maca utilizada pelos índios americanos. Não podia deixá-lo onde estava; carregá-lo nas costas, por outro lado, arriscava provocar-lhe hemorragia interna. Servindo-se de dois galhos e das cordas que retirou dos escombros do avião, construiu uma plataforma no centro da qual amarrou o policial. Depois, atou algumas tiras de couro a uma extremidade, prendeu-as nos ombros e começou a arrastá-lo pela floresta. As horas se passaram, o sol se pôs, a noite caiu, e ele continuou avançando na escuridão, orientando-se com a bússola que tirara do painel do avião, expediente de que havia lançado mão anos antes, numa travessia do deserto do Saara.

De vez em quando perguntava a Stokes:

— Ainda está acordado?

— Mais ou menos — respondia o canadense com voz débil.

— Estou vendo um córrego raso que vai para o oeste.

— Deve ser o riacho Wolf. Atravesse-o e vá para noroeste.

— A aldeia está muito longe?

Stokes respondeu com um rouco murmúrio:

— A dois, talvez três quilômetros.

— Continue conversando comigo, ouviu?

— Você está parecendo a minha mulher.

— É casado?

— Sou, há dez anos, com uma moça maravilhosa, que me deu cinco filhos.

Pitt ajustou as tiras, que lhe estavam machucando os ombros, e, arrastando o policial, atravessou o riacho. Avançou mais um quilômetro na floresta e chegou a uma trilha que seguia na direção que ele escolhera. Embora se estreitasse em alguns pontos, oferecia-lhe passagem relativamente livre, o que era uma verdadeira bênção depois de tanto tempo a abrir caminho na floresta cheia de espinheiros.

Em duas ocasiões pensou que tinha se perdido. Porém, insistindo em marchar vários metros na mesma direção, constatou que estava no rumo certo. Malgrado a temperatura glacial, o esforço o fazia suar. Não se atreveu a parar e descansar. Se quisesse que Stokes tornasse a ver a mulher e os cinco filhos, precisava seguir adiante. Fez questão de manter uma conversa unilateral com o policial ferido, tentando desesperadamente impedi-lo de entrar em coma devido ao choque. Concentrado na marcha, não se deu conta de nada estranho.

Stokes murmurou alguma coisa, mas Pitt não conseguiu entendê-lo. Voltando-se, aproximou o rosto e se deteve.

— Está querendo que eu pare? — perguntou. A voz de Stokes era apenas um sussurro:

— Sente o cheiro...?

— Que cheiro?

— Fumaça.

Então Pitt notou também. Respirou fundo. De algum lugar pouco adiante vinha um cheiro bom de lenha queimada. Ele estava fatigado, incrivelmente fatigado, mas, inclinando o corpo para a frente e sentindo a pressão das tiras de couro, seguiu com passos trôpegos. Não tardou a ouvir o barulho de um pequeno motor a gasolina, uma serra a cortar a madeira. O cheiro se tornou mais forte, e ele avistou a fumaça a espiralar acima da copa das árvores à luz fugidia do amanhecer. Ainda que com o coração disparado devido ao alquebramento, não podia desistir agora, que estava tão perto de seu destino.

O sol surgiu, mas permaneceu encoberto pelas nuvens cinzentas. Estava garoando quando ele chegou a uma clareira à beira-mar, que se abria num pequeno porto. Ali havia um aglomerado de casas de madeira com teto de folha corrugada. A fumaça subia das chaminés de pedra. Em diferentes partes do povoado, viam-se altos totens que representavam uma sucessão de caras humanas e de animais, umas acima das outras. Uma pequena frota de barcos de pesca oscilava mansamente junto a um molhe flutuante, as tripulações a trabalhar nos motores ou a consertar as redes. Várias crianças agrupadas numa espécie de cabana sem paredes estavam observando um homem que, com uma motosserra, esculpia um imenso tronco. Duas mulheres conversavam, estendendo a roupa no varal.

Uma delas o viu, apontou para ele e começou a gritar para os demais.

Vencido pela exaustão, Pitt caiu de joelhos, enquanto umas doze pessoas corriam a acudi-lo. Um homem de cabelo preto, comprido, muito liso, e rosto redondo ajoelhou-se a seu lado e pôs o braço em seus ombros.

— Tudo bem agora — disse, preocupado. Fez um sinal a três outros, que se haviam aproximado de Stokes, e lhes deu uma ordem. — Levem-no à casa tribal. Pitt olhou para o homem.

— Por acaso você é Mason Broadmoor?

— Eu mesmo.

— Rapaz, não imagina como estou contente por vê-lo!

— E deixou tomar o corpo exausto no chão macio.

O riso nervoso de uma menina despertou Pitt. Fatigado como estava, dormira apenas algumas horas. Abrindo os olhos, ficou um momento olhando para ela, sorriu-lhe e os fechou novamente. A garota saiu correndo, gritando pela mãe.

Ele estava numa sala aconchegante e aquecida, estendido numa cama feita de pele de urso e de lobo. Sorriu ao se lembrar de Broadmoor, no meio de um povoado indígena isolado, com pouquíssimas conveniências modernas, usando seu telefone via satélite para chamar uma ambulância que levasse Stokes a um hospital do continente.

Pitt usara o aparelho para falar com a Polícia Montada de Shearwater. Bastou-lhe mencionar o nome de Stokes para que o pusessem em contato com um tal inspetor Pendleton, que o interrogou sobre todos os detalhes do incidente iniciado na manhã anterior. Pitt terminou seu relatório, indicando ao inspetor o lugar onde perdera os flutuadores, para que a polícia tentasse recuperar as câmeras dentro deles, caso tivessem resistido ao impacto.

Um hidroavião chegou antes que ele houvesse terminado de tomar a tigela de sopa de peixe que a esposa de Broadmoor lhe ofereceu. Um médico acompanhado de dois enfermeiros examinou Stokes e garantiu que ele tinha boas chances de sobreviver. Só quando o aparelho decolou rumo ao hospital mais próximo, no continente, Pitt aceitou agradecido a cama da família Broadmoor e dormiu pesadamente.

A mulher veio da sala de estar. Calma e graciosa, corpulenta mas ágil, Irma Broadmoor tinha lindos olhos pretos e um doce sorriso nos lábios.

— Como está se sentindo, senhor Pitt? Imaginei que só fosse acordar daqui a pelo menos três horas.

Antes de empurrar as cobertas e pôr os pés descalços no chão, Pitt apalpou o corpo, verificando se ainda estava vestido.

— Desculpe ter roubado a sua cama. Ela riu seu riso leve e musical.

— É pouco mais de meio-dia, e você só se deitou às oito horas.

— Agradeço muito a sua hospitalidade.

— Você deve estar com fome. Aquela sopinha era muito pouco para um homem do seu tamanho. Que quer comer?

— Uma lata de feijão seria ótimo.

— Isso de que as pessoas, nas florestas do norte, comem feijão enlatado à roda da fogueira é pura invenção. Vou preparar um salmão grelhado. Gosta de salmão?

— Gosto muito.

— Enquanto espera, vá conversar com Mason. Está trabalhando lá fora.

Pitt calçou as meias e as botas, passou as mãos no cabelo e foi enfrentar o mundo. Encontrou Broadmoor na cabana sem paredes, cinzelando um tronco de cedro-vermelho de cinco metros de comprimento, que jazia sobre quatro pesados cavaletes. Trabalhava com um macete redondo de madeira, em forma de sino, e um cinzel côncavo chamado goiva de leque. A escultura estava no começo, e era difícil visualizar o produto acabado. As caras dos animais ainda se encontravam em estado bruto.

Broadmoor ergueu a vista quando Pitt se aproximou.

— Descansou bem?

— Eu não sabia que a pele de urso era tão macia. O índio sorriu.

— Não conte para ninguém. Do contrário, estarão extintos em menos de um ano.

— Ed Posey me contou que você esculpe totens. Nunca vi ninguém fazendo esse trabalho.

— Minha família o faz há gerações. Os totens surgiram porque os índios primitivos do noroeste não conheciam a escrita. As histórias das famílias e as lendas eram preservadas mediante símbolos, geralmente animais, esculpidos em cedro-vermelho.

— Não têm um significado religioso? Broadmoor sacudiu a cabeça.

— Nunca foram adorados como ícones de deuses. Eram simplesmente respeitados como espíritos protetores.

— Que símbolos são esses no tronco?

— É um tronco mortuário, ou o que vocês poderiam chamar de obelisco. Um totem em homenagem a meu tio, que faleceu na semana passada. Quando eu terminar, a escultura ilustrará seus emblemas pessoais, que eram a águia e o urso, e também um retrato tradicional haida do falecido. Depois, haverá uma festa, e o totem será erigido junto à casa da viúva.

— Sendo um escultor famoso, você deve ser contratado com muitos meses de antecedência.

Broadmoor deu de ombros com modéstia.

— Quase dois anos.

— Sabe por que estou aqui? — perguntou Pitt, e a súbita interrogação colheu o índio com o macete erguido, pronto para bater na goiva.

Abandonando as ferramentas, ele fez um gesto para que o americano o acompanhasse até o porto, onde pararam ao lado de um alpendre para guardar barcos que se estendia até a água. Abriu as portas e entrou. Duas pequenas lanchas flutuavam num molhe em forma de U.

— Caramba! Você pratica esqui-aquático? Broadmoor se limitou a sorrir.

Pitt examinou os dois velozes Duo 300 Wetjets fabricados pela Mastercraft Boats. As moderníssimas lanchas, com lugares para duas pessoas, estavam pintadas em cores vivas, com os símbolos animais haidas.

— Parecem que até conseguem voar.

— Na água voam. Eu envenenei os motores. Chegam a quase cinquenta nós. — Broadmoor mudou subitamente de assunto. — Ed Posey disse que você queria rondar a ilha Kunghit com um equipamento de medição acústica. Achei que estas lanchas seriam adequadas ao seu projeto.

— Seriam mesmo. Infelizmente meu hidrofone ficou muito avariado quando o avião caiu. Agora só me resta dar uma olhadela na própria mina.

— Que espera descobrir?

— O método de escavação que estão empregando para procurar o diamante.

Broadmoor apanhou um seixo e o atirou longe, no verde-escuro da água.

— A empresa tem uma pequena frota de barcos patrulhando os arredores da ilha — disse por fim. — Andam armados e costumam atacar os pescadores que se aproximam muito.

— Parece que os funcionários do governo do Canadá não me contaram tudo de que eu precisava saber — resmungou Pitt, com raiva de Posey.

— Devem ter pensado que, como tinha licença para uma pesquisa de campo, você não seria molestado pelos seguranças da mina.

— E seu irmão? Stokes me contou que o atacaram e lhe incendiaram o barco.

O índio apontou para o totem parcialmente esculpido.

— Contou-lhe também que mataram meu tio? Pitt sacudiu a cabeça lentamente.

— Não. Eu lamento.

— Encontrei o corpo boiando no mar, a oito quilômetros. Ele se amarrou a umas latas de gasolina. Mas a água estava muito fria, não resistiu. De seu barco, só achamos uma parte da casa do leme.

— Tem certeza de que foi o pessoal da Dorsett que o matou?

— Tenho — respondeu Broadmoor com ódio no olhar.

— E a polícia?

O outro sacudiu a cabeça.

O inspetor Stokes representa uma força policial apenas simbólica. Depois de encontrar uma grande jazida de diamante em Kunghit, Arthur Dorsett usou seu poder e sua riqueza para tirar, literalmente, a ilha das mãos do governo. Pouco importa que, para os haidas, ela seja território tribal sagrado. Atualmente, o meu povo está proibido de pôr os pés lá sem autorização. Sequer podem pescar a menos de quatro quilômetros de suas praias. Arriscamo-nos a ser presos pela Polícia Montada, que é paga para nos proteger.

— Agora entendo por que o chefe da segurança da mina faz tão pouco-caso da lei...

— Merchant, "John Delicadeza", como o apelidaram — disse Broadmoor com desprezo. — Você teve muita sorte de escapar. Podia ter simplesmente

desaparecido. Muitos já tentaram procurar diamantes nas proximidades da ilha. Nenhum deles voltou a ser visto.

— Os haidas se beneficiaram da riqueza do diamante?

— perguntou Pitt.

— Até agora nos deixaram de fora — respondeu Broadmoor. — Se vamos receber alguma renda, tornou-se um problema mais legal do que político. Passamos anos negociando, na tentativa de receber uma parte dos rendimentos, mas os advogados de Dorsett nos venceram na Justiça.

— Não posso acreditar que o governo canadense receba ordens de Arthur Dorsett.

— A economia do país vai mal, e os políticos fecham os olhos para o suborno e a corrupção quando vêm a possibilidade de levar dinheiro ao Tesouro. — Calou-se e fitou Pitt nos olhos, como se estivesse tentando ler alguma coisa. — Qual é o seu interesse, senhor Pitt? Está querendo fechar a mina?

Pitt fez que sim.

— Estou, desde que consiga provar que suas escavações estão provocando uma praga acústica responsável pela morte em massa de seres humanos e animais marinhos.

O índio o encarou.

— Eu vou levá-lo à mina.

Pitt avaliou rapidamente a oferta.

— Você tem esposa e filhos. É absurdo arriscar duas vidas. Deixe-me na ilha, e eu arranjo um modo de entrar na mina sem ser visto.

— Impossível. O sistema de segurança, lá, é muito sofisticado. Nem mesmo um esquilo consegue passar. Basta ver seus corpinhos espalhados no monte que rodeia a mina, assim como os de outros animais que habitavam a ilha antes que as atividades de Dorsett acabasse com o belo meio ambiente dali. E há também os cães policiais alsacianos, que conseguem farejar a centenas de metros um ladrão de diamantes.

— Mas há o túnel.

— Você não consegue atravessá-lo sozinho.

— Pior seria se sua esposa também enviuvasse.

— Você não entende — disse Broadmoor pacientemente; seus olhos fuzilavam de raiva. — A mina paga para que minha comunidade lhe forneça peixe fresco. Uma vez por semana, meus vizinhos e eu vamos a Kunghit entregar o produto de nossa pesca. No cais, carregamos o peixe em carroças e o levamos ao escritório do cozinheiro-chefe, passando pelo túnel. Ele nos serve o café da manhã, pagamos em dinheiro, muito menos do que realmente vale a pesca, e depois vamos embora. Você tem cabelo preto. Pode passar por um haida se puser roupa de pescador e mantiver a cabeça baixa. Os guardas estão mais preocupados com o diamante contrabandeado para fora da mina do que com o peixe levado para dentro. Como só entregamos e nada retiramos, não somos suspeitos.

— Não oferecem trabalho bem pago ao seu povo na mina?

Broadmoor deu de ombros.

— Esquecer como se caça e se pesca é esquecer a própria independência. O que ganhamos vendendo-lhes peixe é para construir uma nova escola para os nossos filhos.

— Há um probleminha. John Delicadeza Merchant. Nós nos conhecemos, e um não foi com a cara do outro. Ele me viu bem.

Broadmoor fez um gesto de pouco-caso.

— Que Merchant o reconheça não é problema. Ele jamais sujaria seus

caríssimos sapatos italianos no túnel ou na cozinha. Com este tempo, raramente sai do escritório.

— Não vou obter muita informação dos ajudantes de cozinha — disse Pitt. — Você conhece algum mineiro confiável que descreva os métodos de escavação? — Todos os empregados da mina são chineses trazidos ilegalmente pelos sindicatos do crime. Nenhum deles fala inglês. Sua melhor esperança é um velho engenheiro de minas, que odeia a Dorsett Consoli- dated.

— Você consegue entrar em contato com ele?

— Não sei sequer como se chama. Trabalha no turno noturno e geralmente toma o café da manhã à hora em que entregamos o peixe. Conversamos algumas vezes.

Está contrariado com as condições de trabalho. Contou que, no ano passado, mais de vinte chineses morreram na mina.

— Se eu ficar dez minutos a sós com ele, pode ser que seja de grande ajuda para solucionar o enigma acústico.

— Não posso garantir que estará lá quando formos.

— Vou arriscar — disse Pitt. — Quando vão entregar a próxima pesca?

— Os últimos barcos de nossa frota devem estar chegando daqui a algumas horas. Vamos congelar e encaixotar o peixe esta noite. Devemos estar prontos para ir à ilha Kunghit ao amanhecer.

Pitt se perguntou se estava em condições físicas e mentais de arriscar a vida novamente. Depois, lembrando-se das centenas de mortos que vira no navio, não teve a menor dúvida quanto ao que devia fazer.



Seis pequenos barcos de pesca, pintados com uma profusão de cores vivas, rumaram para o porto Rosa, os conveses carregados de caixotes cheios de peixes embalados em gelo. Os motores diesel soltaram estalidos abafados quando os hélices começaram a funcionar. Uma neblina baixa cobria a água, acinzentando-lhe o verde. O sol era um semicírculo no horizonte oriental, e o vento soprava a menos de cinco nós. As ondas não apresentavam cristas brancas; a espuma vinha do movimento dos hélices à popa das embarcações que avançavam no mar sereno.

Broadmoor se aproximou de Pitt, que estava sentado na proa, observando o mergulhar e o planar das gaivotas sobre a esteira do barco em busca de alimento fácil.

— Está na hora de representar o seu papel.

Pitt concordou com um gesto e fingiu esculpir o nariz da máscara inacabada que o haida lhe havia emprestado. Usava uma calça impermeável amarela, os suspensórios por cima do pesado suéter tricotado por Irma Broadmoor. Levava um gorro afundado até as grossas e negras sobrancelhas. Como os índios eram quase imberbes, tinha se escanhoado com cuidado. Sem erguer a vista, continuou raspando na máscara o lado sem corte da faca, ao mesmo tempo em que olhava de través para a longa doca que, longe de ser um pequeno molhe, era um verdadeiro cais para navios de grande calado, com pilares submersos, e que se tornou ainda maior quando os barcos entraram. A um lado, um alto guindaste sobre trilhos descarregava equipamento pesado de um navio. Ali estava ancorado também um iate enorme, com linhas excepcionalmente delicadas e uma superestrutura de forma globular, diferente das embarcações de luxo que Pitt conhecia. O moderníssimo casco duplo de fibra de vidro tinha sido projetado para alta velocidade e muito conforto. Tudo indicava que era capaz de singrar os mares a mais de oitenta nós. A julgar pela descrição de Giordino, devia ser o barco "da era espacial" visto afastando-se do cargueiro Mentawai. Pitt procurou o nome e o porto, normalmente pintados no costado, mas nenhuma marca estorvava a beleza do casco azul. A maioria dos proprietários se orgulhavam do nome de seu barco, pensou, assim como do porto de registro. Mas não era difícil imaginar por que Arthur Dorsett preferia não fazer publicidade daquele iate.

Com o interesse excitado, Pitt olhou diretamente para as janelas, com as cortinas fechadas. O convés parecia deserto. Não se viam tripulantes nem passageiros àquela hora da manhã. Ele estava a ponto de desviar a atenção do iate e concentrá-la nos seis ou sete guardas parados no cais quando uma porta se abriu e uma mulher saiu ao convés. Era impressionante, alta como uma amazona e

belíssima. Sacudindo a cabeça, afastou do rosto os longos cabelos avermelhados. Usava um robe curto e parecia ter acabado de sair da cama. Seus seios firmes, totalmente cobertos pela roupa, pareciam algo desproporcionais. Pitt reparou em sua aparência feroz e indomável, temível como uma tigresa a vigiar os seus domínios. Depois de percorrer a pequena frota de pesca, o olhar felino deteve-se em Pitt, que a encarava abertamente. Normalmente, ele teria se levantado, tirado o gorro e inclinado o corpo numa saudação. Porém, obrigado a representar o papel de índio, limitou-se a olhar para ela, sem mudar de expressão, e balançar a cabeça num cumprimento respeitoso. A bela moça virou o rosto, dispensando-o como se não passasse de mais uma árvore na floresta; nesse instante, um comissário fardado se aproximou dela com uma xícara de café numa bandeja de prata. Estremecendo no frio do amanhecer, ela tratou de voltar ao salão principal.

— Que mulher imponente, hein? — sorriu Broadmoor ao ver o olhar embasbacado de Pitt.

— Tenho de reconhecer que é bem diferente de todas as que conheço.

— Boudicca Dorsett, uma das filhas de Arthur. Aparece inesperadamente várias vezes por ano nesse iate chique.

Então era a terceira das irmãs, pensou Pitt. Perlmutter a descrevera fria, implacável e dura como o gelo do fundo de um glaciar. Agora, que tinha visto a terceira filha de Dorsett, ele achava difícil acreditar que Maeve saíra do mesmo ventre que gerara Deirdre e Boudicca.

— Com certeza, para exigir que seus escravos diamuzam mais e para contar os diamantes.

— Não — disse Broadmoor. — Boudicca é diretora do setor de segurança da empresa. Dizem que viaja de mina em mina, inspecionando os sistemas e o pessoal em busca de falhas.

— John Delicadeza Merchant há de estar particularmente alerta se ela estiver procurando falhas nas medidas de segurança — ponderou Pitt. — Vai fazer o possível para que seus vigilantes se mostrem em alerta, para impressionar a patroa.

— Temos de tomar o máximo cuidado — concordou o índio, apontando com o queixo para os guardas que esperavam no cais, prontos para inspecionar os barcos de pesca. — Veja só: seis homens. Nunca mandam mais de dois nas entregas de peixe. O que está com o medalhão no pescoço é o encarregado do porto. Chama-se Crutcher. É dos piores.

Pitt passou os olhos pelos seguranças, para ver se reconhecia algum dos que se haviam aglomerado ao redor do hidroavião durante sua invasão com Stokes. A maré baixa obrigou-o a olhar para cima. Estava particularmente apreensivo quanto ao guarda que derrubara no escritório de John Merchant. Por sorte, nenhum deles lhe pareceu familiar.

Traziam as armas penduradas no ombro, os canos apontados para a frente, mais ou menos na direção dos pescadores índios. Era um espetáculo de intimidação, compreendeu Pitt rapidamente. Não pretendiam baleiar ninguém diante dos marinheiros, que a tudo observavam perto do navio cargueiro. Crutcher, um jovem arrogante, de rosto frio, que não passava dos vinte e seis ou vinte e sete anos, aproximou-se da beira do cais quando Broadmoor jogou uma corda, que foi cair em suas botas.

— Olá, amigo. Pode nos amarrar?

O rapaz antipático chutou a corda de volta para o barco.

— Amarre você! — gritou.

Esse deve ter saído das Forças Especiais, pensou Pitt ao pegar a corda. E, subindo uma escada até o cais, esbarrou propositalmente em Crutcher ao enrolá-la num pequeno poste de amarração.

O rapaz não hesitou em chutá-lo. Depois, agarrando-o pelos suspensórios, sacudiu-o com violência.

— Que maneiras são essas, seu cabeça-de-bagre fedorento?

Broadmoor teve um calafrio, imaginando que Pitt certamente ia safar-se das garras do segurança e desferir-lhe um soco. Seria fatal, pois os haidas eram um povo pacífico, que não se inclinava a irritar-se facilmente. Mas Pitt não reagiu. Relaxando o corpo, esfregou o traseiro dolorido e pôs em Crutcher um olhar tranqüilo. A seguir, num gesto reverente, tirou o gorro de tricô, exibindo o cabelo preto, cujos cachos naturais tinham sido alisados com gordura. E, dando de ombros, disse:

— Foi sem querer. Desculpe.

— Eu não o conheço — disse o guarda friamente.

— Já fiz esta viagem vinte vezes — respondeu Pitt com calma. — Já o vi muitas vezes. Você se chama Crutcher. Não faz muito tempo, deu-me um soco na barriga porque eu estava descarregando o peixe muito devagar.

O guarda o examinou um momento; depois riu um riso breve de chacal.

— Se esbarrar em mim outra vez, eu lhe dou um pontapé que vai mandá-lo para o outro lado do canal. Com um olhar resignado, Pitt saltou ao convés do pesqueiro. O resto da frota estava entrando nos espaços entre os navios. Onde não havia lugar, os barcos eram amarrados uns aos outros, proa com popa, sendo que a tripulação dos mais distantes transferiam a carga para o que estava atracado no cais. Pitt se juntou aos pescadores e começou a passar caixotes de salmão para a equipe de Broadmoor, que os empilhava em reboques presos a um trator de oito rodas. O trabalho pesado não tardou a lhe provocar dores nos bíceps e nas costas, mas ele tratou de cerrar os dentes. Sabia que despertaria suspeitas se não se mostrasse capaz de erguer os engradados com a facilidade dos haidas.

Duas horas depois, os carros estavam carregados; quatro guardas e a tripulação dos pesqueiros embarcaram neles e o comboio partiu rumo ao refeitório. Detiveram-se à entrada do túnel e foram levados a uma pequena construção, onde os mandaram despir-se. Suas roupas foram revistadas e cada um foi submetido a um exame individual de raio X. Todos passaram pelo teste, com exceção de um haida que, distraidamente, levava um facão de pesca na bota.

Pitt achou estranho que, em vez de simplesmente confiscá-lo, devolveram-no, mas mandaram o índio de volta ao barco. Os demais receberam autorização para se vestir e tornaram a subir nos reboques para a viagem à área de escavações.

— Pensei que eles nos revistassem na saída, em busca de diamantes roubados — disse Pitt —, não na entrada.

— Revistam sim — explicou Broadmoor. — Vamos passar pelo mesmo procedimento na saída da mina. O raio X é para que a gente não pense em roubar um punhado de diamantes, engolindo-os.

O túnel de concreto, que penetrava o monte de refugio da mina, tinha uns cinco metros de altura por dez de largura. Era amplo o suficiente para que grandes caminhões transportassem homens e equipamento entre a mina e o cais. Com quase quinhentos metros de comprimento, era iluminado por longas fileiras de lâmpadas fluorescentes. No meio do caminho, abriam-se túneis laterais com mais ou menos a metade das dimensões da artéria principal.

— Aonde vão dar esses túneis? — Pitt perguntou a Broadmoor.

— São parte do sistema de segurança. Cercam toda a mina e estão cheios de dispositivos eletrônicos.

— Tantos guardas, tantas armas, um sistema de segurança tão sofisticado. Não é exagero? Só para impedir que uns poucos diamantes sejam tirados da propriedade?

— Não é só por isso. Não querem que os trabalhadores ilegais fujam ao continente. Faz parte do acordo com os funcionários canadenses corruptos.

Sairam do outro lado do túnel, em meio à febril atividade das operações de mineração. O trator puxou os reboques por uma estrada pavimentada, que contornava o enorme buraco aberto da cratera vulcânica, e foi parar junto a uma plataforma diante de um prédio baixo de concreto, em forma de hangar.

Um homem com uniforme branco de cozinheiro e um casaco com gola de pele abriu a porta do depósito, onde se armazenavam os produtos alimentícios, e cumprimentou Broadmoor com um aceno.

— Ainda bem que você chegou, Mason. Estávamos só com duas caixas de bacalhau.

— Trouxemos tanto peixe que seus operários vão criar escamas — respondeu o índio e, voltando-se para Pitt, baixou a voz: — Dave Anderson, o cozinheiro-chefe da mina. E boa gente, mas bebe demais.

— O frigorífico está aberto — avisou Anderson. — Mas guardem as caixas com cuidado. Da última vez, vocês misturaram salmão com linguado. Bagunçaram o meu cardápio.

— Eu lhe trouxe um presente. Cinquenta quilos de filé de alce.

— Você é gente fina, Mason. E por isso que não compro peixe congelado no continente. Quando terminarem, venham ao refeitório. O café estará esperando. Farei um cheque assim que tiver inventariado a mercadoria. Os caixotes de madeira foram empilhados no frigorífico, e os pescadores haidas, seguidos de Pitt, recolheram-se agradecidos no calor do refeitório. Em fila, receberam ovos, salsichas e panquecas. Quando estavam se servindo do café de uma gigantesca cafeteira, Pitt olhou para os homens às outras mesas. Os quatro guardas conversavam à porta, em meio a uma nuvem de fumaça de cigarros. Uns cem garimpeiros chineses do turno matinal enchiam a maior parte do salão. Dez homens, que Pitt adivinhou ser engenheiros e superintendentes, encontravam-se a uma mesa redonda colocada numa sala particular menor.

— Qual deles é o trabalhador descontente? — perguntou a Broadmoor.

O índio apontou para a porta da cozinha.

— Está a sua espera lá fora, perto dos contêineres de lixo.

Pitt o encarou.

— Como arranjo isso? Broadmoor sorriu.

— Os haidas não precisam de fibra ótica para se comunicar.

Pitt não o questionou. Tinha chegado a hora. Sem tirar os olhos dos guardas, entrou flisfarçadamente na cozinha. Nenhum dos cozinheiros ou lavadores de pratos ergueu a vista quando ele se esgueirou entre pias e fogões e desceu os degraus da porta dos fundos. Os enormes contêineres de lixo impregnavam o ar gelado de um cheiro ruim de legumes podres.

Parou ali, no frio, sem saber ao certo o que esperar.

Um homem alto saiu de trás de um contêiner e se acercou. Trajava um macacão amarelo, sujo de um barro de estranha coloração azulada, um capacete de mineiro e o rosto coberto pelo que Pitt tomou por uma máscara com filtro de ar. Trazia uma trouxa debaixo do braço.

— Ouvi dizer que você está interessado em nossas operações de mineração —

disse.

— Sim. Eu me chamo...

— Os nomes não importam. Não temos muito tempo, se é que você quer sair da ilha com a frota de pescadores.

— Desfazendo a trouxa, entregou-lhe um macacão, uma máscara de gás e um capacete. — Vista isso e venha comigo.

Pitt o obedeceu calado. Não temia uma armadilha. Os guardas podiam tê-lo prendido a qualquer momento, desde que pusera os pés no cais. Fechou cuidadosamente o zíper do macacão, prendeu sob o queixo a alça do capacete, ajustou no rosto a máscara e acompanhou o homem que, esperava, podia mostrar-lhe a origem de tantas mortes violentas.



Pitt seguiu o enigmático engenheiro de minas por uma estrada, até um moderno edifício pré-fabricado, onde uma série de elevadores transportava os empregados às escavações. Os dois maiores serviam os operários chineses, mas o menor, a um canto, era exclusivo dos funcionários graduados. Da mais recente tecnologia Otis, o ascensor se deslocava suavemente, sem ruído, sem provocar a menor sensação de queda.

— Quanto vamos descer? — perguntou Pitt, com a voz abafada pela máscara.

— Quinhentos metros — respondeu o engenheiro.

— Por que os respiradores?

— Quando o vulcão onde estamos entrou em erupção, no passado, envolveu a ilha Kunghit em pedra-pomes. A vibração resultante do processo de escavação pode levantar uma poeira que acaba com os pulmões da gente.

— É o único motivo?

— Não — respondeu o outro com franqueza. — Não quero que você veja o meu rosto. Assim, se a segurança suspeitar de mim, posso enfrentar o detector de mentiras, que o nosso chefe de segurança usa com frequência.

— John Delicadeza Merchant — sorriu Pitt.

— Você o conhece?

— Tive o prazer.

O homem deu de ombros, aceitando sem comentários a resposta.

Quando chegaram ao fim da viagem, Pitt sentiu um estranho zumbido no ouvido. Antes que tivesse tempo de perguntar o que era, o elevador parou e as portas se abriram. Ele foi conduzido por uma galeria que dava para uma plataforma de observação erguida uns cinquenta metros acima da vasta câmara de escavação. O equipamento no fundo da mina não era do tipo de maquinário que se esperava encontrar ali. Nada de vagões carregados de minério, puxados sobre trilhos por pequenos motores, nenhum "tatuzão", nenhum explosivo, nem sombra de grandes veículos a deslocar a terra. Tratava-se de uma caríssima operação, cuidadosamente projetada e organizada, controlada por computadores, na qual o trabalho humano tinha papel absolutamente secundário. A única mecanização óbvia era a gigantesca ponte, no alto, com os cabos e os baldes que erguiam à superfície o barro de rocha azul carregado de diamante e o transportavam aos prédios onde as pedras eram extraídas.

O engenheiro se voltou e, através da máscara, pousou nele os olhos verdes.

— Mason não me contou quem você é nem quem representa. E eu não quero saber. Só disse que estava tentando localizar uma onda acústica que se desloca sob a água e mata.

— É verdade. Milhares de animais marinhos e centenas de pessoas já morreram misteriosamente no mar e no litoral.

— Acha que o som tem origem aqui?

— Tenho motivos para acreditar que a mina da ilha Kunghit seja uma das quatro fontes. O engenheiro fez que sim.

— A Komadorskie, no mar de Bering, a ilha de Páscoa e a Gladiator, no mar da Tasmânia, são as outras três.

— Você adivinhou?

— Já sabia. Todas usam o mesmo equipamento de escavação de ondas ultrassônicas que temos aqui. — Fez um gesto, abrangendo a mina. — Costumávamos cavar as chaminés, na tentativa de alcançar as maiores concentrações de diamante, como garimpeiros que seguem um veio de ouro. Mas depois que os cientistas e engenheiros da Dorsett aperfeiçoaram um novo método de escavação, que produz quatro vezes mais em um terço do tempo, os antigos foram rapidamente abandonados.

Pitt se debruçou no parapeito e ficou observando as atividades no fundo da galeria. Enormes veículos robôs pareciam estar abrindo longos túneis na argila azul. Depois, veio uma estranha vibração que percorreu as pernas e o corpo de Pitt. Ele olhou, intrigado, para o engenheiro.

— A rocha e a argila que contêm o diamante são rompidas por ultra-som de alta energia. — O engenheiro se calou e apontou para uma ampla estrutura de concreto sem janelas visíveis. — Está vendo aquela construção na extremidade sul da mina?

— Pitt fez que sim. — É uma usina nuclear. Emprega uma enorme quantidade de eletricidade para produzir energia suficiente para dez a vinte impactos por segundo, que penetram e rompem o barro duro como rocha.

— O problema está equacionado.

— Como assim? — quis saber o engenheiro.

— O som gerado por seu equipamento se irradia no mar. Ao convergir com as vibrações das outras minas da Dorsett, espalhadas no Pacífico, sua intensidade cresce a ponto de matar os animais numa vasta região.

— O conceito é interessante, mas está faltando uma peça.

— Não lhe parece plausível?

O engenheiro sacudiu a cabeça.

— Por si só, a energia sonora produzida lá embaixo não mataria nem uma sardinha a três quilômetros daqui. O equipamento de perfuração a ultra-som emprega vibrações sonoras com frequência acústica de sessenta mil a oitenta mil hertz ou ciclos por segundo. Tal frequência é facilmente absorvida pelos sais do mar.

Pitt fitou os olhos do engenheiro, tentando adivinhar de onde ele era, mas, além daqueles olhos verdes e dos fios de cabelo grisalho que apareciam por baixo do capacete, só pôde constatar que o homem linha a sua altura e uns dez quilos a mais.

— Como vou saber se você não está tentando despistar?

Pitt não podia vê-lo por trás da máscara, mas teve certeza de que o desconhecido estava sorrindo.

— Venha. Vou lhe mostrar a resposta ao seu dilema. — Retornou ao elevador; porém, antes de apertar o botão, entregou a Pitt um capacete de espuma acústica. — Troque de capacete. Aperte-o bem, do contrário vai ficar com tontura. Tem um transmissor e um receptor, de modo que podemos conversar sem gritar.

— Aonde estamos indo?

— A um túnel de exploração aberto sob a mina principal. E o que permite localizar os maiores depósitos de pedras.

As portas se abriram, e eles saíram a uma galeria aberta na rocha vulcânica, sustentada por pesadas vigas. Involuntariamente, Pitt levantou as mãos e apertou os lados da cabeça. Embora os sons estivessem abafados, sentia uma estranha vibração nos tímpanos.

— Está me ouvindo bem? — perguntou o engenheiro.

— Estou — respondeu Pitt pelo pequeno microfone. — Mas há um zumbido.

— Você vai se acostumar.

— Que é isso?

— Vamos caminhar mais uns cem metros, e eu lhe mostro a peça que está faltando em seu quebra-cabeça.

Pitt seguiu o engenheiro até um túnel lateral que, à diferença do outro, não tinha traves de sustentação. A rocha vulcânica que o formava era lisa como se a tivessem polido com uma imensa perfuradora.

— Um tubo de lava de Thurston — disse. — Já vi isto na maior ilha do Havaí.

— Certas lavas como estas, de composição basáltica, formam finos fluxos, que correm lateralmente, com superfícies lisas — esclareceu o engenheiro. —

Quando a lava esfria, mais perto da superfície, a erupção profunda e quente continua subindo até fluir nas câmaras abertas e vivas ou tubos, como as chamamos. São esses bolsões de ar que vibram com as ondas de ultra-som da mina lá em cima.

— E se eu tirar o capacete?

O engenheiro sacudiu os ombros.

— Não vai gostar do resultado.

Pitt afastou dos ouvidos o capacete de espuma acústica. Em meio minuto, sentiu-se desorientado e teve de se apoiar na parede do tubo para não perder o equilíbrio. A seguir, entrou-lhe uma crescente sensação de náusea. O engenheiro se aproximou, recolocou o capacete em sua cabeça e o tomou pela cintura para que não caísse.

— Satisfeito?

A tontura e o enjôo passaram rapidamente. Pitt respirou fundo.

— Eu precisava provar esta agonia. Agora tenho uma vaga idéia do que aquela pobre gente sofreu antes de morrer.

O engenheiro o levou de volta ao ascensor.

— Uma experiência nada agradável. Quanto mais profunda é a escavação, pior. Uma vez entrei aqui sem proteção e fiquei com dor de cabeça durante uma semana.

Quando o elevador subiu, Pitt se recuperou totalmente, a não ser pelo zumbido no ouvido. Agora sabia de tudo. Conhecia a origem da praga acústica. Compreendia o seu funcionamento. Sobretudo, sabia como detê-la. E estava animadíssimo.

— Agora entendo. As câmaras de ar na lava ressoam e irradiam as vibrações sonoras de alta intensidade através da rocha até o mar, produzindo um surto incrível de energia.

— Eis a resposta. — O engenheiro tirou o capacete e passou a mão no cabelo grisalho. — A ressonância, somada à intensidade do som, cria uma energia incrível, mais do que suficiente para matar.

— Por que você arriscou o seu emprego e talvez a própria vida mostrando-me isto?

Os olhos do engenheiro brilharam, e ele enfiou as mãos no fundo dos bolsos do

macacão.

— Não gosto de trabalhar para pessoas nas quais não posso confiar. Gente como Arthur Dorsett só cria problemas e tragédias. Se tiver oportunidade de conhecê-lo, vai farejar isso. Esta atividade fede, assim como fede tudo quanto ele faz. Os pobres operários chineses são explorados até não poder mais. Embora bem alimentados, não recebem um tostão e são obrigados a trabalhar como escravos dezoito horas por dia. Morreram vinte nos últimos doze meses, sofreram acidentes porque estavam cansados demais para reagir e sair da frente do equipamento. Por que a necessidade de escavar diamantes vinte e quatro horas por dia se há no mundo um excesso dessas malditas pedras? A De Beers pode exercer um monopólio repugnante, mas é preciso lhe dar crédito. Ela retém a produção para manter os preços. Não, Dorsett deve estar com um plano diabólico para prejudicar o mercado. Eu daria um ano de salário para saber o que ele tem em mente. Você, que compreende o horror que estamos causando aqui, pode fazer alguma coisa para detê-lo antes que acabe matando mais cem inocentes.

— Que o impede de pôr a boca no mundo? — quis saber Pitt.

— Falar é bem mais fácil do que fazer. Todos os cientistas e engenheiros diretamente envolvidos com as escavações estão presos a contratos com cláusulas leoninas. Se não houver desempenho, não há pagamento. Os advogados de Dorsett levantariam uma cortina de fumaça que não conseguiremos cortar nem mesmo com raio laser, se formos processados. A mesma coisa acontecerá se a Polícia Montada descobrir a carnificina entre os operários chineses e o modo de encobri-la. Dorsett juraria não saber de nada e, com toda certeza, nos processaria a todos por conspiração. Pelo cronograma, devemos deixar a ilha dentro de um mês. Temos ordens de fechar a mina uma semana antes. Só então seremos pagos e poderemos seguir cada um o seu caminho.

— Por que não entra num barco e foge agora mesmo?

— Andei pensando na possibilidade até o superintendente-chefe tentar fazer exatamente isso — disse lentamente o engenheiro. — De acordo com as cartas que sua esposa me mandou, não chegou em casa e nunca mais foi visto.

— Dorsett joga pesado.

— Tão pesado quanto o narcotráfico da América Central.

— Por que ele vai fechar a mina se ainda está produzindo?

— Não tenho a menor idéia. Dorsett estabeleceu as datas. Evidentemente tem um plano e não pretende compartilhá-lo com seus empregados.

— Como ele sabe que nenhum de vocês vai dar com a língua nos dentes quando estiver no continente?

— Não é segredo que, se um de nós falar, todos irão parar na cadeia.

— E os operários chineses?

Sem mudar de expressão, ele olhou para Pitt por cima do respirador preso a seu rosto.

— Desconfio que serão deixados na mina.

— Enterrados?

— Dorsett não hesitaria em dar a ordem a seus cães fila.

— Você o conhece? — perguntou Pitt.

— Estive com ele uma vez e bastou. Sua filha, a Capadora, é tão ruim quanto o pai.

— Boudicca — murmurou Pitt com um leve sorriso. — O apelido dela é Capadora?

— É forte como um touro — disse o engenheiro. — Eu a vi erguer um homem de bom tamanho com um só braço.

Antes que Pitt pudesse fazer outra pergunta, o ascensor chegou à superfície e parou. O engenheiro saiu do prédio e ficou olhando para um furgão que passava. Pitt o seguiu até os fundos do refeitório e se pôs atrás dos contêineres de lixo. O engenheiro apontou para o macacão.

— O equipamento que você está usando pertence a um geólogo que está acamado, com gripe. Preciso devolvê-lo antes que dê pela falta dele.

— Ótimo — murmurou Pitt. — Provavelmente contrai a gripe pela máscara.

— Seus amigos índios já voltaram aos barcos. — O engenheiro apontou para a plataforma diante do armazém. O trator e os reboques tinham partido. — O furgão que acaba de passar pelo prédio do elevador é de transporte de pessoal. Vai voltar daqui a pouco. Chame o motorista e peça-lhe que o leve pelo túnel.

Pitt olhou para o velho engenheiro.

— Não acha que ele vai perguntar por que eu não saí com os outros haidas?

O homem tirou do bolso um caderno de anotações e um lápis, rabiscou algumas palavras, arrancou a página, dobrou-a e a entregou a Pitt.

— Dê-lhe isto. Garantirá a sua passagem em segurança. Tenho de voltar ao trabalho antes que os meninos de John Delicadeza comecem a fazer perguntas.

Pitt lhe apertou a mão.

— Estou muito agradecido. Você se arriscou revelando os segredos da Dorsett Consolidated a um desconhecido.

— Se for para evitar a morte de inocentes, qualquer risco terá valido a pena.

— Boa sorte — disse Pitt.

— Para você também. — O engenheiro começou a se afastar, mas lembrou-se de algo e se voltou. — Mais uma coisa, só por curiosidade. Ontem eu vi um helicóptero da Dorsett sair em perseguição de um hidroavião. Não voltou mais.

— Eu sei. Caiu e pegou fogo.

— Como sabe?

— Eu estava no hidroavião.

O engenheiro olhou para ele, intrigado.

— É Malcolm Stokes?

Pitt logo compreendeu que aquele era o agente infiltrado de que Stokes tinha falado.

— Um estilhaço de metal no pulmão. Mas vai viver para curtir a aposentadoria.

— Ainda bem. Malcolm é um bom sujeito. Tem uma família adorável.

— Mulher e cinco filhos — disse Pitt. — Ele me contou depois que caímos.

— E você resolveu pular no fogo outra vez?

- Não foi muito inteligente de minha parte, não acha?

O engenheiro sorriu.

— Não, acho que não.

E, voltando-se novamente, afastou-se e desapareceu no prédio do elevador.

Cinco minutos depois, chegou o furgão, e Pitt lhe fez sinal para que parasse. O motorista, com farda de segurança, olhou para ele, desconfiado.

— De onde você saiu? — perguntou.

Pitt lhe entregou o papel dobrado e deu de ombros, sem dizer uma palavra.

O motorista leu o recado, amassou-o, jogou-o no chão e fez que sim.

— Entre. Vou levá-lo até o prédio da segurança, no outro lado do túnel.

Quando o motorista fechou a porta e arrancou, Pitt se sentou atrás dele. Furtivamente, abaixou-se e pegou o papel amassado no chão.

Dizia:

Este pescador haida estava no trono quando seus amigos foram embora. Por favor, faça com que chegue ao cais antes que a frota parta.



O motorista parou o furgão em frente ao prédio da segurança, onde Pitt, pela segunda vez naquela manhã, foi explorado dos pés à cabeça pelo raio X. O médico responsável pela revista anatômica balançou a cabeça ao terminar.

— Nenhum diamante em você, garotão — disse, reprimindo um bocejo.

— Quem precisa de diamante? — resmungou Pitt com indiferença. — A gente não pode comê-los. Eles são uma maldição dos brancos. Os índios não se matam por causa dos diamantes.

— Você está atrasado, não? Faz vinte minutos que os caras da sua tribo passaram por aqui.

— Eu dormi — respondeu Pitt, vestindo-se apressadamente.

Saiu correndo rumo ao cais. Quando faltavam cinquenta metros para chegar, deteve-se. Preocupado e apreensivo, viu que a frota pesqueira haida se encontrava a quase cinco quilômetros de distância no canal. Ele estava sozinho e não tinha aonde ir.

Um grande cargueiro ancorado em frente ao iate de Dorsett acabava de descarregar. Esgueirando-se entre os contêineres retirados dos porões do navio e colocados em plataformas de madeira, Pitt tratou de se misturar aos doqueiros em atividade, na tentativa de subir a bordo. Só conseguiu colocar o pé no primeiro degrau.

— Parado aí, pescador — disse uma voz bem atrás dele.

— Perdeu o barco, não?

Sentindo um calafrio, ele se voltou lentamente. Apoiado num caixote com uma enorme bomba hidráulica, o sádico Crutcher dava baforadas numa ponta de charuto. A seu lado encontrava-se um guarda com o fuzil de assalto M-1 apontado para o corpo de Pitt. Era o que ele agredira no escritório de Merchant. E Pitt sentiu o coração disparar quando John Delicadeza Merchant em pessoa saiu de trás do guarda e olhou para ele com a fria autoridade de quem tinha pleno poder sobre a vida das pessoas.

— É, meu caro senhor Pitt, você é mesmo teimoso.

— Eu vi que era o cara que me bateu no momento em que ele subiu no furgão.

— O guarda abriu um sorriso maligno e, num movimento inesperado, golpeou-lhe a barriga com o cano da arma. — Isto é pela cotovelada que você me deu quando eu estava desprevenido.

Pitt se curvou de dor quando o metal o feriu. Depois, olhando para o sorridente segurança, disse entre os dentes:

— Quem manda ser incompetente?

O guarda ergueu a arma para bater nele outra vez, porém Merchant o conteve.

— Chega, Elmo. Você pode brincar com ele à vontade depois que nos tiver explicado sua persistente intromissão. — Olhou para Pitt. — Tenha a bondade de desculpar Elmo. Ele tem uma tendência instintiva a machucar as pessoas em que não confia.

Pitt estava tentando desesperadamente pensar num meio de escapar. Mas, a não ser que pulasse na água gelada, para morrer de hipotermia, ou — e esta era a opção mais viável — fosse transformado em comida de peixe pelo fuzil automático de Elmo, não via saída.

— Você precisa ter muita imaginação para me considerar uma ameaça — murmurou para Merchant, tentando ganhar tempo.

Despreocupado, este tirou um cigarro de uma cigarrreira de ouro e o acendeu com um isqueiro que com ela fazia jogo.

— Depois do nosso último encontro, eu o investiguei profundamente, meu caro senhor Pitt. Dizer que é uma ameaça é pouco. Você não invadiu a propriedade da Dorsett para estudar peixes e algas. Está aqui com outros e bem mais insidiosos objetivos. E é melhor que explique a sua presença em todos os detalhes, sem nenhuma resistência teatral.

— É uma pena decepcioná-lo — disse Pitt, respirando fundo. — Acho que você não vai ter tempo para mais um de seus sórdidos interrogatórios.

Merchant não se deixava enganar facilmente, mas sabia que não estava diante de um mero ladrão de diamantes. Um alarme soou em sua mente ao notar que não havia o menor vestígio de medo nos olhos do americano. Isso lhe despertou a curiosidade, embora com uma vaga sensação de desconforto.

— Confesso que esperava que você fosse capaz de oferecer coisa melhor do que um reles blefe.

Pitt olhou para o alto, escrutando o céu.

— Uma esquadrilha de caças do porta-aviões Nimitz, entupidos de misseis arterra, vai passar por cima da sua cabeça a qualquer momento.

— Acaso um burocrata de merda, de uma obscura agência do governo, tem poder de mandar um ataque em território canadense? Difícil acreditar.

— Quanto a mim, até que você tem razão. Mas meu chefe, o almirante James Sandecker, tem autoridade para ordenar um ataque aéreo.

Por um brevíssimo instante, um piscar de olhos, Pitt chegou a acreditar que Merchant ia engolir aquela. A hesitação passou pelo rosto do chefe de segurança. Depois, ele sorriu, deu uma passo à frente e, com o dorso da mão enluvada, desferiu uma traiçoeira bofetada na boca de Pitt. Este recuou aos tropeções, sentindo o sangue nos lábios.

— Vou correr o risco — disse Merchant secamente. E, com expressão de nojo, limpou a mancha de sangue em sua luva de couro. — Chega de conversa fiada. Agora você só vai falar quando eu lhe perguntar alguma coisa. E quero respostas! — Voltou-se para Crutcher e Elmo. — Levem-no ao meu escritório. Vamos continuar a discussão lá.

Crutcher colocou a palma da mão no rosto de Pitt e o empurrou com violência.

— Acho melhor ir a pé ao escritório, senhor. Um pouco de exercício pode amaciar o nosso amiguinho xereta...

— Esperem aí! — ordenou uma voz incisava no convés do iate. Debruçada na amurada, Boudicca Dorsett assistira ao drama no cais. Estava com uma blusa de gola rulê, um casaco de lã, uma saia plissada muito curta, meias de náilon brancas e um par de botas de montaria. Empurrando os longos cabelos atrás dos ombros, fez um gesto para a plataforma de embarque.

— Tragam a bordo o intruso.

Depois de trocar olhares indulgentes, Merchant e Crutcher levaram Pitt aos safunões para o iate. Elmo o atingiu uma vez mais com o cano do fuzil, desta vez nas costas, obrigando-o a entrar pela porta de teca que dava para o salão.

Boudicca estava sentada na beira de uma escrivaniinha de madeira entalhada, com tampo de mármore de Carrara. A saia lhe subira à metade das coxas. Era uma mulher robusta, quase masculina nos movimentos. Mesmo assim, exalava muita sensualidade e uma inconfundível aura de opulência e requinte. Acostumada a intimidar os homens, enrugou a testa ao notar que Pitt a avaliava clinicamente.

Uma representação de primeira, observou ele. Qualquer homem ficaria admirado e acanhado. Merchant, Crutcher e Elmo não conseguiam tirar os olhos dela. Mas Pitt se recusou a entrar no jogo. Alheio ao inegável charme de Boudicca, preferiu percorrer com os olhos a luxuosa mobília e a decoração do salão do iate.

— Bonito, isto aqui — disse, imperturbável.

— Cale a boca diante da senhorita Dorsett — rosnou Elmo, erguendo o fuzil para agredi-lo novamente.

Pitt girou sobre os calcanhares e, empurrando o fuzil, desfechou um violento soco com a outra mão, que atingiu Elmo no baixo ventre, pouco acima da virilha. O guarda deixou escapar um gemido de dor e raiva; levando ambas as mãos ao lugar atingido, dobrou o corpo e deixou cair a arma.

Antes que os outros tivessem tempo de reagir, Pitt pegou-a do chão acarpetado e a entregou ao espantado Merchant.

— Estou cansado de levar porrada desse cretino. Faça o favor de controlá-lo. — Voltou-se para Boudicca. — Sei que ainda é cedo, mas eu aceitaria um drinque. Você tem tequila a bordo desta mansão flutuante?

Boudicca permaneceu calma e reservada, olhando para Pitt com renovada curiosidade. Virou-se para Merchant.

— De onde ele veio? Quem é este homem?

— Passou pela segurança disfarçado de pescador. Na verdade, é agente americano.

— Por que se meteu na mina?

— Eu o estava levando ao meu escritório para interrogá-lo quando a senhora me chamou a bordo — respondeu Merchant.

Ela se levantou. Era mais alta do que a maioria dos homens presentes. Sua voz se tornou incrivelmente grave e sensual, e seus olhos frios se fixaram em Pitt.

— Seu nome, por favor, e que está fazendo aqui. Merchant começou a responder.

— Ele se chama...

— Eu perguntei a ele — atalhou a gigante.

— Quer dizer que você é Boudicca Dorsett? — disse Pitt, sem fazer caso da pergunta e fitando-a nos olhos.

— Agora posso dizer que conheço as três. Ela o examinou um momento.

— As três?

— As adoráveis filhas de Arthur Dorsett.

Com os olhos a fuzilar de irritação face a tanta insolência, ela estendeu as mãos, agarrou os antebraços de Pitt e, inclinando-se para a frente, empurrou-o contra a parede, comprimindo-o. Era inescrutável a expressão de seus olhos negros quando, quase encostando o rosto no dele, encarou-o sem piscar. Não disse nada; permaneceu ali, aumentando a pressão e empurrando-o para cima até que seus pés mal tocassem o fofo carpete.

Pitt resistiu, contraindo os músculos do corpo e relaxando os biceps, que pareciam estar sendo apertados por dois torninhos. Não conseguia acreditar que um homem, muito menos uma mulher, pudesse ser tão forte. Seus músculos doíam como se tivessem sido macerados. Rilhou os dentes e os lábios feridos para suportar a dor crescente. A circulação bloqueada já lhe entorpecia os braços, tornando brancas as suas mãos, quando Boudicca finalmente o soltou e retrocedeu.

— Muito bem. Agora, antes que eu resolva lhe apertar a garganta, diga quem você é e por que está espionando a mina de minha família.

Pitt permaneceu um momento imóvel, esperando que a dor diminuísse e a sensibilidade retornasse a seus braços e mãos. Estava assombrado com a força brutal daquela mulher. Por fim, ainda ofegante, falou.

— Esses são modos de tratar o homem que salvou suas irmãs da morte certa?

Ela ficou tensa e arregalou os olhos.

— De que está falando? Como conhece minhas irmãs?

— Eu me chamo Dirk Pitt — disse ele pausadamente. — Meus amigos e eu livramos Maeve de morrer congelada e Deirdre de se afogar no Antártico.

— Você? — As palavras pareciam ferver nos lábios dela.

— Você é o sujeito da Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas?

— Em pessoa.

Pitt foi até o bar com superfície de cobre, farto de bebida, e apanhou um guardanapo de coquetel para enxugar o sangue que lhe escorria do lábio cortado. Merchant e Crutcher entreolharam-se, atônitos, como se o cavalo em que tivessem apostado todas as suas economias acabasse de chegar em último lugar. Merchant olhou para Boudicca.

— Deve ser mentira.

— Quer que eu a descreva? — perguntou Pitt sem se perturbar. — Maeve é alta, loira e tem lindos olhos azuis. O tipo de moça que adora a praia e o ar livre. — Apontou para o retrato de uma jovem loira, com um vestido antigo e um diamante do tamanho de um ovo pendendo de uma corrente no pescoço. — Esta é ela.

— Errou — disse Boudicca com um sorriso de desprezo.

— Este retrato, para o seu governo, é de minha tetravó.

— Não diga — disse Pitt, fingindo indiferença e sem poder tirar os olhos da incrível semelhança da mulher no retrato com Maeve. — Deirdre, por sua vez, tem olhos castanhos, é ruiva e anda como se estivesse desfilando numa passarela. Após uma longa pausa, Boudicca murmurou:

— Ele deve ser quem diz que é.

— Isso não explica a sua presença aqui — insistiu Merchant.

— Eu já lhe disse em nosso último encontro: estou aqui para investigar os efeitos da poluição química no mar. Merchant sorriu.

— Uma história bem inventada, mas longe da verdade. Pitt conseguiu relaxar um pouco. Estava em companhia de gente perigosa, esperta e má. Sabia que em questão de minutos Boudicca desvendaria o seu jogo; contava com peças suficientes para preencher as bordas do quebra-cabeça. Por isso ponderou que controlaria melhor a situação se dissesse a verdade.

— Já que quer saber, vai saber. Estou aqui porque as vibrações de ultra-som que você usam para escavar o diamante causa uma intensa ressonância, que percorre grandes distâncias no mar. Quando as condições submarinas o permitem, essas vibrações convergem com as de suas outras minas do Pacífico, matando os organismos vivos da região. Mas é claro que não estou lhe contando

nenhuma novidade.

Conseguiu fazer com que Boudicca vacilasse. Ela o encarou como se estivesse vendo um extraterrestre descer do disco voador.

— Você até que sabe criar ficção muito bem — disse com insegurança. — Devia trabalhar no cinema.

— Já pensei nisso — respondeu Pitt. — Mas não tenho o talento de James Woods nem a aparência de Mel Gibson.

Descobriu atrás do bar, numa prateleira de vidro com fundo de espelho tingido de dourado, uma garrafa de tequila Herradura, prata, serviu-se de uma dose. Boudicca e os outros ficaram a observá-lo quando ele umedeceu com a língua a pele entre o polegar e o indicador antes de nela colocar o sal. A seguir, tomou a tequila, lambeu o sal e chupou uma fatia de limão.

— Pronto, agora estou em condições de enfrentar o dia. Como eu ia dizendo, você sabe muito mais que eu dos horrores da chamada praga acústica, senhorita Dorsett. A mesma que quase matou suas irmãs. De modo que seria tolice de minha parte pretender ensinar o padre-nosso ao vigário.

— Não tenho a menor idéia do que você está falando. — Ela se voltou para Merchant e Crutcher. — Este homem é perigoso. Uma ameaça para a Dorsett Consolidated Mining. Tirem-no de meu barco e façam com ele o que acharem melhor para assegurar que não volte a incomodar-nos.

Pitt tentou uma última cartada.

— Garret Converse, o ator, e seu junco chinês, o T'z'n-hsi. David Coperfield se orgulharia da maneira como vocês fizeram Converse, toda a tripulação e o barco desaparecer.

Não faltou a reação esperada. A força e a arrogância evaporaram; Boudicca mostrou-se subitamente perdida. Então, Pitt lançou mão de um último argumento:

— Claro que não podemos nos esquecer do Mentawai. Foi um trabalhinho porco. Você não soube calcular o tempo da explosão e acabou mandando pelos ares a equipe de abordagem do Rio Grande, que estava investigando o que lhe tinha parecido um navio abandonado. Infelizmente para você, viram seu iate fugindo do local e, mais tarde, ele foi identificado.

— Mais uma ficção delirante. — Havia sarcasmo na voz de Boudicca, porém acompanhado de uma expressão de mau agouro, que se estampava em seu rosto. — Quase fascinante, pode-se dizer. Terminou, senhor Pitt, ou vai me contar o fim da história?

— O fim? — Pitt suspirou. — Ainda não foi escrito. Mas acho que posso dizer com toda a segurança que muito em breve a Dorsett Consolidated Mining Limited será apenas uma recordação.

Tinha ido longe demais. Boudicca começou a perder o controle. Sua raiva aumentou, e, com o rosto tenso e frio, aproximou-se de Pitt.

— Ninguém pode deter meu pai. Nenhuma autoridade legal, nenhum governo. Muito menos nos próximos vinte e sete dias. Então, nós mesmos nos encarregaremos de fechar as minas.

— Por que não o fazem agora e poupam só Deus sabe quantas vidas?

— Nem um minuto antes do tempo.

— Tempo para quê?

— Pena que você não possa perguntar a Maeve.

— Por que a Maeve?

— Deirdre me contou que ela ficou muito afetuosa com o homem que a salvou.

— Ela está na Austrália — disse Pitt.

Boudicca sacudiu a cabeça e mostrou os dentes.

— Maeve está em Washington, trabalhando como agente de meu pai, fornecendo-lhe todas as informações que a ANPS colheu sobre as ondas sonoras mortais. Nada melhor do que ter um parente no campo do inimigo. Evita problemas.

— Eu a julguei mal — disse Pitt bruscamente. — Cheguei a acreditar que a proteção da vida marinha fosse a grande preocupação de sua vida.

— Toda a sua indignação moral se evaporou quando ela soube que meu pai tinha tomado seus filhos gêmeos como garantia.

— Está querendo dizer... como reféns?

A neblina começou a se dissipar. Pitt compreendeu que as maquinações de Arthur Dorsett iam muito além da mera ambição. O homem era um monstro sanguinário, um predador que não vacilava em ameaçar a própria família.

Alheia à observação de Pitt, Boudicca fez um sinal para John Merchant.

— Ele está a seu completo dispor. Faça o que quiser.

— Antes de o enterrarmos com os outros — ofereceu Crutcher com evidente ansiedade —, vamos persuadi-lo a fornecer todos os detalhes que deve ter omitido propositalmente.

— Quer dizer que vou ser torturado e depois executado?

— disse Pitt com tranquilidade, servindo-se de outra dose de tequila enquanto sua mente urdia e abandonava desesperadamente dezenas de inúteis planos de fuga.

— Você assinou sua própria sentença ao vir para cá — declarou Boudicca. — Se, como diz, os funcionários da ANPS suspeitassem que nossas operações de escavação eram responsáveis pelas ondas sonoras mortais no oceano, você não teria necessidade de vir espionar clandestinamente a nossa propriedade. A verdade é que descobriu tudo há apenas algumas horas e ainda não teve tempo de informar seus superiores em Washington. Parabéns, senhor Pitt. Ludibriar a nossa segurança e entrar na mina foi um trabalho de mestre. Não pode ter feito isso sozinho. As explicações virão quando o senhor Merchant o tiver estimulado a nos contar os seus segredinhos.

Ela me pegou, pensou Pitt, derrotado.

— Dê lembranças a Maeve e a Deirdre.

— Bobagem. Conhecendo minhas irmãs como eu conheço, as duas provavelmente já o esqueceram.

— Deirdre talvez, Maeve não. Agora que as conheço, é evidente que ela é a mais virtuosa das três.

Pitt se surpreendeu com o brilho de ódio nos olhos de Boudicca.

— Maeve é a escória. Nunca esteve próxima da família. Pitt sorriu com malícia, desafiador.

— Não é muito difícil adivinhar por quê.

Enfurecida com o riso que brincava nos olhos verdes de Pitt, Boudicca se levantou. Parecia ainda mais alta devido aos saltos das botas.

— Quando fecharmos a mina, Maeve e seus bastardinhos já terão sumido. — Girando sobre os calcanhares, olhou para Merchant. — Tire esse lixo de meu iate. Não quero mais vê-lo.

— Não vai ver, senhorita Dorsett — respondeu o segurança, fazendo um gesto para que Crutcher o levasse para fora. — Prometo que esta é a última vez em que olha para ele.

Entre os dois e com Elmo a suas costas, Pitt foi levado para o cais, rumo a um furgão que os esperava. Quando estavam passando pelos enormes contêineres de víveres e equipamento que acabavam de ser descarregados do navio, o ruidoso

tubo de escape do motor diesel de um dos guindastes em funcionamento emitiu um estampido. Quando Crutcher se contraiu de súbito, logo tombando nas tábuas do cais, Pitt girou o corpo e se agachou, em atitude defensiva; só teve tempo de ver Merchant revirar os olhos antes de cair feito um saco de areia. A alguns metros, avistou Elmo estendido no chão como o morto. E, aliás, morto estava. Toda a ação, desde o golpe mortal na nuca de Elmo até a pancada no crânio de Merchant, não durou dez segundos.

Ainda empunhando uma maciça chave inglesa de aço, Mason Broadmoor segurou o braço de Pitt com a mão esquerda.

— Pule, depressa! Confuso, Pitt hesitou.

— Pular onde?

— Na água, idiota!

Não foi preciso repetir. Bastaram cinco corridos passos para que ambos cortassem o ar e fossem cair no mar, poucos metros à frente da proa do cargueiro. A água gelada chocou todas as terminações nervosas do corpo de Pitt; logo, porém, uma descarga de adrenalina o estimulou a nadar ombro a ombro com o índio.

— E agora? — perguntou, ofegante, soltando o ar pela boca e pelas narinas enquanto sacudia a água do rosto e do cabelo.

— As lanchas — respondeu Broadmoor, assoando o nariz. — Nós as tiramos às escondidas do pesqueiro e as ocultamos debaixo do molhe.

— Elas estavam no barco? Eu não as vi...

— Um compartimento secreto que eu mesmo construí — disse o índio com um sorriso. — A gente nunca sabe quando vai precisar fugir da cidade com o xerife nos calcanhares. — Chegou a um dos Duo 300 Wetjets que estavam flutuando junto a um pilar de concreto e subiu a bordo. — Sabe pilotar lancha?

— Como se tivesse nascido numa — respondeu Pitt, subindo a bordo da outra e instalando-se rapidamente no banco.

— Se mantivermos o cargueiro entre nós e o cais, podemos ficar fora da linha de fogo dos guardas por mais de meio quilômetro.

Ligaram os motores envenenados, que rugiram como feras, e, com Broadmoor menos de um metro à frente, saíram de baixo do cais como que disparados por um canhão. Descrevendo uma curva fechada, contornaram a proa do cargueiro, usando o casco como escudo. Os motores ganharam aceleração instantaneamente. Pitt não olhou para trás. Curvando-se sobre as alavancas, apertou até o fim o gatilho do acelerador: esperava que a qualquer momento uma chuva de balas viesse salpicar a água ao seu redor. Mas a escapada foi perfeita. Já estavam longe e fora de alcance quando a equipe de segurança de John Merchant foi alertada. Pela segunda vez em praticamente dois dias, Pitt estava empreendendo uma rocambolesca fuga da mina de Dorsett, rumo à ilha de Moresby. A água passava voando num borrão verde-azulado. Na lancha, as cores vivas dos desenhos haidas brilhavam ao sol. Os sentidos de Pitt ficaram mais apurados face ao perigo, suas reações se tornaram mais velozes.

Do ar, o canal entre as ilhas parecia pouco mais que um rio largo. No mar, porém, a convidativa segurança das árvores e dos rochedos de Moresby não passava de uma mancha no horizonte.

Pitt estava admirado com a estabilidade do casco em V da Wetjet e com a potência de seu motor modificado, que, com uma rosnadura feroz e quase sem solavancos, impelia a lancha entre as ondas baixas.

Rápida e ágil, o hélice imprimia um impulso incrível. Eram verdadeiras máquinas com músculos. Ele não tinha como saber ao certo, mas acreditava que

estava a uma velocidade próxima dos sessenta nós. Era quase como viajar na água numa motocicleta de corrida. Saltando por cima da esteira de Broadmoor, Pitt se emparelhou com ele e, quando se encontravam quase lado a lado, gritou:

— Se eles vierem no nosso encaço, nós estamos fritos!

— Não se preocupe! — respondeu o índio também aos gritos. — Somos mais rápidos que suas lanchas de patrulha.

Pitt se voltou e, por cima do ombro, olhou para a ilha, que ia ficando rapidamente para trás. Praguejou ao ver o helicóptero Defender levantando vôo sobre o monte que cercava a mina. Em menos de um minuto estava atravessando o canal e iniciando a perseguição em suas esteiras.

— Mais rápidos do que o helicóptero nós não somos! — informou Pitt em voz alta.

Ao contrário do americano, que exibia uma careta de aflição, o haida se mostrava entusiasmado e contente como um garoto preparando-se para o primeiro encontro com a primeira namorada. Suas escuras feições estavam coradas de excitação. Erguendo o corpo, olhou para trás.

— Esses filhos da puta não têm a menor chance —

disse, sorrindo. — Venha na minha esteira.

Em pouco tempo alcançaram a frota de pesqueiros que retornava; contudo, Broadmoor desviou bruscamente na direção da ilha de Moresby, mantendo uma prudente distância dos barcos. O litoral estava a poucas centenas de metros, e o Defender se encontrava a cerca de um quilômetro. Ao ver as ondas erguendo-se em constante movimento e arremetendo contra as rochas de uma praia de denteados penhascos, Pitt se perguntou se Broadmoor não pretendia suicidar-se, rumando, como estava, para a furiosa rebentação. No entanto, olhando uma vez mais para o helicóptero que se acercava, preferiu depositar toda a fé no escultor de totens haida. E, apontando a proa da lancha para a popa da outra, manteve-se na espumante esteira de Broadmoor. Ambos avançaram sobre a ebulição das vagas que iam esboroar-se numa fortaleza de rochas. Pitt teve a impressão de que estavam a ponto de colidir com as pedras castigadas pela agitação do mar. Segurando com força as alavancas e firmando os pés no chão, tratou de evitar ser jogado para fora. O rumor das ondas chegou como uma trovada, e tudo o que ele conseguiu ver foi uma cortina de repuxos e espuma. Veio-lhe à mente a imagem do Polar Queen a derivar desamparado de encontro à estéril ilha rochosa da Antártida. Mas dessa vez, ele se achava a bordo de uma casca de noz, não de um transatlântico. Seguiu em frente, muito embora estivesse quase convencido de que Broadmoor tinha perdido definitivamente o juízo. O índio contornou uma gigantesca rocha. Pitt o seguiu de perto na curva, deslocando o corpo para compensar a força centrífuga, e continuou ferindo as águas em sua esteira. Foram suspensos na crista de uma gigantesca onda e tornaram a descer no vazio, para logo subir no dorso da seguinte.

O Defender estava quase sobre eles, mas o piloto ficou olhando com espanto para o rumo suicida escolhido pelos dois homens nas lanchas. Assombrado, não se lembrou de apontar e disparar as duas metralhadoras 7.62. Sem se esquecer do perigo que corria, tratou de subir verticalmente e, inclinando o aparelho, iniciou uma ampla trajetória circular. Depois de passar rapidamente por cima dos penhascos, voltou a sobrevoar o mar em busca das presas. No entanto, aqueles dez segundos tinham sido decisivos: as lanchas acabavam de desaparecer.

O instinto disse a Pitt que dali a cem metros o mar o arrojaria contra a dura muralha que se erguia a sua frente, e seria o fim de tudo. A única escolha era

tentar voltar e enfrentar o fogo do helicóptero, mas preferiu manter-se firme em seu rumo. Os episódios de sua vida começaram a passar como um filme diante de seus olhos. Então ele viu.

Uma pequena fenda na face mais baixa do penhasco se abriu subitamente como o buraco de uma agulha. Não tinha mais de dois metros. Broadmoor avançou diretamente para lá, entrou pela estreita abertura e desapareceu. Mesmo jurando que as laterais da lancha esbarrariam na entrada, Pitt o seguiu sem pestanejar e se viu repentinamente mergulhado numa gruta com teto em forma de V invertido. Pouco adiante, o índio reduziu a velocidade e parou junto a uma pequena plataforma rochosa. Desembarcou com pressa, tirou o casaco e começou a recheá-lo com as algas mortas que o mar tinha varrido para dentro da gruta. Pitt compreendeu imediatamente o astucioso plano do índio e, detendo também a sua lancha, não hesitou em imitá-lo.

Quando estavam cheios o suficiente para imitar dorsos decapitados, os casacos foram jogados na água, à entrada da gruta. Pitt e Broadmoor ficaram observando os bonecos que, arrastados de um lado para outro, foram levados pelo recuo das ondas para a agitação das águas mais distantes.

— Acha que isso vai enganá-los?

— Garanto que sim — respondeu o haida com segurança. — As saliências das rochas tornam a gruta invisível, lá de cima. — Pôs-se a escutar o barulho do helicóptero. — Aposto que em dez minutos eles estarão voltando para a mina, a fim de contar a John Delicadeza Merchant, caso ele tenha voltado a si, que nós nos arrebetamos nas pedras.

Broadmoor foi profético. O ruído do helicóptero, que ecoava no interior da gruta, começou a diminuir aos poucos e por fim desapareceu. Ele examinou os tanques de gasolina da lancha e sorriu.

— Se dirigirmos em velocidade moderada, temos combustível para chegar ao povoado.

— Proponho que fiquemos descansando até o anoitecer — disse Pitt. — Não vale a pena aparecer agora. O piloto pode estar desconfiado. Consegue navegar até lá no escuro?

— Consgo até mesmo com os olhos vendados e com uma camisa-de-força. Vamos partir à meia-noite. Estaremos na cama às três horas.

Exaustos pela excitação da veloz travessia do canal e da proximidade da morte, passaram os minutos seguintes sentados, em silêncio, a ouvir a reverberação do fragor das ondas à entrada da gruta. Finalmente, Broadmoor abriu um pequeno compartimento de sua Wetjet e pegou um cantil revestido de lona. Destampou-o e o entregou a Pitt.

— Vinho de frutas silvestres. Eu mesmo fiz. Pitt tomou um longo gole e fez uma careta.

— Você quis dizer aguardente de frutas silvestres, não?

— É verdade que é meio forte. — Sorriu quando Pitt lhe devolveu o cantil. — Encontrou o que estava procurando na mina?

— Encontrei. O engenheiro me levou à origem do problema.

— Que bom. Então valeu a pena.

— Você pagou um alto preço. Não vai mais poder vender peixe à empresa de mineração.

— Eu me sentia uma puta aceitando o dinheiro de Dorsett — disse o índio com expressão de nojo.

— Para consolá-lo, saiba que Boudicca Dorsett afirmou que seu pai pretende fechar a mina dentro de um mês.

— Se for verdade, meu povo vai ficar contente — disse Broadmoor, entregando-lhe o cantil novamente. — Merece um brinde.

— Eu tenho uma dívida com você que não posso pagar. Arriscou-se muito para me ajudar a escapar.

— Valeu a pena dar uma bordoadá na cabeça de Merchant e outra na de Crutcher — riu o haida. — Nunca me senti tão bem. Sou eu quem deve agradecer a oportunidade.

Pitt apertou a mão de Broadmoor.

— Vou sentir saudade de você.

— Vai embora?

— Preciso levar a Washington a informação que conseguimos.

— Para um cara do continente, até que você é boa gente, amigo Pitt. Se alguma vez precisar de um segundo lar, sempre será bem-vindo em nossa aldeia.

— Olhe lá, hein? — disse Pitt com ternura. — É possível que um dia eu aceite a sua oferta.

Para não correr o risco de ser descobertos pelas patrulhas de Dorsett, eles saíram da gruta muito depois do anoitecer. Broadmoor amarrou uma pequena lanterna no pescoço, de modo que ficasse pendendo a suas costas. Animado pelo vinho de frutas silvestres, Pitt foi acompanhando a pequena luz pelas ondas e ao redor das rochas; estava assombrado com a facilidade com que o índio navegava na escuridão sem cometer um erro sequer.

A idéia de Maeve forçada a servir de espiã para o pai, que lhe havia seqüestrado os filhos e a chantageava, encheu-o de raiva. Também estava sentindo uma pontada no coração, uma sensação que havia anos não experimentava. Suas emoções colidiam com a lembrança de outra mulher. Só então ele se deu conta de que era possível sentir o mesmo amor por duas mulheres diferentes, de diferentes épocas, uma viva, outra morta.

Conduzido e dilacerado por emoções conflitantes de amor e ódio e pela determinação de deter Arthur Dorsett a qualquer custo, ante quaisquer conseqüências, segurou com força as alavancas, até que as articulações de seus dedos brilhassem, brancas, à luz do quarto crescente, e seguiu a catarata da esteira de Broadmoor.



O vento nordeste vinha soprando continuamente durante quase toda a tarde. Um vento forte, embora não conseguisse erguer mais de uma ocasional crista branca nas ondas, que chegavam a um metro de altura. Trouxe uma chuva intensa, em cascadas, que reduziu a visibilidade a menos de cinco quilômetros e salpicou a água como se a superfície estivesse fervendo com milhões de arenques a debater-se.

Para um marinheiro, aquele não passava de um tempo miserável. Mas para um marujo britânico da cepa do capitão Ian Briscoe, que passara a juventude no convés de navios que percorriam infinitamente o mar do Norte, era como estar em casa. Ao contrário dos jovens oficiais, que procuravam evitar as lufadas e ficar no seco, Briscoe permanecia no tombadilho de seu barco, a recarregar o sangue nas veias, olhando por cima da proa como que esperando avistar um navio-fantasma não detectado pelos radares. Notou que o mercúrio estava constante e a temperatura, a vários graus acima de zero. Sentia-se bem no casaco impermeável, a não ser quando alguma gota de água lhe penetrava os fios da bem-aparada barba ruiva e lhe escorria pelo pescoço.

Depois de quinze dias em Vancouver, onde tinha participado de uma série de manobras com a Marinha canadense, o HMS Bridlington, um destróier tipo 42, sob o comando de Briscoe, estava retornando à Inglaterra via Hong Kong, escala obrigatória a todo navio de guerra britânico que navegasse no Pacífico. Apesar de já vencido o prazo de noventa e nove anos de concessão, e embora a colônia da Coroa Britânica tivesse sido devolvida à China em 1997, era uma questão de honra exibir ocasionalmente a Cruz de São Jorge e não deixar que os novos proprietários esquecessem quem eram os fundadores da Meca financeira da Ásia.

A porta da casa do leme se abriu e o segundo oficial, o tenente Samuel Angus, pôs metade do corpo para fora.

— Se puder se abster durante alguns minutos de desafiar o tempo, capitão, o senhor fará o favor de entrar?

— Por que não vem para fora, rapaz? — rosnou Briscoe na ventania. — Moleirões. Este é o problema dos jovens. Não passam de uns moleirões. Não sabem apreciar o tempo encoberto.

— Por favor, capitão. Detectamos uma aeronave no radar. Está se aproximando. Briscoe atravessou o tombadilho e entrou na casa do leme.

— Que há de extraordinário nisso? Pode-se dizer que é rotina. Dezenas de aeronaves sobrevoam o navio.

— Um helicóptero, senhor? A dois mil e quinhentos quilômetros do continente

americano e sem uma única embarcação militar daqui até o Havai?

— O cretino deve ter se perdido — resmungou o capitão.

— Entre em contato com o piloto e pergunte se ele solicita que lhe dêem a posição.

— Já tomei a liberdade de entrar em contato com ele, senhor — respondeu Angus. — Só fala russo.

— Quem é capaz de entendê-lo aqui?

— O tenente médico Rudolph. Ele fala russo fluentemente.

— Chame-o.

Três minutos depois, um homem baixo e loiro se apresentou a Briscoe, que estava sentado na cadeira alta de comandante, a contemplar a chuva.

— Às suas ordens, capitão.

— Há um helicóptero russo perdido na tempestade. Vá para o rádio e descubra por que está voando a esmo sobre um mar vazio.

O tenente Angus pegou um par de fones, ligou-o ao painel de comunicações e o entregou a Rudolph.

— Já está na frequência. Pode falar.

O tenente médico colocou os fones nos ouvidos e falou ao pequeno microfone. Briscoe e Angus esperaram pacientemente enquanto ele mantinha o que parecia ser uma conversa unilateral. Por fim, voltou-se para o capitão.

— O homem parece terrivelmente perturbado, quase incoerente. Pelo que entendi, vem vindo de um baleeiro russo.

— Neste caso, só está fazendo o seu trabalho. Rudolph sacudiu a cabeça.

— Ele não pára de repetir "morreu todo mundo" e pergunta se há condições de pousar no Bridlington. Se assim for, quer vir a bordo.

— Impossível — rosnou Briscoe. — Informe-o de que a Marinha Real não permite que aeronaves estrangeiras pousem nos navios de Sua Majestade.

Rudolph repetiu a mensagem exatamente quando os motores do helicóptero se tornaram audíveis e ele apareceu subitamente na chuva, uns quinhentos metros a bombordo da proa, a uma altitude não superior a vinte metros do mar.

— Droga! — A exclamação explodiu nos lábios de Briscoe. — Só me faltava um terrorista querendo explodir meu navio!

— Não costuma haver terroristas nesta parte do oceano — disse Angus.

— Sei, sei, e a Guerra Fria acabou há mais de dez anos. Já sei disso tudo.

— O que eu posso dizer é que o piloto parece apavorado — interveio Rudolph. — Não detectei nenhum sinal de ameaça em sua voz.

Briscoe ficou alguns minutos calado; depois, ligou o interfone do navio.

— Radar, vocês estão atentos?

— Sim, senhor — respondeu uma voz.

— Algum navio na região?

— Detectei uma embarcação grande e quatro menores a duzentos e setenta e dois graus, distância de noventa e cinco quilômetros.

Briscoe desligou e apertou outro botão.

— Comunicações?

— Sim, senhor.

— Veja se consegue localizar uma frota de baleeiros russos noventa e cinco quilômetros a oeste de nós. Se precisar de um intérprete, o médico do navio pode traduzir.

— Meu vocabulário de trinta palavras russas deve bastar — respondeu com bom humor o oficial de comunicações.

Briscoe olhou para Rudolph.

..Está bem. Diga-lhe que está autorizado a pousar em nosso heliporto.

O oficial médico transmitiu a mensagem. Todos ficaram observando o helicóptero mudar de curso e iniciar uma lenta aproximação da área de pouso, pouco adiante da popa, preparando-se para descer.

Aos olhos experimentados de Briscoe, o russo estava pilotando erráticamente a aeronave, incapaz de compensar o vento forte.

— O cretino está voando como se tivesse sofrido um colapso nervoso - disse. Voltou-se para Angus. —

Reduza a velocidade e mande uma comissão de recepção armada receber o visitante. — Calou-se e refletiu um pouco. — Se ele fizer um arranhão em meu navio, fuzilem-no.

Angus sorriu e, por trás do capitão, piscou para Rudolph ao mesmo tempo em que mandava o homem do leme reduzir a velocidade. Não havia insubordinação em seu humor. Briscoe era admirado por toda a tripulação como um velho e calejado lobo- do-mar, que tratava bem os seus homens e comandava com segurança o navio. Sabiam que poucas embarcações da Marinha Real contavam com capitães que preferiam cumprir seu dever no mar a receber promoções e permanecer em terra.

O visitante era uma versão menor do helicóptero russo Ka-32 Hélix, empregado em transporte de carga ligeira e operações de reconhecimento. Aquele, usado pela frota de pesca na localização de baleias, achava-se em péssimo estado de conservação. Escorria óleo do motor; a pintura da fuselagem estava toda pelada e desbotada.

Aguardando sob a proteção dos anteparos de aço, os marinheiros britânicos se encolheram quando o helicóptero lançou sinais de luz a meros três metros de altura. O piloto diminuiu cedo demais as rotações do motor, e o aparelho desceu pesadamente no deque, voltou a sacudir-se no ar, caiu com brusquidão sobre as rodas e, enfim, parou feito um vira-lata machucado, em submissa imobilidade. O piloto desligou o motor, e as hélices se detiveram devagar. Abriu a porta e, antes de se voltar para os cinco marujos que avançavam, empunhando firmemente os fuzis automáticos, olhou para a enorme cúpula do radar do Bridlington. Saltou ao deque e se deixou ficar a observá-los com curiosidade, até ser rudemente tomado pelos braços e levado por uma escotilha aberta. Os marinheiros o escoltaram por três conveses, até a larga escada de tombadilho, e pelo corredor que levava à câmara dos oficiais.

O tenente comandante Roger Avondale, primeiro-oficial do navio, tinha participado do comitê de recepção e se colocou junto ao tenente Angus. O tenente médico Rudolph esperava ao lado de Briscoe, a fim do servir de intérprete. Examinando os olhos do piloto russo, encontrou uma mistura de pavor e cansaço em suas dilatadas pupilas.

Briscoe fez um sinal para Rudolph.

— Pergunte-lhe que diabos o faz acreditar que pode pousar num navio estrangeiro quando lhe dá na telha.

— Também pode perguntar por que ninguém estava voando com ele — acrescentou Avondale. — Não me parece normal que tenha ido procurar baleias sozinho. Rudolph e o piloto iniciaram um animado diálogo, que deve ter durado uns três minutos. Por fim, o médico se voltou e disse:

— Ele se chama Fiodor Gorimikín. E piloto de uma frota de baleeiros do porto de Nicolaievsk, encarregado da localização das baleias. Segundo o seu relato, ele, o co-piloto e um observador estavam fazendo uma busca para os barcos de captura...

— Barcos de captura? — perguntou Angus.

— São navios rápidos, de uns sessenta e cinco metros de comprimento, que disparam arpões explosivos nas baleias distraídas — explicou Briscoe. — Depois, inflam de ar o corpo da baleia, para que continue fluando, e instalam nele um transmissor de rádio, que fica emitindo sinais de orientação, e vão embora para continuar a caça. Mais tarde, retornam e rebocam o animal.

— Eu tomei um aperitivo com o capitão de um navio desses há alguns anos, em Odessa — contou Avondale. — Ele me convidou a bordo. Era uma embarcação enorme, com quase duzentos metros de comprimento, totalmente auto-suficiente, com equipamento de alta tecnologia, laboratórios e até um hospital completo. São capazes de içar uma baleia azul de cem toneladas até uma rampa, retirar-lhe a gordura como a gente descasca uma banana e derretê-la num tambor rotativo. Uma vez extraído o óleo, o resto é embalado como farinha de peixe ou de ossos. O processo todo dura pouco mais de meia hora.

— Depois de ter sido caçadas até quase a extinção, é um milagre que ainda existam baleias — murmurou Angus.

— Vamos ouvir a história do homem — impacientou-se Briscoe.

— Bem, uma vez que não conseguiram localizar nenhum cardume — prosseguiu Rudolph —, retornaram ao navio-fábrica, o Aleksandr Gortchacov. Ao pousar, ele jura que encontrou morta toda a tripulação da embarcação, assim como as dos barcos de captura próximos.

— E o co-piloto é o observador?

— Ele diz que entraram em pânico.

— Aonde pretendia ir?

Rudolph interrogou o russo e traduziu a resposta:

— Até onde o combustível lhe permitisse chegar.

— Pergunte-lhe o que foi que matou seus colegas.

Após uma nova troca de palavras, Rudolph deu de ombros.

— Ele não sabe. Só pode dizer que todos estavam com expressão de agonia e pareciam ter se afogado no próprio vômito.

— A história é fantástica, para dizer o mínimo — observou Avondale.

— Se ele não estivesse com essa cara de quem saiu de um cemitério cheio de fantasmas — disse Briscoe —, eu pensaria que o homem é louco varrido.

Avondale olhou para o capitão.

— Devemos acreditar na palavra dele, senhor? Briscoe refletiu um momento; depois fez que sim.

— Acrescente dez nós e depois entre em contato com o comando da frota do Pacífico. Informe-o da situação e avise que estamos alterando nosso curso para investigar.

Antes que as ordens fossem cumpridas, uma voz familiar soou no sistema de alto-falantes:

— Tombadilha, aqui é o radar.

— Prossiga, radar — autorizou Briscoe.

— Capitão, são esses navios que o senhor nos mandou localizar.

— Sei, que há com eles?

— Bem, senhor, não estão em movimento, mas começaram a desaparecer da tela do radar.

— Seu equipamento está funcionando bem?

— Está sim, senhor. Briscoe pareceu confuso.

— Explique o que está querendo dizer com "desaparecer".

— Isso mesmo, senhor — respondeu o oficial do radar.

— Tenho a impressão de que os navios estão afundando.

Ao chegar à última posição conhecida da frota pesqueira russa, o Bridlington não encontrou nenhum navio flutuando na superfície. Briscoe ordenou uma operação de busca e, depois de navegar de um lado para outro, encontraram uma vasta camada de óleo cercada de destroços espalhados em toda parte, alguns agrupados aqui e ali. O piloto russo se aproximou correndo da amurada, apontou para um objeto na água e começou a gritar, cheio de aflição.

— Por que ele está berrando desse jeito? — Avondale perguntou a Rudolph do tombadilho.

— Está dizendo que o navio sumiu, todos os seus amigos sumiram, seu co-piloto e o observador sumiram.

— E está apontando para quê? — quis saber Briscoe. Rudolph olhou para o mar e depois se voltou para cima.

— É um colete salva-vidas com a inscrição Aleksandr Gortchacov.

— Avistei corpos flutuando — anunciou Angus, que estava olhando com o binóculo. — São quatro corpos ao todo. Mas não por muito tempo. Há barbatanas de tubarões circulando ao redor deles.

— Dê alguns tiros de Bofors nesses carneiros — ordenou Briscoe. — Quero os cadáveres intactos, para que possam ser examinados. Mande as lanchas resgatar tudo o que puder ser resgatado. Em algum lugar, hão de querer todas as evidências que pudermos colher.

Quando as metralhadoras gêmeas Bofors começaram a alvejar os tubarões, Avondale disse a Angus:

— Que coisa mais esquisita! Que terá acontecido? Angus se virou e riu para ele.

— Eu diria que, depois de terem sido caçadas durante dois séculos, as baleias finalmente conseguiram vingar-se.



Pela primeira vez em quase dois meses, Pitt estava à escrivania de seu escritório. Com o olhar distante, manuseando distraidamente a faca Sea Hawk de mergulhador que usava como corta-papel, ficou esperando calado a resposta do almirante Sandecker, sentado a sua frente.

Tinha chegado a Washington bem cedo, naquela manhã de domingo, e fora diretamente ao vazio quartel-general da ANPS, onde passou as seis horas seguintes escrevendo um detalhado relatório sobre suas descobertas na ilha Kunghit e oferecendo sugestões quanto a como lidar com o fenômeno acústico submarino. A redação do documento foi um verdadeiro anticlimax após os exaustivos rigores dos últimos dias. Agora, tinha de resignar-se a aceitar que outros homens, mais qualificados, se ocupassem do problema e tratassem de encontrar as soluções adequadas.

GiRANDO na cadeira, olhou, pela janela, para o rio Potomac, e viu Maeve no convés do Ice Hunter, com expressão de medo e desespero. Sentiu muita raiva de si mesmo por tê-la abandonado. Tinha certeza de que fora a bordo do Ice Hunter que Deirdre a havia informado do seqüestro de seus filhos. Maeve voltara-se para o único homem em quem podia confiar, e ele não tinha sido capaz de notar a sua aflição. Essa parte da história não figurava no relatório, que Sandecker naquele momento acabava de fechar e estava colocando na mesa.

— Uma proeza notável — disse. — E um milagre que você ainda esteja vivo.

— Conte-me com a ajuda de gente muito boa.

— Você e Giordino já fizeram o que podiam ter feito neste caso. Quero que tirem uns dias de férias. Vá para casa e ocupe-se de seus carros antigos.

— Não serei eu quem irá se opor a isso — sorriu Pitt, massageando os antebraços doloridos.

— A julgar pelo modo como você teve de fugir, Dorsett e suas filhas jogam mesmo pesado.

— Com exceção de Maeve. É a ovelha negra da família.

— Você já deve saber que ela está trabalhando com Roy Van Fleet em nosso departamento de biologia.

— Pesquisando os efeitos do ultra-som na vida marinha, eu sei.

Sandecker olhou para Pitt, examinando detidamente cada linha de seu rosto curtido mas ainda jovem.

— Podemos confiar nessa moça? Ela não estará passando para o pai os dados de nossas pesquisas?

Os olhos verdes de Pitt continuaram imperturbáveis.

— Ela nada tem em comum com as irmãs.

Notando que uma discussão sobre Maeve não era bem-vinda, Sandecker mudou de assunto.

— Falando nas irmãs, Boudicca Dorsett lhe deu alguma indicação de por que seu pai pretende encerrar as atividades dentro de algumas semanas?

— Nenhuma.

Pensativo, o almirante se pôs a rolar o charuto entre os dedos.

— Como Dorsett não atua em território americano, a curto prazo não temos como deter futuras matanças.

— Basta fechar uma das quatro minas para que as ondas sonoras percam a potência destrutiva.

— Estamos com as mãos atadas. A menos que se ordene um ataque de bombardeiros B-1, coisa que o presidente não vai fazer.

— Deve existir uma lei internacional que se aplique a assassinato em alto-mar.

O almirante sacudiu a cabeça.

— Nenhuma que contemple esta situação. A inexistência de uma organização internacional que imponha o cumprimento da lei favorece Dorsett. A ilha Gladiator pertence exclusivamente à família, e demoraria mais de um ano para convencer os russos a fechar a mina da Sibéria. O mesmo vale para o Chile. Enquanto Dorsett estiver subornando os altos funcionários dos governos, suas minas continuarão fazendo o que quiserem.

— E os canadenses? — perguntou Pitt. — Se lhe derem sinal verde, a Polícia Montada está disposta a fechar a ilha Kunghit amanhã mesmo, por causa do emprego de imigrantes clandestinos e do trabalho escravo por parte da Dorsett.

— É que os impediu de invadir a mina até agora?

Pitt se lembrou das palavras do inspetor Stokes sobre os burocratas e os membros do Parlamento que Dorsett tinha nas mãos.

— As mesmas barreiras: funcionários corruptos e advogados espertalhões.

— Dinheiro chama dinheiro — filosofou Sandecker. — Dorsett é muito bem financiado e organizado para tropeçar em métodos ordinários. É uma amostra incrível do poder econômico.

— Não estou acostumado a vê-lo em atitude derrotista, almirante. Duvido que esteja disposto a entregar o jogo. O olhar de Sandecker assumiu a expressão de uma serpente a preparar o bote.

— Quem falou em entregar o jogo?

Pitt adorava provocar o chefe. Não tinha acreditado um minuto sequer que ele fugiria à luta.

— Que pretende fazer?

— Como não posso ordenar uma invasão armada numa propriedade comercial, que envolveria a morte de centenas de civis inocentes, nem mandar as Forças Especiais saltar de pára-quedas e neutralizar todas as escavações de Arthur Dorsett, sou obrigado a tomar o único caminho que me resta.

— Qual seria?

— Manifestar-me publicamente — disse o almirante sem hesitar nem mudar de expressão. — A primeira coisa que vou fazer amanhã é chamar uma coletiva de imprensa e acusar Arthur Dorsett de ser o pior monstro que a humanidade já produziu depois de Átila, o huno. Revelarei as causas das mortes em massa e jogarei a culpa nele. A seguir, vou incitar alguns membros do Congresso para que pressionem o Departamento de Estado, que, por sua vez, pressionará os governos do Chile, do Canadá e da Rússia para que proíbam todas as atividades da Dorsett em seu território. Depois, vamos esperar para ver no que dá.

Pitt fitou Sandecker, admirado, e sorriu. O almirante estava navegando em águas

turbulentas sem dar a mínima para os torpedos ou as conseqüências.

— Vai ser o diabo se ele se voltar contra o senhor.

— Desculpe a minha bravata. Você sabe tanto quanto eu que não vai haver nenhuma coletiva. Sem provas concretas e evidentes, tudo o que eu conseguiria seria uma vaga no hospício mais próximo. Pessoas como Arthur Dorsett se auto-regeneram. Não é fácil destruí-las. São criadas por um sistema de ambições que conduz diretamente ao poder. O mais patético é que essa gente não sabe como gastar sua fortuna nem está disposta a dar alguma coisa aos necessitados. — O almirante fez uma pausa e acendeu o charuto com um gesto teatral. — Não sei como, mas juro pela Constituição que vou cravar esse canalha quando ele menos esperar.

Maeve se fez bonita apesar do sofrimento. No princípio, chorava muito quando estava a sós na casinha colonial de Georgetown, que os auxiliares de seu pai haviam alugado. O medo lhe maltratava o coração toda vez que pensava no que podia estar acontecendo aos filhos na ilha Gladiator. Queria correr ao encontro deles e levá-los a um lugar seguro, mas era impotente. Sonhava sempre com os dois. Tais sonhos, porém, se convertiam em pesadelos quando ela acordava. Não tinha a mais remota esperança de combater os ilimitados recursos de seu pai. Mesmo sem jamais tê-los detectado, sabia que os guarda-costas do velho Dorsett controlavam cada movimento seu.

Roy Van Fleet e a esposa, Robin, que a haviam acolhido sob a sua proteção, convidaram-na a uma festa oferecida pelo rico proprietário de uma empresa de exploração submarina. Maeve não estava com a menor vontade de ir, porém Robin insistiu muito; sem sequer imaginar o tormento pelo qual a pobre moça estava passando, recusou-se a aceitar uma resposta negativa e teimou em que ela precisava distrair-se um pouco.

— Haverá punhados de ricos influentes e políticos — argumentou. — Não podemos faltar.

Depois de maquiar-se e prender firmemente o cabelo num coque, Maeve pôs um vestido de chiffon de seda marrom, todo bordado no peito, que lhe chegava bem acima dos joelhos. Uma extravagância que se havia permitido em Sídney e que, à época, lhe pareceu chique. Agora, não tinha tanta certeza. Sentia-se acanhada ante a idéia de exibir tanta perna numa recepção em Washington.

— Ora, que se dane — disse diante do espelho de corpo inteiro. — Ninguém me conhece mesmo.

Olhou pela janela, por trás da cortina. Havia um pouco de neve no chão, mas as ruas estavam limpas. Embora a temperatura estivesse baixa, o frio não chegava a ser insuportável. Serviu-se de uma dose de vodca com gelo, vestiu um casaco preto, longo até os tornozelos, e ficou esperando que os Van Fleet viessem buscá-la.

À entrada do clube de campo, Pitt mostrou o convite que o almirante lhe dera e passou pelas bonitas portas de madeira entalhada ao gosto dos golfistas famosos. Deixou o sobretudo na chapelaria e foi conduzido ao espaçoso salão de baile, revestido de nogueira escura. Um dos decoradores da elite de Washington conseguiu imprimir ao ambiente uma assombrosa ilusão de fundo do mar. Peixes de papel habilmente desenhados pendiam do teto, enquanto a iluminação oculta emprestava à atmosfera um suave e oscilante colorido azul-esverdeado, que proporcionava um agradável efeito aquático.

O anfitrião, o presidente da Deep Abyss Engineering, sua esposa e outros funcionários da empresa alinhavam-se à entrada para receber os convidados.

Tratando de evitá-los, Pitt desviou da fila e foi diretamente para um dos cantos

escuros do bar, onde pediu uma tequila com gelo e limão. Então, voltando-se e apoiando as costas no balcão, examinou a sala.

Havia umas duzentas pessoas. A orquestra tocava um pot-pourri de trilhas sonoras cinematográficas. Ele reconheceu vários deputados e quatro ou cinco senadores, todos envolvidos com comissões ligadas aos oceanos e ao meio ambiente. Muitos dos homens estavam de smoking. A maioria trajava ternos escuros comuns, alguns com vistosas faixas e gravatas borboletas. Pitt preferia algo mais tradicional. Seu smoking incluía um colete atravessado por uma pesada corrente de ouro presa a um relógio de bolso que pertencera a seu bisavô, outrora engenheiro de locomotivas a vapor na ferrovia de Santa Fé.

As mulheres, em sua maioria esposas — com um punhado de amantes de permeio —, estavam elegantemente vestidas, algumas com vestidos longos, outras com saias mais curtas e casacos adornados com brocados ou paetês. Não era difícil distinguir os pares solteiros dos casados. Estes ficavam lado a lado como velhos amigos, aqueles tocavam-se constantemente.

Pitt costumava isolar-se nos coquetéis, preferindo fugir da conversa frívola que neles se entretinha. Aborrecia-se com facilidade e, em geral, depois de uma hora acabava voltando a seu apartamento, no hangar. Aquela noite era diferente. Ele tinha um motivo para estar lá. Sandecker o havia informado de que Maeve compareceria com os Van Fleet.

Seus olhos percorreram as mesas e a povoada pista de dança, mas não encontraram sinal dela. Ou mudara de idéia no último minuto ou ainda não tinha chegado, imaginou. Sem vontade de disputar a atenção das belas moças cercadas de admiradores, escolheu uma balzaquiana simples, que devia pesar tanto quanto ele. Estava sozinha a uma mesa e ficou emocionada quando o bem-apegoado desconhecido se aproximou e a convidou a dançar. Pitt descobrira que as mulheres de que os outros homens não faziam caso, as que não chamavam a atenção pela beleza, costumavam ser as mais inteligentes e interessantes. E resultou que aquela era uma alta funcionária do Departamento de Estado e o divertiu muito com um vasto repertório de fofocas sobre as relações internacionais. Ele dançou ainda com duas outras damas que alguns consideravam pouco atraentes, a secretária particular do anfitrião e a assessora de um senador que presidia a Comissão dos Oceanos. Tendo cumprido seu agradável dever, retornou ao bar para mais uma tequila.

Foi quando Maeve entrou no salão.

Ao vê-la, ele se sentiu agradavelmente surpreso com a cálida aura que lhe envolvia o corpo. Todo o recinto pareceu anuviar-se, e os presentes ficaram encobertos por uma neblina cinzenta, restando unicamente ela com seu esplendor.

Pitt voltou à realidade quando Maeve, adiante dos Van Fleet, passou pelos anfitriões enfileirados à entrada e olhou para os numerosos convidados. Presos num coque, seus cabelos loiros e compridos agora deixavam à mostra todos os detalhes do rosto, realçando-lhe os pómulos. Ela ergueu a mão e a levou ao peito, os dedos ligeiramente estirados. O vestido curto exibia as pernas longas e bem torneadas, acentuando-lhe a escultura perfeita do corpo. Era majestosa, pensou ele com uma ponta de desejo. Não havia outra palavra para descrevê-la. Ela se movia com a graça de uma ave prestes a levantar voo.

— Que mulherão! — exclamou o bamiã, com os olhos presos em Maeve.

— Concordo em número, gênero e grau — murmurou Pitt.

A seguir, ela e os Van Fleet se aproximaram de uma mesa, sentaram-se e fizeram seus pedidos ao garçom. Maeve mal havia se acomodado na cadeira

quando vários homens, alguns jovens, outros com idade avançada, foram tirá-la para dançar. Ela recusou educadamente todos os convites. Pitt achou curioso que nenhum apelo fosse capaz de movê-la. Os galãs desistiram logo e se afastaram com um infantil sentimento de rejeição. Os Van Fleet pediram licença e foram dançar antes que servissem o hors-d'oeuvre. Maeve ficou a sós.

— Ela é simplesmente um tesão! — observou o barman.

— Hora de entrar em campo — Pitt disse ao colocar o copo vazio no balcão.

Avançou em linha reta pela pista, entre os casais dançantes, sem se desviar à esquerda nem à direita. Esbarrou num grandalhão que logo reconheceu como um senador do Estado de Nevada. Este fez menção de dizer alguma coisa, mas Pitt o calou com um olhar intimidador.

Maeve olhava, entediada, à sua volta, quando percebeu vagamente que um homem se aproximava. A princípio, não lhe deu atenção, imaginando que se tratasse apenas de mais um desconhecido que quisesse dançar com ela. Em outro lugar e em outro tempo, ter-se-ia sentido lisonjeada com tantas atenções, porém seus pensamentos estavam a vinte mil quilômetros dali. Só quando o intruso chegou à mesa e, apoiando as mãos na toalha azul, inclinou-se, ela o reconheceu. Seu rosto se iluminou com uma indizível alegria.

— Oh, Dirk, pensei que nunca mais fosse vê-lo! — disse quase sem fôlego.

— Vim pedir desculpas por não ter me despedido quando Al e eu partimos abruptamente do Ice Hunter. Aquela atitude a surpreendeu e ao mesmo tempo agradou-a. Pensava que Pitt já a tivesse esquecido. Agora, no entanto, era evidente a afeição expressa em seus olhos.

— Você não podia saber quanto eu precisava de sua ajuda — murmurou.

Ele contornou a mesa e se sentou a seu lado.

— Agora eu sei de tudo.

Maeve virou o rosto, evitando-lhe o olhar.

— Você não tem a menor idéia da minha situação.

Pitt lhe segurou a mão. Era a primeira vez que a tocava deliberadamente.

— Tive uma conversinha agradável com Boudicca —

sorriu com sarcasmo. — Ela me contou tudo.

O porte majestoso e a graça de Maeve desabaram.

— Você? Boudicca? Como é possível?

Ele se levantou e a puxou delicadamente.

— Vamos dançar um pouco. Depois eu lhe conto.

E, como por encanto, lá estava ele, abraçando-a, estreitando-a com força, e Maeve correspondia, amoldava-se a seu corpo. Pitt fechou momentaneamente os olhos, inalando-lhe o perfume. O aroma de sua loção de barbear espalhou-se nela como as ondulações na superfície de um lago nas montanhas. Dançaram de rosto colado o Moon River, de Henry Mancini.

Maeve se pôs a cantarolar. De súbito, ficou tensa e o afastou ligeiramente.

— Sabe de meus filhos?

— Como se chamam?

— Sean e Michael.

— Seu pai os está mantendo refêns na ilha Gladiator, para lhe extorquir informações a respeito das pesquisas da ANPS sobre as mortes no mar.

Maeve fitou-o, confusa. Contudo, antes que pudesse fazer mais perguntas, ele a estreitou novamente. Passados alguns momentos, notou que ela estava chorando baixinho.

— Estou tão desesperada! Não sei a quem pedir ajuda.

— Pense só no momento — disse ele com ternura. — O resto virá por si.

O alívio e o prazer de estar na companhia daquele homem ajudaram-na a colocar de lado os problemas imediatos, e ela tornou a murmurar os versos de Moon River.

— "Estamos à procura do fim do arco-íris na próxima curva do rio, meu amigo e eu"...

A música terminou. Ainda nos braços de Pitt, Maeve ergueu o rosto e sorriu por entre as lágrimas.

— É você. Pitt a fitou.

— Quem?

— O amigo de que fala a música. Você, Dirk é a perfeita encarnação desse personagem, sempre a navegar à espera de encontrar alguma coisa, que não sabe o que é, na próxima curva do rio.

— Talvez ele e eu tenhamos alguma coisa em comum.

Continuaram abraçados na pista quando a orquestra fez uma pausa e os pares começaram a voltar para as mesas. Nenhum dos dois se deu conta dos olhares irônicos neles pousados. Maeve disse:

— Vamos embora daqui. — E, sem reprimir o que estava pensando, acrescentou: — Eu quero você.

Assim que pronunciou as palavras, sentiu-se estrangida e corou. Que esse homem vai pensar de mim?, perguntou-se, mortificada.

Ele mostrou um amplo sorriso.

— Vá despedir-se dos Van Fleet enquanto eu pego o carro. A gente se encontra lá fora. Espero que tenha trazido um agasalho.

Os Van Fleet trocaram olhares significativos quando Maeve anunciou que ia sair com Pitt. Com o coração disparado, ela atravessou o salão, pegou o casaco no chapelaria e correu para a porta. Lá fora, ao descer os degraus, viu-o junto a um carro baixo, vermelho, dando uma gorjeta ao manobrista. O automóvel parecia de corrida. Além dos bancos gêmeos, não tinha revestimento algum. O pequeno pára-brisa curvo mal protegia contra o vento. Não havia pára-choques, e as rodas dianteiras estavam cobertas pelo que Maeve tomou pelos pára-lamas de uma motocicleta. O estepe ia preso ao lado direito da carroceria, entre o pára-lama e a porta.

— Você viaja nisto?

— Viajo — respondeu ele sem dissimular o orgulho.

— Como se chama?

— É um J2X Allard. — Pitt lhe abriu a minúscula porta de alumínio.

— Parece antigo.

— Fabricado na Inglaterra em 1952, pelo menos vinte e cinco anos antes do seu nascimento. Com o grande motor V-8, americano, os Allard ganharam todas as corridas de carros esporte até que a Mercedes lan- çasse o 300 SL.

Maeve se instalou no banco espartano, as pernas esticadas quase paralelamente ao chão. Notou que não havia velocímetro no painel, somente quatro mostradores e um tacômetro.

— Esta coisa vai nos levar a algum lugar? — perguntou com incredulidade.

— Não é confortável, mas quase alcança a velocidade do som — respondeu Pitt, rindo.

— Não tem nem capota!

— Nunca saio com ele quando está chovendo. — Entregou-lhe um lenço de seda.

— Para o seu cabelo. Venta muito aqui dentro. E não se esqueça do cinto de segurança. Sua porta tem o péssimo hábito de se abrir nas curvas fechadas para a esquerda.

Colocou-se ao volante, enquanto Maeve atava o lenço sob o queixo. Girou a chave, pisou na embreagem e engatou a primeira. Não seu ouviu nenhum rugido estridente, nenhum gemido dos pneus. Ele saiu do clube num silêncio e numa lentidão de cortejo fúnebre.

— Como você passa as informações da ANPS a seu pai? — perguntou como que ao acaso.

Ela ficou alguns momentos calada, sem coragem de olhá-lo nos olhos.

— Um dos auxiliares de meu pai vai a minha casa vestido de entregador de pizza.

— Não é brilhante, mas não deixa de ser inteligente — comentou Pitt, examinando um moderno Cadillac STS estacionado à entrada, junto aos enormes portões do clube de campo. Viu pelo espelho retrovisor quando o luxuoso carro piscou os faróis e se pôs a seguir o Allard a uma prudente distância. — Você está sendo seguida?

— Disseram-me que seria vigiada de perto, mas ainda não vi ninguém atrás de mim.

— Você não é muito observadora. Um automóvel está nos seguindo.

Ela lhe segurou o braço com força.

— Este carro deve ser veloz. Por que não acelera e os deixa para trás?

— Deixá-los para trás? — Pitt olhou para ela e viu a excitação em seus olhos. — É um Cadillac STS, com motor com mais de trezentos HP, capaz de uns duzentos e sessenta quilômetros por hora. Este carrinho também tem motor Cadillac, com dupla carburação e...

— Isso não significa nada para mim.

— É simples. Este carro era muito veloz há quarenta e oito anos. Ainda é bem rápido, mas não passa dos duzentos e dez por hora, mesmo a favor do vento. A verdade é que está superado em potência do motor e velocidade.

— Você precisa fazer alguma coisa para se livrar desses caras.

— Eu sei disso. Mas acho que você não vai gostar.

Pitt subiu lentamente uma inclinação ladeira e esperou até ter descido pelo outro lado. Então pisou até o fundo no acelerador. Momentaneamente fora de vista, obteve uma preciosa vantagem de cinco segundos sobre o motorista do Cadillac. Com um novo impulso, o carrinho esporte vermelho deu um salto abrupto no asfalto. As árvores que o margeavam, cujos ramos desfolhados se estendiam por cima da estrada qual esquelético toldo, transformaram-se num desvairado borrão à luz dos faróis. A sensação era a de estar caindo num poço. Olhando pelo minúsculo espelho retrovisor, montado numa haste presa à carroceria, Pitt calculou que tinha obtido uns cento e cinquenta metros de vantagem sobre o Cadillac antes que seu motorista tivesse chegado ao topo da ladeira e percebido que sua presa havia se adiantado. Sua vantagem, agora, era de uns trezentos metros. Considerando a velocidade superior do Cadillac, seria alcançado dentro de quatro ou cinco minutos.

A estrada reta atravessava uma região pantanosa da Virgínia, na periferia de Washington, ocupada por haras. O trânsito era praticamente inexistente àquela hora da noite, de modo que não foi difícil ultrapassar dois outros carros mais lentos. O Cadillac continuava avançando, chegando mais perto a cada quilômetro. Relaxado, Pitt segurava o volante de leve. Não estava com medo. Os homens no carro que o perseguiu não pretendiam fazer-lhes mal, nem a ele nem a Maeve. Não era uma luta de vida e morte. O que sentiu foi uma grande excitação quando o ponteiro do tacômetro chegou ao vermelho; a sua frente, estendia-se uma rodovia praticamente vazia, e o vento lhe soprava nos ouvidos em coro com o ruído gutural dos dois enormes tubos de escape instalados sob as

laterais do Allard.

Ele tirou os olhos da estrada um instante e fitou Maeve. Pressionada no respaldo, a cabeça ligeiramente erguida como para respirar o ar que soprava por cima do pára-brisa, ela mantinha os olhos semicerrados e os lábios entreabertos. Quase como se estivesse à beira do êxtase sexual. Fosse como fosse, não era a primeira mulher a se deixar arrebatada pelo encanto da aventura, pela emoção, a fúria dos ruidos, a velocidade. E o que toda mulher desejava ter a seu lado naquelas circunstâncias era um bom homem.

Até chegar à periferia da cidade, Pitt não pôde fazer mais do que pisar no acelerador e manter as rodas alinhadas com a faixa intermitente pintada no asfalto. Sem velocímetro, tinha de calcular a velocidade pelo tacômetro. Na melhor das hipóteses, devia estar entre os cento e noventa e os duzentos quilômetros por hora. O velho automóvel estava dando tudo.

Preso pelo cinto de segurança, Maeve torceu o corpo no banco e olhou para trás.

— Estão nos alcançando! — gritou, contra o barulho do motor e o vento.

Pitt olhou de relance pelo espelho retrovisor. O carro perseguidor achava-se agora a uns cem metros de distância. O motorista era dos bons, pensou. Tinha reflexos tão rápidos quanto os dele. E tornou a olhar para a estrada.

Estavam entrando num bairro residencial. Pitt avaliou a hipótese de tentar despistar o Cadillac naquelas ruas, mas era perigoso demais. Não podia arriscar atropelar uma família e seu cachorro que, eventualmente, estivessem dando uma volta tarde da noite. Não estava disposto a provocar um acidente fatal envolvendo inocentes.

Por segurança, dentro de um ou dois minutos teria de reduzir a velocidade e misturar-se ao trânsito cada vez mais intenso. Por enquanto, porém, a estrada estava deserta, e ele continuou acelerando. Então, avistou o sinal que alertava quanto às obras numa estrada vicinal, no cruzamento seguinte, estrada que, ele sabia, tinha numerosas curvas fechadas. Percorria uns cinco quilômetros em campo aberto e terminava na autopista que passava pelo quartel-general da CIA, em Langley. Tirou o pé do acelerador e pisou no freio. A seguir, girou o volante para a esquerda, jogando o Allard de lado antes de entrar no centro da pista, os pneus soltando fumaça e uivando no asfalto. Antes que o carro parasse, os pneus traseiros giraram, fazendo-o saltar na estrada vicinal que levava à escuridão da zona rural.

Pitt era obrigado a se concentrar totalmente nas curvas à frente. Os velhos faróis não iluminavam tanto a estrada quanto as modernas peças halógenas, de modo que tinha de se valer do sexto sentido para se preparar para a curva seguinte. Ele adorava cortar caminho, alheio aos freios, levando o carro a derrapagens controladas e logo manobrando para endireitar o seu curso até a curva seguinte.

O Allard estava agora em seu elemento. Bem mais pesado, o Cadillac tinha molas boas para a estrada, mas sua suspensão não podia competir com a do carro esporte, construída para a corrida. Pitt tinha um caso de amor com o Allard. Conhecia excepcionalmente sua estabilidade e exaltava a simplicidade de seu enorme e poderoso motor. Um sorriso tenso lhe dilatava os lábios quando entrava numa curva, dirigindo como um demônio, sem tocar nos freios, diminuindo a velocidade unicamente nas curvas em U. O motorista do Cadillac lutava com valentia, porém ia perdendo terreno rapidamente a cada curva.

Havia uma barreira pouco adiante, as luzes amarelas a piscar. Tinham aberto uma vala ao lado da estrada, onde estavam instalando canos hidráulicos. Pitt ficou aliviado ao ver que a rodovia não ficara completamente bloqueada. Havia uma passagem. Mesmo ao passar por um trecho de terra e pedrisco de cerca de

cem metros, não tirou o pé do acelerador. Alegrou-se com a imensa nuvem de poeira que se ergueu em sua esteira, sabendo que ela obrigaria seus perseguidores a diminuir a velocidade.

Dois minutos mais tarde, Maeve apontou para a frente, um pouco à direita.

— Estou vendo faróis.

— A auto-estrada — disse Pitt. — E aqui que vamos despistá-los.

Não havia tráfego no cruzamento; de qualquer direção, nenhum veículo se aproximava a menos de quinhentos metros. Ele queimou a borracha numa brusca guinada à esquerda, no sentido oposto ao da cidade.

— Não tomou o caminho errado? — gritou Maeve em meio aos gemidos dos pneus.

— Fique de olho e aprenda — retrucou Pitt, pisando de leve no freio e girando o volante para fazer o balão e tomar a pista contrária. Atravessou o cruzamento da estrada vicinal antes que o Cadillac pudesse ser visto e ganhou velocidade rumando para o aglomerado de luzes da capital.

— Por que fez isso?

— Para enganá-los — respondeu ele tranqüilamente. — Se os caras forem espertos como imagino, vão seguir as marcas dos pneus na direção oposta.

Ela lhe segurou o braço e se aconchegou a ele.

— Que vai fazer agora?

— Bem, como já a impressionei com minha habilidade ao volante, chegou a hora de encantá-la com meu charme.

Ela o fitou com malícia.

— E se eu tiver ficado com medo a ponto de perder o desejo da intimidade?

— Posso penetrar a sua mente e ver que não é bem assim.

— Como consegue ler meu pensamento? Pitt deu de ombros e sorriu.

— E um dom. Tenho sangue cigano nas veias.

— Você? Cigano?

— De acordo com a árvore genealógica de minha família, meus ancestrais paternos eram ciganos espanhóis que emigraram à Inglaterra no século 17.

— E agora você lê a mão e prevê o futuro?

— Na verdade, meu talento toma outro rumo quando a Lua está cheia.

Ela o mirou com cautela.

— Que acontece quando a Lua está cheia?

Pitt se voltou e, sem sombra de sorriso, respondeu:

— Eu vou roubar galinhas.



Maeve olhou com desconfiança para a escura estrada de terra, no perímetro do aeroporto internacional de Washington, por onde Pitt enveredara. Aproximaram-se do que parecia um hangar abandonado. Não havia nenhum outro prédio por perto. Sentindo um mal-estar, Maeve encolheu-se instintivamente quando ele deteve o Allard à fraca luz amarelada de um alto poste.

— Aonde você está me levando? Pitt a fitou com ar divertido.

— A minha casa, é claro.

Ela assumiu uma expressão de contrariedade tipicamente feminina.

— E aí que você mora?

— O que você está vendo é um edifício histórico, construído em 1936. Foi o hangar de manutenção de uma antiga empresa aérea há muito tempo extinta. Tirando um pequeno controle remoto do bolso do sobretudo, ele digitou um código. Um segundo depois, uma porta se ergueu, revelando o que a Maeve pareceu a entrada de uma sombria caverna cheia de perigos. Para aumentar o efeito, Pitt apagou os faróis, entrou na escuridão, enviou um sinal para que a porta se fechasse e ficou ali.

— E então? Que acha? — provocou.

- Estou com vontade de gritar por socorro — respondeu Maeve, cada vez mais confusa.

— Desculpe-me. — Pitt digitou outro código, e o interior do hangar se inundou da luz de várias fileiras de lâmpadas fluorescentes estrategicamente instaladas no teto arqueado.

Maeve ficou boquiaberta ao dar com a inestimável coleção de automóveis clássicos, os aviões e o vagão de trem americano do começo do século. Identificou dois Rolls-Royce e um enorme Daimler conversível, mas não conhecia o Packard, o Pierce Arrow, o Stutze nem o Cord americanos, muito menos os outros carros europeus ali expostos, como o Hispano-Suíza, o Bugatti, o Isotta Fraschini, o Talbot Lago e o Delahaye. Os dois aviões, que pendiam do teto, eram um antigo Ford Trimotor e um caça Messerschmitt 262, da Segunda Guerra Mundial. A coleção era espantosa. A única peça que parecia fora de lugar era um estrado retangular com um motor de barco preso a uma antiga banheira de ferro fundido.

— Tudo isso é seu? — balbuciou.

— Tive de escolher entre isto e uma mulher e filhos — Pitt gracejou.

Maeve se voltou e, com coquice, inclinou a cabeça.

— Você não é tão velho assim para se casar e ter filhos. E que ainda não

encontrou a mulher certa.

— Acho que é verdade.

— Infeliz no amor?

— A maldição dos Pitt.

Ela olhou para um trailer Pierce Arrow azul-marinho.

— É ali que você mora?

Ele riu e apontou para o mezanino.

— Meu apartamento fica lá em cima. Por aquela escada circular ou, se estiver com preguiça, podemos subir pelo elevador de carga.

— Prefiro fazer um pouco de exercício — sorriu ela.

Pitt a conduziu pela escada em espiral de ferro batido ornado. A porta se abria para uma sala de estar e escritório com estantes abarrotadas de livros sobre o mar e estojos de vidro com os modelos dos navios que ele tinha localizado e descoberto em seu trabalho para a ANPS. A um lado da sala, outra porta conduzia a um enorme quarto decorado como o camarote do capitão de um antigo veleiro, sendo que um leme gigantesco fazia as vezes de guarda da cama. A extremidade oposta da sala de estar dava para a cozinha e uma pequena sala de jantar. A Maeve, sem dúvida, o apartamento recendia a masculinidade.

— Então é aqui que o meu amigo se refugia depois de navegar pelas curvas do rio — disse ela, tirando os sapatos, instalando-se num sofá de couro e encolhendo as pernas nas almofadas.

— Passo a maior parte do ano na água. Não fico aqui tanto quanto gostaria. — Ele tirou o sobretudo e desfez o nó da gravata-borboleta.

Que quer tomar?

— Um conhaque cairia bem.

— Pensando bem, eu a tirei da festa antes que você tivesse tempo de jantar. Vou preparar alguma coisa.

— O conhaque basta. Posso comer amanhã.

Pitt lhe serviu um Rémy Martin e sentou-se a seu lado. Maeve o desejava desesperadamente. Queria atirar-se em seus braços, tocá-lo, mas a aflição a corroía por dentro. Invadida por uma súbita vaga de culpa, visualizou os filhos sofrendo sob o jugo brutal de Jack Ferguson. Não conseguia parar de pensar nisso. Sentia o peito apertado e o resto do corpo entorpecido e fraco. Estava morrendo de saudade de Sean e Michael, que para ela continuavam sendo bebês. Permitir-se uma aventura sensual naquelas circunstâncias era pouco menos do que um delito. Queria gritar de desespero. Colocando o conhaque na mesa de centro, começou a chorar abrupta e descontroladamente.

Pitt a abraçou.

— É por causa dos meninos?

Sem parar de soluçar, ela fez que sim.

— Desculpe, eu não queria decepcioná-lo.

Curiosamente, as emoções femininas não eram um grande mistério para Pitt, como acontecia com a maioria dos homens, e ele jamais ficava confuso nem perplexo diante das lágrimas. As vezes, encarava o comportamento afetivo das mulheres mais com compaixão do que com desconforto.

— Quando uma mulher se vê dividida entre a preocupação pela prole e o impulso sexual, o instinto maternal sempre vence.

Maeve mal conseguia acreditar que Pitt pudesse ser tão compreensivo. Aquele homem não parecia humano. Certamente era diferente de todos os que ela conhecia.

— Estou tão perdida e atemorizada... Nunca me senti tão desamparada na vida.

Ele se levantou e foi buscar uma caixa de lenços de papel.

— Desculpe, não tenho lenços de tecido em casa. Não os uso mais.

— Não está zangado... porque eu o decepcionei?

Pitt sorriu, vendo-a enxugar os olhos e assoar ruidosamente o nariz.

— A verdade é que tenho outras intenções. Ela arregalou os olhos com surpresa.

— Não quer ir para a cama comigo?

— Só se estivesse louco eu não quereria. Mas este não é o único motivo por que a trouxe aqui.

— Não entendo.

— Preciso de sua ajuda para consolidar meus planos.

— Que planos?

Ele a encarou, surpreso com a pergunta.

— De entrar na ilha Gladiador, claro, pegar os meninos e fugir.

Esforçando-se por compreender, Maeve se pôs a gesticular, nervosa.

— O quê? Você arriscaria a própria vida por mim?

— E por seus filhos — acrescentou ele com firmeza.

— Por quê?

Pitt sentiu vontade de lhe dizer que ela era uma mulher adorável, encantadora, e de confessar a profunda afeição que sentia, mas não era capaz de se comportar como um adolescente apaixonado. Fiel à forma, preferiu uma explicação mais fácil.

— Por quê? Ora, porque o almirante Sandecker me deu dez dias de férias, e eu detesto ficar sem fazer nada de produtivo.

Um sorriso iluminou o rosto ainda molhado de Maeve, que o atraiu para si e o abraçou.

— Que mentira esfarrapada!

— Por que será — disse ele antes de beijá-la — que as mulheres sempre conseguem saber o que está acontecendo aqui dentro? Sou tão transparente assim?



DIAMANTES... UMA GRANDE ILUSÃO



30 de janeiro de 2000

Ilha Gladiator, mar da Tasmânia 28

A casa de Dorsett, na ilha, ficava numa selada entre dois vulcões extintos. A frente oferecia vista para uma lagoa, que se tornara um movimentado porto das atividades de mineração de diamante. Duas minas na encosta de ambos os vulcões estavam em operação quase contínua desde o dia em que Charles e Mary Dorsett voltaram casados da Inglaterra. Havia os que afirmavam que o império da família fora inaugurado naquela ocasião; outros, porém, conhecendo melhor a história, sustentavam que tudo na verdade começara quando Betsy Fletcher achou aquelas pedras esquisitas e as deu aos filhos como brinquedo.

A moradia original, quase toda construída de madeira, com telhado de folhas de palmeira, fora demolida por Anson Dorsett, que projetou e construiu a vasta mansão que continuava existindo. Reformada por sucessivas gerações, foi finalmente ocupada por Arthur Dorsett. O estilo se baseava no modelo clássico — um pátio central cercado de varandas com portas que davam para trinta cômodos, todos mobiliados com antiguidades coloniais inglesas. A única instalação moderna visível era uma enorme antena parabólica, que se erguia num jardim exuberante, e uma grande piscina no centro do pátio.

Arthur Dorsett desligou o telefone, saiu do escritório e foi para a piscina, à beira da qual Deirdre, com um reduzidíssimo biquíni, estava languidamente estendida numa espreguiçadeira, a absorver com cuidado o sol tropical na aveludada pele.

— É melhor que os meus superintendentes não a vejam assim — resmungou ele. A moça ergueu lentamente a cabeça e olhou para o próprio corpo.

— Não sei qual é o problema. Estou de sutiã, não estou?

— Depois, quando são estupradas, as mulheres se queixam.

— Você não há de querer que eu ande por aí vestindo um hábito.

— Acabo de falar com Washington — disse ele em tom sombrio. — Parece que sua irmã desapareceu mesmo. Sobressaltada, Deirdre se sentou e toldou os olhos com a mão.

— Suas fontes são fidedignas? Eu, pessoalmente, contratei os melhores detetives para vigiá-la, todos ex- agentes do serviço secreto.

— Foi confirmado. Eles falharam e a perderam de vista depois de uma corrida maluca na periferia.

— Não é possível que Maeve tenha conseguido despistar investigadores profissionais.

— Pelo que me disseram, contou com ajuda. Deirdre torceu os lábios, numa careta.

— Quer que eu adivinhe? Dirk Pitt. Dorsett fez que sim.

— Esse cara está em toda parte. Boudicca o teve nas mãos, na mina da ilha Kunghit, mas o deixou escapar entre os dedos.

— Senti que ele era perigoso quando salvou Maeve. Devia ter compreendido quanto era perigoso quando frustrou meu plano de ser retirada do Polar Queen de helicóptero, depois de haver colocado o navio em rota de colisão com os rochedos. Pensei que estaríamos livres dele depois disso. Não imaginei que fosse se intrometer em nossas atividades no Canadá.

Dorsett fez um gesto para uma linda chinesa postada junto a uma das colunas que sustentavam o telhado da varanda. Usava um vestido de seda com aberturas laterais.

— Traga-me um gim — ordenou. — Copo longo. Não gosto de miséria quando bebo.

Deirdre ergueu seu copo vazio.

— Outro collins.

A garota se apressou a preparar os coquetéis. Notando que o pai estava interessadíssimo no traseiro da moça, Deirdre revirou os olhos.

— Francamente, papai, ir para a cama com as criadas! O mundo espera coisa melhor de um homem com a sua fortuna e o seu status.

— Há coisas que ultrapassam os limites das classes sociais — disse ele com seriedade.

— Que mais sabemos de Maeve? Ela certamente contratou Dirk Pitt e seus amigos da ANPS para ajudá-la a recuperar os gêmeos.

Dorsett desviou a atenção da empregada chinesa que se afastava.

— Ele pode ser esperto, mas não vai invadir a ilha Gladiator tão facilmente como entrou em nossa propriedade de Kunghit.

— Maeve conhece a ilha melhor do que qualquer um de nós. Vai encontrar um meio.

— Mesmo que cheguem a desembarcar — ele ergueu o dedo, apontando pelo arco da porta do pátio para a direção geral das minas —, não conseguirão aproximar-se a menos de duzentos metros da casa. Deirdre sorriu com maldade.

— Acho mais seguro preparar uma boa acolhida.

— Nada de acolhida, minha filha. Não aqui, na ilha Gladiator.

— Você tem outro plano. — Foi mais uma afirmação que uma pergunta.

Dorsett fez que sim.

— Com a ajuda de Maeve, eles, sem dúvida, pensarão num meio de passar pela segurança. Mas, infelizmente, não terão tempo de empregá-lo.

— Como assim?

— Vamos cortar-lhes o passo, como se diz, antes que tenham chegado à praia.

— Muito bem pensado, meu pai.

Ela se levantou e foi abraçá-lo. Sentiu-lhe o cheiro. Desde a infância conhecia o perfume daquela colônia cara, um produto especial, importado da Alemanha, com um odor almiscarado e sóbrio que lembrava pastas de couro, o cheiro indefinido das salas de reuniões na lã de um finíssimo terno.

Dorsett a empurrou com relutância, irritado com a crescente sensação de desejo pela própria filha.

— Quero que você coordene a missão. Como sempre, Boudicca entrará em

ação.

— Aposto a minha participação na Dorsett Consolidated que você sabe onde encontrá-los. — Sorriu com malícia para ele. — Qual é o cionograma?

— Desconfio que Pitt e Maeve já saíram de Washington. Ela o encarou.

— Já? Tão depressa?

— Como Maeve não tem sido vista em casa e Pitt não põe os pés há dois dias no escritório da ANPS, é óbvio que estão juntos e à procura dos gêmeos.

— Onde devo estender a armadilha? — perguntou ela com um brilho felino nos olhos, certa de que seu pai tinha a resposta. — Num aeroporto? Num hotel de Honolulu, de Auckland ou de Sidney? Ele sacudiu a cabeça.

— Nada disso. Eles não nos farão o favor de viajar em linhas comerciais nem de se hospedar em hotéis afastados. Vão tomar um pequeno barco ou um jatinho da frota da ANPS e usar as instalações da agência como base.

— Eu não sabia que os americanos tinham uma base permanente para estudos oceanográficos na Nova Zelândia nem na Austrália.

— Não têm — retrucou Dorsett. — Mas contam com um navio de pesquisas, o Ocean Angler, que está num projeto de estudo do fundo do mar em Bounty Trough, a oeste da Nova Zelândia. Se tudo correr conforme o plano, amanhã, a esta hora, Pitt e Maeve estarão chegando a Wellington e encontrando o navio da ANPS no porto.

Deirdre encarou o pai com indisfarçável admiração.

— Com sabe disso?

Ele sorriu com orgulho.

— Tenho minha própria fonte na ANPS, a quem pago muito bem para que me mantenha informado sobre as descobertas de pedras preciosas submarinas.

— Nesse caso, nossa estratégia consiste em mandar Boudicca e sua tripulação interceptar o navio de pesquisas e fazer com que desapareça.

— Não seria inteligente — disse Dorsett, sem rodeios. — Boudicca soube que Dirk Pitt, de algum modo, descobriu a "operação limpeza" dos escombros dos navios afetados e identificou nosso iate. Se mandarmos um barco da ANPS para o fundo do mar, eles desconfiarão imediatamente de que estamos por trás disso. Não. Precisamos dispensar um tratamento mais delicado ao caso.

— Não temos muito tempo. Só vinte e quatro horas.

— Se você partir depois do almoço, poderá jantar em Wellington. John Merchant e sua equipe de segurança estarão a sua espera no armazém fora da cidade.

— Pensei que John Merchant ainda estivesse na ilha Kunghit com uma fratura no crânio.

— Apenas uma ruptura no couro cabeludo. O bastante para enlouquecê-lo de desejo de vingança. Insistiu muito em participar da matança.

— E você e Boudicca?

— Bem, eu vou de iate e devo chegar por volta de meia-noite — respondeu Dorsett. — Ainda teremos dez horas para os preparativos.

— Isso significa que seremos obrigados a pegá-los durante o dia.

Dorsett a segurou com tanta força pelos ombros que ela se encolheu.

— Estou contando com você para superar os obstáculos, minha filha.

— Foi um erro achar que podíamos confiar em Maeve — disse Deirdre com rancor. — Você devia saber que ela viria atrás dos filhos na primeira oportunidade.

— A informação que ela nos passou antes de desaparecer teve sua utilidade — murmurou Dorsett, tentando desculpar-se pelo equívoco, coisa que não lhe era nada fácil.

— Se Maeve tivesse morrido na ilha Seymour, não estaríamos com este problema agora.

— A culpa não é exclusivamente dela. Maeve não sabia que Pitt havia entrado na ilha Kunghit. Ele jogou a rede, mas, seja qual for, nenhuma informação que tenha conseguido obter pode nos prejudicar.

Apesar do pequeno contratempo, Dorsett não estava muito preocupado. As minas se situavam em ilhas cujo isolamento impedia protestos organizados. Seus vastos recursos tinham sido mobilizados. A segurança fora reforçada, para que os jornalistas fossem mantidos a quilômetros das minas. Os advogados da empresa estavam trabalhando intensamente a fim de contornar os possíveis empecilhos legais, ao passo que o setor de relações públicas vinha tratando de rotular os relatos das mortes no oceano Pacífico como boatos infundados espalhados pelos ecologistas e, ao mesmo tempo, tentavam atribuir a culpa a hipotéticas experiências secretas do Exército americano.

Dorsett falou com renovada calma:

— Daqui a vinte e três dias, qualquer furacão que o almirante Sandecker possa levantar morrerá de morte natural quando fecharmos as minas.

— Precisamos ter cuidado para não dar a impressão de estar reconhecendo a nossa culpa ao encerrar as atividades, papai. Podemos ficar expostos a uma montanha de processos movidos pelos ecologistas e pelos familiares das vítimas.

— Não se preocupe, minha filha. É humanamente impossível reunir provas de que nossos métodos de mineração são a causa das convergências ultra- sônicas que exterminam a vida orgânica. Seriam necessários meses e meses de testes científicos. Dentro de três semanas, os cientistas nada terão a estudar. Fizemos planos para remover todo vestígio de nossas escavações. A praga acústica, como insistem em chamá-la, será "manchete de ontem".

A chinesinha voltou com a bebida numa bandeja, serviu-os e, silenciosa como um fantasma, recolheu-se à sombra da varanda.

— Agora que Maeve nos traiu, que pretende fazer com Sean e Michael?

— Vou providenciar para que ela não torne a vê-los nunca mais.

— Dá pena — disse Deirdre, passando o copo gelado na testa. Dorsett tomou o gim como se fosse água. Deixando o copo de lado, olhou para a filha.

— Como assim? De quem você está com pena, de Maeve ou dos gêmeos?

— De nenhum deles.

— De quem, então?

Deirdre exibiu um sorriso malévolo.

— Dos milhões de "peruas" do mundo inteiro, quando descobrirem que seus diamantes valem menos do que vidro.

— Nós vamos acabar com a festa — disse Dorsett com uma gargalhada. — Isso eu lhe prometo.



Wellington não podia ficar num lugar mais bonito, observou Pitt à janela do avião da ANPS. Cercada por uma enorme baía e um labirinto de ilhas, por montanhas baixas, entre as quais o monte Vitória era o pico mais alto, e uma vegetação exuberante, o porto se orgulhava de ser um dos mais lindos do mundo. Aquela era a quarta viagem que ele fazia à capital da Nova Zelândia em dez anos, e raramente a tinha visto sem chuva e ventania.

O almirante Sandecker dera com apreensão e muita relutância a sua bênção à missão de Pitt. Considerava Arthur Dorsett um homem extremamente perigoso, um cúpido psicopata capaz de matar sem sombra de remorso. Sua colaboração consistiu em autorizar uma aeronave da ANPS a transportar Giordino e Pitt, com Maeve, à Nova Zelândia, onde usariam um navio de pesquisas como base de operações para o resgate, embora sob a rigorosa condição de que nenhuma vida corresse perigo na tentativa. Pitt concordou alegremente, sabendo que as únicas pessoas a se arriscar seriam os três, posto que o Ocean Angler estava a uma distância segura da ilha Gladiator. De acordo com o plano, valer-se-iam de um batiscafo para chegar à lagoa, desembarcar e ajudar Maeve a recuperar os filhos antes de voltar ao navio. Tratava-se de um plano sem tecnicidade, pensou Pitt, divertido. Uma vez na praia, tudo dependeria de Maeve.

Olhou para o corpulento Giordino, que, pilotando o jatinho Gulfstream, ia vestido como que para passar longas férias ao sol numa praia exótica. Os dois eram amigos íntimos desde o dia em que se conheceram e trocaram socos na escola primária. Tinham jogado no mesmo time de futebol do ginásio e, mais tarde, no da Academia da Força Aérea. Recorrendo descaradamente à influência do pai — George Pitt, senador pela Califórnia — para que os mantivessem juntos, Dirk conseguiu treinar com Al na mesma escola de voo e participar do mesmo esquadrão tático no Vietnã. No que dizia respeito às mulheres, no entanto, eram bem diferentes. Ao contrário do companheiro, que se sentia mais à vontade nas relações estáveis, Giordino preferia as aventuras fugazes.

Pitt se levantou, voltou ao compartimento de passageiros e olhou para Maeve, que havia dormido intermitentemente durante a longa viagem de Washington e parecia nervosa, cansada. Mesmo com os olhos fechados, mudava constantemente de posição no estreito sofá, mostrando que ainda não havia transposto o umbral do sono inconsciente. Ele estendeu o braço e a sacudiu com delicadeza.

— Já vamos aterrissar em Wellington — disse. Maeve abriu os lindos olhos azuis.

— Estou acordada — murmurou com voz sonolenta.

— Como se sente?

Ela se levantou e fez um gesto afirmativo.

— Pronto para o que der e vier.

Giordino inclinou o avião numa curva suave e foi descendo devagar até que os pneus tocassem o solo, erguendo um pouco de fumaça. Taxiou rumo à área reservada às aeronaves particulares.

— Está vendo algum carro da ANPS? — gritou por cima do ombro para Pitt.

O familiar branco e turquesa não estava em parte alguma.

— Deve ter se atrasado — disse Pitt. — Ou talvez nós é que tenhamos chegado adiantados.

— Quinze minutos adiantados, segundo o painel — respondeu o italiano.

Uma caminhonete se aproximou, e o funcionário na carroceria fez um sinal para que ele o seguisse a um espaço aberto entre um avião de carreira e um jatinho executivo. Obedecendo, Giordino parou quando as extremidades de suas asas ficaram niveladas com as dos aviões e iniciou o procedimento de desligar os motores.

Pitt abriu a porta de passageiros e desceu os poucos degraus. Maeve o seguiu, pondo-se a caminhar de um lado para outro, a fim de flexionar os músculos e as articulações, rígidos e tensos após a longa viagem. Olhou para o estacionamento em busca do transporte.

— Pensei que o pessoal do navio viesse nos buscar — disse entre dois bocejos.

— Devem estar chegando.

Giordino passou a bagagem para fora, trancou o avião e, quando um súbito aguaceiro lavou o aeroporto, foi com Pitt e Maeve buscar abrigo sob uma das asas. Quase tão depressa quanto começou, a chuva se deslocou para o outro lado da baía, e o sol apareceu em meio à branca massa de nuvens em movimento. Poucos minutos depois, um micro-ônibus Toyota, com as palavras Porto Transporte pintadas nas laterais, apareceu espirrando a água das poças. O motorista desceu e, correndo, aproximou-se do avião. Era magro, simpático e vestia-se como um falso caubói.

— Um de vocês se chama Dirk Pitt?

— Sou eu.

— Muito prazer, Carl Marvin. Desculpe o atraso. O furgão que temos a bordo do Ocean Angler ficou sem bateria, e tive de pedir emprestado o ônibus da capitania do porto. Espero que não tenha sido um incômodo para vocês.

— De jeito nenhum — disse Giordino com azedume. — Nós achamos uma delícia o tufão que passou quando estávamos esperando.

O motorista não fez caso do sarcasmo.

— Faz muito tempo que chegaram?

— Há uns dez minutos — disse Pitt.

Marvin colocou as malas no bagageiro do microônibus e arrancou assim que os passageiros se sentaram.

— A doca onde o navio está ancorado não fica longe daqui — disse cordialmente. — Não vamos demorar.

Pitt e Maeve sentaram-se juntos e foram de mãos dadas, conversando em voz baixa, feito namoradinhos. Giordino se instalou no banco da frente, bem atrás do motorista. Passou a maior parte da viagem estudando uma fotografia aérea da ilha Gladiador, que o almirante Sandecker havia tomado emprestada do Pentágono.

O tempo passou depressa. Não tardou para que deixassem a estrada principal e

entrassem na movimentada zona portuária, que ficava bem perto do centro da cidade. Uma frota de cargueiros internacionais, representando boa parte das companhias asiáticas de navegação, estava ancorada junto aos longos cais flanqueados por gigantescos armazéns. Ninguém deu atenção ao tortuoso caminho entre edifícios, navios e enormes guindastes que o motorista tomou, passando a observar os passageiros pelo espelho retrovisor quase com a mesma frequência com que fazia curvas e dobrava esquinas no porto.

— O Ocean Angler está do outro lado do próximo armazém — disse, fazendo um gesto vago na direção de um objeto invisível através do pára-brisa.

— Estará pronto para zarpar quando embarcarmos? — quis saber Pitt.

— A tripulação só está esperando a sua chegada. Giordino olhou, desconfiado, para a nuca do motorista.

— Qual é a sua função no navio? — perguntou.

— A minha? — disse Marvin sem se voltar. — Sou fotógrafo, trabalho com a equipe de filmagem.

— Gosta de navegar com o capitão Dempsey?

— Ele é boa gente. Tem muita consideração pelos cientistas e por seu trabalho.

Giordino reparou que Marvin os fitava pelo retrovisor. Ficou sorrindo até que este voltasse a prestar atenção à rua. Então, protegido pelo respaldo do banco a sua frente, escreveu no verso de um recibo de combustível de avião, que lhes haviam dado quando abasteceram em Honolulu, antes de partir para Wellington, dobrou-o e, disfarçadamente, jogou-o por cima do ombro, no colo de Pitt.

Absorto em seu diálogo com Maeve, este não tinha registrado as palavras trocadas entre o motorista e Giordino. Desdobrou despreocupadamente o papel e leu a mensagem:

ESTE CARA É UM IMPOSTOR.

Pitt se inclinou para a frente e falou em tom normal, sem olhar com desconfiança para o motorista.

— Por que resolveu bancar o estraga-prazeres? Giordino se voltou e falou em voz baixa:

— O amigo aqui não é do Ocean Angler.

— Como assim?

— Eu o enganei, dizendo que Dempsey é o capitão.

— Paul Dempsey está no comando do Ice Hunter. O capitão do Angler é Joe Ross.

— Mais uma coisa. Você, eu e Rudi Gunn organizamos os projetos de pesquisa da ANPS e distribuímos o pessoal antes de ir para a Antártida, certo?

— Certo. E daí?

— Pois o cara aí na frente não só tem um carregado sotaque texano como diz ser fotógrafo da equipe de filmagem do Ocean Angler. Percebeu?

— Percebi — murmurou Pitt. — Não recrutamos nenhuma equipe de filmagem para esse projeto. A bordo, só há técnicos em sonar e uma equipe de geofísicos para pesquisar o fundo do oceano.

— E esse cara está nos levando diretamente para o inferno — disse Giordino, olhando para fora, na direção de um armazém do cais, pouco adiante, com um enorme letreiro pintado na porta dupla: Dorsett Consolidated Mining Ltd.

Como eles temiam, o motorista entrou por ali, passando entre dois homens que envergavam o inconfundível uniforme do serviço de segurança da Dorsett Consolidated. Estes apertaram rapidamente o botão que fechava as portas do armazém e trataram de seguir o microônibus.

— Em resumo, parece que eles nos pegaram — disse Pitt.

— Qual é o plano agora? — perguntou o italiano, já sem se preocupar com o tom de voz.

Não houve tempo para uma reunião. O micro-ônibus continuava avançando no escuro interior do armazém.

— É jogar o amiguinho Carl para fora e sair logo daqui. Giordino não esperou um segundo. Com quatro ligeiríssimos passos, estava aplicando uma sufocante gravata no homem que se apresentara como Carl Marvin. Com uma rapidez incrível, arrancou-o do volante, abriu a porta do ônibus e o jogou para fora. Como num número ensaiado, Pitt saltou sobre o assento do motorista e tomou o controle do veículo. Pisou com força no acelerador, avançando instantaneamente sobre um grupo de homens armados, que se espalharam como folhas secas na ventania. Diretamente à frente do ônibus, havia duas pilhas de caixas de papelão com eletrodomésticos japoneses. Embora consciente do iminente impacto, Pitt não mudou de expressão. E as caixas, assim como uma infinidade de tostadeiras, liquidificadores e cafeteiras, foram para os ares feito estilhaços de granada de morteiro.

Fazendo o microônibus derrapar, Pitt entrou bruscamente por um amplo corredor, entre pilhas de caixotes de mercadoria, fez mira numa grande porta de ferro e se abaixou sobre o volante. Com um estrondo metálico que arrancou a porta dos trilhos, fazendo-a subir toda retorcida, o Toyota saiu do armazém para o cais; Pitt teve de virar rapidamente a direção para não colidir com a base de um altíssimo guindaste.

Aquela região do porto estava totalmente deserta. Não se viam navios ancorados a carregar e descarregar. Operários ocupados em consertar parte do cais estavam em horário de almoço; sentados lado a lado numa longa barricada de madeira, que bloqueava um caminho que saía do molhe, preparavam-se para comer. Pitt buzinou e girou o volante com violência, a fim de não atropelá-los; os sobressaltados trabalhadores sentiram um calafrio ao ver o veículo avançar depressa em sua direção. Pitt quase conseguiu contornar a barricada sem tocá-la, mas uma ponta do pára-choque traseiro esbarrou num dos suportes verticais, fazendo girar a estrutura e espalhando os pobres operários em todas as direções.

— Desculpem o mau jeito! — gritou ele pela janela. Lamentava não ter prestado mais atenção. Só então percebeu que o motorista impostor tinha tomado um caminho tortuoso e confuso justamente para confundir-los. Um plano bem elaborado. Ele não tinha idéia do rumo a tomar para sair na estrada que levava à cidade.

Um longo caminhão com carreta atravessou a sua frente, bloqueando-lhe a passagem. Num ziguezague maluco, Pitt se contraiu desesperadamente ao volante, tentando evitar o choque com o gigantesco veículo. Ouviram-se um estrondo, o barulho estridente do vidro partido e o torturado gemido do metal quando o micro-ônibus, escapando totalmente ao controle, colidiu de lado com a frente do caminhão. Com muita dificuldade, Pitt conseguiu corrigir a trajetória, mas, agastado ao ver jorrar um líquido diante pára-brisa quebrado, deu uma dura pancada no volante. O impacto tinha deslocado o radiador, soltando as mangueiras. Não era o único problema. O pneu direito havia estourado e a suspensão dianteira saíra do alinhamento.

— Você faz questão de bater em tudo o que atravessa o seu caminho, não? — perguntou Giordino com irritação. Sentado no chão, do lado ainda não amassado do microônibus, protegia Maeve com o braço enorme.

— Foi distração minha — disse Pitt. — Alguém se machucou?

— O suficiente para processá-lo por sevícia — respondeu Maeve, sem perder o bom humor.

Giordino pôs a mão num galo que lhe crescia a um lado da cabeça e olhou com tristeza para Maeve.

— Seu velho é incorrigível. Soube que a gente ia chegar e preparou uma festa-surpresa.

— Alguém da ANPS está metido nisto. — Pitt olhou rapidamente para Maeve. — Espero que não seja você.

— Eu não! — disse ela com firmeza.

Giordino foi para a traseira do ônibus e olhou pela janela, para ver se estavam sendo perseguidos. Dois furgões pretos, desviando-se do caminho avariado, vinham no seu encalço.

— Vem vindo um monte de gente para cá.

— Mocinhos ou bandidos? — perguntou Pitt.

— Detesto ser portador de más notícias, mas nenhum deles está de quepe branco.

— É isso que chama de identificação positiva?

— Quer que eu seja mais específico? Pois bem, os dois furgões têm o logotipo da Dorsett Consolidated Mining nas portas.

— Não!

— Se você quiser, quando eles estiverem mais perto, peço ao motorista que venha lhe mostrar os documentos.

— Não, obrigado. Eu tenho espelho retrovisor.

— Com os estragos que fizemos, devia haver uma dúzia de radio-patrolhas no nosso encalço — resmungou Giordino. — Por que a polícia não está cumprindo o seu dever de patrulhar o porto? Eles deviam vir prendê-lo por imprudência ao volante.

— Se eu o conheço bem, meu pai deve tê-los subornado para que tirassem folga hoje — disse Maeve.

Sem refrigeração, o motor esquentou rapidamente e começou a soltar nuvens de vapor. Pitt mal conseguia controlar o veículo semidemolido. As rodas dianteiras, ambas deslocadas para fora, pelevavam para andar em direções opostas. De súbito, apareceu diante do ônibus uma estreita ruela entre dois armazéns. Numa última cartada, Pitt resolveu entrar por ali. E, ao ver que a viela conduzia a um molhe deserto, cuja única saída era aquela pela qual acabava de passar, compreendeu tarde demais que a sorte não estava a seu lado.

— Fim da linha — suspirou.

Giordino olhou para trás novamente.

— Os caras também notaram. Até pararam para festejar.

— Maeve?

Ela foi para a frente do ônibus.

— Sim? — disse calmamente.

— Quanto tempo você consegue reter a respiração?

— Não sei. Um minuto talvez.

— Al? Que eles estão fazendo?

— Vêm vindo para cá. Estão com uns porretes bem feios na mão.

— Querem nos pegar vivos. Muito bem, sentem-se e segurem-se.

— Que vai fazer? — perguntou Maeve.

— Nós vamos nadar um pouco, meu amor. Al, abra todas as janelas. Quero que esta coisa afunde como um tijolo.

— Espero que o mar esteja morno — disse o italiano ao abrir as janelas. — Detesto água fria.

Pitt se dirigiu a Maeve.

— Respire fundo e retenha o máximo de oxigênio na corrente sanguínea. Expire e volte a inspirar quando mergulharmos.

— Aposto que sei nadar melhor do que você debaixo da água — desafiou ela com valentia.

— Pois tem uma boa chance de prová-lo agora — respondeu Pitt, sem ocultar sua admiração. — Não perca tempo esperando um bolsão de ar. Saia pela janela a sua direita e nade para baixo do cais assim que parar de entrar água no ônibus. Pitt pegou sua mala de lona, abriu o zíper, tirou um embrulho de náilon e o enfiou na cintura, criando um curioso volume na frente da calça.

— Que diabos você está fazendo? — quis saber Maeve.

— É o meu estojo de emergência. Nunca saio de casa sem ele.

— Estão chegando — anunciou Giordino, sem perder a tranquilidade.

Pitt vestiu um blusão de couro, fechou-o até o pescoço, voltou-se e segurou o volante.

— Lá vamos nós!

E, acelerando, ajustou o câmbio automático em low. Com o pneu dianteiro direito totalmente no chão e soltando uma densa fumaça, que a tudo encobria, o amassado ônibus deu um salto à frente e começou a ganhar velocidade para mergulhar. Não havia parapeito no cais, apenas uma viga horizontal de madeira, que funcionava como meio-fio para os veículos. As rodas da frente receberam toda a força do impacto. A já debilitada suspensão dianteira partiu-se quando o chassi sem rodas tombou sobre ela, os pneus traseiros a girar furiosamente, queimando borracha e empurrando para o mar o que restava do Toyota.

O ônibus pareceu cair em câmara lenta até o momento em que a frente, mais pesada, atingiu estrepitosamente a água. A última coisa que Pitt se lembraria de ter ouvido, antes que o pára-brisa caísse para dentro e a água salgada entrasse pela porta, foi o sonoro chiado do superaquecido motor ao ser inundado.

O microônibus oscilou, ficou um instante suspenso e então afundou no verde mar da baía. Quando correram à beira do cais e olharam para baixo, os seguranças de Dorsett só conseguiram ver uma nuvem de vapor, uma massa de bolhas a murmurar e uma mancha de óleo que se dilatava lentamente na superfície. As ondas provocadas pelo impacto encrespavam a água, espalhando-se rumo aos pilares sob o molhe. Eles ficaram aguardando, na expectativa de ver emergirem as cabeças; porém, das profundezas não lhes chegou sinal de vida.

Pitt calculou que, naquelas docas que acomodavam grandes navios cargueiros, a profundidade da água devia ser de pelo menos quinze metros. Com as rodas para baixo, o ônibus desceu até a lama do fundo, agitando os sedimentos, que se levantaram numa espiralada nuvem. Largando o volante, ele foi para a traseira ver se Giordino e Maeve não estavam feridos e se haviam conseguido sair pelas janelas. Tendo constatado satisfeito que ambos haviam escapado, saiu pela abertura e mergulhou na cegante neblina do areão em suspensão. Ao irromper num lugar limpo, descobriu que a visibilidade era melhor do que esperava e que a temperatura do mar tinha caído um ou dois graus. A maré cheia trazia água cristalina, que lhe permitia distinguir facilmente cada pilar do cais. Calculou que tinha uns vinte metros de visibilidade.

Reconheceu os vultos indistintos de Maeve e Giordino cerca de quatro metros mais adiante, nadando impetuosamente no vazio. Olhou para cima, mas a superfície era apenas um borrão de luz difusa que vinha do céu nublado. Então a água escureceu consideravelmente quando ele começou a nadar entre as colunas, sob o molhe. Na escuridão, perdeu os outros dois de vista; seus pulmões

começaram a se contrair, ressentindo a crescente falta de ar. Ele nadou em ângulo rumo à superfície, permitindo que a flutuabilidade de seu próprio corpo o levasse para cima. Ia com a mão erguida para não bater a cabeça em alguma coisa dura ou cortante. Finalmente emergiu em meio a um mar de sujeira flutuante. Respirou muitas vezes o ar salgado, depois olhou a sua volta à procura de Maeve e Giordino, que já estavam boiando a pouca distância, mais atrás.

Aproximaram-se. Pitt sentiu admiração por Maeve ao vê-la sorrindo.

— Perdeu — sussurrou ela, para não ser ouvida pelos homens de Dorsett, lá em cima. — Aposto que quase se afogou tentando me ultrapassar.

— O velhinho aqui ainda está em boa forma — murmurou ele.

— Acho que ninguém nos viu — cochichou o italiano. — Eu já estava quase sob o molhe quando me librei da nuvem de areia.

Pitt apontou para a direção geral da área principal do cais do porto.

— A melhor opção é nadar por baixo do píer até achar um lugar seguro onde sair.

— E se entrarmos no primeiro navio que encontrarmos?

— sugeriu Giordino.

Maeve não concordou. Seus longos cabelos loiros flutuavam como algas douradas num lago.

— Se os capangas de meu pai seguirem a nossa pista, ele encontrará um meio de obrigar a tripulação a nos entregar.

Giordino olhou para ela.

— Não acha que a tripulação nos abrigaria até colocar-nos sob a proteção das autoridades locais?

Pitt sacudiu a cabeça, espalhando gotas de água.

— Se você fosse o capitão de um navio ou o chefe da guarda portuária, acreditaria em três ratos quase afogados ou na palavra de um representante de Arthur Dorsett?

— Provavelmente não em nós.

— Se conseguíssemos chegar ao Ocean Angler...

— E a primeira coisa que eles esperam que façamos — disse Maeve.

— Quando estivermos a bordo, os homens de Dorsett terão de suar muito para nos tirar de lá.

— Só um problema — lembrou Giordino. — Não temos a menor idéia de onde o Ocean Angler está ancorado.

Pitt endereçou ao amigo um ar de censura.

— Detesto quando você está lúcido.

— Ele tem casco turquesa e cabinas brancas como o Ice Hunter? — indagou Maeve.

— Todos os barcos da ANPS têm a mesma cor — respondeu o italiano.

— Então eu o vi. Está no píer 16.

— Eu desisto! Onde fica o píer 16?

— É o quarto ao norte daqui — respondeu Pitt.

— Como você sabe?

— Pelos letreiros nos armazéns. Vi o número 19 antes de saltar do píer 20.

— Agora que sabemos onde estamos e aonde devemos ir, é melhor começar a nadar para lá — propôs Giordino. — Se eles não forem completamente idiotas, logo mandarão mergulhadores procurar os corpos no ônibus.

— Cuidado com os pilares — avisou Pitt. — Abaixo da superfície, estão cheios de colônias de mariscos. As conchas cortam como navalha.

— Foi por isso que você trouxe o blusão de couro? — quis saber Maeve.

— A gente nunca sabe quem vai encontrar — disse Pitt secamente.

Sem nada ver, não havia como calcular a distância que deviam percorrer para chegar ao navio de pesquisas. Poucando energia, foram nadando lenta e continuamente, de peito, pelo labirinto de pilares, tratando de afastar-se dos homens de Dorsett lá em cima, no molhe. Chegaram à base do pier 20, passaram por baixo da área dos armazéns principais, que se comunicava com todas as docas, e rumaram para norte, para o pier 16. Já se havia passado quase uma hora quando Maeve avistou, na água, o reflexo do casco turquesa abaixo do cais.

— Chegamos — gritou, feliz.

— Não comemore tão cedo — alertou Pitt. — A doca pode estar toda tomada pelos gorilas de seu pai.

O casco do navio se encontrava a apenas dois metros dos pilares. Pitt nadou até ficar exatamente em baixo da rampa de embarque. Erguendo a mão, segurou uma saliência do reforço dos pilares e saiu da água. Trepando pelas vigas divergentes, até chegar à borda superior da doca, assomou vagarosamente e examinou as cercanias. A área próxima da rampa de embarque estava deserta, porém havia um furgão da segurança de Dorsett parado no outro lado da entrada mais próxima do pier. Ele contou quatro homens num espaço aberto entre pilhas de contêineres de cargueiro e vários automóveis estacionados perto dos navios ancorados em frente ao Ocean Angler.

Descendo abaixo da borda da doca, disse a Maeve e Giordino:

— Nossos amigos estão vigiando a entrada do pier a uns oito metros daqui, longe demais para impedir-nos de subir a bordo.

Não foi necessária nenhuma outra palavra. Pitt os ajudou a subir na viga. Depois, a um sinal dele, os três seguraram a trave horizontal de madeira, que servia de meio-fio, treparam e, contornando dois gigantescos cabeços de amarração, Maeve à frente, subiram a rampa em disparada.

Uma vez na segurança do navio, os instintos de Pitt começaram a fazer hora extra. Ele acabava de cometer um grave erro, e não havia como consertá-lo. Percebeu isso ao ver os homens que vigiavam a doca caminhar lenta e metodicamente na direção do Ocean Angler, como se apenas tivessem saído para dar uma volta. Não havia gritaria nem confusão. Eles agiam como se tivessem esperado o tempo todo que sua presa aparecesse de súbito e fosse buscar refúgio no navio. Olhando para o convés, onde não havia sinal de movimentação humana, compreendeu que algo estava muito errado. Alguém da tripulação devia ser visto num navio em atividade. Os batiscafos robotizados, o equipamento de sonar, o longo guindaste para descer às profundezas, os sistemas de busca estavam abandonados. Era rara a ocasião em que um engenheiro ou cientista não estivesse lidando com os cobijados aparelhos. E ele soube que o impensável tinha acontecido quando uma porta se abriu no tombadilho e uma figura familiar saiu ao convés.

— Que prazer revê-lo, senhor Pitt — disse John Merchant com um amplo sorriso.

— Você não desiste mesmo, hein?



Naqueles primeiros minutos de frustração, Pitt se sentiu invadido por uma quase tangível onda de derrota. Primeiro, pelo fato de ter sido capturado sem esforço, e irremediavelmente, naquela armadilha. Segundo, porque Maeve acabava de cair nas garras do pai. Terceiro, porque ele e Giordino com toda certeza seriam assassinados. Era uma pílula amarga demais para engolir.

Era também dolorosamente óbvio que, contando com a ajuda de um agente infiltrado na ANPS, os homens de Dorsett tinham chegado primeiro ao Ocean Angler e, mediante um subterfúgio qualquer, subjugaram temporariamente o capitão e a tripulação, assumindo o controle do navio até agarrá-los. Era tão previsível, tão transparente, que Arthur Dorsett tomaria medidas extraordinárias, elaboraria uma estratégia suplementar para o caso de Pitt e Giordino escaparem do armazém e, de algum modo, conseguirem refugiar-se no barco... Pitt achava que devia ter antecipado a situação e tratado de subir a bordo com um plano alternativo, mas subestimara o malvado barão do diamante. Que Dorsett, qual um pirata, invadisse um navio ancorado no porto de uma grande cidade simplesmente não passara por sua cabeça.

Ao ver o pequeno exército de homens fardados sair dos esconderijos, alguns com cassetetes da polícia, outros empunhando armas com balas de borracha, compreendeu que a esperança estava perdida. Mas não irremediavelmente. Pelo menos enquanto tivesse Giordino a seu lado. Voltou-se para ver como o amigo reagia ao choque terrível. Ele parecia suportar uma aula chatíssima no colégio. Não apresentava reação. Limitava-se a olhar intensamente para Merchant, como que a tomar-lhe as medidas para o caixão: um olhar fixo, Pitt reparou, e estranhamente parecido com o que Merchant lhe estava endereçando.

Pitt abraçou Maeve, cuja postura soberana começava a claudicar. Seus olhos azuis estavam desolados. Eram os olhos muito abertos e vidrados de quem sabia que o mundo acabava. Depois, baixando a cabeça, escondeu o rosto nas mãos e se pôs a soluçar. Não tinha medo por si própria, mas pelo que seu pai haveria de fazer com os meninos. Principalmente agora, quando ficara flagrante que ela o enganara.

— Que você fez com a tripulação? — perguntou Pitt a Merchant, notando o curativo em sua cabeça.

— Convenci os cinco homens que ficaram a bordo a permanecer no alojamento. Pitt o fitou, intrigado.

— Só cinco?

— Só. Os outros foram convidados a uma festinha oferecida pelo senhor Dorsett no mais luxuoso hotel de Wellington. Em homenagem aos bravos exploradores

das profundezas, ou coisa que o valha. Uma empresa de mineração como a Dorsett Consolidated tem grande interesse nos minerais que possam ser descobertos no fundo do mar.

— Vocês se prepararam bem — disse Pitt com frieza. — Quem, da ANPS, lhes contou que íamos chegar?

— Não sei como se chama. É um geólogo que mantém o senhor Dorsett informado sobre os seus projetos de mineração submarina. É apenas um, dentre muitos, que fornece à empresa informações sobre os negócios e os governos no mundo inteiro.

— Uma rede de espionagem privada.

— E das melhores. Nós os estamos seguindo desde que vocês decolaram de Langley Field, em Washington.

Os guardas que os cercavam nada fizeram para prendê-los.

— Não vão nos algemar?

— Meus homens têm ordens de atacar e ferir a senhorita Dorsett se você e seu amigo tentarem fugir. — Os dentes de Merchant brilharam ao sol entre os lábios finos. — Não são ordens minhas, claro. São da senhorita Boudicca Dorsett.

— Um doce de mulher — disse Pitt causticamente. — Aposto como adorava torturar as bonecas quando era menina.

— Ela tem planos interessantíssimos para o senhor.

— Como vai sua cabeça?

— Muito bem. Não me impediu de atravessar o oceano para buscá-lo.

— Mal posso agüentar o suspense. Aonde vamos?

— O senhor Dorsett não demora. Vocês todos serão transferidos a seu iate.

— Pensei que a mansão flutuante ainda estivesse na ilha Kunghit.

— Estava. Há alguns dias. — Merchant sorriu, tirou os óculos e, com uma pequena flanela, lustrou meticulosamente as lentes. — O iate dos Dorsett tem quatro motores turbodiesel ligados a jatos aquáticos, que produzem um total de dezoito mil HP, coisa que permite à embarcação de oitenta toneladas navegar a cento e vinte quilômetros por hora. Você vai ver que o senhor Dorsett é um homem de gosto singular.

— Na verdade, ele deve ter uma personalidade tão fascinante quanto o caderno de endereços de um monge enclausurado — disse Giordino de pronto. — Que faz para se divertir, além de contar diamantes?

Por um breve instante, Merchant fuzilou Giordino com os olhos, e seu sorriso desapareceu; logo, ele se recompôs e seu olhar sem vida retornou como que aplicado por um maquiador.

— O humor, cavalheiros, tem seu preço. Como a senhorita Dorsett pode testemunhar, o pai não acha muita graça em piadinhas satíricas. Sou capaz de jurar que amanhã, a esta altura, vocês não terão motivo algum para sorrir.

Arthur Dorsett era muito diferente do que Pitt imaginava. Esperava que um dos homens mais ricos do mundo, pai de três mulheres belíssimas, fosse razoavelmente bonito e tivesse certo grau de sofisticação. No entanto, a pessoa que estava a sua frente, no salão do mesmo iate a que o haviam arrastado na ilha Kunghit, não passava de um gigante do folclore teutônico. Parecia saído de uma caverna subterrânea.

Dorsett era pelo menos meia cabeça mais alto do que Pitt e duas vezes mais largo dos quadris aos ombros. Não ficava bem sentado a uma escrivaninha. Era evidente que Boudicca herdara dele os olhos negros e vazios. Dorsett tinha rugas na pele curtida do rosto, e suas mãos ásperas, riscadas de cicatrizes, indicavam que ele não tinha medo de trabalho pesado. As pontas do bigode basto e hirsuto

ainda guardavam vestígios do almoço. Porém o que mais parecia incompatível com um homem de sua estatura internacional eram os dentes amarelados e irregulares, que pareciam as teclas de marfim de um velho piano. Quando fechados, seu lábios ainda escondiam tanta feiúra, mas, curiosamente, ele raramente os fechava, mesmo quando não estava falando.

Encontrava-se diante da escrivainha de madeira lavrada, com tampo de mármore, flanqueado por Boudicca, a sua esquerda, com calça de brim, uma blusa amarrada pouco acima do umbigo e estranhamente abotoada até o pescoço, e por Deirdre, sentada numa cadeira revestida de seda, com uma elegante blusa de gola rulê sob a camisa que fazia jogo com a saia. Cruzando os braços e sentando-se na escrivainha, com um pé no carpete, Dorsett sorria como um monstruoso bruxo velho. Seus olhos sinistros examinaram cada detalhe de Pitt e Giordino, espetando-os como agulhas da cabeça aos pés. Voltou-se para Merchant, que estava de pé atrás de Maeve, a mão enfiada por baixo do paletó esporte de tweed, segurando o coldre com a pistola automática.

— Muito bem, John — grunhiu. — Você previu cada movimento deles. — Erguendo a grossa sobrancelha, olhou fixamente para os dois prisioneiros sujos e molhados antes de voltar a encarar Maeve, que tinha o cabelo ensopado grudado na testa e no rosto. Depois, abrindo mais o sorriso medonho, fez um gesto afirmativo para Merchant. — Mas, pelo que vejo, nem tudo correu como você esperava. Parece que eles estão saindo de uma fossa.

— Adiaram o inevitável, tentando fugir pelo mar — disse Merchant com polidez. A segurança e a soberba se espelhavam em seus olhos. — Mas, no fim, vieram cair diretamente nas minhas mãos.

— Algum problema com a guarda portuária?

— As negociações e as compensações foram fáceis — gabou-se Merchant. — Quando o seu iate se aproximou do Ocean Angler, os cinco tripulantes detidos foram soltos. Tenho certeza de que qualquer queixa formal que os funcionários da ANPS venham a apresentar esbarrará na indiferença burocrática das autoridades locais. O país deve muito à Dorsett Consolidated por sua contribuição à economia.

— Você e seus homens serão recompensados — anunciou Dorsett com um gesto de aprovação. — Todos os envolvidos receberão um generoso prêmio.

— É muita gentileza sua, patrão — ronronou Merchant.

— Por favor, deixe-nos a sós agora.

Merchant olhou desconfiado para Pitt e Giordino.

— É preciso vigiar esses homens com cuidado — protestou com brandura. — Não o aconselho a arriscar-se com eles.

— Acha que vão tentar dominar o iate? — Dorsett soltou uma gargalhada. — Dois homenzinhos indefesos contra uma dúzia de segurança armados? Ou teme que pulem no mar e nadem até a praia? — Pela ampla janela, apontou para a estreita faixa do cabo Farewell, na ilha do Sul da Nova Zelândia, que desaparecia rapidamente na esteira do iate. — Atravessar quarenta quilômetros de mar infestado de tubarões? Eu duvido.

— Meu dever é protegê-lo e aos seus interesses — disse Merchant, afastando a mão da arma, fechando o paletó e caminhando lentamente para a porta. — E eu o levo a sério.

— Seu trabalho será recompensado — retrucou Dorsett, já impaciente.

Assim que Merchant saiu, Maeve gritou violentamente para o pai:

— Eu exijo que você me diga se Sean e Michael estão bem, se o seu estúpido superintendente de mina não lhes fez nenhum mal!

Sem dizer uma palavra, Boudicca avançou um passo, estendeu a mão num gesto que Pitt tomou por uma manifestação de carinho, porém esbofetou a irmã com tanta força que quase a derrubou. Maeve recuou tropeçadamente e foi segura por Pitt, enquanto Giordino se colocava entre as duas mulheres.

Bem mais baixo, o italiano precisou erguer a cabeça para encarar Boudicca. Foi como se estivesse olhando para o alto de um edifício. A cena se tornou ainda mais cômica porque ele teve contornar a barreira dos seios volumosos.

— Eu sei uma coisa de você — gracejou. Pitt conhecia bem o olhar do amigo, que tinha muita habilidade para julgar as aparências e os caracteres. Devia ter visto alguma coisa, alguma esquisitice infinitesimal, que lhe escapara. E estava se expondo a um risco que, em sua avaliação, justificava-se. Rindo com malícia, percorreu Boudicca dos pés à cabeça. — Quer apostar comigo?

— Apostar?

— Isso mesmo. Aposto como você não raspa as pernas nem as axilas.

Fez-se silêncio, não tanto pelo choque quanto pela curiosidade. De súbito, com o rosto retorcido de cólera, Boudicca ergueu o punho para bater. Giordino permaneceu como estava, simplesmente esperando a pancada, sem esboçar o menor movimento para esquivar-se ou defender-se.

A gigante bateu com mais força do que muitos boxeadores olímpicos. Seu punho cerrado atingiu o italiano na face e no queixo. Foi um soco violento, demolidor, não o que se podia esperar de uma mulher, e teria nocauteado qualquer homem. E qualquer homem passaria mais de vinte e quatro horas inconsciente, ou seja, qualquer um dos que ela havia esmurrado com descontrolada fúria. Giordino foi arremessado para o lado, recuou um passo, sacudiu a cabeça, como que para se recuperar, e depois cuspiu um dente no caríssimo tapete. Incompreensivelmente, porém, além do alcance do entendimento, avançou até ficar uma vez mais debaixo do saliente busto de Boudicca. Não havia animosidade em seu olhar, nenhuma expressão de vingança. Limitou-se a fitá-la, pensativo.

— Se você tiver um mínimo de decência e senso de lealdade, vai me dar uma chance de devolver a porrada.

Divertida e confusa, Boudicca esboçou um sorriso enquanto massageava a mão dolorida. A indignação não tardou a dar lugar à fria hostilidade. E ela o fitou com os olhos de uma cascavel pronta para inocular a mortífera peçonha.

— Você não passa de um idiota — resmungou com desdém.

E, ato contínuo, agarrou-lhe o pescoço com uma só mão. Giordino manteve os braços colados ao corpo, não esboçou o mais leve movimento para detê-la. Seu rosto foi perdendo a cor e seus olhos começaram a saltar das órbitas. Mesmo assim, nada fez para defender-se. Ficou olhando para ela sem mudar de expressão.

Pitt se lembrava bem da força da mão de Boudicca; os hematomas em seus braços o atestavam. Confuso com a inusitada demonstração de passividade do amigo, afastou-se de Maeve e estava disposto a dar um pontapé na rótula da gigante quando Dorsett gritou:

— Largue-o! Não suje as mãos nesse rato!

O italiano continuou como uma estátua num parque quando a mulher lhe soltou a garganta e, esfregando a mão, recuou um passo.

— Da próxima vez — rosnou —, meu pai não estará por perto para lhe salvar a pele encardida.

— Você já pensou em se tornar profissional? — perguntou Giordino rouçamente, apalpando de leve as marcas descoradas no pescoço. — Conheço um circo que a contrataria sem pestanejar e...

Pitt pousou a mão no ombro do amigo.

— Antes de pedir revanche, vamos ouvir o que o senhor Dorsett tem a dizer.

— Você é mais esperto do que seu companheiro.

— Só quando se trata de evitar a dor e de lidar com criminosos.

— É isso que você pensa de mim? Que sou um criminoso comum?

— Considerando que é responsável pelo assassinato de centenas de pessoas, a resposta seria um desqualificado sim.

Dorsett deu de ombros e se sentou à escrivaninha.

— Lamentavelmente foi necessário. Pitt sentiu raiva dele.

— Não me lembro de nenhuma justificativa para tirar a vida, a sangue frio, de homens, mulheres e crianças inocentes.

— Para que perder o sono por conta de algumas mortes quando, no Terceiro Mundo, milhões morrem de fome e doença ou nas guerras?

— Deve ser pela educação que eu recebi — respondeu Pitt. — Minha mãe me ensinou que a vida é um dom.

— A vida é um investimento, nada mais — riu Dorsett. — As pessoas são como ferramentas velhas que, depois de usadas, são jogadas no lixo ou destruídas porque já não têm serventia. É pena que um homem como você seja tão limitado por princípios morais. Está condenado a perseguir uma miragem, um mundo perfeito que nunca existiu e nunca existirá.

Pitt se sentiu diante de um louco varrido.

— Você também persegue uma miragem. Dorsett sorriu sem humor.

— Ledo engano, senhor Pitt. Eu a terei nas mãos antes de morrer.

— Sua filosofia de vida é doentia e distorcida.

— Até agora eu me dei muito bem com ela.

— Qual é a sua desculpa para não deter as mortes em massa causadas pelas atividades ultra-sônicas de suas minas?

— Extrair mais diamantes. Que outro motivo eu teria? — Dorsett encarou Pitt como se estivesse estudando um espécime num vidro. — Dentro de poucas semanas, farei felizes milhões de mulheres, oferecendo-lhes a mais preciosa das pedras por um preço que qualquer mendigo é capaz de pagar.

— Como samaritano, você não convence muito.

— Os diamantes não passam de pedaços de carbono. Sua única utilidade prática reside no fato de ser a substância mais dura conhecida pelo homem. Por isso é essencial no acabamento dos metais e na perfuração das rochas. Você sabia que a palavra "diamante" vem do grego, senhor Pitt? Significa indomável. Os gregos, e mais tarde os romanos, o utilizavam como proteção contra os animais e os inimigos. Suas mulheres, contudo, não o adoravam como as de hoje. Além de espantar os maus espíritos, os diamantes eram usados como um teste do adultério. No entanto, no que diz respeito à beleza, pode-se obter o mesmo brilho num cristal.

Quando Dorsett falava em diamantes, seu olhar não vacilava, mas o pulsar a um lado de seu pescoço denunciava os profundos sentimentos que o ligavam ao tema. Discursava como se tivesse subido repentinamente a um plano superior, que poucos podiam conhecer.

— Você também sabe que o primeiro anel de noivado de brilhante foi dado pelo arquiduque Fernando, da Austria, a Maria de Borgonha em 1477, e que a crença segundo a qual a "veia do amor" vai diretamente do cérebro ao terceiro dedo da mão esquerda tem origem no Egito?

Pitt olhou para ele com indisfarçável desprezo.

— O que eu sei é que o excedente atual de pedras brutas está sendo retido pelos

produtores da África do Sul, da Rússia e da Austrália, a fim de elevar artificialmente os preços. E também sei que é o cartel, essencialmente um monopólio dirigido pela De Beers, que determina os preços. Portanto, como poderia um único homem desafiar todo o sindicato e provocar uma queda de preços súbita e drástica no mercado do diamante?

— O cartel ainda vem comer na minha mão — disse Dorsett com desprezo. — Historicamente, sempre que uma empresa de mineração ou uma nação tentou esquivar-se dele e comercializar as pedras no mercado livre, o cartel reduziu brutalmente os preços. Sufocado pela concorrência e somando prejuízos, o rebelde acabava retornando ao curral. Tenho certeza de que o cartel vai repetir esse ato. Quando perceberem que estou fazendo dumping com milhões de diamantes a dois centavos de dólar, sem me preocupar com os ganhos, será tarde demais para que possam reagir. O mercado já terá sofrido um colapso.

— Qual é a vantagem de dominar um mercado em colapso?

— Não estou interessado em dominar o mercado, senhor Pitt. Eu quero destruí-lo de uma vez por todas. Pitt notou que Dorsett não o fitava diretamente. Mantinha o olhar impassivelmente fixo num ponto atrás de sua cabeça, como se estivesse diante de uma aparição que só ele podia ver.

— Se é que entendi bem, você está cortando a sua própria garganta.

— Parece, não é mesmo? — Dorsett apontou o dedo para Pitt. — E exatamente o que eu quero que todos pensem, até os meus colaboradores mais próximos e as minhas filhas. Mas a verdade é que vou ganhar muito dinheiro. Muito!

— Como?

Dorsett exibiu os dentes grotescos num sorriso diabólico.

— A resposta não se acha nos diamantes, mas no mercado das gemas coloridas.

— Meu Deus! — exclamou Maeve, como se estivesse testemunhando uma revelação. — Agora eu entendo! Você quer monopolizar o mercado de gemas coloridas! Ela começou a tremer, tanto pela roupa molhada quanto pelo medo que a invadiu. Pitt tirou o blusão de couro ensopado e lhe cobriu os ombros.

Dorsett fez que sim.

— Isso mesmo, minha filha. Nos últimos vinte anos, seu velho e sábio pai foi armazenando a produção de diamante ao mesmo tempo em que comprava discretamente os direitos sobre as maiores minas de gemas coloridas do mundo. Mediante a complexa formação de empresas testas-de-ferro, eu hoje controlo em segredo oitenta por cento do mercado.

— Suponho que o que você chama de gemas coloridas são os rubis e as esmeraldas — disse Pitt.

— Exatamente, e uma série de outras pedras preciosas e semi-preciosas, inclusive a safira, o topázio, a turmalina e a ametista. Quase todas muito mais raras do que o diamante. As jazidas de tsavorita, pedra preciosa descoberta no Quênia, berilo ou esmeralda vermelha, e a opala de fogo mexicana, por exemplo, estão se tornando cada vez mais difíceis de encontrar. Certas gemas coloridas são tão raras que passaram a ser procuradas por colecionadores e raramente transformadas em jóias.

— Por que o preço de tais pedras não se equipara ao do diamante?

— Porque o cartel sempre conseguiu aviltá-las — contou-lhe Dorsett com o fervor de um amante corroído pelo ciúme. — Durante décadas, a De Beers empregou verdadeiras fortunas em sofisticadas pesquisas para estudar e controlar os mercados internacionais. Gastaram-se milhões na publicidade do diamante, que impôs a imagem do valor eterno. Para manter os preços, a De Beers criou uma demanda de diamantes sincronizada com a oferta crescente.

Assim, o mito do homem exprimindo seu amor por uma mulher por intermédio de um brilhante foi divulgado via uma habilidosa campanha publicitária, que atingiu o cume com o slogan "O brilhante é eterno". — Com gestos teatrais, começou a passear na sala. — Como a produção de gemas coloridas está fragmentada entre milhares de produtores independentes, uns concorrendo com os outros, jamais existiu uma organização unificada que as promovesse. O comércio foi prejudicado pela falta de consciência do consumidor. Pretendo mudar isso tudo quando o preço do diamante despencar.

— Quer dizer que mergulhou de cabeça na produção de gemas coloridas.

— Não só na produção — declarou Dorsett. — Ao contrário da De Beers, eu vou lapidá-las e comercializá-las na Casa Dorsett, minha rede de lojas de comércio a varejo. As safiras, as esmeraldas e os rubis podem não ser eternos, mas, quando eu tiver entrado em cena, farão com que qualquer mulher que os use se sinta uma deusa. A joalheria atingiu um novo esplendor. Até mesmo um famoso ourives renascentista, como Benvenuto Cellini, proclamou que o rubi e a esmeralda eram mais gloriosos do que o diamante.

Era uma concepção desconcertante, e Pitt teve o cuidado de considerar as possibilidades antes de perguntar:

— Há décadas que as mulheres acatam a idéia de uma inegável associação do brilhante com o amor e as relações duradouras. Você acredita mesmo que conseguirá desviar esse interesse para as gemas coloridas?

— Ora, por que não? — Dorsett se mostrou surpreso com a dúvida de Pitt. — A idéia do anel de noivado de brilhante só se impôs no fim do século 19. É tudo uma questão de estratégia para reformar as atitudes sociais. Tenho uma agência de publicidade muito criativa, com filiais em trinta países, pronta para lançar uma campanha promocional internacional em uníssono com minha operação para derrubar o cartel. Quando eu terminar, as pedras coloridas serão as gemas de maior prestígio na joalheria. O brilhante passará a ser usado apenas como enfeite secundário.

O olhar de Pitt foi de Boudicca para Deirdre e desta para Maeve.

— Como a maioria dos homens, não sou capaz de julgar os pensamentos íntimos das mulheres nem suas emoções, mas tenho certeza de que não vai ser fácil convencê-las de que o brilhante não é o seu melhor amigo.

Dorsett soltou uma gargalhada.

— São os homens que compram pedras preciosas para as mulheres. E, por mais que queiram impressionar suas amadas, eles têm uma noção muito mais apurada de valor. Ofereça-lhes o fato de que o rubi e a esmeralda são cinquenta vezes mais raros do que o diamante, e eles os comprarão.

— É verdade mesmo? — perguntou Pitt com ceticismo.

— Uma esmeralda é cinquenta vezes mais rara do que um diamante?

Dorsett fez um solene gesto afirmativo.

— E quando se esgotarem as jazidas de esmeralda, o que vai acabar acontecendo com o tempo, a diferença será muito maior. Atualmente, pode-se dizer com segurança que a esmeralda vermelha, que vem só de uma ou duas minas do Estado de Utah, é um milhão de vezes mais rara.

— Monopolizar um mercado e destruir outro... Deve haver outros motivos, que não o simples lucro.

— Não se trata de "simples lucro", meu caro Pitt. Trata-se de lucros num nível jamais conhecido na história. Estamos falando de dezenas de bilhões de dólares.

Pitt teve dúvidas quanto à soma assombrosa.

— Você não chegaria a tanto, a menos que dobrasse o preço das gemas

coloridas.

— Quadruplicar estaria mais próximo da verdade. Claro, o aumento não ocorrerá de um dia para outro, porém em elevações graduais num período de anos.

Pitt se aproximou até ficar diante de Dorsett, olhando-o de perto.

— Não tenho nada contra o seu desejo de bancar o rei Midas — disse tranqüilamente. — Faça o que bem entender com o preço do diamante. Mas, pelo amor de Deus, cesse as escavações ultra-sônicas em suas minas. Chame seus superintendentes e ordene que detenham todas as atividades. Faça isso agora, antes que esteja irremediavelmente perdido.

Fez-se um estranho silêncio. Todos os olhares se voltaram para Dorsett, na expectativa de uma explosão de cólera por ter sido desafiado. Ele passou longos segundos encarando Pitt; depois, voltou-se para Maeve.

— Seu amiguinho está impaciente. Ele não me conhece, não tem idéia da minha determinação. — Tornou a olhar para Pitt. — O assalto ao cartel do diamante está marcado para o próximo 22 de fevereiro, daqui a vinte dias. Para que dê certo, eu preciso de cada grama, de cada quilate que minhas minas conseguirem produzir até lá. A cobertura mundial de imprensa, o espaço publicitário nos jornais e o tempo na televisão já estão agendados. Não pode haver alterações, não haverá alterações em meus planos. Se alguns pés-de-chinelo precisam morrer, que morram.

Distúrbio mental, pensou Pitt, eram as únicas palavras capazes de descrever a sinistra malignidade dos olhos pretos de Dorsett. Distúrbio mental e indiferença absoluta pela mais vaga idéia de remorso. Tratava-se de um homem sem consciência. Pitt sentia arrepios só de olhar para ele. Quantas mortes Arthur Dorsett já não teria nas costas? Muito antes de começar a escavar diamantes com ultra-som, quantos homens que atravessaram seu caminho rumo à riqueza e ao poder tinham perecido? Sentiu um calafrio ao constatar que se achava diante um psicopata, do mesmo nível de um assassino serial.

— Você pagará por seu crime, Dorsett — disse Pitt com voz calma porém fria.

— Certamente pagará pela tristeza insuportável e pela agonia que vem causando.

— Quem será o anjo vingador? — rosnou Dorsett. — Você, por acaso? O senhor Giordino, aqui presente? Eu não acredito em castigo divino. A possibilidade é remota demais. A única certeza na qual posso apostar, senhor Pitt, é a de que você não estará aqui para ver.

— Executar as testemunhas com um tiro na cabeça e jogá-las ao mar. É essa a sua política?

— Um tiro em sua cabeça e outro na do senhor Giordino? — Não havia sinal de emoção na voz de Dorsett. — Seria vulgar demais. E sobretudo clemente demais. Jogá-los ao mar? Bem, esta conclusão é inevitável. Em todo caso, vocês dois podem ter certeza de que eu lhes proporcionarei uma morte brutal e lenta.



Depois de navegar mais de trinta horas a uma rapidez incrível, os poderosos motores turbodiesel passaram a ronronar suavemente, e o iate foi perdendo velocidade até derivar ao sabor das ondas mansas. Fazia tempo que a última paisagem do litoral da Nova Zelândia tinha desaparecido na esteira da luxuosa embarcação. Ao longe, os raios começaram a fender as nuvens negras acumuladas a norte e a oeste, e trovões sacudiram o horizonte. A sul e a leste não se viam nuvens, o céu estava azul e limpo.

Pitt e Giordino haviam passado a noite e a metade do dia seguinte trancafiados num minúsculo compartimento da casa das máquinas. Mal tinham espaço para se sentar, mesmo com os joelhos dobrados junto ao queixo. Pitt passou a maior parte do tempo acordado, a lucidez apurada com o barulho das rotações dos motores e o chape-chape das ondas. Sem a menor intenção de refrescar seus impulsos, o italiano soltou as dobradiças da porta e deu com os fuzis automáticos de quatro guardas apontados para a sua barriga. Derrotado, pegou no sono antes mesmo que a porta fosse recolocada.

Irritado e culpando-se pela situação em que os três se encontravam, Pitt censurava-se constantemente, muito embora, na verdade, não se pudesse atribuir-lhe responsabilidade alguma. A menos que se exigisse que ele tivesse adivinhado o pensamento de John Merchant. Fora pego desprevenido porque não avaliara o desejo frenético de Arthur Dorsett de atrair Maeve a suas garras. Ele e Giordino eram reféns secundários, mero e insignificante incômodo naquela cruzada desvairada para uma acumulação absurda de riqueza. Havia algo de estranho e nefasto naquela fixação num plano tão implacável para recapturar a filha caçula e matar os homens da ANPS. Pitt estava se perguntando obscuramente por que Giordino e ele tinham sido mantidos vivos quando a porta avariada se abriu com um rangido e John Merchant se postou na soleira. Ao ver seu carrasco, Pitt consultou automaticamente o relógio Doxa que trazia no pulso: eram onze e vinte da manhã.

— Hora de fazer baldeação — anunciou Merchant alegremente.

— Vamos mudar de barco?

— Vão.

— Espero que o serviço lá seja melhor do que aqui — bocejou Giordino. — Você se encarrega de nossa bagagem, não?

Merchant se limitou a dar de ombros.

— Depressa, cavalheiros. O senhor Dorsett não gosta de esperar.

Cercados por um pequeno exército de guardas munidos de uma variedade de armas destinadas a provocar ferimentos físicos, mas não a matar, foram levados

ao convés de popa. Ambos ficaram ofuscados pela luz da manhã. Caíam as primeiras gotas da chuva que as pesadas nuvens anunciavam.

Protegido por uma saliência, Dorsett banqueteara à mesa com uma grande variedade de iguarias servidas em baixela de prata. Dois comissários uniformizados o ladeavam, um deles prestes a entrar em ação ao mais leve sinal de que o cálice do patrão reclamava mais vinho, o outro a postos para trocar os talheres. Sentadas à esquerda e à direita do pai, Boudicca e Deirdre não se deram ao trabalho de erguer os olhos da comida quando Giordino e Pitt foram levados a sua divina presença. Pitt olhou a sua volta em busca de Maeve, porém não a viu.

— Lamento que já tenham de partir — disse Dorsett, mastigando um pedaço de torrada com caviar. — E uma pena não poder ficar para o almoço.

— Você não sabe que se deve boicotar o caviar? — admoestou-o Pitt. — O esturjão está quase extinto. Dorsett deu de ombros.

— Então é por isso que está custando uns dólares a mais.

Pitt se voltou e olhou para o mar vazio, que começava a se agitar com a aproximação da tempestade.

— Ouvi dizer que vamos para outro barco.

— Isso mesmo.

— Onde está?

— Boiando aí ao lado.

— Sei — disse Pitt calmamente. — Entendo. Você pretende nos deixar à deriva.

Dorsett pegou o guardanapo e limpou a boca com o requinte de um mecânico a esfregar as mãos sujas de graxa.

— Peço desculpas pela embarcação tão pequena e ainda por cima sem motor, mas é o que posso oferecer.

— Um toque de sadismo. Agrada-lhe pensar que vamos sofrer, não é mesmo?

Giordino olhou para os dois moderníssimos botes salva-vidas motorizados presos ao convés superior.

— A sua generosidade é comovente.

— Deviam estar agradecidos. Estou lhes dando uma chance de sobreviver.

— Abandonados numa região em que não existe tráfego marítimo, pouco antes do começo de uma tormenta? — riu Pitt. — O mínimo que você poderia fazer era fornecer papel e caneta para escrevermos o nosso testamento.

— Acabou a conversa. Adeus, senhor Pitt. Senhor Giordino, bon voyage. —

Dorsett fez um sinal a John Merchant. — Leve a escória da ANPS a seu barco.

Merchant apontou para um portão aberto na amurada.

— Nada de confete nem serpentina? — protestou o italiano Pitt chegou à beira do convés e olhou para baixo. Na água, junto ao iate, flutuava um pequeno bote semi-inflável de três metros de comprimento e dois de largura; seu casco de fibra de vidro, em forma de V, parecia robusto. O compartimento central, contudo, dificilmente transportaria quatro pessoas, já que o tubo de flutuação externo, de borracha sintética, ocupava a metade da embarcação. O motor de centro tinha sido retirado; os cabos de controle ainda pendiam do painel. Um vulto com um blusão de couro estava encolhido a bordo.

Pitt não foi capaz de conter a raiva. Agarrando Merchant pelo colarinho da japona de itismo, empurrou-o com a facilidade de quem afasta de si um espantalho e, sem dar tempo a que o detivessem, re-tornou com passos decididos à mesa do almoço.

— Poupe pelo menos Maeve — disse. — É sua filha. Dorsett sorriu sem o menor vestígio de humor.

— Ela preferiu adotar o nome de seus ancestrais. Que sofra como eles.

— Seu filho da puta! — rosou Pitt com fúria animal. — Seu delinqüente escroto...

Foi tudo o que conseguiu dizer. Um dos guardas de Merchant lhe desferiu uma violenta coronhada nas costas, pouco acima do rim. Ele se sentiu consumido por uma dor aguda, mas a raiva extremada o ajudou a manter-se de pé. E, avançando, agarrou a toalha de mesa com ambas as mãos, puxou-a e a jogou para cima. Voaram copos, facas, colheres, bandejas e os deliciosos pratos de *gonmet*, espalhando-se ruidosamente no convés. A seguir, arremeteu contra Dorsett por cima da mesa, embora não com a mera intenção de esmurrá-lo ou estrangulá-lo. Sabendo que só teria uma única chance de atingi-lo, esticou os indicadores e tratou de estocá-los enquanto era atacado pelos guardas. Enlouquecida, Boudicca desferiu um golpe feroz, visando-lhe o pescoço, mas só conseguiu atingi-lo no ombro. Um dos dedos de Pitt errou o alvo, apenas arranhando a testa de Dorsett. O outro o acertou em cheio, e o que se ouviu foi um grito bestial de agonia. Depois, ele sentiu a chuva de pancadas em todos os ossos do corpo; mas logo não sentiu mais nada, e o combate desigual sumiu nas trevas.

Pitt acordou com a sensação de estar num poço sem fundo, numa cova no centro da terra ou, pelo menos, nas entranhas de uma caverna subterrânea, onde só existia a escuridão eterna. Desesperado, buscou uma saída às cegas, mas era como tatear num labirinto. Perdido no meio de um pesadelo, condenado a errar para sempre no negrume, pensou. Então, de súbito, com a fugacidade de um piscar de olhos, avistou um pequenino ponto de luz na distância. Estendeu a mão na sua direção e a viu transformar-se em nuvens escuras a deslizar no céu.

— Louvado seja, Lázaro voltou da morte. — A voz de Giordino parecia vir de muito longe, parcialmente encoberta pelo ruído do tráfego do centro da cidade. — Só para morrer de novo, a julgar pelo tempo que está fazendo.

Ao recobrar a consciência, Pitt desejou voltar ao labirinto de onde acabava de sair. Cada centímetro quadrado de seu corpo doía e latejava. Seus ossos pareciam quebrados da cabeça aos pés. Tentou sentar-se, mas parou a meio caminho e gemeu. Maeve lhe roçou a face e passou o braço por baixo de seu ombro.

— Vai doer menos se você não se mexer.

Ele a fitou. Seus olhos azuis estavam muito abertos, cheios de preocupação e carinho. Como por encanto, Pitt sentiu aquele amor derramar-se sobre ele, e a agonia cessou como que drenada de suas veias.

— E... parece que eu fiz tudo errado, não? — murmurou. Maeve sacudiu lentamente a cabeça; seus longos cabelos loiros balançaram.

— Não pense assim. É por minha culpa que você está aqui.

— Os garotos de Merchant trabalharam bastante antes de jogá-lo para fora do iate — disse Giordino. — Você parece ter sido atropelado por um buldózer.

Pitt se sentou com esforço.

— E Dorsett?

— Depois do que você fez, acho que ele vai ficar parecendo um pirata de verdade quando puser um tapa-olho. Agora, só falta a mão de gancho.

— Boudicca e Deirdre carregaram-no para dentro durante a luta — disse Maeve.

— Se Merchant tivesse compreendido a verdadeira gravidade do ferimento de meu pai, não sei o que teria feito com você.

Pitt percorreu o mar vazio com os olhos inchados e semicerrados.

— Foram embora?

— Tentaram nos abalroar antes de partir, fugindo da tempestade — disse

Giordino. — Por sorte os flutuadores de nossa jangada... sem motor, isto não passa de uma jangada mesmo... bateram no casco do iate e voltaram. Não caímos no mar por um triz.

Pitt tornou a olhar para Maeve.

— Então eles nos largaram aqui, à deriva, como aconteceu com sua tetravó, Betsy Fletcher.

Ela o fitou, intrigada.

— Como sabe dela? Eu nunca lhe contei.

— Sempre investigo a mulher com quem pretendo passar a vida.

— Uma vida bem curta, aliás — disse Giordino, apontando com apreensão para noroeste. — A menos que meu curso noturno de meteorologia não tenha valido nada, estamos justamente no caminho do que por aqui chamam de tufão, ou ciclone talvez, depende da distância em que nos encontramos do oceano Índico.

As nuvens escuras, os relâmpagos e os ameaçadores trovões bastaram para desanimar Pitt quando ele olhou para o mar e ouviu o uivar da ventania cada vez mais forte. A margem entre a morte e a vida tinha a espessura de uma folha de papel. O sol já se pusera e o mar estava cinzento. O pequeno bote não tardaria a ser tragado pela tormenta.

Pitt não hesitou mais.

— A primeira ordem do dia é providenciar uma âncora.

— Virou-se para Maeve. — Vamos precisar do blusão de couro, de corda e de alguma coisa pesada, para evitar que o barco vire na agitação do mar.

Sem uma palavra, ela tirou o blusão, enquanto Giordino se punha a vasculhar um pequeno compartimento debaixo de um banco. Achou uma fатеixa enferrujada amarrada a dois pedaços de corda de náilon, um de cinco metros, outro de três. Pitt estendeu o blusão aberto e nele amontoou todos os sapatos, a fатеixa, algumas peças do motor e várias ferramentas velhas que o italiano encontrara. Depois, fechou o zíper, deu nós nas mangas, na abertura da cintura e da gola e amarrou a trouxe improvisada na corda mais curta. Jogou-a no mar e, quando afundou, atou firmemente a outra extremidade no painel com os inúteis cabos de controle do motor inexistente.

— Deitem-se no fundo da barca — ordenou, prendendo a outra corda no painel central. — A coisa vai ser brava. Enrolem a corda na cintura e amarrem a ponta para que não nos percamos se ela virar e cairmos no mar.

Por cima dos flutuadores de borracha sintética, olhou uma última vez para as vagas ameaçadoras que, vindas do horizonte, erguiam-se e desabavam com estrondo. O mar estava horroroso e lindo ao mesmo tempo. Os relâmpagos incendiavam as nuvens negras e avermelhadas, e a trovoada chegava como o rufar de mil tambores.

A tempestade se abateu sobre eles sem piedade. Acompanhada de uma chuva torrencial que cobria totalmente o céu e transformava o mar num caldeirão de espuma fervente, a força da ventania os atingiu dez minutos depois. As gotas açoitadas pelo vento, que uivava com a força de mil lobos, feriam-lhes a pele. A isto acrescentavam-se os jorros das ondas, que se erguiam a três metros de altura. Não tardou para que atingissem os sete metros, agitadas e confusas, arremetendo contra o bote em todas as direções. O vento aumentou sua impetuosidade ao mesmo tempo em que o mar redobrava o temível ataque à frágil em-barcação e seus miseráveis passageiros. O bote girava em espirais, jogado sobre a crista das ondas para logo mergulhar nos abismos que se abriam. Não havia uma linha divisória entre a água e o céu; era impossível saber onde começava um e terminava a outra. Milagrosamente, a âncora não foi

arrebatada. Cumpriu o seu dever, evitando que o mar enfurecido virasse o bote e jogasse todos naquelas águas assassinas, de onde não havia retorno. As vagas cinzentas se precipitavam sobre eles, enchendo de espuma o interior da barca, ensopando-os, porém tendendo a puxar o centro de gravidade para o fundo e, assim, outorgando-lhes uma fração a mais de estabilidade. Os movimentos giratórios e o constante erguer-se e cair do bote faziam remoinhar a carga de água ao redor de seus corpos, e eles se sentiam como que dentro de um liquidificador.

Até certo ponto, o tamanho reduzido da embarcação foi uma bênção. Os flutuadores de borracha sintética fizeram-na boiar como uma rolha. Por mais violenta que fosse a tormenta, o resistente casco não se partiria em pedaços, e, se a âncora o segurasse, não viraria. Como as palmeiras, que se curvavam ante a força do vento, agüentaria. Os vinte e quatro minutos seguintes passaram como vinte e quatro horas, e, enquanto todos lutavam desesperadamente para não perder a vida, Pitt mal conseguia acreditar que a tempestade não os tivesse vencido. Era um mistério. Não havia palavras capazes de descrevê-lo.

As infinitas muralhas líquidas despejavam-se na barca, deixando os três sufocados e ofegantes até serem jogados para cima, na crista da onda seguinte. Não havia necessidade de tirar a água do bote; o peso ajudava a impedir que virasse. Num segundo, eles lutavam para não flutuar e ser jogados fora da barca, enquanto, no outro, preparando-se para o frenético movimento seguinte, quando despencariam na depressão, pelejavam para não ser arremessados no ar.

Com Maeve no centro, ambos a protegê-la com o braço, Pitt e Giordino comprimiam os pés nas laterais, para firmar-se. Se um deles caísse para fora, não haveria chance de resgate. Ninguém conseguiria sobre-viver sozinho no mar encapelado. A chuva, por outro lado, tinha reduzido a visibilidade a uns poucos metros, e eles poderiam rapidamente se perder de vista.

A luz de um relâmpago, Pitt relanceou Maeve. Parecia convencida de que se encontrava no inferno e devia estar sofrendo o tormento dos condenados. Ele desejou consolá-la com palavras, mas não seria ouvido com o uivar do vento. Amaldiçoou o nome de Dorsett. Santo Deus, como devia ser terrível ter um pai e duas irmãs que a odiavam a ponto de lhes roubar os filhos e, depois, tentar assassiná-la como castigo por ser boa, gentil e recusar-se a participar de seus atos criminosos! Era muito errado e terrivelmente desleal. Ela não podia morrer, disse Pitt consigo, não enquanto ele estivesse vivo. E, segurando-lhe o ombro, apertou-o afetuosamente.

Depois olhou para Giordino. A expressão deste era estoica. Sua aparente indiferença em meio a tal inferno dava segurança ao amigo. "O que tiver se ser, será", estava escrito em seus olhos. Não havia limite para a sua resistência. Pitt sabia que Giordino iria muito além dos limites do entendimento, morreria até, antes de soltar o barco e Maeve. Jamais se renderia ao mar. Como se suas mentes trabalhassem juntas e simultaneamente, o italiano ergueu o olhar para ver como Pitt estava se agüentando. Havia dois tipos de homem, pensou, os que viam o diabo à espera de sua alma e morriam de medo, e os que se entregavam à desesperança e o encaravam como um alívio da miséria terrena. Seu amigo de tantos anos não se encaixava em nenhum deles. Era capaz de encarar o diabo e lhe dar uma banana, parecia poder continuar para sempre. Giordino já não tinha motivos para se assombrar com sua firme coragem e seu amor pelo perigo. Pitt florescia no desastre e na calamidade. Alheio à frenética agitação das vagas, não parecia um homem à espera do fim, que acreditava nada poder fazer contra a cólera do mar. Seus olhos buscavam a chuva e a espuma quase com

tranquilidade, quase como se ele estivesse seco e bem acomodado em seu apartamento no hangar, concentrado em outra coisa, desprovido de peso, no vácuo. No mar ou debaixo dele, pensou Giordino pela milésima vez, Pitt se sentia em casa, em seu elemento.

A escuridão chegou e passou, uma noite de tormento que parecia não ter fim. Constantemente ensopados, eles estavam entorpecidos pelo frio, que lhes cortava a pele como centenas de navalhas. O amanhecer foi um alívio: era medonho ouvir o rugir e o arremeter das ondas sem vê-las. O raiar do sol amortalhado em convulsivas nuvens encontrou-os ainda presos à vida pelo mais débil dos fios. Ansiavam pela luz do dia. Porém, quando ela enfim chegou, era estranhamente cinzenta e veio iluminar um mar terrível, como nos antigos filmes em branco e preto.

A despeito da selvagem turbulência, a atmosfera era quente e opressiva, um salgado cobertor denso demais. O passar do tempo não tinha relação com os mostradores de seus relógios. O velho Doga de Pitt e o Aqualand Pro novo em folha de Giordino eram à prova de água até duzentos metros de profundidade, e continuavam funcionando; todavia, o pequeno relógio digital de Maeve tinha parado.

Pouco depois que o mar entrou em convulsão, Maeve mergulhou a cabeça no fundo do tubo de flutuação e rezou, pedindo que visse para rever os filhos. Não queria perecer sem lhes deixar uma lembrança querida, algo mais do que a vaga noção de que se havia perdido e estava sepultada na indiferença do mar. Sofria pelo destino deles nas mãos do avô. No começo, sentiu mais medo que em qualquer outro momento da vida, um medo que, qual fria avalanche de neve, chegava a asfixiá-la. Depois, o temor começou a ceder gradualmente, à medida que ela percebia que a pressão dos braços dos homens, a suas costas, não diminuía. O autocontrole dos dois era extraordinário, e sua força parecia contagiá-la. Com homens como aqueles a protegê-la, uma fagulha cresceu e nutriu a imperceptível porém cada vez mais firme convicção de que conseguiria viver para ver um novo amanhecer.

Pitt não estava tão otimista. Tinha plena consciência de que sua energia e a de Giordino estavam se esgotando. Seu pior inimigo era a ameaça invisível da hipotermia e da fadiga. Alguma coisa teria de ceder, sua tenacidade ou a violência da tormenta. O esforço constante para não se afogar lhes tirara tudo o que tinham para dar. Após semelhante combate contra os elementos, a exaustão estava a ponto de vencê-los. Mesmo assim, ele se recusava a reconhecer a inutilidade de tudo e, lançando mão das derradeiras reservas de força, segurava-se com firmeza ante cada vaga que os engolfava, por mais que soubesse que a hora da morte estava muito próxima.



Mas Pitt, Maeve e Giordino não morreram.

Ao entardecer, o vento arrefeceu e, pouco depois, o mar começou a serenar. Sem que eles soubessem, o tufão desviara-se repentinamente de seu primitivo curso noroeste para sudeste, rumo à Antártida. A velocidade do vento reduziu sensivelmente de mais de cento e cinquenta quilômetros por hora a menos de sessenta, e o mar, abrandando sua fúria, diminuiu para menos de três metros a distância entre a crista das ondas e as depressões. A chuva foi decaindo para um chuvisco leve e não tardou a se transformar num nevoeiro a pairar sobre as rebaixadas ondas. No alto, uma gaivota solitária se materializou do nada, pouco antes que a escuridão tornasse a envolver o oceano e cercar o pequeno bote, e gritou como que assombrada por vê-lo ainda flutuando.

Uma hora mais tarde, o céu ficou limpo de nuvens, e o vento mal tinha força para inflar as velas de uma pequena jangada. Era como se a tormenta tivesse sido um pesadelo noturno, que desaparecera com a primeira e fugidia luz do amanhecer. Eles tinham vencido apenas uma batalha na guerra contra os elementos. Os mares bravios e os ventos cruéis não conseguiram levá-los ao fundo. O que a terrível tempestade não fora capaz de destruir em sua fúria assassina foi recompensado com clemência.

Era quase místico, pensou Maeve. Se estivessem fadados a perecer, não teriam sobrevivido à tormenta. Por algum motivo, tinham sido mantidos vivos.

Fatigados e abatidos, os três, encolhidos no bote, não trocaram palavras. Consolados pela calmaria que se seguiu à tormenta, exaustos além dos limites da resistência humana, foram tomados por uma extrema indiferença para com as circunstâncias e dormiram profundamente.

As ondas mantiveram um moderado balanço até a manhã seguinte, um resto da tempestade; então, o mar se tornou plácido e liso como um lago. A neblina desapareceu, e a visibilidade se estendeu aos mais remotos confins do horizonte vazio. Agora, o oceano decidira realizar pelo desgaste o que não tinha conseguido mediante a violência frenética. Eles despertaram lentamente para um sol de que se haviam esquecido nas últimas quarenta e oito horas, mas que os estava castigando com inexorável severidade.

A tentativa de sentar-se impingiu uma vaga de dor a todo o corpo de Pitt. Os rigores do mar se acrescentaram aos ferimentos e contusões provocados pelos capangas de John Merchant. Ofuscado pela intensa claridade do sol refletida na água, ele mudou lentamente de posição. Nada mais havia a fazer senão deixar-se ficar no bote e aguardar. Mas aguardar o quê? A esperança remota de que um navio aparecesse no horizonte e viesse diretamente em sua direção? Estavam à

deriva numa parte morta do mar, longe das rotas marítimas, por onde raramente passava um barco.

Arthur Dorsett tinha escolhido a dedo o lugar onde abandoná-los. Se por milagre chegassem a sobreviver ao tufão, a sede e a fome os liquidariam. Pitt não estava disposto a permitir que morressem, muito menos depois do que tinham passado. E jurou vingar-se,

jurou viver unicamente para matar Arthur Dorsett. Pouca gente merecia tanto morrer. Pitt jurou abandonar seus códigos normais, seus padrões de ética e moralidade caso voltasse a encontrar com aquele facinora. Tampouco esqueceu Boudicca e Deirdre. Também elas pagariam pelo depravado tratamento dispensado à irmã mais moça.

— Está tão calmo aqui — disse Maeve. Acercou-se de Pitt, que a sentiu tremer. — Tenho a impressão de que a tempestade ainda está caindo dentro de minha cabeça.

Algo aliviado com a sensação de que as ondulações do mar tinham quase desaparecido, Pitt esfregou os olhos irritados pelo sal ressecado. Olhou para os dela, intensamente azuis, agora narcotizados pela fadiga e nublados pelo prolongado sono. Viu neles um brilho.

— É Vênus surgindo das águas — disse em voz baixa. Ela se sentou e sacudiu os cabelos ásperos de sal.

— Não me sinto precisamente uma Vênus — sorriu. — E certamente não me pareço nada com ela. — Tirou o suéter e roçou delicadamente as marcas vermelhas deixadas pelo constante atrito da corda de náilon que a salvara.

Giordino abriu lentamente um olho.

— Se vocês dois não calarem a boca para que eu possa dormir, vou me queixar ao gerente do hotel.

— Vamos dar um mergulho na piscina e, depois, tomar o café da manhã na varanda — disse Maeve com inesperado bom humor. — Não quer vir conosco?

— Prefiro chamar o serviço de quarto — resmungou o italiano, aparentemente exausto pelo mero ato de falar.

— Já que estamos todos tão animados — disse Pitt —, sugiro que continuemos trabalhando para sobreviver.

— Que chance temos de ser resgatados? — perguntou ingenuamente Maeve.

— Nenhuma — respondeu Pitt. — Pode apostar que seu pai nos largou na parte mais esquecida do mar. O almirante Sandecker e a turma da ANPS não têm a menor idéia do que nos aconteceu. E, mesmo que tivessem, não saberiam onde nos procurar. Se quisermos corresponder a nossa expectativa de vida normal, teremos de fazê-lo sem ajuda externa.

A primeira tarefa foi a de puxar a âncora de estabilidade e retirar os sapatos, as ferramentas e as outras coisas do blusão de Pitt. A seguir, fizeram o inventário de todos os itens, aparentemente inúteis ou não, com que contariam durante a longa viagem que os aguardava. Por fim, Pitt tirou o pequeno embrulho que escondera dentro da calça pouco antes de mergulhar com o ônibus no cais.

— Que encontrou no bote? — perguntou a Giordino.

— Não dá para abrir uma loja de ferragens. O compartimento embaixo do banco tinha um total de três chaves de boca de diferentes tamanhos, uma chave de fenda, uma bomba de combustível, quatro velas de ignição, várias porcas e parafusos, estopa, um remo de madeira, uma peça de náilon para cobrir o bote e uma coisinha que vai tornar a viagem bem mais divertida.

— O quê?

Giordino lhe mostrou uma pequena bomba manual.

— Isto, para encher os tubos de flutuação.

— De que comprimento é o remo?

— Tem pouco mais de um metro.

— Mal dá para erguer uma vela.

— É verdade, mas, amarrando-o ao painel, podemos utilizá-lo como pau de barraca e estender o náilon sobre ele, fazendo um toldo que nos dê um pouco de sombra.

— E não se esqueçam de que o náilon também vai ser útil para recolher água, se voltar a chover — lembrou Maeve.

Pitt olhou para ela.

— Você não trouxe nada que possa ter alguma utilidade?

Ela sacudiu a cabeça.

— Só a roupa. Minha irmãzinha Frankenstein não me deixou trazer sequer o batom.

— De quem será que ela está falando? — murmurou Giordino.

Pitt abriu o pequeno embrulho à prova de água e tirou um canivete suíço, uma velha e muito usada bússola de escoteiro, um pequeno tubo de fósforos, uma caixa de primeiros-socorros do tamanho de um maço de cigarros e uma pequena pistola automática Mauser calibre 0.25, com um pente extra.

Maeve observou a minúscula arma.

— Você podia ter matado John Merchant e meu pai.

— O general Pickett teve melhor chance, em Gettysburg, do que eu com aquele pequeno exército de guardas de segurança.

— Você sempre anda com esse estojo de sobrevivência?

— Desde os tempos de escoteiro.

— Em quem pretende atirar aqui neste mar deserto?

— Em quem não, em quê. Num pássaro, se aparecer.

— Tem coragem de matar um pássaro indefeso? Pitt a fitou.

— Só porque a idéia de morrer de fome não me agrada muito.

Enquanto Giordino enchia de ar os tubos de flutuação, antes de começar a armar o toldo, Pitt examinou cada centímetro quadrado do bote, em busca de defeitos ou rupturas nos flutuadores de borracha sintética e algum dano estrutural no casco de fibra de vidro. Mergulhou no mar e passou as mãos no fundo, mas não encontrou sinais de avaria. A embarcação parecia ter uns quatro ou cinco anos, e devia ter sido usada para levar Dorsett a terra quando ancorava o iate perto de uma praia sem cais. Pitt ficou aliviado ao descobrir que, embora um tanto usada, a barca se encontrava em excelentes condições. O único problema era a falta do motor. Tornando a subir a bordo, tratou de manter a todos ocupados com pequenas e estranhas tarefas, a fim de distraí-los da dura situação e da sede cada vez mais intensa. Estava decidido a manter alto o moral. Não tinha ilusões quanto ao tempo que aquilo podia durar. Ele e Giordino, certa vez, tinham vagado durante quase sete dias, sem água, em pleno deserto do Saara. Lá, fora um calor seco; agora, era a pesada umidade que lhes sugava a vida.

O italiano estendeu a cobertura de náilon para protegê-los dos raios ardentes do sol, prendendo-o no remo que fixara no painel de controle e atando os cantos nas laterais dos flutuadores com pequenos pedaços cortados da corda. Inclinou uma das bordas, de modo que toda a água de chuva escorresse numa caixa de gelo de isopor que Maeve encontrou debaixo de um banco. Depois de lavar bem o isopor havia muito tempo sem uso, ela fez o possível para arrumar o interior do bote e torná-lo mais habitável. Pitt passou boa parte do tempo destranchando um pedaço da corda de náilon para transformá-lo numa linha de pesca.

O único alimento possível num raio de dois mil quilômetros ou mais era o peixe. Se não pescassem nenhum, morreriam de fome. Ele improvisou um anzol com o fuzilhão da fivela do cinto e o prendeu à extremidade da linha. Amarrou a outra ponta no centro de uma das chaves de boca para poder segurá-la com as duas mãos. O problema era a isca. Não contavam com minhocas, pedaços de carne, de peixe nem queijo. Debruçando-se nos tubos de flutuação, Pitt toldou a vista com a mão e olhou para a água.

Já havia hóspedes curiosos reunidos à sombra do bote. Os que viajam pelos mares em navios ou barcos equipados com grandes motores, ruidosos exaustores e rápidos hélices freqüentemente se queixavam de que não existia vida visível no oceano aberto. Mas para os que flutuavam perto da superfície, derivando em silêncio, a água se transformava numa vitrine aberta para o outro lado, para os cidadãos das profundezas, que eram muito mais numerosos e variados do que os animais que vagueavam em terra firme.

Cardumes de peixes parecidos com o arenque, do tamanho do dedo mínimo de Pitt, nadavam rapidamente e formigavam sob o bote. Ele reconheceu o pompano, o golfinho que não se devia confundir com a toninha e seus parentes maiores, o dourado, com sua testa alta e a longa barbatana que lhe percorre a parte superior do corpo multicolor e iridescente. Um par de cavalas grandes traçava círculos, atacando ocasionalmente os peixes menores. Havia também pequenos tubarões, entre os quais um martelo, um dos mais estranhos habitantes do mar, com um olho de cada lado das nadadeiras, como se tivessem sido empurrados para dentro da cabeça.

— Que vai usar como isca? — quis saber Maeve.

— A mim mesmo — respondeu Pitt. — Estou me oferecendo com guloseima aos peixes menores.

— Como assim?

— Fique olhando.

Foi com indistigável mal-estar que ela o viu arregaçar a perna da calça e, com toda calma, extrair um pequeno pedaço de carne da coxa. Depois, prendeu-a ao anzol improvisado. Tudo foi feito com tanta naturalidade que Giordino só se deu conta ao ver algumas gotas de sangue no fundo do bote.

— Que é isso? Aderiu à auto-flagelação? — perguntou.

— Você está com a chave de fenda? O italiano sorriu.

— Está querendo que eu complete a cirurgia?

— Há um pequeno tubarão debaixo da barca — explicou Pitt. — Vou atraí-lo à superfície. Quando eu o agarrar, enfie a chave de fenda no alto de sua cabeça, entre os olhos. Se acertar, talvez consiga perfurar-lhe o cérebro, do tamanho de uma ervilha.

Maeve não gostou da idéia.

— Por acaso pretende trazer um tubarão a bordo?

— Se tivermos sorte — respondeu Pitt, rasgando um pedaço da camiseta e enrolando-o no pequeno ferimento que não parava de sangrar.

Ela engatinhou para a proa e se agachou atrás do painel, tratando de manter distância.

— Espero que você não resolva lhe oferecer nada para morder.

Com Giordino ajoelhado a seu lado, Pitt desceu lentamente à água a isca humana. As cavalas a cercaram de imediato, mas ele sacudiu a linha para assustá-las. Alguns dos pequenos peixes avançaram rapidamente para mordiscar, mas logo fugiram quando o martelo, sentindo a presença do sangue, arremeteu contra a presa. Pitt puxava a linha toda vez que ele se acercava e, assim, foi

atraindo-o lentamente para junto do bote. Já com o braço erguido, a empunhar o a chave de fenda como um punhal, Giordino acompanhava atentamente a operação. O tubarão finalmente se aproximou do costado, roçando nos tubos de flutuação; o cinza-escuro de seu dorso matizava-se em tons cada vez mais claros até o branco da barriga, a barbatana dorsal assomava fora da água como o periscópio de um submarino. Escolhendo o momento certo, o italiano descreveu um arco com a chave de fenda, atingindo a dura cabeça do peixe. Nas mãos de outro homem, a ferramenta dificilmente teria penetrado o esqueleto cartilagenoso, mas Giordino conseguiu enterrá-la até a empunhadura.

Inclinando-se, Pitt passou os braços por baixo da barriga do tubarão, atrás das guelras, erguendo-o para que seu amigo o ferisse novamente. Caiu de costas no barco, segurando nos braços o peixe-martelo de um metro e meio. Agarrando-lhe a barbatana dorsal e prendendo-lhe a cauda com as pernas, não o soltou mais. As terríveis mandíbulas não paravam de abrir-se e fechar-se, mas só acharam o ar para abocanhar. Encolhida atrás do painel, Maeve deixou escapar um grito ao ver os pontiagudos dentes triangulares rangendo a poucos centímetros de suas pernas encolhidas.

Como que a lutar com um jacaré, Giordino jogou todo o peso do corpo no peixe, que se debatia desesperadamente, comprimindo-o no fundo da barca, sentindo nos braços a aspereza de lixa de sua pele. Embora gravemente ferido, o tubarão-martelo exibia uma incrível vitalidade. Imprevisível, era agressivo num momento e estranhamente dócil no outro. Por fim, passados mais de dez minutos de inútil abalar-se, o tubarão parou, vencido. Os dois homens o soltaram e trataram de tomar fôlego. O combate tinha agravado os ferimentos de Pitt, que se sentia nadando num mar de dor.

— Vocês terão de cortá-lo — balbuciou para Giordino.

— Estou me sentindo fraco como um gatinho.

— Descanse — disse o outro. Havia paciência e afetuosa compreensão em sua voz — Depois da surra que levou no iate e da luta com a tormenta, é um milagre que ainda não tenha entrado em estado de coma.

Muito embora Pitt houvesse afiado as lâminas do canivete suíço como verdadeiras navalhas, Giordino precisou segurá-lo com ambas as mãos e empregar muita força para cortar o duro ventre do tubarão. Valendo-se de seus conhecimentos de zoóloga submarina profissional, Maeve o orientou para que lhe extraísse o fígado e fizesse uma incisão em seu estômago, onde encontrou um dourado e vários arenques recém-devorados. Depois, ela lhe ensinou a separar com eficiência a carne da pele.

— É melhor comer o fígado agora — aconselhou. — Começará a apodrecer quase imediatamente e é a parte mais nutritiva do peixe.

— E o resto da carne? — perguntou Giordino, lavando a faca e as mãos na água do mar. — Neste calor, não vai demorar muito para que apodreça.

— Temos todo o sal do oceano a nossa disposição. Corte a carne em tiras e pendure-as por aí. Quando estiver seca, aproveitaremos o sal cristalizado no náilon e a salpicaremos para conservá-la.

— Eu detestava fígado quando era menino — disse Giordino, já meio verde de nojo. — Acho que ainda não estou com fome para comê-lo cru.

— Faça um esforço — disse Pitt. — Precisamos nos manter na melhor forma física possível. Já provamos que somos capazes de obter alimento. O grande problema agora é a falta de água.

O anoitecer trouxe uma estranha quietude. Uma meia-lua pairava sobre o oceano, deixando uma senda prateada rumo ao horizonte norte. Ouviram o piar

de uma ave no céu estrelado, mas não conseguiram avistá-la. As baixas temperaturas comuns nas latitudes meridionais chegaram com o pôr-do-sol, aliviando-lhes um pouco a sede, e todos voltaram o pensamento a outras coisas. As ondas, que batiam ritmicamente no bote, mergulharam Maeve em quimeras de tempos melhores com os filhos. Giordino imaginou-se de volta a seu apartamento de Washington, sentado num sofá, o braço nos ombros de uma bela mulher, uma caneca gelada de cerveja na mão, os pés apoiados na mesa de centro, a assistir um filme antigo na televisão.

Tendo descansado a maior parte da tarde, Pitt estava bem desperto e se sentia revitalizado o bastante para imaginar o rumo que estavam tomando e prever o tempo, observando a forma das nuvens, a altura e o movimento das ondas e a cor do pôr-do-sol. Quando escureceu, pôs-se a estudar as estrelas e tentou calcular a posição aproximada da embarcação no mar. Quando trancafiado no porão do iate, notara, com a ajuda da velha bússola, que a tripulação de Dorsett mantivera um curso de duzentos e quarenta graus a sudoeste durante vinte e nove horas e quarenta minutos. Lembrou-se de que John Merchant lhe dissera que o iate alcançava uma velocidade de cento e vinte quilômetros por hora. Multiplicando esse valor pelo tempo da viagem, concluiu que tinham percorrido aproximadamente três mil e seiscentos quilômetros desde a hora em que partiram de Wellington até o momento em que foram deixados à deriva. O cálculo os colocava em algum lugar ao sul do mar da Tasmânia, entre as praias baixas da Tasmânia e a Nova Zelândia. O enigma seguinte a decifrar era a distância a que tinham sido arrastados pela tormenta. Era praticamente impossível estimá-la com um grau mínimo de precisão. A única certeza era que a tempestade viera de noroeste. Em quarenta e oito horas, podia tê-los transportado a uma distância considerável para sudeste, longe de qualquer possibilidade de avistar terra. Ele sabia, pela experiência de outros projetos, que as correntes e os ventos predominantes naquela parte do oceano Índico dirigiam-se ligeiramente para sudeste. Se estivessem derivando em algum lugar entre o paralelo quarenta e o cinqüenta, acabariam chegando à desolada vastidão do Atlântico Sul, por onde não passava navio algum. A ocorrência de terra mais próxima seria na extremidade da América do Sul, a uns treze mil quilômetros dali.

Olhou para o Cruzeiro do Sul, uma constelação que não era visível além dos trinta graus de latitude norte, que passava pelo norte da África e a ponta da Flórida. Descritas desde a Antigüidade, suas cinco brilhantes estrelas tinham orientado marinheiros e aviadores na imensidão do Pacífico desde as primeiras viagens dos polinésios. Milhões de quilômetros quadrados de solidão, pontilhados apenas pelas ilhas, ou seja, pelos cumes de gigantescas montanhas que se erguiam invisíveis no fundo do mar.

Por mais que quisesse imaginar, por maior que fosse o seu desejo de sobreviver e apesar de toda a ajuda que a boa sorte pudesse oferecer, a verdade era que dificilmente voltariam a pisar em terra firme.



Hiram Yaeger nadava nas profundezas azuis do mar, a água a passar num veloz borrão, como se ele se encontrasse a bordo de um avião a jato, a voar entre nuvens tingidas. Deslizou à borda de precipícios aparentemente sem fundo, pairou sobre vales de vastas cadeias de montanhas que se elevavam dos negros abismos até a superfície banhada de sol. Sinistra e ao mesmo tempo bela, a excursão lhe dava a sensação de percorrer o espaço vazio e profundo.

Era domingo e ele trabalhava sozinho no décimo andar do prédio deserto da ANPS. Depois de nove horas seguidas a olhar fixamente para o monitor do computador, Yaeger se recostou na cadeira e procurou descansar a vista. Finalmente, tinha dado os últimos retoques num programa complexo que ele mesmo criara, usando algoritmos de síntese de imagens, para mostrar a propagação tridimensional das ondas sonoras no mar. Com uma tecnologia única de computação gráfica, penetrara num universo onde poucos já tinham viajado. O drama do som de alta intensidade a percorrer a água, gerado pelo computador, havia custado a ele e a sua equipe uma semana de cálculos. Utilizando hardware especial e um enorme banco de dados sobre as variações da velocidade do som no Pacífico, tinham conseguido aperfeiçoar um modelo fotográfico que lhes permitia acompanhar os raios acústicos ao lugar onde ocorreriam zonas de convergência. As imagens subaquáticas eram expostas em seqüência extremamente rápida, a fim de criar a ilusão de movimento dentro e ao redor dos mapas tridimensionais da velocidade do som, acumulados num período de mais de trinta anos de estudo dos dados oceanográficos. Eram as imagens de computador levadas a sua mais requintada forma.

Ficou de olho numa série de luzes, que partiam do amarelo, avançavam pelos diferentes matizes do alaranjado e terminavam num vermelho intenso. A medida que piscavam, em seqüência, elas lhe diziam quão próximo ele estava do ponto no qual os raios acústicos convergiriam. Um mostrador digital fornecia-lhe a latitude e a longitude. O mais importante em seu sistema de imagens era a disposição das zonas dinâmicas de convergência. Ele tinha inclusive a possibilidade de programar a imagem de modo a elevar seu ponto de vista acima da superfície da água e apontar quaisquer navios cujas conhecidas rotas deveriam atravessar aquela parte do oceano em tempo previsível.

A luz vermelha à direita brilhou, e ele digitou o programa que retirava da água a imagem, oferecendo-lhe uma vista da superfície do ponto de convergência. Esperava ver horizontes vazios, porém a figura que apareceu na tela era bem diferente: uma enorme massa de terra montanhosa e coberta de vegetação. Yaeger percorreu uma vez mais toda a seqüência, partindo dos quatro pontos

espalhados no oceano, que representavam as ilhas mineiras da Dorsett Consolidated. Dez, vinte, trinta vezes, tornou a percorrer o cenário inteiro, na pista dos raios acústicos, até seu ponto de encontro final.

Por fim, convencido de que não havia erros, afundou na cadeira e sacudiu a cabeça.

— Oh, meu Deus! — murmurou. — Oh, meu Deus!

Era à custa de muito esforço que o almirante Sandecker folgava aos domingos. Viciado no trabalho, impunha-se dez quilômetros de corrida todas as manhãs e exercícios leves depois do almoço para dar vazão ao excesso de energia. Dormia apenas quatro horas por noite e se entregava a mil atividades capazes de deixar prostrada a maior parte dos homens. Divorciado havia muito tempo, com a filha vivendo do outro lado do mundo, em Hong Kong, em companhia do marido e dos três filhos, ele nada tinha de solitário. Era considerado um partido e tanto pelas mulheres mais velhas e sem compromisso de Washington, as quais o inundavam de convites a jantares íntimos e coquetéis. Por mais que apreciasse a companhia das damas, o seu verdadeiro amor, a sua autêntica paixão era a ANPS. A agência por ele criada e transformada numa instituição gigantesca, reverenciada e respeitada em todo o mundo, substituiu a sua família.

Aos domingos, ia navegar no rio Potomac, no velho bote de baleeiro que ele comprara e reformara. A proa arqueada fendeu as águas pardacentas quando ele desviou de um pedaço de madeira flutuante. A embarcação de oito metros tinha história. Sandecker documentou sua cronologia desde 1936, quando foi construída num pequeno estaleiro de Portsmouth, no Maine, e depois transportada a Newport News, na Virgínia, onde a colocaram a bordo do recém-inaugurado avião de carreira Enterprise. Durante a guerra e em muitas batalhas no Pacífico Sul, foi o bote pessoal de desembarque do almirante Buli Halsey. Em 1958, quando o Enterprise "se aposentou", o velho barco ficou abandonado à ferrugem num depósito atrás do estaleiro de Nova York Lá, Sandecker o encontrou e comprou. Restaurou-o com dedicação até que recobrasse a aparência com que tinha saído do estaleiro do Maine.

Ouvindo o ruído suave do antigo motor diesel Buda, de quatro cilindros, ele ia refletindo sobre os acontecimentos da semana anterior e preparando as ações para a seguinte. Sua maior preocupação era a praga acústica inspirada pela ilimitada ambição de Arthur Dorsett, que vinha devastando o oceano Pacífico. Tal problema estava intimamente ligado ao imprevisível seqüestro de Pitt e Giordino e a seu subsequente desaparecimento. Ele se sentia profundamente perturbado porque nenhum dos dilemas apresentava a menor possibilidade de solução.

Os membros do Congresso que abordara tinham recusado seu pedido para que se tomassem medidas drásticas a fim de deter Arthur Dorsett antes que sua culpa se tornasse impossível de ser comprovada. Para eles, simplesmente não havia provas suficientes que o vinculassem às mortes coletivas, raciocínio alimentado pelos muito bem pagos lobistas de Dorsett. Droga, pensou frustrado o almirante, os burocratas só se decidem a agir quando é tarde demais. A única esperança era persuadir o presidente a tomar uma atitude. Porém, sem o apoio de dois ou mais eminentes membros do Congresso, dificilmente o conseguiria.

Caía uma neve fina, que tingia de branco as árvores desfolhadas e a relva seca. Seu barco era o único a navegar naquele dia frio. O céu da tarde era de um azul glacial, e o ar gelado penetrava os ossos. Sandecker ergueu a gola de uma velha e puída japonês da Marinha, puxou até as orelhas o boné preto de lã e rumou com o bote a um píer perto da margem de Maryland, onde costumava ancorá-lo. Ao se

aproximar, viu um sujeito sair do confortável calor de um jipe de tração nas quatro rodas e atravessar o cais. Mesmo a quinhentos metros de distância, não teve dificuldade para reconhecer o andar apressado e oscilante de Rudi Gunn. Atravessando a correnteza, diminuiu a velocidade do velho diesel Buda até quase parar. Acercando-se da doca, distinguiu o ar sombrio atrás dos óculos de Gunn. Refreando um calafrio de medo, colocou o pára-choque de borracha no lado de bombordo do casco. A seguir, jogou uma corda para Gunn, que puxou o bote a uma posição paralela ao cais e depois amarrou a proa e a popa aos cabeços fixados na madeira cinzenta.

O almirante pegou um encerado, e Gunn o ajudou a cobrir a embarcação. Ao terminar, Sandecker subiu no píer; nenhum dos dois tinha dito uma palavra. Gunn olhou para o bote de baleeiro.

— Quando quiser vendê-lo, sou o primeiro da fila. Sandecker contemplou-o e compreendeu que estava aflito.

— Você não veio aqui só para admirar o meu barco.

Gunn foi até a beira do cais e ficou olhando com tristeza para as águas turvas do rio.

— As últimas notícias, depois que Dirk e Al foram levados do Ocean Angler, em Wellington, não nada são boas.

— Desembuche.

— Dez horas depois que o iate de Dorsett sumiu de nossas câmeras de satélite...

— Os satélites de reconhecimento o perderam de vista?

— atalhou Sandecker, irritado.

— Nossas redes de inteligência militar não consideram o hemisfério sul precisamente um viveiro de atividades hostis — retrucou Gunn asperamente. — Com o orçamento como está, nenhum satélite capaz de fotografar a Terra em detalhes se encontra numa órbita que cubra os mares ao sul da Austrália.

— Eu devia ter levado isso em conta — resmungou o almirante, decepcionado.

— Continue, por favor.

— A Agência Nacional de Segurança interceptou um telefonema, via satélite, de Arthur Dorsett, a bordo de seu iate, com o superintendente de operações da ilha Gladiator, um tal Jack Ferguson. A mensagem dizia que Dirk, Al e Maeve Fletcher tinham sido abandonados à deriva num pequeno bote, muito abaixo do paralelo cinquenta, onde o oceano Índico se encontra com o mar da Tasmânia. Não forneceu a posição exata. Dorsett acrescentou ainda que estava retornando a sua ilha particular.

— Ele colocou a própria filha em perigo de vida? — murmurou Sandecker com incredulidade. — Não é possível. Tem certeza de que entenderam corretamente a mensagem?

— Não paira nenhuma dúvida.

— Mas isso é homicídio a sangue-frio! Significa que eles foram jogados numa latitude atingida por ventanias a maior parte do ano!

— Pior do que isso — disse Gunn solenemente. — Dorsett os deixou à deriva no caminho de um tufão.

— Há quanto tempo?

— Há mais de quarenta e oito horas. Sandecker sacudiu a cabeça.

— Mesmo que tenham conseguido sobreviver, vai ser difícil encontrar-los.

— Praticamente impossível, se levarmos em conta que nem a nossa Marinha nem a australiana tem um navio disponível para as buscas.

— Você acredita nisso? Gunn fez que não.

— Nem de longe.

— Que chances eles têm de ser vistos por um barco em trânsito?

— Estão longe de todas as rotas marítimas. Com exceção das raras embarcações que transportam a logística da estação de pesquisa do subcontinente, por lá só passa um baleeiro de vez em quando. O mar entre a Austrália e a Antártida é um deserto. As possibilidades de serem encontrados são as mais remotas.

Rudi Gunn parecia vencido e cansado. Se fossem um time de futebol, no qual Sandecker tivesse o papel de treinador e Pitt e Giordino o de atacantes, Gunn seria o meio de campo, que armava as jogadas para a linha de frente. Era indispensável e sempre se mostrava animado; o almirante ficou surpreso ao vê-lo de tal modo deprimido.

— Parece que você não tem muita esperança de que eles sobrevivam.

— Três pessoas à deriva num pequeno bote, assediadas por ventos fortíssimos e um mar furioso? Se, por milagre, sobrevivessem ao tufão, teriam de enfrentar a sede e a fome. Dirk e Al já voltaram da morte em mais de uma ocasião, mas temo que dessa vez a natureza lhes tenha declarado guerra.

— Se conheço bem Dirk — disse Sandecker com irrefutável firmeza —, ele vai dar uma banana para a tempestade e sobreviver, nem que seja obrigado a remar até San Francisco. — Enfiou as mãos no fundo dos bolsos da puída japona. — Alerta todos os navios de pesquisa da ANPS num raio de cinco mil quilômetros e mande-os para a região.

— Com o seu perdão, almirante, acho isso pouco, e é tarde demais.

— Não vou parar por aí. — Os olhos de Sandecker fuzilaram. — Vou exigir uma busca maciça, do contrário a Marinha e a Força Aérea vão se arrepender do dia em que nasceram.

Yaeger localizou o almirante em seu restaurante predileto, uma churrascaria meio retirada nos arredores de Washington, onde, sombrios, ele e Gunn jantavam. Quando o receptor compacto celular Motorola Iridium emitiu os bipes em seu bolso, Sandecker parou de comer o filé mignon e, depois de tomar um gole de vinho, atendeu.

— Aqui é Sandecker.

— Hiram Yaeger, almirante. Desculpe incomodá-lo.

— Não precisa pedir desculpas, Hiram. Sei que você não me procuraria fora do escritório se não fosse urgente.

— O senhor tem condições de vir ao centro de dados?

— Não dá para dizer por telefone?

— Não, senhor. As comunicações por celular têm ouvintes indesejáveis. Sem querer ser dramático, preciso falar com o senhor em particular. É muito grave.

— Rudi Gunn e eu estaremos aí dentro de meia hora. Sandecker desligou, guardou o telefone no bolso do paletó e voltou a comer.

— Problemas? — quis saber Gunn.

— Se li corretamente as entrelinhas, Hiram obteve novos dados sobre a praga acústica. Quer nos contar tudo no centro de dados.

— Espero que a notícia seja boa.

— Duvido. A julgar por seu tom de voz, desconfio que descobriu uma coisa que nenhum de nós gostará de saber.

Yaeger estava afundado na cadeira, os pés estendidos, a contemplar a imagem de um enorme aparelho de vídeo ligado a um terminal de computador, quando Sandecker e Gunn entraram em seu escritório particular. Ele se voltou e os cumprimentou sem se levantar.

— Que houve? — perguntou o almirante sem perda de tempo.

Yaeger endireitou o corpo e fez um gesto na direção da tela de vídeo.

— Descobri um método de estimar a posição das convergências de energia acústica emanada das atividades mineiras de Dorsett.

— Bom trabalho, Hiram — disse Gunn, puxando uma cadeira e olhando para a tela. — Conseguiu determinar onde ocorrerá a próxima convergência?

Yaeger fez que sim.

— Consegui sim, mas primeiro quero explicar o processo. — Digitou uma série de comandos e se reclinou na cadeira. — A velocidade do som na água do mar varia com a temperatura e a pressão hidrostática nas diferentes profundidades. Quanto mais fundo você estiver e, portanto, maior for a coluna de água acima, tanto mais depressa se desloca o som. Há cem outras variáveis que eu poderia mencionar, relacionadas com as condições atmosféricas, as estações do ano, o nível de propagação da zona de convergência e a formação de refração acústica, mas vou limitar-me ao mais simples para ilustrar minha descoberta.

A imagem na tela apresentava uma carta do oceano Pacífico, com quatro linhas verdes que, partindo dos lugares onde se encontravam as minas de Dorsett, cruzavam-se na ilha Seymour, na Antártida.

— Comecei trabalhando em sentido inverso, a partir do ponto onde ocorreu a praga acústica. Tomando o núcleo do fenômeno, ou seja, a ilha Seymour, que está próxima da ponta da península Antártica, no mar de Weddell, que é parte do Atlântico Sul, concluí que os raios sonoros, nas profundezas do oceano, refletiram-se na montanhosa geologia do fundo do mar. Foi acidental, algo que não se conforma com os padrões normais. Tendo estabelecido um método, calculei a ocorrência do fenômeno mais elementar, isto é, o que exterminou a tripulação do Mentawai.

— Foi perto da ilha Howland, praticamente no centro do oceano Pacífico — comentou Sandecker.

— Muito mais fácil de computar do que a convergência da ilha Seymour — disse Yaeger enquanto digitava os dados que alteraram a tela, levando-a a exibir quatro linhas azuis a partir, respectivamente, das ilhas Kunghit, Gladiador, Komandorskie e de Páscoa. As quatro convergiam na ilha Howland. A seguir, incluiu linhas vermelhas adicionais.

— Esta é a zona de convergência onde a frota de pesca russa foi liquidada, a nordeste do Havai — explicou.

— Onde você fixou a próxima zona de convergência? — quis saber Gunn.

— Se as condições se mantiverem estáveis nos próximos três dias, o lugar será este aqui.

As linhas, agora amarelas, encontraram-se novecentos quilômetros ao sul da ilha da Páscoa.

— Não há muito perigo de que uma embarcação seja atingida nessa parte do oceano — refletiu Sandecker.

— Em todo caso, para garantir, vou mandar um alerta a todos os navios para que evitem a região.

Gunn se aproximou mais da tela.

— Qual é sua margem de erro?

— Mais ou menos doze quilômetros — respondeu Yaeger.

— E a circunferência ao redor do lugar onde ocorrem as mortes?

— Estamos calculando um diâmetro de quarenta a noventa quilômetros. Depende da energia dos raios sonoros depois de haver percorrido longas distâncias.

— Deve ser enorme o número de animais marinhos atingidos numa área tão

vasta.

— Em até quanto tempo você é capaz de antecipar uma ocorrência de uma zona de convergência? — indagou Sandecker.

— As condições do oceano são difíceis de prever. Não posso garantir uma projeção exata para mais de trinta dias. Depois disso, começa um jogo de azar.

— Você calculou algum outro lugar de convergência além do próximo?

— Daqui a dezessete dias. — Yaeger olhou de relance para uma enorme folhinha com a fotografia de uma linda moça de saia justa, sentada diante de um computador. — 22 de fevereiro.

— Numa data tão próxima?

Com expressão glacial no olhar, Yaeger fitou o almirante.

— Deixei o pior para o fim. — Correu os dedos no teclado. — Cavalheiros, minha previsão é de uma catástrofe de magnitude assombrosa em fevereiro. Sandecker e Gunn não estavam preparados para aquilo. O que mostrava a tela do vídeo era um acontecimento impensável, sobre o qual eles não tinham nenhum controle. Tratava-se de uma verdadeira rede de desastres, impossíveis de deter. Ficaram olhando hipnotizados para as quatro linhas roxas que se encontravam e cruzavam na tela.

— Não há possibilidade de um engano? — perguntou Gunn.

— Refiz os cálculos mais de trinta vezes — disse Yaeger com expressão de fadiga —, tentando encontrar uma falha, um erro, uma variante que provasse o meu equívoco. No entanto, por mais que vire e revire, o resultado é sempre o mesmo.

— Por Deus, não! — sussurrou Sandecker. — Aí não, com tanto lugar neste vastíssimo oceano!

— A não ser que um fenômeno natural imprevisível venha a alterar o mar e a atmosfera — disse Yaeger pausadamente —, a zona de convergência ficará a aproximadamente quinze quilômetros da cidade de Honolulu.



Este presidente, ao contrário de seu predecessor, tomava decisões rápida e firmemente, sem vacilar. Recusava-se a participar de reuniões infundáveis, que pouco ou nada resolviam, e, em particular, detestava estar cercado de assessores a lamentar ou festejar suas decisões. Tampouco deixava-se encantar por entrevistas coletivas visando a construir defesas contra a crítica da imprensa ou agradar ao público. Estava decidido a realizar o máximo possível em quatro anos. Se fracassasse, nenhuma retórica, nenhuma desculpa o ajudaria a vencer as eleições seguintes. Os figurões do partido arrancavam o cabelo e lhe suplicavam que buscasse apresentar uma imagem mais positiva, porém ele dava de ombros e continuava cuidando dos negócios do governo no interesse do país, sem se preocupar com as pedras no caminho.

O fato de Sandecker haver solicitado uma audiência com o presidente não impressionou o chefe de cerimônia da Casa Branca, Wilbur Hutton, homem impermeável a tudo quanto não viesse das lideranças do Congresso ou da vice-presidência. Os próprios membros do gabinete tinham dificuldade para despachar com o chefe de Estado. Hutton executava seu trabalho como um guardião excessivamente zeloso do Poder Executivo. Formado pela Universidade Estadual do Arizona e doutor em economia por Stanford, era grandalhão e musculoso como um leão-de-chácara, e não se deixava intimidar facilmente. Com o escasso cabelo loiro cortado rente e a face sempre vermelha, tinha o hábito de manter os olhos claros voltados para a frente. Raramente olhava para os lados. Ao contrário de muitos assessores da Casa Branca, era respeitado pelos membros do Pentágono. Servira na infantaria, tinha uma extensa lista de atos de bravura na Guerra do Golfo e devotava grande simpatia aos militares. Os generais e almirantes podiam contar muito mais com a sua boa vontade do que os políticos de terno escuro.

— Jim, que prazer em vê-lo — disse ele a Sandecker, muito embora este tivesse aparecido sem se anunciar.

— Sua solicitação de audiência com o presidente parece urgente, mas ele está com a agenda lotada. Você perdeu a viagem.

Sandecker sorriu; depois ficou sério.

— Minha missão é muito delicada para que a pudesse explicar por telefone, Will. Não há tempo para os trâmites normais. Quanto menos gente souber do perigo, melhor.

Hutton apontou uma cadeira e foi fechar a porta.

— Desculpe a minha frieza, mas eu escuto essa história o dia inteiro.

— Vou lhe contar uma que você nunca ouviu. Daqui a exatamente dezesseis dias,

todos os homens, mulheres e crianças da cidade de Honolulu e a maior parte da ilha de Oahu vão morrer.

Hutton cravou o olhar em Sandecker.

— Ora, Jim, de que você está falando?

— Meus cientistas e os analistas de dados da ANPS desvendaram o mistério por trás da ameaça que vem matando gente e devastando a vida animal no oceano Pacífico. — Sandecker abriu sua pasta e colocou um envelope na escrivaninha de Hutton. — Leia. É o relatório de nossas descobertas. Nós a chamamos de praga acústica porque as mortes são provocadas por ondas sonoras de alta intensidade que se concentram por refração. Essa energia extraordinária se propaga no mar até convergir na superfície, matando pessoas e animais num raio de noventa quilômetros.

Hutton ficou calado e, por um breve instante, perguntou-se se o almirante não estava maluco. Mas só por um brevíssimo instante. Conhecia Sandecker havia muito tempo para não tomá-lo por um homem sério e sensato, dedicado ao trabalho. Tirou o relatório do envelope, abriu-o e examinou seu conteúdo enquanto o almirante esperava pacientemente. Por fim, olhou para ele.

— Seu pessoal tem certeza disso?

— Absoluta.

— Sempre há a possibilidade de erro.

— Não há erro — contestou Sandecker com firmeza. — Minha única concessão é uma probabilidade de menos de cinco por cento de que a convergência ocorra a uma distância segura da ilha.

— Ouvi boatos, no Congresso, segundo os quais você andou procurando os senadores Raymond e Ybarra por causa disso, mas não consegui convencê-los a apoiar uma ação militar contra a Dorsett Consolidated.

— Não consegui convencê-los da gravidade da situação.

— E agora quer falar com o presidente.

— Para salvar dois milhões de vidas humanas, eu peço audiência até com Deus.

Hutton olhou fixamente para Sandecker, a cabeça inclinada para um lado, o olhar desconfiado. Ficou algum tempo tamborilando com um lápis no tampo da escrivaninha, ciente de que não podia fazer pouco-caso daquele homem.

— Espere um pouco — ordenou. Entrando por uma porta que dava no Salão Oval, demorou-se uns dez minutos. Ao voltar, fez um gesto para que Sandecker o acompanhasse. — Por aqui, Jim. O presidente vai recebê-lo.

O almirante olhou para ele.

— Obrigado, Will. Fico lhe devendo um grande favor. Quando Sandecker entrou no Salão Oval, o chefe de Estado contornou a velha escrivaninha que tinha sido do presidente Roosevelt e lhe apertou cordialmente a mão.

— Almirante Sandecker, que prazer!

— Estou muito agradecido, excelência.

— Will me disse que é um caso urgente, relacionado com as mortes no Polar Queen.

— E com muitas outras.

— Conte ao presidente o que você me contou — disse Hutton, entregando ao chefe de Estado o relatório sobre a praga acústica.

Sandecker apresentou o caso com toda veemência. Foi firme e vibrante. Acreditava apaixonadamente nas avaliações e conclusões de seus subordinados. Depois de uma pausa enfática, solicitou uma intervenção militar nas minas de Arthur Dorsett.

O presidente ouviu com interesse até que ele concluiu. Depois passou cinco

minutos em silêncio, lendo o relatório. Por fim, ergueu os olhos.

— Almirante, o senhor sabe, é claro, que eu não posso destruir arbitrariamente uma propriedade particular em território estrangeiro.

— Sem falar nas vidas que uma ação militar pode custar — acrescentou Hutton.

— Se detivermos as atividades de uma única mina da Dorsett Consolidated — argumentou Sandecker — e evitarmos que a energia acústica parta dessa fonte, poderemos debilitar a convergência e, com isso, livrar dois milhões de homens, mulheres e crianças, que moram nas imediações de Honolulu, de uma morte horrível.

— O senhor precisa compreender, almirante, que a energia acústica não é uma ameaça que o governo está preparado para enfrentar. É uma coisa totalmente nova para mim. Vou precisar de tempo para que meus conselheiros, na Câmara Nacional de Ciência, investiguem as descobertas da ANPS.

— A convergência ocorrerá dentro de dezesseis dias —

lembrou Sandecker lugubrememente.

— Eu lhe darei uma resposta em quatro — garantiu o presidente.

— Teremos bastante tempo para executar um plano de ação — completou Hutton.

O presidente lhe estendeu a mão.

— Muito obrigado por me informar do problema, almirante. Prometo dar toda atenção a seu relatório.

— Obrigado, excelência. Eu não poderia pedir mais. Do lado de fora do Salão Oval, Hutton lhe disse:

— Não se preocupe, Jim. Vou encaminhar pessoalmente a sua advertência aos canais competentes.

Sandecker fitou nele o mais penetrante dos olhares.

— Só lhe peço que cuide para que o presidente não deixe isso de lado. Do contrário, não sobrará ninguém para votar nele em Honolulu.



Quatro dias sem água. O inclemente calor do sol e a umidade constante lhes sugavam do corpo a transpiração. Pitt não os deixava prostrar-se inativos na vastidão deserta, coisa que lhes podia deprimir a energia física e o pensamento criativo. O monótono bater das ondas no bote quase os enlouqueceu até que, finalmente, tornaram-se imunes a isso. A ingenuidade era a chave da sobrevivência. Pitt havia estudado uma infinidade de relatos de naufrágios e sabia que muitos marinheiros, em circunstâncias semelhantes, morreram de letargia e desesperança. Orientou Maeve e Giordino a que só dormissem à noite e procurassem manter-se tão ocupados quanto possível durante as longas horas do dia.

Deu certo. Além de bancar o açogueiro do barco, Maeve amarrou um lenço de seda numa corda, jogou-o pela popa do bote e o arrastou no mar. Qual fina rede, o lenço reuniu uma coleção variada de plâncton e formas microscópicas de vida marinha. Horas depois, dividiu os espécimes em três montes na tábua de um banco.

Giordino se serviu do duro aço da lâmina do canivete suíço para cavar uma farpa no anzol improvisado com a fivela do cinto de Pitt. E assumiu a função de pescador, ao passo que Maeve, recorrendo a seus conhecimentos de biologia e zoologia, dedicou-se a limpar e a dissecar habilidosamente a pesca do dia. A maioria dos náufragos teria simplesmente mergulhado o anzol no mar e esperado. Giordino, ao contrário, procurava seduzir sua presa. Tendo escolhido os pedaços mais apetitosos — para o peixe ao menos — das entranhas do tubarão, começou a jogar a linha como um caubói a laçar um bezerro, imprimindo-lhe lentos movimentos giratórios e sacudindo-a metro a metro, buscando dar vida à isca. Aparentemente, um jantar em movimento atraía mais a presa, e, assim, ele não tardou a fisgar o primeiro pescado. Um pequeno atum mordeu a isca e em menos de dez minutos estava dentro do bote.

Os anais estavam repletos de relatos de naufragos que tinham morrido de fome cercados de peixes, simplesmente porque lhes faltara habilidade para capturá-los. Não era o caso de Giordino. A medida que ia pegando o jeito para a coisa e aperfeiçoava seu sistema ao nível de uma sofisticada ciência, passou a pescar com o virtuosismo de um veterano. Se contasse com uma rede, teria enchido o barco em poucas horas. O mar sob o barco parecia um aquário. Peixes de todos os tamanhos e de cores luminosas haviam se reunido para escoltar os três. Os menores, vivamente coloridos, vinham e atraíam os maiores, os quais, por sua vez, chamavam a atenção dos enormes tubarões, que se faziam bastante incômodos, chocando-se com o bote. Ameaçadoras e ao mesmo tempo

graciosas, as feras das profundezas deslizavam de um lado para outro junto à embarcação, as barbatanas triangulares a cortar a superfície da água como um cutelo. Acompanhados de seu séquito de lendários peixes-pilotos, rolavam de lado ao passar por baixo do bote. Pitt se lembrou de um quadro de Winslow Homer, uma gravura pendurada na classe da escola primária que freqüentara. Chamava-se Golf Stream. Na cena, via-se um negro flutuando num pequeno veleiro desmastreado, cercado por um cardume de tubarões, com um remoinho no fundo. Era a interpretação de Homer da luta desigual entre o homem e as forças da natureza.

O velho e experimentado método descrito pelos naufragos e pelos antigos navegadores, de mastigar a umidade do peixe cru, fazia parte das refeições, assim como a carne do tubarão, seca e retorcida pelo sol. A dieta de sushi foi enriquecida por dois peixes-voadores de bom tamanho que os três encontraram debatendo-se no fundo do barco durante a noite. O sabor oleoso da carne fresca e crua não chegaria a ser laureada com um prêmio de gastronomia, mas serviu para diminuir a agonia da fome e da sede. Os estômagos vazios ficaram satisfeitos com apenas algumas mordidas.

A necessidade de refrescar o corpo também era atendida mediante rápidos mergulhos a intervalos de horas, enquanto os outros se punham a vigiar os tubarões. A deliciosa sensação que experimentavam ao se deitar com a roupa molhada à sombra do toldo do bote ajudava-os a combater a miséria da desidratação, assim como o tormento das queimaduras do sol. Ajudava também a dissolver a camada de sal que rapidamente se acumulava em seus corpos.

Os elementos da natureza tornaram bastante simples a tarefa de navegar. Os ventos do Oeste os levava para leste. A corrente, na mesma direção, colaborava. Para determinar sua posição aproximada, uma estimativa grosseira na melhor das hipóteses, Pitt se norteava pelo sol e pelas estrelas, com a ajuda de um quadrante improvisado com lascas da madeira do remo.

O quadrante, instrumento para determinar a latitude, era empregado pelos antigos navegantes. Com a extremidade de um dos braços da cruz à altura dos olhos, o outro era deslocado para frente e para trás, até que uma ponta ficasse exatamente entre o sol ou uma estrela e o horizonte. O ângulo da latitude era então lido nas chanfraduras entalhadas na madeira. Uma vez encontrado o ângulo, o marinheiro estava em condições de estabelecer grosseiramente a latitude, sem nenhuma outra referência. Saber a longitude em que se encontravam, uma vez que haviam sido arrastados para leste, era outra coisa.

O céu noturno exibia uma infinidade de estrelas, verdadeiros pontos luminosos da bússola celeste, que giravam de oriente para ocidente. Depois de fixar suas posições durante algumas noites, Pitt conseguiu registrar um diário de bordo rudimentar, inscrevendo seus cálculos no náilon de cobrir o barco com um pequeno lápis que Maevé descobriu fortuitamente sob um dos tubos de flutuação. O primeiro obstáculo era que ele não tinha tanta familiaridade com as estrelas e constelações do hemisfério sul quanto com as visíveis ao norte do equador, de modo que foi preciso acostumar-se.

O leve bote era sensível ao soprar do vento e avançava constantemente na água como se tivesse velas. Ele mediu a velocidade, amarrando um de seus tênis de sola de borracha a uma corda de cinco metros e jogando-o diante da embarcação. Depois contava os segundos que o barco demorava a ultrapassar o calçado, retirando-o da água antes que flutuasse além da popa. Descobriu que estavam sendo arrastados pelo vento do oeste a pouco menos de três quilômetros por hora. Estendendo o náilon como vela e usando o remo como um curto

mastro, constatou que podiam aumentar a velocidade a cinco quilômetros, ou seja, a mesma que eles teriam se pudessem sair do bote e caminhar em passo normal a seu lado.

— Aqui estamos, à deriva, sem remos, feito carga inútil jogada no grande mar da vida — murmurou Giordino, com os lábios gretados pelo sal. — Agora só falta imaginar um meio de governar esta coisa.

— Não diga mais nada — respondeu Pitt, servindo-se da chave de fenda para extrair as dobradiças do assento de fibra de vidro que também servia de tampa de um pequeno compartimento. Em menos de um minuto, ergueu a peça retangular, que tinha mais ou menos o mesmo tamanho e a mesma forma da porta de um armário de cozinha. — O problema está resolvido.

— Como pretende prendê-lo? — quis saber Maeve, já começando a acostumar-se ao infinito repertório de invenções de Pitt.

— Com as dobradiças dos outros bancos, posso parafusá-lo na barra que sustentava o motor de popa, de modo a poder deslocá-lo de um lado para outro. Depois, prendendo duas cordas na extremidade superior, podemos manejá-lo como o leme de qualquer navio ou avião. Isto se chama tornar o mundo um lugar mais habitável.

— Você é o máximo — disse Giordino estoicamente. — Licença poética, lógica elementar, alegria de viver, sensualidade, não falta nada.

Pitt olhou para Maeve e sorriu.

— O que mais me agrada em Al é sua teatralidade.

— Pois bem, agora que adquirimos uma partícula de controle, grande navegante, qual é o nosso destino?

— Isso é com Maeve. Ela conhece melhor as águas que estamos singrando.

— Se rumarmos diretamente para o norte — disse ela —, podemos chegar à Tasmânia.

Pitt sacudiu a cabeça e apontou para a vela improvisada.

— Não temos cordame para navegar a vento largo. Com nosso fundo achatado, seríamos levados cinco vezes mais a leste que a norte. Chegar ao extremo sul da Nova Zelândia é uma possibilidade, embora remota. Teremos de desfraldar a vela para rumar ligeiramente a nordeste, digamos um curso de setenta e cinco graus segundo minha bússola de escoteiro.

— Quanto mais ao norte, melhor — disse ela, cruzando os braços no peito para aquecer-se. — As noites são muito frias aqui no sul.

— Sabe se há ocorrência de terra neste rumo? —

perguntou Giordino a Maeve.

— Não muita. São poucas as ilhas ao sul da Nova Zelândia e ficam muito separadas umas das outras. Podemos passar facilmente entre duas delas sem vê-las, principalmente à noite.

— Talvez sejam nossa única esperança. — Pitt consultou a bússola.

— Você se lembra de sua localização aproximada?

— A ilha Stewart fica pouco abaixo da ilha do Sul. Depois vem a Snares, a Auckland e, novecentos quilômetros mais ao sul, as Macquaries.

— A Stewart é a única que me soa vagamente familiar — disse Pitt, pensa tivo.

— As Macquaries não valem a pena. — Maeve estremeceu instintivamente. — Seus únicos habitantes são os pinguins, e neva com frequência.

— Deve ser banhada por correntes frias da Antártida.

— Se não encontrar nenhuma delas, estaremos em mar aberto até a América do Sul — disse Giordino sem entusiasmo.

Pitt toldou a vista com a mão e examinou o céu vazio.

— Se o frio da noite não nos matar, sem chuva vamos ficar desidratados muito antes de pôr os pés em terra firme. Nossa melhor opção é continuar na direção das ilhas do sul, na esperança de topar com uma delas. É questão de guardar os ovos em vários diferentes cestos.

— Então vamos tentar as Macquaries — propôs Giordino.

— De fato, são a nossa maior esperança.

Com a providencial ajuda do italiano, Pitt não demorou a desviar o rumo para os setenta e cinco graus apontados pela bússola magnética. O leme rudimentar funcionou tão bem que conseguiram chegar a quase sessenta graus. Animados com a idéia de que tinham uma partícula de controle sobre o destino, sentiram emergir um leve otimismo, que aumentou quando Giordino anunciou de súbito:

— Vem vindo um aguaceiro em nossa direção!

As nuvens pretas que se haviam formado no ocidente estavam se aproximando rapidamente, como se um gigante tivesse resolvido desenrolar um tapete sobre eles. Em poucos minutos as gotas começaram a tamborilar no bote. E foram se tornando mais pesadas e concentradas, até que a chuva caiu torrencialmente.

— Abram todos os compartimentos, tudo quanto possa reter a água — ordenou Pitt, apressando-se a arriar a vela. — Vamos inclinar o náilon durante um minuto para que o sal acumulado escorra. Depois, vamos transformá-lo numa espécie de funil que canalize a chuva para o isopor.

Em seguida, todos voltaram o rosto para as nuvens, abrindo muito a boca e tratando de enchê-la, engolindo o precioso líquido feito vorazes filhotes de pássaro a exigir comida dos pais. O cheiro fresco e o gosto puro tinham a doçura do mel nas gargantas ressecadas. Nenhuma sensação podia ter sido mais agradável.

O vento passava correndo sobre o mar, e, nos doze minutos seguintes, eles festejaram o deslumbrante dilúvio. Os tubos de flutuação de borracha sintética rufavam qual tambores com as gotas. A água logo encheu a caixa de isopor e transbordou no fundo do bote. A chuvarada salvadora cessou tão repentinamente quanto havia começado. Não se havia desperdiçado uma gota. Eles tiraram a roupa e a torceram, recolhendo na boca toda a água possível antes de armazenar o que restava no fundo da embarcação em cada recipiente que conseguiram imaginar. Com a chuva e a ingestão de água fresca, o estado de espírito melhorou.

— Quanto será que armazenamos? — perguntou Maeve.

— Dez ou doze litros — calculou Giordino.

— Podemos acrescentar uns três litros, misturando-a com a água do mar — disse Pitt.

Maeve o encarou.

— Tem certeza? Beber água misturada com sal não é o melhor remédio contra a sede.

— Nos dias de calor escaldante nos trópicos, as pessoas têm a tendência a tomar muita água mas continuam com sede. O corpo absorve mais líquido do que precisa. O que nosso organismo exige, quando sua muito, é sal. Pode ser que sua língua retenha o desagradável gosto do água salgada, mas, acredite, misturada com água potável, mata a sede sem que você se sinta enjoada.

Após uma refeição de peixe cru e a substituição dos líquidos do corpo, eles se sentiram quase humanos outra vez. Maeve achou uma pequena quantidade de graxa sob o painel, onde outrora ficavam os controles do motor, e o misturou com o óleo que tinha espremido do pescado, para fazer uma espécie de filtro solar. Divertidos, eles batizaram a mistura de Armadura Fletcher para a Carne, a

qual recebeu nota seis. A única aflição que não conseguiram remediar eram as feridas que o atrito provocado pelo constante movimento da embarcação ia formando em suas pernas e costas. A loção improvisada por Maeve ajudou, mas não resolveu o problema.

Uma ventania chegou durante a tarde, encrespando o oceano e empurrando-os a nordeste, ao sabor das imprevisíveis e caprichosas vagas. A âncora feita com o blusão de couro foi lançada uma vez mais, e Pitt arriou a vela para que não fosse levada pelas rajadas. A ventania durou até as dez horas da manhã seguinte; depois, abrandou. Assim que o mar serenou, os peixes retornaram. Agitando a água e arremetendo contra o bote, pareciam enlouquecidos pela interrupção. Os mais vorazes e agressivos banquetearam-se com os parentes menores. Durante quase uma hora a água ao redor da embarcação ficou tinta de sangue, enquanto os peixes empreendiam sua infinita luta de vida ou morte que os tubarões sempre venciam.

Extremamente cansada de ser atirada de um lado para outro na barca, Maeve não tardou a adormecer e sonhar com os filhos. Giordino também fez a sesta, e um de seus sonhos foi uma fantástica refeição. Pitt não dormiu. Deixando de lado a exaustão, tornou a içar a vela. Consultou o sol com a ajuda do quadrante improvisado e estabeleceu a rota com a bússola. Instalando-se à popa numa posição confortável, segurou as cordas atadas ao leme e tratou de manter a embarcação no rumo nordeste.

Como costumava acontecer quando o mar estava calmo, ele não pensou na sobrevivência nem no mar que o cercava. Depois de refletir sobre a situação, seu pensamento sempre se voltava a Arthur Dorsett. Ele contraiu todos os músculos do corpo para dominar a raiva. Ninguém podia infligir horrores impensáveis a pessoas inocentes, inclusive à própria filha, sem sofrer algum tipo de punição. E agora mais do que nunca. Os rostos maldosos de Dorsett e suas filhas, Deirdre e Boudicca, o atraíam. A mente de Pitt não tinha lugar para o sofrimento dos últimos cinco dias, para nenhuma emoção relacionada ao tormento da morte próxima. Só era capaz de pensar obsessivamente em vingança. Vingança ou execução, não havia diferença. Dorsett não podia e não haveria de continuar seu reinado de crueldade, sobretudo depois de tantos assassinatos. Precisava ser castigado.

A mente de Pitt estava fixa não em um, mas em dois objetivos: salvar os filhos de Maeve e matar o perverso mercador de diamantes.



Pitt estava conduzindo a pequena embarcação no vasto oceano havia oito dias. Ao anoitecer, Giordino se encarregava dos deveres da navegação, enquanto seu amigo e Maeve jantavam uma combinação de peixe cru com a carne seca do tubarão. A lua cheia surgiu no horizonte como se fosse uma enorme esfera âmbar; a seguir diminuiu, tornou-se branca e começou a atravessar o firmamento. Depois de tomar vários goles de água para tirar o gosto de peixe da boca, Maeve se aninhou nos braços de Pitt e olhou para a seta dourada, no mar, que levava à lua. Cantarolou os versos de Moon River e depois, calando-se, olhou para o rosto forte do namorado, examinando-lhe o duro contorno do maxilar, as sobrancelhas escuras e grossas, os olhos verdes e brilhantes. Tinha o nariz bem delineado, com evidentes sinais de haver sido quebrado mais de uma vez. As rugas no canto dos olhos e a leve curvatura dos lábios davam a impressão de que ele sempre estava sorrindo, bem-humorado. Um homem junto ao qual qualquer mulher se sentiria bem; um homem que não representava ameaça alguma. Uma estranha mistura de firmeza e sensibilidade tornava-o incrivelmente atraente. Maeve ficou calada, como que hipnotizada, até que ele se voltasse repentinamente e visse a expressão de fascínio em seu rosto. Ela não fez menção de desviar o olhar.

— Você não é um homem comum. Ele se mostrou intrigado.

— Por que está dizendo isso?

— As coisas que você diz, as coisas que faz. Nunca vi ninguém tão sintonizado com a vida.

Ele riu com evidente prazer.

— Eu também nunca ouvi palavras assim de uma mulher.

— Conheceu muitas? — perguntou ela com curiosidade de menina.

— Muitas?

— Mulheres.

— Nem tanto. Eu sempre quis ser um conquistador como Al, mas raramente tive tempo.

— Já foi casado?

— Não. Nunca.

— Quase?

— Uma vez, quem sabe.

— Que aconteceu?

— Ela foi assassinada.

Era visível que Pitt não tinha conseguido ultrapassar o abismo entre a dor e a doce lembrança. Maeve se arrependeu de ter feito a pergunta, ficou sem jeito.

Sentia-se instintivamente atraída por ele e desejava fin- car-se em sua mente. Sabia que Pitt era do tipo que esperava algo mais profundo do que uma relação física casual. O flerte hipócrita não o atraía.

— Chamava-se Summer — prosseguiu ele em voz baixa. — Foi há muito tempo.

— Eu lamento.

— Tinha olhos acinzentados e o cabelo ruivo. Parecia-se muito com você.

— Obrigada.

Pitt ia lhe perguntar sobre seus filhos, mas se conteve, sabendo que aquilo prejudicaria a intimidade do momento. Duas pessoas sozinhas, isto é, quase sozinhas, num mundo dominado pela lua, pelas estrelas e pelo mar negro, inquieto, num mundo desprovido de seres humanos e terreno sólido, onde milhares de quilômetros de um nada fluido os rodeava, era muito fácil esquecer a realidade e imaginar-se a velejar na baía de uma ilha tropical.

— Você também é incrivelmente parecida com sua tetravó — disse.

Ela ergueu a cabeça e o fitou.

— Como pode saber se me pareço com ela?

— O retrato de Betsy Fletcher no iate.

— Preciso lhe falar de Betsy um dia — disse Maeve, encolhendo-se em seus braços como um gatinho.

— Não precisa — sorriu Pitt. — Sinto que a conheço quase tão bem quanto a você. Uma mulher heróica, presa e enviada à colônia penal de Botany Bay, sobrevivente da jangada do Gladiator. Ajudou a salvar a vida do capitão "Durão" Scaggs e de Jess Dorsett, um salteador preso, que veio a se casar com ela e era o seu tetravó. Depois de desembarcar no que ficou conhecido como a ilha Gladiator, Betsy descobriu uma das maiores minas de diamante do mundo e fundou uma dinastia. Lá no meu hangar, tenho um dossiê completo sobre os Dorsett. A começar por Betsy e Jess, seguindo seus descendentes e chegando até você e suas graciosas irmãs.

Ela endireitou o corpo novamente, e uma raiva súbita brilhou em seus olhos azuis.

— Você andou me investigando, seu bandido. Provavelmente com ajuda da CIA!

Pitt sacudiu a cabeça.

— Não a você. Interessavam-me as crônicas da família Dorsett de mercadores de diamante. E a pesquisa feita por um senhor muito distinto, que ficaria indignado se soubesse que você se referiu a ele como agente da CIA.

— Você não sabe tanto quanto imagina sobre a minha família — disse ela com arrogância. — Meu pai e seus ancestrais sempre foram muito reservados.

— Pode ser — disse ele com voz branda. — Mas há um membro de seu clã que me intriga mais do que todos os outros.

— Qual?

— O monstro marinho da lagoa.

A pergunta a tomou totalmente de surpresa.

— Você não está falando de Basil, está? Ele ficou um momento confuso.

— De quem?

— De Basil. Não se trata de um monstro marinho. É uma serpente. Há uma grande diferença. Eu a vi com meus próprios olhos em três ocasiões.

Pitt deu uma boa gargalhada.

— Basil? O bicho se chama Basil?

— Você não acharia tanta graça se ele o pegasse. Pitt sacudiu a cabeça.

— Não posso acreditar que estou ouvindo uma zoóloga dizer que acredita em serpentes marinhas.

— Para começar, serpente marinha é um nome errado. Não são serpentes de verdade, como as cobras.

— Existem histórias fantásticas de turistas que juram ter visto animais estranhos em todos os lagos, do Ness ao Champlain, mas, que eu saiba, os últimos relatos de casos ocorridos no oceano datam do século passado.

— O que se vê no mar não tem a publicidade que tinha antigamente. As guerras, os desastres naturais e os massacres passaram a ocupar as primeiras páginas dos jornais.

— Isso não calaria os tablóides.

— As rotas marítimas dos navios modernos estão bem fixadas — explicou Maeve com paciência. — Os antigos veleiros passavam por mares pouco freqüentados. Os baleeiros, que perseguiam baleias em vez de percorrer a distância mais curta entre dois portos, relatavam essas aparições com muita freqüência. Por outro lado, os veleiros eram silenciosos e conseguiam aproximar-se das serpentes ainda na superfície, ao passo que os navios modernos, a diesel, podem ser ouvidos debaixo da água a quilômetros de distância. O fato de as serpentes serem grandes não significa que não sejam ariscas e medrosas, infatigáveis viajantes dos oceanos, que se recusam a ser capturadas.

— Se não são ilusões nem cobras, que são então? Dinossauros?

— Ora, seu cético — disse ela muito séria, com um toque de desafio na voz. — Estou escrevendo minha tese de doutorado justamente sobre a criptozoologia, a ciência dos animais lendários. Para sua informação, há quatrocentos e sessenta e sete casos de aparições, eliminadas as alucinações, as fraudes e os relatos de segunda mão. Estão todos categorizados em meu computador, na universidade; a natureza das aparições, inclusive as condições do tempo e do mar na ocasião das ocorrências; distribuição geográfica, características particulares, cor, forma, tamanho. Mediante técnicas de computação gráfica, posso acompanhar a evolução do animal. Respondendo a sua pergunta, elas provavelmente evoluíram a partir dos dinossauros, do mesmo modo como os jacarés e os crocodilos. Mas não são em hipótese alguma dinossauros. O plesiossauro, a espécie que mais freqüentemente se acredita que tenha sobrevivido como a serpente marinha dos nossos dias, nunca passou dos dezesseis metros, muito menor do que Basil.

— Tudo bem. Vou guardar meu julgamento até que você me convença de que existem mesmo.

— Há seis espécies primárias — prosseguiu ela. — A maioria dos relatos refere-se a um animal de pescoço comprido, com uma corcova principal e a cabeça e as mandíbulas parecidas com as de um cachorro grande. Depois, vem uma que é sempre descrita com cabeça de cavalo, com crina, e olhos enormes e redondos. Dizem também que têm uma barbicha de bode sob o maxilar inferior.

— Barbicha de bode... — repetiu Pitt com cinismo.

— Depois, vem uma variedade com verdadeiro corpo de serpente, como uma enguia. Outra tem a aparência de uma gigantesca lontra marinha, e há ainda as que são conhecidas por suas ásperas e gigantescas barbatanas triangulares. O tipo de que se fala com mais freqüência tem várias corcovas dorsais, cabeça oval e um focinho enorme, como o dos cães. Essa serpente é quase sempre descrita como preta em cima e branca embaixo. Algumas têm nadadeiras ou barbatanas como a das focas ou tartarugas, outras não. Algumas têm caudas enormes e muito longas, outras apenas um cotó. Muitas parecem ter pêlo; várias, no entanto, apresentam uma pele lisa como seda. As cores variam do cinza-amarelado ao marrom e ao preto. Quase todas as testemunhas concordam em que a parte

inferior de seu corpo é branca. Diferentemente da maioria das verdadeiras cobras aquáticas e das terrestres, que nadam agitando o corpo para os lados, a serpente marinha se desloca mediante ondulações verticais. Parece que se alimenta de peixe, só surge em tempo calmo e foi observada em todos os mares, exceto nas águas do Ártico e do Antártico.

— Como você sabe que esses relatos não têm origem num engano? — arguiu Pitt. — Eles podem ter visto tubarões, aglomerados de algas marinhas, cetáceos nadando em fila indiana ou mesmo um polvo gigante.

— Na maioria dos casos havia mais de um observador — respondeu Maeve. — Muitos eram capitães de navio de indiscutível integridade. O capitão Arthur Rostron foi um deles.

— Conheço o nome. Estava no comando do Carpathia, o navio que salvou os sobreviventes do Titanic.

— Ele viu uma criatura que parecia estar em grande dificuldade, como se estivesse ferida.

— Os testemunhos podem ser absolutamente sinceros, mas equivocados — insistiu Pitt. — Enquanto não levarem uma serpente ou ao menos um pedaço dela para que os cientistas a dissequem e estudem, não há prova.

— Por que não podem existir répteis de vinte a trinta metros de comprimento, com forma de serpente, se viveram no mar na era Mesozóica? O mar não é uma vidraça de cristal. Não podemos ver as suas profundezas e escutar os horizontes longínquos, como em terra. Quem sabe quantas espécies gigantes ainda desconhecidas pela ciência habitam os mares?

— Estou até com medo de perguntar — disse Pitt com um sorriso. — Em que categoria se encaixa Basil?

— Eu a classifiquei como "mega-enguia". Ela tem corpo cilíndrico, de trinta metros de comprimento, terminando numa cauda com uma ponta. Sua cabeça é ligeiramente achatada, como a da enguia comum, mas com uma enorme boca canina e dentes afiados. É azulada, tem barriga branca, e seus olhos muito pretos são do tamanho de uma travessa. Ondula o corpo horizontalmente, como as demais enguias e cobras. Em duas ocasiões a vi erguer a parte dianteira do corpo uns dez metros fora da água. Depois caiu com um grande estrondo.

— Quando a viu pela primeira vez?

— Quando tinha uns dez anos — respondeu Maeve. — Deirdre e eu estávamos passeando de barco na lagoa, um pequeno veleiro que mamãe nos havia dado, quando, de repente, tive a estranha sensação de estar sendo observada. Senti um calafrio. Deirdre agiu como se nada tivesse acontecido. Eu me voltei lentamente e vi bem ali, a uns vinte metros da popa, uma cabeça enorme e um pescoço cerca de três metros acima da água. Os dois olhos pretos e brilhantes estavam fitos em nós.

— Qual era a grossura do pescoço?

— Quase dois metros de diâmetro, do tamanho de um tonei de vinho, como meu pai costuma descrevê-lo.

— Ele também a viu?

— Toda a família viu Basil mais de uma vez. Em geral quando alguém estava para morrer.

— Continue.

— O animal parecia um dragão saído do pesadelo de uma criança. Eu fiquei petrificada, não fui capaz de dizer uma palavra nem de gritar. Deirdre não olhou. Sua atenção estava concentrada em me dizer quando virar de bordo, para que não saíssemos do recife exterior.

— E a serpente se aproximou?

— Não. Só ficou olhando para a gente, não fez menção de seguir o veleiro nem de molestar-nos quando nos afastamos.

— Deirdre não a viu?

— Dessa vez não, porém, mais tarde, viu-a em duas oportunidades.

— Como reagiu seu pai quando você lhe contou o que tinha visto?

— Ele riu e disse: "Finalmente vocês ficaram conhecendo Basil!"

— Quer dizer que a serpente aparecia quando havia uma morte?

— É uma lenda familiar, mas tem um fundo de verdade. Basil foi vista na lagoa, pela tripulação de um baleeiro que lá havia ancorado, no dia do enterro de Betsy Fletcher; mais tarde, quando minha tia-avó Mildred morreu; e, depois, quando faleceu minha mãe. Ambas tiveram morte violenta.

— Coincidência ou destino? Maeve deu de ombros.

— Quem sabe? A única coisa que sei com certeza é que meu pai matou minha mãe.

— Dizem que seu avô, Henry, também matou a irmã, Mildred.

Ela o encarou, surpresa.

— Você também sabe disso? — Olhou para o lugar onde o mar negro se encontrava com as estrelas, a luar a lhe iluminar os olhos, que pareciam mais escuros e tristes.

— As últimas três gerações dos Dorsett não foram exemplos de virtude.

— Sua mãe se chamava Irene. Maeve fez que sim.

— Como ela morreu? — perguntou Pitt com delicadeza.

— Ela teria morrido de qualquer jeito, de tristeza pelo abuso a que era submetida pelo homem que amava desesperadamente. Mas, quando estava passeando nos penhascos com meu pai, escorregou e caiu no mar. — Uma expressão de ódio se estampou em seu rosto delicado. — Ele a empurrou — disse friamente. — Meu pai a empurrou e matou!

Pitt a estreitou nos braços e sentiu-a trêmula.

— Fale-me de suas irmãs.

A expressão de ódio desapareceu, e suas feições tornaram-se delicadas novamente.

— Não tenho muito a contar. Nunca fui apegada a nenhuma delas. Deirdre era a mais traiçoeira. Quando queria alguma coisa minha, simplesmente a roubava e fingia que sempre tinha sido dela. Era a queridinha do papai, creio que por serem muito parecidos. Deirdre vive num mundo de fantasia criado por seus próprios enganos. Não consegue dizer a verdade mesmo quando não há motivo algum para mentir.

— Ela nunca se casou?

— Uma vez, com um jogador profissional de futebol, um caça-dotes que achou que ia passar a vida gastando o dinheiro do sogro e fazendo o que bem entendesse. Infelizmente, logo depois de pedir divórcio e exigir uma pensão que se comparava ao orçamento da Austrália, ele caiu providencialmente de um dos iates da família. Nunca acharam o corpo.

— Parece que não vale a pena aceitar convites para ir navegar com os Dorsett — disse Pitt com um leve sorriso.

— Tenho medo de pensar em todas as pessoas que papai eliminou, gente que estava atravessada em seu caminho de fato ou só em sua imaginação.

— E Boudicca?

— Não a conheço realmente — disse ela, distante. — E onze anos mais velha. Logo depois que nasci, papai a matriculou num internato exclusivo. Ao menos foi

o que me contaram. Pode parecer esquisito, mas minha irmã sempre foi uma estranha para mim. Eu tinha quase dez anos quando a vi pela primeira vez. Só sei que ela tem uma paixão por moços jovens e bonitos. Papai não gosta muito, mas pouco faz para impedi-la de transar por aí.

— Ela é uma moça forte.

— Uma vez, eu a vi lutar com papai, quando ele estava bêbado e batendo em mamãe.

— Estranho que todos eles tenham sempre esse ódio assassino pelo único membro decente e amável da família.

— Quando fugi da ilha onde fomos mantidas virtualmente prisioneiras após a morte de mamãe, papai não conseguiu aceitar a minha independência. O fato de eu ganhar a vida e pagar os meus estudos, sem tocar num tostão da fortuna Dorsett, o deixava furioso. Depois, quando eu estava morando com um rapaz e fiquei grávida, decidi ir até o fim, mesmo sabendo que seriam gêmeos, em vez de optar pelo aborto. Não quis me casar, e meu pai e minhas irmãs cortaram todos os meus vínculos com o império Dorsett. Tudo isso parece loucura, e eu não consigo explicá-la. Mudei legalmente de sobrenome, adotando o de minha tetravó, e continuei vivendo feliz por estar livre de uma família tão perturbada.

Maeve fora vítima de forças cruéis sobre as quais não tinha o menor controle, e Pitt sentiu pena dela. Ao mesmo tempo, porém, respeitava-lhe a força de vontade e a coragem. Era uma mulher adorável. Seu olhos azuis tinham a sinceridade de uma criança. Ele jurou a si mesmo que moveria montanhas para salvá-la.

Ja dizer alguma coisa, porém, na escuridão, avistou uma ebulição na crista de uma onda gigantesca, que se erguia diante deles e que parecia rebentar em todo o seu campo, visual. Pitt sentiu um arrepio na nuca ao ver três vagas iguais rolarem atrás da primeira.

Gritando, para alertar Giordino, empurrou Maeve para o chão. A onda desabou em cima do bote, inundando-o de espuma e pressionando-o para baixo a estibordo. O lado oposto foi erguido no ar, e o bote tombou na profunda depressão que se abriu nas águas. A segunda vaga pareceu tocar as estrelas antes de se precipitar com a força de um trem de carga. O bote mergulhou na negra tempestade, submergindo totalmente. Vendo-se à mercê do mar enlouquecido, a única opção de Pitt, para não morrer, era agarrar-se com toda força ao tubo de flutuação, repetindo o que fizera durante o tufão. Ser jogado para fora significava ficar para sempre no mar.

A pequena embarcação mal tinha conseguido voltar à superfície quando as duas últimas vagas a atingiram em violenta sucessão, fazendo-a girar num infernal remoinho. Os desamparados passageiros foram jogados para baixo e uma vez mais submersos. Logo, viram-se a deslizar no dorso liso da última onda, e o mar serenou como se nada tivesse acontecido. As tumultuosas vagas passaram e desapareceram na noite.

— Mais uma graciosa demonstração dos humores do mar — esbravejou Giordino, firmemente agarrado ao painel. — Que foi que fizemos para que ele ficasse tão bravo?

Pitt soltou Maeve imediatamente e a ajudou a sentar-se.

— Você está bem?

Ela tossiu muito antes de balbuciar, ofegante:

— Espero... ainda estar viva. Que foi que nos atingiu, afinal?

— Pode ter sido um abalo sísmico no fundo do mar. Não é preciso um tremor de grande magnitude para provocar uma série de gigantescas ondas.

Maeve empurrou dos olhos as mechas molhadas de cabelo.

— Graças a Deus que o barco não virou e nenhum de nós foi jogado ao mar.

— Como ficou o leme? — quis saber Giordino.

— No mesmo lugar. Nosso mastro improvisado também sobreviveu, mas a vela está rasgada.

— A comida e a reserva de água também continuam em bom estado — informou Maeve.

— Quer dizer que saímos sem um arranhão? —

perguntou o italiano, mal podendo acreditar.

— Não por muito tempo — disse Pitt com ar sombrio. Maeve olhou à sua volta.

— Não estou vendo nenhuma avaria séria que não possa ser reparada.

— Nem eu — concordou Giordino depois de constatar os tubos de flutuação.

— E que vocês não olharam para baixo.

A forte luz do luar, puderam ver a aflição no rosto de Pitt. Olharam na direção para a qual ele apontava e compreenderam que já não havia esperanças de sobrevivência.

Ao longo de todo o fundo do barco havia uma rachadura, que já começava a fazer água.



Rudi Gunn não era dado a suar nem se deixava encantar pela excitação do esporte. Confiava em suas faculdades mentais, num regime de disciplinados hábitos alimentares e em seu metabolismo para se manter jovem e forte. Uma ou duas vezes por semana, quando lhe dava vontade, andava de bicicleta antes do almoço, ao lado de Sandecker, que corria diariamente dez quilômetros num dos muitos caminhos do parque Potomac. O exercício não era de modo algum feito em silêncio. Enquanto um corria e o outro pedalava, os assuntos da ANPS eram discutidos como se eles estivessem conversando no escritório.

— Qual é o recorde de sobrevivência no mar? —

perguntou o almirante, arrumando a faixa na testa.

— Steve Callahan, um iatista, sobreviveu setenta e seis dias quando seu barco afundou perto das ilhas Canárias — respondeu Gunn. — Foi o mais longo tempo de um homem sozinho numa balsa inflável. O Guinness atribui o recorde de sobrevivência no mar a Poon Lin, um comissário chinês que ficou à deriva num bote quando seu navio foi torpedeado no Atlântico Sul durante a Segunda Guerra Mundial. Sobreviveu cento e trinta e três dias e foi resgatado por um pescador brasileiro.

— Algum deles teve de enfrentar uma tempestade? Gunn sacudiu a cabeça.

— Nem Callahan nem Poon Lin toparam com uma tempestade com intensidade que chegasse aos pés do tufão que atingiu Dirk, Al e a senhorita Fletcher.

— Já faz duas semanas que Dorsett os abandonou —

disse Sandecker, ofegante. — Se tiverem sobrevivido à tempestade, devem estar sofrendo muita sede, sem falar na exposição aos elementos da natureza.

— Pitt é um homem de muitos recursos — disse Gunn sem hesitar.

— Com Giordino, eu não me surpreenderia se eles estivessem agora numa praia do Taiti, descansando numa cabana de sapé.

Sandecker se fez a um lado do caminho para dar passagem a uma mulher com um carrinho de bebê que ia na direção contrária. Retomando a corrida, murmurou:

— Dirk sempre diz que o mar não revela facilmente os seus segredos.

— As coisas já podiam estar resolvidas se as equipes de resgate da Austrália e da Nova Zelândia tivessem apoiado os esforços da ANPS.

— Arthur Dorsett é muito poderoso — disse Sandecker com raiva.

— Recebi tantas desculpas dizendo que eles estavam ocupados em outras missões de resgate, que poderia construir um muro com elas.

— É verdade. O poder desse homem é impressionante.

— Gunn parou de pedalar e se deteve ao lado do almirante. — O suborno de

Dorsett fala fundo no bolso de muitos amigos no Congresso dos Estados Unidos e nos parlamentos da Europa e do Japão. Muita gente famosa trabalha para ele.

Sandecker ficou vermelho, não por causa do esforço físico, mas devido à desesperança. Não conseguia conter a raiva e o ressentimento. Parando, curvou o corpo, apoiou-se nos joelhos e ficou olhando para o chão.

— Eu trocaria a ANPS pela chance de pôr as mãos no pescoço desse canalha.

— Tenho certeza de que você não é o único — disse Gunn. — Deve haver milhares que o detestam, desconfiam dele e até o odeiam. Mesmo assim, nunca o traem.

— Não admira. Quando não providencia acidentes fatais para os que se interpõem em seu caminho, ele os compra, enchendo de diamantes cofres bancários na Suíça.

— Muito persuasivos, os diamantes.

— Mas ele não influenciará o presidente.

— Não, mas o presidente pode ser levado a mudar de opinião por maus conselheiros.

— Não se a vida de mais de um milhão de pessoas estiver em perigo.

— Nenhuma resposta ainda? — perguntou Gunn. — O presidente disse que tomaria uma decisão em quatro dias. Já passaram seis.

— Ele compreendeu muito bem a urgência da situação... Ambos se voltaram ao ouvir a buzina de um carro com o logotipo da ANPS. O motorista parou do outro lado da rua paralela ao caminho do parque. Baixando a janela do lado do passageiro, gritou:

— Telefonema da Casa Branca para o senhor, almirante! Sandecker olhou para Gunn e sorriu.

— Sua excelência deve ter sentido as orelhas arder. Aproximou-se do automóvel e pegou o telefone celular que o motorista lhe ofereceu.

— É Wilbur Hutton, senhor. A linha é segura.

— Will?

— Olá, Jim, acho que não tenho boas notícias para você.

Sandecker ficou tenso.

— Como assim?

— Depois de muito considerar o assunto, o presidente decidiu adiar as ações relativas à praga acústica.

— Mas por quê? — balbuciou o almirante. — Ele não prevê as conseqüências?

— Os especialistas da Câmara Nacional de Ciência não concordam com a sua teoria. Foram convencidos pelos relatórios da autópsia dos patologistas australianos do Centro de Controle de Enfermidades de Melbourne. Os australianos provaram, conclusivamente, que as mortes a bordo do navio de passageiros foram provocadas por um tipo raro de bactéria parecida com a que causou a pneumonia aguda.

— É impossível!

— Só sei o que me contaram — reconheceu Hutton. — Os australianos desconfiam que a água do sistema dos umidificadores da calefação do navio estava contaminada.

— Não me importa o que dizem os patologistas. É loucura o presidente não fazer caso de minhas advertências. Pelo amor de Deus, Will, peça, rogue, suplique ou faça o que for necessário para convencê-lo a usar seu poder para deter as atividades das minas de Dorsett antes que seja tarde demais.

— Sinto muito, Jim. O presidente está com as mãos atadas. Nenhum de seus conselheiros científicos considerou suas provas convincentes o bastante para

arriscar um incidente internacional. Muito menos num ano eleitoral.

— É uma maluquice! — disse Sandecker, desesperado.

— Se o meu pessoal estiver com a razão, o presidente não conseguirá eleger-se nem para lavar o mictório público.

— É a sua opinião — disse Hutton com frieza. — Devo acrescentar que Arthur Dorsett se dispôs a abrir suas minas a uma equipe internacional de investigadores.

— Quanto tempo demora para que se constitua uma equipe dessas?

— Leva tempo. Duas ou três semanas, pelo menos.

— Neste caso, haverá pilhas de cadáveres em Oahu quando eles começarem.

— Feliz ou infelizmente, é uma questão de opinião. Você é minoria.

— Eu sei que você fez o que pôde, Will, e estou agradecido.

— Por favor, entre em contato se tiver alguma informação nova. Minha linha está sempre aberta para você.

— Obrigado.

— Até logo.

Sandecker devolveu o telefone ao motorista e se voltou para Gunn.

— Fomos logrados.

Gunn o encarou, chocado.

— O presidente não reconhece a situação? Derrotado, o almirante fez que sim.

— Dorsett comprou os patologistas. Eles mandaram um relatório falso, afirmando que a causa da morte dos passageiros do navio foi a contaminação do sistema de aquecimento.

— Nós não podemos capitular! — exclamou Gunn, furioso. — Temos de encontrar outros meios de deter a loucura de Dorsett a tempo.

— Na dúvida — disse Sandecker com um olhar fuzilante —, aposte em alguém mais esperto do que você. — Tornou a pegar o telefone e digitou um número. — Existe um homem que deve ter a solução.

O almirante Sandecker se abaixou e colocou a bola no chão do clube de golfe Camelback em Scottsdale, no Arizona. Eram duas da tarde, e o céu estava azul e límpido. Fazia apenas cinco horas que corraera ao lado de Rudi Gunn, em Washington. Ao aterrissar no aeroporto de Scottsdale, tomou emprestado o carro de um amigo, um velho oficial reformado da Marinha, e foi diretamente para o campo de golfe. Em janeiro fazia frio no deserto. Por isso, vestiu uma calça de lã e um pulôver de cashmere de mangas compridas. Havia dois campos no clube, e ele estava jogando no que se chamava Indian Bend.

Apontou a trezentos e sessenta e cinco metros de distância, moveu duas vezes o taco, preparando-se, e então, sem esforço, deu a tacada. A bola se ergueu no ar, desviou-se um pouco à direita, bateu, rebateu, rolou e foi parar a cento e noventa metros.

— Bela jogada, almirante — disse o dr. Sanford Adgate Ames. — Foi um erro desafiá-lo a um amistoso de golfe. Não imaginava que os velhos marinheiros levassem a sério os jogos de campo.

Com a longa e cerdosa barba grisalha, que lhe cobria a boca e lhe chegava até o peito, Ames parecia um velho explorador do deserto. Seus olhos estavam ocultos por um par de óculos bifocais de lentes azuis.

— Os velhos marinheiros fazem muita coisa esquisita — retrucou Sandecker.

Pedir ao dr. Sanford Adgate Ames que fosse a Washington para uma reunião de alto nível teria sido o mesmo que rogar a Deus que mandasse um siroco derreter a calota polar. Impossível. Ames detestava tanto Nova York quanto Washington e se recusava peremptoriamente a visitar as duas cidades. Ofertas de jantares ou

prêmios em sua homenagem não o tiravam de seu valhacouto no monte Camelback, no Arizona. Sandecker precisava daquele homem, e com muita urgência. Engolindo o sapo, solicitou um encontro com o "mestre do som", como Ames era conhecido entre os colegas cientistas. Ele concordou, mas com a rigorosa condição de que o almirante levasse seus tacos, pois a discussão seria realizada no campo de golfe.

Altamente respeitado na comunidade científica, Ames estava para o som assim como Einstein para o tempo e a luz. Insensível, egocêntrico, brilhante, tinha escrito mais de trezentos trabalhos sobre quase todos os aspectos conhecidos da oceanografia acústica. Em quarenta e cinco anos, seus estudos e análises incluíam fenômenos que iam das técnicas de sonar e radar à propagação acústica e à reverberação sob a superfície. Outrora importante conselheiro do Ministério da Defesa, foi obrigado a renunciar depois de apresentar veementes objeções aos testes de ruídos no oceano que estavam sendo realizados no mundo inteiro para medir o aquecimento global. Seus cáusticos ataques a experiências nucleares também provocaram a animosidade do Pentágono. Os representantes de uma infinidade de universidades foram bater a sua porta na esperança de contratá-lo como professor, porém Ames recusou, preferindo pesquisar com uma pequena equipe de quatro estudantes que ele pagava do próprio bolso.

— Que tal jogar a um dólar o buraco, almirante? Ou você só faz apostas altas?

— É a sua vez, doutor — sorriu Sandecker.

Ames se aproximou da bola, estudou o campo como se estivesse apontando um fuzil e deu a tacada. O almirante notou que, apesar dos quase setenta anos, o alcance da estirada era poucos centímetros menor do que a de um homem muito mais jovem e ágil. A bola voou e foi cair numa sand trap pouco além da marca dos duzentos metros.

— Como caem depressa os poderosos — ele filosofou. Sandecker não desistia facilmente. Sabia que seria batido. Ames ficara famoso nos círculos de Washington como craque no golfe. E diziam que, se não houvesse se dedicado à física, teria se tornado jogador profissional.

Entraram num carrinho de golfe e foram atrás das bolas, Ames ao volante.

— Em que lhe posso ser útil, almirante?

— Você está inteirado dos esforços da ANPS para identificar e neutralizar o que chamamos de praga acústica?

— Ouvi boatos.

— Que achou?

— Difícil de acreditar.

— A Câmara Nacional de Ciência e o presidente são da mesma opinião — resmungou o almirante.

— Eu não os condenaria.

— Você não acredita que o som possa percorrer milhares de quilômetros sob a água, depois emergir e matar?

— Originando-se em quatro fontes acústicas de alta intensidade, convergindo na mesma região e provocando a morte de todos os mamíferos em seu raio de alcance? Não é uma hipótese sobre a qual eu recomendaria aprofundar-se, a menos que já não me importasse conservar o prestígio entre meus pares.

— Hipótese uma ova! — explodiu Sandecker. — já morreram mais de quatrocentas pessoas. O coronel Leigh Hunt, um dos melhores patologistas do país, provou conclusivamente que a causa das mortes são as intensas ondas sonoras.

— Não é o que diz o relatório da autópsia feita na Austrália.

— Você é um fingido, doutor — sorriu o almirante. — Está perfeitamente a par do problema.

— Eu me interesso por tudo o que se relaciona à acústica.

Chegaram primeiro à bola de Sandecker, que escolheu o marco número três e a enviou a uma sand traip vinte metros adiante do gramado. E ainda lhe foram necessárias duas tacadas para sair da situação desvantajosa e duas outras para que sua bola rolasse para dentro do buraco, marcando um bogey duplo. Quando estavam se dirigindo à segunda baliza, o almirante se pôs a relatar minuciosamente as suas descobertas. Os oito buracos seguintes foram jogados em meio a uma discussão intensa, durante a qual Ames o questionou sem clemência, levantando uma série de argumentos contra a hipótese do assassinato acústico.

No nono buraco, Ames se serviu de um novo taco, especial, para colocar a bola a pouco mais de um metro do objetivo. E viu divertido quando Sandecker, com uma desastrada tacada, mandou a sua para longe do buraco visado.

— Você seria um bom adversário se jogasse com mais frequência, almirante.

— Cinco vezes por ano me bastam. Não sinto que valha a pena passar seis horas correndo atrás de uma bolinha.

— Oh, eu não diria isso. Desenvolvi alguns de meus conceitos mais criativos quando estava relaxando no clube de golfe.

Quando Sandecker finalmente conseguiu encaixar sua bola, voltaram para o carrinho. Ames lhe ofereceu uma lata de refrigerante dietético, que tirou de uma pequena caixa de isopor.

— Afinal, o que você está esperando que eu lhe diga? — perguntou.

Sandecker o encarou.

— Não me interessa o que pensam os cientistas enclausurados em torres de marfim. As pessoas estão morrendo no mar. Se não detivermos Dorsett, outras morrerão e numa quantidade em que nem quero pensar. Você é o melhor especialista em acústica do país. Quero que me oriente para acabar com esse massacre.

— Quer dizer que sou a sua última instância? — A mudança sutil no tom amigável de Ames não chegou a ser a mais séria do mundo, mas foi inconfundível. — Quer que eu encontre uma solução prática para o seu problema?

— Para o nosso problema — corrigiu Sandecker delicadamente.

— E. Agora eu entendo. — Ames ergueu a lata de refrigerante e ficou olhando para ela com curiosidade.

— Você acertou quando me chamou de fingido, almirante. Tracei um plano completo quando você estava vindo para cá. Não é uma perfeição. A chance de sucesso é de cinquenta por cento, mas não posso lhe oferecer coisa melhor, a menos que passe meses e meses pesquisando.

Sandecker mirou o cientista com um brilho de esperança nos olhos e, tentando dissimular a excitação, perguntou:

— Você concebeu um plano para finalmente acabar com as atividades das minas de Dorsett?

O velho barbudo sacudiu a cabeça.

— Soluções armadas ficam fora de meu território. Estou me referindo a um método de neutralizar a convergência acústica.

— Como seria possível?

— Muito simples. A energia das ondas sonoras pode ser refletida, não pode?

— É óbvio que sim.

— Se vocês já sabem que são quatro raios separados que se propagarão na direção da ilha de Oahu e já conseguiram determinar a data aproximada da convergência, suponho que seus cientistas também estejam em condições de prever com adequada precisão o ponto da convergência.

— Sim, estão.

— Pois a solução é essa.

— Essa? — Toda esperança que Sandecker nutria desapareceu de súbito. — Eu devo ter deixado escapar alguma coisa.

Ames deu de ombros.

— Ora, almirante, por que complicar se é possível simplificar?

— A resposta mais simples é preferível à mais complexa, eu sei.

— Pois bem. Meu conselho também é muito simples. A ANPS deve construir um refletor parecido com uma antena parabólica, mergulhá-lo no ponto de convergência e desviar de Honolulu as ondas acústicas.

Sandecker procurou não mostrar nenhuma emoção, mas seu coração tinha disparado. A chave do enigma era ridiculamente simples. Decerto, a execução de um projeto de redirecionamento não seria nada fácil, mas era possível.

— Se a ANPS puder construir e empregar um refletor a tempo — ele perguntou a Ames —, para onde redirecionaríamos as ondas acústicas?

O cientista ostentou um sorriso malicioso.

— A escolha mais óbvia seria uma parte desabitada do oceano, o sul da Antártida por exemplo. No entanto, já que a energia de convergência diminui à medida que viaja, por que não mandá-la de volta à fonte?

— A mina de Dorsett na ilha Gladiador — disse Sandecker, procurando não deixar transparecer o terror na voz.

Ames fez que sim.

— Uma escolha tão boa quanto qualquer outra. A intensidade da energia não teria força para matar seres humanos na viagem de volta. Mas pode ser que lhes cause uma tremenda dor de cabeça.



Era o fim da linha, pensou Pitt com amargura. Tinham conseguido o máximo que se podia esperar de um ser humano. Aquele era o fim dos bravos esforços, dos futuros desejos, amores e alegrias de cada um deles. Acabariam todos na água, como alimento de peixe, seus pobres restos mortais perdidos a milhares de metros no desolado fundo do mar. Maevie não tornaria a ver os filhos, Pitt seria lamentado pela mãe, o pai e os muitos amigos da ANPS. A cerimônia fúnebre em memória de Giordino, pensou ele com um derradeiro resquício de humor, contaria com um numerosíssimo público de mulheres chorosas, todas capazes de ganhar um concurso de misse.

O pequeno bote que os levava tão longe, em meio a tanto caos, estava literalmente partindo-se em pedaços. A rachadura no fundo do casco aumentava uma fração a cada onda que erguia o barco em sua crista. Os tubos de flutuação os manteria na superfície, mas quando o casco se partisse e os pedaços se separassem, seriam jogados irremediavelmente na água, procurariam agarrar-se aos escombros e ficariam à mercê dos onipresentes tubarões.

Por enquanto, o mar estava bastante sereno e as ondas não alcançavam mais de um metro. Porém, se o tempo mudasse e o mar se encapelasse, a morte não se limitaria a olhá-los nos olhos. A caveira com a foice os tomaria rapidamente nos braços, sem sombra de hesitação.

Pitt se inclinou sobre o leme, ouvindo o ruído agora familiar do esforço para jogar fora a água que penetrava na embarcação. Com os olhos intencionalmente verdes, doloridos e inchados, escrutou o mar iluminado pelo sol matinal, que ia passando do alaranjado a um amarelo incendiado. Procurou, já sem esperança, um pedaço de terra no limpo e reto horizonte que os cercava ao longe. Procurou em vão. Não se via um barco, um avião, uma ilha. A não ser por umas poucas nuvens deslocando-se a sudeste, o mundo de Pitt estava vazio como as planícies de Marte. O bote não passava de uma ponta de alfinete na vastidão do oceano.

Como haviam pescado o suficiente para abrir um restaurante especializado em frutos do mar, a fome não os atormentava. Seu suprimento de água, se conservado, bastaria para pelo menos seis ou sete dias. O grande sofrimento era o cansaço e a falta de sono provocados pelo esforço ininterrupto de se livrar da água e manter o barco à superfície. Cada hora que passava era uma miséria. Sem um recipiente ou sequer uma garrafa, foram obrigados a tirar com a concha das mãos a água que entrava até que Pitt improvisasse um vaso com o impermeável do pacote de utensílios que conseguira trazer, apesar da vigilância dos seguranças de Dorsett. Amarrado a um par de chaves, de modo a formar um receptáculo côncavo, permitia jogar um litro de água do mar por vez.

No começo, dividiram-se em turnos de quatro horas, pois Maeve exigiu participar do esforço. Ela trabalhou com valentia, combatendo a rigidez que logo lhe atacou as articulações dos braços e dos pulsos, seguida de terríveis dores musculares. Não lhe faltava coragem nem disposição, mas ela não tinha a força natural dos homens. Os turnos se dividiram, então, segundo a resistência de cada um. Maeve passou três horas devolvendo a água para o mar; foi então substituída por Pitt, que lutou cinco horas a fio. Depois, Giordino entrou em ação e só concordou em ser substituído oito horas mais tarde.

Conforme se alargava a rachadura, a água ia deixando de infiltrar-se para começar a jorrar feito uma fonte. O mar passou a entrar mais depressa do que podia ser jogado fora. Encurralados e sem possibilidade de alívio à vista, eles começaram a perder lentamente o ânimo. Maldito Arthur Dorsett!, pensou Pitt. Maldita Boudicca, maldita Deirdre!

A terrível fadiga e a inutilidade de tudo não tinham sentido. Ele e Maeve não representavam uma ameaça tão grande assim para os fanáticos sonhos imperiais de Dorsett. Sozinhos, jamais teriam podido detê-lo ou sequer tornado mais lenta a realização de seus objetivos. Fora um ato de puro sadismo abandoná-los no oceano.

Maeve se agitou no sono, murmurando algo; depois ergueu a cabeça e olhou semiconsciente para Pitt.

— É a minha vez de trabalhar?

— Só daqui a cinco horas — mentiu ele com um sorriso.

— Continue dormindo.

Giordino parou um momento e olhou para o amigo. Estava com o coração partido por saber que muito em breve Maeve seria dilacerada e devorada pelas máquinas mortíferas no fundo do mar. Sombrio, reiniciou o trabalho e prosseguiu sem cessar, jogando milhares de litros de água no oceano.

Só Deus sabia como conseguia continuar. Devia estar com as costas e os braços martirizados. Sua vontade de ferro e sua resistência ultrapassavam em muito os limites do entendimento. Pitt era mais forte do que a maioria dos homens, mas diante de Giordino não passava de um menino olhando para um campeão olímpico de halterofilismo. Quando, vencido pela exaustão, Pitt lhe entregou o recipiente, o italiano recomeçou como se pudesse trabalhar para sempre. Jamais aceitaria a derrota. Forte e irredutível, provavelmente morreria tentando estrangular um tubarão-martelo.

O perigo tornava Pitt mais lúcido. Numa última e desesperada tentativa, arriou a vela, estendeu-a na água, passou-a por baixo do casco e amarrou as cordas nos tubos de flutuação. Comprimida na rachadura pela pressão da água, a peça de náilon reduziu em cerca de cinquenta por cento a velocidade da infiltração, mas se tratava, na melhor das hipóteses, apenas de um adiamento, que lhes daria umas poucas horas suplementares de vida. A menos que o mar se tornasse absolutamente calmo, imaginou Pitt, o esgotamento físico da tripulação e a ruptura do bote ocorreriam pouco antes do anoitecer. Consultando o relógio, constatou que o pôr-do-sol não tardaria mais de quatro horas e meia.

Segurando delicadamente o pulso de Giordino, tirou o recipiente de sua mão.

— Minha vez — disse com firmeza.

O italiano não ofereceu resistência. Fez um gesto de agradecimento, deixou-se tombar junto a um tubo de flutuação e pegou no sono imediatamente.

O náilon estava contendo razoavelmente o fluxo de água. Pitt trabalhou a tarde toda, mecanicamente, sem noção do tempo, mal notando a passagem do sol brutal, sem se deixar abater por seus raios inclementes. Labutava como um robô,

sem sentir a dor nas costas e nos braços, atordoado, prosseguindo sempre como que sob o efeito de urr narcótico.

Maeve tinha saído do estado de letargia. Sentando-se, olhou estonteada para o horizonte atrás de Pitt.

— Não acha lindos os coqueiros? — murmurou.

— Sim, lindíssimos — concordou ele com um sorriso tenso, acreditando que ela estivesse com alucinações.

— Mas é perigoso ficar debaixo deles. Pode cair um coco em sua cabeça.

— Uma vez eu estive em Fiji — disse ela, sacudindo o cabelo solto — e vi um coco quebrar o pára-brisa de um carro.

Maeve parecia uma menininha a vagar perdida num bosque, já sem esperança de encontrar o caminho de volta para casa. Pitt desejava poder fazer ou dizer alguma coisa que a confortasse. Mas nada havia a fazer naquele mar imenso. A compaixão e a impotência o encheram de amargura.

— Não acha que devia rumar um pouco mais a estibordo? — perguntou ela com indiferença.

— A estibordo?

Maeve o encarou como se estivesse em transe.

— E. Do contrário você vai acabar passando pela ilha e deixando-a para trás.

Pitt estreitou os olhos. Lentamente voltou-se e olhou por cima do ombro. Após quase dezesseis dias a calcular sua posição pelo sol, e sofrendo o clarão refletido pela água, sua vista estava tão cansada que ele apenas conseguiu olhar um momento para a distância. Depois, fechou os olhos. Não viu senão as ondas verde-azuladas.

Voltou-se novamente.

— Já não temos como controlar o bote — explicou. — Eu arriei a vela e a coloquei sob o casco para vedá-lo.

— Oh, por favor — pediu ela. — Está tão perto. Não podemos desembarcar e pisar terra firme ainda que só alguns minutos?

Ela o disse com tanta calma, tão racional em seu sotaque australiano, que Pitt sentiu um frio na espinha. Será que estava mesmo vendo alguma coisa? A razão dizia que Maeve estava fora de si. Mesmo assim, um resto de esperança misturado com o desespero fez com que ele se colocasse de joelhos e se firmasse, apoiando-se no tubo de flutuação. Nesse momento, o bote foi erguido na crista de uma onda e ele pôde ver rapidamente o horizonte.

Não havia montanhas nem coqueiros.

Pitt pôs o braço nos ombros de Maeve. Lembrou-se de quanto era forte e corajosa. Agora, parecia pequena e frágil, mas mesmo assim sua graça luzia com intensidade. Então notou que ela não estava olhando para o mar, mas para o céu.

Pela primeira vez notou um pássaro com as asas estendidas, a planar na brisa. Toldando a vista com a mão, estudou o intruso alado. Devia ter um metro de envergadura, com as penas esverdeadas, salpicadas de manchas marrons. A parte superior do bico era curva e pontiaguda. Devia ser um parente feioso do papagaio.

— Você também o está vendo! — exclamou Maeve, excitada. — Um papagaio da Nova Zelândia, o mesmo que levou meus ancestrais à ilha Gladiator. Os marinheiros que naufragaram nas águas do sul juram que esse pássaro mostra o caminho dos portos seguros.

Giordino olhou para cima, encarando o papagaio mais como comida que como emissário divino, mandado por fantasmas, para guiá-los à terra firme.

— Peça-lhe que nos conduza a um bom restaurante — murmurou, cansado. — De preferência algum que não ofereça frutos do mar no cardápio.

Pitt não deu resposta ao invencível humor do italiano. Ficou observando os movimentos da ave, que continuava pairando sem fazer a menor tentativa de voar em círculos ao redor do barco. Depois, como que tomando fôlego, afastou-se para sudeste. Pitt pegou imediatamente a bússola e tratou de determinar o curso do pássaro; ficou olhando para ele até que se tornasse um ponto no céu e desaparecesse.

Os papagaios não eram aves aquáticas como as gaivotas e os petréis, capazes de voar grandes distâncias sobre o mar. Aquele podia ter se perdido, mas não era provável, pois não tentara pousar no único objeto flutuante à vista. O que significava que a ave não estava cansada. Sabia exatamente onde se encontrava e aonde estava indo. Parecia ter um plano. Talvez estivesse viajando de uma ilha a outra. Sim, talvez. Pitt tinha certeza de que, do alto, aquele pássaro podia ver alguma coisa que os miseráveis naufragos no bote semi-destruído não conseguiam.

Aproximou-se do painel e se levantou, segurando-se com ambas as mãos para não cair no mar. Uma vez mais forçou os olhos inchados para escutar a distância. Já tinha familiaridade com as nuvens no horizonte, que davam a ilusão de terra. Acostumara-se aos brancos tufos de algodão a pairar na borda extrema do mar, com suas formas irregulares e suas manchas acinzentadas, criando falsas esperanças antes de mudar de forma e afastar-se, arrastados pelo vento. Aquela vez era diferente. Uma nuvem solitária permanecia estacionária no horizonte, enquanto as outras passavam por ela. Elevava-se debilmente no mar, porém sem sinais de massa. Não havia indicações de vegetação verde porque a nuvem, em si, não era parte da ilha. Tinha se formado a partir dos vapores da areia abrasada pelo sol que, depois, se condensavam numa camada mais fria de ar.

Pitt reprimiu todo sentimento de excitação e prazer ao se dar conta de que a ilha se achava a umas cinco horas de distância. Não havia como chegar lá, mesmo com a vela uma vez mais içada e a água a brotar no fundo do bote. Depois, suas frustradas esperanças se restabeleceram quando ele compreendeu que não se tratava do topo de uma montanha submarina que subira à superfície após um milhão de anos de atividade vulcânica, para acolher uma vegetação exuberante em suas colinas e vales. Era uma rocha baixa e plana, a sustentar algumas árvores difíceis de identificar, que, de algum modo, resistiam ao clima frio daquelas latitudes distantes das zonas tropicais meridionais. Claramente visíveis, as árvores se aglomeravam nos pequenos espaços de areia que enchiam as gretas da rocha. Pitt percebeu então que a ilha estava muito mais próxima do que parecera à primeira vista. Não se encontrava a mais de oito ou nove quilômetros de distância. As copas das árvores pareciam um tapete felpudo no horizonte.

Calculando a direção da ilha, notou que coincidia precisamente com o rumo tomado pelo papagaio da Nova Zelândia. A seguir, tomou a direção do vento e concluiu que a corrente os levaria pouco além da estremidade norte da terra. Teriam de velejar para sudeste, mais a estibordo, como Maeve imaginara, surpreendentemente, em sua alucinação.

— Esta linda moça merece um prêmio — anunciou. — Terra à vista.

Maeve e Giordino se levantaram com esforço, agarraram-se a Pitt e olharam para a distante esperança de salvação.

— Não é uma miragem — disse Giordino com um amplo sorriso.

— Eu disse que o papagaio nos levaria a um porto —

sussurrou Maeve.

Pitt não se deixou dominar pela excitação.

— Ainda não estamos lá. Teremos de recolocar a vela no mastro e trabalhar como loucos para tirar a água do barco, se quisermos pisar naquela praia.

Giordino calculou a distância que os separava da ilha e ficou muito sério.

— O bote não agüenta. Vai se partir em dois antes que tenhamos percorrido a metade do caminho.



çaram a vela e, na tentativa de evitar que a rachadura se alargasse, usaram toda a corda disponível para amarrar o barco. Com Maeve ao leme, Giordino a jogar feito um louco a água no mar e Pitt tentando empurrá-la com as mãos para o lado, o barco avariado aproou diretamente para a pequena e achatada ilha, a poucos quilômetros de distância. Afinal, estava comprovado o talento de navegador de Pitt.

A fadiga atordoante, a insuportável exaustão tinham desaparecido como por encanto. Ele e Giordino haviam penetrado uma zona em que já não eram mais os mesmos, uma região psicológica na qual o outro mundo, de estresse e sofrimento, não tinha sentido.

Pouco importava que seus corpos estivessem fadados a pagar muito caro depois, contanto que sua férrea determinação e a recusa a aceitar a derrota os ajudassem a percorrer a distância que separava o bote da atraente praia. Ambos sabiam perfeitamente da dor que lhes gritava nos ombros e nas costas, mas essa consciência não passava de um débil protesto da mente. Era como se o tormento estivesse em outro lugar.

O vento inflou a vela, empurrando a embarcação no rumo do solitário afloramento no horizonte. Porém o mar implacável não estava disposto a deixá-los escapar. A corrente lhes oferecia resistência, opunha-se àquela viagem à praia e tratava de arrastá-los num arco que passava muito além dos limites da ilha, ameaçando levá-los de volta à imensidão do Pacífico.

— Acho que não vamos conseguir — disse Maeve com medo.

Olhando para a frente enquanto trabalhava furiosamente para jogar fora a água do bote, Pitt não tirava os olhos da terra cada vez mais próxima. A princípio, acreditava que se tratasse apenas de uma ilha. Contudo, quando estavam a uns dois quilômetros de distância, notou que eram duas. Um braço de mar de cerca de cem metros de largura separava uma da outra. Conseguiu distinguir também uma corrente que passava entre elas. Avaliando a encrespação da superfície e a espuma que se formava, compreendeu que a brisa estava a seu favor, levando o barco num ângulo mais agudo por cima da corrente hostil. Ainda bem, pensou com otimismo. E também ajudava o fato de a água muito fria daquela latitude não permitir a formação de bancos de coral capazes de emboscá-los e despedaçar a embarcação.

Pelejando febrilmente com a água, ele e Giordino começaram a ouvir um estrondo ameaçador, que se tomava cada vez mais alto. Numa breve pausa, ambos sentiram um arrepio ao perceber que se tratava do barulho inconfundível dos vagalhões arremetendo contra as rochas. As ondas assassinas estavam

arrastando velozmente o bote para o abraço fatal. A feliz expectativa de tornar a pôr os pés em terra firme deu subitamente lugar ao medo de ser esmagado. Em vez de um paraíso seguro, Pitt deparava com um par de perigosíssimos penhascos que assomavam abruptamente no oceano, cercados e batidos pela impetuosa das ondas compactas. Não eram atóis tropicais com convidativas praias de areia e nativos amistosos a acenar, como a abençoada Bali Ha'i de luxuriante vegetação. Não havia sinal de habitantes naquelas ilhas. Estéreis, castigadas pelo vento e desertas, pareciam um misterioso posto avançado de rochas vulcânicas. A única vegetação era composta de alguns aglomerados de plantas baixas, sem flores, e de árvores de aspecto estranho, aparentemente atrofiadas.

Ele mal podia acreditar que estivesse em guerra com a água e as pedras pela terceira vez desde que salvara Maeve na península Antártica. Durante um breve instante, seu pensamento retornou ao quase impossível resgate do Polar Queen e da fuga da ilha Kunghit com Mason Broadmoor. Em ambas as ocasiões, contara com a força mecânica para escapar. Agora, estava combatendo a fúria das águas com um barco inundado e uma vela pouco maior do que um lençol.

Lembrou-se de haver lido em algum lugar que a primeira consideração do bom marinheiro, em mares violentos, era a preservação da estabilidade do barco. Não podia permitir que a embarcação fizesse água, pois ficaria com a fluabilidade afetada. E desejou que o autor daquelas linhas estivesse a seu lado.

— Se você não estiver vendo um trecho de praia onde possamos desembarcar — Pitt gritou para Maeve —, procure passar pela brecha entre as duas ilhas.

As adoráveis feições de Maeve, queimadas pelo sol, tornaram-se tensas. Ela fez que sim em silêncio, segurou com mais firmeza as cordas do leme e concentrou toda a sua força na tarefa.

As muralhas denteadas que se elevavam além da impetuosa arrebenção pareciam mais ameaçadoras a cada minuto que passava. A água continuava entrando alarmantemente a bordo. Alheio à agitação do mar, Giordino só se dedicava a evitar o naufrágio. Cessar de tirar a água podia ter conseqüências fatais naquele momento. Dez segundos de infiltração ininterrupta no bote rachado, e eles afundariam a quinhentos metros da praia. E, então, se não fossem devorados pelos tu- barões, seriam esmagados entre as ondas e as rochas. Continuou lutando sem parar, a fé depositada nas mãos do velho amigo e de Maeve.

Pitt estudava a cadência das vagas que os erguiam e tornavam a baixar, medindo o rebentar das cristas à proa e à popa, tentando calcular sua velocidade. O intervalo entre elas se reduziu a uns nove segundos, a uma velocidade de aproximadamente vinte e dois nós. As ondas quebravam num ângulo oblíquo à linha denteada do litoral e refluíam com muita força numa curva ampla. Não era preciso que um velho capitão de cliques viesse lhe contar que, com aquela vela extremamente precária, eram mínimas as possibilidades de manobrar e passar pelo canal. Outro problema era o refluxo das ondas em ambas as ilhas, que transformava a entrada da passagem num verdadeiro remoinho.

Ele sentia nos joelhos apoiados no fundo do bote a pressão de cada onda que se erguia e lhe calculava a massa pelas vibrações no casco. A pobre embarcação estava sendo cruelmente arrojada num tumulto jamais imaginado pelos que a projetaram. Pitt não se atreveu a lançar a âncora improvisada, como recomendava todo manual de navegação em mares bravios. Sem motor, parecia-lhe mais vantajoso viajar com as ondas. A resistência da âncora certamente partiria o barco quando a imensa pressão do mar os empurrasse.

Voltou-se para Maeve.

— Procure manter-se no azul mais escuro da água.

— Estou fazendo o possível.

O bramido das ondas chegava com uma batida constante, e não tardou para que eles vissem a espuma arremessada para o alto e lhe ouvissem a zoadá. Sem controle direto e manual, estavam desamparados, à mercê dos caprichos do mar inquieto. Os vagalhões se tornaram ainda mais altos. De perto, a brecha entre os afloramentos de rocha parecia uma armadilha insidiosa, uma sereia calada a atraí-los a um falso refúgio. Era tarde demais para dar meia-volta e tentar contornar as ilhas. Estavam aprisionados e não havia retorno.

As ilhas e o borbulhante caldeirão de bruxa junto a suas praias malignas ficavam escondidos atrás do flanco das ondas que passavam por baixo do barco.

Uma lufada de vento fresco se ergueu, jogando-os na direção de uma fenda na muralha de pedra, que lhes ofereceu a única chance de sobreviver.

O mar se tornava mais nervoso à medida que eles se aproximavam. O mesmo aconteceu com Pitt quando ele calculou que a crista das ondas chegava a dez metros de altura antes de se encrespar e esboroar-se. Maeve lutava com o leme para manter o curso, mas o bote já não obedecia e em breve se tornou ingovernável. Estavam totalmente ao sabor do oceano.

— Agüente firme! — gritou Pitt.

Olhando rapidamente para a popa, calculou sua posição em relação ao movimento vertical do mar. Sabia que as ondas atingiam velocidade máxima pouco antes de chegar à crista e desabar. E avançavam como gigantescos caminhões em fila. O bote caiu numa depressão, mas, por sorte, o vagalhão rebentou pouco depois de passar por eles; então, a uma velocidade altíssima, foram levados no dorso da onda seguinte, que, quando se desborou, espalhou-se em todas as direções sob a força do vento que lhe varria a crista. O barco tornou a cair, para ser imediatamente puxado pelo mar, que se ergueu sob eles a uma altura de oito metros, enrolou-se e se precipitou sobre suas cabeças. O bote não se rompeu nem virou nem afundou. Caiu de chapa, chocando-se ruidosamente com o fundo da depressão.

Os três se viram sob uma muralha de pressão hidráulica. Era como se o barco estivesse sendo transportado, debaixo da água, por um elevador descontrolado. A submersão total pareceu durar minutos, mas não deve ter passado de alguns segundos. Pitt manteve os olhos abertos e viu Maeve apagar-se feito uma visão surrealista no líquido vazio, o rosto incrivelmente sereno, os cabelos loiros espalhados ao redor da cabeça. E tudo se tornou nítido e claro quando retornaram à superfície.

Três outras ondas rolaram sobre eles com menor ímpeto, e então o mar começou a se acalmar. Pitt sacudiu a cabeça, espalhando gotas brilhantes ao redor e cuspidando a água salgada que lhe entrara na boca.

— O pior já passou! — gritou com alegria. — Chegamos ao canal!

As ondas que entravam pela passagem entre as ilhas mal alcançavam os três metros de altura. Assombrosamente, apesar da ferocidade do mar, o bote continuou flutuando, e inteiro. O único dano visível ocorrera à vela e ao mastro improvisado, que tinham sido arrancados. Ainda presos ao barco pela corda, estavam flutuando a pouca distância.

Embora com água até o peito, Giordino seguia trabalhando incessantemente para esvaziar a embarcação. Cuspindo e esfregando o sal dos olhos, continuou sua atividade como se não existisse amanhã. O casco estava definitivamente partido em dois e mal se mantinha com as cordas apressadamente amarradas e as

presilhas dos tubos de flutuação. Mas ele só reconheceu a derrota quando a água lhe chegou às axilas. Ofegante, atordoado, exausto, olhou a sua volta.

— E agora? — murmurou.

Sem esperar a resposta de Pitt, mergulhou o rosto na água e examinou o fundo do canal. A visibilidade excepcional, apesar da falta de uma máscara de mergulhador, permitiu-lhe avistar areia e pedras a apenas dez metros. Cardumes de peixes vivamente coloridos nadavam tranquilamente por ali, sem fazer caso da estranha criatura a flutuar acima deles.

— Não há tubarões — disse com alívio.

— Eles raramente nadam em ondas de arrebentação — disse Maeve com um acesso de tosse. Estava sentada, com os braços estendidos sobre o tubo de flutuação da popa.

A corrente que passava pelo canal os estava levando para perto da ilha do norte. A terra firme se encontrava a apenas trinta metros de distância. Pitt olhou para Maeve e sorriu.

— Aposto como você nada bem.

— Sou australiana — disse ela com bom humor. — Lembre-me de lhe mostrar minhas medalhas de natação um dia desses — acrescentou.

— Al está esgotado. Consegue rebocá-lo até a praia?

— É o mínimo que eu poderia fazer pelo homem que nos livrou dos tubarões.

Pitt fez um gesto na direção na praia mais próxima. Não havia areia, mas a rocha se achatava ao se encontrar com a água, formando uma espécie de plataforma.

— Acho melhor ir para lá.

— E você? — Ela torceu os cabelos com ambas as mãos. — Quer que eu volte para buscá-lo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Tenho coisa mais importante a fazer.

— Que coisa?

— Ainda não instalaram hotéis aqui. Vamos precisar da reserva de comida que guardamos. Vou puxar o que restou do bote e o que está dentro dele.

Pitt ajudou a rolar Giordino por cima do tubo de flutuação semi-afundado; Maeve o segurou pelo queixo, como um salva-vidas, e, puxando-o, começou a nadar para a praia. Pitt ficou a observá-los um momento, até ver Giordino esboçar um sorriso e acenar. O vagabundo, pensou, está se aproveitando para chegar à praia sem esforço.

Tornando a unir o cordame da vela improvisada, atou-o a uma longa corda de náilon; amarrou na cintura a outra extremidade. E nadou rumo à praia. O peso morto, demasiado, obrigava-o a deter-se, puxar a corda, avançar uma curta distância e então repetir o processo. A corrente colaborava, empurrando a embarcação num arco na direção da praia. Depois de nadar uns vinte metros, Pitt finalmente sentiu terra firme sob os pés. Agora contava com apoio para arrastar o bote até a plataforma rochosa. E ficou agradecido quando Maeve e Giordino vieram ajudá-lo a salvar a embarcação.

— Você se recuperou depressa — disse ao italiano.

— Minha capacidade de recuperação é a maravilha dos médicos de toda parte.

— Acho que esse cara me enganou — resmungou Maeve, simulando hostilidade.

— Nada como estar em terra firme para sentir a alma rejuvenescida.

Pitt se sentou e descansou, muito fatigado para dançar de alegria por ter saído da água. Colocou-se lentamente sobre os joelhos antes de se levantar. Durante alguns momentos, teve de apoiar-se no chão para se firmar. As quase duas

semanas que passara sujeito ao balanço do barco lhe haviam afetado o equilíbrio. O mundo girava, toda a ilha oscilava como se flutuasse no mar. Maeve voltou a sentar-se imediatamente, enquanto Giordino plantava os pés na rocha e se agarrava a uma árvore próxima, de densa folhagem. Passados alguns minutos, Pitt se levantou vacilante e ensaiou uns trôpegos passos. Sem caminhar desde o seqüestro em Wellington, sentia as pernas e os tornozelos entorpecidos e rígidos. Só depois de percorrer, cambaleante, uns vinte metros e voltar, suas articulações começaram a ganhar flexibilidade e a funcionar como deviam.

Depois de puxar o barco para mais longe do mar e descansar algumas horas, jantaram o peixe seco e tomaram a água de chuva represada nas depressões da rocha. Com a energia restaurada, passaram a explorar a ilha. Toda ela, assim como sua vizinha do outro lado do canal, tinha a aparência de um sólido cone de rocha vulcânica que, explodindo no fundo do mar, acumulara-se ao longo das eras até alcançar a superfície e adquirir, mediante a erosão, a forma de um monte baixo.

Giordino contou os passos de uma praia a outra e anunciou que o refúgio tinha apenas cento e trinta metros de largura. O ponto mais alto era um platô que não passava dos dez metros. A rocha fazia uma curva em forma de gota, estendendo-se para norte e para sul, com o arco voltado para oeste. Da extremidade arredondada até a outra, em ponta, o comprimento não chegava a um quilômetro. Cercada de muralhas naturais que desafiavam as ondas, a ilha parecia uma fortaleza permanentemente assediada.

Acharam a pouca distância, jogados numa ilhota que o mar entalhara na rocha, os restos despedaçados de uma embarcação, evidentemente levada para lá pela violência de uma tempestade. O veleiro de bom tamanho se achava virado para o lado de bombordo, metade do casco e da quilha esmigalhada por uma óbvia colisão com as pedras. Devia ter sido um belo barco, imaginou Pitt. A parte superior do casco fora pintada de azul e a inferior de alaranjado. Os três se aproximaram e o examinaram antes de ir ver a parte de dentro.

— Um belo barco — observou Pitt. — Tem uns doze metros, bem construído, com casco de teca.

— Um brigue Bermuda — disse Maeve, passando a mão na madeira gasta e castigada pelo sol. — Um colega no laboratório marinho de Saint Croix tinha um igual. Costumávamos ir de ilha em ilha com ele. Lira um veleiro e tanto.

Giordino olhou para a pintura e os remendos do casco.

— A julgar por seu estado, deve estar aqui há uns vinte ou trinta anos.

— Só espero que quem quer que ficou abandonado neste lugar deserto tenha sido resgatado — disse Maeve em voz baixa.

Pitt olhou para aquele árido lugar.

— Decerto nenhum marinheiro sensato teria vindo para cá de propósito.

Os olhos de Maeve brilharam, e ela estalou os dedos como se algo lhe tivesse ocorrido.

— São as tetas!

Pitt e Giordino se entreolharam, como se não pudessem acreditar no que acabavam de ouvir.

— Você disse "tetas"? — perguntou o italiano.

— É um antigo conto australiano sobre um par de ilhas parecidas com os seios de uma mulher. Dizem que aparecem e desaparecem.

— Lamento contradizer a lenda da sua terra — disse Pitt com ironia, — mas esta rocha não sai daqui há mais de um milhão de anos.

— E eu nunca vi glândulas mamárias com esta forma —

murmurou Giordino.

Ela fez uma careta para os dois.

— Só sei que me contaram que há um par de ilhas lendárias no sul do mar da Tasmânia.

Ajudado por Giordino, Pitt trepou no casco tombado e, engatinhando pela escotilha, entrou na cabine.

— Limpamos isto aqui — gritou lá de dentro. — Tudo o que não estava para fusado foi retirado. Dê uma olhadela no costado para ver se ele tem nome.

Maeve contornou o barco até a proa e olhou para as letras apagadas, apenas legíveis.

— Dancing Dorothy. Chamava-se Dancing Dorothy. Pitt desceu do barco.

— Seria bom procurar o que foi retirado daqui. Pode ser que a tripulação tenha deixado alguma coisa útil para nós.

Retomando a exploração, demoraram pouco mais de meia hora para percorrer toda a costa da ilha em forma de gota. Depois foram para a região central. Avançaram separados, para cobrir um território maior. Maeve foi a primeira a avistar um machado cravado no tronco podre de uma árvore de aparência grotesca. Giordino o retirou e empunhou.

— Isto pode vir a calhar.

— Que árvore esquisita — disse Pitt, examinando o tronco. — Como será que se chama?

— Murta-da-Tasmânia — esclareceu Maeve. — Na verdade é uma espécie de faia falsa. Pode chegar a seis metros de altura, mas aqui não há suficiente marga arenosa para sustentar suas raízes. Por isso, todas as árvores desta ilha são anãs.

Continuaram explorando cuidadosamente. Poucos minutos mais tarde, Pitt topou com uma pequena garganta que se abria para uma saliência plana no lado protegido contra o vento da ilha. A um lado da parede rochosa, viu a ponta de latão de um arpão. Alguns metros adiante, chegaram a uma confusa pilha de troncos em forma de cabana, com o mastro de um veleiro ao lado. A estrutura tinha uns três metros de largura por quatro de comprimento. O telhado de toras misturadas com galhos não fora danificado pelos elementos. O construtor desconhecido tinha erigido um ótimo abrigo.

Do lado de fora da cabana havia uma infinidade de suprimentos e utensílios abandonados. Uma bateria e os restos corroidos de um rádio-telefone, um equipamento de orientação, um receptor sem fio para obter a previsão do tempo e sinais para ajustar o cronômetro, uma pilha de enferrujadas latas de comida já abertas e esvaziadas, um botezinho de teca intato, equipado com um pequeno motor de popa, e uma miscelânea de instrumentos náuticos, pratos e talheres, algumas painéis, um fogão de propano, além de uma variedade de itens retirados no barco naufragado. Espalhados ao redor do fogão e ainda distinguíveis, havia espinhas de peixe.

— Os inquilinos anteriores fizeram muita desordem no acampamento — disse Giordino, ajoelhando-se para examinar um pequeno gerador a gás para carregar as baterias do barco, as quais tinham alimentado os instrumentos eletrônicos de navegação e o equipamento de rádio espalhados no lugar.

— Talvez ainda estejam na cabana — murmurou Maeve. Pitt sorriu.

— Por que você não vai olhar? Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não. Entrar em lugares escuros e sinistros é trabalho de homem.

As mulheres eram criaturas realmente enigmáticas, pensou Pitt. Depois de haver enfrentado tantos perigos durante semanas, Maeve estava com medo de entrar na cabana. Ele se inclinou e passou pela porta baixa.



Depois de passar duas semanas expostos à luz intensa do dia, os olhos de Pitt tardaram um ou dois minutos para se adaptar à penumbra do interior da cabana. Além do raio de sol que entrava pela porta, a única iluminação vinha das frestas entre os troncos. O ar estava pesado e úmido, carregado do ranço da sujeira e da madeira podre.

Embora não houvesse fantasmas e assombrações espiando nas trevas, Pitt deparou com as cavidades oculares vazias de um crânio ainda preso a um esqueleto. Estava deitado de costas num beliche retirado do veleiro. Pitt identificou os restos mortais como de homem, devido à forte saliência da testa. Tinha perdido dentes. Faltavam três. Mas não pareciam haver sido arrancados; deviam ter caído. Um short esfarrapado lhe cobria a pélvis, e seus pés ainda calçavam um par de sapatos de sola de borracha. O único vestígio da antiga aparência do morto era um tufo de cabelo vermelho caído atrás do crânio. As mãos do esqueleto estavam cruzadas sobre a caixa torácica e seguravam um diário de bordo de couro.

Uma rápida olhadela no interior da cabana bastou para que Pitt constatasse que o proprietário construía o abrigo com eficiência, utilizando as instalações do barco destruído. As velas do Dancing Dorothy estavam estendidas no teto, forrando-o contra o vento e a chuva que penetravam nos ramos entrelaçados do telhado. Numa escrivaninha, encontravam-se cartas náuticas do Almirantado Britânico, uma pilha de livros sobre pilotagem, tabelas de maré, luzes de navegação, sinais de rádio e um anuário náutico. Havia também uma estante repleta de brochuras e livros com instruções técnicas sobre o funcionamento dos instrumentos eletrônicos do barco e sua parte mecânica. Um belo estojo de mogno, contendo um cronômetro e um sextante, estava numa mesinha de madeira ao lado do beliche. Debaixo dela, além de um binóculo amarrado a uma malagueta, havia uma bússola portátil e outra de navegação, que devia ser a do veleiro.

Aproximando-se do esqueleto, Pitt retirou delicadamente o diário de bordo e saiu da cabana.

— Que você achou? — perguntou Maeve cheia de curiosidade.

— Deixe-me adivinhar — pediu Giordino. — Um velho baú com um tesouro de pirata.

Pitt sacudiu a cabeça.

— Não desta vez. O que encontrei foi o homem que trouxe o Dancing Dorothy de encontro às rochas. Não consegui sair da ilha.

— Morreu? — quis saber Maeve.

— Bem antes que você nascesse.

Giordino entrou na cabana e ficou olhando para o esqueleto.

— Como será que ele se afastou tanto das rotas de navegação?

Pitt abriu o diário de bordo.

— A resposta deve estar aqui. Maeve olhou para as páginas.

— Você consegue entender a caligrafia depois de tanto tempo?

— Consgo. O diário está conservado e legível. — Pitt se sentou numa pedra e examinou várias folhas antes de erguer a vista. — Ele se chamava Rodney York e era um dos doze tripulantes de um veleiro que estava participando de uma competição. Deviam fazer uma viagem sem escalas ao redor do mundo. Partiram de Portsmouth, na Inglaterra, e eram patrocinados por um jornal de Londres. Saíram de lá no dia 24 de abril de 1962.

— Coitados, passaram trinta e oito anos perdidos — disse Giordino solenemente.

— Em seu nonagésimo sétimo dia no mar, ele estava dormindo quando o Dancing Dorothy se chocou — Pitt fez uma pausa, olhou para Maeve e sorriu — com o que ele chama de as ilhas Miséria.

— York não devia conhecer o folclore australiano — riu-se Giordino.

— É óbvio que ele inventou o nome — disse Maeve com ar sério.

— Segundo o relato — prosseguiu Pitt —, York fez uma boa média durante a passagem pelo sul do oceano Índico, depois de contornar o cabo da Boa Esperança. A seguir, tirou proveito da corrente para atravessar o Pacífico em linha reta e rumar para a América do Sul e o estreito de Magalhães. Imaginava que estava liderando a corrida quando seu gerador encrencou e ele perdeu contato com o resto do mundo.

— Isso explica muita coisa — disse Giordino, olhando para o diário por cima do ombro de Pitt. — Por que ele estava navegando nesta parte do mar e por que não pôde mandar coordenadas para uma equipe de resgate. Examinei o gerador quando chegamos aqui. O motor está em péssimo estado. York tentou consertá-lo mas não conseguiu. Vou tentar também, mas duvido que consiga.

Pitt deu de ombros.

— Seria querer demais obter socorro com o rádio de York.

— Que escreve ele depois do naufrágio? — indagou Maeve.

— Ele não era nenhum Robinson Crusoe. Perdeu a maior parte do suprimento de alimento quando o veleiro bateu nas rochas e virou. Quando o barco foi jogado na praia, depois da tempestade, recuperou algumas latas, mas consumiu-as logo. Tentou pescar, mas mal conseguiu capturar peixe suficiente para não morrer de fome, mesmo contando os camarões das pedras que achou e os cinco ou seis pássaros que conseguiu abater. Por fim, suas funções orgânicas começaram a falhar. York sobreviveu cento e trinta e seis dias neste horrível fim de mundo. A última coisa que escreveu é: "já não consigo ficar de pé nem andar. Fraco demais para fazer outra coisa senão ficar deitado aqui e morrer. Quanto eu queria tornar a ver um amanhecer na baía Falmouth, em Cornwall, minha terra natal... Mas não verei. Quem encontrar este diário de bordo e as cartas que escrevi, separadamente, a minha esposa e minhas três filhas, por favor, faça com que elas as recebam. Peça-lhes perdão pelo grande sofrimento que sei que devo ter lhes causado. Meu fracasso não foi tanto por erro quanto pela má sorte. Estou com a mão muito cansada para continuar escrevendo. Palavra que não capitulei de depressa demais".

— Ele deve ter pensado que seria encontrado pouco tempo depois de morrer — disse Giordino. — É incrível que tenha ficado décadas inteiras aí, sem que um navio ou um barco de pesquisa tenha tido a curiosidade de desembarcar para

instalar um instrumento meteorológico neste lugar.

— O perigo de um desembarque em meio à arrebentação, com essas rochas hostis, anula a curiosidade científica.

Maeve estava com lágrimas nos olhos.

— Sua pobre esposa e suas filhas devem se estar perguntando até hoje como ele morreu.

— O último registro de terra avistada por York foi o cabo sul da Tasmânia. — Pitt tornou a entrar na cabana e voltou um minuto depois com a carta do Almirantado, que mostrava o sul do mar da Tasmânia. Estendeu-a no chão e passou algum tempo a estudá-la. — Agora entendo por que York chamava estas rochas de Miséria. É o nome que lhes dá a carta do Almirantado.

— Até que ponto coincide com os seus cálculos? — quis saber Giordino.

Pitt pegou o compasso que tinha trazido da escrivaninha e mediu a posição aproximada que calculara com seu tosco quadrante.

— Imaginei que estivéssemos a uns cento e vinte quilômetros mais a sudoeste.

— Nada mal, considerando que você não sabia exatamente em que lugar Dorsett nos expulsou do iate.

— É — disse Pitt com modéstia —, até que não me sai tão mal assim.

— Onde estamos, afinal? — perguntou Maeve, agora ajoelhada e olhando para a carta náutica.

Pitt bateu o dedo num minúsculo ponto preto em meio a um mar de azul.

— Aqui, nesta manchinha, a aproximadamente novecentos e sessenta e cinco quilômetros a sudoeste de Invercargill, na Nova Zelândia.

— Parece tão perto quando a gente olha no mapa... —

disse ela.

Giordino tirou o relógio e limpou o vidro na camisa.

— Não tão perto assim. Basta imaginar que ninguém se lembrou de procurar o pobre Rodney aqui em quase quarenta anos.

— Veja a coisa pelo lado bom — disse Pitt com um sorriso malicioso. — Finja que você inseriu trinta e oito moedas num caça-níqueis de Las Vegas e não ganhou. A lei das probabilidades diz que tem uma chance de ganhar com as duas próximas moedas.

— Sem chance — disse Giordino com seu eterno bom humor.

— Por quê?

O italiano olhou pensa ti vo para dentro da cabana.

— Onde vamos arranjar duas moedas aqui?



— São nove dias contados — declarou Sandecker, olhando para os homens com a barba por fazer e as mulheres de aspecto cansado ao redor da mesa de sua sala particular de reuniões.

Aquele que, poucos dias antes, era o asseadíssimo lugar de encontros do almirante com seus colaboradores mais próximos tinha se transformado num caos absoluto. Fotografias, cartas náuticas e ilustrações rabiscadas às pressas espalhavam-se desordenadamente nas paredes revestidas de teca; o tapete azul-turquesa estava cheio de pedaços de papel, e a mesa feita com os restos de um navio, coberta de copos descartáveis, blocos de anotações com cifras e cálculos apressados, uma bateria de telefones e um cinzeiro transbordando de pontas de charuto. Sandecker era o único fumante ali, e o ar-condicionado funcionava ao máximo para combater o cheiro de tabaco.

— O tempo está contra nós — disse o dr. Sanford Adgate Ames. — É humanamente impossível construir e instalar um refletor antes da catástrofe.

Do Arizona, o físico e seus assistentes conversavam com o almirante e o pessoal da ANPS como se estivessem na mesma sala, sentados à mesma mesa. O inverso era verdadeiro. Os especialistas de Sandecker pareciam encontrar-se no próprio local de trabalho da equipe de estudantes de Ames. Mediante a tecnologia do vídeo holográfico, suas vozes e imagens eram transmitidas de um extremo a outro do país, com som e luz transportados por fibras ópticas. Tudo aquilo, combinado com os recursos da informática, tinha simplesmente anulado os limites do tempo e do espaço.

— Uma dedução válida — concordou o almirante. — A menos que possamos utilizar um refletor já existente.

Ames tirou os óculos bifocais e, erguendo-os contra a luz, examinou as lentes azuladas. Constatando satisfeito que estavam limpas, voltou a colocá-los.

— Segundo os meus cálculos, vamos precisar de um refletor parabólico de uns dezoito metros de diâmetro, ou talvez mais, com um vácuo entre as superfícies, para refletir a energia sonora. Não sei onde você vai encontrar quem fabrique isso antes do dia fatal. Sandecker encarou o fatigado Rudi Gunn. Este também olhou para ele através das grossas lentes dos óculos que agigantavam seus olhos vermelhos de sono.

— Alguma idéia, Rudi?

— Já examinei todas as possibilidades lógicas — respondeu Gunn. — O doutor Ames tem razão. É impossível fabricar um refletor a tempo. Nossa única alternativa seria achar um já existente e levá-lo ao Havai.

— Seria preciso desmontá-lo, embarcar peça por peça e, depois, tornar a montá-

lo — disse Hiran Yaeger, desviando o olhar de um laptop ligado a seu banco de dados, no décimo andar. — Nenhum avião conhecido é capaz de transportar uma coisa desse tamanho.

— Se esse refletor, supondo que exista, for encontrado em algum lugar dos Estados Unidos — insistiu Ames —, terá de ir de navio.

— Mas que navio há de ser grande o suficiente para levar uma coisa de tais dimensões? — perguntou Gunn, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Um petroleiro ou um porta-aviões — respondeu tranquilamente o almirante, como se estivesse falando consigo mesmo.

Gunn concordou de pronto.

— Isso! O convés de um porta-aviões é mais do que suficiente para transportar a cúpula de um refletor do tamanho proposto pelo doutor Ames.

— A velocidade de nossos porta-aviões nucleares de última geração ainda é confidencial, mas o Pentágono deixou vazar que eles chegam a navegar a cinquenta nós. Tempo de sobra para ir de San Francisco a Honolulu antes da data fatídica.

— Setenta e duas horas — informou Gunn —, da partida até a instalação no local. Sandecker olhou para o calendário com as datas assinaladas.

— Isso nos dá exatamente cinco dias para providenciar o refletor, viajar a San Francisco e instalá-lo na zona de convergência.

— É pouco, mesmo que já tivéssemos o refletor à mão — disse Ames com firmeza.

— A que profundidade ele precisa ser montado? — perguntou Yaeger à imagem de Ames. Instantaneamente, como se tivesse recebido uma deixa, uma bela moça de vinte e poucos anos entregou uma calculadora ao físico. Ele digitou alguns números, conferiu os resultados e depois ergueu a vista.

— Para que as zonas de convergência sobrepostas possam se encontrar e emergir, o centro do refletor deve ser colocado a cento e setenta metros de profundidade.

— A corrente é o nosso grande problema — queixou-se Gunn. — Vai ser um pesadelo tentar manter o refletor no lugar tempo suficiente para repelir as ondas sonoras.

— Mande os nossos melhores engenheiros se ocuparem do problema — ordenou Sandecker. — Eles terão de projetar algum sistema de cordames que mantenha o refletor estável.

— Como podemos ter certeza de que, ao reenviar as ondas sonoras, conseguiremos fazer com que retornem diretamente a sua origem na ilha Gladiador? — quis saber Yaeger.

Impassível, Ames torceu as pontas do bigode, que se estendiam além da barba.

— Se os fatores que propagaram a onda sonora original, tais como a salinidade, a temperatura da água e a velocidade do som, permanecerem constantes, a energia refletida deve retornar à fonte pelo caminho original.

Sandecker se voltou para Yaeger.

— Quantas pessoas há na ilha Gladiador? Yaeger consultou o computador.

— Os relatórios da inteligência, baseados em fotografias de satélites, sugerem uma população de aproximadamente seiscentas e cinquenta pessoas, mineiros em sua maioria.

— Trabalho escravo importado da China — resmungou Gunn.

— Mesmo que não os matem, não vamos ferir todos os seres vivos na ilha? — indagou Sandecker.

Sem hesitar, outro estudante passou a Ames uma folha de papel. Ele a estudou

um momento antes de responder:

— Se nossas análises estiverem corretas, as zonas de convergência superpostas das quatro atividades separadas de mineração espalhadas no Pacífico produzirão um fator de energia de vinte e oito por cento ao atingir a ilha Gladiador. Não é suficiente para ferir ou prejudicar seres humanos nem animais.

— Tem uma idéia das reações físicas?

— Os únicos incômodos seriam dores de cabeça e tontura. Talvez um pouco de enjôo também.

— O perigo maior está em não conseguir instalar um refletor no local antes da convergência — disse Gunn, olhando para a carta na parede.

Pensativo, Sandecker tamborilou os dedos na mesa.

— O que nos devolve ao ponto de partida.

Uma mulher de pouco mais de quarenta anos, vestindo um elegante e conservador *tailleur* azul-marinho, olhou contemplativamente para uma das pinturas do almirante, a que ilustrava o famoso porta-aviões da Segunda Guerra Mundial, *Enterprise*, durante a batalha de Midway. Chamava-se Molly Faraday. Analista da Agência Nacional de Segurança, transferira-se para a ANPS, a pedido de Sandecker, a fim de coordenar o setor de inteligência. De cabelos castanho-claros e olhos escuros, tinha muita classe. Seu olhar viajou do quadro na parede ao almirante e nele se fixou.

— Acho que tenho a solução para os nossos problemas — disse com serenidade. O almirante fez que sim.

— Você está com a palavra, Molly.

— Ontem — disse ela —, o porta-aviões Roosevelt, da Marinha, aportou em Pearl Harbor para abastecer e consertar um dos elevadores do convés de voo. Depois, vai se reunir à Décima Frota, perto da Indonésia.

Gunn olhou para ela, intrigado.

— Tem certeza?

Molly sorriu com doçura.

— Eu tenho cá as minhas fontes de informação.

— Eu sei o que você está pensando — disse Sandecker.

— Mas, sem o refletor, não vejo como um porta-aviões em Pearl Harbor pode resolver nosso dilema.

— O porta-aviões é uma vantagem extra — explicou Molly. — Minha primeira lembrança foi um centro de coleta de informações de satélite na ilha havaiana de Lanai.

— Eu não sabia que Lanai tinha esse tipo de instalações — disse Yaeger. — Minha esposa e eu passamos lá a lua-de-mel e percorremos toda a ilha sem nenhum equipamento relacionado com satélites.

— O prédio e o refletor parabólico ficam dentro do vulcão extinto de Palawai. Nem os nativos, que sempre quiseram saber o que havia lá dentro, nem os turistas chegaram perto o bastante para verificar.

— Fora sintonizar os satélites que estiverem passando — quis saber Ames — qual é o seu objetivo?

— Os satélites soviéticos que estivessem passando — corrigiu Molly. — Felizmente, os antigos chefes militares soviéticos tinham mania de enviar seus satélites espíões para as bases militares das ilhas havaianas depois de passar pelo continente norte-americano. Nosso trabalho consistia em penetrar em seus transmissores-receptores com poderosos sinais de microondas e sabotar suas fotografias. Pelas informações que a CIA conseguiu obter, os russos nunca imaginaram por que as fotografias de reconhecimento de seus satélites sempre

chegavam borradas e fora de foco. Quando o governo comunista se desintegrou, equipamentos mais modernos tornaram os de Palawai ociosos. Devido a suas enormes dimensões, a antena foi utilizada mais tarde para transmitir e receber os sinais dos testes no espaço remoto. Atualmente, parece-me que sua tecnologia ultrapassada tornou o equipamento obsoleto, e o lugar, embora ainda muito bem guardado, está bastante abandonado.

Yaeger foi diretamente ao centro da questão.

— De que tamanho é o refletor parabólico?

Molly mergulhou a cabeça nas mãos. Ficou assim um momento, depois ergueu a vista.

— Se não me falha a memória, tinha uns oitenta metros de diâmetro.

— Mais do que precisamos — disse Ames.

— Você acha que a ANS nos emprestará o equipamento? — perguntou Sandecker.

— São capazes de lhe pagar para que o leve embora.

— Você vai ter de desmontá-lo e transportar as peças a Pearl Harbor de avião — disse Ames. — Isto é, se conseguir que lhe emprestem o porta-aviões Roosevelt para que possa montá-lo e mergulhá-lo na zona de convergência.

O almirante olhou para Molly.

— Eu usarei meu poder de persuasão no Ministério da Marinha se você se encarregar da Agência Nacional de Segurança.

— Vou cuidar disso imediatamente — garantiu Molly.

Um homem calvo, com óculos sem aro, sentado perto da extremidade da mesa, ergueu a mão.

Sandecker fez-lhe um gesto afirmativo e sorriu.

— Você anda muito calado, Charlie. Deve estar com alguma coisa em mente.

O dr. Charlie Bakewell, geólogo-chefe da ANPS, tirou um chiclete da boca e o embrulhou num pedaço de papel antes de jogá-lo no cesto de lixo. Fez um gesto para a imagem holográfica do físico.

— Pelo que eu entendo, doutor Ames, a energia sonora por si não é capaz de destruir o tecido humano. Porém, ampliada pela ressonância que vem da câmara rochosa submetida ao assédio do equipamento acústico de perfuração das minas, sua frequência se reduz a ponto de se propagar a enormes distâncias. Quando elas se encontram numa determinada região do oceano, o som produzido é intenso o bastante para afetar o tecido humano.

— O senhor está essencialmente certo.

— Neste caso, se nós refletirmos a superposição de zonas de convergência, fazendo com que ela retorne pelo oceano, parte da energia não será refletida também pela ilha Gladiator?

Ames fez que sim.

— É verdade. Se a energia atingir o nível submerso da ilha, sem subir à superfície, e espalhar-se em várias direções, qualquer possibilidade de matança ficará drasticamente reduzida.

— É o momento do impacto com a ilha que me preocupa — disse Bakewell, sem alterar o tom de voz. — Há quase cinquenta anos, eu mesmo conferi os exames geológicos na ilha Gladiator feitos pelos geólogos contratados pela Dorsett Consolidated Mining. Os vulcões, nas extremidades opostas da ilha, não estão extintos e sim inativos. Inativos há menos de setecentos anos. Nenhum ser humano presenciou a última erupção, mas as análises científicas da rocha vulcânica a situam aproximadamente na metade do século 12. Nas décadas posteriores, sucedeu-se uma alternância de períodos de passividade e de

pequenos distúrbios sísmicos.

— Onde você está querendo chegar, Charlie? —

indagou Sandecker.

— A questão, almirante, é que, se uma força catastrófica de energia acústica colidir com a base da ilha Gladiador, pode ser que provoque um desastre sísmico.

— Uma erupção? — perguntou Gunn.

Bakewell se limitou a balançar afirmativamente a cabeça.

— Em sua opinião, quais são as possibilidades de que isso aconteça? — inquiriu Sandecker.

— Não há como prever nenhum nível de atividade sísmica ou vulcânica, mas conheço um vulcanologista qualificado que lhe dará uma probabilidade de um para cinco.

— Uma chance de erupção em cinco — disse Ames, olhando para Sandecker. — Neste caso, almirante, receio que a teoria do doutor Bakewell coloque o nosso projeto na categoria do risco inaceitável.

Sandecker não hesitou um segundo para responder:

— Lamento, doutor Ames, porém acredito que mais de um milhão de habitantes de Honolulu, fora dezenas de milhares de turistas e militares estacionados nas bases próximas de Oahu, têm prioridade sobre seiscentos e cinquenta mineiros.

— Não podemos alertar a direção da Dorsett Consolidated para que a ilha seja evacuada? — perguntou Yaeger.

— Temos de tentar — respondeu o almirante com firmeza. — Mas, conhecendo Arthur Dorsett, ele dispensará as advertências como uma ameaça inconseqüente.

— Suponha que a energia acústica desvie-se para outra parte — sugeriu Bakewell.

Ames duvidou.

— Se a intensidade desviar de seu caminho original, existirá o risco de que ela retenha toda a sua energia e atinja Yokohoma, Xangai, Manilha, Sidney, Auckland ou qualquer outra cidade litorânea densamente povoada. Fez-se um breve silêncio; todos na sala voltaram-se para Sandecker, inclusive Ames, que se encontrava a trezentos e vinte quilômetros de distância. O almirante brincou distraído com o charuto apagado. O que ninguém sabia era que ele não estava pensando na possível destruição da ilha Gladiador. Toda sua tristeza e sua fúria se prendiam ao fato de Arthur Dorsett haver abandonado seus melhores amigos num mar furioso. No fim, o ódio se sobrepôs a outras considerações. Ele olhou fixamente para a imagem de Sanford Ames.

— Compute seus cálculos, doutor, para apontar o refletor para a ilha Gladiador. Se não detivermos a Dorsett Consolidated o mais depressa possível, ninguém mais a deterá.



O elevador particular de Arthur Dorsett, no centro comercial de jóias, subiu sem fazer ruído. A única evidência do movimento era a progressão dos números dos andares, piscando acima da porta. Quando o carro parou na suite de cobertura, Gabe Strouser saiu ao saguão que dava para o pátio aberto onde Arthur o esperava.

Aquele encontro com o magnata dissidente do diamante não lhe dava prazer algum. Ele o conhecia desde menino. A íntima associação entre os Strouser e os Dorsett tinha durado mais de um século; então, Arthur rompeu com a Strouser & Filhos. A ruptura não foi amigável. Ele ordenou friamente a seus advogados que informassem Gabe de que os serviços de sua família já não seriam solicitados. E o tiro de misericórdia veio numa conversa telefônica. Foi um insulto que magoou Strouser profundamente, e ele nunca perdoou Dorsett.

Para salvar a antiga e venerável empresa da família, foi obrigado a transferir sua vassalagem para o cartel da África do Sul e acabou mudando a sede da firma de Sidnei para Nova York. Com o tempo, ascendeu à posição de um respeitado diretor. Como as leis antitruste impediam o cartel de fazer negócios nos Estados Unidos, este passou a atuar sob a cobertura dos respeitáveis mercadores de diamantes da Strouser & Filhos, que passaram a ser a sua extensão americana.

Gabe não estaria ali, agora, se a direção do cartel não tivesse entrado em pânico ao saber dos rumores sobre a ameaça da Dorsett Consolidated Mining de soterrar o mercado sob uma avalanche de pedras a preços drasticamente aviltados. Tinham de agir com determinação e rapidez se quisessem evitar um desastre. Profundamente escrupuloso, Strouser era o único membro do cartel ao qual a diretoria podia confiar a missão de dissuadir Dorsett de derrubar os preços estabelecidos.

Arthur Dorsett deu um passo à frente e apertou vigorosamente a mão de Strouser.

— Há quanto tempo, Gabe! Quanto tempo!

— Obrigado por me receber, Arthur. — O tom de voz de Strouser, embora invariável, não dissimulava sua aversão pelo interlocutor. — Lembro-me de que seus advogados me ordenaram que nunca mais tentasse entrar em contato com você.

Dorsett deu de ombros com indiferença.

— São águas passadas, meu caro amigo. Vamos esquecer o que aconteceu e tratar de lembrar o passado durante o almoço. — Apontou para uma mesa posta sob um caramanchão protegido com vidro à prova de balas, que oferecia uma vista majestosa do porto de Sidnei.

Em contraste com o rude e grosseiro magnata da mineração, Strouser, com mais de sessenta anos, era um homem extremamente atraente. Sua densa cabeleira grisalha, o rosto oval, de pómulos altos, e o nariz bem torneado faziam inveja a muitos atores de Hollywood, sem falar em sua constituição atlética e na pele homogênea bronzeada. Bem mais baixo do que o gigantesco Dorsett, era dono de dentes incrivelmente brancos e de um sorriso acolhedor. Pousou no antigo sócio os olhos verdes como os de um gato pronto para fugir do ataque de um mastim. Seu elegantíssimo terno de lã, embora convencional, apresentava detalhes sutis que lhe tiravam a aparência antiquada. A gravata era de finíssima seda, e os sapatos italianos, feitos sob medida, brilhavam como um espelho. As abotoaduras, ao contrário do que se podia esperar, não eram de brilhante, mas de opala.

Ele ficou algo surpreso com a amistosa recepção. Dorsett parecia estar representando um papel numa peça de segunda classe. Strouser viera preparado para um confronto desagradável. De modo algum esperava uma boa acolhida. Mal se sentou, Dorsett fez um gesto para o garçom, que tirou uma garrafa de champanhe de um balde de gelo de prata de lei e lhe serviu uma taça.

Curiosamente, seu anfitrião preferiu tomar uma cerveja diretamente do gargalo. — Quando os mandachuvas do cartel disseram que iam enviar um representante à Austrália para conversar comigo — disse Dorsett —, não imaginei que fosse você.

— Devido a nossa longa associação, a diretoria achou que eu podia ler o seu pensamento. Pediram-me que me informasse sobre os boatos que andam circulando por aí, segundo os quais você está decidido a vender as pedras a baixíssimo preço a fim de encurralar o mercado.

Não os diamantes de grau industrial, dizem, mas as gemas de boa qualidade.

— Onde você ouviu isso?

— Você comanda um império de milhares de pessoas, Arthur. Os empregados descontentes sempre deixam vaziar alguma coisa.

— Vou mandar a minha segurança investigar. Eu não trato com traidores, muito menos quando estão em minha folha de pagamento.

— Se o que andam dizendo tem um fundo de verdade, o mercado do diamante está à beira de uma crise profunda — explicou Strouser.

— Minha missão é apresentar-lhe uma oferta substancial para manter suas pedras fora de circulação.

— Não há escassez de diamante, Gabe, nunca houve. Por outro lado, você sabe que não pode me comprar. Nem uma dúzia de cartéis seria capaz de me obrigar a manter minhas pedras fora de circulação.

— Você cometeu uma loucura ao insistir em atuar fora da Organização Central de Venda, Arthur. Perdeu milhões por não colaborar.

— Os investimentos a longo prazo costumam pagar enormes dividendos.

— Então é verdade? Você passou todo esse tempo acumulando, à espera do dia em que poderia obter um lucro rápido?

Dorsett o fitou e sorriu, exibindo os dentes amarelados.

— Claro que é verdade. Com exceção da parte referente ao lucro rápido.

— Tenho de reconhecer que você é uma candura.

— Não tenho nada a esconder. Agora não.

— Não pode continuar seguindo um caminho separado, como se a rede não existisse. Todo mundo sai perdendo.

— Dizer isso é fácil para você e seus amiguinhos do cartel, uma vez que retêm um controle monopolista sobre a produção mundial de diamantes.

— Por que explorar o mercado por mero capricho? — disse Strouser.

— Por que cortar nossa garganta o tempo todo? Por que destruir uma indústria estável e próspera?

Dorsett ergueu a mão, interrompendo-o. Fez um sinal para o garçom, que servia uma salada de lagosta. Depois, olhou fixamente para Strouser.

— Não se trata de capricho. Tenho mais de cem toneladas de diamantes acumuladas em armazém espalhados no mundo inteiro e outras dez, em minhas minas, prontas para embarcar quando eu der a ordem. Daqui a alguns dias, quando cinquenta por cento delas estiverem lapidadas, pretendo vendê-las, pela rede de lojas a varejo Casa Dorsett, a uma média de dez dólares o quilate. As pedras brutas serão vendidas aos comerciantes a cinquenta centavos o quilate. Quando eu tiver terminado, o mercado estará arrasado, e o diamante perderá seu prestígio como símbolo de luxo ou investimento.

Strouser ficou assombrado. Sua impressão inicial era a de que a estratégia de mercado de Dorsett consistia em baixar temporariamente os preços, a fim de obter um lucro rápido. Agora, percebia as verdadeiras dimensões de seus planos.

— Você vai deixar milhares de varejistas e atacadistas na miséria, inclusive você mesmo. Que vai ganhar colocando a corda no próprio pescoço?

Sem fazer caso da salada, Dorsett acabou de tomar a cerveja e pediu outra ao garçom antes de prosseguir:

— Estou na situação em que o cartel se manteve durante cem anos. Vocês controlam oitenta por cento do mercado mundial do diamante. Eu controlo oitenta por cento do mercado de gemas coloridas.

Strouser se sentiu como que caindo de um trapézio.

— Eu não sabia que você possuía tantas minas de gemas coloridas.

— Ninguém sabia. Você é o primeiro, fora de minha família, a receber tal informação. Foi um processo longo e tedioso, envolvendo dezenas de empresas, acordos e negociações. Comprei participação em todas as grandes minas produtoras de pedras coloridas do mundo. Quando decidi derrubar os valores do diamante, planejei levar as gemas coloridas ao primeiro plano a preços favoráveis, de modo a estimular a demanda. Depois, fui aumentando lentamente os preços a varejo, recolhendo os lucros e expandindo o negócio.

— Você sempre foi um prestidigitador, Arthur, um verdadeiro artista. Mas não há de destruir o que demorou um século para ser construído.

— Ao contrário do cartel, não pretendo suprimir a concorrência no varejo. Minhas lojas compelirão lealmente.

— Você está provocando uma luta que ninguém pode ganhar. Antes que consiga demolir o mercado do diamante, o cartel vai quebrá-lo. Recorreremos a todas as manobras internacionais, financeiras e políticas imagináveis para detê-lo.

— Isso é tolice, meu caro — disse Dorsett com veemência. — Já se foi o tempo em que os compradores tinham de se ajoelhar em seus todo-poderosos escritórios de venda de Londres e Joanesburgo. Já se foi o tempo em que era preciso lamber as suas botas para ser um comprador registrado, obrigado a aceitar o que vocês oferecessem. Não é mais preciso esgueirar-se nos becos para ludibriar a sua máquina e, a duras penas, obter pedras brutas. Acabou-se o tempo em que a polícia internacional e empresas de segurança contratadas perseguiram as pessoas que vocês etiquetavam como criminosas simplesmente porque se dedicavam ao que vocês tinham resolvido classificar como contrabando, um mito artificial, inventado, e a vender no que você e seus comparsas chamavam de mercado ilícito do diamante. Acabaram-se as

restrições para criar uma demanda enorme. Vocês fizeram lavagem cerebral em governos para que aprovassem leis que confinavam em seus canais e unicamente em seus canais o comércio internacional do diamante. Leis que proibiam qualquer pessoa de vender legitimamente uma pedra que tivesse encontrado em seu próprio quintal. Agora, depois de muito tempo, a ilusão do diamante como objeto valorizado será dada como morta em questão de dias.

— Você não pode nos bater — disse Strouser, esforçando-se para não perder a calma. — Nós não vacilaremos em gastar centenas de milhões de dólares em publicidade para promover o romantismo dos brilhantes.

— Acha que não levei isso em conta? — Dorsett riu. — Meu orçamento publicitário equívale ao seu, promovendo a qualidade das gemas coloridas. Vocês farão a propaganda da venda de um único brilhante como anel de noivado, ao passo que eu promoverei o prisma, o espectro, um novo mundo da moda, marcado pelas jóias coloridas. Minha campanha se baseia no tema "Derrame cores sobre ela com amor". Mas isso é só a metade, Gabe. Também pretendo domesticar o grande público, instruí-lo sobre a verdadeira raridade das gemas coloridas em oposição ao fornecimento barato e superabundante de diamantes. No fim, terei desviado significativamente o interesse dos compradores para outras jóias.

Strouser se levantou e jogou o guardanapo na mesa.

— Você é uma ameaça! Vai destruir milhares de pessoas e seu ganha-pão! — disse com firmeza. — Mas nós vamos impedi-lo de destruir o mercado.

— Não seja idiota — disse Dorsett, exibindo os dentes.

— Suba a bordo. Largue o diamante e entre no negócio das gemas coloridas. Seja esperto, Gabe. A cor é a grande onda do futuro no mercado de jóias.

Strouser fez um esforço enorme para controlar a raiva.

— Minha família comercia diamantes há dez gerações. Eu respiro diamantes. E não darei as costas a essa tradição. Suas mãos estão sujas, Arthur. Eu, pessoalmente, vou combatê-lo em todos os terrenos, até que você não signifique mais nada no mercado.

— Tarde demais — disse Dorsett com frieza. — Assim que as gemas coloridas dominarem o mercado, a loucura do diamante desaparecerá da noite para o dia.

— Não, se depender de mim.

— Que vai fazer quando sair daqui?

— Vou alertar a diretoria quanto ao que você está pretendendo fazer, de modo que possamos planejar um conjunto de ações imediatas capazes de acabar com o seu plano antes que seja realizado. Ainda não é tarde demais para detê-lo.

Dorsett continuou sentado, olhando para Strouser.

— Você está muito enganado.

Sem compreender o significado do que acabava de ouvir, Strouser voltou-se para ir embora.

— Já que você não quer dar ouvidos à razão, nada mais tenho a dizer. Passe um bom dia, Arthur.

— Antes que você se vá, Gabe, eu gostaria de lhe dar um presente.

— Não quero nada de você! — retrucou Strouser com indignação.

— Ora, você vai apreciar. — Dorsett soltou uma gargalhada. — Ou melhor, pensando bem, acho que não vai apreciá-lo tanto assim. — Fez um gesto. — Agora, Boudicca, agora.

Como num passe de mágica, a gigante apareceu repentinamente atrás de Strouser e lhe prendeu os braços junto ao corpo. O comerciante de diamantes se debateu instintivamente um minuto, depois relaxou e olhou para Dorsett.

— Que significa isto? Eu exijo que você me solte.

Dorsett o fitou e abriu os braços num gesto de impotência.

— Você não almoçou, Gabe. Não posso deixá-lo ir embora com fome. Não quero que saia por aí, dizendo que não sou hospitaleiro.

— E loucura pensar que consegue me intimidar.

— Não vou intimidá-lo — disse Dorsett com sadismo. — Vou dar-lhe de comer.

Strouser se viu desamparado. Sacudindo a cabeça com repulsa, recomeçou a luta desigual para se livrar do abraço de Boudicca.

A um gesto de Dorsett, ela o levou de volta à mesa, obrigou-o a sentar-se, agarrou-lhe o queixo com uma das mãos e inclinou sua cabeça para trás, o rosto para cima. Então, Dorsett pegou um enorme funil de plástico e o enfiou na boca de Strouser. A expressão de irritação dos olhos do mercador de diamantes passou para a de choque, depois para a de pavor. Seus gritos abafados de nada serviram. Boudicca o segurou com mais força.

— Pronto, papai — disse ela com um sorriso cruel.

— Já que você respira diamantes, meu velho amigo, também pode comê-los — disse Dorsett, pegando um recipiente parecido com uma chaleira, que estava na mesa, e começando a verter uma grande quantidade de brilhantes cristalinos, de um quilate, na garganta de Strouser, enquanto, com a outra mão, tapava-lhe as narinas. A vítima se debateu e esperneou furiosamente, mas estava com os braços firmemente imobilizados, como que no poder de uma jibóia.

Apavorado, Strouser tentou engolir os brilhantes, mas eram muitos. Em breve sua garganta ficou bloqueada e as convulsões de seu corpo se tornaram menos frenéticas. Ele procurou o ar, mas estava asfixiado.

O vidrado da morte se espalhou em seus olhos, congelando-lhe o olhar ao mesmo tempo em que as pedras reluzentes lhe escapavam pelos cantos dos lábios e iam cair na mesa e no chão.



Depois de dois dias fora do mar, todos se sentiam ressuscitados. O acampamento de York foi arrumado, e inventariados todos os artigos e objetos. Maeve recusou-se a entrar na cabana mesmo depois de haverem sepultado Rodney York numa pequena garganta parcialmente coberta de areia. Com as velhas velas encontradas no interior da habitação, construíram um abrigo e logo se viram mergulhados na rotina da existência.

Para Giordino, o maior achado foi uma caixa de ferramentas. Entregou-se de imediato ao trabalho no rádio e no gerador, mas não tardou a capitular, frustrado, depois de seis horas de inútil labor.

— Muitas peças estão quebradas ou demasiado corroídas para um conserto. Após tantos anos, as baterias estão mais mortas do que um dinossauro fossilizado. E, sem um gerador para carregá-las, o rádio-telefone, o equipamento de orientação e o receptor sem fio não têm serventia alguma.

— Não podemos fabricar novas peças com as coisas que encontramos espalhadas por aí? — perguntou Pitt. Giordino sacudiu a cabeça.

— Nem o engenheiro-chefe da General Electric conseguiria reparar este gerador. E, mesmo que conseguisse, o motor que o liga está totalmente destruído. Há uma fenda na caixa de manivela. York não deve ter percebido e pôs o motor em funcionamento quando o óleo tinha vazado, queimando o suporte e travando os pistons. Seria preciso que uma oficina mecânica inteira o colocasse em ordem novamente.

O primeiro projeto de Pitt como pau-para-toda-obra residente foi encontrar três pedaços de madeira bastante granulosa. Retirou-os de uma trave lateral do beliche que servira de leito de morte a Rodney York. A seguir, com a capa dura dos romances encontrados na prateleira de livros, fez um molde da testa de cada um, pouco acima das sobrancelhas. Marcou as linhas do molde na borda dos blocos de madeira, recortou-os, abrindo em cada um deles um arco para o nariz. Segurando os blocos firmemente entre os joelhos, cizelou e lixou depressões na parte de dentro da madeira. Depois, retirando o excesso do lado de fora, abriu duas fendas horizontais nas paredes côncavas. Embebeu o produto final no óleo de uma lata encontrada junto do motor de popa e fez dois buracos nas extremidades, nos quais amarrou um barbante de náilon.

— Eis aqui, senhoras e senhores, os fantásticos óculos de sol do coronel Thadeus Pitt, segredo revelado por um esquimó agonizante pouco antes de atravessar o oceano Glacial Ártico no lombo de um urso-polar.

Maeve pôs o dela e o prendeu atrás da cabeça.

— Que maravilha! Eles realmente tapam o sol.

— Espertinhos, esses esquimós — disse Giordino, olhando pelas fendas. — Você não pode aumentar um pouco esses buracos? E como se eu estivesse olhando por uma fresta da porta.

Pitt sorriu e lhe entregou o canivete.

— Pode adaptar os óculos a seu gosto pessoal.

— Falando em gosto — anunciou Maeve junto à pequena fogueira que acendera com os fósforos de Pitt —, venham. Hoje vamos jantar cavalas grelhadas com os mariscos que encontrei enterrados nos bolsões de areia que a maré cheia encobre.

— Bem agora que eu me acostumei a comer peixe cru!

— agradeceu Giordino.

Maeve serviu o peixe e os moluscos nos velhos pratos de York

— Amanhã, se contarmos com um bom atirador em nosso grupo, comeremos carne de ave.

— Está querendo que atiremos nos pobres passarinhos indefesos? — perguntou Giordino, fingindo-se horrorizado.

— Conteí pelo menos vinte alcatrazes pousados nas pedras — disse ela, apontando para a praia do norte.

— Se vocês se esconderem, eles se aproximarão o bastante para que possam ser alvejados com a pistola.

— Uma passarinhada faria bem ao meu estômago atrofiado. Se eu não providenciar o jantar de amanhã, vocês podem me enforcar — prometeu Pitt.

— Você não vai tirar mais nenhum coelho da cartola, fora os óculos de sol? — quis saber Maeve.

Pitt tornou a se deitar na areia, com as mãos sob a nuca.

— Foi bom você falar nisso. Depois de passar a tarde pensando intensamente, cheguei à conclusão de que devíamos nos mudar para um clima mais ameno.

Maeve olhou para ele com incredulidade.

— Mudar-nos? — Voltou-se para Giordino em busca de apoio, mas ele lhe endereçou um olhar absolutamente neutro e continuou mastigando um pedaço de cavala.

— Temos dois barcos quebrados, incapazes de atravessar uma piscina. Que está sugerindo?

— Elementar, minha cara Fletcher — disse ele com um sorriso nos lábios. — Construir um terceiro barco.

A expressão de Giordino, ao contrário, era séria e intensa.

— Não acha que dá para consertar o barco de York?

— Não. O casco está muito avariado. Não teríamos como repará-lo com os limitadíssimos recursos de que dispomos. York era um marinheiro experimentado e obviamente sabia que não havia como o fazer o Dancing Dorothy flutuar novamente. Em todo caso, podemos utilizar o convés superior.

— Por que não ficamos aqui mesmo? — insistiu Maeve.

— Temos mais recursos do que o pobre Rodney. E nossa capacidade de sobrevivência é muito maior do que a dele. Podemos nos alimentar de peixes e pássaros até que passe um navio.

— Esse é o problema — disse Pitt. — Não conseguiremos viver somente da caça e da pesca. A julgar pela queda dos dentes de Rodney, ele morreu de escorbuto. Imagino que a falta de vitamina C e de uma dúzia de outros nutrientes foi enfraquecendo-o até que seu organismo parasse de funcionar. Em tal estágio de erosão física, a morte chega em pouco tempo. Se passar um navio e mandar um equipe para cá, o que vão encontrar serão quatro esqueletos no lugar de um.

Acredito firmemente que é do nosso interesse fazer todo esforço possível para ir embora daqui enquanto ainda formos fisicamente capazes.

— Dirk tem razão — disse Giordino a Maeve. — Só voltaremos a ver as luzes de uma cidade se sairmos desta ilha.

— Construir um barco? — perguntou ela. — Com que material?

Estava de pé, firme e graciosa, os braços e as pernas esbeltos e bronzeados, a carne rija e jovem, a cabeça ligeiramente inclinada. Pitt ficou encantado, como quando estavam a bordo do Ice Hunter.

— O tubo de flutuação de nosso bote por um lado, a parte superior do barco de York por outro. Basta acrescentar alguns troncos para que em pouco tempo tenhamos uma embarcação capaz de enfrentar o oceano.

— Preciso ver para crer — disse Maeve.

— Pois não — respondeu Pitt com bom humor. E se pôs a desenhar um diagrama na areia. — A idéia é prender os tubos de flutuação do bote sob a superestrutura do barco de York. Depois, construiremos uma estrutura com troncos de murta, que nos dê estabilidade. E o nosso barco de três cascos estará pronto.

— Parece-me bem possível — disse Giordino.

— Vamos precisar de mais de cento e trinta metros quadrados de vela — prosseguiu Pitt. — Temos um mastro e um leme.

Giordino apontou para a barraca.

— As velas de York estão puidas e rasgadas. Afinal, ficaram quarenta anos à mercê dos fungos. O primeiro vento forte que soprar acabará com elas.

— Já pensei nisso. Os marinheiros polinésios teciam velas com folhas de palmeiras. Acho que podemos usar os galhos folhados das murtas para o mesmo fim. E temos muita corda sobrando para prender a estrutura no casco central.

— Quando tempo vai demorar para construir essa embarcação? — perguntou Maeve com crescente interesse.

— Acho que uns três dias, se trabalharmos bastante.

— Tão depressa?

— A construção não é complicada, e, graças a Rodney York, temos as ferramentas necessárias.

— Vamos continuar navegando para leste ou rumaremos para nordeste, tentando chegar a Invercargill? — quis saber o italiano.

Pitt sacudiu a cabeça.

— Nem uma coisa nem outra. Com os instrumentos de navegação e as cartas náuticas de Rodney, acho que não teremos dificuldades em rumar à ilha Gladiator. Maeve o encarou como se ele tivesse enlouquecido.

— Essa é a coisa mais absurda que você já disse na vida.

— Pode ser. Mas acho que devemos terminar o que começamos a fazer: pegar os seus filhos.

— Por mim, tudo bem — disse Giordino sem hesitar. — Eu gostaria muito de ter uma revanche com King Kong ou como quer que sua irmãzinha se chame quando não está prensando carros num desmanche.

— Eu fico muito agradecida, mas...

— Sem "mas" — disse Pitt. — No que nos diz respeito, trata-se de um acordo já fechado. Vamos construir nosso barco hermafrodita, rumar para a ilha Gladiator, pegar os garotos e fugir para o lugar seguro mais próximo.

— Lugar seguro! Será que você não entende? — A voz dela era de súplica, quase desesperada. — Noventa por cento da ilha é cercada de penhascos verticais e precipícios impossíveis de galgar. A única zona de desembarque é a praia que

rodeia a lagoa, e está fortemente guardada. Ninguém consegue passar pelo recife sem levar um tiro. Meu pai construiu defesas que nem mesmo uma força cie assalto armada conseguiria penetrar. Se você tentar, certamente vai morrer.

— Não se preocupe com isso. Al e eu sabemos entrar e sair de ilhas com a mesma sutileza com que entramos e saímos do quarto de uma dama. É questão de escolher bem o lugar e a hora.

— As patrulhas de meu pai irão vê-los muito antes que consigam entrar na lagoa. Pitt deu de ombros.

— Não faz mal. Eu tenho um remédio caseiro infalível para enganar patrulhas.

— Posso saber qual é?

— Muito simples. Aparecemos onde eles menos estiverem esperando.

— O sol deve ter cozinhado o cérebro de vocês dois. — Ela sacudiu a cabeça, derrotada. — Acha que meu pai vai convidá-los para tomar um cafezinho? — Maeve sentiu-se muito culpada. Viu claramente que era responsável pelos terríveis perigos e pelo tormento que aqueles dois homens incríveis vinham enfrentando. No entanto, eles continuavam dispostos a arriscar a vida por Michael e Sean. A onda de desânimo que a invadiu logo se transformou em resignação. Aproximando-se, ajoelhou-se entre Pitt e Giordino e abraçou a ambos. — Obrigada — murmurou. — Que sorte a minha, ter encontrado dois homens maravilhosos como vocês!

— Temos o hábito de ajudar mocinhas em perigo... — Vendo as lágrimas brotarem nos olhos dela, Giordino, genuinamente constrangido, tratou de desviar o olhar. Pitt beijou a testa de Maeve.

— Não é tão difícil quanto parece. Confie em mim.

— Eu queria tê-los conhecido há cem anos — sussurrou ela com a voz embargada. Fez menção de dizer mais alguma coisa, porém, levantando-se, afastou-se rapidamente para ficar a sós.

Giordino olhou para Pitt com curiosidade.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Queria muito saber como vamos entrar e sair dessa maldita ilha.

— Entraremos com a pipa e a fateixa que encontrei entre as coisas de York.

— E para sair? — perguntou Giordino, totalmente confuso, mas sem vontade de insistir no assunto.

Pitt jogou um tronco seco de murta na fogueira e ficou olhando para as fagulhas, que subiram em espirais.

— Isso — disse ele com a calma de um menino pescando num rio tranqüilo —, essa parte do plano, prefiro deixar para quando chegar a hora.



A embarcação com que fugiriam da ilha foi construída numa rocha plana, num pequeno vale a salvo da brisa, a trinta metros da água. Estenderam troncos de murta no chão, formando uma espécie de trilho, a fim de deslocar sua estranha criação até as águas relativamente calmas entre as duas ilhas. O esforço não foi cruel nem exaustivo. Estavam em melhor forma do que quando chegaram, de modo que não tiveram dificuldade para trabalhar à noite, quando o ar estava mais frio, e descansar algumas horas no calor do dia. A construção decorreu tranqüilamente, sem grandes interrupções ou recuos. Quanto mais perto chegavam do fim, mais o entusiasmo venciu o cansaço.

Maeve se encarregou de tecer duas velas com os ramos folhados. Para facilitar, Pitt decidiu fixar o mastro que York salvara de seu veleiro para içar uma vela de ré na mezena e uma vela redonda no mastro principal. Maeve teceu primeiro a vela maior. Levou algumas horas praticando e, no final da tarde, quando já dominara a técnica, passou a urdir um metro quadrado em meia hora. No terceiro dia, esse tempo havia baixado a vinte minutos. O tecido resultou tão resistente e firme que Pitt lhe pediu que fizesse uma terceira peça, triangular, que seria içada à frente do mastro principal.

Juntos, ele e Giordino retiraram do veleiro a cabine e a montaram sobre a parte dianteira da superestrutura. Esta foi então amarrada aos tubos de flutuação do pequeno bote, que passou a servir de casco central. A tarefa seguinte consistia em assentar os altos mastros de alumínio, cuja altura foi reduzida a fim de compensar o casco bem mais curto e a falta de uma quilha. Como não se podiam prender elos de corrente nos flutuadores de borracha sintética, passaram por baixo do casco o cordame que sustentava os mastros e o prenderam com esticadores.

Quando pronta, a embarcação híbrida ficou com a aparência de um veleiro por cima de um barco hovercraft.

No dia seguinte, Pitt reinstalou o leme do veleiro de York para navegar na superfície, equipando-o com uma cana comprida, sistema mais eficiente para governar uma embarcação de três cascos. Quando o leme estava firmemente instalado no lugar, girando como devia, ele se ocupou do motor de popa de quarenta anos, limpando-lhe o carburador e os injetores antes de regular o dínamo.

Giordino cuidou das amuradas. Cortou e aparou duas robustas murtas, cujos troncos se curvavam perto do topo, e colocou-as ao longo do casco. Estendeu-os com a parte curva voltada para a frente, como um par de esquis. As amuradas foram então amarradas a travessas laterais, que cruzavam o casco junto à proa e

pouco atrás da cabine. O italiano ficou bastante satisfeito ao constatar, empurrando fortemente as amuradas com o ombro, que eram sólidas, rígidas e dificilmente cederiam.

Quando estavam sentados ao redor da fogueira, ao amanhecer, precavendo-se da friagem das latitudes meridionais, Pitt se pôs a estudar as cartas náuticas e celestes de York. Ao meio-dia, orientou-se pelo sol com a ajuda do sextante e, mais tarde, à noite, localizou várias estrelas. Depois, com o auxílio do almanaque e das tabelas do Método Breve, que esmiuçava os cálculos trigonométricos, exercitou-se em fixar a posição em que se encontravam, até que suas cifras coincidissem precisamente com a latitude e a longitude das ilhas Miséria registradas no mapa.

— Acha que pode acertar na mosca a ilha Gladiator? — perguntou-lhe Maeve durante o jantar da ante-véspera da partida.

— Se não for na mosca, há de ser bem perto. Aliás, estou precisando de um mapa detalhado da ilha.

— Como detalhado?

— Com todas as edificações, todos os caminhos e estradas, se possível em escala.

— Vou fazer um mapa de memória o mais exato possível — prometeu ela.

Giordino estava se deliciando com a coxa de um alcatraz que Pitt conseguira abater com sua miniatura de pistola automática.

— A que distância você calcula que estamos?

— A precisamente quatrocentos e setenta e oito quilômetros em linha reta.

— Então é mais perto do que Invercargill.

— Esta é a melhor parte da história.

— Quantos dias demoraremos a chegar? — quis saber Maeve.

— É impossível dizer — respondeu Pitt. — A primeira parte da viagem será a mais difícil, navegando na direção do vento até que apanhemos uma corrente favorável nas proximidades da Nova Zelândia. Sem uma quilha que os impeça de ser empurrado de lado, os barcos de três cascos não se prestam a navegar contra o vento. O grande desafio virá depois de havermos zarpado. Não temos idéia de suas qualidades de navegação. Pode ser que a embarcação não siga a direção do vento, e nós podemos acabar sendo levados para a América do Sul.

— Não é uma idéia tranquilizadora — disse Maeve, pensando com horror no que seriam outros noventa dias de sofrimento no mar. — Quando penso nisso, acho preferível permanecer em terra firme e acabar como Rodney York.

A véspera da partida foi um dia de atividade febril. Os últimos preparativos incluíam a manufatura da vela alta de Pitt, que foi dobrada e guardada na cabine juntamente com cento e cinquenta metros de corda leve de náilon retirados do barco de York e que tinham mantido sua força integral. Levaram a bordo os escassos víveres de que dispunham, assim como os instrumentos de navegação, as cartas e os livros. Comemoraram com gritos e aplausos, na rocha nua, quando o motor de popa tossiu e começou a funcionar depois de décadas e de quase quarenta puxões na corda de ignição, coisa que deixou o braço de Pitt em petição de miséria.

— Você conseguiu! — gritou Maeve com entusiasmo. Ele fez um gesto de modéstia.

— Não é grande coisa para quem restaura automóveis antigos. O problema principal era o distribuidor entupido. E o carburador imundo.

Muito bem, compadre — cumprimentou-o Giordino. — O motor virá a calhar quando estivermos nos aproximando da ilha.

— Por sorte as latas estavam vedadas e não deixaram que o combustível

evaporasse em todos esses anos. Mas a gasolina engrossou, parece um verniz, de modo que teremos de ficar de olho no filtro. Não vou achar graça nenhuma se tiver de limpar o carburador de meia em meia hora.

— Quantas horas de combustível York nos deixou?

— Seis, talvez sete.

Mais tarde, com a ajuda de Giordino, Pitt montou o motor numa travessa, na popa da superestrutura. O toque final consistiu em instalar a bússola bem à frente da cana do leme. Uma vez presas aos mastros, as caranguejas e os botalós com laços em espiral, as velas de ramos trançados podiam ser içadas ou arriadas com facilidade. Todos recuaram alguns passos e ficaram admirando o barco. Parecia razoavelmente eficiente, mas de modo algum podia ser considerado bonito. Era feio, atarracado, e as amuradas intensificavam sua aparência grotesca. Pitt duvidava que uma embarcação mais esquisita tivesse singrado os sete mares.

— Não chega a ser precisamente um modelo de elegância — brincou Giordino.

— E dificilmente vencerá numa competição de iatismo — acrescentou Pitt.

— Vocês homens não conseguem ver a beleza interior — disse Maeve. — E ele ainda não tem nome. O que é uma injustiça. Que tal se o batizarmos de Morrer Nunca?

— Combina com ele — disse Pitt —, mas não com as superstições dos marinheiros. Para dar sorte, precisa ter nome de mulher.

— Que tal Linda Maeve? — propôs Giordino.

— Sei lá — sorriu Pitt. — Meio sentimental e fora de moda, mas bonito. Eu voto a favor.

Maeve riu.

— Sinto-me lisonjeada, porém a modéstia pede algo mais apropriado. Proponho Dancing Dorothy II.

— Dois votos contra um — decidiu Giordino solenemente. — Fica sendo Linda Maeve.

Aceitando a derrota, Maeve pegou uma velha garrafa de rum, que Rodney York jogara fora, e a encheu de água do mar para a cerimônia de inauguração.

— Eu te batizo Linda Maeve — disse, rindo, e quebrou a garrafa num dos troncos de murta presos aos tubos de flutuação. — Que singres os mares com a velocidade de uma sereia.

— Agora vamos trabalhar — convocou Pitt.

Passou para fora as cordas atadas à parte dianteira do casco central. Cada um enrolou uma extremidade na cintura, firmou o pé e se inclinou para a frente. Devagar, o barco começou a deslizar sobre os troncos no chão, que serviam de trilhos. Ainda debilitados pela falta de boa alimentação e pelo excesso de esforço físico, os três não tardaram a esgotar as energias arrastando o barco ao precipício de dois metros que terminava na água.

Maeve, como era de esperar, lutou até não mais poder; a seguir, apoiou as mãos nos joelhos, o coração disparado, a respiração ofegante, e tratou de tomar fôlego. Pitt e Giordino empurraram o enorme peso morto mais dez metros antes de soltar as cordas e tombar pouco adiante dela. O barco ficou precariamente equilibrado na borda das extremidades de dois troncos que se inclinavam para baixo, para as ondas mansas.

Passaram-se vários minutos. O sol percorrera um quarto de sua trajetória no horizonte leste, e o mar se mostrava inocente, sem sinal de turbulência. Pitt desenrolou a corda da cintura e a jogou a bordo.

— Creio que é inútil adiar o inevitável. — Subiu na super-estrutura, baixou o

motor de popa e puxou a corda da partida. Desta vez, conseguiu ligá-lo na segunda tentativa. — Vocês dois podem ter a bondade de dar um último empurrão em nosso iate de luxo?

— Depois de tanto trabalho para excitar os hormônios — resmungou o italiano —, que é que eu vou ganhar em recompensa?

— Um gim-tônica por conta da casa — respondeu Pitt.

— Promessas, promessas. Isso é sadismo da pior espécie — protestou o outro. E, passando o braço musculoso pela cintura de Maeve, fez com que ela se levantasse. — Vamos, moça bonita, chegou a hora de dizer adeus a este inferno de pedra.

Os dois se aproximaram, esticaram os braços, apoiados na popa, e, lançando mão das forças que lhes restavam, empurraram. O Linda Maeve começou a se deslocar com relutância; logo, quando a parte dianteira se inclinou na borda dos trilhos, foi tomando velocidade, e a popa se ergueu. O barco vacilou dois segundos e então mergulhou com estrondo, espirrando água para os lados antes de boiar na superfície. Tinha sido providencial a idéia de ligar previamente o motor, pois Pitt adquiriu controle imediato contra o fluxo da corrente. Tratou de virar rapidamente para a borda da colina baixa. Assim que a proa bateu de leve na rocha, Giordino tomou Maeve pelos pulsos e a baixou delicadamente à superestrutura. A seguir, saltou e, ágil como um ginasta, foi cair de pé ao lado dela.

— Com isto, termina a parte divertida do programa — disse Pitt, revertendo o motor.

— Vamos içar minhas velas? — perguntou Maeve, sem ocultar o orgulho por sua obra.

— Ainda não. É melhor navegar com o motor até o lado da ilha protegido contra o vento, onde o mar é mais calmo. Depois testaremos o vento.

Giordino ajudou Maeve a passar pela superestrutura e entrar na cabine. Sentaram-se para descansar um momento, enquanto Pitt pilotava o barco pelo canal, rumo às ondas que rugiam ao norte e ao sul das duas ilhas desertas. Mal chegaram ao mar aberto, apareceram os tubarões.

— Olhem — disse Giordino —, nossos amigos voltaram. Aposto que estavam com saudade da gente.

Maeve se inclinou e estudou as longas formas cinzentas em movimento, pouco abaixo da superfície.

— Um novo grupo de acompanhantes — comentou. — Estes são tubarões-makos.

— A espécie que tem dentes irregulares e recortados, da qual só um ortodontista pode gostar?

— Exatamente.

— Por que eles me perseguem? — gemeu o italiano. — Nunca pedi tubarão num restaurante.

Meia hora depois, Pitt deu a ordem:

— Vamos experimentar as velas e ver que tipo de barco construímos.

Giordino desdobrou as velas trançadas, que Maeve tinha dobrado cuidadosamente, como sanfona, e começou a içar a principal, enquanto ela se encarregava da mezena. Ambas inflaram, e Pitt, segurando a cana do leme, virou de bordo e tomou o rumo norte, contra o forte vento do oeste.

Qualquer iatista teria morrido de rir se visse o Linda Maeve singrando os mares. Um projetista de barcos profissional teria ficado escandalizado. Mas o veleiro de aparência peculiar acabaria rindo por último. As guigas afundavam na água,

mantendo-lhe a estabilidade. A embarcação se deixava governar assombrosamente bem e se mantinha aproada sem ser arrastada de lado. Para maior segurança, seria preciso resolver alguns problemas com o cordame. Mesmo assim, ela se fez ao mar como se lá tivesse nascido.

Pitt olhou uma última vez para as ilhas Miséria. Depois, voltou-se para o embrulho feito com um pedaço de vela, que continha o diário de bordo e as cartas de Rodney York jurou que, se saísse vivo da aventura que o esperava, levaria aquele testamento aos familiares do pobre navegador inglês, na esperança de que estes organizassem uma expedição e fossem buscá-lo, a fim de sepultá-lo perto de Falmouth Bay, em sua querida Cornualha.



No décimo andar de uma estrutura modernista de vidro, construída em forma de pirâmide na periferia de Paris, um grupo de catorze homens estava reunido à volta de uma longa mesa de ébano. Riquíssimos, muito sérios, impecavelmente vestidos e ostentando enorme poder, os diretores do Conselho Multilateral de Comércio, conhecido pelos iniciados simplesmente como Fundação, uma instituição dedicada ao desenvolvimento de um governo econômico global único, apertaram-se as mãos e se entretiveram em conversas particulares antes de se sentar para cuidar dos negócios. Normalmente, encontravam-se três vezes por ano. Todavia, aquela era uma sessão de emergência, para discutir a recente e inesperada ameaça a suas operações mundiais.

Os homens na sala representavam grandes empresas multinacionais e altos escalões governamentais. Só um membro da direção do cartel sul-africano estava inteiramente envolvido com a venda de diamantes de qualidade. Um industrial belga, de Antuérpia, e um construtor de Nova Délhi, na Índia, atuavam como intermediários entre a Fundação e o gigantesco fluxo ilícito do diamante industrial para o Bloco Islâmico Fundamentalista. Milhões desses diamantes industriais menores eram vendidos clandestinamente ao bloco, para a fabricação de instrumentos de precisão e do equipamento necessário para a construção de sistemas nucleares. Os diamantes maiores, de qualidade mais exótica, eram utilizados para financiar sublevações na Turquia, na Europa Ocidental, na América Latina, em vários países do sul da Ásia e em todo lugar onde houvesse organizações políticas subversivas capazes de favorecer muitos outros interesses da Fundação, inclusive a venda de armas.

Embora todos aqueles homens, verdadeiras celebridades em seus respectivos ramos, freqüentassem os noticiários, nenhum deles era identificado como membro da Fundação. Tratava-se de um segredo compartilhado unicamente pelos que estavam reunidos naquela sala e seus colaboradores mais íntimos. Atravessavam oceanos e continentes, urdindo suas teias em todo tipo de lugar, cobrando tributos e acumulando lucros assombrosos.

Ouviram com atenção e em silêncio quando o presidente, um multimilionário banqueiro alemão, apresentou um relatório sobre a crise que atingia o mercado do diamante. Calvo e soberbo, falava devagar, num inglês fluente, idioma que todos os presentes compreendiam.

— Cavalheiros, graças a Arthur Dorsett, estamos enfrentando uma gravíssima crise numa área vital de nossas atividades. Segundo a avaliação de nossa rede de inteligência, o mercado do diamante está rumando para águas turbulentas. Não se enganem quanto a isso. Se Dorsett despejar cem toneladas de diamantes no

mercado a varejo, a preços que qualquer mendigo pode pagar, como está disposto a fazer, este setor da Fundação entrará em colapso total.

— Quando isso deve ocorrer? — perguntou o xeique de um rico país produtor de petróleo do mar Vermelho.

— Tenho informações seguras de que oitenta por cento das reservas de Dorsett estarão à venda em sua cadeia de lojas em menos de uma semana — respondeu o presidente.

— Quanto arriscamos perder? — quis saber o chefe de um vasto império eletrônico japonês.

— Treze bilhões de francos suíços, para começar.

— Santo Deus! — O líder francês de uma das maiores lojas de moda feminina do mundo deu um soco na mesa. — E esse troglodita australiano tem poder para isso?

O presidente balançou a cabeça.

— Ao que tudo indica, ele tem muito diamante armazenado.

— Não devemos ter permitido que Dorsett atuasse fora do cartel - disse o ex-secretário de Estado americano.

— O mal já está feito — concordou o membro do cartel do diamante.

— Talvez o mundo da gema nunca volte a ser o mesmo.

— Não podemos neutralizá-lo antes que suas pedras sejam distribuídas nas lojas?

— indagou o homem de negócios japonês.

— Enviei um emissário com uma oferta generosa para comprar seu estoque, para que ele seja mantido fora de circulação.

— Alguma resposta?

— Ainda não.

— Quem você enviou? — perguntou o presidente.

— Gabe Strouser, da Strouser & Filhos, um respeitado comerciante internacional de diamantes.

— Um bom homem e um excelente negociador — disse o belga de Antuérpia.

— Já fizemos muitas transações. Se alguém pode dobrar Dorsett, esse alguém é Gabe Strouser.

Um italiano que possuía uma frota de cargueiros de contêineres deu de ombros, sem emoção.

— Se me lembro bem, as vendas do diamante caíram drasticamente no começo dos anos oitenta. Os Estados Unidos e o Japão passaram por uma severa recessão, e a demanda reduziu, provocando uma superprodução. Quando a economia mudou, nos anos noventa, os preços voltaram a subir. Não é possível que a história se repita?

— Compreendo o que está dizendo — disse o presidente, encostando-se na cadeira e cruzando os braços. — Mas desta vez sopra um vento glacial, e todos os que dependem do diamante para viver vão congelar. Descobrimos que Dorsett aplicou mais de cem milhões de dólares em promoção e propaganda nos maiores países compradores de diamante. Se ele vender, como acreditamos que venderá, por centavos de dólar, os diamantes de grande valor serão coisa do passado, pois o público sofrerá uma verdadeira lavagem cerebral para acreditar que não valem mais do que vidro ordinário.

O francês disse, com ar sombrio:

— Sei que minhas modelos decerto procurariam outra bugiganga qualquer como investimento eterno. Se não os brilhantes, eu teria de lhes comprar carros esporte caríssimos.

— Que está por trás da estranha estratégia de Dorsett?

— quis saber o executivo-chefe de uma grande empresa de transportes aéreos do sudeste asiático. — Ele certamente não é burro.

— Burro como uma hiena à espera de que o leão adormeça depois de haver devorado só a metade da presa — retrucou o presidente alemão. — Meus agentes na rede bancária mundial souberam que Dorsett comprou setenta, talvez oitenta por cento, das maiores minas produtoras de gemas coloridas.

Ouviu-se um murmúrio ante essa última informação. Todos à mesa reconheceram e assimilaram imediatamente o grande plano de Arthur Dorsett.

— Diabolicamente simples — murmurou o magnata japonês da eletrônica. — Ele quer puxar o tapete sob o mercado do diamante para depois empurrar para cima os preços dos rubis e das esmeraldas.

Um empresário russo, que acumulara grande fortuna comprando a preço de banana minas fechadas de alumínio e cobre, na Sibéria, para a seguir reabri-las usando a tecnologia ocidental, mostrou suas dúvidas:

— Parece-me, como se diz no Ocidente, que Dorsett está despindo um santo para vestir outro. Ele espera realmente ganhar com as gemas coloridas o suficiente para compensar suas perdas com o diamante?

O presidente fez um sinal para o japonês, que respondeu:

— A pedido de nosso presidente, solicitei que os analistas financeiros examinassem os números em nosso sistema de dados. Por incrível que pareça, a Dorsett Consolidated Mining Limited espera ganhar um mínimo de vinte bilhões de dólares americanos. Talvez vinte e quatro bilhões, dependendo da recuperação econômica prevista.

— Caramba! — exclamou um inglês que possuía um império gráfico. — Nem consigo imaginar o que eu faria com um lucro de vinte e quatro bilhões de dólares!

O alemão riu.

— Eu compraria as suas empresas com eles.

— Eu estaria disposto a me aposentar por muito menos do que isso.

O membro norte-americano tomou a palavra. Além de ex-secretário de Estado e reconhecido chefe de uma das famílias mais ricas dos Estados Unidos, era um dos criadores da Fundação.

— Alguém sabe onde se encontram as reservas de diamante de Dorsett neste momento?

— Com uma margem de erro de poucos dias — respondeu o sul-africano —, creio que as pedras que não estiverem sendo lapidadas estão a caminho de suas lojas.

O presidente passou o olhar do armador italiano ao magnata asiático da aviação.

— Algum dos cavalheiros presentes tem conhecimento dos procedimentos de transporte de Dorsett?

— Duvido seriamente que ele vá transportar seus diamantes por mar — disse o italiano. — Quando o navio ancorar num porto, teria de providenciar transporte terrestre.

— Se eu fosse Dorsett, enviaria as pedras por ar — concordou o asiático. — Desse modo, poderia distribuí-las de imediato a praticamente todas as cidades do mundo.

— Podemos deter um ou dois de seus aviões — disse o industrial belga -, mas, sem conhecer o cronograma dos vôos, seria impossível impedir o transporte.

O asiático sacudiu a cabeça negativamente.

Acho a idéia de interceptar um único vôo muito otimista. Dorsett provavelmente fretou uma frota de aviões na Austrália. Acho que estamos querendo trancar a

porta depois de arrombada.

O presidente se voltou para o representante sul-africano do cartel do diamante.

— Parece que a grande farsa acabou. O valor artificialmente criado do diamante, afinal, não é eterno. Em vez de se mostrar desiludido, o sul-africano sorriu.

— Não é a primeira vez que nos declaram mortos. Minha diretoria e eu consideramos este um golpe sem importância, nada mais. O diamante é eterno, cavalheiros. Ouçam bem as minhas palavras: o preço das pedras de qualidade voltará a subir quando o brilho das safiras, das esmeraldas e dos rubis se apagar. O cartel honrará os seus compromissos com a Fundação através de outros interesses minerais. Não vamos ficar sentados em nosso próprio túmulo, à espera de que o mercado se recupere.

O secretário particular do presidente entrou na sala e lhe falou em voz baixa. Este fez que sim e olhou para o sul-africano.

— Acabo de ser informado que a resposta às negociações de seu emissário com Arthur Dorsett chegou na forma de um pacote.

— Estranho que Strouser não tenha entrado em contato direto comigo.

— Mandei trazer o pacote — disse o presidente. — Acho que estamos ansiosos para saber se o senhor Strouser teve êxito em sua negociação com Arthur Dorsett. Poucos momentos depois, o secretário voltou, segurando com ambas as mãos uma caixa quadrada com uma fita vermelha e verde. O presidente fez um gesto na direção do sul-africano. O secretário se aproximou e depositou a caixa na mesa, diante dele. Havia um cartão preso à fita. Ele abriu o envelope e leu em voz alta:

Existem a pedra-pomes e a pedra-sabão e há o granizo e a pedra-mármore.

Mas na boca de Strouser há uma pedrinha barata como o esterco, uma jóia que vale menos do que bosta.

O sul-africano olhou gravemente para a caixa.

— Não parece ser coisa de Gabe Strouser. Ele não é de brincadeiras.

— E também não se pode dizer que escreva bem versos — comentou o modista francês.

— Vamos, abra a caixa — pressionou o indiano.

O representante do cartel do diamante desatou a fita, abriu a caixa e olhou dentro dela. Subitamente empalidecido, ele se levantou de um salto tão brusco que derrubou a cadeira. Correu tropeçadamente à janela, abriu-a com um safanão e vomitou.

Assombrados, todos se apressaram a inspecionar o misterioso conteúdo da caixa. Alguns reagiram como o sul-africano, outros recuaram horrorizados, e aqueles que tinham ordenado crimes brutais em sua ascensão à riqueza e ao poder ficaram olhando firmemente, sem demonstrar emoção, para a cabeça ensangüentada de Gabe Strouser, os olhos grotescamente saltados, os diamantes a lhe cair da boca.

— Parece que as negociações de Strouser não tiveram sucesso — disse o japonês, restando a bile que lhe subia à garganta.

Depois de alguns minutos, o presidente chamou o chefe da segurança da Fundação e o mandou levar embora a cabeça. A seguir, encarou os membros que, recuperados, voltaram a se sentar em seus lugares.

— Peço-lhes que mantenham em rigoroso segredo o que acabamos de ver.

— E esse carneiro? — gritou o russo, vermelho de raiva. — Dorsett não pode ficar impune depois de haver matado um representante da Fundação!

— Concordo — disse o indiano. — A vingança tem prioridade absoluta.

— Seria um erro agir precipitadamente — opôs-se o presidente. — Não seria inteligente chamar a atenção, deixando-nos levar pelo desejo de vingança. Basta um engano ao executar Dorsett para que nossas atividades fiquem abertas à inspeção. Acho melhor atacar Arthur por outro lado.

— O presidente tem razão — disse o holandês em seu inglês lento mas eficiente. — A melhor coisa a fazer no momento é tratar de conter Dorsett e deixar para agir quando ele claudicar e cometer um erro. Um homem com aquele caráter acaba sempre cometendo um grande erro. E a curto prazo.

— Que você sugere?

— Esperar.

O presidente franziu a testa.

— Não entendo. Pensei que a idéia fosse partir para a ofensiva.

— Ao se desfazer de suas reservas de diamante, Dorsett ficará sem cobertura alguma — explicou o holandês. — Vai demorar no mínimo um ano para elevar os preços das gemas e obter lucros. Nesse meio tempo, mantemos o controle do mercado do diamante, conservamos o nosso estoque e tratamos de assumir o controle da produção restante de gemas coloridas. Competiremos com ele. Meus espões industriais me informaram que Dorsett se concentrou nas gemas conhecidas pelo público, negligenciando as pedras mais raras.

— Pode nos dar um exemplo de pedra mais rara?

— A alexandrita, por exemplo, ou a tsavorita e o berilo vermelho.

O presidente olhou para os outros à mesa.

— Sua opinião, cavalheiros.

O publicista inglês se inclinou para a frente, os punhos cerrados.

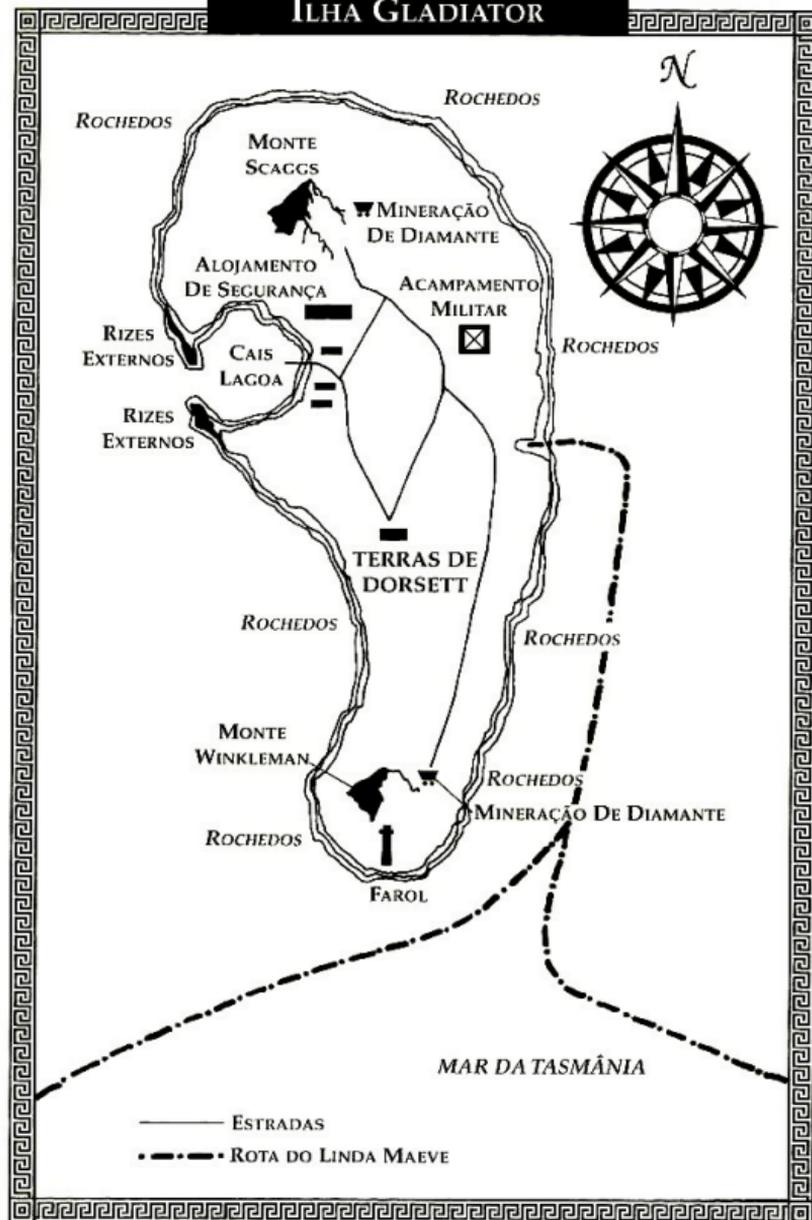
— Uma grande idéia. Nosso especialista em diamante encontrou um meio de bater Dorsett em seu próprio terreno. Isso também nos permitirá tirar vantagem da queda temporária do preço do diamante.

— Quer dizer que concordamos? — perguntou o presidente com um sorriso nada satisfeito.

Todos ergueram a mão, e catorze vozes disseram sim.



ILHA GLADIATOR



CATÁSTROFE NO PARAÍSO

16 de fevereiro de 2000

Honolulu, Havaí

Confortavelmente instalado num sofá surrupiado de um dos dois hotéis de luxo em reforma na ilha havaiana de Lanai, um sargento de cabelo acinzentado, do Corpo de Fuzileiros, com um short desbotado e uma camisa florida, tomava sua lata de cerveja e assistia no vídeo- cassetes ao velho épico de John Wayne No Tempo das Diligências. Tinha na cabeça um capacete de realidade virtual comprado numa loja de aparelhos eletrônicos de Honolulu. Conectando-o ao VCR, podia "entrar" na tela e misturar-se aos atores nas cenas do filme. Estava deitado ao lado de John Wayne no alto da diligência durante uma cena emocionante de perseguição, atirando nos índios inimigos, quando uma alta campanha interferiu na ação. Tirando com má vontade o capacete, ele passou os olhos pelos monitores de segurança que focalizavam as áreas estratégicas das instalações que vigiava. O monitor três mostrou um carro aproximando-se pela estrada de terra, em meio a uma plantação de abacaxi, que levava ao portão de entrada. O sol do fim da manhã brilhou no pára-choque dianteiro; o traseiro parecia arrastar uma nuvem de poeira.

Há vários meses naquele serviço, o sargento tinha convertido sua rotina numa fina ciência. Nos três minutos que o automóvel demorou para subir a estrada, teve tempo de vestir uma farda bem-passada e colocar-se em posição de sentido junto ao portão, à entrada do túnel que conduzia ao centro do vulcão extinto. Observando melhor, viu que se tratava de um carro da Marinha. Inclinou o corpo para a frente e gritou pela janela lateral:

— Esta zona é de segurança. Vocês têm autorização para entrar?

O motorista de uniforme branco de recruta da Marinha apontou por cima do ombro com o polegar.

— O comandante Gunn, aí atrás, está com os documentos necessários.

Proficiente e objetivo, Rudi Gunn não perdera seu precioso tempo procurando obter autorização para desmontar a gigantesca antena parabólica instalada no coração do vulcão Palawai, em Lanai. Desenredar o intrincado novelo da burocracia a fim de localizar o departamento que tinha jurisdição sobre a antena e, depois, enfrentar o departamento que operava o equipamento de comunicações espaciais teria demorado pelo menos um mês. A provação

seguinte, praticamente impossível, seria encontrar um burocrata disposto a assumir a responsabilidade de autorizar que a parabólica fosse retirada e temporariamente emprestada à ANPS.

Gunn eliminou os trâmites inúteis simplesmente mandando a gráfica da ANPS falsificar um formulário de solicitação, em três vias de aparência perfeitamente oficial, autorizando a agência a transferir a antena a outro lugar, na ilha havaiana de Oahu, no âmbito de um projeto secreto. O documento recebeu então as assinaturas de vários operários da gráfica, sob nomes e títulos fictícios. O que normalmente teria demorado boa parte do ano, para acabar sendo oficialmente indeferido, tardou menos de hora e meia, a maior parte da qual foi gasta na escolha dos tipos gráficos.

Quando Gunn, envergando a farda de comandante da Marinha, chegou ao portão do túnel de entrada e exibiu a autorização para desmontar e remover a antena, o sargento responsável pelas instalações abandonadas mostrou-se diligente e colaborador. E se tornou ainda mais colaborador ao avistar as deslumbrantes formas de Molly Faraday no banco traseiro. Se acaso pensara em chamar um oficial superior para confirmar a autorização, a idéia se lhe evaporou quando ele viu um comboio de enormes caminhões de carroceria plana e um guindaste móvel que seguiam o carro. A ordem para uma operação daquele porte só podia ter vindo de uma altíssima autoridade.

— Que bom que vou ter companhia — disse com um amplo sorriso. — E muito aborrecido ficar aqui em cima sem uma alma com que conversar quando a gente está de serviço.

— Quantos vocês são? — perguntou docemente Molly pela janela traseira.

— Só três, madame, em turnos de oito horas.

— E que fazem quando não estão de serviço?

— Em geral vamos à praia ou tentamos paquerar alguma garota nos hotéis.

Ela riu.

— De quanto em quanto tempo podem sair da ilha?

— Uma vez por mês. Cinco dias de licença em Honolulu, depois voltamos a Lanai.

— Quando foi que alguém de fora visitou as instalações pela última vez?

Se chegou a notar que estava sendo interrogado, o sargento não o demonstrou.

— Um cara com credenciais da Agência Nacional de Segurança andou por aqui há uns quatro meses. Ficou menos de vinte minutos. Vocês são os primeiros a aparecer depois disso.

— Vamos terminar de desmontar a antena e partir tarde da noite — disse Gunn.

— Senhor, posso perguntar onde ela vai ser remontada?

— E se eu lhe disser que vai virar sucata?

— Eu não me surpreenderia — disse o sargento. — Sem manutenção nem conserto durante tantos anos, esse disco velho deve estar enferrujado e corroído. Gunn notou, divertido, que o fuzileiro, aproveitando a oportunidade de falar com desconhecidos, estava tentando alongar a conversa.

— Podemos passar e começar o trabalho, sargento?

O fuzileiro bateu continência e rapidamente apertou o botão que abria o portão elétrico. Quando o automóvel passou e desapareceu no túnel, ficou observando e acenando para os motoristas dos caminhões e do guindaste. Ao ver desaparecer o último veículo no interior do vulcão, fechou o portão, entrou no corpo da guarda, tornou a vestir o short e a berrante camisa esporte e ligou o videocassete. Tendo recolocado o capacete de realidade virtual, voltou a fita até se ver na diligência com John Wayne, fugindo dos índios.

— Até agora tudo bem — disse Gunn a Molly.

— Que maldade a sua dizer a esse rapaz tão simpático que íamos sucatear a antena — censurou ela.

— Eu simplesmente disse "e se".

— Se formos apanhados depois de ter falsificado documentos oficiais, pintado um carro usado para que parecesse um veículo oficial da Marinha e roubado propriedade do governo... — Molly se interrompeu e sacudiu a cabeça. — Seremos enforcados numa praça pública de Washington.

— Pagarei o preço com satisfação se conseguirmos livrar dois milhões de pessoas de uma morte horrível — disse Gunn sem remorso.

— Que vamos fazer depois de desviar a onda acústica?

— quis saber ela. — Trazemos a antena de volta e tornamos a montá-la?

— Eu não tenho outra escolha. — Ele a encarou como que tomado de surpresa pela pergunta; depois sorriu com malícia. — A menos que aconteça alguma coisa inesperada, é claro. Pode ser que ocorra um acidente e a antena vá parar no fundo do mar.

A parte de Sandecker no projeto não ia nada bem. Por mais que recorresse à velha camaradagem entre os almirantes, não conseguira convencer uma única autoridade a lhe emprestar temporariamente o porta-aviões Roosevelt e sua tripulação. Em algum lugar da cadeia de comando entre o presidente e o almirante que comandava as operações da frota do Pacífico alguém havia bloqueado a sua solicitação.

O almirante andava de um lado para outro, no gabinete de seu colega John Overmeyer, em Pearl Harbor, com a ferocidade de um urso que acabava de perder o filhote para um zoológico.

— Com os diabos, John! — gritou ele. — Quando eu saí do escritório do almirante Baxter, na Junta de Comando, ele me garantiu que a autorização para usar o Roosevelt no transporte de um refletor acústico já estava dada. Agora você vem me dizer que não, que eu não posso usá-lo.

Overmeyer, com a aparência teimosa e vigorosa de um fazendeiro de Indiana, ergueu as mãos, exasperado.

— Não ponha a culpa em mim, Jim. Posso lhe mostrar a ordem.

— Quem a assinou?

— O almirante George Cassidy, comandante do distrito naval de San Francisco.

— Que diabos esse burocrata que administra balsas tem a ver com a história?

— Cassidy não administra balsas — impacientou-se Overmeyer. — É o chefe de todo o comando logístico do Pacífico.

— Ele não é seu superior — afirmou Sandecker com irritação.

— Diretamente não, mas, se ficar zangado, todos os transportes que levam abastecimento aos meus navios, daqui até Cingapura, podem ser inexplicavelmente adiados.

— Não me enrole, John. Cassidy não se atreveria a comprar essa briga, e você sabe muito bem disso. A carreira desse homem iria para o espaço se ele tivesse a petulância de atrasar o abastecimento de sua frota.

— Talvez você tenha razão — disse Overmeyer. — Mas isso não altera em nada a situação. Não posso lhe emprestar o Roosevelt.

— Nem por míseras setenta e duas horas?

— Nem por setenta e dois segundos.

Sandecker parou de caminhar subitamente, sentou-se numa cadeira e olhou nos olhos de Overmeyer.

— Seja franco comigo, John. Quem puxou o meu tapete?

Evidentemente constrangido, Overmeyer desviou a vista.

— Não posso dizer.

— A neblina está começando a se desfazer — disse Sandecker. — Será que George Cassidy sabe que está bancando o vilão?

— Não é de meu conhecimento — respondeu Overmeyer com sinceridade.

— Então, quem no Pentágono está sabotando a minha operação?

— Não foi de minha boca que você ouviu isso.

— Nós servimos juntos no Iowa. Você sabe que eu nunca fui de revelar os segredos de um amigo.

— Eu seria o último homem a duvidar de sua palavra — disse Overmeyer sem hesitação. Dessa vez, sustentou o olhar de Sandecker. — Não tenho prova alguma, compreende? Mas um amigo do centro de teste de armas navais deu a entender que foi o presidente em pessoa que proibiu que atendessem a sua solicitação quando algum dedo-duro do Pentágono deixou vazar à Casa Branca o seu pedido de empréstimo de um porta-aviões. Esse meu amigo também deu a entender que os cientistas próximos ao presidente acham a sua teoria da praga acústica uma grande tolice.

— Será que não entra na cabeça acadêmica desses caras que muita gente e um número incalculável de animais marinhos já morreram por causa disso?

— Parece que não.

Sandecker afundou na cadeira e deixou escapar um longo suspiro.

— Apunhalado pelas costas por Wilbur Hutton e o Conselho Nacional de Ciência do presidente.

— Sinto muito, Jim, mas circulam rumores em Washington segundo os quais você não passa de um biruta fanático. Pode ser que o presidente esteja querendo afastá-lo da ANPS para colocar um cupincha em seu lugar.

Sandecker sentiu-se com a cabeça na guilhotina.

— E daí? Minha carreira não tem importância. Será que ninguém consegue me ouvir? Será que você consegue me ouvir, almirante, quando eu lhe digo que você e todos os homens sob o seu comando, na ilha de Oahu, estarão mortos dentro de três dias?

Overmeyer fitou Sandecker com muita tristeza nos olhos. Era difícil acreditar que aquele homem estivesse ficando louco, principalmente porque era seu amigo.

— Jim, para ser franco, você me aterroriza. Quero confiar em seu julgamento, mas existe muita gente inteligente achando que a sua praga acústica tem tanta chance de ocorrer quanto o fim do mundo.

— Se você não me emprestar o Roosevelt — disse Sandecker sem alterar a voz — o seu mundo deixará de existir sábado que vem às oito horas da manhã.

Overmeyer sacudiu a cabeça.

— Lamento, Jim. Estou com as mãos atadas. Acreditando ou não em suas previsões, você sabe perfeitamente que não posso desobedecer ordens do comandante-em-chefe.

— Já que não consegui convencê-lo, acho melhor ir embora. — Sandecker se levantou, foi até a porta e voltou-se. — Sua família está aqui em Pearl Harbor?

— Minha mulher e duas netas que vieram nos visitar.

— Deus permita que eu esteja errado, amigo, mas, em seu lugar, trataria de tirá-las da ilha enquanto ainda é tempo.

Por volta de meia-noite, só a metade do gigantesco disco fora desmontada. O interior do vulcão estava iluminado com um brilho incandescente e nele ecoava o barulho dos geradores, das batidas do metal e das vozes da equipe ocupada no

desmonte. O ritmo se manteve acelerado do começo ao fim. Os homens e mulheres da ANPS suavam, lutando com conexões travadas, soldadas pela ferrugem que a falta de cuidado e manutenção espalhara. Ninguém pensou em comer e muito menos em dormir. Só se distribuiu um café preto como o mar que os rodeava.

Assim que uma pequena parte do disco de fibra de vidro reforçada com aço era retirada da estrutura principal, o guindaste a apanhava e a colocava na carroceria de um dos caminhões. Quando cinco partes estavam uma sobre a outra e amarradas, o caminhão saía do interior do vulcão e se dirigia ao porto de Kaumalapau, na costa oeste, onde as peças da antena eram carregadas num pequeno navio para serem transportadas a Pearl Harbor.

Rudi Gunn estava sem camisa, suando muito devido à umidade daquela noite abafada, dirigindo uma equipe que trabalhava extenuantemente para soltar da base o cubo da roda principal da antena. Consultava a cada instante um conjunto de plantas do mesmo tipo de antena usado em outras instalações de localização espacial. As plantas tinham sido fornecidas por Hiram Yaeger, que invadira o sistema central de computadores da empresa que originalmente projetara e construíra os gigantescos discos.

Molly, que vestira uma confortável camisa cáqui e short, estava sentada perto de uma pequena barraca, operando as comunicações e tentando resolver todos os problemas que surgiam durante o desmonte e o transporte das partes à doca de embarque. Ela se levantou e entregou a Gunn uma garrafa de cerveja gelada.

— Acho que você está precisando molhar a garganta. Gunn agradeceu e passou a garrafa na testa.

— Devo ter tomado vinte litros de líquido desde que chegamos.

— Quería que Pitt e Giordino estivessem aqui — disse ela com tristeza. — Sinto a falta deles.

Gunn olhou para o chão.

— Todos sentimos a falta deles. Sei que o almirante está com o coração partido.

Molly mudou de assunto.

— Como está indo?

Ele apontou com o queixo para a antena semi- desmontada.

— Ela está resistindo a cada passo. As coisas estão indo um pouco mais depressa agora, pois aprendemos como atacá-la.

— Que vergonha — murmurou ela, passando o olhar pensativo pelos trinta homens e quatro mulheres que havia tanto tempo lutavam com afinco para desmantelar e levar a antena, sua dedicação e seu incansável esforço concentrados na magnífica tentativa de salvar muitas vidas. — Que vergonha se tudo isso der em nada.

— Não perca a confiança em Jim Sandecker — disse Gunn. — Ele pode estar sendo sabotado pela Casa Branca; porém, mesmo que não consiga o Roosevelt, aposto um jantar com você, à luz de velas e tudo, que encontrará um substituto.

— Combinado — sorriu ela. — E uma aposta que terei prazer em perder.

Às quatro horas da madrugada, Molly recebeu um telefonema de Sandecker. Sua voz não mostrava o menor cansaço.

— Quando acham que vão terminar?

— Rudi acha que estaremos colocando a última parte a bordo do Lanikai...

— A bordo do quê?

— Do Lanikai, um pequeno cargueiro de navegação costeira que fretamos para levar a antena a Pearl Harbor.

— Esqueça Pearl Harbor. Em quanto tempo vocês vão sair daí?

- Dentro de cinco horas — respondeu Molly.
- É muito. Lembre Rudi que nos restam menos de sessenta horas.
- Se não for a Pearl Harbor, aonde iremos?
- Rumem para a baía de Halawa na ilha Molokai — respondeu Sandecker. — Achei outra plataforma onde instalar o refletor.
- Outro porta-aviões?
- Coisa melhor.
- A baía de Halawa fica do outro lado do canal, a menos de cem quilômetros. Como conseguiu isso?
- Os que não esperam presentes da fortuna conquistam o destino.
- O senhor está muito misterioso, almirante — disse Molly, intrigada.
- Diga a Rudi que pegue tudo e parta para a Molokai até no máximo dez horas da manhã.
- Ela acabava de desligar o telefone portátil quando Gunn entrou na barraca.
- Estamos desmontando a última parte — disse, cansado. — Logo vamos sair daqui.
- O almirante telefonou — informou ela. — Deu ordens para que levemos a antena à baía de Halawa.
- Na Molokai? — perguntou Gunn com curiosidade.
- Isso mesmo.
- Que tipo de navio você acha que ele tirou da cartola?
- Eis a questão. Não tenho a menor idéia.
- Tomara que dê certo — murmurou Gunn. — Do contrário teremos de fechar o circo.



Não havia luar, porém o mar flamejava com uma espectral fosforescência verde-azulada sob o cintilar das estrelas que, de um horizonte a outro, pontilhavam o céu como as luzes de uma cidade infinita. O vento tinha mudado de direção, passando a soprar do sul e a empurrar com força o Linda Maeve para noroeste. A vela verde e amarela de folhas trançadas estava inflada, e a embarcação ia saltando nas ondas qual mula a correr com puros-sangues. Pitt não esperava que aquele barco feio e desajeitado pudesse navegar tão bem. Não chegaria a conquistar um troféu, mas podia fechar os olhos e imaginar-se um iatista de primeira classe, singrando os mares despreocupado do resto do mundo. As vagas já não tinham a aparência hostil de antes, nem as nuvens se mostravam ameaçadoras. A friagem da noite também ia diminuindo à medida que eles rumavam para o norte, onde a água era mais quente. O mar os testara com crueldade e rudeza, e eles tinham sido aprovados com distinção. Agora, o tempo cooperava: permanecia estável e clemente.

Algumas pessoas se cansavam de olhar para o mar mesmo quando instaladas no conforto de uma praia tropical, mas Pitt não figurava entre elas. Sua alma inquieta e as águas caprichosas eram uma só coisa, inseparáveis em seus humores inconstantes.

Maeve e Giordino já não pareciam lutar pela vida. Seus momentos de calor e prazer, quase anulados pela adversidade, vinham se tornando mais freqüentes. O inabalável otimismo de Pitt, seu riso contagiante, seu apego irredutível à esperança e sua força de caráter os sustentavam e ajudavam-nos a enfrentar o pior que a natureza lhes podia oferecer. Em momento algum notaram o menor sinal de depressão na conduta daquele homem destemido, fosse qual fosse a situação. Por mais tenso que se mostrasse ao se orientar pelo sextante ou ao observar preocupado uma súbita mudança no vento, não deixava de sorrir.

Ao perceber que estava ficando perdidamente apaixonada por ele, Maeve ofereceu resistência. Todavia, quando finalmente aceitou o inevitável, entregou-se por completo aos seus sentimentos. Continuamente surpreendia-se observando cada movimento dele, cada expressão que se estampava em seu rosto quando calculava a posição com a ajuda das cartas náuticas dos mares do sul de Rodney York.

Ela lhe tocou o braço.

— Onde estamos? — perguntou docemente.

— Ao amanhecer, vou marcar nosso curso e calcular a distância que nos separa da ilha Gladiator.

— Por que não descansa um pouco? Você só dormiu duas horas depois que

saimos das Miséria.

— Prometo tirar uma longa sesta quando estiver chegando ao fim da viagem — disse ele, olhando para a bússola na escuridão.

— Al também não dorme — prosseguiu ela, apontando para o italiano, que não cessava de examinar a situação das cordas que mantinham presa a estrutura do barco.

— Se o vento continuar e meus cálculos não estiverem muito errados, devemos avistar nossa ilha depois de amanhã bem cedo.

Ela ergueu os olhos para o vasto campo de estrelas.

— O céu está lindo hoje.

— Como certa moça que eu conheço — disse ele, fitando-a. — Uma mulher esplendorosa, de olhos muito puros e azuis, de cabelos que parecem uma chuva de moedas de ouro. É inocente, inteligente, nasceu para o amor e a vida.

— Deve ser muito atraente.

— Isso não é nada. Acontece ainda que o pai dela é um dos homens mais ricos do sistema solar.

Ela arqueou as costas e se achegou, sentindo a firmeza do corpo dele. Roçou os lábios nas rugas de seus olhos e em seu queixo forte.

— Você deve estar muito impressionado com ela.

— Impressionado? Por que não? — disse ele pausadamente. — Afinal, é a única garota nesta parte do oceano Pacífico que me deixa louco de desejo.

— Mas sou eu a única garota nesta parte do oceano Pacífico.

Ela a beijou de leve na testa.

— Neste caso, você tem o solene dever de satisfazer minhas fantasias mais íntimas.

— Eu o faria com prazer se estivéssemos a sós — disse ela com paixão na voz.

— Mas por enquanto tenho de sofrer.

— Eu se eu pedisse a Al que fosse dar uma volta? Ela se afastou e riu.

— Ele não iria muito longe. — Secretamente, Maeve estava sentindo uma onda de felicidade por saber que não havia nenhuma mulher de carne e osso entre eles.

— Você é um homem muito especial — sussurrou. — Do tipo que toda mulher sonha encontrar.

Ele deu um riso solto.

— Nem tanto. Poucas vezes tirei uma mulher do sério.

— Talvez seja porque elas perceberam que você é inatingível.

— E fácil me conquistar se jogarem as cartas certas — gracejou ele.

— Não foi o que eu quis dizer. O mar é a sua amante. Vi isso em seu rosto durante a tempestade. Você não parecia estar lutando com ele, parecia estar seduzindo-o. Que mulher pode competir com um amor tão vasto?

— Você também ama o mar — disse ele com ternura — e a vida que há nele.

Maeve respirou o ar da noite.

— É verdade. Não posso recusar-me a dedicar a vida a ele.

Giordino os interrompeu ao sair da cabine, anunciando que um dos tubos de flutuação estava perdendo ar.

— Passe a bomba — ordenou. — Se eu conseguir encontrar o furo, vou tentar remendá-lo.

— Com o Linda Maeve está se saindo? — perguntou Pitt.

— Como uma dama num concurso de dança — respondeu o italiano. — Ágil e

flexível, com todas as articulações funcionando no ritmo.

— Se ele agüentar até chegar à ilha, vou doá-lo a um museu. Será exposto como o barco mais impossível que acabou dando certo.

— Se toparmos com outra tempestade — disse Giordino —, tudo estará perdido.

— Calou-se e, distraído, olhou para o horizonte negro a sua volta, onde as estrelas se fundiam com o mar. De súbito, ficou tenso. — Estou vendo uma luz a bombordo.

Pitt e Maeve se levantaram e olharam para a direção apontada pelo italiano. Viram uma luz esverdeada, indicando o lado de estibordo de um navio, e uma fileira de luzes brancas de mastro. Parecia estar muito longe, rumando para nordeste.

— Um navio — confirmou Pitt. — A uns cinco quilômetros de distância.

— Não vão nos ver — disse Maeve com ansiedade. — Não temos luzes.

Giordino desapareceu na cabine para voltar logo depois.

— O último foguete de Rodney York — anunciou, erguendo-o no ar.

Pitt olhou para Maeve.

— Você quer ser resgatada?

Ela olhou para o mar escuro que rolava sob o barco e sacudiu a cabeça lentamente.

— Não é uma decisão que eu possa tomar.

— Al, que você diz? Uma boa refeição e uma cama limpa não o tentam?

Giordino sorriu.

— Não tanto quanto a idéia de um novo encontro com o clã Dorsett.

Pitt pôs o braço no ombro de Maeve.

— Sou da mesma opinião.

— Dois dias — murmurou ela, agradecida. — Não consigo acreditar que, em dois dias, vou ver meus filhos novamente.

Pitt ficou um momento calado, pensando no desconhecido que os esperava.

Depois disse delicadamente:

— Você vai revê-los e abraçá-los. Prometo.

Nenhum deles tivera realmente a intenção de se desviar de seu objetivo. As mentes de Pitt e de Giordino funcionavam como se fosse uma só. Tinham entrado numa região na qual já não faziam caso da própria vida. Estavam tão determinados a chegar à ilha Gladiator que não se importaram quando as luzes do navio foram diminuindo e, pouco a pouco, desapareceram na distância.



Quando o cargueiro de navegação costeira com a antena desmontada entrou na baía de Halawa, na Molokai, todas as mãos se alinharam na amurada e todos os olhos se voltaram fascinados para a estranha embarcação ancorada no porto. O navio de duzentos e vinte e oito metros de comprimento, com um bosque de gruas e um mastro de carga de vinte e três andares no centro, parecia ter sido projetado e construído por um exército de engenheiros bêbados e operários hipertônicos. Um enorme heliponto estava suspenso na popa como mero acessório secundário. A alta superestrutura do convés se erguia na extremidade da popa, dando ao navio a aparência geral de um petroleiro. Porém ali cessava toda semelhança. A parte central do casco estava ocupada por um enorme conglomerado de maquinaria, com o aspecto de uma gigantesca pilha de ferragem. Um verdadeiro labirinto de escadas de aço, andaimes e tubulações se acumulava ao redor do mastro de carga, que se erguia e arranhava o céu feito uma torre de lançamento de pesados foguetes espaciais. A casa elevada do castelo de proa não mostrava sinal algum de portinholas, só uma fileira de janelas parecidas com clarabóias, à frente. A pintura descorada apresentava rupturas por onde aflorava ferrugem. O casco era azul-marinho, e a superestrutura, branca. A maquinaria outrora tivera uma miríade de cores, predominando o cinzento, o amarelo e o alaranjado.

— Agora que eu vi isto, posso morrer feliz! - exclamou Gunn.

Molly, a seu lado, olhava com assombro.

— Como foi que o almirante conseguiu arranjar nada menos do que o Glomar Explorer?

— Nem me arrisco a adivinhar — murmurou Gunn, maravilhado como um menino ante o primeiro avião.

O capitão do Lanikai saiu à porta da casa do leme.

O almirante Sandecker está ao telefone navio a navio, comandante Gunn.

Este acenou e, saindo do tom badilho, pegou o telefone.

— Você está uma hora atrasado — foram as primeiras palavras que ouviu.

— Desculpe, almirante. A antena não estava em sua forma mais perfeita. Mandei a tripulação fazer os reparos e a manutenção durante o desmonte, para que tenhamos menos trabalho para remontá-la.

— Boa idéia — concordou Sandecker. — Peça ao capitão para fundear o navio aqui ao lado. Vamos começar a transferir as partes da antena assim que ele lançar âncoras.

— Por acaso é o famoso Glomar Explorer que eu estou vendo? — perguntou Gunn.

— Ele mesmo, com algumas alterações — respondeu Sandecker. — Pegue uma lancha e venha a bordo. Estou esperando no escritório do capitão. Traga a senhorita Faraday.

— Já estamos indo.

Originalmente proposto pelo diretor delegado da Defesa, David Packard, um dos antigos donos da Hewlett-Packard, grande fabricante de produtos eletrônicos, e baseado num velho navio de pesquisa das profundezas, projetado por Willard Bascom e chamado Alcoa Seaprobe, o Glomar Explorer acabou sendo uma joint venture da CIA, da Global Marine Inc. e da Howard Hughes, através de sua empresa irmã que, por fim, tornou-se a Summa Corporation.

A construção ficou a cargo do estaleiro Sun & Dry Dock Company, em suas instalações de Chester, na Pensilvânia, e a gigantesca embarcação foi imediatamente envolta em segredo, com a ajuda de falsas e desorientadoras informações. Foi batizada quarenta e um meses depois, no fim do outono de 1972, uma notável proeza da tecnologia para um navio concebido de modo inteiramente inovador.

Tornou-se, então, famosa por ter recuperado um submarino russo, classe Golf, naufragado, que se encontrava a cinco quilômetros de profundidade em pleno Pacífico. Apesar das reportagens dizendo o contrário, o submarino foi inteiramente resgatado e examinado pedaço por pedaço, uma façanha colossal da espionagem, que pagou generosos dividendos em conhecimento sobre a tecnologia e as atividades dos submarinos soviéticos.

Após seu breve momento de fama, ninguém sabia ao certo o que fazer com o Explorer, de modo que ele finalmente desapareceu nas mãos do governo dos Estados Unidos e foi incluído no "programa naftalina" da Marinha, ou seja, ficou guardado. Até pouco antes, tinha mofado durante mais de duas décadas no fundo da baía de Suisan, a nordeste de San Francisco.

Ao pisar no convés do imenso navio, Gunn e Molly tiveram a impressão de estar caminhando no centro de uma usina hidrelétrica. Vista de perto, a maquinaria era precária. Nada restava do forte esquema de segurança que acompanhou o navio em sua primeira viagem. Eles foram recebidos, no alto da rampa de acesso, pelo segundo oficial.

— Nenhum guarda? — perguntou Molly.

O oficial sorriu e lhes indicou uma escada que levava a um convés abaixo da casa do leme.

— Como se trata de uma operação comercial e não estamos em missão secreta para tirar do fundo do mar um navio de guerra de uma potência estrangeira, as medidas de segurança não são necessárias.

— Pensei que o Explorer estivesse aposentado — disse Gunn.

— Esteve até há cinco meses — respondeu o oficial. — Então, foi emprestada à Deep Abyss Engineering para a exploração do cobre e do magnésio no fundo do mar, duzentos quilômetros ao sul das ilhas havaianas.

— Já começaram as atividades? — quis saber Molly.

— Ainda não. Pelos padrões atuais, boa parte do equipamento do navio é antiquada, e temos de fazer algumas importantes alterações, especialmente na eletrônica. No momento, os motores principais não estão funcionando bem. Assim que forem reparados, partiremos.

Gunn e Molly trocaram um olhar apreensivo, mas evitaram expressar a preocupação. Como que sintonizados na mesma onda, ambos se perguntaram como um navio que mal funcionava podia levá-los aonde deviam ir a tempo de desviar a praga acústica.

O oficial do navio abriu a porta de um espaçoso e elegante camarote.

— Este alojamento foi reservado para Howard Hughes caso ele visitasse o navio, coisa que parece que nunca aconteceu.

Sandecker se aproximou e os cumprimentou.

— Uma obra extraordinária. Vocês dois estão de parabéns. Suponho que o desmonte acabou se tornando um trabalho bem mais difícil do que havíamos calculado.

— A ferrugem atrapalhou muito — admitiu Gunn. — As conexões deram trabalho o tempo todo.

— Nunca ouvi tanto palavrão — disse Molly com um sorriso nos lábios. — Os engenheiros ficaram furiosos, acredite.

— A antena se prestará aos nossos objetivos? — perguntou o almirante.

— Se o mar não se enfurecer e acabar desmantelando tudo — respondeu Gunn —, acho que consegue fazer o trabalho.

Sandecker se voltou e apresentou um homem baixo, atarracado, de pouco mais de quarenta anos.

— Capitão James Quick, estes são minha auxiliar Molly Faraday e o comandante Rudi Gunn.

— Bem-vindos a bordo — disse Quick, apertando-lhes as mãos. — Quantos mais vêm com vocês?

— Contando a senhorita Faraday e eu, somos uma equipe de trinta e um homens e cinco mulheres — respondeu Gunn. — Espero que o número não cause problemas.

Quick fez um gesto para tranquilizá-lo.

— Não se incomode. Temos tantos alojamentos vazios que não sabemos o que fazer com eles. E há comida para dois meses.

— O segundo oficial disse que vocês estão com problemas nos motores.

— É verdade — confirmou Sandecker. — O capitão me disse que ainda não definiu a hora da partida.

— Quer dizer que o problema é grave — murmurou Gunn.

— Um obstáculo totalmente imprevisto, Rudi. Eu lamento.

Quick pôs o quepe e se dirigiu à porta.

— Vou reunir os operadores de grua e mandar que comecem a trazer a antena de seu navio.

Gunn o seguiu.

— E eu vou dirigir a operação no Lanikai.

Assim que ficaram a sós, Molly olhou para Sandecker com todo respeito.

— Como foi que o senhor conseguiu convencer o governo a lhe emprestar o Glomar Explorer?

— Passei por cima de Washington e fiz à Deep Abyss Engineering uma oferta irrecusável.

Molly o encarou.

— O senhor comprou o Glomar Explorer?

— Eu o fretei — corrigiu ele. — Custou-me um braço e a metade de uma perna.

— E o orçamento da ANPS consegue bancar essa despesa?

— As circunstâncias impunham uma negociação rápida. Eu não tinha como pechinchar com tantas vidas em jogo. Se conseguir provar que estamos com a razão quanto à convergência acústica mortal, arrancarei o dinheiro do Congresso. E, por segurança, consegui uma cláusula referente ao desmonte do navio.

— Achar o Explorer logo depois de a Marinha se haver recusado a ceder o

Roosevelt foi tropeçar numa mina de ouro.

— O que a sorte dá, a sorte toma. — Sandecker sacudiu lentamente a cabeça. — O Explorer está na Molokai porque os eixos dos hélices ficaram avariados durante uma viagem à Califórnia. Se vai conseguir zarpar a tempo e levar-nos à zona de convergência é uma questão em aberto.

As enormes gruas de estibordo, usadas para içar maquinário, não tardaram a ser estendidas para fora, sobre o convés de carga aberto do Lanikai. Os cabos desceram; presas aos ganchos, as partes da antena foram içadas a bordo do Glomar Explorer e empilhadas em seqüência numerada, para facilitar a montagem, numa área aberta do convés.

Duas horas depois, a transferência havia terminado e as peças estavam amarradas a bordo do Explorer. O pequeno navio cargueiro levantou âncoras, apitou para se despedir e começou a sair do porto: estava cumprida a sua missão no projeto. Gunn e Molly acenaram quando o Lanikai, empurrando lentamente as águas verdes da baía, rumou para alto-mar.

Os membros da equipe da ANPS receberam alojamento e uma merecida refeição, preparada na luxuosa cozinha do Explorer, antes de se recolher nos camarotes, que não eram usados desde que o navio resgatou o submarino soviético das águas profundas do Pacífico. Tendo assumido o papel de dona de casa, Molly ia de um a outro membro da equipe, buscando certificar-se de que ninguém adoecera nem se ferira durante o desmonte da antena.

Gunn voltou ao luxuosíssimo camarote outrora reservado ao excêntrico Howard Hughes. Sandecker, o capitão Quick e outro homem, que foi apresentado como Jason Toft, o engenheiro-chefe do navio, estavam sentados ao redor de uma pequena mesa.

— Aceita um conhaque? — ofereceu Quick

— Sim, obrigado.

linvolto em fumaça de charuto, Sandecker tomou um gole do líquido dourado de seu copo. Sua expressão não era precisamente de euforia.

— O senhor Toft acaba de me informar que o navio não poderá zarpar antes que cheguem peças importantes do continente.

Gunn sabia que o almirante estava agitadíssimo por dentro, muito embora exteriormente se mostrasse frio como um balde de gelo. Olhou para Toft.

— Quando espera que cheguem essas peças, engenheiro?

— Estão vindo de Los Angeles agora, de avião —

respondeu o homenzinho barrigudo e de pernas curtas.

— Deve aterrissar dentro de quatro horas. O helicóptero do navio está aguardando no aeroporto de Hilo, na maior ilha do Havaí, para trazer as peças diretamente ao Explorer.

— Qual é exatamente o problema? — quis saber Gunn.

— Os mancais de escora — explicou Toft. — Por algum motivo estranho, talvez porque a CIA tenha apressado a construção, os eixos dos hélices não foram corretamente balanceados. Durante a viagem de San Francisco para cá, a vibração acabou fazendo rachar os tubos de lubrificação, de modo que o fluxo de óleo aos mancais foi cortado. Devido ao atrito, à fadiga do metal, ao desgaste ou ao que for, o eixo de bombordo parou quando estávamos a umas oitocentas milhas da Molokai. O hélice de estibordo mal conseguiu nos trazer até aqui e, pouco depois, seu mancal de escora também encrencou.

— Como já lhe disse, estamos trabalhando com prazo mínimo.

— Compreendo perfeitamente o seu dilema, almirante. Minha equipe da casa das máquinas vai trabalhar como louca para o navio zarpar, mas não pode fazer

milagre. Devo avisá-lo de que os mancais de escora são apenas uma parte do problema. Os motores, embora tenham sido pouco usados, já que levaram o navio da Costa Leste ao meio do Pacífico e depois de volta à Califórnia, nos anos 70, passaram vinte anos sem receber o menor cuidado e estão num estado lastimável. Mesmo que consigamos fazer um eixo funcionar, não há garantia de que não volte a encrencar quando sair do porto.

— O senhor tem as ferramentas necessárias para o serviço? — perguntou Sandecker, pressionando Toft.

— O mancal de estibordo já foi removido. Não será difícil substituí-lo. No entanto, o de bombordo só pode ser consertado num estaleiro.

Gunn se dirigiu ao capitão Quick.

— Não compreendo por que a empresa não fez os reparos necessários num estaleiro quando o Explorer saiu da "aposentadoria" em San Francisco.

— A culpa é do pessoal da contabilidade — disse Quick dando de ombros. — O engenheiro Toft e eu recomendamos muito que o barco fosse submetido a uma revisão antes de zarpar para o Havai, mas a gerência não me deu ouvidos. Ele só ficou no estaleiro para que se removessem boa parte das antigas gruas e as instalações do sistema de sondagem. Quanto à manutenção padrão, disseram que era desperdício de dinheiro e que qualquer falha mecânica podia ser reparada no mar ou depois que chegássemos a Honolulu, o que obviamente não conseguimos fazer. E, ainda por cima, estamos com falta de pessoal. A tripulação original era de cento e setenta e dois homens; pois estou com sessenta pessoas a bordo, a maior parte operadores de grua e mecânicos para manter a maquinaria. Doze são geólogos, engenheiros navais e especialistas em eletrônica. Ao contrário dos projetos da ANPS, almirante, a nossa é uma operação pé-de-boi.

— Sinto muito, capitão — disse Gunn. — Entendo a sua situação.

— Quando poderemos zarpar? — perguntou Sandecker a Toft, esforçando-se por dissimular o cansaço das últimas semanas.

— Em trinta e seis horas, talvez um pouco mais.

A sala ficou em silêncio. Todos se voltaram para o almirante, que, por sua vez, cravou no engenheiro o olhar frio de um criminoso serial.

— Vou lhe explicar mais uma vez — disse sem rodeios — e da maneira mais cândida possível. Se não estivermos no lugar da convergência, com a antena posicionada na água, daqui a trinta e cinco horas, morrerão mais pessoas do que as que habitam alguns países pequenos. Não se trata de fantasia de um lunático nem do roteiro de um filme de ficção científica. Trata-se da vida real, e eu não estou disposto a ficar olhando para um mar de cadáveres e dizer "Puxa, se eu tivesse me esforçado um pouco mais, teria conseguido evitar isto". Custe a mágica que custar, engenheiro, a antena precisa estar na água, na posição correta, depois de amanhã antes das oito horas.

— Não vou prometer o impossível — disse Toft com ar muito sério. — Mas, se não conseguir resolver o problema a tempo, não será por falta de esforço de meu pessoal.

Esvaziou o copo e saiu da sala, batendo a porta.

— Acho que o senhor deixou o meu engenheiro-chefe zangado — disse Quick a Sandecker. — Não foi um tanto exagerado jogar toda a culpa nele se a operação não der certo?

Sandecker olhou pensativo para a porta fechada.

A situação é das mais difíceis, capitão. Eu não planejei as coisas assim, muito menos para que a culpa recaia sobre os ombros do engenheiro Toft. Mas, queiramos ou não, esse homem tem nas mãos o destino de todos os seres

humanos da ilha de Oahu.

As três e meia da tarde seguinte, exausto e sorridente, Toft entrou na casa do leme e anunciou a Sandecker, a Gunn e ao capitão Quick

— O mancal de escora de bombordo foi substituído. Podemos zarpar, mas a velocidade máxima que alcançaremos será de cinco nós, com uma pequena margem a mais ou a menos.

Sandecker agarrou a mão do engenheiro.

— Deus o abençoe, Toft!

— A que distância fica a zona de convergência? —

perguntou Quick

— A oitenta milhas marítimas — respondeu Gunn sem hesitação, já que tinha repassado o trajeto mentalmente mais de doze vezes.

— Uma margem mínima — disse o capitão com desconforto. — Navegando a cinco nós, vamos demorar dezesseis horas, o que significa que estaremos chegando poucos minutos antes das oito.

— Oito horas — repetiu Gunn num quase sussurro. — Exatamente a hora em que Yaeger previu a convergência.

— Uma margem mínima — ecoou Sandecker —, mas o engenheiro Toft nos deu uma chance de lutar.

O rosto de Gunn adquiriu um ar sombrio.

— Espero que o senhor tenha se dado conta, almirante, de que, se chegarmos à região e formos atingidos pela convergência, todos podemos morrer.

Sandecker olhou para os outros três homens sem mudar de expressão.

— Sim — disse em voz baixa — todos podemos morrer.



Pouco depois de meia-noite, Pitt observou as estrelas pela última vez e, à luz da meia-lua, marcou a carta náutica. Se seus cálculos estivessem certos, avistariam a *Gladiator* em algumas horas. Pediu a Maeve e Giordino que se mantivessem em alerta enquanto ele se outorgava o luxo de uma hora de sono. E foi com a impressão de que acabava de adormecer que sentiu Maeve sacudindo-o delicadamente.

— Seus cálculos foram perfeitos — disse ela, sem ocultar a excitação. — A ilha está à vista.

— Um bellissimo trabalho de navegação, compadre — parabenizou-o o italiano. — E chegamos mais depressa do que você esperava.

— Ainda bem — riu Maeve. — As folhas mortas já estão começando a desprender das velas.

Pitt olhou para a noite, porém não viu mais do que o reflexo das estrelas e da lua no mar. Chegou a abrir a boca para dizer que não estava vendo nada quando um fecho de luz passou no horizonte, seguido de um forte brilho avermelhado.

— Sua ilha tem farol? — perguntou a Maeve.

— Sim, um farol pequeno à beira do vulcão do sul.

— Pelo menos não se pode dizer sua família não fez nada pela navegação marítima.

Maeve riu.

— Meus bisavós não estavam preocupados com os marinheiros perdidos quando o construíram. Seu objetivo sempre foi o de alertá-los para que desviassem da ilha e não pensassem em desembarcar.

— Naufragaram muitos barcos por aqui? Ela olhou para as mãos e as uniu.

— Quando eu era menina, papai sempre falava nos navios que tinham sido jogados contra as rochas.

— E os sobreviventes? Ela sacudiu a cabeça.

— Nunca se falou em tentativas de salvamento. Ele sempre dizia que as pessoas que pusessem os pés na ilha *Gladiator* sem ser convidadas tinham encontro marcado com Satanás.

— Como assim?

— Queria dizer que os gravemente feridos eram assassinados, e os sobreviventes mais capazes, obrigados a trabalhar nas minas até a morte. Ninguém jamais conseguiu fugir de lá para contar as atrocidades.

— Você conseguiu.

— Não adiantou — disse ela com tristeza. — Ninguém aceitou a minha palavra contra a de minha família. Quando tentei explicar a situação às autoridades, meu

pai simplesmente as comprou.

— E os operários chineses que trabalham nas minas hoje em dia? Quantos ainda estão inteiros?

Maeve estava com a expressão tensa.

— Quase todos acabam morrendo devido ao calor extremo no fundo das galerias.

— Calor? — Pitt ficou curioso. — De onde vem esse calor?

— O vapor sobe pelas brechas nas rochas. Giordino olhou pensativo para Pitt.

— O lugar perfeito para fundar um sindicato.

— Vou desembarcar dentro de umas três horas — disse Pitt. — Até lá, temos tempo de mudar de idéia, evitar a ilha e fugir para a Austrália.

— Neste mundo violento e implacável — disse o italiano —, não vale a pena viver sem um bom desafio de vez em quando.

— Falou a espinha dorsal dos Estados Unidos — sorriu Pitt. Depois, olhou para a Lua, como que a avaliá-la. — Acho que temos luz suficiente para fazer o serviço.

— Você ainda não explicou como iremos para a praia sem ser vistos pelos guardas de meu pai.

— Primeiro, fale-me dos penhascos que rodeiam a ilha Gladiator.

Maeve o fitou, intrigada; depois deu de ombros.

— Não há muito a dizer. Os penhascos cercam toda a massa de terra, com exceção da lagoa. Na praia ocidental, as ondas são violentíssimas. O lado leste é mais calmo, embora também perigoso.

— Existe alguma enseada, na margem oriental, com praia de areia e aberturas naturais na rocha que penetrem os penhascos?

— Lembro-me de duas. Uma delas tem uma boa entrada, mas a praia é minúscula. A outra é mais estreita, porém com um trecho mais largo de areia. Se está pensando em desembarcar numa delas, é melhor mudar de idéia. As escarpas se erguem quase verticalmente a uns cem metros de altura. Nem mesmo um alpinista profissional dotado das últimas técnicas e do melhor equipamento seria louco de tentar escalar aqueles rochedos de madrugada.

— Pode nos guiar à enseada estreita, com a praia mais espaçosa?

— Você não me escutou? — disse Maeve. — É mais fácil escalar o Evereste com um furador de gelo. Sem falar nos guardas. Eles patrulham os rochedos de hora em hora.

— Também durante a noite?

— Papai não dá chance aos ladrões de diamantes — disse ela, como se estivesse explicando uma coisa a uma criança.

— Como é a patrulha?

— Dois homens que fazem o circuito completo da ilha durante o seu turno. São seguidos por outra dupla no espaço de uma hora.

— Eles conseguem ver a praia do alto do penhasco?

— Não. O rochedo é íngreme demais para que se possa olhar diretamente para baixo. — Maeve o fitou, os olhos muito abertos e interrogativos ao luar. — Porque está fazendo tantas perguntas sobre o lado de trás da ilha? A lagoa é o único caminho por onde se pode entrar.

Pitt se voltou para Giordino.

— Esta moça tem um corpo irresistível, mas a cabecinha é a de um cético.

— Não se aborreça com isso — respondeu o italiano, bocejando. — As mulheres também não costumam acreditar em mim.

Pitt olhou para as rochas nas quais os sobreviventes dos naufrágios prefeririam ter se afogado a passar as indizíveis misérias a que eram submetidos os escravos

das minas de diamante de Dorsett. Durante muito tempo, ante os penhascos da ilha Gladialor, que se elevavam na escuridão, ninguém no Linda Maeve se moveu nem falou. Pitt olhou para as costas de Maeve, estendida de bruços na proa, atenta às pedras no mar. Olhou também para Giordino, viu-o balançar a cabeça lentamente, esperando o aviso para ligar o motor de popa.

A luz do luar estava mais clara do que ele se atrevera a esperar. Era suficiente para iluminar as íngremes paliçadas, mas escassa o bastante para evitar que o Linda Maeve fosse visto pelos vigias no penhasco.

Por outro lado, o mar estava colaborando. Sua superfície lisa não apresentava mais do que pequenas ondulações à brisa suave. Sem vento do leste, Pitt achou melhor fazer planos de penetrar na ilha com cuidado e voltou a embarcação num curso paralelo à linha do litoral. A setenta metros, uma mancha branca e horizontal, adornada de fosforescência, cresceu na escuridão. Acompanhava-a o suave rufar do mar de encontro às rochas.

Ao contornar a extremidade da ilha, com o pequeno veleiro protegido da luz do farol pela encosta do vulcão, Pitt se sentiu como um presidiário dos velhos filmes, tentando pular um muro varrido pelos holofotes dos carcereiros. Curiosamente, todos passaram a cochichar como se, apesar do rumor das vagas, pudessem ser ouvidos.

— A que distância estamos da enseada? — ele perguntou a Maeve.

— Acho que a um quilômetro do farol — respondeu ela, sem se voltar.

O barco tinha desviado consideravelmente depois de virar de leste para norte, ao longo da costa; ante a dificuldade para manter um curso estável, Pitt fez um sinal para que Giordino ligasse o motor. Os três corações dispararam subitamente quando o italiano puxou a corda dez, vinte, trinta vezes sem sucesso. Parou, massageou o braço cansado, olhou ameaçadoramente para o antigo motor de popa e se pôs a falar com ele:

— Se você não pegar agora, eu vou espedaçá-lo e jogá-lo no mar peça por peça. — Então, segurando a corda com firmeza, puxou com toda força. O motor tossiu, roncou, o exaustor bufou alguns segundos, e finalmente começou a funcionar, com um rosnado constante. O italiano enxugou o suor do rosto e abriu um sorriso de satisfação. — Mais uma manifestação da lei de Giordino — disse, tomando fôlego. — No fundo, todos os motores têm medo de banho de mar.

Agora que o amigo pilotava a embarcação com o motor de popa, Pitt arriou as velas e foi buscar o papagaio na cabine. Habilmente, desenrolou um rolo de corda fina que estava no convés. Depois, amarrou nela, pouco abaixo do lugar onde estava atada a pipa, uma fateixa encontrada no acampamento de York. Então, sentou-se e aguardou, sabendo, no íntimo, que seu plano tinha uma única chance de dar certo e muitas de fracassar.

— Passar a bombordo — avisou Maeve, apontando para a esquerda. — Há pedras uns cinquenta metros a nossa frente.

— Passando a bombordo — confirmou Giordino, puxando a cana do leme e aproando num ângulo de vinte graus na direção da praia. E, até colocar o barco em segurança, ficou de olho na água branca que rodopiava em torno de várias rochas negras que emergiam.

— Viu alguma coisa, Maeve? — perguntou Pitt.

— Não tenho certeza. Nunca tentei localizar essa droga de enseada no escuro.

Pitt examinou as ondas. Estavam se tornando mais verticais e mais próximas umas das outras.

— Está ficando raso. Mais uns trinta metros e teremos de virar para o mar aberto.

— Não, não — disse Maeve com entusiasmo na voz. — Acho que estou vendo uma fenda nos rochedos. Tenho certeza. E a enseada que leva à praia maior.

— A que distância?

— A sessenta ou setenta metros — ela respondeu, colocando-se de joelhos e apontando para os penhascos.

Então Pitt a viu também. Uma abertura vertical na face das paliçadas, que mergulhava na escuridão onde o luar não chegava. Umedeceu o dedo e testou o vento. Continuava constante, vindo do leste.

— Dez minutos — rogou consigo mesmo. — Só preciso de dez minutos. — Voltou-se para Giordino. — Al, você consegue nos manter numa posição estável a uns trinta metros da entrada?

— Vai ser difícil, por causa das ondas.

— Faça o possível. — Olhou para Maeve. — Pegue o leme e rume diretamente para os vagalhões. Combine seus esforços com os de Al para evitar que o barco gire de costado.

Pitt desdobrou o papagaio improvisado. Estendida, a superfície media quase dois metros e meio de altura. Ele o segurou sobre a lateral do barco, satisfeito ao vê-lo saltar-lhe das mãos quando a brisa soprou em sua superfície curva. Deu linha, e a pipa foi subindo, mergulhando no céu da madrugada.

Maeve percebeu subitamente a genialidade do plano.

— O gancho! — exclamou. — Você está tentando erguê-lo com o papagaio até prendê-lo no alto dos penhascos e usar a corda para galgá-los!

— A idéia é essa — respondeu ele, observando a forma obscura da pipa apenas visível ao luar.

Controlando habilmente a alavanca Frente/Ré do motor de popa, Giordino executava um trabalho de mestre, mantendo a embarcação no mesmo lugar. Não falou nem tirou os olhos do mar para acompanhar as ações do amigo.

Não listava rogado por um vento constante, porém obteve mais do que isso. A brisa do mar, encontrando a resistência das altas paliçadas, desviava-se numa curva ascendente, subindo ao topo da alcantilada muralha. O enorme papagaio puxou, e a corda quase lhe escapou das mãos. Ele usava uma das mangas de seu surrado blusão de couro como luva protetora, para evitar que o fio lhe cortasse as mãos. O empuxo quase lhe destrancou os braços, obrigando-o a cerrar os dentes e a segurar com firmeza. Estava com o pensamento acochado por mil possibilidades nefastas. Tudo podia frustrar-lhe os planos: uma brusca mudança na direção do vento, que esmagasse a pipa nas rochas; a perda do controle do barco por parte de Giordino, sob o ímpeto das ondas; a fateixa não se prendendo ao rochedo; uma patrulha que aparecesse na hora errada e os descobrisse...

Repelindo toda idéia de fracasso, tratou de apurar ao máximo os sentidos. Na escuridão da noite, apesar da ajuda do luar, não tinha como julgar com precisão se a fateixa havia chegado acima da borda do penhasco. Sentiu, por baixo do couro do blusão, o nó que tinha feito para marcar quando a corda tivesse se alçado a cem metros. Calculou grosseiramente vinte metros a mais antes de soltá-la. Livre da resistência ao vento, a pipa começou a ziguezaguear e a cair.

Pitt experimentou um grande alívio no espírito e no corpo ao dar uma série de puxões na corda e senti-la presa. A fateixa tinha cravado os ganchos na pedra à primeira tentativa e estava firmemente presa.

— Aproxime mais o barco, Al. Já temos como subir.

O italiano estava esperando aquela ordem. Sua luta por manter a embarcação numa posição fixa, apesar das constantes arremetidas das ondas, era um modelo de destreza e sensibilidade. Com alegria, empurrou a alavanca do motor para a

posição Frente, aumentou a aceleração e conduziu o Linda Maeve, por entre as rochas, até a entrada da fenda que se abria na base do penhasco.

Maeve retornou à proa, a observar o mar, guiando Giordino pelas águas negras que se mostravam mais serenas à medida que eles penetravam a enseada.

— Olhem a praia! — exclamou. — Estão vendo aquela faixa de areia a uns quinze metros, a estibordo?

Um minuto depois, a proa tocou a areia macia. Pitt olhou para Maeve.

As colinas encobriam a luz do luar, de modo que suas feições eram pouco visíveis.

— Você está em casa.

Ela ergueu a cabeça e olhou entre os rochedos, para a estreita nesga de céu estrelado que parecia a anos-luz de distância.

— Não, Dirk, ainda não.

Pitt não tinha soltado a corda com a fateixa presa no alto do rochedo. Depois de colocar o blusão de couro nos ombros de Maeve, deu um forte puxão na corda.

— Vamos sair daqui antes que passe uma patrulha.

— É melhor eu subir primeiro — disse Giordino. — Sou o mais forte.

— Quanto a isso não há dúvida — sorriu Pitt. — De todo modo, acho que seria a sua vez.

— Ah, sim, claro — lembrou-se o italiano. — Preciso compensar aquela ocasião em que eu fiquei impotente feito uma lesma, quando um terrorista cortou a sua corda de segurança enquanto você nadava naquela depressão nos Andes...

— Tive de subir usando um par de chaves de fenda.

— Conte-me essa história outra vez — pediu Giordino com sarcasmo. — Nunca me canso de ouvi-la.

— Mais tarde. Fique de olho na patrulha.

O italiano fez que sim e, segurando a corda fina, deu-lhe um violento puxão, para testar sua imobilidade.

— Essa coisa agüenta o meu peso? Pitt deu de ombros.

— Tomara que sim.

Giordino olhou feio para ele e começou a subir pela parede quase perpendicular do rochedo. Não tardou a desaparecer na escuridão; Pitt, por sua vez, ficou segurando a extremidade da corda para mantê-la tesa.

— Procure umas rochas salientes e amarre o barco pela proa e pela popa — ordenou a Maeve. — Se as coisas não derem certo, vamos precisar do Linda Maeve para dar o fora.

Ela o fitou, intrigada.

— De que outra maneira você esperava escapar?

— Eu sou meio preguiçoso. Tenho esperança de conseguir roubar um dos iates de seu pai, ou talvez um avião.

— Acaso você tem algum exército no qual eu ainda não reparei?

— Está olhando para a metade dele.

A conversa cessou quando eles contemplaram a escuridão, especulando sobre os progressos de Giordino. O único sinal de seus movimentos eram as vibrações na corda.

Passados trinta minutos, ele parou para tomar fôlego. Sentia dores nos braços, como se mil demônios o estivessem espicaçando. A subida tinha sido bastante rápida, considerando a irregularidade das rochas. Teria sido impossível subir sem a corda. Mesmo com ferramentas adequadas ao alpinismo, tendo de avançar no escuro, metro a metro, tateando em busca de apoio, cravando estacas e prendendo as cordas, a escalada teria durado umas seis horas. Ele descansou um

único minuto e recomeçou a penosa ascensão. Embora cansado, continuou subindo, contornando saliências, aproveitando-se de outras. Estava com a palma das mãos esfolada de tanto segurar a fina corda de náilon conservada por Rodney York de tanto seguir galgando. Uma corda que mal sustentava a sua corpulência, mas que não podia ser mais grossa, pois tinha de erguer a fateixa e enganchá-la no cume do rochedo. Se fosse um pouco mais pesada, o esforço teria sido inútil. Deteve-se para olhar para a sombria borda do cume projetada contra o firmamento. Cinco metros, calculou, cinco metros para chegar. Estava respirando com dificuldade, o peito e os braços machucados no atrito com as pedras invisíveis na escuridão. Sua força colossal estava a ponto de esgotar-se. Os últimos metros teriam de ser escalados unicamente por conta de sua força de vontade, indestrutível e sólida como a rocha que escalava. E ele seguiu em frente. Recusava-se a deter-se novamente enquanto fosse capaz de prosseguir. Então, de súbito, o chão do topo da colina abriu-se ante seus olhos, estendendo-se horizontalmente. Bastava um último esforço, subir e deixar-se cair, ouvindo as batidas do coração, o dilatar-se dos pulmões, a sugar e expelir o ar com avidez de moribundo.

Nos três minutos seguintes, ele ficou estendido e imóvel, fruindo o prazer de haver realizado o último e doloroso esforço.

Olhando ao redor, descobriu que estava deitado num caminho que chegava até a beira do precipício. Poucos metros mais adiante, erguia-se um hostil aglomerado de árvores e arbustos. Não vendo sinal de luz ou movimento, examinou a corda e constatou que a fateixa estava bem presa a uma saliência da pedra. Era incrível, mas idéia maluca de Pitt tinha dado certo. Satisfeito, colocou-se de pé. Desamarrrou o papagaio e o ocultou na vegetação perto do caminho; depois, voltou à beira do precipício e puxou duas vezes a corda, cujas ondulações desapareceram na escuridão. Lá embaixo, Pitt se voltou para Maeve:

— É a sua vez.

— Acho que não vou conseguir — disse ela, nervosa. — Tenho medo de altura.

Ele fez um laço, passou-o pelos ombros dela e o prendeu em sua cintura.

— Segure firme na corda, incline o corpo, afastando-se do rochedo, e procure subir como que caminhando encosta acima. Al vai puxá-la lá do alto.

Pela pressão na cintura, Maeve sentiu que começava a subir. Fechando os olhos, começou a andar como lagartixa na face vertical do rochedo.

Lá no alto, com os braços muito entorpecidos para erguer Maeve com as próprias mãos, Giordino acabava de descobrir uma reentrância lisa na pedra, que não danificaria nem cortaria as fibras de náilon. Ali inseriu a corda, passou-a por cima do ombro e, inclinando o corpo para a frente, avançou tropeçadamente pelo caminho, puxando o peso de Maeve.

Ela não demorou doze minutos para aparecer na borda, os olhos firmemente fechados.

— Bem-vinda ao cume do Evereste — saudou-a o italiano com um sorriso.

— Graças a Deus que cheguei! — gemeu ela agradecida, abrindo os olhos pela primeira vez desde que começara a subir. — Duvido que consiga fazer isso novamente.

Giordino a desamarrrou.

— Fique vigiando enquanto eu ajudo Dirk. As colinas ao norte são bem visíveis, mas o caminho, no sul, fica encoberto por um aglomerado de rochas a uns cinqüenta metros daqui.

— Eu sei — disse Maeve. — Elas têm o interior côncavo e uma espécie de parapeito natural. Deirdre e eu costumávamos brincar ali e fazer de conta que

éramos rainhas. Chama-se o Castelo. Há um pequeno lugar de descanso com um telefone para os guardas.

— Temos de trazer Dirk para cá antes que passe a próxima patrulha — disse Giordino, descendo cuidadosamente a corda.

Pitt teve a impressão de haver sido içado ao cume do penhasco no tempo que se demora para fritar um ovo. Porém, menos de dez metros antes de chegar à borda, sua ascensão se deteve bruscamente. Nenhuma palavra de aviso ou encorajamento, nada mais que o silêncio. Só podia significar uma coisa: a sorte os abandonara, uma patrulha devia estar se aproximando. Sem poder ver o que estava acontecendo lá em cima, pressionou o corpo na pequena greta, rígido e imóvel, tentando escutar os ruídos da noite.

Ao ver uma luz sair de trás da parede do Castelo, Maeve avisou Giordino imediatamente. Este tratou de enrolar depressa a corda num tronco, para manter a tensão, de modo que Pitt não fosse jogado de volta à praia; espalhou terra e folhas secas sobre a parte visível da corda, mas não teve tempo de esconder a fiteixa.

— E Dirk? — cochichou Maeve, nervosa. — Pode não imaginar o que está acontecendo e nos chamar.

— Ele compreenderá que algo está errado e ficará quietinho feito um camundongo — respondeu Giordino, enquanto a empurrava para trás de uma moita junto ao caminho. — Esconda-se aí e não se mexa enquanto os guardas não tiverem ido embora.

O facho solitário de luz crescia inexoravelmente. Tendo percorrido cem vezes aquele circuito nos últimos quatro meses, sem ver nada de extraordinário, os dois homens deviam estar relaxados e distraídos. A inação rotineira levava ao tédio e à indiferença. Eles deviam ter passado, vendo simplesmente as rochas de sempre, as mesmas curvas no caminho, ouvindo o mesmo ruído abafado das ondas a quebrar nas pedras lá embaixo. Mas aqueles homens eram muito bem treinados e muito bem pagos. Entediados sim, mas não letárgicos. Giordino sentiu o coração disparar ao ver que os guardas iam examinando cada centímetro do caminho. Afinal, ele não podia saber que Dorsett oferecia um prêmio de vinte e cinco mil dólares pela mão decepada de qualquer ladrão de diamante apanhado. O que era feito do resto do corpo não se sabia, e muito menos se discutia. Aqueles homens levavam seu trabalho a sério.

Notaram algo e detiveram-se bem diante de Maeve e Giordino.

— Ei, ali há uma coisa que a outra patrulha não viu ou que não estava aqui há uma hora.

— Que está vendo? — perguntou o outro.

— Parece um gancho de barco. — O primeiro guarda se ajoelhou e afastou a apressada camuflagem. — Ora, ora, está preso a um corda que desce pelo rochedo.

— É a primeira tentativa de entrar na ilha pelo rochedo depois daquele grupo de contrabandistas canadenses que pegamos há três anos.

Com medo de se aproximar demais da beira do abismo, o guarda apontou a lanterna para a face do penhasco, mas nada viu. Seu colega sacou uma faca, disposto a cortar a corda.

— Quem estiver lá embaixo, esperando para subir, vai ficar muito decepcionado. Maeve engoliu em seco quando Giordino saiu de trás da moita.

— Porra, será que vocês não têm nada melhor a fazer do que ficar passeando por aí de madrugada?

O primeiro guarda ficou paralisado, a mão que empunhava a faca erguida no ar.

O segundo se voltou e apontou para o italiano o fuzil de assalto Bushmaster M-16.

— Fique onde está. Do contrário eu atiro.

Giordino obedeceu, mas retesou os músculos da perna, pronto para saltar. O medo o invadiu ao pensar que, em questão de segundos, Pitt podia estar se precipitando nas pedras lá embaixo. Porém o guarda ficou pálido e baixou a arma. Seu colega olhou para ele.

— Que há com você?

Calou-se de repente ao ver uma mulher entrar no facho de luz da lanterna. Sua expressão não era de medo e sim de raiva.

— Baixem essas armas, seus idiotas, e comportem-se como foram treinados! — ela gritou.

O guarda apontou a lanterna para Maeve. Passou um momento paralisado pela surpresa, olhando atentamente para o seu rosto. Por fim murmurou:

— Senhorita Dorsett?

— Fletcher — corrigiu ela. — Maeve Fletcher.

— Eu... Disseram-me que a senhora tinha morrido afogada.

— Estou com cara de quem morreu no mar? — Com a blusa e o short rasgados, Maeve não tinha certeza do efeito de sua aparência sobre os guardas. Mas sabia, sem dúvida, que não parecia a filha de um miliardário rei do diamante.

— Posso lhe perguntar o que está fazendo aqui a esta hora da madrugada? — perguntou o guarda, educadamente mas com firmeza.

— Meu amigo e eu resolvemos dar uma volta. O segurança com a faca não acreditou.

— A senhora me desculpe — disse, segurando a corda com a mão livre, pronto para cortá-la com a outra —, mas alguma coisa aqui está muito esquisita.

Maeve se aproximou e o esbofeteou de pronto. A surpreendente manifestação de autoridade fez hesitar ambos os guardas. Com a rapidez de uma serpente ao dar o bote, Giordino atacou o segurança mais próximo, arrebatando-lhe o fuzil e arremetendo com a cabeça em seu estômago. O homem dobrou o corpo numa violenta convulsão e caiu de costas. Perdendo o equilíbrio, o italiano tropeçou nele. No mesmo instante, Maeve avançou contra o segurança que ia cortar a corda de Pitt, mas ele desferiu uma forte bofetada com o dorso da mão, que a atingiu na lateral da cabeça e a deteve. A seguir, deixando cair a faca, pegou o fuzil e, com o dedo no gatilho, apontou-o para o peito de Giordino.

Este compreendeu que era um homem morto. Caído sobre o outro segurança, não tinha tempo para defender-se. Era impossível fazer algum movimento antes que ele disparasse. Não lhe restava senão enrijecer o corpo e esperar o impacto da bala.

Mas não se ouviu nenhum disparo, nenhum projétil lhe rasgou a carne.

Sem que ninguém notasse, uma mão segurando uma arma assomou na beira do precipício e arrancou o fuzil das mãos do guarda. E, antes que tivesse tempo de respirar, este foi jogado no espaço. Seu derradeiro grito de pavor ecoou no escuro vazio. Depois, ficou abafado e silenciou como se coberto por uma mortalha.

Então, iluminada pela lanterna caída, a cabeça de Pitt apareceu na borda do rochedo. Seus olhos brilharam no clarão da luz e um leve sorriso passou por seus lábios.

— Acho que esse cara não vai nos dar mais trabalho.



Maeve abraçou Pitt.

— Você não podia ter chegado em momento mais oportuno.

— Por que não usou essa sua pistolinha? — perguntou Giordino.

Pitt tirou a minúscula arma do bolso de trás e a segurou na palma da mão.

— Como o guarda com a lanterna não me viu escondido na fenda da rocha, esperei um minuto e, então, tratei de subir sozinho até o cume para ver o que estava acontecendo. Quando vi que você ia levar um tiro, não tive tempo para sacar a pistola e mirar. Então, fiz a única coisa que podia fazer.

— Ainda bem que foi assim — disse Maeve ao italiano.

— Do contrário você não estaria vivo para contar a história.

Giordino não bancou o sentimental.

— Na próxima oportunidade, eu me livro desse lixo. — Olhou pra o chão, onde o guarda continuava encolhido em posição fetal, segurando o abdômen. Pegou o M-16 e examinou o pente de balas. — Bela aquisição para o nosso arsenal.

— Que faremos com ele? — indagou Maeve. — Vamos jogá-lo ao mar?

— Não seja tão radical — respondeu Pitt. Instintivamente, olhou em ambas as direções do caminho que passava pelos penhascos. — Ele não pode nos fazer mal agora. É melhor amordaçá-lo, amarrá-lo e deixar que seus amigos o encontrem.

— A próxima patrulha só vai aparecer daqui a uns cinquenta minutos — disse Giordino, puxando rapidamente a corda de náilon ainda presa na borda do precipício. — Isso nos dá uma boa vantagem.

Minutos depois, o segurança, com os olhos arregalados de medo, vestindo unicamente a cueca, estava pendurado no ar pela fateixa, dez metros abaixo da borda do rochedo. A corda de náilon estava firmemente enrolada em seu corpo, feito um casulo.

Com Maeve a guiá-los, seguiram pela trilha. Giordino se armara da pequena pistola, enquanto Pitt, com a farda do guarda, levava o Bushmaster M-16. Já não se sentiam expostos e desamparados. Era irracional, pensou Pitt, pois devia haver outros seguranças vigiando as minas e a praia. E esse não era o pior problema. Agora que não podiam retornar ao Linda Maeve, teriam de procurar outro meio de transporte, um plano que Pitt sempre trouxera consigo, muito embora não tivesse a menor idéia de como executá-lo. Em todo caso, não era a preocupação prioritária no momento. O que importava, antes de mais nada, era achar os filhos de Maeve e tirá-los das mãos do avô maluco.

Tinham percorrido cerca de quinhentos metros quando ela ergueu a mão e apontou para a vegetação densa.

— Vamos atravessar a ilha por aqui. Há uma estrada a trinta metros de onde nos

encontramos. Se tomarmos cuidado e não formos vistos, podemos acompanhá-la até o alojamento central dos empregados da Dorsett.

— Onde estamos, em relação aos vulcões que dominam cada extremidade da ilha? — quis saber Pitt.

— Estamos a meio caminho entre eles e a lagoa.

— Onde você acha que seus filhos devem estar?

— Quem me dera saber! — respondeu ela com voz distante. — Primeiro, pensei na mansão, mas não é impossível que meu pai os tenha deixado sob vigilância no prédio da segurança. Ou, pior, eles podem estar com Jack Ferguson.

— Não dá para ficar andando por aí feito turistas à procura de um restaurante.

— Também acho — concordou Giordino. — A melhor coisa é encontrar alguém com autoridade, que possa nos dar as respostas, e lhe torcer o braço.

Pitt alisou a jaqueta da farda roubada.

— Se ele estiver na ilha, acho que sei exatamente quem é esse cara.

Vinte minutos depois, seguindo por uma estrada tortuosa que atravessava a ilha, eles se aproximaram do complexo que abrigava os engenheiros e os guardas. Mantendo-se escondidos em meio à vegetação, observaram o campo vigiado dos operários chineses. Luzes fortes iluminavam os barracões e os pátios, rodeados por uma alta cerca eletrificada, por sobre a qual passavam várias fileiras de arame farpado. A área estava tão fortemente protegida por sistemas eletrônicos de vigilância que não eram necessários guardas circulando no perímetro.

Cem metros mais adiante, Maeve se deteve e, com um gesto, mandou Giordino e Pitt se esconder atrás de algumas moitas baixas que orlavam um caminho pavimentado de concreto. De um lado, ele terminava numa entrada de automóveis que passava pelo enorme portão em arco da residência da família Dorsett. A curta distância, na direção oposta, o caminho se bifurcava. Uma larga avenida descia a ladeira para o porto, no centro da lagoa, onde as docas e os armazéns tinham aparência sinistra sob a luz amarelada das lâmpadas de mercúrio. Pitt tomou um minuto extra para examinar um enorme barco amarrado junto ao cais. Mesmo àquela distância, não havia dúvida, tratava-se do iate de Dorsett. Ficou particularmente satisfeito ao ver um helicóptero pousado no convés superior.

— A ilha tem uma pista de pouso? — perguntou a Maeve.

Ela sacudiu a cabeça.

— Papai se recusou a construir uma; prefere que todo transporte se faça por mar. Usa o helicóptero para ir e voltar do continente australiano. Por que quer saber?

— Estou raciocinando por eliminação. Nosso meio de transporte para sair daqui se encontra lá, no iate.

— Ah, espertinho, você estava o tempo todo com isso em mente.

— Eu fui simplesmente arrebatado por uma orgia de inspiração — disse Pitt com um sorriso. — Quantos homens vigiam o iate?

— Só um, que controla o sistema de segurança do porto.

— E os tripulantes?

— Quando o barco está ancorado na ilha, papai exige que a tripulação permaneça nos alojamentos.

Pitt reparou que a outra bifurcação da estrada fazia uma curva na direção do complexo principal. Dentro dos vulcões, as minas eram pura atividade, mas a região central da Dorsett Consolidated Mining estava deserta. O cais onde se achava o iate dava a impressão de estar totalmente ermo, sob as luzes instaladas num armazém próximo. Todos pareciam na cama, dormindo, o que não se podia

considerar extraordinário às quatro horas da manhã.

— Mostre-me o alojamento principal da segurança —

pediu Pitt a Maeve.

— Os engenheiros e os empregados de meu pai moram no aglomerado de construções próximo da lagoa. A casa que você quer fica na esquina sul do complexo da segurança. As paredes são pintadas de cinza.

— Compreendo. — Pitt enxugou o suor da testa com a manga da jaqueta. — Há outro modo de chegar lá sem ser a estrada?

— Há um caminho nos fundos.

— Vamos embora. Falta pouco para amanhecer.

Ficaram na sombra atrás da vegetação que orlava a estrada e as árvores caprichosamente enfileiradas a ambos os lados do pavimento. Havia altos postes de iluminação a cada cinquenta metros, como nas ruas de qualquer cidade. A não ser pelo suave crepitar do mato e das folhas secas sob seus pés, os três avançaram sem fazer barulho rumo à casa cinzenta na esquina do complexo.

Ao chegar a um aglomerado de arbustos perto da porta dos fundos, Pitt cochichou ao ouvido de Maeve:

— Você já esteve lá dentro?

— Só uma ou duas vezes, quando menina. Papai às vezes me pedia para levar um recado ao chefe da segurança daquele tempo — respondeu ela num sussurro.

— Sabe se a casa tem um sistema de alarme que detecta intrusos?

Maeve sacudiu a cabeça.

— Não consigo imaginar quem haveria de querer invadir o prédio da segurança.

— Alguém dorme lá?

— Eles ficam alojados em diferentes complexos.

— Então vamos entrar pela porta dos fundos.

— Tomara que topemos com uma cozinha — murmurou Giordino. — Não gosto de ficar me esgueirando no escuro com o estômago vazio.

— A geladeira é sua.

Pitt saiu das sombras, aproximou-se furtivamente da porta dos fundos e espiou por uma janela. O interior só estava iluminado pela débil luz de uma lâmpada, no corredor que terminava numa escada para o primeiro andar. Estendeu a mão e girou lentamente a maçaneta.

A lingüeta se deslocou com um clique apenas audível. Respirando fundo, ele empurrou um pouco a porta e, vendo-a girar nas dobradiças sem rangido, abriu-a completamente e entrou num pequeno hall que dava para uma cozinha também pequena. Pitt a atravessou e, em silêncio, fechou a porta corrediça que se abria para o corredor. Acendeu a luz. A um sinal seu, Maeve e Giordino reuniram-se a ele.

— Oh, graças a Deus — murmurou o italiano em êxtase ao ver a cozinha bem decorada, em cujas prateleiras viam-se utensílios caros, dignos de um chef.

— Ar quente — sussurrou Maeve alegremente. — Há semanas que não sinto um pouco de ar quente.

— Já estou pronto para provar o presunto e os ovos —

sorriu o italiano.

— Primeiro o mais importante — disse Pitt.

Tornando a apagar a luz, abriu a porta do corredor, empunhou o fuzil de assalto e passou. Inclinou a cabeça para escutar: ouviu apenas o zumbido do aparelho de calefação. Colando o corpo à parede, avançou pelo corredor pouco iluminado e, com o máximo cuidado para evitar que os degraus rangessem, começou a subir a escada atapetada.

Lá em cima, encontrou duas portas fechadas, uma em frente à outra. Experimentou a da direita. Tratava-se de um escritório particular, com computador, telefones e arquivos. A escrivainha estava incrivelmente em ordem, não se via nada fora do lugar, exatamente como a cozinha. Pitt sorriu. Esperava menos do morador. Seguro agora, foi para a porta da esquerda, abriu-a com um pontapé e acendeu a luz.

Uma bela asiática que não passava dos dezoito anos, com longos cabelos sedosos espalhados no lençol, fitou com os olhos arregalados de medo o homem armado que acabava de irromper no quarto. Abriu a boca para gritar, mas não emitiu senão um gemido.

O sujeito que se achava na cama com ela era um velho conhecido. Estava deitado de lado, os olhos fechados, e não fez menção de voltar-se e olhar para Pitt. Este não teria notado o levíssimo movimento não fosse a aparente indiferença do homem. Apertou o gatilho de leve, mandando duas rápidas balas para o travesseiro. Abafados pelo silenciador, os tiros foram dois pequenos estalidos. Só então o homem na cama ergueu o corpo e olhou para a mão, que sangrava com a palma perfurada.

A moça gritou, mas nenhum dos dois pareceu importar-se. Esperaram pacientemente que ela silenciasse.

— Bom dia, chefe — disse Pitt alegremente. — Desculpe o incômodo.

Ainda ofuscado pela luz, John Merchant olhou para o intruso.

— Meus guardas devem ter ouvido os gritos e virão correndo para cá — disse ele calmamente.

— Duvido. Conhecendo-o como o conheço, sou capaz de apostar que gritos de mulher em seu quarto são considerados coisa rotineira pela vizinhança.

— Quem é você? O que quer?

— Já se esqueceu de mim? Que ingrato!

Merchant piscou, forçou a vista e então, reconhecendo-o, ficou boquiaberto.

— Você não pode... Você não pode ser... Dirk Pitt! Nesse momento, Maeve e Giordino entraram no quarto. Detiveram-se atrás de Pitt e ali ficaram sem nada dizer, olhando para os dois na cama, para o drama que se encenava.

— Só pode ser um pesadelo — balbuciou Merchant.

— Você sangra quando está sonhando? — perguntou Pitt, enfiando a mão embaixo do travesseiro, apoderando-se da pistola automática nove milímetros que o chefe da segurança tinha tentado pegar e jogando-a para Giordino.

Achou que o homenzinho desagradável acabaria aceitando a situação; todavia Merchant estava assombrado demais ante os fantasmas das três pessoas que supunha mortas.

— Eu os vi com meus próprios olhos abandonados no mar pouco antes do tufão — disse com voz trêmula. — Como podem ter sobrevivido?

— Fomos engolidos por uma baleia — disse Giordino, enquanto fechava as cortinas. — Não lhe fizemos bem ao estômago, e você pode imaginar o que aconteceu.

— Vocês enlouqueceram. Entreguem as armas. Não sairão vivos da ilha.

Pitt apontou o fuzil para a testa de Merchant.

— A única coisa que eu quero saber de você é o paradeiro dos filhos da senhorita Fletcher. Onde eles estão?

Os olhos de Merchant brilharam com um ar de desafio.

— Não vou lhes dizer nada.

— Então vai morrer — disse Pitt friamente.

— Estranhas palavras na boca de um engenheiro naval e oceanógrafo, um

homem que põe mulheres e crianças num pedestal e que é tão respeitado por sua palavra e sua integridade.

— Você fez a lição de casa direitinho.

— Você não vai me matar — disse Merchant, readquirindo o controle das emoções. — Não é um assassino profissional. Não tem estômago para isso.

Pitt deu de ombros.

— Desconfio que um de seus guardas, o que eu joguei do alto do penhasco há cerca de meia hora, não concordaria com você.

Merchant olhou impassível para Pitt, sem saber se devia ou não acreditar nele.

— Não sei o que o senhor Dorsett fez com os netos.

Pitt deslocou o fuzil da testa para o joelho de Merchant.

— Maeve, conte até três.

— Um — começou ela calmamente. — Dois... três.

Pitt puxou o gatilho, e um projétil esmigalhou a rótula de Merchant. A amante começou a gritar, mas Giordino lhe tapou a boca com a mão.

— Será que você pode ficar quieta? Precisamos de um pouco de sossego.

Merchant se transformou por completo. Toda a malignidade daquele homenzinho repulsivo foi subitamente substituída por uma expressão de dor e de medo. Com a boca retorcida, disse, horrorizado:

— Meu joelho! Você acabou com o meu joelho!

Pitt encostou o cano da arma no cotovelo de Merchant.

— Estou com pressa. Se não quiser ficar com dois aleijões, sugiro que fale. E trate de dizer a verdade, do contrário vai ter muita dificuldade para escovar os dentes daqui por diante.

— Os filhos da senhorita Fletcher trabalham nas minas com os outros operários. Ficam com os outros, no campo vigiado.

Pitt se voltou para Maeve.

— Que você acha?

Ela fitou Merchant nos olhos, o rosto marcado pela emoção.

— É mentira. Jack Ferguson, o capataz de meu pai, está com os meninos. Ele não os perderia de vista.

— Onde esse cara mora? — perguntou Giordino.

— Numa casa de hóspedes perto da mansão, para poder atender prontamente os chamados de meu pai. Pitt sorriu friamente para Merchant.

— Que pena, John, a resposta estava errada. Isto vai lhe custar o cotovelo.

— Não, por favor, não! — murmurou Merchant com os dentes cerrados de dor.

— Você ganhou. Os gêmeos ficam no alojamento de Ferguson quando não estão trabalhando nas minas.

Maeve avançou uns passos e colocou-se diante de Merchant. Estava agitada e amargurada com o sofrimento que seus filhos eram obrigados a suportar. Dominada pela raiva, esbofeteou-o várias vezes.

— Dois meninos de seis anos obrigados a trabalhar nas minas! Você não passa de um monstro, de um sádico! Giordino tomou-a delicadamente pela cintura e a levou de volta ao centro do quarto. Ela começou a chorar.

No rosto de Pitt refletiam-se pena e raiva. Aproximando o cano da arma do olho esquerdo de Merchant, disse:

— Mais uma pergunta, meu caro John. Onde dorme o piloto do helicóptero?

— Ele quebrou o braço, está na clínica da mina — respondeu Merchant com mau humor. — Nem pense em obrigá-lo a levá-los embora da ilha.

Pitt acenou com a cabeça e sorriu significativamente para Giordino.

— E eu preciso dele? — Olhou a sua volta e apontou para o armário.

— Vamos deixá-los lá dentro.
— Pretende matar-nos? — perguntou Merchant lentamente.
— Vontade não me falta. Mas, para economizar balas, você e sua amiguinha vão ficar trancados no armário. Amarrados e amordaçados, claro.
O medo de Merchant ficou evidente pelo tique no canto da boca.
— Vamos morrer asfixiados lá dentro.
— Se preferir, posso dar um tiro na cabeça de cada um agora mesmo. A escolha é sua.
Merchant não disse mais nada nem ofereceu resistência quando, juntamente com a moça, foi amarrado com a roupa de cama rasgada em tiras e brutalmente jogado dentro do armário. Giordino colocou a metade dos móveis do quarto diante da porta, a fim de impedi-los de empurrá-la por dentro.
— Já sabemos o que queríamos saber — disse Pitt. — Vamos para a mansão.
— Você disse que eu podia assaltar a geladeira — protestou o italiano.
— Meu estômago está roncando.
— Agora não há tempo. Deixe para comer mais tarde. Giordino sacudiu a cabeça, contrariado, e enfiou na cinta a pistola automática nove milímetros de Merchant.
— Tenho a impressão de que há uma conspiração para me fazer morrer de fome.



Sete horas da manhã. Céu azul, visibilidade ilimitada e um mar de ondas baixas a rolar qual demônios silenciosos a praias invisíveis, onde poderiam quebrar e morrer. Era um dia normal nas águas tropicais do Havaí, um dia quente, úmido e com uma brisa suave, geralmente chamada de vento alísio. Era sábado, e as praias de Waikiki, bem como o lado da ilha voltado para o vento, começavam a despertar com as primeiras aves, que se preparavam para o mergulho matinal. Em breve, seriam seguidas por milhares de habitantes locais e turistas em busca de algumas horas agradáveis nas ondas debilitadas pelos recifes.

O Glomar Explorer, com apenas um de seus enormes hélices funcionando em aceleração máxima, rumava firmemente para a região da convergência acústica mortal. As ondas sonoras já avançavam em grande velocidade, vindas de quatro fontes. Deviam estar navegando com meia hora de atraso, porém o engenheiro-chefe Toft levaria sua tripulação além dos limites da exaustão. Ele praguejava e lutava com o motor do único hélice em funcionamento, extraíndo um nó a mais de velocidade. Jurou levar a tempo o navio a seu encontro com o destino, e estava conseguindo.

Na ala estibordo da ponte de comando, Sandecker olhava com o binóculo para uma versão comercial do helicóptero SH-60B Sea Hawk, da Marinha, com o logotipo da ANPS, que, aproximando-se pela proa, descreveu um círculo e foi pousar no heliponto do gigantesco navio. Um minuto depois, reuniram-se a Sandecker na ponte de comando.

— Como foi a coisa? — perguntou ele com ansiedade.

O dr. Sanford Adgate Ames fez um gesto afirmativo e sorriu.

— Quatro grupos de instrumentos detectores de sinais acústicos remotos foram colocados sob a superfície, nos devidos lugares, a trinta quilômetros da zona de convergência.

— Nós os deixamos diretamente no caminho estimado dos canais sonoros — acrescentou Gunn, que viera com Ames.

— Estão em condições de medir a aproximação final e a intensidade do som? — indagou o almirante.

Ames fez que sim.

— Os dados de telemetria dos modems submarinos serão transmitidos pela conexão de satélite flutuante de superfície ao processador e ao terminal de análise aqui a bordo do Explorer. O sistema funciona como os programas de localização acústica submarina.

— Felizmente o tempo e a corrente estão do nosso lado — disse Gunn. — Em vista disso, as ondas sonoras devem se encontrar como foi previsto.

— Seremos avisados com antecedência?

— O som se desloca na água a uma média de mil e quinhentos metros por segundo — respondeu Ames. — Imagino que vinte segundos depois de passar pelos modems as ondas sonoras atingirão o disco refletor sob o navio.

— Vinte segundos — repetiu Sandecker. — É muito pouco tempo para se preparar mentalmente para o desconhecido.

— Como ninguém sobreviveu para descrever a verdadeira intensidade da convergência, minha melhor estimativa de sua duração, até que sejam totalmente desviadas para a ilha Gladiator, é de aproximadamente quatro minutos e meio. Qualquer um a bordo que não consiga chegar ao abrigo isolado terá uma morte horrível.

Sandecker se voltou e apontou para as montanhas verdes de Oahu, a apenas quinze quilômetros de distância.

— As pessoas no litoral vão sofrer algum efeito?

— Devem sentir uma breve mas aguda dor de cabeça, mas não sofrerão seqüelas permanentes.

Pela janela da ponte de comando, Sandecker olhou para o grande volume de máquinas apontadas para o céu, no meio do navio. "Infinitos quilômetros de cabos e mangueiras hidráulicas enfileiravam-se na plataforma, vindas dos guindastes e das gruas. Equipes de homens e mulheres, sentados ou de pé em plataformas suspensas no ar como as usadas pelos limpadores de janelas dos arranha-céus, ocupavam-se em religar o número aparentemente infinito de conexões do enorme escudo refletor. A grua gigante sustentava a moldura principal do disco, enquanto os guindastes a sua volta erguiam a seus lugares as peças menores, numeradas. Graças à previsão de Rudi Gunn quanto a limpar e lubrificar os conectores, todas as peças se encaixavam rápida e facilmente. A operação estava funcionando como um relógio. Faltava apenas instalar duas partes.

O almirante voltou o olhar para a jóia do Pacífico, distinguindo de imediato os detalhes de Diamond Head, os hotéis espalhados ao longo da praia de Waikiki, a torre Aloha, em Honolulu, as residências meio encobertas pelas nuvens que pareciam sempre pairar sobre o monte Tantalus, os jatos comerciais aterrissando no aeroporto internacional, as instalações de Pearl Harbor. Não havia espaço para erro. Se a operação não se realizasse de acordo com o plano, a bela ilha se tornaria um vasto campo de extermínio.

Então, ele olhou para o homem que estudava os números digitais no sistema de navegação computadorizado do navio.

— Capitão Quick?

O comandante do Glomar Explorer ergueu a vista.

— Sim, almirante Sandecker?

— A que distância estamos do lugar?

Quick sorriu. Era a vigésima vez que o almirante lhe fazia aquela pergunta.

— A menos de quinhentos metros. Ou seja, faltam vinte minutos para que comecemos a colocar o navio exatamente nos números que o seu pessoal computou para o sistema global de posicionamento.

— Quer dizer que teremos só quarenta minutos para instalar o escudo refletor?

— Graças ao engenheiro Toft e sua equipe da casa das máquinas. Do contrário não teríamos chegado a tempo.

— Sim — concordou Sandecker. — Nós lhe devemos muito.

Passaram-se longos minutos; todos, na casa das máquinas, estavam com um olho no relógio e outro nos números digitais vermelhos do sistema global de

posicionamento, os quais finalmente se reduziram a uma fileira de zeros, indicando que o navio se encontrava exatamente no lugar onde os raios sonoros deviam convergir e explodir com igualável intensidade. O projeto seguinte consistia em manter a embarcação no lugar preciso. O capitão Quick se concentrou em programar as coordenadas no sistema de controle automático do navio, que analisava as condições do mar e do tempo e controlava os equipamentos da proa e da popa. Num espaço de tempo incrivelmente curto, o Glomar Explorer conseguiu estacionar e era capaz de flutuar imóvel na água, resistindo ao vento e à corrente num fator de desvio de menos de um metro.

Diversos outros sistemas entraram também em ação. As atividades eram febris. As equipes de engenheiros e técnicos, especialistas em sistemas eletrônicos e cientistas trabalhavam simultaneamente para colocar o disco refletor exatamente no caminho das ondas acústicas. O pessoal da ANPS, em plataformas muito acima do convés, fez as últimas conexões e prendeu o disco da antena no gancho da grua que o desceria ao mar.

Os sistemas de engenharia a bordo do Glomar Explorer tinham sido originalmente construídos para içar objetos pesados do fundo do mar, não para descer objetos mais leves porém maiores. Os procedimentos foram apressadamente alterados para a complexa operação. Os defeitos menores foram superados com rapidez. Cada movimento era coordenado e executado com precisão.

O operador do guindaste foi aumentando a tensão do cabo de aço até que o escudo ficasse suspenso no ar. A equipe da ANPS deu o sinal combinado, indicando que a montagem do refletor estava completa. Toda a unidade começou, então, a descer ao mar diagonalmente pela abertura retangular, com poucos centímetros de folga. A velocidade de imersão era de dez metros por minuto. Os cabos que sustentavam o disco na profundidade e no ângulo precisos para repelir as ondas sonoras e desviá-las rumo à ilha Gladiator demoraram quinze minutos para chegar a sua extensão máxima.

— Faltam seis minutos e dez segundos para a convergência — trovejou a voz do capitão Quick pelos alto-falantes do navio. — Todo o pessoal a bordo se dirigirá ao compartimento de armazenagem da casa das máquinas, no fim do navio, e lá entrará, de acordo com as instruções recebidas. Façam isso imediatamente. Eu disse imediatamente. Corram, não andem.

De súbito, todos começaram a descer as escadas e andaimes, correndo como um grupo de maratonistas na direção da sala da bomba e de propulsão, nas entranhas profundas do navio. Ali, vinte membros da tripulação já estavam ocupados em isolar do som o compartimento com todo tipo de material disponível. Toalhas, cobertores, colchões, assim como as almofadas das cadeiras de convés e tudo quanto pudesse servir a esse propósito foram colocados no teto, no chão e nos anteparos, para abafar o ruído invasor.

Quando estavam descendo às pressas pelos corredores dos conveses inferiores, Sandecker disse a Ames:

— Esta é a parte mais difícil da operação.

— Eu sei o que você está pensando — respondeu o cientista, descendo agilmente dois degraus a cada vez.

— A ansiedade de saber se cometemos um pequeno erro de cálculo que nos colocou no lugar errado na hora errada. A frustração de não saber se deu certo caso não sobrevivamos à convergência. Os fatores desconhecidos que atormentam a gente.

Chegaram ao depósito da casa das máquinas, que tinha sido escolhido para

resistir à convergência por causa de suas portas impermeáveis à água e à ausência total de condutores de ar. Dois oficiais do navio se puseram a contar as pessoas e distribuir-lhes protetores de ouvido.

— Almirante Sandecker, doutor Ames, por favor, coloquem isto nos ouvidos e procurem não andar. Sandecker e Ames encontraram os membros da ANPS reunidos a um canto do compartimento e se colocaram ao lado de Rudi Gunn e Molly Faraday, que tinham chegado pouco antes. Aglomeraram-se imediatamente ao redor dos sistemas de monitorização integrados aos modems de alarme e a outros sensores submarinos. Só o almirante e Gunn se demoraram a pôr os amortecedores de som, para conferir os últimos segundos.

No compartimento, não tardou a dominar um estranho silêncio. Sem poder ouvir, ninguém falava. O capitão Quick se colocou em cima de um caixote, para que todos o pudessem ver. Ergueu dois dedos, indicando que faltavam dois minutos. O operador da grua, que tinha o caminho mais longo a percorrer, foi o último a entrar. Satisfeito porque todos no navio tinham sido contados, o capitão ordenou que se vedasse a porta. Vários colchões foram colocados à saída para abafar o som que se infiltrasse no compartimento fechado. Quick ergueu um dedo, e a tensão começou a se formar até que passasse a pairar como uma mortalha sobre o grupo de pessoas aglomeradas, muito próximas umas das outras. Todos estavam de pé.

Gunn calculara que os noventa e seis homens e mulheres tinham menos de quinze minutos para ficar encerrados no compartimento até que se esgotasse o ar respirável e eles comessem a se asfíxiar. A atmosfera já estava começando a ficar pesada. O único outro perigo imediato era a claustrofobia. Não teriam como lidar com um caso de histeria. Ele piscou para Molly, tentando encorajá-la, e começou a monitorar o tempo enquanto quase todos os demais olhavam fixamente para o capitão do navio como se ele fosse o maestro de uma orquestra sinfônica.

Quick ergueu ambas as mãos e as cerrou. Tinha chegado a hora da verdade. Tudo dependia dos dados analisados pela rede de computadores de Hiram Yaeger. O navio estava estacionado precisamente como mandavam as instruções, o disco refletor encontrava-se na posição exata calculada por Yaeger e conferida pelo doutor Ames e sua equipe. Toda a operação tinha sido executada até os últimos detalhes. Só uma súbita e extraordinária alteração da temperatura do mar ou um fenômeno sísmico imprevisto, que alterasse sensivelmente a corrente marítima, poderia provocar um desastre. As enormes conseqüências tinham sido simplesmente eliminadas da mente da equipe da ANPS.

Decorreram cinco segundos, depois dez. Sandecker começou a sentir na nuca o espicaçar do desastre. Então, repentina e ominosamente, os sensores acústicos a trinta quilômetros de distância começaram a registrar a chegada das ondas sonoras pelo caminho previsto.

— Santo Deus! — murmurou Ames. — Os sensores foram além da escala. A intensidade é maior do que eu calculei!

— Temos vinte segundos — gritou Sandecker. — Ponham os protetores de ouvido.

O primeiro sinal da convergência foi uma pequena ressonância cuja magnitude cresceu rapidamente. Os anteparos isolados vibraram ao mesmo tempo em que um zumbido penetrou nos protetores de ouvido. As pessoas agrupadas na sala fechada experimentaram uma leve sensação de desorientação e vertigem. Mas ninguém teve náuseas nem entrou em pânico. O desconforto foi suportado com

estoicismo. Sandecker e Ames entreolharam-se. Sentiam-se realizados nas trêmulas águas do mar.

Cinco longos minutos mais tarde, tudo havia terminado. A ressonância desaparecera, deixando atrás de si um silêncio quase sobrenatural.

Gunn foi o primeiro a reagir. Tirou os protetores da cabeça, agitou os braços e gritou para o capitão Quick:

— A porta. Abra a porta e deixe entrar um pouco de ar. Quick entendeu a mensagem. Os colchões foram jogados a um lado, a porta foi destravada e aberta. O ar que penetrou na sala, embora cheirando ao óleo da casa das máquinas, foi bem-vindo por todos, que, ao mesmo tempo, retiravam os protetores de ouvido. Aliviados com o fim do perigo, gritaram e riram como torcedores a comemorar a vitória de seu time favorito de futebol. Depois, lentamente e em ordem, saíram da sala de armazenagem e subiram a escada do tombadilho em busca de ar fresco.

A reação de Sandecker foi quase sobre-humana. Ele subiu, rumo à casa do leme, a uma velocidade que teria quebrado recordes. Pegou um binóculo e correu para a ponte de comando. Tomado de ansiedade, apontou as lentes para a ilha, a apenas quinze quilômetros de distância.

Os carros estavam passando pelas ruas como de costume e uma enorme multidão de banhistas caminhava tranquilamente nas praias. Só então ele se permitiu exalar um longo suspiro de alívio junto à amurada, o corpo trêmulo de emoção.

— Um formidável triunfo, almirante — disse Ames, apertando-lhe a mão. — Você provou que os maiores cientistas do país estavam equivocados.

— Conte com a bênção dos seus conhecimentos e do seu apoio, doutor — disse Sandecker, com a sensação de que um enorme peso lhe havia sido retirado dos ombros. — Tudo o que fiz foi graças a você a sua equipe de brilhantes jovens cientistas.

Tomados de entusiasmo, Gunn e Molly foram abraçar o almirante, atitude considerada impensável em outra ocasião.

— O senhor conseguiu! — disse Gunn. — Quase dois milhões de vidas foram salvas graças a sua teimosia.

— Nós conseguimos — corrigiu-o Sandecker. — Do começo ao fim foi o trabalho de uma equipe.

A expressão de Gunn se tornou sombria.

— Pena que Dirk não estivesse aqui para ver. Sandecker fez que sim solenemente.

— Foi ele o grande responsável por todo o projeto.

Ames examinou a série de instrumentos instalados durante a viagem.

— O refletor foi posicionado com perfeição — disse, contente. — A energia acústica foi desviada exatamente como pretendíamos.

— Onde está ela agora? — perguntou Molly.

— Combinada com a energia das atividades de mineração das outras três ilhas, as ondas sonoras estão retornando à ilha Gladiator mais depressa do que um avião a jato. Sua força combinada atingirá a base submersa dentro de uns noventa e sete minutos.

— Eu queria muito ver a cara dele.

— De quem? — perguntou Ames inocentemente.

— De Arthur Dorsett — respondeu Molly — quando sua ilha particular começar a balançar e a vibrar.



Os dois homens e a mulher se agacharam em meio a um aglomerado de arbustos junto à grande entrada em arco aberta num muro alto, de rocha vulcânica, que cercava toda a área da residência de Dorsett. Mais adiante, um caminho de tijolos contornava um imenso e bem-cuidado relvado, passando sob a imponente estrutura da porte-cochère, que se prolongava na frente da casa e protegia as pessoas ao descer do carro. O caminho inteiro e a mansão eram iluminados por lâmpadas fortes, estrategicamente dispostas no terreno. A entrada estava bloqueada por um grosso portão de ferro que parecia ter sido tirado de um castelo medieval. Com quase cinco metros de espessura, o arco abrigava um pequeno escritório do serviço de segurança.

— Não há outro lugar por onde entrar? — perguntou Pitt em voz baixa.

— Não. Esta é a única entrada — cochichou Maeve.

— Não existe uma manilha de escoamento ou uma ravina que passe por baixo do muro?

— Não. Quando menina, eu vivia pensando em fugir de meu pai, mas nunca encontrei outra saída.

— E há detectores de segurança?

— Raios laser no alto do muro, com sensores térmicos infravermelhos instalados a diferentes intervalos no chão. Qualquer coisa maior que um gato faz disparar o alarme no escritório da segurança. As câmeras de televisão são acionadas automaticamente e focalizam o invasor.

— Quantos guardas?

— Dois à noite, quatro durante o dia.

— Não há cães de guarda?

Ela sacudiu a cabeça na escuridão.

— Papai detesta animais. Nunca o perdoarei por ter pisoteado um passarinho com a asa quebrada de que eu estava tratando.

— O velho faz o que pode para manter uma imagem de barbaridade e malvadeza — comentou Giordino. — Ele também pratica o canibalismo?

— É capaz de qualquer coisa, como você já deve ter reparado.

Pitt olhou pensativo para o portão, procurando observar cautelosamente a atividade dos guardas, que, lá dentro, mostravam-se satisfeitos, a monitorar o sistema de segurança. Por fim, levantando-se, amassou e desarrumou o uniforme antes de se voltar para Giordino.

— Vou tentar enganá-los. Esperem até que o portão esteja aberto.

Colocou o fuzil no ombro e tirou o canivete suíço do bolso. Com a lâmina menor, fez um pequeno corte no polegar, espremeu-o para que sangrasse mais e

espalhou sangue no rosto. Ao chegar ao portão, ajoelhou-se, segurou as grades com ambas as mãos e começou a gemer baixinho, como se estivesse com muita dor.

— Socorro. Acudam, por favor.

Um rosto apareceu atrás da porta e logo desapareceu. Segundos mais tarde, ambos os vigilantes saíram correndo do escritório e abriram o portão. Pitt deixou-se cair em seus braços.

— Que aconteceu? — perguntou um deles. — Quem lhe fez isso?

— Uma gangue de chineses abriu um túnel para fugir do campo. Eu vinha vindo pela estrada do porto, e eles me atacaram pelas costas. Acho que matei dois antes de fugir.

— É melhor alertar o prédio principal da segurança — gritou um dos vigilantes.

— Ajude-me a entrar primeiro — gemeu Pitt. — Acho que me fraturaram o crânio.

Os guardas o ajudaram a levantar-se, apoiaram-lhe os braços em seus próprios ombros e, meio carregado, meio arrastado, levaram-no ao escritório. Devagar, Pitt contraiu os braços até que ambos os pescoços estivessem presos em suas articulações. Quando eles se juntaram mais para passar pela porta, deu um passo convulsivo para trás, prendeu os dois vigilantes numa apertada gravata e empregou toda a força dos bíceps e dos músculos dos ombros. Ouviu-se o baque das duas cabeças em colisão. Ambos caíram inconscientes no chão, para assim ficar pelo menos nas duas horas seguintes.

Seguros de não ser detectados, Giordino e Maeve passaram correndo pelo portão aberto e se reuniram a Pitt no escritório. O italiano carregou os vigilantes como se fossem espantalhos recheados de palha e os colocou sentados a uma mesa, diante de uma fileira de monitores de vídeo.

— Quem passar pensará que pegaram no sono quando estavam assistindo a um filme.

Pitt examinou rapidamente o sistema de segurança e desligou os alarmes, enquanto Giordino amarrava os guardas com suas próprias gravatas e cintas. Então, Pitt se voltou para Maeve.

— Onde fica o alojamento de Ferguson?

— Há duas casas de hóspedes num pequeno bosque atrás da mansão. Ele mora numa delas.

— Você não sabe em qual? Ela sacudiu os ombros.

— E a primeira vez que venho para cá desde que fugi para Melbourne. Se não me falha a memória, ele mora na casa mais próxima da mansão.

— Chegou a hora de repetir o número da invasão — disse Pitt. — Tomara que não tenhamos perdido o jeito. Caminharam em passo constante, sem pressa. Estavam debilitados pela dieta inadequada e por tudo quanto haviam passado nas semanas anteriores. Chegaram ao suposto alojamento de Jack Ferguson, o superintendente das minas de Dorsett na ilha Gladiator. Quando se aproximaram da porta da frente, o céu começava a clarear a leste. A procura estava demorando muito. Com o amanhecer, a presença do trio certamente seria detectada. Tinham de agir depressa se quisessem achar os meninos, chegar ao iate e fugir no helicóptero particular de Arthur Dorsett antes que se dissipasse o que restava da escuridão. Não seria uma entrada furtiva desta vez, nada de se esgueirar silenciosamente na casa. Pitt foi até a porta, arrombou-a com um ruído pontapé e entrou. Bastou uma rápida olhadela com a ajuda da lanterna tomada dos guardas no penhasco para que ficasse sabendo tudo que precisava

saber. Ferguson morava lá, sem dúvida. Na escrivadinha havia um monte de cartas endereçadas a ele e uma agenda com anotações. Dentro do armário, Pitt encontrou calças de homem e paletós cuidadosamente passados.

— Ele não está — disse. — Jack Ferguson viajou. Não há nenhuma mala aqui, e a metade do guarda-roupa está vazia.

— Ele não pode ter viajado — murmurou Maeve, confusa.

— De acordo com as anotações na agenda, Ferguson está visitando outras minas de seu pai.

Cada vez mais desesperada, ela olhou para a sala vazia.

— Meus filhos não estão aqui. Chegamos tarde demais. Oh, meu Deus, tarde demais! Eles devem ter morrido! Pitt a tomou nos braços.

— Eles estão tão vivos quanto nós dois.

— Mas John Merchant...

Giordino se colocou na soleira da porta.

— Nunca confie num homem com olhinhos pequenos.

— E tolice perder tempo aqui — disse Pitt, passando pelo italiano. — Os meninos estão na mansão. Sempre estiveram lá.

— Como você pode saber que Merchant mentiu? —

desafiou-o Maeve. Ele sorriu.

— Ora, Merchant não mentiu. Foi você quem disse que os meninos moravam com Ferguson na casa de hóspedes. Merchant simplesmente confirmou. Imaginou que fôssemos otários o bastante para acreditar nisso. Bem, talvez tenhamos sido, mas só durante um segundo.

— Você sabia?

— É evidente que seu pai não tocara em seus filhos. Pode até ameaçar, mas aposto quanto você quiser que eles estão presos no que foi o seu quarto e estiveram lá o tempo todo, com um monte de brinquedos, cortesia do vovozinho.

Maeve o fitou, confusa.

— Ele não os obrigou a trabalhar nas minas?

— Duvido. Dorsett explorou os seus instintos maternos, mentiu que os garotos estavam sofrendo para fazê-la sofrer. O canalha queria que você morresse acreditando que ele os escravizaria, que os deixaria nas mãos de um capataz sádico, trabalhando até a morte. Pense bem. Como Boudicca e Deirdre não têm filhos, os gêmeos são seus únicos herdeiros. Livrando-se de você, ele imaginou que poderia educá-los e moldá-los a sua imagem e semelhança. Coisa que, para você, seria pior do que a própria morte.

Maeve ficou um longo momento olhando para Pitt; sua expressão passou da incredulidade para a compreensão. Então ela estremeceu.

— Como posso ter sido tão tola?

— Um bom título para uma canção — disse Giordino. — Lamento interromper a conversa esclarecedora, mas parece que o pessoal lá na casa está começando a dar sinais de vida. — Apontou para as luzes que iluminavam as janelas da mansão.

— Meu pai sempre acorda de madrugada — contou Maeve. — E nunca deixou que eu e minhas irmãs continuássemos dormindo depois do amanhecer.

— O que eu não daria para tomar o café da manhã com eles! — resmungou Giordino.

— Não quero ser repetitivo — disse Pitt —, mas temos de dar um jeito de entrar sem chamar a atenção dos moradores.

— Todos os cômodos da mansão dão para as varandas interiores, com exceção de um. O escritório de papai tem uma porta lateral que dá para a quadra de

squash.

— Que é isso? — perguntou o italiano.

— Uma quadra onde ele joga squash — respondeu Pitt. Depois, voltou-se para Maeve. — Onde fica o seu quarto?

— O meu? Do outro lado do jardim, passando pela piscina, na ala leste. É a segunda porta à direita.

— Então está decidido. Vocês dois tratem de ir procurar os garotos.

— E você? Que vai fazer?

— Vou tomar emprestado o telefone de seu pai e lhe dar uma boa despesa com um telefonema internacional.



A atmosfera a bordo do Glomar Explorer era de festa. Reunidos no espaçoso salão contíguo à cozinha, a equipe da ANPS e o pessoal do navio comemoravam o sucesso em repelir a praga acústica. O almirante Sandecker e o dr. Ames se achavam sentados de frente um para o outro, tomando um champanhe da reserva particular do capitão Quick para as ocasiões especiais.

Depois de alguma reflexão, decidiu-se retirar a antena/refletor da água e desmontá-la, caso as desastrosas atividades mineiras da Dorsett Consolidated não fossem detidas e se tornasse essencial interceptar outra convergência acústica a fim de salvar vidas. O disco refletor foi içado e, uma hora depois, o histórico navio iniciava sua viagem de volta à Molokai.

Sandecker se levantou ao ser informado pelo oficial de comunicações do navio que havia um importante telefonema de seu geólogo-chefe, Charlie Bakewell. Foi para um lugar tranqüilo do salão e tirou do bolso o celular compacto.

— Alô, Charlie.

— Parabéns — disse Bakewell com voz clara e animada.

— Foi por pouco. Mal havíamos posicionado o navio e mergulhado o refletor quando ocorreu a convergência. Onde você está agora?

— No observatório vulcânico Joseph Marmon, em Auckland, Nova Zelândia. Tenho uma informação recente para você, da equipe de geo-físicos. Sua última análise do impacto dos raios sonoros na ilha Gladiator é muito animadora.

— Eles conseguiram computar as repercussões?

— Lamento dizer que a magnitude prevista é bem pior do que imaginei a princípio — respondeu Bakewell. — Acabo de saber que os dois vulcões da ilha chamam-se monte Scaggs e monte Winkelman, em homenagem a dois dos sobreviventes da jangada do Gladiator. Fazem parte de uma cadeia de vulcões potencialmente explosivos que cercam o oceano Pacífico, conhecida como Anel de Fogo, e ficam próximos de uma placa tectônica parecida com as da falha de San Andreas, na Califórnia. A maior parte das atividades vulcânicas e dos terremotos são provocados pelo deslocamento de tais placas. Os estudos indicam que a atividade principal desses vulcões ocorreu entre 1225 e 1275, quando ambos entraram simultaneamente em erupção.

— Pelo que me lembro, você disse que a probabilidade de uma erupção provocada pelo impacto da convergência era de um para cinco.

— Depois de consultar os especialistas aqui no observatório, concluí que é quase certo que haja erupção.

— Não posso acreditar que os raios acústicos que atravessarem a ilha tenham força para causar uma erupção vulcânica — disse Sandecker com incredulidade.

— Os raios em si não — respondeu Bakewell. — Mas acontece que nós não levamos em consideração que as atividades mineiras de Dorsett tornaram os vulcões mais vulneráveis a tremores externos. Mesmo uma perturbação sísmica pequena pode suscitar atividade vulcânica nos montes Scaggs e Winkelman, pois todos esses anos de escavação removeram boa parte dos depósitos ancestrais, os quais continham a pressão gasosa vinda de baixo. Em outras palavras, se Dorsett não suspender as escavações, é só uma questão de tempo para que os garimpeiros acabem "destampando" o canal principal, provocando uma explosão de lava derretida.

— Uma explosão de lava derretida — repetiu Sandecker automaticamente. — Santo Deus, que foi que nós fizemos? Centenas de vidas serão sacrificadas!

— Não tenha tanta pressa para confessar seus pecados — disse Bakewell seriamente. — Não consta que haja mulheres e crianças na ilha Gladiator. Você já livrou incontáveis famílias, em Oahu, da extinção certa. Sua atitude certamente chamará a atenção da Casa Branca e do Departamento de Estado para a ameaça. Garanto que haverá sanções e ações judiciais contra a Dorsett Consolidated Mining. Sem a sua intervenção, a praga acústica prosseguiria, e não sabemos que outra cidade portuária seria atingida pela próxima zona de convergência.

— Mesmo assim... eu podia ter ordenado que dirigissem as ondas sonoras para um lugar inabitado — disse lentamente o almirante.

— Elas podiam ter atingido mais um pesqueiro ou transatlântico. Nós concluímos juntos que essa era a medida mais segura. Sossegue, Jim, você não tem motivos para se condenar.

— Você está querendo dizer que eu não tenho outra escolha senão aprender a conviver com isso.

— Para quando o doutor Ames estima a chegada da onda sonora na ilha Gladiator? — indagou Bakewell, tentando distrair Sandecker do sentimento de culpa.

Ele consultou o relógio.

— Faltam vinte minutos para o impacto.

— Ainda há tempo. Podemos alertar os habitantes para que deixem a ilha.

— Meu pessoal, em Washington, já tentou avisar a direção da Dorsett Consolidated Mining quanto ao perigo potencial — disse o almirante. — Mas, por ordem de Arthur Dorsett, todas as comunicações entre as minas e o mundo exterior foram interrompidas.

— Parece até que Dorsett queria que acontecesse alguma coisa.

— Ele não quer correr o menor risco de interferência antes de atingir seu objetivo.

— Pode ser que não ocorra erupção alguma. Talvez a energia dos raios sonoros se dissipe antes do impacto.

— Segundo os cálculos do doutor Ames, é muito difícil que isso aconteça — disse Sandecker. — Qual é o seu cenário na pior das hipóteses?

— O monte Scaggs e o monte Winkelman são descritos como vulcões arredondados, que formaram montes de ladeiras suaves em seu último período de atividade. É raro que esse tipo de vulcão seja altamente explosivo como os cônicos, mas o Scaggs e o Winkelman não são vulcões arredondados comuns. Sua última erupção foi bastante violenta. Os especialistas, aqui no observatório, prevêem explosões ao redor da base ou nos flancos dos montes, que produzirão rios de lava.

— Alguém na ilha conseguiria sobreviver a tal cataclismo?

— Depende do lado em que ocorrer a violência. Praticamente não há chance alguma se as erupções estiverem voltadas para o lado habitado da ilha, a oeste.

— E se estiverem voltadas para leste?

— Neste caso, as chances de sobrevivência seriam ligeiramente superiores, mesmo com repercussões de atividade sísmica suficientes para derrubar a maior parte ou, quem sabe, todos os prédios da ilha.

— Há perigo de as erupções provocarem uma ressaca?

— Nossos analistas não prevêm uma perturbação sísmica com força para provocar uma ressaca monstruosa — explicou Bakewell. — Decerto, nada com a magnitude do holocausto de Cracatoa, perto de Java, em 1883. O litoral da Tasmânia, da Austrália e da Nova Zelândia não será atingido por ondas com mais de um metro e meio de altura.

— Pelo menos isso — suspirou Sandecker.

— Volto a telefonar quando tiver mais informações — disse Bakewell.

— Tomara que não aconteça nada do que eu lhe disse.

— Obrigado, Charlie. Tomara mesmo!

O almirante desligou o telefone e ficou onde estava, pensativo. A ansiedade e a preocupação não transpareciam em seu rosto, nenhum tremor nas pálpebra, sequer os lábios apertados, mas tudo eram sombras sob a superfície. Ele só notou a aproximação de Rudi Gunn quando este lhe tocou o ombro.

— Almirante, há outro telefonema para o senhor. E do escritório de Washington. Sandecker pegou o telefone e tornou a falar.

— Alô.

— Almirante? — disse a voz familiar de Martha Sherman, sua secretária de muitos anos. Seu tom de voz normalmente formal denunciava nervosismo e entusiasmo. — Por favor, fique na linha, vou transferir uma ligação.

— É importante? — perguntou ele, irritado. — Não estou com humor para assuntos oficiais hoje.

— Pode ter certeza, almirante, o senhor vai gostar deste telefonema - informou ela alegremente. — Um momentinho, estou transferindo.

Houve uma pausa.

— Alô! — disse Sandecker. — Quem está falando?

— Bom dia, caríssimo almirante. Que história é essa de ficar passeando no Havai?

Sandecker não era homem de se deixar abalar facilmente, mas naquele momento estremeceu como se o chão tivesse desaparecido sob seus pés.

— Dirá pelo amor de Deus, é você?

— O que sobrou de mim — respondeu Pitt. — Estou com Al e Maeve Fletcher.

— Não posso acreditar que vocês estejam vivos! — disse o almirante, com uma descarga elétrica a lhe percorrer as veias.

Al está pedindo que o senhor guarde um charuto para ele.

— Como vai o diabinho italiano?

— Azedo porque eu não o deixei comer.

- Quando soubemos que Arthur Dorsett os tinha abandonado no mar, no caminho de um tufão, movi montanhas para desencadear uma operação gigantesca de resgate, mas a tremenda influência daquele bandido frustrou os meus esforços. Depois de quase vinte dias sem notícias, pensei que os três tivessem morrido. Conte-me como conseguiram so-breviver até agora.

— É uma longa história. Prefiro que o senhor me conte as últimas novidades sobre a praga acústica.

— É uma história muito mais comprida do que a sua. Darei os detalhes quando nos encontrarmos. Onde vocês estão?

— Conseguimos chegar à ilha Gladiator. Estou no escritório de Arthur Dorsett, usando o telefone dele. Sandecker ficou atordoado.

— Você está brincando!

— É a mais pura verdade. Vamos pegar os filhos de Maeve e fugir para a Austrália pelo mar da Tasmânia — disse ele com a naturalidade de quem estivesse a caminho da padaria para comprar um filão.

Um medo terrível substituiu a anterior ansiedade de Sandecker, um medo acompanhado de uma desesperadora sensação de impotência. A notícia chegara de modo tão inesperado, tão repentino, que ele ficou vários segundos incapaz de falar. Por fim, a voz indagadora de Pitt lhe penetrou o estado de choque:

— Alô! Almirante! O senhor está me ouvindo?

— Pitt, escute bem o que vou lhe dizer! — pediu Sandecker com urgência. — Vocês estão correndo um perigo terrível! Saia já da ilha! Vá embora agora! Entendeu?

Houve uma breve pausa.

— Desculpe, almirante, eu não estou...

— Não tenho tempo para explicar — atalhou Sandecker.

— Só posso dizer que uma onda sonora de incrível intensidade atingirá a ilha Gladiator em menos de vinte minutos. O impacto provocará uma ressonância sísmica que provavelmente causará a erupção dos dois vulcões da ilha. Se o fenômeno ocorrer no lado ocidental, ninguém sobreviverá. Você e os outros devem fugir para o mar enquanto há tempo. Dê o fora. Até logo!

E, sem esperar resposta, o almirante desligou. Só conseguia pensar numa coisa: sem querer e sem saber, estava provocando a morte de seu melhor amigo.



A terrível notícia atingiu Pitt como um coice. Pela enorme janela panorâmica ele olhou para o helicóptero pousado no iate, atracado no píer da lagoa. Calculou a distância em menos de um quilômetro. Imaginou que, carregando duas crianças pequenas, levariam mais de quinze minutos para chegar ao cais. Sem meios de transporte, um carro ou um caminhão, era um tempo escassíssimo. O período de espera transcorreu como se nunca tivesse existido. Giordino e Maeve já deviam ter encontrado os meninos. Era preciso que os houvessem encontrado. Do contrário, alguma coisa terrível teria acontecido.

Voltou o olhar primeiro para o monte Winkelman; a seguir percorreu a ilha e se deteve no monte Scaggs. Ambos se mostravam passivos e serenos. Vendo o exuberante bosque nas ravinas que cortavam as vertentes, achou difícil imaginar os dois morros como ameaçadores vulcões, gigantes adormecidos prontos para espalhar a morte e o desastre num fluxo de gases e rocha fundida.

Com brusquidão, mas sem exagerada pressa, levantou-se da cadeira de couro de Dorsett e contornou a escrivaninha. Parou abruptamente no centro da sala quando a porta de duas folhas, que dava para o interior da casa, se abriu e Arthur Dorsett entrou. Vinha com uma xícara de café na mão e uma pasta cheia de papéis debaixo do braço. Estava com a calça amassada, uma camisa social que um dia fora branca mas que agora era amarelada e uma gravata-borboleta. Parecia perdido em pensamentos. Notando outra pessoa no escritório, ergueu a vista, mais curioso do que surpreso. Ao ver o intruso fardado, pensou em primeiro lugar que se tratasse de um de seus seguranças. Chegou a fazer menção de perguntar o motivo de sua presença, mas logo contraiu todos os músculos do corpo em petrificado espanto. Sua face ficou pálida feito máscara, esculpida pela confusão e pelo susto. A pasta lhe escapou e caiu, os papéis se espalharam no chão como um baralho. As mãos lhe penderam junto ao corpo, e o café molhou sua calça.

— Você morreu! — ele balbuciou.

— Não imagina a satisfação que tenho em lhe provar o contrário — disse Pitt, contente ao ver que Dorsett estava com um curativo no olho. — Ora, o que é isso? Parece até que você viu um fantasma.

— A tempestade... não é possível que você tenha sobrevivido à fúria do mar. — Um brilho em seu olho não mostrou que ele estava começando a recobrar o autocontrole. — Como conseguiu?

— Um bocado de pensamento positivo e meu canivete suíço.

— E Maeve... morreu? — Ele hesitou ao falar, examinou o fuzil nas mãos de Pitt, o cano apontado para o seu coração.

— O fato de saber que isso há de lhe causar desgosto e incômodo me dá uma enorme alegria, mas ela está vivinha da silva e passando muito bem. Aliás, neste exato momento, deve estar dando o fora daqui com seus netos. Diga uma coisa, Dorsett, como se justifica assassinar a própria filha? Acaso um mulher que simplesmente estava tentando encontrar-se como pessoa representava uma ameaça tão grande? Ou será que você estava querendo que os filhos dela fossem só seus, de mais ninguém?

— Era essencial que o império fosse mantido por meus descendentes após a minha morte. Maeve se recusou a ver as coisas assim.

— Tenho uma notícia para lhe dar. Esse império que você adora tanto vai para o espaço daqui a pouco. Dorsett não compreendeu o que Pitt estava querendo dizer.

— Pretende me matar? Pitt sacudiu a cabeça.

— Não sou eu o seu carrasco. Os vulcões da ilha vão entrar em erupção. Aliás, será um final que combina bem com você: tudo consumido pela lava.

Dorsett esboçou um sorriso. Tinha recuperado a calma.

— Que bobagem é essa?

— Complicado demais para explicar. Eu mesmo desconheço os detalhes, mas quem me informou tem muita autoridade. Você vai ter de acreditar em minha palavra.

— Você é um louco varrido.

— Ai dos que não têm fé.

— Se pretende atirar — disse Dorsett com um brilho de ódio no olho preto —, atire de uma vez.

Pitt sorriu. Maeve e Giordino ainda não tinham chegado. Por enquanto, precisava de Arthur Dorsett vivo para o caso de os dois terem sido capturados pelos guardas.

— Desculpe, mas estou sem tempo. Faça o favor de se virar e subir a escada para os quartos.

— Meus netos... Você não pode pegar os meus netos — murmurou ele.

— Seu netos não. Os filhos de Maeve.

— Você não vai conseguir passar pelos guardas.

— Os dois do portão estão, digamos, impedidos.

— Então vai ser preciso matar-me a sangue-frio, e eu aposto tudo o que tenho como você não tem peito para isso.

— Por que vocês insistem tanto em acreditar que eu não agüento ver sangue? — Pitt colocou o dedo no gatilho do fuzil. — Vamos andando. Do contrário eu lhe arranco as orelhas.

— Arranque, seu covarde filho da puta! — gritou ele. — Você já me arrancou um olho.

— Parece que você não entendeu. — A hostilidade e a invencível arrogância de Dorsett provocaram muito ódio em Pitt, que, sem vacilar, ergueu um pouco o fuzil e apertou o gatilho. A arma disparou com um estampido abafado pelo silenciador, e um pedaço da orelha de Dorsett foi cair no tapete. — Agora comece a subir essa escada. Qualquer movimento seu que me desagrade, e eu lhe meto uma bala na espinha.

Não se via sinal de dor no olho negro e bestial de Dorsett. Pelo contrário, ele sorriu um sorriso ameaçador, que fez Pitt estremecer involuntariamente. Então, devagar, levou a mão à orelha dilacerada e se voltou para a porta.

Nesse momento, Boudicca entrou no escritório. Vinha com sua postura altiva, as formas perfeitas envoltas num penhoar de seda que terminava bem acima dos

joelhos. Não reconheceu Pitt fardado nem se deu conta de que seu pai estava em perigo.

— Que foi isso, papai? Tive a impressão de ouvir um tiro... — Então ela viu o sangue escorrendo entre os dedos de Dorsett. — Mas... você está machucado!

— Temos visitantes indesejáveis, minha filha.

Como se tivesse olhos na nuca, ele sabia que a atenção de Pitt estava momentaneamente voltada para Boudicca. Esta, por sua vez, ao se aproximar apressada para examinar a ferida, viu de relance o rosto dele. Sua primeira expressão foi de confusão, depois espanto. Arregalou os olhos. Acabava de reconhecê-lo.

— Não... não é possível!

Foi a distração que Dorsett esperava. Girando o corpo num movimento brusco, deu uma violenta pancada no cano do fuzil, afastando-o para o lado. Num ato reflexo, Pitt apertou o gatilho. Um rajada perfurou o retrato de Charles Dorsett acima da lareira. Fisicamente debilitado e mal conseguindo manter-se em pé devido à falta de sono, Pitt teve uma reação tardia. Os esforços excessivos e a exaustão das últimas três semanas estavam finalmente cobrando o seu tributo. E, como que em câmera lenta, ele viu o fuzil sendo arrancado de suas mãos e jogado contra a vidraça da janela. Dorsett avançou feito um rinoceronte enraivecido. Pitt agarrou-se a ele, fazendo o possível para não cair. Contudo, o homem bem mais pesado aproximou de seu rosto as gigantescas mãos, com a evidente intenção de lhe cravar os polegares nos olhos. Pitt virou a cabeça, porém um punho lhe atingiu a têmpora. Fogos de artifício explodiram em seu cérebro, e ele se sentiu invadido por uma onda de tortura. Desesperado, agachou-se e rolou no chão, para escapar à saraivada de socos que se seguiu, e saltou na direção oposta quando Dorsett tornou a arremeter. Graças a seus braços e ombros musculosos, o velho magnata do diamante já tinha mandado mais de um homem para o hospital. Durante sua rude juventude nas minas, ele se gabava de nunca ter precisado recorrer a facas nem a armas de fogo. Sua compulsão e sua força ex- traordinária bastavam para liquidar quem perpetrasse a insensatez de enfrentá-lo. Mesmo numa idade em que os homens, em sua maioria, se tornavam flácidos, ele continuava rijo como granito.

Pitt sacudiu a cabeça para enxergar melhor. Sentia-se como um boxeador na lona, desesperadamente agarrado às cordas à espera do gongo que o salvasse, lutando para recuperar a lucidez. Eram poucos os especialistas em artes marciais capazes de derrubar a massa irresistível de puros músculos de Dorsett. Pitt estava começando a pensar que a única coisa que poderia detê-lo era um rifle de caçar elefantes. Se Gior- dino aparecesse! Pelo menos, contava com uma pistola automática. A mente de Pitt trabalhava febrilmente em busca de uma atitude, de um movimento viável, rejeitando todos os que com certeza resultariam em fraturas nos ossos. Entrincheirando-se atrás da escrivaninha, tentou ganhar tempo; olhou para Dorsett e forçou um sorriso que fez seu rosto doer. Muito tempo antes ele aprendera, em numerosas brigas de bar e outras pancadarias, que as mãos e os pés não podiam com cadeiras, garrafas de cerveja ou quaisquer outras coisas duras o suficiente para rachar um crânio. Olhou a sua volta em busca da arma mais próxima.

— E agora, velhote, você vai me morder com esses dentes podres?

O insulto surtiu o efeito desejado. Com um rugido insano, Dorsett lhe desferiu um pontapé na virilha. Errou por uma fração de segundo; o sapato apenas roçou o quadril de sua vítima. Então ele saltou por cima da escrivaninha. Calmamente, Pitt recuou um passo, agarrou um abajur de metal e bateu com a força

revitalizada pelo ódio. Dorsett tentou aparar o golpe com o braço, mas não foi suficientemente rápido. O abajur bateu em seu pulso antes de lhe atingir o ombro com tanta violência que lhe fraturou a clavícula. Ele deixou escapar um berro de animal ferido e avançou com a negra malevolência do olhar intensificada pela dor e pelo ódio. E desfechou um violento soco. Pitt se esquivou e, ao mesmo tempo, bateu com a base do abajur, atingindo Dorsett entre o joelho e a canela. No brusco movimento, porém, a arma improvisada lhe escapou das mãos. Ouvia-se um baque no tapete. Dorsett tornou a investir contra ele, como se não estivesse ferido. Ofegante, com as veias do pescoço dilatadas e o olho esbugalhado, não conseguia conter a espuma de saliva que se acumulava nas comissuras de sua boca escancarada. Na verdade, dava a impressão de estar rindo. Devia ter enlouquecido. Murmurando palavras incoerentes, saltou sobre Pitt. Não conseguiu alcançá-lo. A perna esquerda lhe falhou, fazendo-o escorregar e cair de costas. A pancada que acabou de receber lhe havia quebrado a tibia. Dessa vez, Pitt reagiu como um gato. Com a rapidez de um raio, subiu na escrivaninha, flexionou o corpo, pulou e foi cair com os dois pés no pescoço exposto de Dorsett. O rosto maligno, com o único e negro olho a brilhar e os dentes amarelos, pareceu contrair-se de espanto. Sua mão gigantesca se cerrou e segurou o vazio. Ele se pôs a espernear e bracejar cegamente. Um resfolegar de fera agonizante lhe escapou da garganta, um horroroso gorgolejar que saía pela traquéia esmagada. Então, seu corpo amoleceu sem vida, e o olho que lhe restava perdeu o brilho, apagou-se.

Pitt conseguiu manter-se de pé, respirando com dificuldade por entre os dentes cerrados. Ergueu os olhos para Boudicca que, estranhamente, não tinha esboçado um único gesto para ajudar o pai. Ela olhou para o cadáver com a expressão ao mesmo tempo descomprometida e fascinada da testemunha de um fatal acidente de trânsito.

— Você o matou — disse enfim, sem alterar a voz.

— Pouca gente merecia morrer mais do que ele — respondeu Pitt, tomando fôlego e roçando os dedos no galo que lhe crescia na cabeça.

Boudicca desviou a atenção do cadáver estendido no chão, como se ele não existisse.

— Eu devia agradecê-lo, senhor Pitt, por me entregar a Dorsett Consolidated Mining Limited numa bandeja de prata.

— Estou comovido como o seu pesar. Ela sorriu, entediada.

— Você me fez um favor.

— A filhinha querida fica com o espólio. E Maeve e Deirdre? Cada uma delas tem direito a um terço dos bens.

— Deirdre receberá a sua parte — disse Boudicca secamente. — Quanto a Maeve, se é que ainda está viva, não receberá coisa nenhuma. Papai já a tinha excluído.

— E os gêmeos?

Ela deu de ombros.

— As crianças pequenas estão sujeitas a muitos acidentes.

— Parece que você não chega a ser uma tia apaixonada pelos sobrinhos.

Pitt ficou tenso com o que os esperava. Em poucos minutos ocorreria a erupção. Duvidava que ainda tivesse força para lutar com mais um membro da família Dorsett. Lembrou-se de sua surpresa quando Boudicca o ergueu e o comprimiu na parede do iate, na ilha Kunghit. Seus bíceps chegaram a doer com a lembrança. De acordo com Sandecker, a onda acústica atingiria a ilha em questão de minutos. Seguir-se-ia a erupção dos vulcões. Já que tinha de morrer,

era melhor tentar lutar para sair. Afinal, ser espancado até a morte por uma mulher era menos atemorizador do que acabar cremado em lava ardente. Que teria acontecido a Maeve e a seus filhos? Ele não conseguia acreditar que algum mal lhes tivesse passado; contavam com Giordino. Era preciso avisá-los do iminente cataclismo. Talvez ainda houvesse uma possibilidade, por remota que fosse, de fugir vivos da ilha.

No fundo, ele sabia que não era páreo para Boudicca, mas precisava agir enquanto tivesse a pequeníssima vantagem da surpresa. Ainda estava pensando nisso quando, abaixando a cabeça, precipitou-se para a frente, atravessou o escritório e entrou com o ombro no estômago da gigante. Ela foi colhida de surpresa, mas isto fez pouca diferença, quase nenhuma. Recebeu o impacto, deixou escapar um grunhido e, embora recuando alguns passos, manteve-se de pé. E, antes que Pitt conseguisse recuperar o equilíbrio, agarrou-o pelo peito com ambos os braços, girou o corpo, descrevendo um semi-círculo, e jogou-o de encontro a uma estante de livros, cuja porta de vidro ele estilhou com as costas. Por incrível que fosse, Pitt conseguiu equilibrar-se nas pernas bambas e não caiu. Ofegando, tentou tomar fôlego. Parecia que todos os ossos de seu corpo estavam partidos. Tratou de suportar a dor e atacou novamente. Conseguiu atingi-la com um uppercut que lhe tirou sangue. O murro teria deixado qualquer mulher inconsciente durante uma semana, porém Boudicca simplesmente enxugou com o dorso da mão o sangue que lhe escorria da boca e abriu um sorriso medonho. Depois, cerrando os punhos e tomando postura de pugilista, avançou contra Pitt. Não era precisamente a pose mais adequada a uma dama, ele chegou a pensar. Mas, aceitando o desafio, inclinou o corpo para se esquivar de um poderoso cruzado de direita e, com a última força que lhe restava, esmurrou uma vez mais. Sentiu que atingira carne e osso, mas foi colhido por uma tremenda pancada no peito. Chegou a acreditar que seu coração tinha sido esmagado. Não era plausível que uma mulher pudesse bater com tanta força. Ele lhe havia dado um soco capaz de quebrar a mandíbula de um urso; todavia Boudicca continuava sorrindo com a boca ensangüentada e pagou com uma bofetada, com as costas da mão, que o jogou na lareira de pedra, arrancando-lhe todo o ar dos pulmões. Ele caiu e ali ficou um bom momento, numa posição grotesca, atormentado pela dor. Como que envolto em neblina, colocou-se de joelhos, levantou-se e ficou oscilando, tentando recompor-se para um último golpe. Boudicca avançou e lhe aplicou uma violentíssima cotovelada na caixa torácica. Pitt chegou a ouvir o seco estalido de uma, talvez duas costelas, sentiu a pontada aguda e, curvando-se, apoiou as mãos nos joelhos. Ouhou atordoado para o estampado do tapete. Sentiu vontade de ali se deitar e ficar para sempre. Talvez já estivesse morto e a morte não passasse daquilo, de uma estampa florada no tapete.

Desesperado, compreendeu que não agüentaria mais. Tateou em busca do ferro de atizar fogo, mas estava com a vista embaçada, com os movimentos por demais descoordenados para achá-lo e pegá-lo. Viu vagamente Boudicca inclinar-se, segurar-lhe uma perna e jogá-lo violentamente no chão, onde ele colidiu com a porta aberta. Então, ela se aproximou, agarrou-o pelo colarinho e, com a outra mão, desferiu um forte murro que o atingiu pouco acima do olho. Pitt ficou estendido, à beira da inconsciência, morrendo de dor, percebendo, ainda que sem senti-lo de fato, o sangue que lhe saía de um corte acima do olho esquerdo.

Qual gato a brincar com o rato, Boudicca não tardaria a se cansar e a matá-lo. Tonto, mas recorrendo quase miraculosamente a uma força que ele não sabia que possuía, Pitt conseguiu colocar-se lentamente — e decerto pela última vez —

de pé.

Boudicca o esperava junto ao cadáver do pai, os lábios arreganhados num sorriso de antecipação. A sensação de completo domínio se patenteou em seu rosto.

— Chegou a hora, meu caro, de ir encontrar-se com meu pai — disse ela num tom grave, glacial, cruel.

— Que merda de companhia me espera... — A voz de Pitt saiu apagada, entrecortada.

Nesse momento, ele viu Boudicca mudar de expressão e sentiu uma mão empurrá-lo delicadamente para o lado. Giordino, que acabava de entrar no escritório de Dorsett, olhou com desprezo para a gigante e disse:

— Essa vaca brava é toda minha. Faça questão.

Maeve apareceu à porta, segurando as mãos de dois garotinhos loiros. Olhou para o rosto ensangüentado de Pitt, para Boudicca e para o corpo sem vida do pai.

— Que aconteceu com papai?

— Ficou com dor de garganta — murmurou Pitt.

— Desculpe o atraso — disse Giordino calmamente. — Topei com uns criados excessivamente fiéis ao patrão. Trancaram-se num quarto com os meninos, e precisei arrombar a porta. — Não explicou o que fez com os empregados. Entregou a Pitt a nove milímetros roubada de John Merchant. — Se ela ganhar, mate-a.

— Com todo prazer — respondeu Pitt sem sombra de clemência no olhar.

Já não havia vestígio de confiança nos olhos de Boudicca. Tampouco de esperança de simplesmente ferir seu adversário. Dessa vez, ia lutar pela própria vida e estava disposta a recorrer a todos os golpes sujos das brigas de rua que seu pai lhe ensinara. Aquele não seria um confronto civilizado entre boxeadores ou lutadores de caratê. Ela deu alguns passos, feito uma loba, preparando-se para desferir um golpe mortal e ao mesmo tempo atenta à pistola na mão de Pitt.

— Quer dizer que você também voltou da morte? —

sibilou feito uma víbora.

— Não consegui esquecer você — disse Giordino, projetando os lábios para lhe atirar um beijo.

— Pena que tenha sobrevivido apenas para vir morrer em minha casa...

Foi um erro. Boudicca desperdiçou meio segundo numa conversa desnecessária. Tempo mais que suficiente para que Giordino saltasse com os dois pés em seu peito. O duro impacto lhe dobrou o corpo e lhe arrancou um gemido de dor. Porém, incrivelmente, ela conseguiu não só manter-se em pé como agarrar os pulsos do italiano. E jogando-se para trás, por cima da escrivanhinha, puxou-o consigo até ficar deitada de costas no chão, com Giordino de bruços no tempo da mesa, acima dela, aparentemente desamparado, os braços estendidos e bem presos.

Boudicca olhou para ele e, tendo a vítima segura em suas tenazes de aço, voltou a exibir o sorriso maligno. Aumentou a pressão; tinha a intenção de dobrar e quebrar-lhe os pulsos com sua força descomunal. Era uma jogada astuta. Podia deixar Giordino fora de combate ao mesmo tempo em que, escudando-se nele, apanhava o revólver carregado que Arthur Dorsett costumava guardar na última gaveta da escrivanhinha. Esperando um sinal do amigo para atirar, Pitt não tinha ângulo para apontar a pistola automática para Boudicca. Apenas consciente, fazendo um esforço enorme para não perder os sentidos, ainda estava com a vista embaciada pelo murro na testa. Encolhida a seu lado, Maeve tentava evitar que os filhos presenciassem a cena brutal.

Giordino parecia imobilizado, de bruços na mesa, como que a aceitar a derrota

sem oferecer combate, ao passo que Boudicca continuava dobrando-lhe os pulsos lentamente para trás. Seu penhoar se abriu e escorregara; Maeve, que nunca tinha visto a irmã sem roupa, ficou assombrada ao ver nus aqueles ombros compactos, fortísimos, de músculos gigantesco. Depois, seu olhar se fixou no corpo do pai estendido no tapete. Não ficou triste, apenas chocada com aquela morte inesperada.

Então, devagar, enfiando forças, Giordino ergueu as mãos e os braços como que a levantar um haltere. A expressão de incompreensão de Boudicca deu lugar a outra, de choque. Seguiu-se a de incredulidade, e seu corpo tremeu quando ela empregou inutilmente toda a força de que era capaz para deter a dele, implacável. De repente, já não pôde continuar segurando-o; teve de soltá-lo. Tentou de imediato atingir-lhe os olhos, mas o italiano previra o golpe e lhe desviou as mãos com um safanão. Antes que ela tivesse tempo de se recuperar, passou pela escrivania e caiu escarranchado em seu peito, as pernas a lhe prender os braços no chão. Neutralizada por uma força inesperada, Boudicca começou a debater-se freneticamente, tentando escapar. Em seu desespero, procurou alcançar a gaveta com o revólver, mas os joelhos de Giordino mantinham seus braços efetivamente colados ao corpo. Então, contraindo todos os músculos, agarrou-lhe a garganta com ambas as mãos.

— Tal pai, tal filha — rosou. — Vá encontrar-se com ele no inferno.

Boudicca compreendeu com pavorosa certeza que não haveria retorno nem perdão. Estava presa de fato. Seu corpo se convulsionou, aterrorizado, quando as mãos enormes do italiano começaram a lhe espremer a vida. Tentou gritar, mas não conseguiu emitir mais do que um guincho estridente de roedor. Aquelas mãos não a soltaram quando seu rosto se contorceu, seus olhos saltaram, sua pele adquiriu uma coloração azulada, roxa. A expressão de Giordino, que normalmente costumava exibir um sorriso bem-humorado, permaneceu inexpressiva, e ele continuou apertando e apertando.

O drama durou até que o corpo da gigante se contraísse e enrijecesse, até que sua energia escoasse totalmente e ela finalmente afrouxasse. Sem lhe soltar o pescoço, Giordino ergueu do chão aquele enorme cadáver de mulher e o estendeu sobre a escrivania. Com mórbido fascínio, Maeve o viu rasgar o penhoar de seda e desnudar o corpo de Boudicca. Então, chocada com o que viu, ela soltou um grito e escondeu o rosto.

— Não podia ser diferente, compadre — disse Pitt, esforçando-se para adaptar as idéias ao que estava presenciando.

Giordino inclinou ligeiramente a cabeça, os olhos frios e distantes.

— Eu sabia. Fiquei sabendo no momento em que ela me esmurrou no iate.

— Precisamos ir embora já. A ilha inteira vai se transformar em cinzas e fumaça.

— Como é que é? Você pode me explicar? — pediu Giordino, confuso.

— Depois eu faço um desenho. — Pitt se voltou para Maeve. — Há algum meio de transporte na casa?

— Na garagem deve haver uns carrinhos que papai usa... usava para ir de uma mina a outra.

Pitt pegou um dos meninos no colo.

— Quem é você?

Assustado com o sangue que lhe escorria da testa, o garoto balbuciou:

— Michael. — Apontou para o irmão, que estava no colo de Giordino. — Ele é Sean.

— Você já viajou de helicóptero, Michael?

— Não, mas sempre tive vontade.

— Pois vai viajar agora.

Ao sair, apressada, do escritório, Maeve se virou e olhou pela última vez para o pai e para Boudicca, que ela sempre considerara uma irmã mais velha, que se mantinha distante e raramente mostrava mais do que animosidade. Seu pai guardara o segredo, suportando a vergonha e ocultando-o do mundo. Foi terrível descobrir, depois de tantos anos, que Boudicca era um homem.



Numa garagem anexa à mansão, encontraram os veículos que Dorsett usava na ilha, modelos compactos de um carro de fabricação australiana chamado Holden. Adaptados ao gosto do dono, não tinham portas, a fim de facilitar a entrada e a saída, e eram pintados de amarelo-claro. Pitt ficou agradecido porque Arthur Dorsett tinha deixado a chave no contato do primeiro da fila. Embarcaram precipitadamente, Pitt e Giordino na frente, Maeve e os filhos atrás. Pitt ligou o motor e engatou a primeira. Pisou no acelerador ao mesmo tempo em que soltava a embreagem, fazendo o carro dar um salto para a frente. Ao chegarem à entrada em arco, Giordino desceu correndo e foi abrir o portão. Mal tinham chegado à estrada quando deram com um furgão aberto, cheio de guardas de segurança, que vinha em sentido contrário. Tinha de acontecer justamente agora, pensou Pitt. Já deviam ter dado o alarme. Mas logo se deu conta de que era a hora da troca da guarda. Aqueles certamente vinham substituir os homens amarrados no escritório da segurança.

— Acenem para eles e sorriam — mandou Pitt. — Finjam que somos apenas uma família feliz.

O motorista uniformizado do furgão diminuiu a velocidade e ficou olhando, curioso, para os passageiros do Holden. Depois balançou a cabeça e os cumprimentou sem reconhecer ninguém, mas supondo que eram convidados da família Dorsett. O furgão estava parando à entrada da mansão quando Pitt apertou o acelerador e rumou em alta velocidade para a doca que se estendia lagoa adentro.

— Eles caíram — disse Giordino. Pitt sorriu.

— Só até descobrirem que os caras do turno noturno não estão dormindo à toa.

Sairam da estrada principal, que servia as duas minas, e se dirigiram à lagoa. Agora, era uma linha reta até o porto. Não havia carros nem caminhões entre eles e o iate. Pitt não perdeu tempo consultando o relógio, mas sabia que faltavam quatro ou cinco minutos para o cataclismo previsto por Sandecker.

— Eles vêm vindo atrás de nós — gritou Maeve, assustada.

Pitt não teve necessidade de olhar pelo espelho retrovisor para confirmá-lo. Tampouco foi preciso que lhe contassem que sua fuga à liberdade estava correndo um grave perigo devido à pronta reação dos guardas. A única questão que lhe ocupava a mente era se conseguiriam levantar vôo antes que os guardas se aproximassem o bastante para alvejá-los no ar.

Através do pára-brisa, Giordino apontou para o único obstáculo à frente, um guarda parado fora do escritório da segurança, observando-lhes a rápida aproximação.

— E esse aí?

Pitt lhe devolveu a pistola automática de Merchant.

— Se eu não conseguir assustá-lo, atire nele.

— Se você não o quê...?

Não consegui dizer mais nada. Pitt entrou a mais de cento e vinte quilômetros por hora no cais; a seguir, afundou o pé no freio, fazendo com que o veículo derrapasse diretamente rumo ao escritório. Sem saber para que lado pular, o assustado vigilante ficou um instante paralisado e acabou mergulhando na água, a fim de não ser esmagado pelo pára-choque dianteiro do carro.

— Muito bem! — admirou-se Giordino quando Pitt corrigiu a trajetória e freou bruscamente diante da rampa de embarque do iate.

— Depressa! — gritou. — Al, corra ao helicóptero, desamarre as cordas de segurança e ligue o motor. Maeve, pegue os meninos e fique esperando escondida no salão. Será mais seguro lá dentro se os guardas chegarem antes que tenhamos conseguido decolar. Espere até que a hélice comece a girar, depois corra para lá.

— E você, que vai fazer? — perguntou Giordino, ajudando Maeve a tirar as crianças do carro e fazendo-os subir correndo a plataforma.

— Vou soltar as espias do iate para evitar que eles abordem.

Pitt estava suando quando acabou de puxar dos cabecos as pesadas amarras e as jogou na água. Olhou ainda uma vez para o caminho que levava à mansão de Dorsett. O motorista do furgão tinha calculado mal a curva para sair da estrada principal e derrapara de lado num brejo. Com isso, os homens da segurança acabaram perdendo preciosos segundos até conseguir retomar o caminho da lagoa. OuvIU-se então o ronco do motor do helicóptero e, quase exatamente no mesmo momento, um disparo no interior da embarcação.

Apavorado, Pitt subiu correndo a rampa de embarque. Praguejou e sentiu na boca um gosto de veneno por ter cometido a loucura de mandar Maeve e os meninos subir a bordo sem examinar previamente o barco. Procurou a nove milímetros, mas lembrou-se de que a havia entregue a Giordino.

— Oh, meu Deus! — murmurou quando estava atravessando correndo o convés.

Abriu porta do salão com violência e entrou.

Ficou desorientado ao ouvir Maeve suplicar:

— Não, Deirdre! Por favor, os meninos não!

E viu a cena terrível. Maeve no chão, as costas apoiadas na estante de livros, os meninos encolhidos e chorando de medo em seus braços. Uma mancha vermelha se dilatava, em sua blusa, ao redor de um pe- queno orifício na altura do umbigo.

Parada no centro do salão, Deirdre apontava uma pequena pistola para os garotos. Seu rosto e os braços nus estavam brancos como o marfim polido. Trajando um Emanuel Ungaro que lhe realçava a beleza, mostrava os olhos frios e os lábios muito apertados. Olhou para Pitt com uma expressão capaz de congelar o álcool. Quando falou, sua voz adquiriu uma qualidade peculiarmente perturbada:

— Eu sabia que você não tinha morrido.

— Você é mais louca do que seu pai e seu irmão depravado — disse Pitt com frieza.

— Eu tinha certeza de que você voltaria para destruir minha família.

Pitt foi avançando lentamente, até conseguir escurar Maeve e os meninos com o próprio corpo.

— Digamos que é uma cruzada para erradicar um mal. Perto dos Dorsett, os

Bórgia pareceriam aprendizes — disse ele, tentando ganhar tempo enquanto se acercava. — Eu matei seu pai. Sabia disso?

Ela fez lentamente que sim, a mão que empunhava a arma branca e fria como o mármore.

— Os criados que Maeve e seu amigo trancaram no armário sabiam que eu estava dormindo no iate e me chamaram. Agora você vai morrer, como meu pai. Mas primeiro quero ter o prazer de acabar com Maeve.

Pitt se voltou lentamente.

— Mas ela já está morta — mentiu.

Deirdre se inclinou para o lado, tentando ver a irmã atrás de Pitt.

— Então você vai me ver liquidando seus adoráveis gêmeos.

— Não! — gritou Maeve atrás de Pitt. — Meus filhos não!

Deirdre estava transtornada quando ergueu a pistola e avançou um passo, contornando Pitt, para atirar na irmã e nos sobrinhos.

Uma raiva cega expungiu todo vestígio de bom senso no momento em que Pitt, num salto, arrojou-se sobre ela. Por rápido que fosse, viu a pistola automática apontada para seu peito. Não tinha ilusão de conseguir. A distância que os separava era grande demais para que chegasse a tempo. A dois metros dele, Deirdre não podia errar.

Pitt mal sentiu o impacto das duas balas que lhe penetraram a carne. Havia nele ódio e malícia suficientes para anestesiar qualquer dor, para conter qualquer choque. Derrubou Deirdre com um impacto esmagador, que lhe distorceu as delicadas feições, transformando-as numa horrenda máscara de agonia. Foi como chocar-se com um arbusto novo. Suas costas se curvaram quando ela, comprimida pelo peso de Pitt, tropeçou numa mesinha de centro. Ouviu-se o estalo horrível de um galho seco quando sua espinha se partiu em três lugares. O berro estranho e selvagem não inspirou nele compaixão alguma. Com a cabeça inclinada para trás, ela pousou em Pitt os olhos castanhos que ainda retinham um ar de profundo desprezo.

— Você vai pagar... gemeu, cheia de ódio, vendo aos círculos de sangue alargarem-se na ilharga e no alto do peito de Pitt. — Vai morrer.

Deirdre continuava empunhando a arma; tentou apontar para ele novamente, mas seu corpo se recusou a obedecer os comandos do cérebro. Ela havia perdido toda a sensibilidade.

— Pode ser — disse ele pausadamente, olhando para ela e dando-lhe um sorriso duro como a alça de um caixão, seguro de que sua coluna vertebral estava irreparavelmente fraturada. — Mas é melhor do que ficar paralítico o resto da vida.

Arrastando-se, afastou-se de Deirdre e foi ter com Maeve. Sem fazer caso do próprio ferimento, ela tentava confortar os filhos, que continuavam chorando e tremendo de pavor.

— Está tudo bem, meus queridos — dizia com ternura.

— Tudo vai ficar em ordem agora.

Pitt se ajoelhou diante dela e lhe examinou o ferimento. Havia pouco sangue, nada mais do que um pequeno orifício que não parecia maior do que a estocada de um pequeno objeto pontiagudo. Ele não podia saber onde o projétil se expandira dentro de seu ventre, dilacerando-lhe os intestinos e um labirinto de vasos sanguíneos, para lhe perfurar o duodeno e alojar-se num disco entre duas vértebras. Ela estava com hemorragia interna e, a menos que fosse socorrida imediatamente, morreria em questão de minutos.

Pitt sentiu no coração toda a amargura do mundo. Instintivamente, quis gritar a

sua dor, mas tudo o que lhe saiu da garganta foi um triste gemido vindo das entranhas.

Giordino não podia esperar mais. O dia estava clareando, e o céu, a leste, começava a se tingir dos tons alaranjados do sol nascente. Saltando do helicóptero para o convés, curvou-se sob a hélice em movimento exatamente quando o furgão com os seguranças acabava de entrar no cais. Que diabos teria acontecido a Pitt e Maeve? perguntou-se com ansiedade. Pitt não perderia tempo desnecessariamente. As espias estavam boiando frouxamente na água, e o iate, arrastado pela maré vazante, afastara-se uns trinta metros do pier. Era vital apressar-se. A única razão pela qual os guardas não tinham atirado no helicóptero nem no iate era o medo de danificar a propriedade de Dorsett. Agora, eles se encontravam a apenas cem metros de distância, e continuavam aproximando-se. Giordino estava tão absorto em seus perseguidores e tão preocupado com a demora dos amigos que não notou o súbito bater de asas dos pássaros, que descreviam círculos confusos no céu. Tampouco ouviu um estranho zumbido, não sentiu o tremor da terra, não viu a repentina agitação da água da lagoa quando as ondas acústicas, com assombrosa velocidade, colidiram com as rochas subterrâneas da ilha Gladiador. Só quando se achava a poucos passos da porta do salão principal, olhou para os guardas por cima do ombro. Estavam todos como que grudados no cais, cujas tábuas se ondeavam como o próprio mar. Totalmente esquecidos da perseguição, eles apontavam para uma fumaça cinzenta que começava a se erguer e a espalhar-se acima do monte Scaggs. Giordino chegou a ver uma pequena multidão saindo do túnel de entrada na encosta do vulcão. Vendo igual agitação no monte Winkleman, lembrou-se imediatamente na advertência de Pitt. A ilha estava a ponto de explodir em fumaça e cinzas.

Irrompeu no salão, deteve-se bruscamente e deixou escapar um gemido de desespero ao ver o sangue brotando nas feridas do peito e da cintura de Pitt, o buraco no ventre de Maeve e o corpo de Deirdre Dorsett quase totalmente dobrado para trás, por cima da mesa baixa.

— Santo Deus, que aconteceu?

Pitt olhou para ele sem responder.

— A erupção começou?

— Há fumaça nos montes, e o chão está tremendo.

— Então é tarde demais.

Giordino se ajoelhou imediatamente ao lado de Pitt e olhou para o ferimento de Maeve.

— Parece grave.

Ela o fitou, implorando:

— Por favor, leve os meninos embora e deixe-me aqui. O italiano sacudiu a cabeça.

— Não posso fazer isso. Ou vamos todos, ou não vai ninguém.

Pitt estendeu a mão e agarrou o braço do amigo.

— Não há tempo. A ilha inteira vai explodir a qualquer momento. Não vou conseguir. Pegue as crianças e dê o fora daqui. Faça isso agora.

Como atingido por uma granada, Giordino ficou entorpecido de incredulidade. A letárgica indiferença e o eterno sarcasmo desapareceram por completo. Seus ombros largos se encolheram. Nada na vida o havia preparado para abandonar o melhor amigo, de tantos anos, à morte certa. Sua expressão era de torturada indecisão.

— Não posso deixar nenhum de vocês. — E, inclinando-se, estendeu os braços para carregar Maeve. Olhou para Pitt e piscou. — Já venho buscá-lo.

Maeve agitou as mãos.

— Não está vendo que ele tem razão? — murmurou debilmente.

Pitt lhe entregou o diário de bordo e as cartas de Rodney York

— Dê um jeito de fazer com que a família de York receba isto — disse com uma calma glacial. — E agora, pelo amor de Deus, leve esses meninos daqui. Vá embora!

Atormentado, Giordino sacudiu a cabeça.

— Você não desiste, hein?

Lá fora, o céu desaparecera repentinamente, e em seu lugar via-se uma nuvem de cinzas que nascia no centro do monte Winkelman com um trovejar aterrorizador. Tudo escureceu quando a terrível massa negra se espalhou feito um gigantesco guarda-chuva. Ouviu-se então uma explosão mais forte, que fez jorrar no ar milhares de toneladas de lava derretida.

Giordino sentiu a alma dilacerada. Finalmente, fez que sim e virou a cabeça. Havia uma curiosa compreensão em seu olhar martirizado.

— Está bem. — Lembrou-se de uma última pilhéria. — Já que ninguém me quer aqui, eu vou embora.

Pitt lhe segurou a mão.

— Adeus, amigo. Obrigado por tudo o que fez por mim.

— Até qualquer hora — murmurou o italiano com voz entrecortada e lágrimas nos olhos. Parecia um homem muito velho, tomado de um solene e doloroso choque. Ia dizer alguma coisa, atrapalhou-se com as palavras, pegou os filhos de Maeve, cada um debaixo de um braço, e se foi.



Charles Bakewell e os especialistas do observatório vulcânico de Auckland não podiam ver o interior da terra como viam a atmosfera e, em grau menor, o mar. Foi-lhes impossível prever exatamente os fatos, em sua seqüência e magnitude, quando a onda acústica vinda do Havaí atingisse a ilha Gladiator. A diferença da maior parte das erupções e dos terremotos, não houve tempo para estudar os fenômenos precursores daquela onda, tais como os tremores de terra, as flutuações dos rios subterrâneos e as alterações no comportamento dos animais domésticos e silvestres. A dinâmica foi caótica. Os cientistas só tinham certeza de que um grande distúrbio se preparava e de que as quentíssimas fornhalhas das profundezas da ilha estavam a ponto de irromper na superfície.

De fato, a ressonância criada pela energia das ondas acústicas abalou as já debilitadas entranhas do vulcão, provocando as erupções. As catástrofes se seguiram em rápida sucessão. Vinda de muitos quilômetros abaixo da superfície da ilha, a rocha superaquecida e liquefeita dilatou-se, subindo imediatamente pelas fissuras abertas pelos tremores. Hesitando unicamente para deslocar as rochas mais frias que o cercavam, o fluxo formou um reservatório subterrâneo de material derretido, conhecido como câmara de magma, onde se acumulavam imensas pressões.

O estímulo para o gás vulcânico era o vapor de água incandescente, que tornava possível a formação da onda que jogaria o magma na superfície. Quando a água entrou em estado gasoso, seu volume aumentou instantaneamente quase mil vezes, criando a energia astronômica necessária para produzir uma erupção vulcânica.

A expulsão de fragmentos de rocha e cinzas pela coluna de gás em ascensão produziu a fumaça comum a toda erupção violenta. Embora não tivesse ocorrido combustão alguma, foi o reflexo do brilho de uma descarga elétrica da rocha incandescente no vapor de água que deu a impressão de fogo.

No interior das minas de diamante, os operários e supervisores fugiram pelos túneis de saída ao primeiro tremor de terra. A temperatura nas galerias aumentou com velocidade incrível. Nenhum guarda tentou deter a debandada. Tomados de pânico, eles mesmos lideraram a horda numa corrida louca para o lugar que erroneamente consideraram o mais seguro: o mar. Os que fugiram para o alto da selada entre os dois vulcões tiveram, sem o saber, as melhores chances de sobrevivência.

Qual gigantes adormecidos, os vulcões gêmeos da ilha tornaram a despertar depois de séculos de inatividade. E rivalizaram em violência. O monte Winkelman foi o primeiro a entrar em erupção, com uma série de fissuras

abertas ao longo de sua base, por onde brotaram longos rios de magma que, emergindo pelas rupturas, jorravam altos no ar. A cortina de fogo foi se espalhando à medida que se abriam passagens nas fissuras. Enormes quantidades de lava derretida se derramaram num fluxo implacável pelas vertentes e se disseminaram como um leque devastador, a aniquilar toda a vegetação que encontrassem no caminho.

A ferocidade da súbita tormenta jogou as árvores sobre as outras, para logo esmagá-las e incendiá-las, sendo que seus restos carbonizados foram varridos até a praia. As poucas árvores ou arbustos que escaparam ao infernal rolo compressor ficaram enegrecidas e mortas. O solo já estava coberto de pássaros que, asfixiados pelos gases e pela fumaça com que o monte Winkelman infestara a atmosfera, caíam do céu.

Como que guiado por mão divina, o lodo fatal inundou o complexo da segurança, mas passou a quase quinhentos metros do campo de detenção dos trabalhadores chineses, poupando desse modo a vida dos trezentos mineiros. Apesar de terrível em extensão, ele avançava a uma velocidade menor do que a de um homem correndo. O magma expelido pelo monte Winkelman, embora tivesse causado perdas incalculáveis, cobrou poucas vidas.

Chegou, porém, a vez do monte Scaggs.

Do fundo de suas estranhas, o vulcão que tinha o nome do capitão do Gladiador soltou um rugido gutural como o de cem trens cargueiros passando por um túnel. A cratera vomitou uma gigantesca nuvem de cinzas, muito maior do que a do monte Winkelman, que espiralou e girou no céu, espalhando-se numa negra massa mortífera. Por ominoso e atemorizador que parecesse, este foi apenas o prólogo do drama que se armava.

O flanco ocidental do morro não resistiu à pressão profundamente arraigada que subia de milhares de metros. A rocha líquuefeita, agora transformada numa pasta incandescente, irrompeu na superfície. Com incomensurável pressão, e abrindo uma fenda denteada no alto da vertente, liberou um inferno de vapores e lodo em ebulição, tudo acompanhado de uma tremenda explosão, que espargiu o magma em milhões de fragmentos.

Uma gigantesca agitação de lava ardente foi disparada do flanco do morro como fogo de artilharia. Uma enorme quantidade de magma candente foi ejetada num fluxo piroclástico, uma tumultuosa combinação de fragmentos incandescentes de rocha e gás a altíssimas temperaturas que se deslocavam no chão qual um melado grosso, porém a velocidades que excediam os cento e sessenta quilômetros por hora. Ganhando ímpeto, ela se precipitou em avalanche pela encosta do vulcão, com um rugido contínuo, desintegrando a ladeira e provocando um temível vendaval de enxofre.

O efeito do vapor superaquecido do fluxo piroclástico, à medida que avançava implacavelmente, era devastador, a tudo envolvia numa chuva de fogo e lodo escaldante. O vidro derreteu-se, as construções de pecira ficaram arrasadas, todo organismo vivo se reduziu instantaneamente a cinzas. O férvido horror nada deixou de reconhecível em sua esteira.

A horrenda defluxão ultrapassou o toldo sinistro de cinzas que ainda cobria a ilha, e o magma em fogo mergulhou no coração da lagoa, fazendo ferver a água e criando uma incrível turbulência de vapores que ergueu no céu espiraladas colunas de fumaça branca. A outrora bonita lagoa não tardou a ficar soterrada sob uma feia camada de cinzas; o barro sujo e os detritos chegaram à frente do catastrófico fluxo da morte.

A ilha usada pela ambição de homens e mulheres, uma ilha que muitos

acreditavam que merecia morrer, foi aniquilada. O pano desceu sobre sua agonia.

Giordino tinha levantado vôo com o helicóptero Augusta Mark II, de fabricação britânica, e alcançou uma distância segura da ilha Gladiator antes que a golfada de rocha em brasa caísse no porto e no iate.

Não conseguia ver toda a extensão da devastação, encoberta pela imensa nuvem que atingira uma altura de três mil metros acima da ilha.

As incríveis erupções não foram somente uma cena de terrível malevolência, mas também de assombrosa beleza. Nelas havia qualquer coisa de irreal. Giordino teve a impressão de estar olhando para o próprio inferno.

A esperança retornou quando ele viu o iate colocar-se subitamente em movimento e singrar as águas da lagoa rumo ao canal aberto no recife. Gravemente ferido ou não, Pitt tentava afastar-se do porto. No entanto, por maior que fosse, a rapidez com que percorria o mar não era suficiente para vencer a nuvem de gases e as cinzas incandescentes que tudo ia carbonizando em seu caminho para a lagoa.

E a esperança não tardou a desaparecer, e foi com horror que Giordino viu o resultado da corrida desigual. O inferno avançou sobre a agitada esteira do iate, diminuindo cada vez mais a distância, até finalmente encobrir a embarcação, tornando-a absolutamente invisível ao Augusta Mark II. A trezentos metros de altitude, a impressão era a de que ninguém tinha sobrevivido mais de alguns segundos naquele fogo infernal.

Giordino foi dominado pela angústia. Como era difícil estar vivo enquanto a mãe dos meninos, que viajavam no banco do co-piloto, e um amigo-irmão pereciam no holocausto lá embaixo! Praguejando contra a erupção, praguejando contra a sua impotência, ele desviou a vista daquele horrendo panorama. E foi com o rosto pálido que continuou voando, mais por instinto do que por experiência.

Sua dor, ele sabia, jamais teria remédio. A confiança e o bem-humorado otimismo que sempre o acompanharam tinham morrido com a ilha Gladiator. Ele e Pitt haviam percorrido um longo caminho, um sempre contando com o outro nos momentos de perigo. Pitt não era do tipo que morria, dissera Giordino em numerosas ocasiões, quando parecia que seu amigo já estava com o pé na cova. Pitt era indestrutível.

Uma chispa de fé começou a se acender dentro dele. Olhou para o mostrador dos tanques de combustível. Estavam cheios. Tendo examinado o mapa numa prancheta pendurada acima do painel de instrumentos, decidiu rumar para oeste, na direção de Hobart, na Tasmânia, o lugar melhor e mais próximo onde aterrissar com as crianças. Quando os gêmeos estivessem a salvo, nas mãos das autoridades, reabasteceria e voltaria à ilha Gladiator, mesmo que fosse apenas para resgatar o corpo de Pitt e entregá-lo a seus pais em Washington.

Não ia abandonar o velho amigo. Não o fizera em vida e não o faria na morte. Curiosamente, começou a sentir-se mais à vontade. Depois de calcular o tempo de vôo até Hobart e de volta à ilha, pôs-se a conversar com os garotinhos, que, já sem medo, olhavam com interesse para o mar.

Atrás do helicóptero, a ilha se tornou uma silhueta indistinta, com o mesmo contorno que uma vez, cento e quarenta anos antes, apresentou aos macilentos sobreviventes da jangada do Gladiator.

Quando teve certeza de que Giordino levantara vôo e estava a salvo no ar, Pitt se levantou com esforço, umedeceu uma toalha na pia do bar e a enrolou na cabeça de Maeve. A seguir, começou a empilhar sobre ela as almofadas, as cadeiras e todo móvel que conseguisse carregar, até encobri-la por completo. Sem poder

fazer mais para protegê-la do mar de fogo que se acercava, foi cambaleante para a casa do leme, segurando o lugar onde a bala, tendo perfurado o músculo abdominal, fizera uma pequena perfuração em seu cólon, para se alojar na bacia. O outro projétil havia resvalado numa costela, perfurado um pulmão e saído pelos músculos das costas. Lutando para não mergulhar de vez na negra e fantasmagórica mancha que lhe embaciava a vista, examinou os instrumentos e controles do painel da embarcação.

Ao contrário do helicóptero, os tanques de gasolina do iate estavam quase vazios. A tripulação de Dorsett só o abastecia quando um ou mais membros da família anunciava que ia viajar. Pitt achou as alavancas certas e pôs a funcionar os enormes motores turbodiesel Blitzen Seastorm. Mal começaram a funcionar, ligou os transmissores Casale V e empurrou os aceleradores. O convés trepidou sob seus pés quando a proa se ergueu e a água atrás da popa se agitou em espuma. Tomou o controle manual do leme, a fim de rumar para alto-mar. As cinzas quentes se estenderam como um grosso cobertor. Ele chegou a ouvir o crepitar e o rosnar da iminente tempestade de fogo. Rochas em chamas se precipitavam como granizo, chiando em nuvens de vapor ao atingir a água e afundar. Caíam infinitamente do céu depois de haver sido jogadas a uma grande distância pela tremenda pressão que saía do monte Scaggs. Depois de engolfar o porto, a coluna fatal deu a impressão de partir em perseguição do iate, rolando na lagoa feito um monstro encolerizado, vindo das profundezas do inferno. E não tardou para que estivesse sobre ele com toda a sua fúria, descendo sobre a embarcação numa massa em torvelinho de duzentos metros de altura antes que Pitt houvesse conseguido escapar da lagoa. O barco foi arremessado para a frente como se tivesse recebido um violentíssimo golpe da popa. O radar e as antenas de rádio foram arrancados, assim como os botes salva-vidas, as amuradas e os móveis do convés. O iate continuou atravessando a ardente turbulência como uma baleia ferida. Rochas incandescentes caíam no teto da superestrutura e nos conveses, transformando o outrora belíssimo iate numa ruína flutuante.

O calor na casa do leme abrasava como se tivessem espalhado uma untura quente nas costas de Pitt. Respirar tornou-se uma agonia, principalmente devido ao pulmão perfurado. Ele rogou com fervor que Maeve ainda estivesse viva no salão. Procurando desesperadamente o ar, com a roupa começando a queimar-se, o cabelo chamuscado, continuou segurando a roda do leme. O ar superaquecido lhe entrava dolorosamente pela garganta e pelos pulmões; cada inspiração era um martírio. O bramido da tempestade de fogo, em seus ouvidos, se misturava às batidas de seu coração e ao correr do sangue em suas veias. Os únicos recursos com que contava para resistir ao incandescente assalto eram o roncar constante dos motores e a sólida construção do iate.

Quando as janelas à sua volta começaram a se partir e esmigalhar-se, pensou que fosse morrer. Todo o seu pensamento, cada nervo, estava concentrado em seguir tocando o barco para a frente, como se a sua força de vontade, por si só, bastasse para obrigá-lo a avançar mais depressa. Mas então, o pesado manto de fogo se adelgaçou de súbito e começou a desfazer-se à medida que a embarcação avançava rumo ao mar aberto. A água cinzenta e suja foi se tornando verde-esmeralda, e o céu, safira. A onda de fogo e lodo escaldante finalmente perdera o ímpeto. Ele respirou o ar puro e salgado como um nadador enchendo os pulmões antes de mergulhar sem máscara nas profundezas. Sem saber da gravidade de seus ferimentos, preferiu não pensar nisso. E tratou de suportar a dor extrema com estoicismo.

Naquele momento, seu olhar foi atraído pela cabeça e pela parte superior do corpo de um imenso animal marinho que subiu à superfície a estibordo. Parecia uma enguia gigantesca, com uma cabeça redonda de uns dois metros de espessura. A boca semi-aberta exibia dentes afiadíssimos, em forma de presas arredondadas. Se estivesse esticado, Pitt calculou que seu corpo ondulado deveria alcançar trinta ou os qua- renta metros. E ele percorria a água numa velocidade pouco inferior à do iate.

— Quer dizer que Basil existe! — ele murmurou na casa do leme vazia, as palavras agravando o ardor em sua garganta.

Basil não era uma serpente marinha tola, concluiu. A enorme enguia estava abandonando seu escaldante hábitat, na lagoa, para buscar refúgio em alto-mar.

Logo que atravessou o canal, Basil mergulhou nas profundezas do oceano e, com um colear da cauda, desapareceu.

Pitt despediu-se dela com um aceno e voltou a prestar atenção ao painel. Os instrumentos de navegação já não estavam funcionando. Tentou enviar tanto pelo rádio quanto pelo telefone por satélite um pedido de socorro, mas ambos os aparelhos estavam mudos. Nada mais parecia funcionar, a não ser os poderosos motores, que continuavam impelindo o iate nas ondas. Sem conseguir ligar o navegador automático, ele aprou o barco para a costa sudeste da Austrália, amarrou o leme e regulou o acelerador a pouco além do ponto morto, para conservar as gotas de combustível que restavam. Um navio de resgate que viesse socorrer as vítimas da catástrofe da ilha Gladiator acabaria avistando o castigado iate, pararia e mandaria alguém investigar.

Com trôpego esforço, foi ter com Maeve. Receava profundamente encontrar seu corpo todo queimado. Vacilante, passou pela soleira da porta que separava o salão da casa do leme. O cômodo parecia ter sido varrido por um maçarico. O espesso e durável revestimento de fibra de vidro tinha contido boa parte do calor terrível, que no entanto penetrara pela vidraça das janelas. Era notável que o material inflamável dos sofás e das poltronas, embora muito chamuscado, não se tivesse incendiado.

Ele olhou de relance para Deirdre. Seu cabelo tão bonito se transformara numa pasta escura, seu olhos abertos estavam vidrados, a pele adquirira a cor de uma lagosta cozida. Sua roupa caríssima fumegava um pouco. Ela parecia uma boneca jogada num forno e, segundos depois, retirada. A morte a poupava de passar o resto da vida presa a um corpo imóvel.

Sem fazer caso da dor e dos ferimentos, ele afastou furiosamente os móveis empilhados sobre Maeve. Ela precisava estar viva, pensou desesperado. Devia estar esperando por ele em toda a sua dor por haver perdido uma vez mais os filhos. Pitt tirou a última almofada que a cobria e olhou para ela com temor. Experimentou uma deliciosa sensação de alívio ao vê-la erguer a cabeça e sorrir. — Maeve! — exclamou rousamente, inclinando-se e tomando-a nos braços. Só então viu a enorme poça de sangue que escorrera entre suas pernas e se havia espalhado no tapete. Estreitou-a mais, aninhando-lhe a cabeça em seu ombro, sentindo na face o roçar de seus lábios.

— Suas sobrancelhas — ela sussurrou com um leve sorriso.

— Que há com elas?

— Estão chamuscadas. Seu cabelo também.

— Não posso estar lindo e irresistível o tempo todo.

— Para mim, sim. — Seus olhos se umedeceram, cheios de tristeza e preocupação. — Será que meus filhos se salvaram?

Ele fez que sim.

— Al decolou minutos antes que a tempestade de fogo chegasse. Devem estar a caminho de uma praia segura.

Ela estava pálida como o luar. Parecia uma frágil boneca de porcelana.

— Eu nunca lhe contei que o amo.

— Eu sabia — murmurou ele, lutando para não chorar.

— Você também me ama, mesmo que só um pouquinho?

— Eu a amo com todo o meu coração.

Ela roçou os dedos em seu rosto machucado.

— Meu bom amigo, sempre disposto a me ajudar. Abrace-me com força. Quero morrer nos seus braços.

— Você não vai morrer — disse ele, incapaz de evitar que seu coração se partisse em cacos. — Vamos viver uma longa vida juntos, singrando os mares e criando um punhado de meninos que saberão nadar como peixes.

— Dois marinheiros perdidos, querendo ver o mundo.

— E há tanto a ver no mundo... — sorriu Pitt.

— Leve-me com você, Dirk, leve-me aonde você for... — Sua expressão era quase de felicidade.

Seus olhos se fecharam lentamente. O corpo amoleceu como uma delicada flor ante um vento gelado. O rosto ficou sereno como o de uma criança dormindo.

Ela acabava de atravessar o rio e estava esperando na outra margem.

— Não! — gritou Pitt, como um animal ferido a uivar na noite.

Sentiu que sua vida também se esvaía. Já nada lhe interessava. Não havia mais por que resistir à negra bruma que o envolvia. E, abandonando a realidade, ele abraçou a escuridão.



O plano de Giordino de retornar depressa à ilha Gladiator se frustrou quase desde o começo. Depois de usar o sofisticadíssimo sistema de comunicações por satélite do Augusta, para entrar em contato com Sandecker a bordo do Glomar Explorer, no Havaí, comunicou-se com unidades de resgate em terra e ar tanto na Austrália quanto na Nova Zelândia, e foi a primeira pessoa a anunciar o desastre ao mundo. Durante o resto do voo a Hobart, foi continuamente assediado por altos funcionários do governo australiano e jornalistas da televisão, exigindo relatos sobre a erupção e uma avaliação dos danos.

Ao se aproximar da cidade principal da Tasmânia, passou pelas colinas baixas que limitam Hobart, cujo distrito comercial ficava na margem ocidental do rio Derwent. Localizando o aeroporto, chamou a torre. Os controladores de voo o orientaram para pousar numa área militar a meio quilômetro do terminal. Ao sobrevoar a pista de aterrissagem, ficou admirado com a multidão que se agitava no lugar.

Quando desligou o motor e abriu a porta de passageiros, tudo ocorreu de forma ordenada. Os funcionários da imigração subiram a bordo e tomaram as providências necessárias para que ele pudesse entrar na Austrália sem passaporte. As autoridades do serviço social assumiram a custódia dos filhos de Maeve, garantindo-lhe que os entregariam ao pai assim que o localizassem.

Então, quando ele finalmente pôs os pés no solo, morrendo de fome e exausto além de todos os limites, viu-se cercado por um exército de repórteres, que, segurando microfones diante de seu nariz e apontando câmeras para seu rosto, crivaram-no de perguntas sobre a erupção.

A única resposta que ele se dignou a dar, com um sorriso, foi a que confirmava Arthur Dorsett como uma das primeiras vítimas do holocausto.

Por fim, livrando-se dos jornalistas e chegando ao escritório da polícia do aeroporto, Giordino telefonou para o consulado norte-americano, que, embora com relutância, concordou em pagar o reabastecimento do helicóptero, mas unicamente por razões humanitárias. Seu voo de volta à ilha Gladiator foi novamente adiado quando o diretor da Defesa Civil da Austrália lhe solicitou que ajudasse a transportar no Augusta alimento e remédios para a ilha. O italiano concordou de boa vontade e ficou andando impaciente no asfalto, junto ao helicóptero que, enquanto era reabastecido, tinha removidos os bancos de passageiros, para que houvesse mais espaço para as provisões que ele ia levar a bordo. Ficou agradecido quando um dos funcionários da Defesa Civil lhe mandou um saco cheio de sanduíches de queijo e várias garrafas de cerveja. Para sua

surpresa, um carro se aproximou e o motorista lhe notificou a iminente chegada de Sandecker. Ele olhou para o homem como se estivesse diante de um louco. Fazia apenas quatro horas que se comunicara com o almirante no Havaí. A confusão ficou esclarecida quando aterrissou na pista um caça supersônico F-22A, da Marinha dos Estados Unidos. Giordino ficou vendo o aparelho capaz de velocidades incríveis taxiar rumo ao lugar onde ele havia estacionado o helicóptero. A capota se abriu, e Sandecker, com macacão de piloto, desceu pela asa. Sem esperar que lhe trouxesse uma escada, pulou no asfalto. Com passos largos, foi diretamente ao encontro de Giordino e o apertou num abraço de urso.

— Albert, não imagina como estou contente por vê-lo!

— Eu preferia não ser o único a recebê-lo aqui — disse o italiano com tristeza.

— É inútil ficar nos consolando. — Sandecker estava com o rosto cansado e enrugado. — Vamos procurar Dirk.

— Não quer se trocar primeiro?

— Eu tiro o macacão quando estivermos indo para lá. Posso devolvê-lo à Marinha na volta.

Menos de cinco minutos depois, com duas toneladas de material no compartimento de carga improvisado, eles estavam no ar, a caminho do mar da Tasmânia e dos restos fumegantes da ilha Gladiator.

Os barcos de resgate da Marinha da Austrália e da Nova Zelândia tinham sido imediatamente mandados para a ilha com material hospitalar e pessoal médico. Todos os navios comerciais, num raio de duzentas milhas marítimas, foram convocados a prestar os socorros possíveis no local do desastre. Surpreendentemente, não se perderam tantas vidas quanto se suspeitou a princípio. A maioria dos operários chineses escapou ilesa da chuva de fogo e do rio de lava. A metade dos supervisores de mina sobreviveu, embora só sete dos oitenta seguranças de Arthur Dorsett tivessem sido encontrados vivos e com graves queimaduras. Posteriormente, a autópsia revelaria que quase todos morreram sufocados ao inalar cinza.

No final da tarde, a erupção tinha perdido substancialmente a força. O magma continuava escorrendo nas fissuras dos vulcões, porém em pequena quantidade. Os vulcões se haviam convertido em meras sombras de sua forma anterior. O Scaggs tinha quase desaparecido, deixando apenas uma vasta e horrenda cratera. O Winkleman conservava sua massa compacta, porém estava reduzido a um terço da altura anterior.

O toldo de cinzas seguia pairando sobre os vulcões quando Giordino e Sandecker chegaram à ilha devastada. Era como se a maior parte do lado oeste da massa de terra tivesse sido arrasada por um gigantesco ancinho. A lagoa era um pântano entupido de escombros e pedras-pomes flutuantes. Pouco sobrou das minas da Dorsett Consolidated. O que não ficou enterrado na cinza emergia como as ruínas de uma civilização havia mil anos extinta. A destruição da vegetação foi praticamente total.

O coração de Giordino quase parou quando ele não viu sinal do iate na lagoa. O porto estava queimado e afundara na água coberta de cinzas junto aos armazéns demolidos.

Sandecker ficou horrorizado. Não tinha idéia das dimensões da catástrofe.

— Tanta gente morta... — murmurou. — Por minha culpa, tudo por minha culpa!

Giordino pousou nele um olhar compreensivo.

— Para cada habitante morto, há dez mil pessoas que lhe devem a vida.

— Mesmo assim... — disse o almirante com voz embargada.

Giordino sobrevoou um navio de resgate que já estava ancorado na lagoa. Começou a diminuir a velocidade, preparando-se para descer num espaço aberto pelos engenheiros do Exército australiano, que tinham sido os primeiros a saltar de pára-quadras no local da catástrofe. A hélice ergueu um remoinho de cinzas, obstruindo-lhe a visão. Ele parou no ar e começou a descer lenta e cautelosamente. Pilotando às cegas, aterrissou o Augusta com um baque forte. Respirou fundo e suspirou ao desligar o motor.

A nuvem de cinza ainda não se havia dissipado quando um major do Exército australiano, coberto de poeira da cabeça aos pés e acompanhado de um ordenança, aproximou-se correndo e abriu a porta.

— Major O'Toole — apresentou-se com um largo sorriso.

— Prazer em vê-los. Vocês são o primeiro socorro a chegar à ilha.

— Nossa missão é dupla, major — disse Sandecker. — Além de trazer suprimento, estamos procurando um amigo que foi visto pela última vez no iate de Arthur Dorsett.

O'Toole encolheu os ombros e sacudiu a cabeça.

— Deve ter afundado. Vai demorar para que a maré limpe a lagoa a ponto de se poder fazer buscas submarinas.

— Não perdemos a esperança de que tenha conseguido ir para alto-mar.

— Ele se comunicou com vocês? Sandecker sacudiu a cabeça.

— Eu lamento — disse o major. — É muito difícil que tenha conseguido escapar da erupção.

— Eu também lamento. — Sandecker ficou um momento distraído, pensativo, esquecido da presença do oficial australiano parado à porta. Mas logo se recompôs. — Podemos ajudá-lo a descarregar o aparelho?

— Qualquer ajuda será bem-vinda. Quase todos os meus homens estão ocupados em localizar sobreviventes.

Com o auxílio de um dos oficiais de O'Toole, as caixas de alimento e medicamento foram retiradas do compartimento de carga e empilhadas a certa distância do helicóptero. A frustração e a tristeza calaram todas as palavras entre Giordino e o almirante quando eles voltaram para a cabine e se prepararam para retornar a Hobart.

Exatamente quando o rotor começou a funcionar, O'Toole veio correndo, agitando as mãos. Giordino abriu a janela lateral e pôs a cabeça para fora.

— Quería avisá-los — gritou o major. — Meu oficial de comunicações acaba de receber um relatório de um navio de resgate. Eles avistaram um barco perdido derivando a aproximadamente vinte e quatro quilômetros a noroeste da ilha.

A tristeza estampada no rosto do italiano esvaneceu-se.

— Eles pararam para procurar sobreviventes?

— Não. O barco estava muito danificado e parecia abandonado. O capitão achou prioritário chegar à ilha com uma equipe de médicos.

— Obrigado, major. — Giordino se voltou para Sandecker. — O senhor ouviu?

— Ouvi — respondeu o almirante com impaciência. — Ponha logo esta geringonça no ar.

Não era preciso apressá-lo. Dez minutos depois de decolar, eles avistaram o iate quase exatamente onde o capitão do navio de resgate indicara, boiando passivamente em meio às ondas mansas. Deslocava-se lentamente na água, com um adernamento de dez graus a bombordo. A parte superior parecia ter sido varrida por uma gigantesca vassoura. Seu outrora vistoso casco safira estava enegrecido, e os conveses, cobertos de cinza escura. Dava a impressão de estar chegando do inferno.

— O heliponto parece em ordem — comentou o almirante.

Giordino se alinhou com a popa do iate e começou a descer lentamente, com uma ligeira inclinação. O mar sem espuma indicava pouco vento, mas o movimento e a adernação do iate dificultaram o pouso. Ele reduziu a aceleração e pairou num ângulo adequado ao da embarcação, sincronizando o pouso com o instante em que ela balançasse com um vagalhão. No momento exato, o Augusta inclinou-se, pairou alguns segundos e desceu no convés superior. O italiano acionou imediatamente os freios, para evitar que o helicóptero escorregasse e caísse no mar, e desligou o motor. Agora, que tinha pousado são e salvo, pensou no temor do que haveriam de encontrar.

Saltou primeiro e amarrou rapidamente o aparelho. Hesitando um momento para tomar fôlego, ambos atravessaram o convés chamuscado e entraram no salão principal.

Ao ver os dois vultos inertes encolhidos a um canto, Sandecker sacudiu a cabeça, desacorçoado. Fechou e apertou os olhos, refreando uma onda de angústia. Era tão horrenda e cruel aquela cena que ele não conseguiu se mover. Não havia sinal de vida. Com o coração dilacerado, ele ficou olhando, confuso e triste. Os dois deviam estar mortos, pensou.

Pitt tinha Maeve nos braços. Um lado de seu rosto era uma máscara de sangue seco, que escorrera da ferida provocada por Boudicca. Seu peito e sua ilharga também estavam manchados de vermelho-escuro. A roupa rasgada, as sobrelhas e o cabelo completamente chamuscados, as queimaduras no rosto e nos braços, tudo lhe conferia a imagem de um homem mutilado por uma explosão. Devia ter tido uma morte horrível.

Maeve parecia haver morrido sem saber que seu sono seria eterno. Com um brilho de cera nas belas feições, lembrava uma vela branca e ainda não queimada, uma bela adormecida que beijo algum voltaria a despertar. Giordino se ajoelhou perto de Pitt, recusando-se a acreditar que o velho amigo estivesse morto. Sacudiu-lhe delicadamente o ombro.

— Dirk! Fale comigo, compadre. Sandecker tentou afastá-lo.

— Ele morreu — disse num triste sussurro.

Nesse instante, tão inesperadamente que os dois homens ficaram paralisados pela incredulidade e o choque, Pitt abriu lentamente os olhos. Olhou para Giordino e o almirante sem compreender, sem reconhecê-los.

Seus lábios tremeram quando ele murmurou:

— Oh, Deus, perdoai-me, eu a perdi.



A POEIRA ASSENTA

Na sala, desta vez, nada havia da tensão da reunião anterior, em Paris. A atmosfera estava descontraída, quase festiva. Os diretores do Conselho Multilateral de Comércio mostraram-se bem mais consensuais para discutir suas mais recentes negociações internacionais. Todas as cadeiras ao redor da longa mesa de ébano estavam ocupadas. O presidente fez uma pausa, esperando que cessassem as conversas paralelas, para então dar início aos trabalhos.

— Cavalheiros, de nossa última reunião para cá aconteceu muita coisa. Na época, estávamos confrontados com uma ameaça. Agora, graças a um capricho da natureza, o plano de destruir o mercado de diamante morreu juntamente com Arthur Dorsett.

— Há males que vêm para bem — disse o diretor do cartel do diamante, rindo. Mal conseguia acreditar na sensação de triunfo que provava nem no alívio que sentia por ver-se livre de uma ameaça tão grave sem ter precisado envolver-se numa guerra custosa.

— Isso mesmo! Isso mesmo! — ecoaram as vozes.

— Tenho o prazer de informar — continuou o presidente — que o preço de mercado dos diamantes subiu dramaticamente nos últimos dias, ao passo que o das gemas coloridas sofreu uma queda substancial.

O homem grisalho, chefe de uma das famílias mais ricas dos Estados Unidos e ex-secretário de Estado falou, da outra extremidade da mesa:

— Quem garante que os diretores da Dorsett Consolidated Mining não levarão a cabo os planos de Arthur de despejar diamantes no mercado por meio de sua vasta cadeia de joalherias?

O industrial belga de Antuérpia fez um gesto e disse:

— Arthur Dorsett era um megalomaniaco. Seu sonho de grandeza não incluía os outros. Ele dirigia suas atividades extrativas e as operações de venda sem o auxílio de uma equipe diretora. Arthur era um time de um só homem. Não confiava em ninguém. Ocasionalmente, contratava um conselheiro de fora, um especialista qualquer, espreguia-o, tirava dele o que fosse possível e depois jogava-o na rua. Dirigia a Dorsett Consolidated sozinho, não compartilhava o comando com ninguém.

O armador italiano sorriu.

— Tenho vontade de subir nos vulcões que acabaram com Arthur Dorsett e seu império do mal e esvaziar uma garrafa de champanhe em cada cratera!

— Os havaianos costumam fazer exatamente isso na cratera do Kilauea — disse o americano.

— Acharam o corpo dele? — quis saber o magnata japonês da eletrônica.

O presidente sacudiu a cabeça.

— Segundo as autoridades australianas, ele não chegou a sair da mansão, que estava exatamente no caminho do fluxo de lava. Seu corpo, ou o que resta dele, encontra-se sob vinte metros de cinza vulcânica e lava endurecida.

— É verdade que suas três filhas também morreram? — perguntou o italiano.

— Uma delas morreu na casa, com Arthur. As outras duas foram encontradas mortas num iate incendiado. Tudo indica que estavam tentando fugir do holocausto. Devo acrescentar que há um toque de mistério no caso. Minhas fontes, no governo australiano, dizem que uma das filhas morreu baleada.

— Assassinada?

— Segundo os boatos, elas se mataram.

O chefe do império eletrônico japonês voltou-se para o diretor do cartel do diamante.

— Agora que Arthur Dorsett está morto, o senhor pode nos dizer quais são as perspectivas de seu mercado? Impecavelmente vestido, o rei do diamante sul-africano sorriu.

— Não poderiam ser melhores. Os russos acabaram se mostrando muito aquém da ameaça inicialmente prevista. Suas tentativas de conturbar o mercado saíram pela culatra. Depois de vender boa parte do estoque de pedras brutas aos lapidadores de Telavive e Antuérpia a preços reduzidos, porém ainda substancialmente mais elevados do que pretendia Arthur Dorsett, suspenderam a produção. A crise da indústria russa levou a produção de diamante a uma virtual paralisação.

— E a Austrália e o Canadá? — indagou o holandês.

— As minas australianas não são tão grandes quanto originalmente se supunha, e o rush do diamante canadense decaiu muito. Eles não têm apresentado pedras de qualidade, nem em grande quantidade. Atualmente, não existe um só projeto de construção de uma grande mina comercial no Canadá.

— As mudanças radicais na estrutura política da África do Sul não tiveram efeito em suas atividades?

— Nós trabalhamos em estreita colaboração com Nelson Mandela desde o fim do apartheid. Posso dizer com segurança que, em breve, ele vai introduzir um novo sistema de tributação que nos trará grandes vantagens. O representante do cartel do petróleo debruçou-se na mesa.

— Tudo isso parece animador, mas os seus lucros lhe permitirão ajudar a atingir o objetivo do Conselho Multilateral, de uma ordem econômica mundial única?

— Fique descansado — respondeu o sul-africano. — O cartel honrará todos os compromissos. A demanda de diamante no mundo está aumentando e nossos lucros devem se expandir nos primeiros dez anos do novo século. Sem dúvida, podemos fazer a nossa parte quanto aos encargos monetários.

— Quero agradecer ao cavalheiro da África do Sul por seu relatório confidencial — disse o presidente.

— Que será da Dorsett Consolidated daqui por diante?

— quis saber o xeique.

— Legalmente — respondeu o presidente —, tudo passará para as mãos dos dois netos de Arthur.

— Que idade têm eles?

— Uns seis ou sete anos.

— Tão meninos?

— Eu não sabia que uma de suas filhas era casada —

disse o construtor indiano.

— Não era — replicou o presidente. — Mesmo assim, Maeve Dorsett teve dois filhos. O pai é de uma rica família de criadores de ovelhas. Meus informantes dizem que se trata de um homem inteligente e sensato. Já foi nomeado tutor dos meninos e autorizado a administrar as propriedades imobiliárias.

O holandês olhou para o presidente.

— Quem foi nomeado para administrar as empresas dos garotos?

— Um nome que vocês todos conhecem bem. — O presidente fez uma pausa e sorriu com ironia. — Até que os herdeiros atinjam a maioridade, as atividades cotidianas da Dorsett Consolidated e suas filiais serão dirigidas pela família Strouser.

— Não deixa de ser um castigo — comentou o americano.

— Que planos há para o caso de o mercado do diamante entrar em colapso? Não podemos controlar os preços eternamente.

— Eu respondo à pergunta — interveio o sul-africano. — Quando já não tivermos condições de controlar os preços do diamante, abandonaremos as caríssimas atividades mineiras e iremos nos concentrar nas pedras produzidas em laboratórios.

— E essas imitações são boas? — indagou o publicista britânico.

— Os laboratórios químicos já estão produzindo esmeraldas, rubis e safiras cultivados com as mesmas propriedades físicas, químicas e ópticas das pedras extraídas do solo. São tão perfeitas que os mais experientes gemólogos têm dificuldade para detectar diferenças. O mesmo vale para os diamantes criados em laboratórios. É a nova onda do futuro, se quiser chamar assim.

A sala ficou um momento em silêncio. Todos refletiam sobre os lucros potenciais. Então, o presidente sorriu e fez um gesto com a cabeça.

— Ao que tudo indica, cavalheiros, seja qual for o lado para o qual oscile o pêndulo, nossos ganhos futuros estão garantidos.



Pitt tivera sorte, como não cessavam de dizer todas as enfermeiras do hospital de Hobart, na Tasmânia. Depois de enfrentar a peritonite provocada pela perfuração no cólon, e uma vez removida a bala, que lhe deixou uma visível depressão na bacia, ele começou a sentir que voltava à vida. Assim que seu pulmão melhorou, permitindo-lhe respirar normalmente, passou a comer feito um leão esfaimado.

Giordino e Sandecker ficaram por lá até que a equipe médica os convencesse de que Pitt estava em plena recuperação, fato comprovado por seus pedidos, ou melhor, suas exigências, de algo para beber que não fosse suco de fruta nem leite. Exigências de que ninguém fez caso.

Então, o almirante e Giordino levaram os filhos de Maeve a Melbourne e os entregaram ao pai, que viera da fazenda de sua família, no interior, para o enterro de Maeve. Alto e forte, australiano até a medula, com diploma universitário em criação de animais, ele prometeu a Sandecker e a Giordino que criaria os meninos num ambiente sadio. Embora tivesse confiança na competência da Strouser & Filhos e no modo como administraria a Dorsett Consolidated Mining, teve a sensatez de contratar advogados que defendessem os interesses dos gêmeos. Satisfeitos por saber que estes se encontravam em boas mãos e que Pitt em breve estaria em condições de voltar para os Estados Unidos, o almirante e Giordino retornaram a Washington, onde aquele foi recebido em festa e teve de comparecer a inúmeros banquetes como o herói que oferecera um combate unilateral para livrar Honolulu de um trágico desastre.

As intenções do presidente ou de Wilber Hutton de afastá-lo da direção da ANPS desapareceram. Segundo se dizia na capital do país, o almirante continuaria à cabeça de sua amada Agência Nacional de Pesquisas Subaquáticas muito tempo depois que a atual administração deixasse a Casa Branca.

O médico entrou no quarto e deu com Pitt parado à janela, olhando pensativo para o rio Derwent, que atravessava Hobart.

— Você devia estar na cama — disse com seu sotaque australiano.

Pitt o encarou seriamente.

— Eu passei cinco dias num colchão em que nem mesmo uma preguiça agüentaria ficar. Já fiz a minha parte. Agora vou dar o fora daqui.

— Você sabe que não tem roupa. Os trapos que estava usando quando o trouxeram para cá foram para o lixo.

— Então eu vou embora com o roupão e este ridículo camisão de hospital. Aliás, quem inventou esta porcaria devia enfiá-la no cu, até que as alças cias costas lhe saíssem pelas orelhas.

— Já vi que é perda de tempo discutir com você. — O médico deu de ombros. — É um milagre que seu corpo ainda esteja funcionando. Raramente se vê um cara com tantas cicatrizes. Vá embora, se quiser. Vou ver se a enfermeira arranja uma roupa decente para que você não acabe sendo preso por bancar o turista americano. Desta vez Pitt não viajou num jato da ANPS. Teve de se contentar com um voo comercial da United Airlines. Quando entrou no avião, ainda rígido e sentindo uma dor aguda no lado, as comissárias e o único comissário de bordo olharam para ele com indisfarçável curiosidade, vendo-o procurar o número da poltrona. Uma delas, de cabelos castanhos bem-cuidados e com preocupação nos olhos quase tão verdes quanto os dele, aproximou-se.

— Quer que o ajude a procurar seu lugar, senhor?

No hospital, Pitt tinha passado um bom minuto olhando-se no espelho antes de tomar o táxi para o aeroporto. Achava que, se tivesse se candidatado ao papel de zumbi num filme de terror, o diretor o teria contratado sem pestanejar: a cicatriz avermelhada na testa; os olhos fundos, vagos e vermelhos no rosto pálido; os movimentos de um velho de noventa anos assolado pela artrite. Sua pele estava cheia de queimaduras, as sobrancelhas tinham desaparecido e seu cabelo preto, outrora denso e crespo, parecia ter sido tosquiado por um barbeiro louco.

— Quero sim, obrigado — respondeu ele, mais por timidez do que por interesse.

— O senhor é Dirk Pitt? — perguntou ela, apontando para um assento vazio à janela.

— No momento, eu preferia ser qualquer outra pessoa, mas sou eu mesmo, Pitt.

— O senhor é um homem de sorte — sorriu a moça.

— Foi o que me disseram as enfermeiras.

— Não, o que estou querendo dizer é que tem amigos que estão muito preocupados com o senhor. A tripulação foi avisada de que estaria neste voo e pediram que o deixássemos o mais à vontade possível. Como, diabos, Sandecker sabia que ele tinha fugido do hospital, fora diretamente ao aeroporto e havia comprado uma passagem no balcão?

Pitt deu pouco trabalho aos comissários de bordo. Dormiu durante quase toda a viagem, despertando apenas para comer, assistir a um filme em que Clint Eastwood fazia papel de avô e tomar um champagne. Só se deu conta de que estava no Dulles International quando os pneus tocaram o solo, e ele acordou.

Desceu do ônibus que o levou da aeronave ao terminal algo surpreso e decepcionado, porque ninguém viera esperá-lo. Se Sandecker tinha avisado a tripulação do avião, decerto devia saber a que horas chegaria. Nem mesmo Al Giordino esperava na calçada quando ele foi tropegamente para o ponto de táxi. Um caso típico de esquecimento e desinteresse, pensou, deprimido.

Eram oito horas da noite quando Pitt desceu do táxi, digitou o código do sistema de segurança do hangar e entrou. Acendeu as luzes, que se refletiram na pintura e no cromo da coleção de carros.

Topou com um objeto alto, que quase chegava ao teto, um objeto que não estava lá quando partira. Passou um bom tempo olhando, fascinado, para o totem. Uma águia habilidosamente entalhada abria as asas no alto. A seguir, em ordem descendente, vinham um urso cinzento com seu filhote, um corvo, uma rã, um lobo, uma espécie de animal marinho e uma cabeça humana, na base, que se parecia remotamente com ele. Leu um bilhete pregado na orelha do lobo.

Por favor, aceite esta coluna comemorativa em sua homenagem como sinal de nossa gratidão por tudo o que fez para impedir a destruição de nossa sagrada ilha. A mina Dorsett foi fechada e, em breve, os animais e as plantas retornarão a seu lar. Agora, você é um membro honorário da tribo haida.

Seu amigo, Mason Broadmoor.

Pitt ficou profundamente comovido. Receber uma obra-prima de tal significado era um privilégio raro. Sentiu muita gratidão por Broadmoor e seu povo pelo generoso presente.

Depois, caminhou ao redor do totem e sentiu o coração quase parar. A incredulidade lhe nublou os olhos verdes. Logo, porém, a admiração deu lugar a um vazio e a muita tristeza. Bem atrás dele, em meio aos automóveis clássicos, encontrava-se nada menos que o Linda Maeve.

Castigado, quase destruído, lá estava ele, cheio de glória. Pitt não foi capaz de imaginar como o barco fiel conseguira sobreviver à erupção e percorrera os milhares de quilômetros até Washington. Era como se tivessem feito um milagre. Aproximando-se, estendeu a mão e lhe tocou a proa para verificar se não se tratava de uma alucinação.

No momento em que a ponta de seus dedos roçaram a dura superfície do casco, pessoas começaram a sair de trás do vagão Pullman estacionado junto a uma parede do hangar, assim como de dentro dos carros e do apartamento do andar superior, onde estavam escondidas. De repente, ele se viu cercado por uma pequena multidão de rostos familiares, todos gritando "surpresa" e "seja bem-vindo".

Giordino o abraçou com delicadeza, sem se esquecer de seus ferimentos. O almirante Sandecker, sempre arredio a manifestações emocionais, apertou-lhe calorosamente a mão e virou o rosto quando as lágrimas lhe inundaram os olhos. Rudi Gunn estava lá, com Hiram Yaeger e outros quarenta amigos e colegas da ANPS. Também seus pais tinham vindo cumprimentá-lo. O senador George Pitt, da Califórnia, e a esposa, Barbra, ficaram chocados com o aspecto abatido do filho, mas se comportaram bravamente, fazendo de conta que ele estava em forma. Julien Perlmutter se encarregou da comida e da bebida. A congressista Loren Smith, amiga íntima havia quase dez anos, beijou-o com ternura, triste por ver seu olhar cansado, evadido de dor e sem brilho.

Pitt olhou para o pequeno barco que o servira com tanta lealdade. E, sem hesitar, voltou-se para Giordino.

— Como vocês conseguiram?

O italiano exibiu um sorriso de triunfo.

— Quando o deixei no hospital, na Tasmânia, voltei para a ilha com outra carga de suprimento. Ao passar rapidamente pelas colinas do leste, vi que o Linda Maeve tinha sobrevivido à erupção. Com a ajuda de alguns engenheiros australianos, prendemos o barco ao cabo do helicóptero. Eu o icei ao topo do penhasco, onde desmontamos o casco. Deu um pouco de trabalho, mas as partes que não couberam no helicóptero foram amarradas sob a fuselagem. Então, voltei à Tasmânia, onde consegui convencer o piloto de um avião cargueiro que vinha para os Estados Unidos a trazê-lo. Com a ajuda da equipe da ANPS, consegui montá-lo antes da sua chegada.

— Você é um amigo — disse Pitt com sinceridade. — Não sei como hei de agradecer-lo.

— Sou eu quem deve agradecer-lo — respondeu o italiano.

— E uma pena que eu não tenha podido ir ao enterro de Maeve, em Melbourne.

— O almirante e eu comparecemos, com os meninos e o pai. Como você pediu, eles tocaram Moon River quando o caixão baixou à sepultura.

— Quem fez o discurso?

— O almirante leu as palavras que você escreveu — disse Giordino com tristeza.

— Não houve quem não chorasse.

— E Rodney York?

— Mandamos as cartas e o diário de bordo à Inglaterra pelo correio. A viúva de York ainda mora com a família em Falmouth Bay, uma velhinha adorável de quase oitenta anos. Telefonei para ela depois. Ficou felicíssima por finalmente saber como York morreu. A família pretende levar os restos mortais para a Inglaterra.

— Estou contente em saber que ela agora conhece a história — disse Pitt.

— Ela pediu que lhe agradecesse a atenção.

Pitt já estava ficando com os olhos marejados quando Perlmutter o salvou, oferecendo-lhe um cálice de vinho.

— Você vai gostar, garotão. É um excelente chardonnay da vinha de Plum Creek, em Colorado.

Passada a surpresa, a festa se prolongou animadamente até depois de meia-noite. Os amigos continuaram a chegar e a partir até que Pitt começasse a lutar para se manter acordado. Por fim, a mãe insistiu para que ele fosse se deitar. Todos lhe desejaram boa-noite, um pronto restabelecimento e decidiram retirar-se.

— Não apareça no trabalho enquanto não estiver em plenas condições — recomendou Sandecker. — A ANPS pode se agüentar um tempo sem você.

— Há um projeto de que eu gostaria de participar dentro de mais ou menos um mês — disse Pitt, com o velho ar de bucaneiro nos olhos.

— Que projeto? Pitt riu.

— Quero ir para a ilha Gladiator quando a água da lagoa estiver limpa.

— Que espera encontrar lá?

— Basil.

Sandecker o fitou, intrigado.

— Quem, diabos, é esse Basil?

— Essa. É uma serpente marinha. Acho que vai voltar para casa quando a lagoa estiver livre de cinzas e escombros.

Sandecker pôs a mão no ombro de Pitt e lhe endereçou um olhar normalmente reservado às crianças que afirmam ter visto o bicho-papão.

— Trate de descansar, meu rapaz. Depois nós falamos nisso.

O almirante se voltou e saiu, sacudindo a cabeça e resmungando baixinho. A deputada Loren Smith se aproximou de Pitt e lhe segurou a mão.

— Quer que eu fique com você? — perguntou em voz baixa.

Pitt lhe beijou a fronte.

— Obrigado, mas acho que prefiro ficar sozinho. Sandecker ofereceu uma carona a Loren, que aceitou alegremente, pois tinha vindo de táxi. Viajaram em silêncio até que o carro atravessasse a ponte rumo à cidade.

— Nunca vi Pitt tão desanimado — disse Loren com tristeza. — Não imaginava que fosse viver para dizer isso, mas ele perdeu todo o entusiasmo pela vida.

— Isso passa — garantiu o almirante. — Algumas semanas de repouso, e ele voltará a ser o que era.

— Não acha que Pitt já passou da idade de bancar o aventureiro destemido?

— Não sou capaz de imaginá-lo sentado atrás de uma escrivaninha. Ele nunca vai deixar de singrar os mares, de fazer o que mais ama na vida.

— Por que ele é assim?

— Alguns homens já nascem inquietos — filosofou Sandecker. — Para Dirk, cada hora tem um mistério a ser desvendado; cada dia, um desafio a enfrentar.

Loren olhou para o almirante.

— Você o inveja, não? Ele concordou.

— É claro que sim. E você também.

— Por quê?

— A resposta é simples — disse o almirante com sabedoria. — Há um pouco de Dirk Pitt em cada um de nós.

Quando todos partiram e Pitt se viu sozinho no hangar, em meio à coleção de tesouros mecânicos, cada um dos quais fazia, de um ou de outro modo, parte de seu passado, caminhou com passos rígidos até o barco que havia construído com Maeve e Giordino, nas ilhas Miséria, e entrou na cabine. Passou muito tempo ali, perdido em lembranças.

Ainda estava sentado no Linda Maeve quando os primeiros raios do sol banharam o telhado enferrujado do velho hangar que ele chamava de lar.

